

**JOHN FOWLES**

**A MULHER DO  
TENENTE FRANCÊS**



# DADOS DE COPYRIGHT

## **Sobre a obra:**

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## **Sobre nós:**

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

John Fowles

# **A Mulher Do Tenente Francês**

Edição integral

Título do original: "The French lieutenant's woman"

Tradução: Regina Regis Junqueira

Layout da capa: Orlando Maver

Círculo do Livro

**Este e-book:**

Digitalização: Argo

Epub: SCS

*"Toda emancipação é a restauração do mundo humano e das relações humanas com o próprio homem."*

*Marx, A questão judaica (1844)*

## Agradecimentos

Gostaria de agradecer, pelas citações constantes deste livro, a: Espólio Hardy e Macmillan & Co. Ltd., pelos excertos de *The collected poems*, de Thomas Hardy; William Manchester e Michael Joseph Ltd., por uma citação de *A Morte do Presidente Kennedy*; Oxford University Press, por alguns excertos de *Victorian Essays e Portrait of an age*, de G. M. Young; Martin Gardner e Penguin Press, por uma citação ligeiramente condensada de *The ambidextrous universe*; e finalmente E. Royston Pike e Allen & Unwin Ltd., não apenas pela permissão que me foi dada de citar diretamente algumas passagens de *Human Documents of the Victorian Golden Age*, mas também por três excertos sobre os costumes da época, além de inúmeras informações de menor importância que "roubei" da obra. Recomendo calorosamente essa brilhante antologia a todo leitor que desejar conhecer mais a fundo o que há de real por trás de minha ficção.

*J. F.*

# 1

*"Stretching eyes west  
Over the sea,  
Wind foul or fair,  
Always stood she  
Prospect-impressed;  
Solely out there  
Did her gaze rest,  
Never ehwere  
Seemed chartn to be [{1}](#)*

*Hardy, "The Riddle"*

O vento leste é o mais desagradável que sopra na baía de Lyme — formada pela porção mais vasta abocanhada pelo mar na parte interna da ponta sudoeste da Inglaterra —, e uma pessoa de espírito curioso poderia tirar logo várias e sólidas conclusões a respeito do par que caminhava ao longo do cais em Lyme Regis — pequeno, mas antigo nome da enseada —, numa certa manhã decididamente ventosa e áspera de fins de março de 1867.

Há pelo menos sete séculos o Cobb vem justificando o desprezo que lhe votam os legítimos nativos de Lyme, que jamais verão ali nada que lhes possa prender a atenção, a não ser a extensa muralha cinzenta, que se curva como uma garra para conter o mar. De fato, e uma vez que o quebra-mar fica afastado da cidade principal — minúsculo Pireu de uma microscópica Atenas —, os habitantes parecem quase decididos a lhe voltar as costas. Não há dúvida de que o lugar lhes tem custado bastante em reparos através dos séculos, o que justifica um certo ressentimento da parte deles. Mas para uma pessoa a quem os impostos não pesem tanto e que

possua um certo senso estético, ali se ergue simplesmente o mais belo contraforte marítimo da costa sul da Inglaterra. E não apenas porque se acha impregnado de sete séculos de história inglesa, ou porque dali partiram os navios ao encontro da armada, ou ainda porque Monmouth desembarcou diante do maciço — como informa o guia turístico —, e sim porque se trata de um esplêndido exemplar de arte folclórica.

Primitivo, e no entanto complexo; monstruoso, e contudo delicado — e tão cheio de curvas sutis e de rotundidades quanto um Henry Moore ou um Michelangelo. Além do mais, puro, lavado, salino — um paradigma de massa bruta. Estou exagerando? Talvez, mas minhas palavras podem ser postas à prova, pois o Cobb mudou muito pouco desde o ano a que me refiro nestas páginas, embora o mesmo não tenha acontecido à cidade de Lyme, o que invalidará a prova, se o leitor voltar as costas para o mar e olhar para a terra.

Não obstante, se voltasse os olhos para o norte e para o interior em 1867, como fez o homem nesse dia, poderia contemplar um panorama harmonioso. Uma pitoresca aglomeração de pouco mais de uma dezena de casas e um pequeno estaleiro — no qual, semelhante a uma arca sobre suportes, jazia a carcaça de uma chalupa —, tudo isso amontado no ponto onde o Cobb se volta para a terra. A uns oitocentos metros para leste viam-se, do outro lado de ondulantes prados, os telhados de colmo e de ardósia de Lyme, cidade que teve o seu apogeu durante a Idade Média, e vem decaindo desde então. Para oeste, os rochedos conhecidos localmente pelo nome de Ware Cleaves, cinzentos e sombrios, elevavam-se abruptamente da praia coberta de seixos onde teve início a idiota aventura de Monmouth [\[2\]](#)'. Mais além, acima deles, outros rochedos avançavam maciçamente terra adentro, semi-ocultos pela densa mata. É desse ângulo que o Cobb se assemelha a um último baluarte erguido ao longo dessa costa erosiva e selvagem que se estende para oeste. Ali também minhas palavras podem ser postas à prova. Nenhuma casa se mostrava visível naquele ponto, nem àquela época nem atualmente — afora a insignificante e afrontosa presença de umas poucas choupanas de praia.

O espião local — e havia um — poderia, pois, ter decidido que aqueles dois eram estranhos ao lugar, além de serem pessoas de gosto um tanto apurado, decididas a impedir que um simples vendaval frustrasse sua caminhada pelo Cobb. Por outro lado, poderia também, focalizando melhor o seu telescópio, suspeitar que a solidão a dois interessava mais ao par do que qualquer obra de arquitetura marítima. E sem dúvida haveria de notar que se tratava de pessoas de fino trato, a julgar pela aparência externa.

A moça se vestia no rigor da moda — pois outro tipo de vento soprava também em 1867: o começo de uma revolta contra a crinolina e o chapéu-touca, amarrado sob o queixo. O olho no telescópio poderia ter visto de relance uma saia carmesim cuja justeza chegava quase às raias da ousadia, bem como o comprimento, uma vez que dois alvos tornozelos podiam ser entrevistados no espaço que medeava entre a barra do casaco de bela cor verde e as botas pretas que pisavam gracilmente o calçamento. Veria também o petulante chapeuzinho de abas reviradas para cima e enfeitado com um penacho de macias plumas — um tipo de chapéu que as damas residentes em Lyme não iriam ter coragem de usar senão dali a um ano, pelo menos. Por sua vez, o homem, mais alto, impecavelmente vestido de cinza-claro e segurando a cartola na mão livre, tinha reduzido consideravelmente o comprimento de suas suíças, que os árbitros da moda masculina inglesa haviam passado a considerar, fazia um ou dois anos, um tanto vulgares — isto é, risíveis para os estrangeiros. As cores do traje da moça pareceriam aos olhos de hoje decididamente chocantes, mas o mundo de então dava os primeiros e entusiásticos passos para a descoberta das tinturas de anilina. E o que o sexo feminino esperava de uma cor era que fosse vibrante, não discreta, como compensação pelo que era exigido de seu comportamento.

Mas onde o homem do telescópio iria ver-se inteiramente perdido era com referência a outra figura, também presente naquele cais sombrio e curvo. Estava postada na extremidade mais avançada para o mar, aparentemente apoiada no cano de um velho canhão fincado no solo à guisa de poste de atracação. Suas roupas eram

pretas. O vento as fazia esvoaçar, mas a figura permanecia imóvel, os olhos perdidamente fitos no mar, lembrando um monumento vivo em memória dos afogados, uma figura de mito, e não um mero fragmento daquele dia apagado e provinciano.

## 2

*"Naquele ano (1851) havia cerca de 8 155 000 mulheres de dez anos para cima na população inglesa, em comparação com 7 600 000 homens. Torna-se claro, pois, que, se o destino da moça vitoriana era casar-se e ser mãe, poucas probabilidades existiam de que houvesse homens para satisfazer a todas."*

*E. Royston Pike, Documentos humanos da época áurea vitoriana*

*I'll spread sail of silver and I'll steer towards the sun,  
I'll spread sail of silver and I'il steer towards the sun,  
And my false love will weep, and my false love will weep,  
And my false love will weep for me after I'm gone." [{3}](#)*

*Cantiga popular do oeste, "As Sylvie was walking"*

- Tina, meu bem, já prestamos nossa homenagem a Netuno. Ele nos perdoará se lhe voltarmos as costas agora.
- Você não está sendo muito galante.
- Poderá explicar-me o que quer dizer com isso?
- Supunha que você desejasse prolongar esta oportunidade de segurar o meu braço sem se mostrar inconveniente.
- Não acha que de repente ficamos cheios de delicadezas?
- Lembre-se de que não estamos em Londres agora.
- E sim no pólo norte, se não me engano.
- Quero ir até o fim.

Diante disso o homem, depois de lançar em direção à terra um seco olhar de desespero, como se fosse a última coisa que faria na vida, voltou-se, e o casal continuou a caminhar ao longo do Cobb.

— Gostaria que me contasse o que se passou entre você e papai na última quinta-feira.

— Sua tia já arrancou de mim todos os pormenores daquela agradável noite.

A moça parou e encarou-o de frente.

— Ora, Charles! Você pode ser seco como um graveto com qualquer outra pessoa, mas comigo trate de mostrar mais doçura.

— Mas de que outra maneira, meu bem, eu poderia alimentar a fogueira do nosso amor?

— E guarde suas piadas de quinta classe para o seu clube. — Com ar decidido, ela o fez reiniciar a caminhada. — Recebi uma carta.

— Hum... Era o que eu receava. Da mamãe?

— Tenho certeza de que aconteceu alguma coisa... depois do jantar. — Continuaram andando por algum tempo antes que ele respondesse. Por um momento Charles pareceu inclinado a se mostrar sério, mas mudou de idéia.

— Confesso que seu digno pai e eu tivemos um ligeiro desentendimento filosófico.

— Você agiu muito mal.

— Pois minha intenção foi agir honestamente.

— E qual era o assunto da conversa?

— Seu pai sugeriu que o sr. Darwin fosse exibido numa jaula, no jardim zoológico. Na jaula dos macacos, para ser preciso. Tentei apresentar alguns dos argumentos científicos que apóiam a posição darwiniana. Não tive sucesso. Et voilà tout.

— Como pôde ter feito isso, conhecendo os pontos de vista de papai?

— Mostrei-me bastante respeitoso.

— O que significa que se mostrou bastante odioso.

— De fato, ele declarou que não iria permitir o casamento de sua filha com um homem que acreditava ter um macaco por avô. Mas acho que ao refletir melhor sobre o assunto ele não deixará de lembrar que no meu caso se trata de um macaco de linhagem nobre.

Ela olhou para ele enquanto caminhavam, tombando a cabeça meio de lado, num gesto curioso e característico seu, quando queria demonstrar preocupação — nesse caso, causada pelo que considerava o maior obstáculo ao seu noivado. Seu pai era um homem muito rico, mas seu avô fora um comerciante de tecidos, e o de Charles, um baronete. Ele sorriu e fez pressão sobre a mão enluvada que se apoiava levemente em seu braço esquerdo.

— Meu amor, já resolvemos tudo isso entre nós dois. É perfeitamente compreensível que você tenha medo de seu pai. Mas não é com ele que vou me casar. E você se esquece de que sou um cientista. Pelo menos, acredito que seja, pois escrevi uma monografia. E se continuar sorrindo desse jeito passarei a dedicar todo o meu tempo aos fósseis e nenhum a você.

— Não estou disposta a ter ciúmes dos fósseis. — Ela fez uma pausa premeditada, depois acrescentou: — Aqui, no Cobb, você vem pisando sobre eles há bastante tempo e nem sequer se dignou mencioná-los.

Ele olhou depressa para o chão e caiu de joelhos com a mesma rapidez. Alguns trechos do Cobb são pavimentados com pedras fósseis.

— Por Deus, veja isto aqui! *Certhidium portlandicum*. Esta pedra deve ser originária dos oólitos de Portland.

— Em cujas lavras você será condenado a trabalhar eternamente, se não se puser logo de pé. — Ele obedeceu com um sorriso, e ela continuou: — Está vendo? Não foi bondade minha trazê-lo aqui? Agora olhe. — Levou-o até a beira da plataforma,

onde uma fileira de pedras chatas e fixas no paredão serviam de rústicos degraus para se alcançar o piso inferior. — Estes são exatamente os mesmos degraus onde Jane Austen fez Louisa Musgrove tropeçar e cair, em Persuasão.

— Muito romântico!

— Os cavalheiros eram românticos... nessa época.

— E agora, o que são... científicos? Que tal se arriscarmos a perigosa descida?

— Na volta.

De novo começaram a andar. Foi só então que ele notou a figura postada no final da plataforma, ou pelo menos se deu conta de qual era o seu sexo.

— Céus, pensei que fosse um pescador! Mas não é uma mulher?

Ernestina olhou também, mas seus olhos cinzentos e muito lindos eram míopes, e tudo o que pôde distinguir foi um vulto escuro.

— É jovem?

— Não dá para ver, a esta distância.

— Mas acho que sei quem é. Deve ser a pobre Tragédia.

— Tragédia?

— É um apelido. Um de seus apelidos.

— E quais são os outros?

— Os pescadores lhe dão outro bem mais grosseiro.

— Tina, meu bem, você não vai...

— Eles a chamam de... Mulher do Tenente Francês.

— Deveras? E ela é tão hostilizada pelos outros que passa os dias ali?

— Ela é um pouco... louca. Vamos voltar. Não quero chegar perto dela.

Os dois pararam. Ele olhava para o vulto escuro.

— Estou curioso. Quem é esse tenente francês?

— Um homem que andou com ela, segundo dizem...

— E pelo qual ela se apaixonou?

— Pior do que isso.

— E ele a deixou? Há alguma criança no caso?

— Não, acho que não. O povo fala muito.

— Mas que faz ela ali?

— Dizem que está esperando a volta dele.

— Mas... ninguém cuida dela?

— Ela é uma espécie de criada da velha Sra. Poulteney. Nunca aparece quando vamos visitá-la, mas mora lá. Vamos voltar, por favor. Não quero vê-la.

Mas ele sorriu.

— Se ela saltar sobre você, eu a defenderei, pondo à prova a minha difamada galanteria. Vamos.

E assim eles se aproximaram da figura junto ao canhão. Ela havia tirado o chapéu e o segurava numa das mãos. O cabelo estava todo repuxado para trás e metido dentro da gola do casaco preto, que era bizarro, lembrando mais um capote de montaria masculino do que qualquer tipo de agasalho feminino em uso naqueles últimos quarenta anos. Para ela também, a crinolina fora abolida, mas percebia-se claramente que isso se devia a uma total abstração de sua parte e não a uma obediência aos últimos ditames da moda londrina. Charles fez uma observação qualquer em voz alta, para adverti-la de que já não estava sozinha, mas a mulher não se mexeu. O casal se colocou num ponto de onde podia vê-la de perfil — e como era fixo o seu olhar, apontado como um rifle em direção ao longínquo horizonte! Uma lufada de vento mais forte obrigou

Charles a passar o braço à volta da cintura de Ernestina para sustentá-la, forçando também a mulher a se agarrar mais firmemente ao canhão. Sem saber ao certo a razão de seu gesto, e talvez para mostrar a Ernestina que não tinha medo de assombração, Charles deu alguns passos à frente tão logo o vento o permitiu.

— Minha boa mulher, não podemos vê-la aí sem nos sentirmos preocupados com a sua segurança. Com este vendaval...

Ela se voltou e olhou para ele, ou, segundo pareceu a Charles, através dele. E o que ele guardou na memória depois daquele primeiro encontro não foi tanto o que havia de positivo naquele rosto, mas tudo o que viu nele de inesperado. Pois na sua época o olhar feminino mais apreciado era aquele em que havia recato, obediência, timidez. Charles sentiu imediatamente que tinha cometido uma intrusão, que o Cobb pertencia àquele rosto e não ao velho burgo de Lyme. Não era um rosto gracioso como o de Ernestina, e evidentemente não era bonito segundo os padrões ou o gosto de qualquer época. Mas era um rosto inesquecível, um rosto trágico, A tristeza brotava dele de forma tão pura, natural e desimpedida quanto a água de uma fonte na mata. Não havia nele nenhum artifício, nem hipocrisia, nem histeria, nem disfarce. E, acima de tudo, nenhum sinal de loucura. A loucura estava no mar vazio, no horizonte vazio, na ausência de razão para tanta tristeza, como se a fonte fosse natural em si, mas desnatural o fato de brotar no deserto.

Veze sem conta, mais tarde, Charles comparou aquele olhar a uma lança. E ao fazê-lo não pensava no olhar em si, mas no efeito que surtia. Sentiu-se naquele breve instante como um inimigo injusto, trespassado pela lança do adversário mas ainda assim merecidamente diminuído.

A mulher nada disse. Seu olhar durou dois ou três segundos no máximo, depois ela voltou a contemplar o sul. Ernestina deu um puxão na manga de Charles e ele se voltou para ela, com um

encolher de ombros e um sorriso. Quando estavam próximos da terra, ele disse:

— Gostaria que você não me tivesse contado a parte sórdida da história. É esse o mal da vida provinciana. Todo mundo conhece todo mundo, não há mistério, não há romance.

Ela pôs-se então a provocá-lo: o cientista, o que desprezava romances.

### 3

*"Um ponto ainda mais importante a considerar é que a parte principal da organização de toda criatura viva está relacionada com a hereditariedade. Conseqüentemente, e embora cada ser se ache de fato bem ajustado ao seu lugar na natureza, inúmeras estruturas deixaram de ter uma relação mais íntima e direta com os atuais hábitos de vida."*

*Darwin, A origem das espécies (1859)*

*"Para viver sua juventude, um homem sábio deveria escolher, entre todas as décadas de nossa história, a iniciada em 1850."*

*G. M. Young, Retrato de uma época*

De volta aos seus aposentos no White Lion, após o almoço, Charles contemplou seu rosto no espelho. Seus pensamentos eram vagos demais para serem descritos, mas abrangiam misteriosos elementos: uma obscura sensação de derrota em nada relacionada com o incidente no Cobb, e sim com certas coisas banais que dissera durante o almoço em casa de tia Tranter, certas evasivas que o caracterizavam, suas dúvidas sobre se a paleontologia seria um campo suficientemente bom para o emprego de suas habilidades naturais, e sobre se Ernestina seria realmente capaz de compreendê-lo tão bem quanto ele a compreendia. Havia também uma sensação generalizada de frustração, cuja origem talvez fosse — segundo concluiu finalmente — a ameaça de uma longa e agora chuvosa tarde a enfrentar. Afinal, ainda corria o ano de 1867. Ele tinha apenas trinta e dois anos. E já questionara bastante a própria vida.

Embora Charles gostasse de encarar a si próprio como um jovem cientista, e provavelmente não viesse a se surpreender muito se lhe chegasse do futuro a notícia da invenção do aeroplano, do motor a jato, da televisão e do radar, o que o teria deixado estupefato seria a mudança de atitude em relação ao próprio tempo. A grande desgraça do nosso século, teoricamente, é a falta de tempo. Nossa convicção disso — não um desinteressado amor à ciência, e muito menos à sabedoria — nos tem levado a dedicar uma vasta parcela do engenho e dos recursos de nossa sociedade à procura de maneiras mais rápidas de fazermos as coisas, como se o objetivo final do homem fosse alcançar, não a perfeição humana, mas a perfeição do relâmpago. Mas para Charles, assim como para quase todos os seus contemporâneos e pares na sociedade, o ritmo que o tempo impunha à existência era decididamente o adágio. O problema não estava em ajustar a um determinado prazo tudo o que o homem tinha a fazer, e sim em esticar indefinidamente o que devia ser feito, a fim de ocupar os vastos espaços de lazer disponíveis.

Um dos sintomas mais comuns da riqueza, hoje em dia, é a neurose destrutiva. No século de Charles, era um tédio tranqüilo. É bem verdade que a onda de revoluções em 1848 e a lembrança dos agora extintos cartistas <sup>{4}</sup> se erguiam como uma tenebrosa sombra por trás desse período. Mas para muitos — e para Charles também — o mais significativo com. referência a esses longínquos trovões era o fato de que não tinham feito desabar a tormenta. A década iniciada em 60 tinha sido inegavelmente próspera, trazendo o incremento do artesanato e mesmo a prosperidade das classes trabalhadoras, o que forçou a revolução a recuar, e — pelo menos na Inglaterra — a praticamente desaparecer. Desnecessário dizer que Charles nada sabia sobre o judeu alemão com seu gorro de castor que trabalhava silenciosamente, naquela mesma tarde, na biblioteca do Museu Britânico, e cujo trabalho entre aquelas sombrias paredes iria produzir frutos de um vermelho tão rubro. Se lhe fôssemos descrever esses frutos, ou as conseqüências de seu posterior consumo indiscriminado, Charles certamente não nos teria dado crédito. E, no entanto, apenas seis meses depois desse mês de

março de 1867, o primeiro volume de O capital apareceu em Hamburgo.

Havia, também, várias razões pessoais que não permitiam a Charles ajustar-se ao agradável papel de pessimista. Seu avô, o baronete, estava incluído na segunda das duas grandes categorias em que se dividia a nobreza rural inglesa: a dos bebedores de clarete, caçadores de raposa e eruditos colecionadores de tudo o que existe sob o sol. Colecionava livros, principalmente, mas nos últimos anos de vida empregara boa parte de seu dinheiro e uma parte ainda maior da paciência de sua família cavoucando todos os inofensivos montículos de terra que pontilhavam sua propriedade de três mil acres em Wiltshire. Cromlechs <sup>{5}</sup>, menires, implementos de pedra, sepulturas neolíticas — tudo ele perseguiu implacavelmente; e seu filho mais velho, quando herdou os seus bens, livrou-se de forma igualmente implacável de todos os troféus portáteis que ele acumulara. Mas os céus puniram — ou abençoaram — esse filho, cuidando para que nunca se casasse. O filho mais moço do velho, pai de Charles, foi deixado em boa situação, não só em termos de terras, como de dinheiro.

Sua vida teve apenas uma tragédia: a morte simultânea de sua jovem esposa e da filha, natimorta, que seria a irmã de Charles, então com um ano de idade. Mas ele soube vencer a desgraça. Prodigalizou ao filho — a quem amou, de modo geral, apenas um pouco menos do que a si próprio — se não uma grande afeição, pelo menos uma série de preceptores e instrutores militares. Tendo vendido suas terras, aplicou o dinheiro com muita astúcia em ações da estrada de ferro, e sem nenhuma astúcia nas mesas de jogo. Em suma, viveu como se tivesse nascido em 1702, mais do que em 1802, dedicando sua vida principalmente aos prazeres... e morrendo principalmente em consequência disso, em 1856. Charles era, pois, seu único herdeiro, e herdeiro não somente da dilapidada fortuna do pai — pois o bacará tinha afinal levado a melhor em sua disputa com a alta das ações — como também, mais tarde, da considerável fortuna de seu tio. É bem verdade que em 1867 o tio não

demonstrava, a despeito de uma compreensível inclinação pelo clarete, nenhuma intenção de morrer.

Charles gostava do tio, e o tio gostava dele. Mas isso nem sempre se tornava aparente em suas relações. Embora se mostrasse bastante disposto a prestigiar o esporte e matar perdizes e faisões quando convocado a isso, Charles recusava-se firmemente a caçar raposas. Não que lhe importasse o fato de não se tratar de presa comestível, mas detestava a imbecilidade dos caçadores <sup>{6}</sup>. E havia mais: tinha um pendor exagerado por passeios a pé, ao invés de a cavalo — e caminhadas não eram um passatempo apropriado para um cavalheiro, a não ser nos Alpes suíços. Não que tivesse alguma objeção a fazer contra o cavalo propriamente dito, mas possuía a curiosidade inata dos naturalistas em observar as coisas bem de perto e com toda a calma. Não obstante, a sorte estava do seu lado. Num certo dia de outono, muitos anos antes, matara uma ave estranha que atravessara correndo um dos campos de trigo de seu tio. Ao perceber o que tinha matado, e ao se dar conta da raridade, assaltou-o uma vaga irritação contra si mesmo, pois se tratava de um dos últimos espécimes das grandes abetardas ainda existentes na planície de Salisbury. Mas o tio ficou encantado. O pássaro foi empalhado e colocado dentro de uma redoma, e por todo o sempre ficou a contemplar com seu frio olhar de vidro a sala de estar em Winsyatt.

O tio aborrecia interminavelmente os visitantes com a história do grande feito. E sempre que se sentia inclinado a deserdar o sobrinho — um assunto que por si só o deixava apoplético, uma vez que suas propriedades estavam vinculadas aos herdeiros masculinos —, ele logo restabelecia sua afeição avuncular contemplando a imortal abetarda de Charles. Pois a verdade é que Charles tinha seus defeitos. Nem sempre escrevia uma vez por semana, e tinha um sinistro pendor, quando se encontrava em Winsyatt, para passar as tardes na biblioteca, aposento que o tio raramente freqüentava.

Cometera faltas mais graves do que essas, entretanto. Em Cambridge, depois de passar pelos clássicos como um gato sobre

brasas e assinar os Trinta e Nove Artigos, <sup>{7}</sup> tinha realmente começado (ao contrário da maioria dos moços de seu tempo) a aprender alguma coisa. Mas em seu segundo ano na universidade misturou-se com uma turma de má reputação e acabou por se encontrar, numa brumosa noite londrina, de posse de uma moça nua. Desvencilhou-se de seus braços roliços e plebeus para cair diretamente nos da Igreja, deixando o pai horrorizado poucos dias depois ao anunciar sua pretensão de dedicar-se ao sacerdócio. Havia apenas uma saída para uma crise de tal magnitude: despachar o travesso rapaz para Paris. Ali, a pequena mancha na sua virgindade em breve transformou-se num vasto e negro borrão, que a destruiu totalmente; mas o mesmo aconteceu com seu pretendido casamento com a Igreja, conforme previra o pai. Charles percebeu o que havia por trás do sedutor apelo do Movimento de Oxford <sup>{8}</sup> — própria terra do catolicismo romano. Recusou-se a desperdiçar sua negativista mas confortável alma inglesa — metade ironia, metade convenção — com o incenso e a infalibilidade papal. Quando voltou a Londres, mergulhou rápida e superficialmente numa dezena de teorias religiosas da época, e emergiu do outro lado (*voyant trop pour nier, et trop peu pour s'assurer* <sup>{9}</sup> transformado num saudável agnóstico <sup>{10}</sup>). O pouco de Deus que conseguiu vislumbrar na existência, achou-o na natureza, não na Bíblia. Cem anos antes teria sido considerado um deísta, talvez mesmo um panteísta. Tendo companhia, às vezes ia à igreja aos domingos, mas sozinho raramente o fazia.

Voltou de sua temporada de seis meses na Cidade do Pecado em 1856. Seu pai morreu três meses depois. A enorme casa em Belgravia foi alugada, e Charles instalou-se em outra menor, em Kensington, mais apropriada a um rapaz solteiro. Ali era atendido por um criado, uma cozinheira e duas arrumadeiras, criadagem quase ridícula para uma pessoa de sua posição e fortuna. Mas sentia-se feliz assim, e além do mais passava a maior parte do tempo viajando. Escreveu um ou dois artigos para algumas revistas de renome sobre suas viagens a lugares remotos, e um entusiástico editor pediu-lhe que escrevesse um livro quando voltou de uma

temporada de nove meses em Portugal, mas pareceu a Charles que havia algo de infra DIG <sup>{11}</sup> na profissão de escritor, além de implicar decididamente muito trabalho e grande concentração. Entreteve-se com a idéia por algum tempo, depois abandonou-a. Aliás, entreter-se com idéias foi sua principal ocupação na terceira década de sua vida.

E no entanto — à deriva na lenta correnteza vitoriana — ele não era um rapaz essencialmente frívolo. Um encontro casual com alguém que conheceu a mania de seu avô o fez compreender que apenas a família não levava a sério as intermináveis escavações supervisionadas pelo velho e executadas por um perplexo bando de camponeses. Muitos se lembravam de Sir Charles Smithson como um pioneiro em matéria de arqueologia pré-romana na Bretanha, e vários objetos de sua dilapidada coleção haviam sido entusiasticamente acolhidos pelo Museu Britânico. Aos poucos, Charles começou a perceber que seu temperamento era mais semelhante ao do avô que ao de qualquer um dos filhos dele. Nos últimos três anos tornara-se cada vez mais interessado em paleontologia, decidindo por fim que esse era o seu campo. Começou a freqüentar as *conversazioni* da Sociedade de Geologia. O tio de Charles via-o com desgosto a marchar através dos campos de Winsyatt, munido de alavancas e de sua sacola de achados. Na sua opinião, o único objeto indicado para um cavalheiro levar em caminhadas ao ar livre era um chicote ou uma espingarda. Entretanto, isso já representava algum progresso em relação aos malditos livros da maldita biblioteca.

Mas havia outra deficiência em Charles que agradava ainda menos ao tio. Fitas amarelas e narcisos — a insígnia do Partido Liberal — eram anatematizados em Winsyatt. O velho era o mais "azul" dos tóris — e tinha seus interesses. Mas Charles recusou delicadamente todas as tentativas feitas para levá-lo ao Parlamento, declarando-se destituído de convicções políticas. Nutria uma secreta admiração por Gladstone, mas em Winsyatt Gladstone era o arquitraidor, um nome que não se podia mencionar. Assim, o

respeito familiar e a indolência fecharam-lhe convenientemente as portas do que talvez fosse uma carreira natural para ele.

Receio que a indolência fosse o traço principal do caráter de Charles. Como muitos de seus contemporâneos, percebia que o senso de responsabilidade predominante nos princípios do século estava se transformando em senso de auto-importância, e o que impulsionava agora a nova Bretanha era um desejo cada vez maior de parecer respeitável, em lugar de fazer o bem. Ele sabia que era exigente demais, mas como poderia alguém escrever história tão pouco tempo depois de Macaulay? E ficção ou poesia, no meio da vasta galáxia de talentos existentes na história da literatura inglesa? Como poderia uma pessoa dedicar-se a um trabalho científico criador, com Lyell e Darwin ainda vivos? Ou ser um estadista, com Disraeli e Gladstone polarizando todo o espaço disponível?

Vê-se que Charles tinha elevadas aspirações. Todas as pessoas inteligentes, mas ociosas, as têm, tentando com isso justificar sua ociosidade para sua inteligência. Dominava-o, em suma, todo o tédio byroniano, sem nenhuma de suas válvulas de escape: o gênio e o adultério.

Mas, embora a morte possa ser protelada — como as mães com filhas casadouras já têm tido oportunidade de verificar —, ela acaba generosamente por chegar. Mesmo que suas perspectivas financeiras não fossem o que eram, nem por isso ele deixaria de ser um rapaz interessante. Suas viagens ao exterior haviam atenuado aquela profunda ausência de humor exigida de um verdadeiro cavalheiro inglês dessa época, traço que os vitorianos chamavam de seriedade, retidão moral, probidade, e uma centena de outros nomes igualmente enganadores. Havia nele, externamente, um certo cinismo, indício seguro de uma inerente decadência moral. Contudo, em reuniões sociais era sempre olhado com cobiça pelas mães, recebia nas costas palmadinhas dos papais e merecia afetados sorrisos das moças. Charles gostava de moças bonitas, e não era avesso a embromá-las, juntamente com seus ambiciosos pais. Em conseqüência, ganhou uma reputação de indiferente e frio,

fama essa bastante merecida diante de sua habilidade em farejar de longe a isca e virar as costas para as armadilhas matrimoniais que lhe preparavam. Aos trinta anos, ele se mostrava esperto como uma doninha nessa matéria.

Seu tio muitas vezes o encostava à parede sobre o assunto, mas — como Charles não perdia a ocasião de lhe dizer — seus tiros sempre saíam pela culatra. O velho resmungava:

— Nunca consegui encontrar a mulher ideal.

— Bobagem! O senhor nunca a procurou.

— Procurei, e muito. Quando eu tinha a sua idade...

— O senhor vivia em função dos seus perdigueiros e da caça às perdizes.

O velho punha-se então a contemplar com ar sombrio seu cálice de clarete. Não lamentava realmente o fato de não ter se casado, mas sentia amargamente a falta de filhos, para os quais pudesse comprar pôneis e espingardas. Via sua passagem pela vida desvanecendo-se aos poucos sem deixar traços.

— Eu estava cego, verdadeiramente cego.

— Meu caro tio, tenho uma vista excelente, console-se comigo. Também tenho andado à procura da mulher ideal, e ainda não a encontrei.

## 4

*"What's DONE, is what remains! Ah, blessed they  
Who leave completed tasks, of love to stay  
And answer mutely for them, being dead,  
Life was not purposeless, though Life be fled."*

*Mrs. Norton, The Lady of La Garaye (1863) [{12}](#)*

*"A maioria das famílias inglesas das classes  
média e alta vivia em cima de fossas..."*

*E. Royston Pike, Documentos humanos da época áurea vitoriana*

A cozinha no porão da vasta casa da Sra. Poulteney em estilo regência, casa esta que ocupava, como um claro e elegante símbolo de sua posição social, um lugar proeminente nas íngremes colinas que se erguiam por trás de Lyme Regis, seria considerada, pelos padrões de hoje, pouco funcional. Embora seus ocupantes em 1867 estivessem perfeitamente certos de quem era o tirano em suas vidas, o verdadeiro monstro, para uma época como a nossa, teria sido sem dúvida o enorme fogão que ocupava toda a parede dos fundos do mal-iluminado aposento. Tinha três bocas, que deviam ser entupidas de lenha duas vezes por dia, e os borrarhos também varridos duas vezes, diariamente. E, uma vez que o bom andamento das funções domésticas dependia dele, seu fogo jamais devia apagar-se. Não importava que fosse tórrido o dia de verão, nem que, ao soprar o sudoeste, o monstro vomitasse grossos rolos de fumaça negra — os implacáveis fornos tinham de ser alimentados. E que dizer da cor daquelas paredes? Clamavam por tons mais claros, pelo branco. Ao invés disso, tinham uma biliosa cor verde-chumbo, rica em arsênico — o que era ignorado pelos ocupantes da cozinha

(e também pela tirana lá de cima, para sermos justos). Talvez fosse providencial o fato de ser tão úmido o porão e de espalhar o monstro tanta fumaça e gordura. Pelo menos a poeira mortífera ficava agarrada às paredes.

O sargento-mor desse império estígio era a Sra. Fairley, uma criatura pequena e magra, sempre vestida de preto, menos por sua viuvez do que por temperamento. Talvez sua aguda melancolia fosse causada pelo espetáculo da interminável torrente de seres inferiores que desfilavam em sua cozinha — mordomos, mensageiros, jardineiros, cavaliços, arrumadeiras do andar de cima, arrumadeiras do andar de baixo. Todos eles, depois de atingido o limite de tolerância com relação às exigências e padrões estabelecidos pela Sra. Poulteney, acabavam fugindo. O que não deixava de ser um ato condenável e covarde da parte deles. Mas quando se exige de uma pessoa que se levante às seis, trabalhe das seis e meia às onze, depois das onze e meia às quatro e meia, e novamente das cinco às dez da noite, e isso todos os dias, somando assim cem horas por semana, suas reservas de tolerância e coragem não podem ser muito grandes.

Uma síntese dos sentimentos da criadagem, e que ficou lendária, foi feita por um dos últimos mordomos da Sra. Poulteney: "Minha senhora, prefiro viver o resto dos meus dias num asilo de pobres a passar mais uma semana sob este teto". Graves dúvidas foram levantadas por alguns quanto ao fato de alguém ter tido coragem de dizer essas palavras a tão temível senhora. Mas o sentimento implicado nelas foi compreendido por todos quando o homem desceu com suas malas e jurou que as dissera.

Um dos grandes mistérios locais residia no fato de ter a própria Sra. Fairley suportado por tanto tempo sua patroa. A explicação mais plausível era que, caso a sorte voltasse a lhe sorrir, ela também gostaria de ser uma Sra. Poulteney por sua própria conta. Sua inveja a mantinha no posto, bem como sua sombria satisfação diante das catástrofes domésticas que desabavam com tanta freqüência sobre a

casa. Em resumo, ambas as mulheres sofriam de sadismo incipiente, e era vantajoso para as duas tolerarem-se mutuamente.

A Sra. Poulteney tinha duas obsessões, ou dois aspectos da mesma obsessão. Uma era Sujeira — embora abrisse uma certa exceção para a cozinha, uma vez que apenas os criados viviam ali — e a outra, Imoralidade. Nada que se referisse a qualquer dessas obsessões escapava ao seu olho de águia.

Ela era como um gordo abutre, voando em círculos intermináveis em seu ócio interminável, e dotada de um miraculoso sexto sentido no que se referia a poeira, marcas de dedos, roupas mal-engomadas, cheiros, manchas, objetos quebrados e todos os males que afligem uma casa. O jardineiro seria demitido se fosse visto entrando na casa com as mãos sujas de terra; o mordomo, por ter uma mancha de vinho na jaqueta; a arrumadeira, por ter sido encontrado pó debaixo de sua cama.

O mais abominável, entretanto, era que, mesmo fora de casa, ela não admitia restrições à sua autoridade. O não comparecimento à igreja aos domingos, não só para as matinas como para as orações da tarde, era prova mais do que suficiente do pior relaxamento moral. Que o céu se apiedasse da criada que fosse vista a passear com um rapaz numa de suas raras tardes livres, relutantemente concedidas uma vez por mês. E que o céu tivesse também misericórdia do rapaz cuja paixão o levasse a se aproximar secretamente da Mansão Marlborough para um encontro com a namorada, pois os jardins eram uma verdadeira floresta de humanitárias armadilhas — e digo "humanitárias" por serem desprovidas de dentes as grandes mandíbulas de ferro, embora bastante poderosas para quebrarem a perna de um homem. Esses servos de ferro eram benquistos pela Sra. Poulteney. A esses, ela nunca demitiu.

Devia haver um lugar na Gestapo para semelhante dama. Seu método de interrogatório era capaz de fazer desmanchar-se em lágrimas, nos primeiros cinco minutos, a mais resistente das moças. À sua maneira, era uma síntese de todos os mais grosseiros e

arrogantes traços que caracterizavam o ascendente Império Britânico. Sua única noção de justiça era que ela devia estar sempre com a razão, e sua única noção de autoridade consistia numa furiosa investida contra o insolente populacho.

E no entanto, dentro de sua própria classe — um círculo muito limitado —, era afamada por sua caridade. Se alguém contestasse essa sua reputação, seus defensores apresentariam imediatamente uma prova irrefutável: pois não fora a bondosa e querida Sra. Poulteney que havia acolhido a Mulher do Tenente Francês? Desnecessário será acrescentar que nessa época a bondosa e querida senhora conhecia apenas o outro apelido, de ressonâncias mais gregas.

Esse notável acontecimento teve lugar na primavera de 1866, exatamente um ano antes da época sobre a qual escrevo, e estava associado ao grande segredo na vida da Sra. Poulteney. Tratava-se de um segredo muito simples. Ela acreditava no inferno.

O vigário de Lyme nesse tempo era um homem relativamente emancipado, do ponto de vista teológico, mas que sabia muito bem de que lado estava a manteiga no seu pão pastoral. Ajustava-se muito bem a Lyme, uma congregação tradicionalmente ligada à facção dissidente da Igreja. Tinha o dom de imprimir a seus sermões uma eloqüência inflamada, e mantinha sua igreja livre de crucifixos, imagens, ornamentos e quaisquer outros sinais do câncer romano. Quando a Sra. Poulteney anunciou-lhe suas teorias sobre a outra vida, ele não discutiu, pois os beneficiários de paróquias declaradamente improdutivas não devem discutir com seus ricos paroquianos. Os cordões da bolsa da Sra. Poulteney mostravam-se tão frouxos com relação às suas solicitações quanto arrochados no que se referia aos salários de seus treze criados. No inverno daquele ano (um inverno em que ocorreu também a quarta epidemia causada pelo cólera-morbo na Inglaterra vitoriana), a Sra. Poulteney estivera ligeiramente adoentada, e as visitas do vigário foram tão

freqüentes quanto as dos médicos, que lhe asseguravam sem cessar estar ela sofrendo apenas de uma banal indisposição de estômago, e não da temida e assassina peste oriental. A Sra. Poulteney não era uma mulher estúpida. Na verdade, tinha grande perspicácia para resolver problemas práticos, e sua vida futura, como tudo o mais que dissesse respeito ao seu conforto pessoal, devia ser encarada sob um ponto de vista altamente prático. Quando visualizava Deus, Seu rosto era na verdade o do duque de Wellington, e Seu caráter, mais aproximado ao de um astuto advogado — uma raça pela qual a Sra. Poulteney tinha grande respeito. Deitada em sua cama, ela refletia sobre as tremendas dúvidas matemáticas que a assaltavam cada vez mais, conjecturando se o Senhor calculava a caridade pelo que uma pessoa efetivamente dera ou pelo que sua fortuna lhe teria permitido dar. Nesse ponto, ela contava com melhores dados do que o vigário. Tinha doado quantias consideráveis à igreja, mas sabia que essas doações não alcançavam a dízima prescrita, de que deveriam abrir mão todos os sérios candidatos ao paraíso. Ela havia disposto seu testamento de maneira a garantir um perfeito acerto de contas depois de sua morte, mas Deus talvez não estivesse presente à leitura do documento. Além do mais, sucedeu que, quando estava doente, a Sra. Faley escolheu por acaso, ao ler para ela a Bíblia como fazia todas as noites, a parábola da viúva pobre. Essa parábola sempre parecera altamente injusta à Sra. Poulteney, e agora se aninhara mais demoradamente em seu coração do que o bacilo da gastrenterite em seus intestinos. Um dia, quando já estava convalescente, aproveitou-se de uma das solícitas visitas do vigário para examinar cautelosamente sua consciência.

A princípio, ele se mostrou inclinado a afastar suas preocupações espirituais.

— Minha cara senhora, seus pés estão sobre a Rocha. O Criador tudo vê e tudo sabe. Não cabe a nós duvidar de Sua misericórdia, ou de Sua justiça.

— Mas suponhamos que Ele me pergunte se minha consciência está limpa.

O vigário sorriu.

— A senhora responderá que ela está perturbada. E com Sua infinita compaixão, Ele saberá...

— Mas suponhamos que não saiba.

— Minha cara Sra. Poulteney, se continuar falando assim serei forçado a repreendê-la. Não nos compete discutir Sua compreensão.

Fez-se silêncio. Com o vigário, a Sra. Poulteney sentia-se como se estivesse em presença de duas pessoas. Uma lhe era socialmente inferior e dependia dela em grande parte para os prazeres de sua mesa, para uma considerável fração das despesas com a manutenção de sua igreja e também para que pudesse cumprir folgadamente seus deveres não-litúrgicos para com os pobres; a outra, um representante de Deus, diante de quem ela devia permanecer metaforicamente ajoelhada. Assim, sua atitude diante dele era muitas vezes bizarra e contraditória. Ora ela o olhava de *haut en bas*, ora de *bas en haut* <sup>{13}</sup>, e às vezes conseguia juntar as duas atitudes numa única frase.

— Se ao menos o pobre Frederick não tivesse morrido! Ele teria me aconselhado sobre o assunto.

— Sem dúvida, e seus conselhos seriam parecidos com os meus. Pode estar certa disso. Sei que ele era cristão, e o que digo é pura doutrina cristã.

— Foi um aviso, um castigo.

O vigário lançou-lhe um olhar severo.

— Cuidado, minha cara senhora, cuidado. Ninguém se arroga impunemente as prerrogativas de Nosso Criador.

Ela mudou de método. Nem todos os vigários do mundo poderiam justificar para ela a morte prematura de seu marido. Era uma barreira que se erguia entre ela e Deus, um mistério denso como uma opala negra, que ora brilhava como um solene presságio, ora se apresentava como uma espécie de amortização parcial das penitências que lhe cumpria fazer.

- Tenho dado esmolas. Mas nunca fiz boas ações.
- Dar já representa uma bela ação.
- Não sou como Lady Cotton.

Essa brusca descida para o plano temporal não surpreendeu o vigário, pois ele já se tinha dado conta, em conversas anteriores, de que a Sra. Poulteney sabia ter ficado muito para trás nessa disputa particular pelo troféu da piedade. Lady Cotton, que vivia a alguns quilômetros de Lyme, era famosa por sua vida fanaticamente caridosa. Visitava os pobres, presidia uma sociedade missionária e fundara um asilo para mulheres decaídas — é verdade que sob um regime de arrependimento tão rígido que a maioria das beneficiárias de sua Sociedade das Madalenas corria a se atolar na lama da iniquidade tão logo conseguia escapar —, mas a Sra. Poulteney ignorava isso, assim como ignorava o outro e mais vulgar apelido de Tragédia.

O vigário pigarreou.

— Lady Cotton é um exemplo para todos nós. — Isso era pôr mais lenha na fogueira, o que talvez ele fizesse inconscientemente.

— Eu devia visitar os pobres.

— Seria uma idéia excelente.

— Mas é que essas visitas são sempre muito desagradáveis para mim. — O vigário não estava ajudando muito. — Sei que isso é muito errado de minha parte.

— Ora, não diga tal coisa.

— É, sim. Muito errado.

Seguiu-se um longo silêncio, durante o qual o vigário pôs-se a meditar sobre o seu jantar, que ainda tardaria uma hora, e a Sra. Poulteney, sobre a sua ruindade. Finalmente ela sugeriu, com inusitada timidez, um acordo para solucionar seu dilema.

— Se o senhor souber de alguma senhora, de alguma pessoa de fino trato que se encontre em situação difícil...

— Não estou entendendo bem aonde quer chegar.

— Estou precisando de companhia. Já começo a encontrar dificuldade em escrever, e a Sra. Fairley lê muito mal. Eu teria prazer em proporcionar um lar a uma pessoa nessas condições.

— Muito bem. Se é isso o que quer, vou fazer indagações.

A Sra. Poulteney teve um leve movimento de recuo diante de sua própria e desvairada decisão de se atirar nos braços do verdadeiro cristianismo. Acrescentou, pois:

— Terá de ser uma pessoa de moral irrepreensível. Preciso levar em consideração os meus criados.

— Minha cara senhora, isso está fora de dúvida, naturalmente.  
— O vigário levantou-se.

— E de preferência, que não tenha parentes. Os parentes de pessoas que vivem sob nossa dependência mostram-se às vezes muito aborrecidos.

— Pode ficar tranqüila, não trarei ninguém que não a satisfaça.

Ele apertou-lhe a mão e se encaminhou para a porta.

— Senhor vigário... e que não seja também uma pessoa muito jovem.

Ele inclinou-se e deixou o quarto. Mas ao descer para o andar térreo parou no meio da escada, lembrando, refletindo. E um sentimento talvez não inteiramente destituído de malícia, originado nas longas horas passadas ao lado das saias de bombazina da Sra. Poulteney — horas de hipocrisia ou pelo menos de uma franqueza relativa —, um impulso, enfim, fê-lo voltar-se e subir de novo a escada. Parou à porta da sala e falou:

— Acaba de ocorrer-me uma candidata ideal. Seu nome é Sarah Woodruff.

## 5

*"O me, what profits it to put  
An idle case? If Death were seen  
At first as Death, Love had not been,  
Or been in narrowest working shut,*

*Mere fellowship of sluggish moods,  
Or in bis coarsest Satyr-shape  
Had bruised tbe herb and crush'd the grape,  
And bask'd and batten'd in the woods. "{14}"*

*Tennyson, In memoriam (1850)*

*"Todos, moças e rapazes, estavam loucos para visitar Lyme."*

*Jane Austen, Persuasão*

Ernestina tinha o rosto ideal para sua época, isto é, oval, com um queixo gracioso e delicado como uma violeta. Esse rosto ainda pode ser visto hoje nos desenhos dos grandes ilustradores daquele tempo — nos trabalhos de Phiz, de John Leech. Seus olhos cinzentos e a palidez de sua pele acentuavam ainda mais a delicadeza do resto. Quando era apresentada às pessoas, costumava baixar os olhos encantadoramente, como se fosse desfalecer se algum cavalheiro ousasse dirigir-lhe a palavra. Mas havia uma imperceptível contração nos cantos de seus olhos, correspondendo a outra nos cantos de sua boca — sutil como a fragrância das violetas de fevereiro, para usar a mesma comparação —, que contradizia de maneira muito tênue mas irrefutável sua aparente submissão ao grande deus Homem. Uma pessoa mais enquadrada dentro dos moldes vitorianos teria talvez ficado de sobreaviso diante daquele

imperceptível sinal de perigo; mas, para um homem como Charles, ela se mostrava irresistível. Era bastante semelhante àquelas bonequinhas bem-comportadas — as Georginas, Vitória, Albertinas, Matildes e o resto — que compareciam a todos os bailes em grupos compactos e bem vigiados; e, no entanto, era diferente.

Quando Charles deixou a casa de tia Tranter, na Broad Street, e cobriu a pé a curta distância até seu hotel, para em seguida subir com ar solene — pois um homem que se mostra apaixonado não se alinha entre os tolos deste mundo? — até seu quarto, indo postar-se diante do espelho a interrogar o belo rosto, Ernestina pediu licença e retirou-se para seu quarto. Queria ter uma última visão do noivo através das cortinas de renda, e também ver-se no único aposento da casa de sua tia que ela conseguia realmente tolerar.

Depois de admirar devidamente seu modo de caminhar, e especialmente seu gesto de tirar a cartola para cumprimentar a criada de tia Tranter que por acaso saía a serviço (ainda que o detestando por isso, pois a moça tinha os olhinhos buliçosos das camponesas de Dorset e um provocante tom rosado nas faces — além disso, Charles fora terminantemente proibido de levantar os olhos para qualquer mulher com menos de sessenta anos, restrição essa da qual tia Tranter escapara milagrosamente pela diferença de um ano), Ernestina afastou-se da janela. Seu quarto fora mobiliado para ela de acordo com seu gosto, que era definitivamente francês, tão pomposo, na época, quanto o inglês, embora um pouco mais extravagante e cheio de douraduras. O resto da casa de tia Tranter era inexoravelmente, maciçamente, irrefutavelmente decorado no estilo em voga um quarto de século antes, isto é, um museu de objetos concebidos ao eclodir a primeira e grande rebelião contra tudo o que fosse decadente, leve e gracioso, e a que a memória ou os costumes do odioso Jorge IV pudessem estar associados. Ninguém deixava de gostar de tia Tranter, e a simples idéia de que uma pessoa se deixasse irritar por aquele rosto candidamente sorridente e loquaz — principalmente loquaz — era absurda. Ela possuía o inesgotável otimismo das solteironas bem-sucedidas. A solidão, quando não azeda as pessoas, ensina-lhes a auto-

suficiência. Tia Tranter começara por fazer com que as coisas funcionassem da melhor maneira possível para si própria, e terminara fazendo com que funcionassem igualmente bem para o resto do mundo.

Não obstante, Ernestina esforçava-se para irritar-se com ela. Rebelava-se contra a impossibilidade de o jantar ser servido às cinco; contra os fúnebres móveis que entulhavam o resto da casa; contra o excesso de cuidados da tia em preservar seu bom nome (a tia não admitia que um casal de noivos desejasse ficar a sós ou passear desacompanhado); e, acima de tudo, contra o simples fato de se achar ela, Ernestina, em Lyme. A pobre moça teve que passar pela agonia que aflige toda filha única desde o começo dos tempos, sufocada sob o implacável dossel da proteção paterna. Desde seu nascimento, a mais ligeira tosse trazia os médicos à sua casa. Desde a puberdade, o mais leve capricho era sinal para a convocação de decoradores e costureiras. E, sempre, o mais leve indício de tristeza causava no papai e na mamãe longas e secretas horas de auto-recriminação. Tudo isso tinha pouca importância, quando se tratava de novos vestidos ou novas cortinas, mas havia um assunto em que sua bouderie <sup>{15}</sup> e suas queixas não causavam a menor moça. Era sua saúde. Seus pais estavam convencidos de que a moça tinha propensão para a tísica. Bastava que suspeitassem de alguma umidade no porão para que mudassem de casa, ou que chovesse dois dias seguidos onde estivessem passando as férias para que procurassem outro lugar.

Metade dos médicos da Harley Street já a tinha examinado, nada encontrando. Ela nunca sofrera uma doença grave em sua vida, jamais sentira a astenia, a fraqueza crônica comum às pessoas tísicas. Era capaz — ou teria sido, se lhe permitissem — de dançar a noite inteira e de jogar peteca a manhã toda no dia seguinte, sem sentir a menor indisposição. Mas tinha tão pouca probabilidade de arrancar essa idéia fixa da cabeça de seus dedicados pais quanto uma criança teria forças para mover uma montanha. Se eles pudessem ter uma visão do futuro! Pois Ernestina iria sobreviver a

toda a sua geração. Nasceu em 1846, e morreu no dia em que Hitler invadiu a Polônia.

Uma parte indispensável de seu desnecessário regime consistia, pois, em uma visita anual à casa da irmã de sua mãe, em Lyme. Geralmente ia para lá a fim de se recuperar da temporada social, mas naquele ano o objetivo fora reunir forças para enfrentar o casamento. Não havia dúvida de que a brisa do canal Ihe fazia um certo bem, mas a moça sempre descia da carruagem em Lyme com a melancolia de um prisioneiro chegando à Sibéria. A sociedade local estava tão em dia com a moda quanto os pesados móveis de mogno de tia Tranter, e as diversões, para uma jovem senhorita acostumada a tudo o que Londres tinha de melhor para oferecer, era como se não existissem. Seu comportamento em relação à tia Tranter era mais o de uma criança travessa, de uma Julieta inglesa para com sua governanta de pés chatos, do que o que se espera geralmente de uma sobrinha para com sua tia. De fato, se Romeu não tivesse aparecido misericordiosamente em cena no inverno anterior, prometendo compartilhar de sua forçada solidão, ela se teria rebelado. Pelo menos, estava convicta de que o teria feito. Ernestina tinha muito mais força de vontade do que imaginavam os que conviviam com ela — e muito mais do que o comum na sua época. Felizmente, porém, tinha o devido respeito pelas convenções, e um certo senso de auto-ironia, também presente em Charles — o que representou inicialmente uma parte ponderável na atração que sentiram um pelo outro. Sem essa dose de ironia e também um certo senso de humor, ela teria se tornado uma moça insuportavelmente mimada. E o fato de muitas vezes censurar a si própria exatamente por esse motivo redimia-a inteiramente.

Naquela tarde, em seu quarto, ela tirou o vestido e se postou diante do espelho, de combinação e anágua, mergulhando por alguns momentos numa autocontemplação altamente narcisista. O pescoço e os ombros faziam justiça a seu rosto. Ela era realmente bonita, uma das moças mais bonitas que conhecia. Como para provar isso, levantou os braços e soltou os cabelos, uma coisa que sentia ser vagamente pecaminosa, e no entanto necessária, como

um banho quente ou uma cama bem aquecida numa noite de inverno. Por alguns instantes realmente pecaminosos, ela se imaginou uma mulher de má fama — uma dançarina, uma atriz. E então, se a estivesse observando, o leitor teria visto algo bastante curioso. Pois de repente ela parou de se pavonear diante do espelho e desviou bruscamente os olhos para o teto. Seus lábios se moveram, e, abrindo apressadamente um de seus guarda-roupas, ela tirou de lá um peignoir.

Pois o que lhe passara pela cabeça — ao ver de relance um canto de sua cama refletido no espelho quando fazia piruetas diante dele — fora um pensamento sexual: uma vaga visão de membros nus entrelaçados, como as monstruosas serpentes do Laocoonte [{16}](#). Não era unicamente sua profunda ignorância a respeito da copulação o que a assustava, e sim a aura de dor e de brutalidade que parecia envolver o ato, a negação de todos aqueles gestos delicados, de todas aquelas discretas carícias que tanto a haviam atraído em Charles. Ela assistira por uma ou duas vezes à cópula de animais, e sua violência não lhe saía da mente.

Assim, estabelecera para si própria uma espécie de mandamento particular, cujos termos consistiam em duas simples palavras: "Não devo", sempre que as funções físicas de seu corpo de mulher — sexuais, menstruais e de parturição — tentavam penetrar em sua consciência. Mas os lobos, mesmo mantidos à distância, não deixam de uivar lá fora na escuridão. Ernestina desejava um marido, desejava que Charles fosse esse marido, desejava filhos. Mas suspeitava vagamente que o preço que teria de pagar seria excessivo.

Às vezes, ela se perguntava por que Deus havia permitido que uma forma tão brutal de dever estragasse um desejo tão inocente. A maioria das mulheres de seu tempo, e dos homens também, pensava da mesma forma. Não é de admirar, pois, que o dever se tenha tornado a principal chave para a compreensão da era vitoriana — e, para falar a verdade, da nossa também [{17}](#).

Depois de acalmar os lobos, Ernestina encaminhou-se para sua penteadeira, abriu uma gaveta e tirou dela seu diário, encadernado em marroquina preto e com fecho de ouro. De outra gaveta tirou a chave escondida e abriu o livro. Procurou imediatamente a última página. Ali anotara todos os meses e dias que faltavam para seu casamento. Dois meses já haviam sido cortados por firmes riscos, mas ainda sobravam noventa dias. Ernestina apanhou então o lápis de marfim preso no diário e passou um traço no dia 26 de março. Ainda faltavam nove horas para que o dia terminasse, mas geralmente ela se permitia essa pequena fraude. Depois voltou ao começo do livro, ou quase ao começo, porque o havia recebido como presente de Natal. Depois de umas quinze páginas, cobertas com uma letra compacta, havia um espaço em branco, onde ela havia guardado um raminho de jasmim. Contemplou-o por um momento, depois curvou-se para cheirá-lo. Seus cabelos soltos caíram sobre a página, e ela fechou os olhos, tentando reviver o momento delicioso, o dia em que imaginara morrer de felicidade e chorara interminavelmente, o inefável dia.

Mas ouviu os passos de tia Tranter na escada e guardou apressadamente o livro, pondo-se em seguida a pentear seus finos cabelos castanhos.

## 6

*"Ah, Maud, you milk-white fawn, you are dl unmeet for a wife."* [{18}](#)

*Tennyson, "Maud" (1855)*

O rosto da Sra. Poulteney, na tarde em que o vigário voltou para anunciar-lhe o nome da mulher, exprimiu uma notável ignorância. E com senhoras do seu tipo, um apelo malsucedido aos seus conhecimentos geralmente significava um apelo seguro à sua desaprovação. Seu rosto se ajustava admiravelmente a este último sentimento. Os olhos nada tinham do que Tennyson chamou de "silenciosas moradas da prece", e as bochechas flácidas, quase como barbelas, comprimiam os lábios numa condigna repulsão a tudo o que ameaçava seus dois princípios de vida: o primeiro rezava que "Civilização é Sabão" (e aqui eu me valho da sarcástica definição de Treitschke), e o outro, que "respeitabilidade é tudo aquilo que não me ofende". Ela possuía uma certa semelhança com um pequinês branco — para ser exato, com um pequinês empalhado, uma vez que trazia sempre no seio um saquinho de cânfora como medida profilática contra o cólera, de tal forma que, onde quer que estivesse, pairava sempre no ar um leve cheiro de veneno contra traças...

— Não a conheço.

O vigário sentiu-se repelido, e ficou a conjecturar sobre o que teria acontecido se fosse a Sra. Poulteney, e não um pobre viajante, que o Bom Samaritano tivesse encontrado.

— Já imaginava que não a conhecesse. É uma moça de Charmouth.

— Uma moça?

— Isto é, não estou bem certo de sua idade. É uma mulher, uma senhora de uns trinta anos, talvez mais. Não sei calcular exatamente. — O vigário percebeu que iniciara mal a defesa da ré ausente. — Mas trata-se de um caso muito triste e que bem merece sua caridade.

— Ela tem alguma instrução?

— Tem, de fato. Foi educada para ser governanta, e na verdade era governanta.

— E que faz agora?

— Creio que está sem emprego.

— Por quê?

— É uma longa história.

— Gostaria muito de ouvi-la antes de continuar a conversa.

E assim o vigário sentou-se de novo e contou-lhe tudo o que sabia, ou quase tudo (pois em sua corajosa tentativa de salvar a alma da Sra. Poultenev ele estava decidido a pôr a sua em perigo), a respeito de Sarah Woodruff.

— O pai da moça era um dos arrendatários das terras de lorde Meriton, perto de Beaminster. Não passava de um granjeiro, mas era um homem de excelentes princípios e altamente respeitado nas redondezas. Sabiamente, proporcionou à filha uma educação muito melhor do que se podia esperar.

— Ele já morreu?

— Há alguns anos. A moça empregou-se como governanta na casa do capitão John Talbot, de Charmouth.

— Estará ele disposto a dar-me uma carta de referência?

— Minha cara Sra. Poultenev, estamos falando, se bem entendi nossa conversa anterior, sobre caridade, não sobre emprego. — Ela fez um leve aceno de cabeça, o gesto mais aproximado a um pedido de desculpa que alguém já a vira fazer. O vigário prosseguiu: — Não há dúvida de que poderemos conseguir essa carta. O que aconteceu

foi o seguinte: a senhora se recorda de um barco francês, creio que vinha de Saint-Malo, que encalhou abaixo de Stonebarrow durante o terrível temporal de dezembro último? Sem dúvida deve se lembrar de que três de seus tripulantes foram salvos e recolhidos pelo povo de Charmouth. Dois eram simples marinheiros, mas o terceiro, pelo que fiquei sabendo, era um tenente que comandava o barco. Sua perna foi esmagada ao primeiro impacto, mas ele se agarrou a uma verga e foi atirado à praia. A senhora deve ter lido qualquer coisa a respeito.

— Provavelmente. Não gosto dos franceses.

— Sendo ele também um oficial da marinha, o capitão Talbot decidiu generosamente entregar aos cuidados de sua própria família o... oficial estrangeiro. Ele não falava inglês, e a Srta. Woodruff ficou encarregada de servir de intérprete e cuidar dele.

— Ela fala francês? — O alarma da Sra. Poulteney diante dessa espantosa revelação quase fez o vigário sucumbir. Não obstante, ele apenas inclinou a cabeça e sorriu cortesmente.

— Minha cara senhora, isso é comum entre governantas. Não lhes cabe culpa se o mundo exige delas esses requisitos. Mas, voltando ao cavalheiro francês, é lamento dizer que ele não merecia esse título...

— Sr. Forsythe!

Ela se empertigou na cadeira, sem contudo mostrar excessiva severidade, para não correr o risco de reduzir para sempre o pobre homem ao silêncio.

— Apresso-me a acrescentar que nada de condenável ocorreu na casa do capitão Talbot, ou em qualquer outro lugar, para falar a verdade, no que se refere à Srta. Woodruff. Sobre isso eu me fio na palavra do sr. Fursey-Harris. Ele conhece os fatos melhor do que eu. — A pessoa a quem ele se referia era o vigário de Charmouth. — Mas o francês acabou por despertar na moça uma grande afeição. Quando sua perna ficou boa, ele tomou uma carruagem para Weymouth com a intenção, segundo se acreditava, de embarcar de

volta à sua terra. Dois dias depois de sua partida, a Srta. Woodruff solicitou à Sra. Talbot, em termos de urgência, que lhe permitisse deixar o emprego. Fui informado de que a Sra. Talbot tentou obter da moça uma explicação para sua atitude, sem resultado.

— E ela deixou-a partir sem demora?

O vigário aproveitou-se ladinamente da oportunidade.

— Estou pronto a admitir que foi um ato impensado de sua parte. Devia ter refletido um pouco mais. Se a Srta. Woodruff tivesse uma patroa mais sensata, tenho certeza de que não teria acontecido o que aconteceu. — Fez uma pausa, para que a Sra. Poulteney percebesse o cumprimento implícito em suas palavras. — Vou encurtar a história. A Srta. Woodruff reuniu-se ao francês em Weymouth. Sua conduta é altamente censurável, mas fui informado de que se hospedou na casa de uma prima.

— Isso não a desculpa a meus olhos.

— Claro que não. Mas a senhora não deve esquecer que ela não é uma moça bem-nascida. As classes baixas não são tão escrupulosas quanto às aparências. Além do mais, esqueci-me de dizer que o francês tinha empenhado sua palavra. A Srta. Woodruff foi para Weymouth convencida de que ia casar-se com ele.

— Mas ele não era católico?

A Sra. Poulteney via a si própria como uma imaculada ilha de Patmos no mar revolto da catolicidade.

— Receio que sua conduta tenha mostrado ser ele inteiramente desprovido de fé cristã. Mas sem dúvida disse a ela que era um de nossos infortunados correligionários naquele mal-orientado país. Após alguns dias ele retornou à França, prometendo à moça que, tão logo revisse a família e providenciasse um novo barco para si — outra de suas mentiras foi que seria promovido a capitão ao chegar lá —, voltaria para Lyme, casaria com ela e a levaria consigo. Ela vem esperando desde então. É fora de dúvida que o homem não passava de um perverso sedutor. É evidente que pretendia praticar algum ato abominável com a pobre criatura em Weymouth. E

quando os firmes princípios cristãos da moça mostraram claramente a futilidade de seus propósitos, ele partiu.

— E que aconteceu a ela depois? Não creio que a Sra. Talbot a tenha aceitado de volta.

— Minha senhora, a Sra. Talbot é uma pessoa um tanto excêntrica. Na verdade, prontificou-se a fazer isso. Mas agora passo a relatar as tristes conseqüências de minha história. A Srta. Woodruff não é louca. Longe disso. É perfeitamente capaz de executar quaisquer tarefas que lhe sejam confiadas. Mas é atacada por profundas crises de melancolia, sem dúvida causadas em parte pelo remorso, mas igualmente, receio, pela ilusória convicção de que o tenente é um homem de palavra e um dia voltará para ela. Por essa razão pode ser vista freqüentemente rondando as praias de nossa cidade. O próprio sr. Fursey-Harris tem envidado todos os esforços para mostrar à mulher a inutilidade, para não dizer a impropriedade, de sua atitude. Para colocar as coisas no seu devido lugar, minha senhora, ela está sofrendo de uma ligeira perturbação mental.

Fez-se silêncio então. O vigário colocou-se nas mãos de um deus pagão — o da sorte. Percebeu que a Sra. Poulteney pesava os prós e contras da situação. A opinião que tinha de si própria exigia que se mostrasse chocada e alarmada com a idéia de permitir a entrada de semelhante criatura na Mansão Marlborough. Mas Deus tinha que ser levado em conta.

— Ela tem parentes?

— Não que eu saiba.

— Como conseguiu manter-se até agora?...

— Da maneira mais miserável possível. Ouvei dizer que anda fazendo alguns trabalhos de agulha. Creio que a Sra. Tranter a empregou nesse serviço. Mas tem vivido principalmente das economias feitas durante o tempo em que esteve empregada.

— Quer dizer então que ela economizou alguma coisa.

O vigário respirou de novo.

— Se a senhora aceitá-la, estou certo de que poderá salvá-la definitivamente. — Jogou seu último trunfo. — E talvez, embora não caiba a mim julgar sua consciência, ela possa, por seu turno, salvar alguém.

A Sra. Poulteney teve repentinamente uma deslumbrante e celestial visão. Nela aparecia Lady Cotton metendo sua viola no saco... de esmolas. De testa franzida, a Sra. Poulteney contemplava seu felpudo tapete.

— Gostaria que o sr. Fursey-Harris viesse falar comigo.

Uma semana mais tarde, acompanhado pelo vigário de Lyme, ele apareceu em sua casa, bebericou vinho do Porto e disse algumas coisas, omitindo outras, como lhe aconselhara o colega eclesiástico. A Sra. Talbot forneceu uma interminável carta de referência, que fez mais mal do que bem, já que por infelicidade deixava de condenar suficientemente a conduta da governanta. Um trecho, em particular, enfureceu a Sra. Poulteney: "Monsieur Varguennes era um homem de grande encanto pessoal, e o capitão Talbot pede-me para dizer-lhe que a vida de um marinheiro não é propriamente um modelo de moralidade". Também não interessava a ela saber que a Srta. Sarah era uma "eficiente e responsável professora", nem que "os meus filhos têm sentido profundamente sua falta". Mas os baixos padrões morais evidenciados pela Sra. Talbot e seu tolo sentimentalismo acabaram por ajudar Sarah junto à Sra. Poulteney, pois lhe apresentaram um desafio.

E assim Sarah veio para uma entrevista, acompanhada do vigário. Ela agradou secretamente à Sra. Poulteney logo de início, por parecer tão deprimida, tão aniquilada pela sua situação. É bem verdade que sua aparência fazia suspeitar a idade que de fato tinha — mais próxima dos vinte e cinco do que dos "trinta, ou talvez mais". Mas havia sua tristeza, evidente demais, provando que era uma pecadora, e a Sra. Poulteney desejava ocupar-se de alguém que mostrasse pertencer claramente a essa categoria. E havia sua reserva, que a Sra. Poulteney decidiu interpretar como um mudo

sinal de gratidão. Acima de tudo, e porque guardava ainda a lembrança dos inúmeros criados que a tinham abandonado, a velha senhora detestava a impertinência e a desenvoltura, termos que na sua opinião implicavam, com referência aos criados, falar antes de lhes ser dirigida a palavra e adivinhar suas ordens, o que a privava do prazer de lhes perguntar por que não as tinham adivinhado.

Depois, atendendo a uma sugestão do vigário, ela ditou uma carta. A letra era excelente, a ortografia, impecável. Resolveu fazer outro teste, mais sutil. Passou a Sarah uma Bíblia para que lesse alguns trechos. A Sra. Poulteney tinha dedicado algum tempo à escolha das passagens, e se vira indecisa entre o Salmo 119 ("Abençoados sejam os puros") e o Salmo 140 ("Livrai-me, ó Senhor, do homem maligno"). Escolheu finalmente o primeiro, e ficou ouvindo a modulação da voz mas também observando se algum indício fatal não iria revelar que as palavras do salmista calavam fundo no coração da mulher.

A voz de Sarah era firme e profunda. Conservava leves traços do sotaque campesino, mas naqueles tempos uma pronúncia aristocrática ainda não fazia parte dos requisitos sociais, como ocorreria mais tarde. Havia homens na Câmara dos Lordes, até mesmo alguns duques, que ainda conservavam vestígios do sotaque de suas províncias, e ninguém os menosprezava por isso. Foi talvez pelo contraste com o insípido gaguejar da Sra. Fairley que a voz satisfez de início a Sra. Poulteney. Mas acabou por conquistá-la inteiramente, encantando-a a maneira como a moça leu: "Oh, que meus caminhos me levem a seguir Teus preceitos!"

Restava agora fazer um breve interrogatório.

— O sr. Forsythe me disse que você se afeiçãoou a um homem estrangeiro.

— Não desejo falar sobre o assunto, senhora.

Se alguma das criadas tivesse tido a audácia de dizer semelhante coisa para a Sra. Poulteney, o Dies irae{19} teria acontecido. Todavia, as palavras foram ditas de maneira tão franca e

destemerosa, embora com respeito, que a Sra. Poulteney deixou passar, por uma vez pelo menos, essa oportunidade de ouro para fazer uma reprimenda.

— Não quero ver livros franceses em minha casa.

— Não possuo nenhum. Nem ingleses, senhora.

E não os possuía — convém acrescentar — porque os tinha vendido todos, não porque fosse uma remota precursora das teorias do egrégio McLuhan.

— Nem mesmo uma Bíblia?

A moça sacudiu a cabeça. O vigário interveio.

— Eu cuidarei disso, minha cara Sra. Poulteney.

— Fui informada de que você não costuma faltar aos serviços religiosos.

— É verdade.

— Que continue assim. Deus nos dá consolo na adversidade.

— Procuo acreditar sinceramente nisso, senhora.

Foi então que a Sra. Poulteney fez a pergunta mais difícil, e que o vigário tinha, na verdade, pedido a ela que não fizesse.

— E se essa... pessoa voltar? Que pretende fazer?

Mas de novo Sarah reagiu da melhor maneira possível: nada respondeu. Simplesmente baixou a cabeça e a sacudiu. Em sua disposição cada vez mais favorável em relação a ela, a Sra. Poulteney tomou esse gesto como um indício de mudo arrependimento.

E assim, ela deu início à sua boa ação.

Não lhe ocorrera, evidentemente, perguntar por que razão Sarah, que havia recusado ofertas de emprego de outras almas menos impolutas do que a da Sra. Poulteney, resolvera aceitar a sua. Havia duas razões, muito simples. Uma era que, da Mansão Marlborough, descortinava-se uma magnífica vista da baía de Lyme.

A outra era ainda mais simples. Todos os bens de Sarah neste mundo se resumiam naquele momento a apenas sete níqueis.

## 7

*"A extraordinária produtividade da indústria moderna (... ) dá margem a que se empregue improdutivamente uma fração cada vez maior das classes trabalhadoras, com o conseqüente retorno, em escala sempre crescente, dos antigos escravos domésticos sob o nome de classe servil, o que inclui criados, criadas, lacaios, etc."*

Marx, O capital (1867)

A manhã, quando Sam afastou as cortinas, derramou-se sobre Charles como a Sra. Poulteney — ainda audivelmente adormecida — gostaria que o paraíso se derramasse sobre ela, após uma pausa, convenientemente solene, quando morresse. Uma dezena de vezes aproximadamente, todos os anos, o clima da aprazível costa de Dorset proporciona dias assim — não apenas dias agradavelmente amenos e fora da estação, mas deslumbrantes fragmentos do calor e da luminosidade do Mediterrâneo. A natureza perde então ligeiramente a cabeça. Aranhas que deviam estar em hibernação correm pelas ardentes pedras de novembro, melros cantam em dezembro, primulas desabrocham em janeiro, e março imita junho.

Charles sentou-se na cama, arrancou o gorro de dormir e fez Sam escancarar as janelas. Apoiando-se nas mãos, ficou a contemplar o sol que inundava o quarto. A leve melancolia que o oprimira no dia anterior fora levada com as nuvens. Sentia o ar primaveril infiltrar-se no camisão semi-aberto e acariciar seu pescoço nu. Sam estava afiando sua navalha, e do jarro de cobre que Charles trouxera consigo o vapor subia convidativamente, com uma força evocativa verdadeiramente proustiana — trazendo à lembrança muitos outros dias como aquele, imbuídos de toda a segurança que

provém da posição, da ordem, da calma, da civilização. Embaixo, na ma calçada de pedras, um cavaleiro seguia a trote, tranqüilamente, em direção ao mar. Uma brisa um pouco mais forte agitou as gastas cortinas de veludo vermelho da janela, mas à claridade reinante até elas pareciam bonitas. Tudo ia divinamente bem. O mundo seria sempre assim, como naquele momento.

Ouvia-se um patear de cascos pequenos, uma agitação acompanhada de balidos e choramingos. Charles levantou-se e foi olhar à janela. Dois velhos vestindo rústicos aventais estavam parados do outro lado da rua, conversando. Um deles era pastor, e se apoiava em seu cajado. Doze ovelhas e um número maior, de cordeirinhos ocupavam nervosamente o meio da rua. Essas relíquias de uma Inglaterra muito mais antiga já se haviam tornado um pitoresco anacronismo em 1867, embora não fosse raro encontrá-las. Quase todos os povoados tinham seu punhado de velhos pastores. Charles desejou saber desenhar. Realmente, a região era encantadora. Voltou-se para o criado.

— Dou-lhe minha palavra, Sam, que num dia como este eu seria capaz de aceitar a idéia de jamais voltar a Londres.

— Se o senhor continuar parado aí, tomando todo esse vento, aposto que não voltará mesmo.

— Sam, você andou bebendo de novo.

— Não, senhor.

— Seu novo quarto é melhor?

— É, sim, senhor.

— E o povo daqui?

— É bem camarada, sr. Charles.

— Quod est demonstrandum. Você está com uma cara hoje que faria um mudo falar. Ergo, você andou bebendo.

Sam experimentou o fio da navalha na borda de seu miúdo polegar, e a expressão de seu rosto sugeria que ele poderia

experimentá-lo a qualquer momento em sua própria garganta, ou talvez na de seu sorridente patrão.

— E tudo por causa daquela sirigaita que trabalha na casa da Sra. Tranter. Se ela está pensando que eu...

— Quer fazer a gentileza de largar essa navalha? Agora explique-se.

— Eu vi ela. Lá fora. — Fez um gesto com o polegar, indicando a janela. — Ela gritou para mim do outro lado da rua.

— E que foi que ela gritou, você quer me dizer?

A expressão de Sam tornou-se mais sombria ao lembrar o ultraje. — "Onde está o seu saco de fuligem?" — Fez uma pausa, arrasado. — Patrão...

Charles riu.

— Conheço a moça. Não é uma que usa um vestido cinza e é feia de meter medo? — Isso não foi gentil da parte de Charles, uma vez que se estava referindo à moça a quem havia cumprimentado na tarde anterior, uma das criaturinhas mais graciosas de que Lyme podia se orgulhar.

— Ela não é feia demais, não. Pelo menos para a gente olhar.

— Ah! Quer dizer então que Cupido está fazendo das suas com os *cockneys*?<sup>{20}</sup>

Sam atirou-lhe um olhar indignado.

— Eu não encostaria nela nem com a ponta de uma vara! Criadinha metida a besta!

— Sam, espero que tenha falado sem pensar. Você pode ter nascido, como já afirmou várias vezes, numa taverna...

— Perto de uma taverna...

— Pois bem, numa casa bem próxima a uma taverna, mas não vou permitir que use essa linguagem num dia como este.

— O que dói é a humilhação, sr. Charles. Todo mundo ouviu. — Uma vez que "todo mundo" incluía exatamente duas pessoas, uma das quais surda como uma porta, Charles não se deixou comover. Sorriu apenas, e com um gesto indicou a Sam que podia despejar a água quente para seu banho.

— E agora trate de preparar meu café, como um bom rapaz. Hoje eu mesmo vou fazer minha barba. E traga-me uma porção dupla de bolinhos.

— Sim, senhor.

Mas quando o desconsolado Sam já se retirava, Charles fê-lo parar à porta, apontando para ele o pincel de barba, acusadoramente.

— Essas moças do interior são tímidas demais para que ousem dizer coisas tão grosseiras a um distinto cavalheiro de Londres, a não ser em caso de uma forte provocação. Estou muito desconfiado, Sam, de que você andou correndo mais do que devia. — Sam ficou parado à porta, boquiaberto. — E, se não tratar de correr o dobro agora, para trazer meu café, vai correr de fato quando eu plantar a ponta de minha bota na parte posterior de sua maldita anatomia.

A porta fechou-se então, e de maneira não muito delicada. Charles piscou para si próprio no espelho. E de repente fez seu rosto envelhecer uma década, e ele era todo gravidade agora, com o ar solene do jovem pater famílias. Sorriu indulgentemente para suas duas faces e para sua própria euforia, mergulhando numa afetuosa contemplação de suas feições. Eram na verdade muito regulares — uma testa ampla, um bigode tão negro quanto seu cabelo, que se tinha desmanchado ao tirar o gorro, fazendo-o parecer mais jovem. Sua pele era convenientemente pálida, embora não tanto quanto a da maioria dos cavalheiros londrinos — pois nesse tempo uma pele bronzeada pelo sol ainda não era um símbolo social e sexual cobijado. Pelo contrário, indicava uma origem inferior. Na verdade, submetido assim a um exame, seu rosto lhe parecia levemente tolo nesse momento. Uns restos do tédio do dia anterior envolveram-no de novo. Quando despojado de sua máscara formal, para uso

externo, era um rosto inocente e incompleto demais. De fato, sobravam apenas o nariz dórico e os imperturbáveis olhos cinzentos. Educação e autoconhecimento, era evidente que os possuía.

Começou a cobrir o ambíguo rosto com espuma de sabão.

Sam tinha dez anos menos do que ele, e era jovem demais para ser um bom criado. Além disso, era distraído, rixento e vaidoso, imaginando-se ladino. Tinha excessiva propensão para se divertir e vadiar, e era quase sempre visto com um fiapo de palha ou um raminho de salsa enfiado no canto da boca, indolentemente encostado em algum lugar. Quando seu nome era chamado aos berros no andar de cima, muitas vezes ele era encontrado bancando o entendido em criação de cavalos ou pegando pardais com a ajuda de uma peneira.

Para nós, naturalmente, qualquer criado inglês de origem cockney lembra logo o imortal Weller, e não há dúvida de que foi do mesmo ambiente que emergiu o presente Sam. Mas trinta anos já tinham decorrido desde que os Pickwick papers fulgiram pela primeira vez no mundo. O amor de Sam pelos eqüinos não era muito arraigado. Motivavam-no mais ou menos as mesmas razões que levam o operário de hoje a mostrar-se um grande entendido em carros, imaginando com isso ajudar sua ascensão na escala social. Ele próprio já ouvira falar em Sam Weller, não através do livro e sim de uma peça teatral, e sabia que os tempos tinham mudado. Sua geração estava situada um degrau acima de tudo aquilo, e se ele vivia rondando os estábulos era principalmente para mostrar essa diferença de nível aos cavaleiros e criados da provinciana hospedaria.

Em meados do século, tinha surgido no cenário inglês uma nova espécie de dândi. A versão da antiga classe alta, os estiolados descendentes do Belo Brumel, eram chamados de "janotas", mas os jovens e prósperos artesãos e os criados das classes superiores,

como Sam, tinham também entrado na competição no que se referia ao apuro no trajar. Eram chamados "esnobes" pelos próprios janotas. Sam era um clássico exemplo do esnobe, no sentido regional da palavra. Tinha um agudo senso de elegância masculina — tão agudo quanto o de um mod <sup>{21}</sup> dos nossos anos 60. Gastava a maior parte do seu salário procurando manter-se em dia com a moda. Outro indício de que se mostrava consciente de sua nova posição era o esforço para melhorar sua linguagem.

Por volta de 1870, a famosa incapacidade de Sam Weller para pronunciar a consoante **v** sem confundi-la com o **w** — secular característica do londrino de classe baixa — era tão ridicularizada pelos esnobes quanto pelos romancistas burgueses, que continuaram por algum tempo, e de maneira inteiramente imprópria, a usá-la nos diálogos entre personagens de origem *cockney*. A luta mais violenta travada pelos esnobes era contra as letras aspiradas. No caso de Sam, era uma luta feroz, em que as derrotas eram mais freqüentes do que as vitórias. Mas sua errônea pronúncia do **a** e do **h** não era propriamente cômica, e sim o indício de uma revolução social — e isso Charles não soube perceber.

Talvez porque Sam lhe proporcionasse algo muito necessário para sua vida — uma oportunidade diária de conversar, de voltar aos seus dias de estudante, ocasião em que Charles podia dar vazão a seu característico e deplorável pendor para o uso de subentendidos e estudados trocadilhos, humor esse baseado, de forma singularmente revoltante, nos privilégios da educação. Entretanto, e embora a atitude de Charles parecesse juntar o insulto à ofensa, já em si grave, da exploração econômica, quero esclarecer que suas relações com Sam não deixavam de incluir uma certa afeição, um certo calor humano, mais salutar do que a frígida barreira que a maioria dos novos-ricos — numa época onde abundavam — começava a erguer entre eles próprios e seus criados.

É bem verdade que Charles provinha de uma longa linhagem de patrões, o que não ocorria com os novos-ricos, os quais, na maioria das vezes, eram filhos de criados. Charles não podia

imaginar um mundo sem criados, mas os novos-ricos podiam, e era isso o que os fazia tão ferozmente exigentes em sua nova posição. Tentavam transformar seus criados em máquinas, ao passo que Charles sabia muito bem que o seu fazia em parte o papel de companheiro, era seu Sancho Pança, o bufão que lhe dava apoio na sua adoração espiritual de Ernestina-Dulci-néia. Em resumo, conservava Sam porque geralmente se divertia em sua companhia, e não porque lhe fosse impossível encontrar "máquinas" melhores.

Mas a diferença entre Sam Weller e Sam Farrow (isto é, entre 1836 e 1867) consistia em que um era feliz no seu papel, ao passo que o outro sofria com ele. Weller teria respondido à altura à ofensa da criadinha, numa contundente vingança verbal. Sam empertigara-se, levantara o nariz e lhe voltara as costas.

## 8

*"There rolls the deep where grew the tree,  
O earth, what changes hast thou seen!  
There where the long street roars, hath been  
The stillness of the central sea.  
The hills are shadows, and they flow  
From form to form, and nothing stands;  
They melt like mist, the solid lands,  
Like douds they shape themselves and go." [{22}](#)*

*Tennyson, In memoriam (1850)*

*"Mas se uma pessoa desejar ficar à toa hoje em dia,  
e ser respeitada, o melhor pretexto é  
dedicar-se a algum estudo profundo..."*

*Leslie Stephen, Crônicas de Cambridge (1865)*

O rosto de Sam não era o único que se mostrava sombrio em Lyme, nessa manhã. Ernestina acordara com uma disposição de espírito que a brilhante promessa do dia só serviu para agravar. Seu mal era assunto íntimo, mas não havia dúvida de que Charles teria de sofrer suas conseqüências. Assim, quando ele apareceu religiosamente às dez horas na casa de tia Tranter, foi recebido apenas pela velha senhora: Ernestina tinha passado a noite ligeiramente indisposta e desejava repousar. Que tal se ele voltasse à tarde para o chá? Sem dúvida ela já estaria boa, então.

Às solícitas perguntas de Charles — "Não seria conveniente chamar um médico?" — a tia respondeu cortesmente com a

negativa. Ele retirou-se, pois. Tendo dado ordens a Sam para comprar todas as flores que pudesse e levá-las à casa da encantadora doente, não sem antes lhe dar permissão, e conselho, para levar em seu próprio nome um ou dois botões de rosa à jovem e hostil senhorita que o ofendera, para cuja agradável missão ele lhe dava o dia todo de folga como recompensa (nem todos os patrões vitorianos foram diretamente responsáveis pelo comunismo), Charles dispôs-se a enfrentar as horas livres de que dispunha.

Sua escolha foi fácil. É claro que estava disposto a ir a qualquer parte se o exigisse a saúde de Ernestina, mas é necessário convir que o fato de se achar ele em Lyme Regis tornava seus deveres pré-maritais muito mais fáceis de suportar, Stone-barrow, Black Ven, Ware Cliffs — esses nomes pouco significam para o leitor. Mas Lyme acha-se situada no centro de uma das raras regiões onde aflora à superfície uma pedra conhecida pelo nome de lias azul. Para um simples apreciador de paisagens, essa pedra nada tem de atraente. De um tom cinza extraordinariamente sombrio e consistência semelhante ao barro petrificado, seu aspecto é muito mais desagradável do que pitoresco. E é também traiçoeira, uma vez que é quebradiça e tem tendência para deslizamentos, resultando disso que esse pequeno trecho de aproximadamente dezoito quilômetros de lias azul já perdeu mais terreno para o mar, no curso da história, do que qualquer outra região no litoral da Inglaterra. Mas sua riqueza em fósseis e sua facilidade em quebrar-se fez do lugar uma Meca dos paleontologistas ingleses. Nos últimos cem anos o animal mais comum encontrado em seu litoral tem sido o homem, a empunhar uma marreta de geólogo.

Charles já tinha visitado o que talvez fosse a mais famosa loja de Lyme naqueles tempos, a Loja dos Fósseis, fundada pela notável Mary Anning, uma mulher de pouca instrução mas dotada de grande talento para descobrir espécimes valiosos e muitas vezes ainda não classificados. Foi a primeira pessoa a descobrir os ossos do *Ichthyosaurus platyodon* — e não há dúvida de que uma das grandes vergonhas da paleontologia inglesa consiste em que, embora muitos cientistas da época se tenham valido

agradecidamente dos achados de Anning para firmar sua própria reputação, não há nenhum espécime nativo em cuja classificação figure o termo "*anningii*". A essa memorável loja Charles prestou suas homenagens e seu tributo em dinheiro, adquirindo ali várias e cobiçadas amonites e ísocrina para ornar os armários envidraçados que cobriam as paredes de seu estúdio em Londres. Não obstante, sofreu uma pequena decepção, pois no momento ele estava se especializando num ramo de que havia poucos espécimes à venda na Loja dos Fósseis.

Tratava-se do ouriço-do-mar petrificado, ou equinodermo. É também chamado pelos ingleses de test (do latim "testa", vaso de barro ou cerâmica), e pelos americanos, de "dólar-da-areia". Os ouriços-do-mar variam de forma, embora sejam sempre perfeitamente simétricos, exibindo, em sua carapaça, desenhos formados por delicadas estrias eriçadas de pequenas farpas. Afora seu valor científico (uma série desenterrada em Beachy Head pouco depois de 1860 constituiu uma das primeiras provas práticas da teoria da evolução), eles são muito bonitos, além de possuírem o encanto adicional de serem difíceis de encontrar. Às vezes podem ser procurados durante vários dias, sem resultado, e a manhã em que a pessoa encontra dois ou três é realmente digna de ser lembrada. Talvez tenha sido isso o que atraiu Charles inconscientemente, considerando-se que ele era um colecionador nato e além do mais tinha tempo de sobra. É claro que tinha também razões científicas, e, juntamente com seus companheiros de diversão, costumava declarar indignado que os equinodermos haviam sido "vergonhosamente esquecidos", desculpa comumente usada para justificar o fato de dedicar tanto tempo a um ramo tão insignificante. Todavia, fossem quais fossem os seus motivos, a verdade é que seu coração estava voltado para os ouriços-do-mar.

Mas os ouriços-do-mar não provêm do lias azul, e sim de um estrato superior de sílica; devido a isso, o dono da loja aconselhou-o a fazer suas pesquisas na região a oeste da cidade, e não necessariamente na praia. Meia hora depois de passar pela casa de tia Tranter, Charles achou-se de novo no Cobb.

O enorme cais nada tinha de deserto nesse dia. Pescadores alcatroavam seus barcos, consertavam as redes e lidavam com seus cestos de caranguejos e lagostas. Havia também gente de melhor classe, turistas fora de temporada e moradores da região, passeando à beira do mar, ainda um pouco agitado mas não turbulento. Da mulher contemplativa não havia o menor sinal, conforme notou Charles. Mas não dedicou a ela, nem ao Cobb, senão um rápido pensamento. Com passo elástico e rápido, bem diferente do usado em seus indolentes passeios pela cidade, ele seguiu para seu destino ao longo da praia que margeia o Ware Cleeves.

Sua figura provocaria um sorriso no leitor, pois achava-se cuidadosamente equipado para seu papel. Usava pesadas botas com solas cravadas e polainas de lona onde se embutiam as calças tipo Norfolk de flanela grossa. Trazia também um paletó justo e absurdamente comprido, um chapéu de lona, de abas moles e num tom bege indefinido, uma pesada bengala que comprara a caminho do Cobb e uma volumosa mochila que, se a virássemos para baixo, despejaria um monte de martelos, caixinhas, envoltórios, cadernos de notas, enxós e só Deus sabe o que mais. Nada mais incompreensível para nós do que esse temperamento rigidamente metódico dos vitorianos. Podemos encontrá-lo em sua melhor forma (e mais ridícula) nas fartas recomendações fornecidas aos viajantes pelas edições mais antigas do Baedeker. Onde — é o que nos perguntamos — sobrar lugar para algum prazer? Como era possível, no caso de Charles, que ele não tivesse percebido que roupas leves seriam muito mais confortáveis? Que não havia necessidade de um chapéu? Que botas pesadas e com cravos nas solas eram tão apropriadas para andar numa praia cheia de pedregulhos quanto um par de patins?

Sim, isso nos faz rir. Mas talvez haja alguma coisa admirável em dissociar-se dessa maneira o que é mais confortável do que é mais recomendável. Defrontamo-nos aqui, mais uma vez, com o ponto nevrálgico da querela entre os dois séculos: devemos ser dirigidos pelo dever, [{23}](#) ou não? Se encararmos como mera estupidez e cegueira com relação às coisas práticas essa obsessão

de nossos antepassados, que sempre faziam questão de vestir-se de acordo com a ocasião e preparar-se para qualquer eventualidade, estaremos cometendo, creio, um grave e injusto erro. Pois foram homens semelhantes a Charles, trajados e equipados com o mesmo exagero, que lançaram os alicerces de toda a nossa ciência moderna. Suas tolices com referência a essa parte não eram mais do que um sintoma de sua seriedade com relação a outra, muito mais importante. Percebiam que as perspectivas do mundo de então não eram promissoras, e eles haviam permitido que sua visão da realidade se tornasse embaçada pelas convenções, a religião e a estagnação social. Sabiam, enfim, que tinham coisas a descobrir e que sua descoberta era da máxima importância para o futuro do homem. Geralmente acreditamos (a menos que trabalhemos num laboratório de pesquisas) que nada mais temos a descobrir, e que as únicas coisas que têm realmente importância para nós referem-se ao presente do homem. Melhor para nós? Talvez. Mas não seremos nós a dizer a última palavra a respeito.

Por conseguinte, eu não deveria ter rido com tanto gosto nesse dia, quando Charles, ao seguir pela praia dando pancadinhas com sua bengala aqui e ali e curvando-se para examinar de perto o solo, tentou pela décima vez saltar um vão entre duas pedras e escorregou, caindo ignominiosamente de costas. Não que Charles desse muita atenção a tombos, pois o dia estava lindo, os fósseis liássicos eram abundantes e ele logo se achou inteiramente só.

O mar cintilava, os maçaricos piavam nos céus. Um bando de aves mariscadoras, de plumagem preta, branca e vermelho-coral, passou voando acima de sua cabeça, como arautos de sua presença. Pelo caminho ele ia encontrando sedutoras poças de água do mar entre as rochas — e terríveis heresias passavam de relance pela mente do pobre rapaz: não seria mais divertido ... ou melhor, mais interessante do ponto de vista científico se se dedicasse à biologia marinha? Deixar Londres talvez, e ir morar em Lyme... mas Ernestina jamais concordaria com a idéia. Ocorreu mesmo — alegremente poder registrá-lo — um momento totalmente humano, em que Charles olhou cautelosamente à sua volta, certificando-se de sua

completa solidão, e em seguida tirou com cuidado as botas, as polainas e as meias. Um momento que recendia a seus tempos de escola, e ele tentou recordar um verso de Homero para tornar clássico esse momento, mas foi distraído pela necessidade de pegar um pequeno caranguejo que saiu a correr em direção à gigantesca sombra subaquática, sobre a qual Charles pousou seus atentos e protuberantes olhos.

Assim como o leitor talvez despreze Charles por seu excesso de equipamento, também poderá desprezá-lo por sua falta de especialização. Convém não esquecer, todavia, que a história natural não tinha então o sentido pejorativo que tem hoje, de uma fuga à realidade — no mais das vezes em direção ao sentimento. Além do mais, Charles era um botânico e um ornitólogo bastante competente. Talvez tivesse sido melhor se ele fechasse os olhos a tudo o que não fosse ouriços-do-mar, ou dedicasse sua vida ao estudo das algas — se é de progresso científico que estamos falando. Mas pensemos em Darwin e em A viagem do "Beagle". A origem das espécies é uma vitória da generalização, não da especialização. E ainda que o leitor pudesse provar para mim que esta última seria melhor para Charles, o bisonho cientista, ainda assim eu afirmaria que a primeira seria melhor para Charles, o ser humano. Não que os amadores não possam meter o nariz em tudo, pois têm o direito de metê-lo onde quiserem — e para o inferno com os emproados cientistas que tentam trancafiá-los dentro de uma *oubliette* <sup>{24}</sup> qualquer.

Charles considerava a si próprio um darwinista, e no entanto não tinha realmente compreendido Darwin. Mas, afinal de contas, nem o próprio Darwin o conseguira. O que esse homem de gênio fez foi jogar ao chão a *scala naturae* — a escada da natureza — de Lineu, cuja base, tão essencial para ela quanto a divindade de Cristo para a teologia, era a teoria da *nulla species nova*: nenhuma espécie nova pode surgir no mundo. Esse princípio explica a obsessão de Lineu pela classificação e pela nomenclatura, seu empenho em fossilizar tudo o que existia. Podemos encarar isso como uma tentativa, de antemão frustrada, de estabilizar e fixar o que na

realidade representa um fluxo constante — e parece-nos inteiramente cabível que o próprio Lineu tenha acabado louco. Sabia que se encontrava num labirinto, mas ignorava que as paredes e passagens desse labirinto estivessem eternamente em mutação. O próprio Darwin jamais conseguiu livrar-se inteiramente dos grilhões suecos, e dificilmente poderemos condenar Charles pelas idéias que lhe ocorreram ao contemplar os estratos liássicos nas rochas que se erguiam à sua frente.

Ele sabia que essa história de *nulla species nova* era tolice, e no entanto via nos estratos um sinal imensamente tranquilizador da ordem da existência. Talvez percebesse um simbolismo social, bastante apropriado para a época, na maneira como aquelas lâminas de pedra cinza-azulada se esboroavam; mas o que realmente viu foi uma espécie de edifício do tempo, no qual leis inexoráveis (e por conseguinte beneficentemente divinas — pois quem iria contestar que a ordem representasse o mais excelso bem humano?) estavam convenientemente dispostas para a sobrevivência do melhor e do mais forte — *exempli gratia*, Charles Smithson, naquele dia primaveril, sozinho, cheio de ardor e de perguntas, pronto a compreender, a aceitar e a anotar tudo com gratidão. O que faltava, naturalmente, era o corolário do colapso da "escada da natureza": se novas espécies podem surgir, as velhas espécies têm muitas vezes que abrir caminho para elas. De sua extinção individual Charles estava bem consciente, como nenhum vitoriano poderia deixar de estar. Mas a idéia da extinção geral estava tão ausente de sua cabeça, nesse dia, quanto se achavam ausentes as nuvens no céu, acima dele. Ainda assim, quando finalmente voltou a calçar as meias, as botas e as polainas, estava de posse de um exemplo bem concreto dela.

Tratava-se de um esplêndido fragmento de lias incrustado de amonite, extraordinariamente límpido — microcosmo de um macrocosmo, chuva de galáxias atiradas como uma explosão de fogos de artifícios sobre trinta centímetros de pedra. Depois de rotular devidamente o achado, anotando data e local do encontro, ele mais uma vez afastou-se aos pulos da ciência — dessa vez em

direção ao amor. Decidiu dar a pedra a Ernestina quando voltasse. Era bastante bonita para que lhe agradasse, e, no final das contas, em breve lhe seria devolvida, juntamente com ela. E o que era ainda melhor, o peso acrescentado às suas costas dava à pedra não só o valor de um esforço laborioso, como também de uma dádiva. O dever — em agradável conformidade com as tendências da época — punha de fora seu severo nariz.

Ele se deu conta, então, de que tinha caminhado mais vagarosamente do que desejara. Desabotoou o paletó e consultou seu cebolão de prata. Duas horas! Olhou rapidamente para trás e viu as ondas lambendo uma ponta de terra a um quilômetro e meio dali. Não corria risco de ficar preso pela maré, já que logo à sua frente avistava um caminho íngreme mas seguro, que subia pelo rochedo e ia dar na densa mata lá em cima. Mas não podia voltar pela praia. Seu objetivo fora alcançar aquele caminho, mas tivera a intenção de andar mais depressa e subir até o nível onde os estratos de sílica afloravam à superfície. Como castigo por sua lentidão, começou a subir o caminho com passo acelerado demais, e teve que se sentar para recobrar o fôlego, suando copiosamente sob as abomináveis roupas de flanela. Viu, porém, um pequeno regato ali perto, onde matou a sede e molhou seu lenço, passando-o pelo rosto. Feito isso, correu os olhos à sua volta.

## 9

*"... this heart, I know,  
To be long lov'd was never fram'd;  
But sotnething in its deptbs doth glow  
Too strange, too restless, too untamed."*{25}

*Matthew Arnold, "A farewell" (1853)*

Já mencionei as duas razões mais óbvias que levaram Sarah Woodruff a se apresentar diante da Sra. Poulteney para ser examinada. Ela, porém, seria a última pessoa a enumerar razões, ainda que inconscientemente. Mas havia outras; na verdade, devia haver muitas outras, pois ela não desconhecia a fama da Sra. Poulteney nas camadas sociais inferiores de Lyme. Ficou indecisa por um dia, depois resolveu pedir conselhos à Sra. Talbot. Acontece que esta jovem senhora era uma pessoa extremamente bondosa, mas não muito perspicaz, e embora desejasse a volta de Sarah — fizera-lhe na verdade uma proposta concreta nesse sentido —, não ignorava que a moça não se achava agora em condições de dar a necessária e constante atenção a seus pupilos, exigida por sua função de governanta.

Sabia que Sarah estava na miséria, e muitas vezes perdia noites de sono a imaginar cenas tiradas da romântica literatura de sua adolescência, nas quais famintas heroínas apareciam encolhidas à soleira coberta de neve de alguma porta, ou ardendo de febre entre as frias paredes de um sótão desnudo e cheio de goteiras. Havia uma cena, porém — na verdade, a ilustração de uma das edificantes histórias da Sra. Sherwood —, que sintetizava seus piores

temores. Uma mulher perseguida atirava-se do alto de um penhasco. Relâmpagos cortavam os ares, delineando no céu as cruéis silhuetas de seus perseguidores. Mas pior do que tudo eram o espantoso horror estampado no pálido rosto da condenada e sua capa, que se erguia e se enfunava às suas costas, ampla e trágica como as negras asas da morte.

Assim, a Sra. Talbot guardou para si suas dúvidas a respeito da Sra. Poulteney e aconselhou Sarah a aceitar o emprego. A ex-governanta despediu-se com um beijo do pequeno Paul e da pequena Virgínia e voltou a Lyme como uma mulher condenada. Confiava no julgamento da Sra. Talbot, e uma mulher inteligente que confiasse em outra pouco perspicaz, embora generosa, não agiria de outra forma.

Pois Sarah era inteligente, mas sua inteligência era de uma espécie rara, que certamente passaria despercebida em qualquer de nossos modernos testes universitários. Nada tinha de analítica, nem se prestava à solução de problemas — e é sem dúvida sintomático que uma das matérias que lhe haviam causado mais agonia na escola fosse a matemática. Igualmente, não se manifestava sua inteligência sob qualquer forma particular de vivacidade ou agudeza de espírito, mesmo em seus tempos mais felizes. Consistia antes numa estranha habilidade — realmente estranha numa pessoa que nunca estivera em Londres nem conhecera o mundo — em determinar o valor real das pessoas, em compreendê-las, na absoluta acepção do termo. Possuía uma espécie de equivalente psicológico da perspicácia inerente aos mercadores de cavalos, sua habilidade em distinguir quase à primeira vista o cavalo bom do mau. Era como se tivesse saltado um século e nascesse com um computador no coração. E digo coração porque os valores que ela computava referiam-se mais aos sentimentos do que ao intelecto. Percebia instintivamente a falsidade de um argumento, uma fingida erudição, um raciocínio bitolado, sempre que os encontrava. Mas sabia também ver, de maneiras mais sutis, através das pessoas. Sem que soubesse explicar como — da mesma forma que um computador não sabe explicar seu próprio funcionamento —, ela via

as pessoas como eram na realidade, e não como procuravam parecer. Não bastaria dizer que era uma excelente ajuizadora das qualidades morais dos outros. Sua compreensão abarcava um campo muito maior, e, se a simples moralidade fosse sua pedra de toque, ela não teria feito o que fez — considerando-se que, de fato, não se hospedara na casa de uma prima em Weymouth.

Essa percepção instintiva e aguda foi a primeira desgraça de sua vida. A segunda foi a educação. Não que tivesse recebido instrução muito apurada, nem acima da que lhe poderia ser proporcionada numa escola feminina de terceira classe, em Exeter, onde estudava de dia e trabalhava à noite — muitas vezes até altas horas — remendando roupas e executando outros trabalhos manuais, para pagar os estudos. Não se entrosou muito com os outros alunos. Eles a olhavam de cima e ela os olhava de baixo — mas seu olhar os decifrava. Disso resultou, pois, que lhe sobrou tempo para ler um maior número de romances e poemas — esses dois refúgios dos solitários — do que a maioria das pessoas de sua classe. Os livros serviam como substitutos da experiência. Sem se dar conta disso, ela passou a julgar as pessoas tanto pelos padrões de Walter Scott e Jane Austen quanto pelos próprios, firmados empiricamente, e começou a encarar os que a rodeavam como personagens de ficção, fazendo julgamentos poéticos a respeito deles. Infelizmente, o que aprendeu assim à sua própria custa foi prejudicado pelo que lhe ensinaram. Fora-lhe dado o verniz de uma dama, e assim ela se tornou a vítima perfeita de uma sociedade de castas. Seu pai forçara-a a sair de sua própria classe, mas não conseguiu fazer com que ingressasse em outras mais altas. Ela se tornara refinada demais para que os rapazes de seu meio a pudessem desposar, e os que pertenciam à classe a que ela aspirava entrar consideravam-na demasiado vulgar.

Esse pai, que o vigário de Lyme descrevera como um "homem de excelentes princípios", era justamente o oposto disso. Tinha de fato uma bela coleção de princípios, mas todos errados. Não foi a preocupação pela filha única que o levou a mandá-la para um internato, e sim sua obsessão com a própria linhagem. Quatro

gerações atrás poderiam ser encontrados no lado paterno claros indícios de sangue aristocrático. Havia mesmo uma remota relação com a família Drake, um elo insignificante que, com o passar dos anos, fizera cristalizar a idéia de uma descendência em linha direta do grande Sir Francis. A família possuía outrora, indubitavelmente, algumas terras naquela fria e verdejante terra de ninguém que se estendia entre Dartmoor e Exmoor. Por três vezes o pai de Sarah as vira com seus próprios olhos, e a cada vez voltara à pequena granja que arrendara na vasta propriedade dos Meritons para lamentar-se, traçar planos e sonhar.

Talvez tenha ficado desapontado quando sua filha voltou da escola aos dezoito anos — quem sabe quais os milagres que ele imaginava fossem chover sobre sua cabeça? — e sentou-se do outro lado da mesa de olmo, a observá-lo num silêncio tranqüilo, enquanto ele fanfarronava, o que acabou por induzi-lo — como se ele se visse diante de uma máquina dispendiosa e inútil (pois não era ele um nativo de Devon, para quem o dinheiro vale mais que tudo?) — a um ato de loucura. Desistiu da granja arrendada e comprou suas próprias terras. Entretanto, comprou-as por um preço baixo demais, julgando ter conseguido uma pechincha, para descobrir mais tarde que fizera um péssimo negócio. Durante muitos anos lutou para pagar a hipoteca e manter uma ridícula aparência de gentil-homem. Acabou por ficar literalmente louco e foi mandado para o Asilo de Dorchester. Ali morreu um ano depois. A essa época, fazia um ano que Sarah estava ganhando para seu próprio sustento, numa casa de família em Dorchester, a fim de ficar perto do pai. Quando ele morreu, empregou-se na casa dos Talbots.

Era uma moça atraente demais para afastar pretendentes, embora totalmente destituída de qualquer dote. Sempre nessas ocasiões, entretanto, sua maldita presciência entrava em cena e fazia com que enxergasse através de seus admiradores, percebendo sua mesquinhez, sua condescendência, sua piedade, sua estupidez. E assim ela parecia irremediavelmente condenada a uma sorte contra a qual a natureza vinha claramente lutando havia milhões de anos: o celibato.

Imaginemos agora o impossível: que a Sra. Poulteney tenha feito uma lista dos prós e contras relativos a Sarah, no mesmo dia em que Charles dera uma escapada com objetivos altamente científicos, abandonando por algumas horas suas onerosas obrigações de noivo. Não seria de todo improvável que ela fizesse isso naquela tarde, uma vez que Sarah — Srta. Sarah, para todos os da Mansão Marlborough — estava fora.

Começemos pelo lado favorável examinando a coluna de crédito. O primeiro item indubitavelmente não figuraria na lista um ano antes, quando Sarah fora admitida no emprego. Poderia estar redigido assim: "Uma atmosfera doméstica mais tranqüila". O que causava espanto era que a partir daquela época não havia sido dispensado nenhum criado, homem ou mulher (estatisticamente, as dispensas sempre ocorriam mais no grupo feminino).

Essa estranha mudança começara certa manhã, poucas semanas depois de Sarah ter assumido seu posto, isto é, sua responsabilidade em relação à alma da Sra. Poulteney. A velha senhora percebeu com seu habitual faro que ocorrera uma grave negligência: a arrumadeira do andar superior, cuja obrigação era regar às terças-feiras, impreterivelmente, as samambaias de uma das salas de estar da Sra. Poulteney — ela mantinha duas, uma para si e outra para as visitas —, esquecera-se de fazê-lo. As samambaias continuavam verdes e plácidas, mas a Sra. Poulteney ficou branca e furiosa. A culpada foi chamada e confessou sua falta. Com grande esforço de sua parte, a Sra. Poulteney poderia tê-la perdoado, mas a moça já tinha na sua folha de serviço dois ou três recentes pecadilhos do mesmo gênero. O gongo ia soar para ela. E a Sra. Poulteney, com o tenebroso senso de dever de um buldogue prestes a fechar as mandíbulas sobre a perna de um ladrão, preparou-se para fazê-lo soar.

— Estou pronta a tolerar muitas coisas, mas não isso.

— Juro que não vai se repetir, patroa.

— Na minha casa estou certa de que nunca se repetirá.

— Por favor, patroa!

A Sra. Poulteney saboreou intensamente aqueles momentos prenunciadores de lágrimas.

— A Sra. Fairley lhe dará seu salário.

Sarah achava-se presente à conversa, pois a velha senhora estivera ditando cartas, em sua maioria endereçadas a bispos, ou pelo menos num tom de voz comumente dirigido a eles. E nesse momento ela fez uma pergunta cujo efeito foi notável. Em primeiro lugar, era a primeira pergunta que fazia na presença da Sra. Poulteney, e que não estava diretamente ligada às suas obrigações. Em segundo, era uma pergunta que contradizia tacitamente o julgamento da velha senhora. E, em terceiro, foi dirigida à moça, não à Sra. Poulteney. — Está se sentindo bem, Millie?

Quer sua reação tenha sido causada pela simpatia implícita naquela voz, ou fosse devida a seu próprio estado, o fato é que a moça assustou a Sra. Poulteney ao cair de joelhos, ao mesmo tempo que sacudia a cabeça e escondia o rosto nas mãos. Sarah correu para junto dela, e em poucos instantes tornou-se claro que a moça de fato não estava passando bem, desmaiara duas vezes na última semana e ficara com medo de contar o fato a alguém...

Quando, momentos depois, Sarah voltou do quarto onde dormiam as criadas, após ter posto Millie na cama, coube dessa vez à Sra. Poulteney fazer uma surpreendente pergunta.

— Que devo fazer?

Sarah olhou-a diretamente nos olhos, e havia algo em seu olhar que revelava serem as palavras subseqüentes apenas uma concessão às convenções.

— O que achar melhor, minha senhora.

E assim a mais rara das flores — o perdão — lançou sua frágil semente na Mansão Marlborough. Quando o médico foi examinar a

criada e a declarou ictérica, a Sra. Poulteney descobriu o perverso prazer de se fingir realmente boa. Houve mais um ou dois incidentes semelhantes, embora não tão dramáticos, que terminaram da mesma maneira, mas apenas esses poucos, porque Sarah tomou a si o encargo de fazer sempre uma inspeção prévia dos serviços. Aprendeu a lidar com a Sra. Poulteney, e em breve manipulava-a tão habilmente quanto um astuto cardeal manipula um papa pusilânime, embora com fins mais nobres.

O segundo e mais ponderável item na hipotética lista da Sra. Poulteney teria sido: "Sua voz". Se era falha a atuação da dona da casa em assuntos temporais, por outro lado era excessivamente cuidadosa no que se referia ao bem-estar espiritual de sua criadagem. Aos domingos, havia uma dupla e obrigatória visita à igreja, bem como a exigência do comparecimento de todos, a cada manhã, a um serviço religioso composto de hino, prédica e orações, e presidido pomposamente pela velha senhora. Acontece que sempre a preocupava o fato de que nem mesmo seus olhares mais fulminantes fossem capazes de reduzir a criadagem a esse estado de absoluta humildade e arrependimento que ela julgava uma exigência do Deus deles (e com mais razões do seu próprio). A expressão normal em seus rostos era uma mistura de medo e de total incompreensão — como se todos fossem ovelhas atemorizadas, e não pecadores arrependidos. Mas Sarah mudou tudo isso.

Possuía inegavelmente uma bela voz, límpida e bem-modulada, embora sempre abafada pelo sofrimento e muitas vezes por intensa emoção. Acima de tudo, porém, era uma voz sincera. Pela primeira vez em seu pequeno e ingrato mundo, a Sra. Poulteney viu no rosto de seus criados uma expressão genuinamente atenta, e muitas vezes decididamente devota.

Isso era bom, mas havia outro santuário a ser conquistado. Os criados tinham permissão para fazer a oração da noite na cozinha, sob o olhar indiferente da Sra. Fairley e comandados por sua voz positivamente inexpressiva. Lá em cima, a Sra. Poulteney ouvia sozinha a leitura da Bíblia. E era nessas cerimônias íntimas que a voz

de Sarah ressaltava de maneira mais efetiva. Por uma ou duas vezes conseguira o impossível, arrancando daqueles olhos empapuçados e indomáveis uma lágrima furtiva. Semelhante efeito jamais foi causado intencionalmente, e tinha simplesmente por origem a profunda diferença entre as duas mulheres. A Sra. Poulteney acreditava num Deus que nunca existiu, ao passo que o de Sarah estava bem vivo.

Ela não o criava através de sua voz, como tantos estimáveis sacerdotes e dignitários quando solicitados a ler um texto bíblico, numa inconsciente alienação do tipo brechtiano ("Este é vosso prefeito lendo uma passagem da Bíblia"). Muito pelo contrário: falava diretamente dos sofrimentos de Cristo, de um homem nascido em Nazaré, quase como se não houvesse um tempo na história, nos momentos em que a luz no quarto já esmaecia e ela parecia esquecer a presença da Sra. Poulteney; como se visse Cristo à sua frente, pregado na cruz. Um dia ela teve diante dos olhos a passagem Eli, Eli, lama sabachthani, mas durante à leitura sua voz vacilou e ela se calou. A Sra. Poulteney voltou-se para olhá-la e viu que o rosto de Sarah estava banhado de lágrimas. Esse momento redimiu uma infinidade de futuras dificuldades, e, quem sabe — já que a velha senhora se levantou e colocou a mão nos ombros curvados da moça —; redimirá um dia a alma da Sra. Poulteney, agora bastante atormentada.

Corro o risco de fazer Sarah parecer uma beata. Ela, porém, era ignorante em teologia. Assim como conseguia ver através das pessoas, via também através de todas as tolices dos vulgares vitrais coloridos, dos estreitos e literais conceitos da Igreja vitoriana. Sabia que existia sofrimento, e orava para que um dia ele deixasse de existir. Já disse o que ela teria sido em nossa época. Em outras mais remotas, creio que teria sido uma santa ou a amante de um imperador. Não devido a sua religiosidade, de um lado, e a sua sexualidade, de outro, mas à rara fusão das duas forças que constituíam sua própria essência — compreensão e sentimento.

Havia outros itens: sua habilidade — extraordinária em si, e quase única — em raramente irritar a Sra. Poulteney, a silenciosa maneira como avocou a si várias responsabilidades domésticas, sem contudo parecer usurpá-las, sua perícia em manejar a agulha.

No aniversário da Sra. Poulteney, Sarah presenteou-a com uma pequena toalha para proteger o encosto de sua cadeira. Não que uma cadeira em que se sentasse a Sra. Poulteney necessitasse de alguma proteção, mas nessa época qualquer assento que não exibisse um pano protetor pareceria de certa forma desnudo. A toalha era delicadamente bordada em toda a sua volta com folhas de samambaias e lírios-do-vale. O presente agradou extraordinariamente à Sra. Poulteney. A partir de então, dissimulada e permanentemente — talvez porque houvesse afinal em Sarah alguma coisa de um astuto cardeal —, ele lembrava à bruxa, cada vez que se sentava em seu trono, o lado perdoável da sua protegida. À sua maneira humilde, o presente fez por Sarah o que a imortal abetarda tantas vezes fizera por Charles.

Finalmente — e essa foi a provação mais cruel imposta à vítima —, Sarah foi aprovada no último teste: a distribuição de panfletos religiosos. Como a maioria das senhoras da nobreza vitoriana, insuladas em suas comunidades, a Sra. Poulteney tinha grande fé no poder dos panfletos. Pouco importava que nem um em dez conseguisse lê-los — na verdade, muitos eram incapazes de ler o que quer que fosse. Pouco importava também que, entre dez que conseguissem lê-los, nenhum conseguisse entender o que seus reverendos redatores queriam dizer... Mas, sempre que Sarah partia levando um punhado deles para distribuir, a Sra. Poulteney via um número equivalente de almas salvas acrescentado a sua conta corrente no céu. E se convencida também de que a Mulher do Tenente Francês estava fazendo uma penitência pública, o que dava ao fato um encanto a mais. E nisso também acreditava o povo de Lyme, ou pelo menos sua parte mais pobre. Conseqüentemente, todos se mostravam mais bondosos do que a Sra. Poulteney poderia imaginar. Sarah adotara uma pequena fórmula de apresentação: "É de parte da Sra. Poulteney. Leia, por favor, e guarde em seu

coração". Ao mesmo tempo olhava a pessoa nos olhos. Os que traziam nos lábios um sorriso malicioso logo o faziam desaparecer; os loquazes sentiam as palavras morrer em sua garganta. Creio que aprendiam mais com aqueles olhos do que com os panfletos em tipo miúdo que lhes eram metidos nas mãos.

Mas passemos agora à coluna de débito. Em primeiro lugar, e acima de tudo, teria sido anotado: "Ela sai sozinha". O acordo inicialmente feito rezava que a Srta. Sarah teria uma tarde livre toda semana, o que foi considerado pela Sra. Poulteney como um generoso reconhecimento de sua posição de superioridade em relação às outras criadas, e ainda assim tendo em vista unicamente a necessidade de serem distribuídos os panfletos. O vigário, entretanto, aconselhara-a nesse sentido. Tudo parecia muito bem nos primeiros dois meses. Mas, certa manhã, Sarah não apareceu na Mansão Marlborough para as matinas, e a criada que recebeu ordem de ir procurá-la descobriu que ainda estava deitada. A Sra. Poulteney foi vê-la. Sarah estava novamente em lágrimas, mas dessa vez a Sra. Poulteney sentiu apenas irritação. Não obstante, mandou chamar um médico. Ele fechou-se no quarto com Sarah por um longo tempo, e ao voltar para a impaciente Sra. Poulteney deu-lhe uma breve lição sobre melancolia — era um homem muito avançado para a sua época e lugar —, ordenando-lhe que concedesse à sua pecadora mais liberdade e ar fresco.

— Se insiste em que isso é absolutamente necessário...

— Minha cara senhora, insisto realmente e da maneira mais enfática possível. Não me responsabilizarei pelas conseqüências, se não seguir meu conselho.

— Darei duas tardes de folga a ela.

Ao contrário do vigário, o dr. Grogan não dependia muito, financeiramente, da Sra. Poulteney. Para ser franco, não havia em Lyme um certificado de óbito que ele teria assinado com menos tristeza do que o dela. Mas conteve seu azedume, lembrando-lhe que a moça devia dormir todas as tardes, e por ordens estritas suas.

Foi assim que Sarah conseguiu uma liberdade relativa em seu dia-a-dia.

O próximo item seria: "Nem sempre deve estar presente quando houver visitas". Nesse particular a Sra. Poulteney viu-se diante de um intolerável dilema. Tinha todo o empenho em exibir sua caridade, o que significava que Sarah devia ser vista. Mas seu rosto causava nas visitas um efeito inteiramente prejudicial. Sua tristeza era uma censura, e sua raríssima participação na conversa — invariavelmente provocada por alguma pergunta que devia ser respondida (os visitantes mais inteligentes e mais freqüentes logo aprenderam a dirigir suas polidas observações à acompanhante-secretária de maneira claramente retórica, quanto à forma e quanto à intenção) — tinha qualquer coisa de inquietante e incisivo, não porque fosse desejo de Sarah encerrar a questão, mas simplesmente porque abordava com inocente simplicidade e bom senso um assunto a que faltavam precisamente essas duas qualidades. Nesse particular, ela lembrava muito à Sra. Poulteney uma figura que vira num pelourinho, em sua juventude, e de que guardava uma vaga recordação.

Mais uma vez, Sarah mostrou seu senso de diplomacia. Quando se tratava de velhos e habituais visitantes, ela ficava na sala; com os outros, retirava-se discretamente quando eram anunciados e antes que entrassem, ou permanecia em sua presença apenas alguns minutos. No caso de Ernestina, a primeira alternativa era responsável pelo fato de nunca tê-la visto quando ia à Mansão Marlborough. Isso pelo menos permitia à Sra. Poulteney discorrer livremente sobre a cruz que tinha de carregar, embora o afastamento dessa cruz, ou sua ausência, implicasse uma incapacidade sua de carregá-la como devia, o que a aborrecia bastante. No entanto, a culpa dificilmente podia ser atribuída a Sarah.

Mas deixei a parte pior para o fim. Era a seguinte: "Ainda mostra sinais de afeição por seu sedutor".

A Sra. Poulteney fizera várias tentativas para obter maiores detalhes sobre o pecado cometido e sobre o presente grau de arrependimento com relação a ele. Nenhuma madre superiora poderia ter desejado mais ardentemente do que ela ouvir a confissão de uma ovelha negra de seu rebanho. Mas Sarah era tão sensível a esse respeito quanto uma anêmona-do-mar. E, por oblíquos que fossem os caminhos usados pela Sra. Poulteney para abordar o assunto, a pecadora sempre desconfiava do que estava por vir, e suas respostas a perguntas diretas eram sempre as mesmas — se não na forma, pelo menos no conteúdo — que já dera durante o primeiro interrogatório.

Acontece que a Sra. Poulteney raramente saía de casa, e jamais a pé. De carruagem, ia visitar apenas gente de sua classe, por isso tinha de se fiar em outros olhos para saber o que Sarah fazia quando saía. Para sorte sua, contava com um par de olhos para esse trabalho. Melhor ainda, a mente que havia por trás desses olhos era governada pela malícia e pelo ressentimento, e por conseguinte sentia grande prazer em trazer freqüentes informações para sua mesquinha patroa. Essa espiã, naturalmente, não era outra senão a Sra. Fairley. Embora não encontrasse prazer na leitura, ela se ressentia com o fato de ter sido destituída de suas funções; ainda que Sarah se mostrasse escrupulosamente polida com ela e procurasse não agir como se estivesse usurpando o posto da governanta, ocorriam inevitavelmente alguns atritos. Não agradava à Sra. Fairley que ela própria tivesse tão pouco que fazer, uma vez que isso implicava também uma diminuição de sua influência. A intervenção de Sarah em favor de Millie — bem como outras discretas atuações suas — tinha-a tornado popular e respeitada entre a criadagem, e talvez o ódio mais profundo da Sra. Fairley residisse justamente no fato de não lhe ser possível falar mal da acompanhante-secretária a seus subordinados. Ela era uma mulher mesquinha e rabugenta, uma criatura cujo único prazer era prever o pior e ver confirmada sua previsão. Assim, nasceu dentro dela um ódio a Sarah que gradativamente foi se tornando vitriólico em sua intensidade.

Ela era uma raposa astuta demais para permitir que a Sra. Poulteney notasse esse sentimento. Na verdade, fingia-se muito penalizada com a "pobre Srta. Woodruff", e seus relatórios eram fartamente temperados por expressões como "Receio que...", "Temo que..." Mas tinha excelentes oportunidades para fazer sua espionagem, pois ia freqüentemente à cidade, por força de suas obrigações, além de contar com uma vasta rede de parentes e amigos à sua disposição. A esses, ela deixou transparecer que a Sra. Poulteney estava interessada — naturalmente pelos motivos mais nobres e cristãos — em saber das atividades da Srta. Woodruff fora dos altos muros da Marlborough. O resultado — Lyme Regis era e ainda é um lugar fervilhante de mexericos, como uma fruta bichada — foi que todos os passos e atitudes de Sarah em suas horas livres logo chegavam ao conhecimento da Sra. Fairley, ampliados e exagerados maldosamente.

A rotina de suas atividades externas — quando se via livre dos panfletos — era muito simples. Ela sempre fazia a mesma caminhada, descendo a íngreme Pound Street até a íngreme Broad Street, e dali até o Cobb Gate, um terraço quadrado que dá para o mar e nada tem a ver com o Cobb. Costumava parar junto à amurada e contemplar o mar, geralmente por pouco tempo — apenas um olhar scrutador, como o de um capitão de navio que fosse à ponte observar o horizonte por um momento. Em seguida, descia a Cockmoil Street ou tomava a direção oposta, para oeste, seguindo o caminho que acompanhava a suave curva da baía até o Cobb propriamente dito. Quando descia pela Cockmoil, entrava às vezes na igreja da paróquia e orava por alguns instantes (um fato que a Sra. Fairley nunca achou digno de menção) antes de entrar no beco ao lado da igreja e alcançar o relvado no sopé de Church Cliffs. A grama ali sobe em direção aos sombrios paredões do Black Ven. Freqüentemente ela era vista a andar nesse relvado, voltando o rosto para o mar de vez em quando, até alcançar o ponto onde o caminho desembocava na velha estrada de Charmouth, havia muito engolida pelo Ven, de onde então ela regressava a Lyme. Costumava fazer esse passeio quando havia gente no Cobb. Quando, porém, o

mau tempo ou as circunstâncias o tornavam deserto, ela geralmente ia até lá e se postava no mesmo ponto onde Charles a vira pela primeira vez. Ali — segundo se acreditava — ela se sentia mais perto da França.

Tudo isso, devidamente desvirtuado e pintado com cores bem negras, era levado aos ouvidos da Sra. Poulteney. Ela, porém, estava na primeira fase de entusiasmo por seu brinquedo novo, e tão predisposta à benevolência quanto lhe permitia sua natureza azeda e desconfiada. Entretanto, não vacilou em chamar às falas o brinquedo.

— Fui informada, Sarah, de que você é vista sempre nos mesmos lugares quando sai. — Diante dos olhos acusadores que a encaravam, Sarah baixou os seus. — Você sempre fica olhando para o mar. — Sarah continuou calada. — Estou convencida de que se sente arrependida. Na verdade, não posso acreditar que tenha outros sentimentos em sua presente situação.

Sarah apanhou a deixa.

— Sou-lhe grata por isso, senhora.

— Não estou preocupada com sua gratidão. Há Alguém lá em cima que tem prioridade sobre ela.

A moça murmurou:

— Como poderia eu ignorá-lo?

— Aos ignorantes pode parecer que você está perseverando no pecado.

— Se eles conhecessem minha história, não poderiam pensar assim, senhora.

— Mas pensam. Segundo ouvi dizer, acreditam que você esteja à espera das velas de Satã.

Sarah levantou-se e foi até a janela. Iniciava-se o verão, e o perfume dos lilases se misturava ao canto dos melros. Ela olhou por um momento para aquele mar que lhe desejavam usurpar, depois

voltou-se para a velha senhora, sentada implacavelmente em sua poltrona como uma rainha em seu trono.

— A senhora quer que eu me vá?

Intimamente, a Sra. Poulteney levou um grande choque. Uma vez mais, a simplicidade de Sarah tirou toda a força de seu imenso rancor. Sua voz, seus outros encantos, a que ela já estava tão habituada! Pior ainda, a moça bem poderia lançar fora os juroos que estavam se acumulando em nome dela nos livros de contabilidade do céu. Moderou seu tom.

— Desejo que você demonstre que essa... pessoa foi expurgada de seu coração. Tenho certeza de que foi, mas você precisa prová-lo.

— Mas de que maneira?

— Indo passear em outro lugar, não exibindo sua vergonha aos olhos dos outros. Se outra razão não houver, que seja porque essa é minha vontade.

Sarah ficou parada de cabeça baixa, e fez-se um momento de silêncio. Foi então que olhou a Sra. Poulteney nos olhos e, pela primeira vez desde que fora para aquela casa, esboçou um leve sorriso.

— Farei como deseja, senhora.

Sua decisão constituiu, na linguagem do jogo de xadrez, um sacrifício calculado, uma vez que a Sra. Poulteney acrescentou graciosamente que não era sua intenção privá-la inteiramente dos benefícios do ar marinho, e que ela poderia de vez em quando dar um passeio à beira-mar, mas não sempre à beira-mar... e "por favor, não fique ali parada, de olhar tão fixo!" Em resumo, foi um trato feito entre duas obsessões. A proposta de Sarah de deixar o emprego fez com que as duas mulheres percebessem a verdade, cada uma à sua maneira.

Sarah cumpriu sua parte do trato, ou pelo menos a parte que se referia ao itinerário de seus passeios. Agora, ia raramente ao

Cobb, mas quando o fazia permitia-se às vezes parar e ficar olhando, como no dia que já descrevemos. Afinal, a região à volta de Lyme era farta em lugares para passeios, e poucos deles deixavam de ter vista para o mar. Se essa fosse toda a aspiração de Sarah, bastava-lhe atravessar os gramados da Mansão Marlborough.

A Sra. Fairley, pois, teve pouco com que se ocupar durante vários meses. Nenhuma ocasião em que ocorreram as paradas e a contemplação do mar deixou de ser mencionada, mas eram pouco freqüentes, e Sarah, por essa altura, adquirira uma certa ascendência sobre a Sra. Poulteney, baseada no sofrimento, que a livrava de uma repreensão mais séria. Afinal de contas — como a espiã e a patroa nunca perdiam oportunidade de lembrar uma à outra —, a pobre Tragédia era louca.

O leitor já terá adivinhado a verdade: ela era muito menos louca do que parecia... ou, pelo menos, sua loucura não era do tipo conhecido comumente. A exibição de sua vergonha tinha um certo objetivo, e as pessoas que têm objetivos sabem quando eles são satisfatoriamente alcançados, podendo então se permitir uma trégua temporária.

Certo dia, porém, menos de duas semanas antes do início de minha história, a Sra. Fairley foi procurar a Sra. Poulteney, empertigada em seus espartilhos e com a expressão de alguém prestes a anunciar a morte de um amigo íntimo.

— Tenho uma triste comunicação a fazer à senhora.

Essa frase já se tornara tão familiar para a Sra. Poulteney quanto o cone de um furacão para um pescador. Seguiu, porém, as regras convencionais.

— Espero que não diga respeito à Srta. Woodruff.

— Eu também gostaria que assim fosse, senhora. — A governanta encarou solenemente a patroa, como para se assegurar com exclusividade de todo o seu espanto. — Mas receio que seja meu dever dizer-lhe.

— Nunca devemos ter receio de cumprir nosso dever.

— É claro, senhora.

Não obstante, a boca continuava muda. Alguém que estivesse assistindo à cena teria ficado a conjecturar que tragédia estaria por vir. Nada, a não ser a informação de que Sarah dançara nua diante do altar da igreja paroquial, parecia digno de tamanha expectativa.

— Ela agora resolveu fazer seus passeios em Ware Commons.

Um anticlímax, na verdade! No entanto, a Sra. Poulteney não pareceu pensar assim. De fato, sua boca fez algo de extraordinário — escancarou-se completamente.

## 10

*"And once, but once, she lifted her eyes,  
And suddenly, sweetly, strangely blush'd  
To find they were met by my own..."* [{26}](#)

*Tennyson, "Maud" (1855)*

*"... com suas verdes ravinas entre românticos penhascos, onde elevadas árvores e viçosos pomares atestavam terem decorrido muitas gerações desde que as primeiras fendas nas rochas prepararam o terreno para semelhante cenário, onde a paisagem é tão bela e encantadora quanto quaisquer das que existem na decantada ilha de Wight..."*

*Jane Austen, Persuasão*

Entre Lyme Regis e Axmouth, estendendo-se por nove quilômetros na direção oeste, encontra-se uma das mais estranhas paisagens litorâneas do sul da Inglaterra. Vista de um avião, não é muito fascinante. Notamos apenas que, embora em outros pontos da costa os campos cheguem até a beira dos penhascos, ali terminam a pouco mais de um quilômetro deles. O tabuleiro de terras cultivadas, com seu quadriculado verde e castanho, é interrompido com jovial indisciplina por uma escura cascata de árvores e mato rasteiro. Não se vêem telhados. Se voarmos suficientemente baixo, verificaremos que o terreno é abrupto, cortado por fundas ravinas e pontilhado de curiosas escarpas e torres de calcário e sílica, que se projetam acima da luxuriante

vegetação como muralhas de castelos arruinados. Isso, quando visto do ar... mas se estivermos a pé, essa mata de extensão aparentemente insignificante se tornará curiosamente vasta. Muitas pessoas já se perderam nela durante horas, não podendo acreditar — ao verem no mapa o ponto onde se tinham perdido — que sua sensação de isolamento, e de desolação também, quando havia mau tempo, pudesse ser tão intensa.

O Undercliff — pois esse trecho é de fato constituído por um precipício de mais de um quilômetro de extensão, causado pela erosão da face vertical do antigo penhasco — é muito abrupto. Ali, os trechos planos são tão raros quanto os visitantes que os procuram. Mas suas escarpas e sua vegetação estão inclinadas para o sol, e esse fato, juntamente com os inumeráveis regatos que provocaram a erosão, é responsável por sua estranha flora — os árbutos e azevinhos silvestres, e várias outras árvores que raramente crescem na Inglaterra; as faias gigantes; as matas amazônicas estranguladas por trepadeiras e pelas lianas das clematites silvestres; os fetos, que chegam às vezes a alcançar três metros de altura; e as flores, que desabrocham um mês antes do que em qualquer outra parte da região. No verão, seu aspecto é a versão mais fiel de uma selva tropical que se pode encontrar em todo o país. Tem também, como toda terra nunca antes trabalhada ou habitada pelo homem, seus mistérios, suas sombras, seus perigos — bastante concretos do ponto de vista geológico, uma vez que há fendas e o risco de quedas e acidentes inesperados em lugares onde um homem com uma perna quebrada poderia gritar uma semana sem ser ouvido. Por estranho que pareça, a região era bem menos deserta há cem anos do que agora. Não se encontra atualmente um único chalé no Undercliff, e, no entanto, em 1867 havia vários, habitados por guardas de caça, lenhadores e criadores de porcos. Os veados — indício certo de completa solidão — deviam ter tido menos tranqüilidade naquele tempo. Na época atual, o Undercliff reverteu inteiramente a seu estado selvático. As paredes dos chalés se desmoronaram, transformadas em montículos cobertos de hera, as antigas trilhas desapareceram. Nenhum carro pode

chegar até lá, e a única estrada que restou torna-se muitas vezes intransitável. Isso é consequência de um ato do Parlamento, que transformou o lugar em uma reserva natural. Nem tudo se perde em nome do progresso.

Foi nessa região — ainda um éden inglês naquele 29 de março de 1867 — que Charles penetrou, depois de subir o caminho que partia da praia, na baía de Pinhay. E era exatamente a parte leste dessa região que se chamava Ware Commons.

Depois de matar a sede e refrescar o rosto com o lenço molhado, Charles decidiu examinar com seriedade o terreno à sua volta. Pelo menos, esforçou-se por examiná-lo seriamente, mas a pequena encosta onde se encontrava, a paisagem que se estendia diante dele, os ruídos, os perfumes, o viço daquela vegetação primitiva e virgem e a estuante fecundidade da terra sugeriram-lhe pensamentos anticientíficos. O chão à sua volta era pontilhado de celidônias e primulas cor de ouro, e forrado por um espesso tapete de flores de abrunheiro, alvas como um véu de noiva. Junto às musgosas margens de um pequeno regato onde ele bebera, ensombradas por altas árvores jubilosa-mente coroadas de luz, floresciam tufos de moscatelinas e azedinhas, as mais delicadas flores silvestres da primavera inglesa. Mais acima, viam-se anêmonas brancas e, mais além ainda, campânulas azuis, cujas folhas formavam faixas verde-escuras. Um pica-pau tamborilava ao longe nos galhos de alguma elevada árvore, e piscos piavam docemente acima dele. Em todas as moitas e copas de árvores cantavam pássaros. Quando ele virou a cabeça, viu o mar lá embaixo, já agora cobrindo a praia, e todos os rochedos arredondados que circulavam a baía de Lyme e se perdiam de vista, cada vez menores, até alcançarem os infindáveis picos amarelos do Chesil Bank, cuja ponta mais remota chegava até Portland Bill, esse curioso Gibraltar inglês, projetando-se como uma esguia sombra cinzenta entre duas massas de azul.

Uma única arte foi capaz de reproduzir semelhante cenário — a da Renascença. Ali se encontra o chão onde caminham as figuras de

Botticelli, o ar onde ressoam as cantigas de Ronsard. Não interessam os propósitos e objetivos reais dessa revolução cultural, nem suas crueldades e insucessos. Em essência, a Renascença representou o fecho verdejante e ensolarado de um dos invernos mais rigorosos da civilização. Foi o fim dos grilhões, das peias e das fronteiras. Seu lema era o único aceitável: "Tudo o que existe é bom". Em resumo, a Renascença era a antítese da época de Charles. Ninguém pense, porém, que ele, ali parado, não soubesse disso. A fim de explicar sua vaga sensação de mal-estar, de impropriedade, de limitação, ele recorreu aos que lhe estavam mais próximos — a Rousseau e aos mitos pueris de uma Idade Áurea e do Nobre Selvagem. Isto é, procurou ignorar o inadequado conceito de natureza de sua própria época, valendo-se da suposição de que não se pode reviver uma lenda. Tentou convencer-se de que fora demasiadamente mimado e estragado pela civilização para que pudesse retornar à natureza, e isto o deixou triste, com uma tristeza agridoce e não inteiramente destituída de encanto. Afinal de contas, ele era vitoriano. Não poderíamos esperar dele que percebesse o que só agora estamos começando a compreender — e com muito mais conhecimentos à nossa disposição, sem contar as lições dos filósofos existencialistas —, ou seja, que o desejo de possuir e o desejo de usufruir se destroem mutuamente. A declaração que deveria fazer a si próprio era: "Possuo isto agora, por conseguinte estou feliz", e não esta outra, de conteúdo tão vitoriano: "Não posso ter isto para sempre, por conseguinte estou triste".

A ciência finalmente recuperou sua hegemonia, e ele começou a procurar seus ouriços no leito de sílica do regato. Encontrou um bonito fragmento fossilizado de vieira, mas os ouriços-do-mar não se dignaram a aparecer. Vagueou por entre as árvores na direção oeste, curvando-se e esquadrinhando o chão vez por outra, para logo em seguida reiniciar a marcha e repetir mais adiante o mesmo procedimento. De vez em quando virava alguma pedra com a ponta de sua bengala. Mas não teve sorte. Passou-se uma hora, e seus deveres para com Ernestina começaram a sobrepujar seu entusiasmo pelos equinodermos. Consultou o relógio e reprimiu uma

praga, decidindo voltar para o ponto onde deixara sua mochila. A certa altura da subida, com o sol já declinando às suas costas, deparou com uma estradinha e seguiu por ela, na direção de Lyme. A trilha continuava a subir e fazia uma ligeira curva junto a um muro de pedra coberto de hera, mas de repente — à irritante maneira das trilhas — terminava numa bifurcação onde não havia indicação alguma. Ele parou, indeciso, depois andou alguns metros ao longo da trilha inferior, que mergulhava num pequeno vale já envolto em sombras. A solução do problema veio-lhe — já que não conhecia a topografia do lugar — quando viu surgir repentinamente à direita outro caminho, que seguia em direção ao mar e passava pelo topo de um pequeno e íngreme outeiro coroadado de relva. Se subisse até lá poderia orientar-se facilmente. Começou, pois, a abrir passagem com dificuldade — a trilha raramente era usada —, e alcançou por fim o pequeno e verdejante platô.

O lugar era descampado e aprazível como um minúsculo prado alpino. A presença de dois ou três coelhos, denunciada pelos pompons brancos de suas caudas, explicava a relva tão bem aparada.

Charles ficou ali, inundado de sol. Eufrásias e cornichões estrelavam a relva, e os tufo de manjerona, de um verde vivo, estavam prestes a rebentar em botões. Instantes depois, aproximou-se da borda do platô.

E então, lá embaixo, viu um vulto.

Por um rápido e terrível instante, imaginou deparar com um cadáver. Mas era uma mulher adormecida. Ela escolhera o mais estranho dos lugares — uma ampla saliência, ligeiramente inclinada e coberta de relva, que se projetava a pouco menos de dois metros abaixo do nível do platô e a escondia de qualquer pessoa que não chegasse, como Charles, até a borda. As paredes de calcário que se erguiam por trás dessa pequena plataforma natural faziam dela um solário, pois estavam voltadas para sudoeste. Todavia, poucas pessoas teriam escolhido um solário como aquele, pois suas paredes desciam verticalmente uns dez ou doze metros e iam terminar num

horrível emaranhado de espinheiros. Mais além, o penhasco propriamente dito mergulhava abruptamente até a praia.

A primeira e instintiva reação de Charles foi afastar-se da borda. Não distinguia a mulher. Mas ficou parado, indeciso, olhando sem ver o belo panorama que se descortinava dali. Hesitou por uns instantes e já estava decidido a se afastar, mas a curiosidade fê-lo olhar de novo.

A moça estava deitada de costas, no completo abandono de um sono profundo. O casaco, aberto, expunha o vestido de algodão azul, cuja severidade era atenuada apenas pela pequena gola branca. Seu rosto estava voltado para o outro lado, e o braço direito, dobrado acima da cabeça, numa postura infantil. Um punhado de anêmonas se espalhava pela relva à sua volta. Havia algo de imensamente terno e no entanto sensual na postura lânguida do corpo, despertando em Charles uma vaga recordação de um momento vivido em Paris — uma moça, cujo nome já não conseguia lembrar e que talvez nem tivesse chegado a saber, que Charles vira assim adormecida, em certa madrugada, num quarto que dava para o Sena.

Foi seguindo pela borda curva do platô até ver melhor o rosto da moça, e só então percebeu quem era a criatura que ele contemplava tão indiscretamente. Era a Mulher do Tenente Francês. Parte de seu cabelo se soltara e encobria a meio sua face. Quando a vira no Cobb, seus cabelos lhe haviam parecido castanho-escuros, mas agora percebia que tinham laivos quentes e avermelhados e que não exibiam o brilho artificial do óleo considerado na época indispensável aos cabelos femininos. A pele parecia bastante morena, quase tostada, à luz da tarde, como se a moça se preocupasse mais em parecer saudável do que em exibir o rosto pálido e lânguido então em moda. Nariz forte, sobrancelhas espessas... A boca ele não conseguia ver. Aborrecia-o vê-la assim de cabeça para baixo, pois a conformação do terreno não lhe permitia observá-la de outro ângulo.

Continuou ali, incapaz de fazer outra coisa senão olhar para baixo, embevecido por esse encontro inesperado e dominado por um sentimento igualmente estranho, não sexual e sim fraternal, talvez mesmo paternal, a convicção de que aquela criatura era inocente e estava sendo injustamente banida da sociedade, o que por sua vez lhe dava uma intuição de sua espantosa solidão. Não conseguia imaginar outro motivo que a levasse àquele lugar deserto senão o desespero, numa época em que as mulheres eram apáticas, tímidas e incapazes de esforço físico prolongado.

Aproximou-se da borda extrema do precipício, colocando-se diretamente acima de seu rosto, e verificou que toda a tristeza que havia nele desaparecera. No sono, o rosto tinha uma expressão suave, e talvez mesmo houvesse nele a sombra de um sorriso. Foi precisamente nesse momento, quando entortava o pescoço para vê-la melhor, que ela acordou.

Olhou para cima instantaneamente, com tanta rapidez que o recuo dele foi inútil. Fora visto, e era delicado demais para negar o fato. Assim, quando Sarah se pôs de pé de um salto, arrepanhando o casaco à volta do corpo, e lhe devolveu o olhar, ele tirou o chapéu e cumprimentou-a com uma inclinação de cabeça. Ela nada disse, mas continuou a encará-lo com uma expressão chocada e confusa, em que talvez não faltasse certa vergonha. Tinha olhos escuros e bonitos.

Os dois permaneceram assim por alguns segundos, ilhados em mútua incompreensão. Ela lhe parecia muito pequena, postada lá embaixo e visível apenas da cintura para cima, a segurar nervosamente a gola do casaco, como se estivesse prestes a correr e se esconder de sua vista, caso ele desse um passo em sua direção. Ele recuperou a noção das conveniências.

— Peço-lhe mil desculpas. Encontrei-a por acaso. — Em seguida voltou-se e se afastou. Sem olhar para trás, começou a descer apressadamente o caminho por onde tinha vindo, até alcançar a bifurcação. Só ali se perguntou por que não tivera a presença de espírito de indagar a ela que caminho devia tomar.

Esperou por um instante, para ver se ela o seguia, mas a moça não apareceu. Ele partiu, então, com passo decidido, subindo pela trilha mais íngreme.

Charles não sabia, mas naqueles breves e calmos momentos que passara acima do mar expectante e no silêncio daquele luminoso crepúsculo, quebrado apenas pelo doce murmúrio das ondas, toda a Era Vitoriana se perdera. E isso não significava que ele houvesse tomado o caminho errado.

# 11

*"With the form conforming duly,  
Senseless what it meaneth truly,  
Go to church — the world require you,  
To balls — the world require you too,  
And marry — papa and mama desire you,  
And your sisters and schoolfellows do." [{27}](#)*

*A. H. Clough, "Duty" (1841)*

*"Oh! no, whate he!" she cried in scorn,  
'I woulden gi'e a penny vor'n;  
The best ov him's outside in view;  
His cwoat is gay enough, 'tis true,  
But then the wold vo'k didden bring  
En up to know a single thing... "' [{28}](#)*

*William Barnes, Poems in the Dorset dialect (1869)*

Aproximadamente à mesma hora em que ocorreu esse encontro, Ernestina levantou-se impaciente da cama e foi apanhar seu diário de capa preta em cima da penteadeira. Primeiramente, releu com ar melancólico as anotações daquela manhã, positivamente pouco inspiradas do ponto de vista literário: "Escrevi carta para mamãe. Não vi meu adorado Charles. Não saí de casa, embora o dia esteja lindo. Não me sinto muito feliz".

O dia fora intolerável para a pobre moça, que contava apenas com tia Tranter para nela descarregar seu mau humor. É bem

verdade que havia os narcisos e jacintos de Charles, cujo perfume ela aspirava agora, mas mesmo isso a irritara a princípio. A casa de tia Tranter era pequena, e ela ouvira Sam bater à porta da frente, percebendo que fora aberta pela maliciosa e irreverente Mary. Primeiro, um murmúrio de vozes, em seguida, o riso abafado da criada e a porta batida com força. Passou-lhe pela cabeça a abominável suspeita de que Charles houvesse estado flertando lá embaixo, e isso reavivou nela uma de suas mais profundas dúvidas a respeito do pretendente.

Sabia que ele vivera em Paris e em Lisboa, e viajara muito. Sabia também que era onze anos mais velho do que ela, e as mulheres o achavam muito atraente. As perguntas que ela lhe fazia, em discreto tom de brincadeira, a respeito de suas conquistas passadas eram igualmente respondidas em discreto tom de brincadeira. Era aí que estava o problema. Suspeitava que ele escondesse alguma coisa — uma trágica condessa francesa ou uma ardente marquesa de Portugal. Sua mente não lhe permitia descer até uma grisette parisiense ou alguma rapariga de Sintra, de olhos amendoados — o que a teria levado muito mais perto da verdade. De certa maneira, porém, o fato de ter ele dormido ou deixado de dormir com outras mulheres preocupava-a muito menos do que a uma moça de hoje na mesma situação. Naturalmente, Ernestina murmurava para si mesma seu autocrático "Não devo" sempre que semelhantes e pecaminosas especulações cruzavam sua mente. Mas era do coração de Charles que ela sentia realmente ciúmes. Não suportava a idéia de ter de dividir esse coração com ninguém no passado como no presente. A útil navalha de Occam <sup>{29}</sup> lhe era desconhecida. Assim, o simples fato de ele nunca ter amado realmente constituía para ela uma prova mais do que suficiente, em seus dias de grande depressão, de que devia ter amado apaixonadamente. Ela encarava sua calma aparência exterior como o terrível silêncio que desce sobre um campo de batalha recente, sobre Waterloo um mês depois, e não pelo que realmente era — um silêncio sem passado.

Quando a porta da frente se fechou, Ernestina deu à sua própria dignidade apenas o prazo de um minuto e meio, depois do quê, sua frágil mãozinha se estendeu para o cordão dourado da campainha junto ao leito e o puxou peremptoriamente. Um suave e insistente tilintar infiltrou-se até seu quarto, vindo da cozinha, e logo depois ouviu passos e uma batida na porta, que se abriu para deixar passar Mary, sobraçando uma jarra semelhante a uma fonte de flores primaveris. A moça entrou e parou junto à cama, o rosto sorridente semi-oculto pelas flores — um quadro que jamais causaria irritação num homem, mas que, por essa mesma razão, provocou um sentimento oposto em Ernestina. Diante dessa visão da primavera, ela franziu a testa com azedume e reprovação.

Das três mulheres que desfilam por estas páginas, Mary era, em minha opinião, a mais bonita. Era infinitamente mais vivaz e infinitamente menos egoísta, qualidades essas combinadas com os devidos encantos físicos... Tinha uma pele sedosa e delicada, embora tendendo para o corado, cabelos louro-palha e grandes e adoráveis olhos cinza-azulados — olhos que eram um alegre convite à provocação masculina e a retribuía com a mesma alegria. Borbulhavam de vida, irreprimivelmente, como o mais fino champanha — sem provocar flatulências. Nem mesmo as tristes roupas vitorianas que era muitas vezes obrigada a usar podiam esconder a promessa de seu corpo roliço e bem-feito. Na verdade, "roliço" é termo indelicado. Mencionei o nome de Ronsard ainda há pouco, e o corpo de Mary requer uma palavra do vocabulário do poeta, para a qual não temos o equivalente em inglês: *rondelet* — tudo o que é sedutor em suas carnes sem prejuízo do que é belo em sua esbelteza. A tetraneta de Mary, que está com vinte anos no momento em que escrevo, é muito parecida com sua antepassada. E seu rosto é conhecido no mundo inteiro, pois trata-se de uma das mais famosas atrizes do cinema inglês.

Receio, entretanto, que não fosse o rosto ideal para 1867. Não o era de forma alguma para a Sra. Poulteney, a quem se tornara familiar três anos antes. Mary era sobrinha de uma prima da Sra. Fairley, que conseguira convencer a Sra. Poulteney a empregar a

novata nos grosseiros serviços da cozinha. Entretanto, a Mansão Marlborough era tão apropriada para uma criatura como Mary quanto um túmulo para um pintassilgo. E certo dia, quando a Sra. Poulteney supervisionava sombriamente seus domínios de uma janela do andar superior e teve a desagradável oportunidade de ver seu cavaliço tentando obter um beijo, sem que parecesse encontrar muita resistência, o pintassilgo foi posto em liberdade imediatamente, após o quê, bateu asas e voou para a casa da Sra. Tranter, apesar das graves advertências feitas pela Sra. Poulteney àquela senhora sobre sua intenção de dar abrigo a elemento de tão comprovada devassidão.

Na nova casa Mary sentia-se feliz. A Sra. Tranter gostava de moças bonitas, e mais ainda de moças bonitas e risonhas. É claro que, sendo Ernestina sua sobrinha, a boa senhora se preocupava mais com ela. Mas só via Ernestina uma ou duas vezes por ano, ao passo que Mary estava presente o ano inteiro. Sob a aparência vivaz e namoradeira, a moça escondia um temperamento terno e afetuoso. E não regateava ao retribuir o carinho com que era tratada. Ernestina ignorava um terrível segredo daquela casa. Havia ocasiões em que, quando a cozinheira estava de folga, a Sra. Tranter se sentava à mesa da cozinha e comia ao lado de Mary. E esses não eram os momentos mais desagradáveis da vida de ambas.

Mary não era destituída de defeitos, sendo um deles uma certa inveja de Ernestina. Quando a moça chegava de Londres, Mary deixava de ser, tácita e repentinamente, a favorita da casa, mas além disso Ernestina vinha acompanhada de uma grande quantidade de malas cheias das últimas novidades de Londres e Paris, o que não constituía um grande incentivo para uma criada que só possuía três vestidos, nenhum dos quais lhe agradava realmente, embora o melhor dos três só a desgostasse porque fora herdado da jovem princesa da capital. Também achava Charles um belo rapaz, bom demais para futuro marido de uma criatura tão pálida como Ernestina. Eis por que Charles merecia ternos olhares daqueles olhos cinza-azulados quando ela lhe abria a porta ou passava por ele na rua. A verdade crua e nua era que a moça cuidava para que suas

saídas e entradas coincidissem com as de Charles, e cada vez que ele a cumprimentava na rua ela arrebitava em pensamento um petulante nariz para Ernestina, pois sabia muito bem por que razão a sobrinha da Sra. Tranter corria tão depressa para seu quarto quando Charles se despedia. Como todas as soubrettes <sup>{30}</sup>, ousava pensar coisas que não teriam ocorrido a sua jovem patroa — e sabia disso.

Maldosamente, Mary demorou-se um pouco para que seu ar saudável e jovial impressionasse devidamente a doente, e em seguida colocou as flores na cômoda ao lado do leito.

— Foi o sr. Charles que mandou, Srta. Tina. Com seus cumprimentos. — Mary falava num dialeto caracterizado pelo desprezo por pronomes e sufixos.

— Leve-as para a penteadeira. Não quero que fiquem tão perto de mim.

Mary colocou-as obedientemente no lugar indicado, e, desobedientemente, arranjou-as de novo por um instante, antes de se voltar e sorrir para uma desconfiada Ernestina.

— Foi ele mesmo que as trouxe?

— Não, senhora.

— Onde está o sr. Charles?

— Não sei, não, senhora. Não perguntei a ele. — Mas seus lábios estavam fortemente comprimidos, como se estivesse contendo o riso.

— Mas eu ouvi você conversando com o homem.

— É, conversei mesmo.

— Sobre o quê?

— A gente estava falando sobre o tempo.

— Foi isso o que a fez rir?

— Foi, sim, senhora. É por causa do jeito dele de falar.

O Sam que aparecera à porta tinha de fato pouca semelhança com o melancólico e indignado Sam que estivera afiando a navalha pela manhã. Enfiara o lindo buquê entre os braços da irrequieta Mary, dizendo: "Entregue isso para a belezinha lá de cima", e em seguida, colocando agilmente o pé na soleira da porta que já se fechava, retirou de trás das costas a outra mão, com a mesma agilidade, e apresentou um ramalhete de açafão, ao mesmo tempo em que tirava seu elegante chapéu quase sem abas, conforme ditava a última moda. — E isto é para a outra, mais bonita ainda, daqui de baixo. — Mary corou intensamente, enquanto a pressão da porta sobre o pé de Sam se tornava misteriosamente branda. Ele a observou enquanto a moça cheirava as flores vigorosamente, e não por simples polidez, de tal forma que uma pequena mancha de pólen cor de laranja ficou impressa em seu gracioso e petulante nariz.

— E este saco de fuligem é para ser entregue. — Ela mordeu o lábio e ficou esperando. — Mas com uma condição. Não vendo fiado. O pagamento tem de ser feito agora.

— Quanto custa?

O descarado rapaz examinou sua vítima como se procurasse calcular um preço razoável, depois levou um dedo à boca e deu uma piscada que não deixava margem a interpretações ambíguas. E fora isso o que provocara o riso abafado e a porta batida com força.

Ernestina lançou-lhe um olhar que teria feito justiça à Sra. Poulteney.

— Convém lembrar-se de que ele veio de Londres.

— Eu sei, senhorita.

— O sr. Smithson já me falou dele. O rapaz se julga um dom-juan.

— Que quer dizer isso, Srta. Tina?

O rosto de Mary demonstrava uma curiosidade um tanto exagerada, e isso desagradou a Ernestina.

— Não interessa. Mas, se ele voltar a se engraçar com você, desejo ser informada imediatamente. Agora traga-me um pouco de água-de-cevada. E trate de se mostrar mais discreta.

Pelos olhos de Mary perpassou um rápido e furtivo clarão, singularmente semelhante a um relâmpago de desafio. Não obstante, baixou a cabeça, e sua pequena touca de renda agitou-se numa simbólica medida. Em seguida, deixou o quarto. Mas teve de descer três lances de escada e tornar a subir os três lances, para consolar Ernestina, que na verdade não sentia o menor desejo de beber a saudável mas insípida água-de-cevada de tia Tranter.

Mas Mary havia, em certo sentido, vencido a parada, pois fizera lembrar a Ernestina, que por temperamento não era tirana e sim uma criança terrivelmente mimada, que em breve teria de deixar de brincar de patroa para se tornar uma patroa de verdade. A ideia tinha seus encantos, naturalmente. Ter sua própria casa, ficar livre dos pais... Mas os criados eram um problema, sério, diziam todos. Já não eram como antigamente, diziam todos. Numa palavra, eram maçantes. Talvez as dúvidas e inquietações de Ernestina não estivessem muito longe das de Charles, enquanto ele seguia aos tropeços ao longo da praia, ensopado de suor. A vida é assim mesmo. Seria uma heresia pensar o contrário. Enquanto isso, porém, a cruz tinha de ser carregada.

Para afastar esses sombrios presságios, que a haviam acompanhado, toda a tarde, Ernestina buscou seu diário e se recostou na cama, abrindo-o mais uma vez na página onde estava o ramo de jasmim.

Em Londres, em meados do século, já haviam aparecido os primeiros indícios de uma plutocrática estratificação da sociedade. Era claro que nada podia substituir uma boa linhagem, mas já se admitia geralmente que uma boa fortuna e um bom cérebro fossem capazes de produzir artificialmente um fac-símile bastante razoável

da aristocracia. Disraeli era o exemplo típico, não a exceção, de seu tempo. Quando moço, o avô de Ernestina podia não ter passado de um próspero comerciante de tecidos em Stoke Newington, mas ao morrer era um rico comerciante — e muito mais do que isso, pois transferira sua loja para o centro comercial de Londres e fundara uma das maiores lojas do West End, expandindo seus negócios por vários outros ramos, além do de tecidos. Seu pai, na verdade, dera a ela apenas o que ele próprio recebera: à melhor educação que se podia obter. Exceção feita à sua origem, era, em tudo o mais, um perfeito cavalheiro. Casara-se discretamente com uma mulher de posição mais alta do que a sua, filha de um dos mais famosos consultores jurídicos da capital, e que podia gabar-se de contar, entre seus antepassados não muito remotos, um procurador-geral. Os escrúpulos de Ernestina a respeito de sua posição social tinham base muito frágil, mesmo para os padrões vitorianos, e jamais foram motivo de preocupação para Charles.

— Se você pensar um pouco — ele lhe dissera certa vez —, verá como é miseravelmente plebeu o nome Smithson.

— Tem razão, e se você ao menos tivesse o nome de lorde Brabazon Vavassour Vere de Vere, eu o amaria muito mais!

Mas por trás daquelas zombarias se escondia o temor.

Ele a conhecera em novembro do ano anterior, na casa de uma senhora que estava de olho nele para marido de uma das moçoilas afetadas de sua ninhada. Essas jovens tiveram a infelicidade de ser industrializadas pelos pais antes de o rapaz chegar, e cometeram o erro capital de fingir diante de Charles um desusado interesse pela paleontologia, pedindo-lhe que lhes indicasse os melhores livros sobre o assunto — enquanto Ernestina mostrava sua disfarçada e mordaz determinação de não levá-lo muito a sério. Teria grande prazer, disse a ele, de lhe mandar qualquer espécime interessante de carvão que encontrasse na cozinha de sua casa, e mais tarde declarou-lhe que o julgara muito preguiçoso. Por quê?, quis ele saber. Porque bastaria a ele freqüentar qualquer elegante salão de

Londres para encontrar uma vasta variedade dos espécimes que procurava.

Para ambos os jovens, a noite prometia ser tão tediosa como as outras, e ambos, quando voltaram a suas respectivas casas, descobriram que não tinha sido assim.

Viam um no outro uma superioridade de inteligência, uma leveza de toque, uma certa segura que lhes pareceram mutuamente agradáveis. Ernestina deixou bem claro que encontrara "nesse sr. Smithson" uma feliz exceção na tediosa safra de rapazes que até então fora submetida à sua apreciação naquela temporada. Sua mãe fez discretas indagações e consultou o marido, que fez outras tantas, pois jamais rapaz algum pusera os pés nos salões da casa que dava para o Hyde Park sem ser investigado com a mesma severidade com que os modernos departamentos de segurança nacional investigam seus cientistas atômicos. Charles foi aprovado nesse exame secreto com a nota máxima.

Ernestina percebeu o erro de suas rivais: nenhuma mulher que se atirasse nos braços de Charles alcançaria seu coração.

Assim, quando começou a freqüentar as soirées e reuniões íntimas de sua mãe, ele passou pela insólita experiência de não encontrar nessas ocasiões o menor sinal de uma armadilha matrimonial, nenhuma referência sutil da parte da mãe à adoração que sua prendada filhinha tinha por crianças, nem ao anseio "para que a temporada chegasse ao fim" (era voz geral que Charles iria viver permanentemente em Winsyatt tão logo o caminho fosse devidamente desimpedido com a morte do tio); tampouco surgiam referências menos sutis da parte do pai sobre a extensão da fortuna que "minha adorada filha" iria levar para o matrimônio. Esse detalhe era, de qualquer forma, claramente desnecessário, pois a casa de Hyde Park era digna de um duque, e a ausência de irmãos falava mais alto do que as cifras de qualquer conta bancária.

Ernestina, por seu lado, e ainda que dentro de pouco tempo já estivesse loucamente decidida — como filha mimada que era — a se apoderar de Charles, tratou de não forçar a mão. Providenciava para

que sempre estivessem presentes outros rapazes igualmente interessantes, não dedicando à sua presa qualquer favor ou atenção especial. Por princípio, ela nunca o levava a sério. Sem que o declarasse expressamente, procurava dar a Charles a impressão de que o apreciava porque ele era engraçado, mas sabia naturalmente, que ele nunca se casaria. Veio então uma noite de janeiro em que ela decidiu plantar a semente fatal.

Viu Charles sentado num canto, sozinho, e no lado oposto da sala uma idosa viúva, espécie de equivalente londrina da Sra. Poulteney, que ela sabia ser tão agradável ao paladar de Charles quanto uma dose de óleo de rícino para uma criança. Aproximou-se dele.

— Por que não vai conversar com Lady Fairwether?

— Prefiro conversar com você.

— Eu o apresento. Assim, você poderá ouvir uma testemunha visual de tudo o que aconteceu durante a Era Cretácea.

Ele sorriu.

— Não é Era Cretácea, é Período.

— Não importa. Estou certa de que é suficientemente antiga, e sei como o aborrece qualquer coisa que tenha acontecido nos últimos noventa milhões de anos. Venha.

E assim os dois começaram a atravessar a sala. Mas, quando estavam a meio caminho da dama do Período Cretáceo, ela parou, colocou por um instante a mão em seu braço e olhou-o de frente.

— Se está decidido a se tornar um velho e rabugento solteirão, sr. Smithson, convém começar a treinar para isso.

Continuou a andar antes que ele pudesse responder, e o que disse poderia parecer apenas a continuação de suas brincadeiras. Mas seus olhos, por um fugacíssimo momento, haviam deixado bem claro que ela estava fazendo uma oferta — tão evidente, à sua maneira, quanto as ofertas de mulheres que, na Londres dessa época, rondavam as ruas nas vizinhanças do Mercado.

Mas ela não percebeu que atingira um dos pontos mais sensíveis e secretos da alma de Charles — sua convicção de que ia acabar como o tio em Winsyatt, que a vida estava passando ao largo, que estava sendo nesse particular, como em tantas outras coisas, exigente demais, , preguiçoso, egoísta... e coisas piores. Fazia dois anos que não viajava para o exterior, e dava-se conta de que em outros tempos as viagens tinham substituído a esposa que não possuía. Afastavam de sua mente os problemas domésticos e permitiam-lhe também levar, de vez em quando, uma mulher para a cama, prazer a que ele se recusava firmemente quando estava na Inglaterra, relembando talvez a negra noite espiritual em que mergulhara quando de sua primeira experiência nesse setor.

As viagens já não o atraíam, mas as mulheres, sim, e ele se encontrava em estado de extrema frustração sexual, uma vez que seus elevados princípios morais não permitiam o simples expediente de uma escapada por uma semana até Paris ou Ostende. Jamais consentiria que semelhante objetivo ditasse razões para uma viagem. Passou uma semana mergulhado em reflexões. E então, certa manhã, ele despertou — literalmente.

Tudo se tornara muito simples. Amava Ernestina, e imaginou o prazer que sentiria ao despertar numa manhã justamente como aquela, fria, cinzenta, a neve cobrindo a terra, e ver aquele rosto delicado e docemente mordaz adormecido a seu lado... e — por Deus! — legitimamente, não só aos olhos de Deus como dos homens (idéia essa que lhe causou certa estupefação). Poucos minutos depois, deixou atônito o sonolento Sam, que se arrastara até lá em cima atendendo a seu urgente chamado, ao declarar: "Sam! Sou o idiota mais completo e acabado em toda a face da terra!"

Um ou dois dias depois, o idiota completo e acabado teve um encontro com o pai de Ernestina. O encontro foi breve e bastante satisfatório. Ele desceu então até a sala, onde a mãe de Ernestina estava sentada, no mais pungente estado de ansiedade. Ao ver Charles, não conseguiu articular palavra, e apenas apontou

tremulamente em direção ao jardim de inverno. Charles abriu as portas brancas que davam acesso à estufa e foi envolvido por uma onda de ar cálido e fragrante. Teve que procurar Ernestina, mas afinal encontrou-a num dos cantos mais afastados, semi-oculta por uma ramada de estefanotes. Charles viu-a olhar para ele e em seguida virar o rosto apressadamente. Trazia na mão uma tesoura de prata, e fingia podar alguns ramos secos da perfumada planta. Ele postou-se logo atrás dela e pigarreou.

— Vim dizer-lhe adeus — disse.

Fingiu não notar o olhar agoniado que ela lhe lançou, valendo-se do simples estratagema de manter os próprios olhos fitos no chão. — Resolvi deixar a Inglaterra. Vou viajar pelo resto dos meus dias. Que mais pode fazer um velho e rabugento solteirão para se distrair?

Estava pronto para continuar com a brincadeira, mas viu que a cabeça de Ernestina estava curvada e que os nós de seus dedos haviam perdido toda a cor, diante da força com que ela se agarrava à mesa. Ele sabia que, normalmente, ela logo teria percebido a brincadeira, e compreendeu que sua lenta reação naquele momento era provocada por uma profunda emoção, que se transmitiu a ele.

— Mas se soubesse que alguém gosta de mim o bastante para partilhar...

Não pôde continuar, pois ela voltara o rosto para ele, os olhos cheios de lágrimas. Suas mãos se encontraram, e ele a puxou para si. Não se beijaram. Isso lhes seria impossível naquele momento. Como aprisionar impiedosamente todo o instinto sexual por vinte anos e esperar que o prisioneiro não se veja sacudido por soluços quando as portas lhe são abertas de par em par?

Minutos depois, Charles acompanhou Tina, já mais senhora de si, de volta à sala, não sem antes parar diante de um jasmineiro e quebrar um raminho, que ergueu acima da cabeça dela com ar brincalhão.

— Não é azevinho, mas serve, não acha?

Só então os dois se beijaram, com lábios tão castamente assexuados como os de duas crianças. Ernestina começou a chorar de novo, depois enxugou os olhos e permitiu que Charles a levasse de volta à sala, onde seus pais a esperavam. As palavras foram desnecessárias. Ernestina correu para os braços abertos da mãe, e lágrimas tão abundantes como as primeiras começaram a correr. Enquanto isso, os dois homens sorriam um para o outro — um deles, como se tivesse acabado de fechar um negócio excelente, e o outro, como se não estivesse bem certo do planeta em que acabava de aterrissar, esperando sinceramente que os nativos fossem pacíficos.

## 12

*"Em que consiste a alienação do trabalho? Consiste primeiramente em que o trabalho é uma coisa externa para o operário e não faz parte da sua natureza. Conseqüentemente, ele não se realiza em seu trabalho, mas, pelo contrário, nega a si próprio, sente uma sensação de mal-estar, de infelicidade... O operário, por conseguinte, só se sente à vontade nas horas de lazer, enquanto no trabalho se sente desamparado."*

*Marx, Manuscritos econômicos e filosóficos (1844)*

*"And was the day of my delight  
As pure and perfect as I say?" [{31}](#)*

*Tennyson, In memoriam (1850)*

Charles caminhava decidido através das matas de Ware Commons, levando em seu rastro a lembrança da misteriosa mulher. Já caminhara quase dois quilômetros quando topou simultaneamente com uma clareira e com o primeiro posto avançado da civilização. Era um comprido chalé coberto de colmo, situado um pouco abaixo da estrada e rodeado por uma campina que ia em declive até os penhascos. No momento exato em que saía da mata, viu surgir de um estábulo ao lado do chalé, tangido por um homem, um rebanho de vacas. Uma visão infiltrou-se em sua mente — a de uma deliciosa tigela de leite fresco. Não comera nada depois da dose dupla de bolinhos. Chá e ternura chamavam-no para a casa da Sra. Tranter, mas a tigela de leite falou mais alto... e estava muito mais à

mão. Desceu a íngreme encosta coberta de capim e bateu à porta dos fundos do chalé.

Foi aberta por uma mulher atarracada, tipo tonel, os braços gordos cobertos por espuma de sabão. Pois não, ele poderia tomar quanto leite quisesse. O nome do lugar? Granja Leiteira, ao que parecia, era como a chamavam. Charles acompanhou-a a um compartimento de teto inclinado que se estendia ao largo da parte de trás do chalé. Lá dentro havia penumbra e frescor. O chão era de ardósia, e o ar recendia fortemente a queijo posto a curar. Caldeirões de cobre colocados sobre uma armação de madeira, cada um encimado por uma dourada crosta de creme, enfileiravam-se debaixo dos redondos queijos dispostos sobre uma viga do teto como um esquadrão de luas de reserva. Charles lembrou-se então de já ter ouvido falar no lugar. Seu creme e sua manteiga eram afamados na região, e tia Tranter já lhe falara sobre isso. Mencionou o nome dela, e a mulher, que já tirava com uma concha o leite gordo de uma lata junto à porta, e o despejava — exatamente como ele imaginara — numa tigela de louça branca e azul, voltou-se para ele e sorriu. Já não mais se tratava de um estranho, e por isso era tanto mais bem-vindo.

Enquanto conversava com a mulher no relvado da granja, o marido voltou, depois de levar as vacas para o pasto. Era calvo, tinha uma vasta barba, e sua fisionomia era claramente do tipo lamuriento, o rosto de um Jeremias. Lançou à mulher um olhar severo, que a fez calar-se instantaneamente e voltar para suas panelas. O marido era evidentemente um homem taciturno, embora não se tivesse feito de rogado ao dizer o preço da tigela de leite, em resposta a uma pergunta de Charles. O preço era um pêni, uma dessas moedinhas com a graciosa cabeça da jovem Vitória, e que ainda hoje aparecem de vez em quando misturadas ao troco, nas quais só a graciosa cabeça resistiu ao desgaste de um século de constante manuseio.

Charles já se dispunha a subir de volta à estrada. Mal dera os primeiros passos, porém, um vulto escuro surgiu do meio das

árvores, acima dos dois homens. Era a moça. Ela olhou para os dois lá embaixo e continuou o caminho em direção a Lyme. Charles mirou de relance o granjeiro, que se mantinha sombriamente atento à figura que se afastava. Ele não estava disposto a permitir que a discricção o privasse da opinião do profeta.

— O senhor conhece essa moça?

— Conheço.

— Ela sempre passa por aqui?

— Muitas vezes. — O granjeiro ainda a olhava. — Ela não presta. É a Rameira do Tenente Francês.

Decorreram alguns instantes antes que Charles se desse conta do que o homem dissera. Então, atirou um furioso olhar ao barbudo profeta, que era metodista e, por conseguinte, gostava de dar nome aos bois, especialmente quando os bois eram os pecados de alguém. A Charles ele pareceu encarnar toda a hipocrisia — e os mexericos — de Lyme. Charles poderia concluir várias coisas sobre aquele rosto adormecido. Jamais, porém, que fosse o rosto de uma prostituta.

Momentos depois, ele próprio se viu na trilha de carroças que o levava a Lyme. Duas faixas brancas de terra calcária se estendiam ao longo dela. De um lado ficavam as matas, que subiam encosta acima, e de outro havia uma sebe alta, que encobria a meio a vista para o mar. À frente seguia o vulto escuro da moça, que agora pusera o chapéu. Ela não caminhava depressa. Seu passo era regular, sem afetação feminina, como o de alguém acostumado a cobrir grandes distâncias. Charles apressou o seu a fim de alcançá-la, e após uma centena de metros achou-se logo atrás dela. A moça devia ter ouvido suas botas cravadas ressoarem nas pedras que afloravam acima da camada de calcário, mas não olhou para trás. Ele notou que seu casaco era grande demais e que os saltos de seus sapatos estavam sujos de barro. Teve um instante de indecisão, mas a lembrança da sombria expressão no rosto hostil do granjeiro fez com que se conservasse fiel à sua primitiva e cavalheiresca intenção:

mostrar àquela pobre mulher que nem todos os que a cercavam eram bárbaros.

— Senhorita!

Ela se voltou e o viu, sorridente e de cabeça nua. Embora sua expressão fosse agora simplesmente de surpresa, mais uma vez aquele rosto causou nele uma extraordinária impressão. A cada vez que o via, era como se não pudesse acreditar no efeito que lhe causava, e desejava vê-lo novamente. Parecia-lhe que o aceitava e o rejeitava ao mesmo tempo, como se ela fosse uma figura de sonho, imóvel e no entanto sempre se afastando.

— Devo-lhe duas desculpas. Ignorava ontem que fosse a secretária da Sra. Poulteney. Receio ter-me dirigido à senhorita de maneira bastante descortês.

Ela olhava para o chão.

— Não tem importância, senhor.

— E ainda há pouco, quando eu... Tive receio de que estivesse se sentindo mal.

Ainda sem olhar para ele, ela fez uma inclinação de cabeça e se voltou, continuando o caminho.

— Permite-me acompanhá-la, uma vez que seguimos na mesma direção?

Ela parou, mas não se voltou.

— Prefiro caminhar sozinha.

— Foi a Sra. Tranter que me fez compreender meu engano. Sou...

— Eu sei quem é o senhor.

Ele sorriu diante de sua tímida brusquidão.

— Então...

Os olhos dela voltaram-se repentinamente para os seus, e por trás da timidez havia um certo desespero.

— Por favor, deixe-me seguir sozinha. — O sorriso dele desapareceu. Charles inclinou-se e deu um passo atrás. Ao invés, porém, de continuar seu caminho, ela ficou parada por um momento olhando para o chão. — Peço-lhe, por favor, que não diga a ninguém que me viu neste lugar.

E dessa vez, sem tornar a olhá-lo, virou-lhe as costas e se afastou, quase como se soubesse que seu pedido era inútil e já lamentasse tê-lo feito. Parado no meio da estrada, Charles contemplou o vulto escuro que se afastava. Tudo o que lhe ficou foi a imagem impressa em sua mente daqueles olhos desusadamente grandes, que pareciam capazes de ver muito mais e sofrer muito mais. E a firmeza com que se fixaram nos seus — embora ele não soubesse, aquele era o olhar que acompanhava a distribuição dos panfletos — continha uma singular rejeição. "Não se aproxime de mim", diziam. *Noli me tangere*.

Ele olhou ao redor, procurando imaginar, por que razão ela desejava manter em segredo seus passeios por aquela inocente mata. Talvez houvesse algum homem, algum encontro... Então, lembrou-se de sua história.

Quando Charles chegou finalmente à Broad Street, resolveu passar pela casa de tia Tranter a caminho do White Lion e explicar que, tão logo tomasse um banho e vestisse roupas decentes, iria...

A porta foi aberta por Mary, mas aconteceu que a Sra. Tranter passava por acaso pelo vestíbulo — para ser exato, passava deliberadamente por ali — e insistiu para que ele deixasse de cerimônias. Não representavam seus trajes uma boa prova para corroborar as desculpas? Assim, sorridente, Mary tomou-lhe das mãos a bengala e a mochila, e ele foi conduzido à saleta dos fundos, iluminada pelos últimos raios do sol poente, onde a doente jazia na encantadora intimidade de um *deshabillé* <sup>{32}</sup> cinza e carmesim.

— Eu me sinto como um navegador irlandês que se vê levado ao boudoir {33} de uma rainha — desculpou-se Charles ao beijar a ponta dos dedos de Ernestina, demonstrando claramente com isso que faria péssima figura na marinha irlandesa.

Ela retirou a mão.

— Você não tomará uma só gota de chá enquanto não prestar contas de tudo o que fez hoje.

Obedientemente, ele descreveu tudo o que lhe acontecera, ou quase tudo, pois Ernestina já por duas vezes deixara bem claro que qualquer referência à Mulher do Tenente Francês lhe era desagradável — uma vez no Cobb e a outra mais tarde, durante o almoço, quando tia Tranter dera a Charles informações quase idênticas às que o vigário transmitira à Sra. Poulteney doze meses antes. Mas Ernestina censurara sua tia-governanta por estar aborrecendo Charles com mexericos sem interesse, e a pobre senhora — que estava acostumada a ser acusada de provincianismo — calara-se humildemente.

Charles exibiu o pedaço de rocha devidamente incrustado de amonite que trouxera para Ernestina, e a moça estendeu a mão para segurá-lo, sem o conseguir, perdoando tudo a Charles diante daquele fruto de um esforço hercúleo. Mas logo fingiu zangar-se com o noivo, por arriscar assim sua vida e sua integridade física.

— O Undercliff é um lugar fascinante e selvagem. Não tinha idéia de que existissem lugares assim na Inglaterra. Lembrou-me certas paisagens marítimas do norte de Portugal.

— Vejam só, o homem está enfeitado! — exclamou Ernestina. — Vamos, Charles, confesse. Você não esteve degolando pobres e inocentes rochas, e sim divertindo-se com as ninfas do bosque.

Charles mostrou-se nesse momento inexplicavelmente embaraçado, o que procurou disfarçar com um sorriso. A referência à moça estava na ponta de sua língua, e ocorreu-lhe fazer uma jocosa descrição da maneira como a encontrara. Pareceu-lhe, no entanto, que seria uma espécie de traição não só para com a

desgraça da moça como para si mesmo. Sabia que estaria mentindo se mencionasse levianamente os dois encontros que tivera com ela. E o silêncio lhe pareceu um recurso menos hipócrita naquela sala banal.

Resta esclarecer por que razão Ware Commons lembrara Sodoma e Gomorra à Sra. Poulteney quinze dias antes.

Bastaria dizer que se tratava do único lugar, nas vizinhanças de Lyme, aonde as pessoas podiam ir sem que houvesse alguém a espioná-las. A região tinha uma história longa, obscura e suspeita, do ponto de vista legal. Sempre fora considerada propriedade comum, até que vieram as leis sobre divisão de terras, quando então foi usurpada, como atestam até hoje os nomes das terras onde está situada a Granja Leiteira — todas roubadas. Um fidalgo de uma das grandes mansões localizadas abaixo do Undercliff executou uma discreta Anschluss <sup>{34}</sup>, com a aprovação — comum na história — de seus pares. É verdade que os cidadãos de Lyme de tendências mais republicanas pegaram em armas — se machado pode ser considerado arma. Pois o tal fidalgo metera na cabeça fazer um jardim botânico no Undercliff. A lei entrou em cena e fez-se um acordo: o direito de trânsito foi concedido, as árvores foram deixadas em paz, mas a propriedade comum deixou de existir.

Entretanto, persistia entre o povo do lugar a idéia de que Ware Commons pertencia à comunidade. Caçadores furtivos penetravam com mais impunidade em suas matas do que em qualquer outro lugar, atrás de faisões e coelhos, e um dia descobriu-se — horror dos horrores! — que um bando de ciganos estava acampado ali, num vale pequeno e escondido, ninguém sabia há quanto tempo. Esses marginais da sociedade foram imediatamente banidos, mas a lembrança da sua presença permaneceu, acabando por associar-se ao desaparecimento de uma criança de um povoado vizinho, ocorrido na mesma época. Era voz corrente que os ciganos a haviam raptado para fazer com ela um refogado, enterrando seus ossos. Os

ciganos não eram da Inglaterra, por conseguinte só podiam ser canibais.

Mas a acusação mais grave que pesava sobre Ware Commons dizia respeito a infâmia ainda pior: embora nunca houvesse ostentado esse nome — comum no meio rural —, a trilha que passava pela granja e ia terminar na mata era, de fato, uma Alameda dos Namorados. Todo verão, inúmeros casais de namorados sentiam-se atraídos para ali. Havia o pretexto de uma tigela de leite na granja, e na volta várias trilhazinhas convidativas levavam a recantos discretamente protegidos por moitas de fetos e espinheiros.

Essa ferida aberta já era suficientemente desagradável, mas havia fatos ainda mais tenebrosos. De acordo com uma tradição antediluviana (mais antiga do que Shakespeare), numa noite de verão, moças e rapazes deviam dirigir-se, munidos de lampiões, um tocador de violino e alguns barriletes de aguardente, a um pequeno relvado conhecido pelo nome de Donkeys Green, situado no coração da mata, para ali celebrarem com danças o solstício. Muitos diziam que depois da meia-noite as moças e rapazes já não dançavam, antes se sacudiam, e os mais draconianos afirmavam que não faziam nem uma coisa nem outra, e sim uma terceira bem diferente.

Muito recentemente, a agricultura científica nos fez perder o Green para sempre, por culpa de uma mixomatose, mas a tradição em si decaiu, abafada pela decadência geral dos costumes sexuais. Muitos anos decorreram desde que apenas filhotes de raposas e texugos se vêm espojando no relvado de Donkey's Green numa noite de verão. Mas não era assim em 1867.

De fato, apenas um ano antes, uma comissão de senhoras, capitaneadas pela Sra. Poulteney, pressionara as autoridades civis para que o lugar fosse fechado com cerca e portão. Mas vozes mais democráticas prevaleceram. O direito público de trânsito era sacrossanto, e alguns odiosos e devassos conselheiros argumentaram que um passeio à granja era um prazer inocente e que o Baile do Donkey's Green não passava de um ingênuo folguedo

anual. Mas limito-me a dizer que, entre as pessoas mais respeitáveis do lugar, a simples menção de que um rapaz ou uma moça eram "do tipo que freqüentava Ware Commons" deixava-os marcados para o resto da vida. O rapaz não podia deixar de ser um sátiro, e a moça, uma prostituta do campo.

Sarah, por conseguinte, encontrou a Sra. Poulteney à sua espera quando voltou do passeio, na tarde em que a Sra. Fairley tão nobremente se obrigara a cumprir com seu dever. Eu disse apenas "à sua espera", mas devia ter acrescentado "em grande estilo". Sarah apareceu na sala privada para a leitura noturna da Bíblia e se viu frente a frente com a boca de um canhão. Era evidente que a qualquer momento a Sra. Poulteney podia explodir, e com um estrondo verdadeiramente atoador.

Sarah dirigiu-se para a pequena estante colocada num canto da sala, onde a volumosa Bíblia "familiar" — não se tratava, como o leitor está pensando, de uma Bíblia para uso da família, e sim de uma edição em que certas inexplicáveis passagens de mau gosto da Sagrada Escritura (tais como o Cântico de Salomão) haviam sido piedosamente expurgadas — repousava nas horas em que não era usada. Mas a moça percebeu que nem tudo ia bem.

— Houve algum contratempo, Sra. Poulteney?

— Houve um grave contratempo — respondeu a abadessa. — Fui informada de uma coisa em que dificilmente posso acreditar.

— Diz respeito a mim?

— Eu jamais devia ter dado ouvidos ao doutor. Devia ter seguido os ditames de meu próprio bom senso.

— Que foi que eu fiz?

— Não creio que você seja louca, afinal. Você é uma criatura astuta e perversa. Sabe muito bem o que fez.

— Juro pela Bíblia...

Mas a Sra. Poulteney atirou-lhe um olhar indignado:

— Não se atreva a fazer uma coisa dessas! É uma blasfêmia.

Sarah aproximou-se e parou diante de sua patroa.

— Insisto em saber de que é que me acusa.

A Sra. Poulteney disse-o.

Para seu espanto, Sarah não mostrou o menor sinal de embaraço.

— Mas que pecado há em passear em Ware Commons?

— Que pecado? Você, uma moça, passeando sozinha em semelhante lugar!

— Mas, Sra. Poulteney, aquilo não passa de lugar cheio de mato!

— Sei muito bem o que é aquilo e o que acontece por lá. E também que tipo de gente frequenta o lugar.

— Ninguém vai até lá. E é por isso que vou... para ficar sozinha.

— Não me desminta, senhorita! Sei muito bem o que estou dizendo.

O primeiro fato, puro e simples, era que a Sra. Poulteney nunca pusera os olhos em Ware Commons, nem de longe, uma vez que ficava distante de qualquer estrada transitável por carruagem. E o segundo, também puro e simples, era sua queda pelo ópio. Mas, antes que o leitor pense que eu esteja sacrificando loucamente a plausibilidade em nome da sensação, apresso-me a esclarecer que ela o ignorava. O que nós chamamos ópio, ela o chamava láudano, e um astucioso — ainda que blasfemo — doutor da época chamava-o Nosso Lórdano <sup>{35}</sup>, uma vez que no século XIX várias senhoras aristocráticas, e outras tantas plebéias — pois a droga (sob o nome de "cordial de Godfrey") era barata o suficiente para ajudar todas as classes a atravessar aquela negra noite da humanidade feminina —, costumavam bebericá-lo com muito mais frequência do que ao vinho da comunhão. Em resumo, tratava-se de um equivalente muito próximo dos tranqüilizantes de hoje. O que teria levado a Sra. Poulteney ao vitoriano vale das bonecas não compete a nós inquirir,

mas é interessante saber que o láudano, conforme descobriu Coleridge certa vez, proporciona sonhos fantásticos.

Não posso imaginar que tipo de quadro no estilo de Bosch a Sra. Poulteney foi criando em sua imaginação, com o passar dos anos, a respeito de Ware Commons — que orgias satânicas ela supunha ocultas atrás de cada árvore, que perversões francesas sob cada folha. Mas podemos afirmar com segurança que o lugar tinha relação com tudo o que se passava em seu subconsciente.

Sua explosão reduziu Sarah, e ela própria, ao silêncio. Disparado o canhão, a Sra. Poulteney resolveu mudar de tática.

— Você me entristeceu profundamente.

— Mas como podia eu saber? Não tenho licença para ir até a praia. Pois bem, não vou até a praia. Quero ficar sozinha, nada mais. Isso não é pecado. Ninguém poderá me chamar de pecadora por causa disso.

— Você nunca ouviu falar em Ware Commons?

— Da maneira como a senhora está dizendo, nunca.

A Sra. Poulteney mostrou-se um tanto confusa diante da indignação da moça. Lembrou-se de que Sarah viera para Lyme havia pouco tempo, e, por conseguinte, poderia não ser culpada de sua ambígua situação.

— Muito bem, pois que fique bem claro agora. Não consinto que nenhum empregado meu se aproxime daquele lugar. Você terá que restringir seus passeios a lugares recomendáveis. Fiz-me entender bem?

— Sim, senhora. Só posso andar pelos caminhos da retidão.

Por um atônito momento, a Sra. Poulteney julgou ter sido objeto do sarcasmo de Sarah. Mas os olhos da moça estavam gravemente voltados para o chão, como se houvesse pronunciado uma sentença contra si própria, e "retidão" fosse sinônimo de "sofrimento".

—; Não quero mais ouvir falar nessa insensatez. Faço-o para seu próprio bem.

Sarah murmurou:

— Eu sei. — E em seguida: — Obrigada, Sra. Poulteney.

Nada mais foi dito. Ela apanhou a Bíblia e leu a passagem que a Sra. Poulteney assinalara. Era a mesma que escolhera na primeira entrevista, o Salmo 119: "Bem-aventurados os puros de costumes, que seguem a lei do Senhor". Sarah leu com voz comedida, aparentemente sem emoção. A velha senhora, sentada em sua cadeira, estava voltada para as sombras escuras que envolviam a outra extremidade da sala, e sua aparência era a de um ídolo pagão, indiferente ao sacrifício sangrento que sua impiedosa face de pedra exigira.

Mais tarde nessa noite, Sarah poderia ter sido vista — embora eu não saiba por quem, a não ser por uma coruja em trânsito — parada junto à janela aberta de seu quarto escuro. A casa estava silenciosa, e também a cidade, pois as pessoas iam para a cama às nove, nesses tempos anteriores ao advento da eletricidade e da televisão. Eram nove horas. Sarah já estava de camisola, com os cabelos soltos, e contemplava o mar. Uma luz distante piscava fracamente nas águas escuras, na direção de Portland Bill, onde algum navio levantara âncora para Bridport. Sarah percebeu o minúsculo ponto de luz mas não se preocupou com ele.

Se o leitor chegasse ainda mais perto, teria notado que seu rosto estava molhado por silenciosas lágrimas. Sua atitude junto à janela não se devia à misteriosa vigília pelas velas de Satã, e sim à intenção de saltar dali.

Não pretendo fazer com que ela suba tremulamente sobre o peitoril da janela, que oscile e depois caia para trás e fique a soluçar sobre o gasto tapete de seu quarto. Sabemos que ela estava viva quinze dias depois desse incidente, e por conseguinte não saltou pela janela. Nem era seu choro espasmódico e histérico do tipo que pressagia uma ação violenta, e sim causado por um profundo

infortúnio, associado antes à sua condição que aos sentimentos, e que vai crescendo lenta e irreprimivelmente, brotando como o sangue através de uma atadura.

Quem é Sarah?

De que sombras ela surgiu?

*"For the drift of the Maker is dark, an Isis hid by the veil..."* [\[36\]](#)

*Tennyson, "Maud" (1855)*

Não sei. A história que estou contando é pura imaginação. As personagens que crio nunca existiram senão em minha mente. Se fingi adivinhar até agora as idéias e pensamentos mais íntimos de minhas personagens, é porque estou seguindo (assim como adotei seu vocabulário e sua "voz") uma convenção universalmente aceita à época de minha história, ou seja, a de que o romancista está colocado na mesma posição de Deus. Ele pode não saber tudo, mas procura fingir que sabe. Vivo, porém, na era de Alain Robbe-Grillet e Roland Barthes, e se isto que o leitor tem em mãos pode ser chamado de romance, jamais será um romance na moderna acepção do termo.

Quem sabe, eu esteja escrevendo uma autobiografia disfarçada? Talvez eu viva agora numa das casas que minha ficção criou; talvez Charles seja eu próprio em disfarce. Talvez tudo não passe de um jogo. Existem hoje mulheres como Sarah, e eu nunca consegui entendê-las. Ou talvez eu esteja tentando impingir ao leitor um livro de ensaios, sob a forma de romance. No cabeçalho dos capítulos talvez eu devesse ter escrito: "Sobre a horizontalidade da existência", "As ilusões do progresso", "A história da forma do romance", "A etiologia da liberdade", "Alguns aspectos desconhecidos da era vitoriana"... ou coisas parecidas.

Talvez o leitor imagine que ao romancista basta puxar corretamente os cordões para que suas marionetes se comportem como seres humanos e apresentem, a uma ordem sua, uma completa análise de seus motivos e intenções. É evidente que minha intenção a esta altura ("Capítulo décimo terceiro — Revelação do verdadeiro estado de espírito de Sarah") seria contar tudo — ou tudo o que interessa. Mas vejo-me subitamente na posição de um homem que, naquela fria noite de primavera, estivesse olhando do jardim para aquela escura janela no andar superior da Mansão Marlborough. Sei que, no contexto de meu livro, Sarah jamais enxugaria as lágrimas e se debruçaria à janela para apresentar um capítulo de revelações. Teria imediatamente recuado ao me ver ali, quando a velha lua surgisse, desaparecendo em seguida nas sombras do quarto.

Mas sou um romancista, não um homem num jardim. Posso acompanhá-la aonde quiser? Mas possibilidade não significa permissão. Os maridos muitas vezes podem matar as mulheres — e vice-versa — e continuar impunes. Mas não o fazem.

O leitor deve imaginar que os romancistas sempre estabelecem esquemas fixos para seu trabalho, de forma que o futuro predito no capítulo primeiro sempre há de ser confirmado no capítulo décimo terceiro. Mas os romancistas escrevem por várias e diferentes razões-: dinheiro, fama, os críticos, os pais, os amigos, as pessoas amadas; vaidade, orgulho, curiosidade, distração: assim como os bons marceneiros sentem prazer em fazer móveis, os bêbedos em beber, os juízes em julgar, os sicilianos em esvaziar um revólver nas costas do inimigo. Poderia encher um livro com motivos, e todos seriam verdadeiros, embora nem todos fossem inteiramente verdadeiros. Um único motivo é compartilhado por todos nós: desejamos criar mundos que pareçam reais, e no entanto diferentes do mundo que já existe. Ou que existia. É por isso que não podemos fazer um plano. Sabemos que o mundo é um organismo, não uma máquina. Sabemos também que um mundo genuinamente criado deve ser independente de seu criador; um mundo planejado (um mundo que deixa transparecer claramente seu planejamento) é um

mundo morto. Unicamente quando as nossas personagens e acontecimentos se recusam a nos obedecer é que elas começam a viver. Quando Charles deixou Sarah na beira do penhasco, ordenei-lhe que fosse diretamente para Lyme Regis. Mas ele não foi. Por sua livre e espontânea vontade, desviou-se do caminho e foi para a granja.

Ora, dirá o leitor, deixe disso... Mas o que eu quero dizer realmente é que, enquanto escrevia, passou-me pela cabeça a idéia de que talvez fosse interessante fazê-lo parar e tomar o leite... e encontrar Sarah de novo. Aí está, sem dúvida, uma boa explicação para o que aconteceu. Mas a única coisa que posso dizer — e sou a mais fiel das testemunhas — é que a idéia me pareceu partir claramente de Charles, não de mim. Não apenas ele começou a ganhar autonomia, mas além disso devo respeitar essa autonomia e desrespeitar todos os meus planos quase divinos com relação a ele, se desejo que ele pareça real.

Em outras palavras, para que eu próprio seja livre, tenho que dar também a ele, a Tina, a Sarah, até mesmo à abominável Sra. Poulteney sua própria liberdade. Existe apenas uma boa definição de Deus: a liberdade que faz com que existam outras liberdades. E devo conformar-me com essa definição.

O romancista ainda é um deus, uma vez que cria (e nem mesmo os mais aleatórios e avançados romances modernos têm conseguido extirpar completamente seu autor). O que mudou é que já não somos mais os deuses da imagem vitoriana, oniscientes e prepotentes, e sim os de uma nova imagem teológica, em que o princípio primordial é a liberdade, não a autoridade.

Terei lamentavelmente destruído a ilusão? Não. Minhas personagens continuam existindo, e dentro de uma realidade nem mais nem menos real do que a que acabo de destruir. A ficção está entrelaçada em tudo, como bem observou um certo grego há dois mil e quinhentos anos atrás. Acho essa nova realidade (ou irreabilidade) mais válida, e gostaria que o leitor compartilhasse a convicção de que não controlo inteiramente essas criaturas de minha

imaginação, assim como ele não consegue controlar, por mais que se esforce — não importa o quanto haja nele de uma moderna Sra. Poulteney —, seus filhos, colegas, amigos, ou mesmo a si próprio.

Mas estarei dizendo um absurdo? Uma personagem é "real" "imaginária"... Se você pensa assim, hypocrite lecteur, só me resta sorrir. Nem seu próprio passado você julga inteiramente real. Você o enfeita, doura-o ou o torna negro, censura-o, modifica-o de todo jeito... em uma palavra, transforma-o em ficção e o coloca numa prateleira sob a forma de um livro, de sua autobiografia romanceada. Nós todos fugimos da verdadeira realidade. Essa é a definição básica do Homo sapiens.

Assim, se você acha que toda esta infeliz digressão (mas este é o capítulo décimo terceiro) nada tem a ver com sua Época, seu Progresso, sua Sociedade, sua Evolução e todos os outros conhecidos fantasmas da noite que arrastam suas correntes por trás das cenas deste livro... não vou discutir. Mas terei grandes suspeitas a seu respeito.

Relato, pois, apenas os fatos palpáveis: Sarah chorou na escuridão, mas não se matou; continuou, a despeito da expressa proibição, a freqüentar Ware Commons. Por conseguinte, até certo ponto ela saltou de fato pela janela, e vivia numa espécie de queda interminável, pois mais cedo ou mais tarde a Sra. Poulteney tomaria conhecimento, inevitavelmente, da reincidência da pecadora. É bem verdade que Sarah ia menos freqüentemente à mata do que costumava até então, privação essa que se tornou fácil a princípio, devido ao tempo chuvoso das duas semanas seguintes. É também verdade que ela tomou algumas precauções mínimas, do tipo estratégico. A trilha de carroças ia terminar numa pequena estrada, um pouco mais ampla, que fazia uma curva em declive até alcançar uma baixada denominada Ware Valley, e ali se juntava, nos arredores de Lyme, à estrada principal que ligava Sidmouth a Exeter. Havia um punhado de casas respeitáveis espalhadas em Ware Valley,

o que o tornava um lugar conveniente para passeios. Felizmente, nenhuma das casas era visível do ponto onde as duas estradas se bifurcavam. Uma vez ali, Sarah tinha apenas que olhar à sua volta para se assegurar de estar sozinha. Um dia, saiu com a intenção de ir até a mata e, quando seguia pela estradinha que ia ter na trilha da granja, viu duas pessoas numa curva mais adiante. Continuou andando em direção a elas e, ao chegar à curva, parou para se certificar de que não tomavam o caminho da granja. Em seguida, voltou sobre seus passos e penetrou no santuário, sem ser observada.

Sempre corria o risco de encontrar alguém na trilha, e havia também o perigo de ser vista pelo granjeiro ou sua família. Mas passou a evitar esse risco depois de descobrir que um dos vários e convidativos caminhos que levavam até seu refúgio de samambaias e espinheiros passava ao largo da granja e ia terminar dentro da mata. Era esse o caminho que ela vinha usando invariavelmente até a tarde em que, imprudentemente — como ficou provado —, surgiu diante dos olhos dos dois homens.

A razão era simples. Dormira demais, e sabia que estava atrasada para sua leitura. A Sra. Poulteney ia jantar nessa noite com Lady Cotton, e a hora habitual da leitura da Bíblia fora antecipada, a fim de que ela pudesse se preparar para o que sempre constituía na essência, embora não na aparência, um formidável choque entre dois brontossauros, em que o veludo negro tomava o lugar das cartilagens de ferro e as citações da Bíblia substituíam o arreganho de dentes. O que não tornava a batalha menos feroz e impiedosa.

Além do mais, o rosto de Charles, a contemplá-la lá de cima, a chocara. Sentiu acelerar-se a velocidade de sua queda. Quando a terra cruel sobe velozmente ao nosso encontro e a queda é de uma altura tão grande, de que servem as precauções?

*"— Minha noção de boa companhia, sr. Elliot, é a companhia de pessoas inteligentes e bem-informadas, que sabem conversar sobre assuntos, variados. Isso é o que chamo de boa companhia. — A senhora está errada — retrucou ele delicadamente. — Isso não é apenas boa companhia, é a melhor que há. Boa companhia requer apenas berço, educação e boas maneiras, sendo que a educação nem sempre é das melhores."*

*Jane Austen, Persuasão*

Embora os visitantes de Lyme no século XIX não tivessem que passar pelas provações que enfrentavam os visitantes das antigas colônias gregas (de fato, Charles não se viu forçado a pronunciar, do alto dos degraus da prefeitura, uma oração ao estilo de Péricles, acompanhada de um relato sumário abrangendo os últimos acontecimentos mundiais), eles deviam, por outro lado, mostrar-se dispostos a ser examinados e interrogados. Ernestina já avisara a Charles que devia preparar-se para ser encarado como um animal numa jaula e suportar com a maior afabilidade possível os olhares fixos e as cutucadas de guarda-chuva. Assim, duas ou três vezes por semana ele tinha que fazer visitas às senhoras e suportar angustiantes horas de tédio, só aliviadas por uma pequena cena que se repetia com agradável regularidade sempre que voltavam para a casa de tia Tranter. Ernestina olhava então para seus olhos, embaçados pela nuvem de conversas triviais, e perguntava: "Foi

horrível demais? Será capaz de me perdoar? Está com raiva de mim?"

E, quando ele sorria, ela se atirava em seus braços, como se ele houvesse escapado milagrosamente incólume de uma arruaça ou de uma avalanche.

Aconteceu que uma avalanche devia ter lugar na Mansão Marlborough na manhã que se seguiu àquela em que Charles descobrira o Undercliff. Não havia nada de fortuito ou espontâneo nessas visitas. E não podia haver, uma vez que a identidade dos visitantes e dos visitados se espalhava logo pela cidadezinha com incrível rapidez, e as duas partes tinham uma rígida noção do protocolo. O interesse da Sra. Poulteney por Charles provavelmente não era maior do que o sentimento recíproco, mas a velha senhora teria ficado mortalmente ofendida se ele não fosse levado acorrentado até sua casa, para que pudesse calcá-lo sob seu gordo pezinho — e tão logo tivesse chegado à cidade, pois quanto mais tarde fosse feita a visita, menor a honraria.

Esses "estrangeiros", é claro, eram considerados fichas de um jogo. As visitas em si não tinham importância. Mas como eram deliciosamente exploradas, uma vez recebidas! "Como é amável a Sra. Tranter! Quis que eu fosse a primeira a conhecer...", ou: "Estou muito admirada de que Ernestina ainda não a tenha visitado. Ela está nos estragando com suas delicadezas, já estive lá em casa duas vezes...", ou ainda: "Tenho certeza de que não foi de propósito, a Sra. Tranter é uma boa alma, e muito gentil, mas tão distraída..." Essas e outras esplêndidas oportunidades para uma boa punhalada social dependiam de um bom suprimento de visitantes "importantes", como Charles. E ser-lhe-ia tão impossível escapar a seu destino quanto o é para uma gorda ratazana evitar cair nas garras de um gato esfomeado — de várias dezenas de gatos esfomeados, para ser exato.

Quando a chegada da Sra. Tranter e de seus dois jovens acompanhantes foi anunciada, no dia seguinte ao do encontro na mata, Sarah levantou-se imediatamente para deixar a sala. Mas a Sra. Poulteney, a quem a felicidade dos jovens sempre tornava petulante, e que tinha, de qualquer forma, razões bastantes — após uma noite passada em companhia de Lady Cotton — para se mostrar ainda mais petulante, ordenou-lhe que ficasse. Quanto a Ernestina, achava-a uma moça frívola, e estava certa de que seu pretendente devia ser também um frívolo rapaz. Considerava quase como um dever de sua parte deixá-los embaraçados. Além do mais, sabia que aquelas ocasiões sociais eram tão desconfortáveis quanto a serapilheira dos penitentes. Tudo conspirava contra eles.

Os visitantes foram introduzidos na sala. A Sra. Tranter avançou com farfalhante efusão e afabilidade. Sarah estava postada timidamente nos fundos, dolorosamente desambientada, enquanto Charles e Ernestina, inteiramente à vontade, permaneciam sobre o tapete, logo atrás das duas velhas senhoras, que se conheciam por décadas suficientemente numerosas para que o encontro exigisse uma espécie de beijo simbólico. Em seguida, Ernestina foi apresentada e fez um gesto remotamente semelhante a uma mesura, antes de segurar a regia mão estendida.

— Como vai passando, Sra. Poulteney? Sua aparência é a mais saudável possível.

— Na minha idade, Srta. Freeman, a saúde espiritual é a única que conta.

— Então não há nada a temer com relação à senhora.

À Sra. Poulteney teria agradado levar avante aquele interessante assunto, mas Ernestina voltou-se para apresentar Charles, que se curvou sobre a mão da velha senhora.

— Muito prazer, senhora. Tem uma casa encantadora.

— É grande demais para mim. Só a conservo em memória de meu querido marido. Sei que ele teria gostado... que ele gosta que seja assim.

E seu olhar se fixou num ponto atrás de Charles, onde estava colocado o principal ícone da casa, um retrato a óleo de Frederick, pintado dois anos antes de sua morte, em 1851, e no qual via-se claramente que ele fora um homem de bela aparência, sábio, cristão, respeitável e, acima de tudo, superior à maioria. Não havia dúvida de que fora um bom cristão, e extremamente respeitável, mas o pintor recorrera à sua própria imaginação quanto às outras qualidades. O falecido sr. Poulteney fora uma absoluta — embora riquíssima — nulidade, e o único ato realmente importante em sua vida fora deixá-la. Charles observou aquele esqueleto presente à festa com a devida deferência,

— Ah, realmente. Compreendo. Muito natural.

— A vontade deles deve ser obedecida.

— É claro.

A Sra. Tranter, que já sorrisse para Sarah, valeu-se dela para encerrar esse sepulcral intróito.

— Minha cara Srta. Woodruff, é um prazer encontrá-la aqui. — E, aproximando-se de Sarah, apertou-lhe a mão, depois observou-a com genuína solicitude e perguntou-lhe em voz baixa: — Irá visitar-me, quando minha querida Tina for embora? — Por um instante, uma rara expressão atravessou o rosto de Sarah. O computador de seu coração há muito já avaliara a Sra. Tranter e arquivara os dados. Aquela reserva, aquela independência tão perigosamente próxima do desafio, que se tornara sua máscara na presença da Sra. Poulteney, foi abandonada momentaneamente. Ela chegou a sorrir, embora tristemente, fazendo um imperceptível sinal com a cabeça: se pudesse, iria.

Novas apresentações foram feitas. As duas moças inclinaram friamente a cabeça uma para a outra, e Charles fez uma mesura. Observava a moça atentamente, temendo que alguma coisa nela traísse o encontro dos dois no dia anterior, mas os olhos dela evitaram cuidadosamente os seus. Desejava saber como aquele animal selvagem iria comportar-se naquele ambiente fechado, e logo

se decepcionou ao verificar sua absoluta mansidão. A não ser para pedir-lhe que buscasse alguma coisa ou puxasse o cordão da campainha, quando as senhoras decidiram que aceitariam uma xícara de chocolate quente, a Sra. Poulteney ignorou Sarah inteiramente. E o mesmo aconteceu — conforme notou Charles com desagrado — a Ernestina. Tia Tranter fez o possível para que a moça participasse da conversa. Ela, porém, sentou-se um pouco afastada do grupo, e seu rosto mostrava uma certa impassividade e um retraimento que bem poderia ser tomado pela consciência de sua inferioridade social. O próprio Charles dirigiu-lhe polidamente a palavra uma ou duas vezes, pedindo sua opinião sobre algum assunto — mas sem o menor sucesso. Ela falava o menos possível, e continuava a evitar seus olhos.

Só quando a visita já chegava ao fim Charles percebeu um novo aspecto da situação. Tornou-se claro para ele que a silenciosa humildade da moça era contrária à sua natureza, e que ela estava, por conseguinte, representando um papel. Esse papel era motivado pela total desaprovação à sua patroa e pela completa falta de afinidade entre as duas. As senhoras Poulteney e Tranter mergulharam com melancolia e entusiasmo, respectivamente, nos assuntos de conversa já preestabelecidos: criados; o tempo; os nascimentos, enterros e casamentos; o sr. Disraeli e o sr. Gladstone (estes últimos, aparentemente, em homenagem a Charles, embora dessem oportunidade à Sra. Poulteney de condenar severamente os princípios morais do primeiro e as idéias políticas do segundo [{37}](#)); comentários sobre o último sermão dominical, as deficiências do comércio local e daí, naturalmente, aos criados de novo. Enquanto ia sorrindo, levantando as sobrancelhas e fazendo acenos de cabeça durante a travessia desse purgatório familiar, Charles chegou à conclusão de que a silenciosa Srta. Woodruff se acreditava vítima de uma injustiça e, coisa ainda mais interessante para um observador perspicaz, fazia pouco esforço para escondê-lo.

Isso demonstrou perspicácia da parte de Charles, pois notara algo que passara despercebido praticamente a todos em Lyme. Mas talvez sua dedução não fosse além de uma simples suspeita, se a

dona da casa não tivesse dado uma demonstração típica de "poulteneísmo".

— Aquela moça que dispensei... ela lhe trouxe algum problema?

A Sra. Tranter sorriu:

— Mary? Não me separaria dela por nada neste mundo.

— A Sra. Fairley disse-me que a viu conversando esta manhã com uma pessoa. — A Sra. Poulteney disse "pessoa" como dois patriotas franceses teriam dito "nazista" durante a ocupação. — Um rapaz. A Sra. Fairley não o conhece.

Ernestina atirou a Charles um olhar rápido e reprovador. Por um confuso momento, ele julgou que o estivessem acusando, depois compreendeu.

— Deve ter sido Sam — disse com um sorriso. — É meu criado — acrescentou, a título de esclarecimento, à Sra. Poulteney.

Ernestina evitou seu olhar.

— Pretendia falar a você sobre isso. Também os vi conversando ontem.

— Mas não vejo como proibi-los de conversar quando se encontram.

— Há uma enorme diferença entre o que é aceito em Londres e o que é considerado próprio aqui. Acho que você devia falar com Sam. A moça se deixa levar com muita facilidade.

A Sra. Tranter pareceu ofendida.

— Ernestina, meu bem... ela talvez seja uma moça vivaz, mas nunca tive o menor motivo para...

— Minha querida e generosa tia, sei muito bem que a senhora gosta dela.

Charles percebeu secura em sua voz e correu em defesa da ofendida.

— Gostaria que houvesse muitas outras patroas assim. Não há melhor sinal de uma casa feliz do que uma sorridente criada à sua porta.

Diante disso, Ernestina baixou os olhos, os cantos da boca comprimidos numa acusação muda. A boa Sra. Tranter enrubescou levemente ao ouvir o elogio, e também baixou os olhos. A dona da casa assistira a esse fogo cruzado com certa satisfação, e nesse momento resolveu que antipatizava com Charles o bastante para mostrar-se indelicada.

— Sua futura esposa sabe julgar esse assunto melhor do que o senhor. Conheço a moça em questão. Tive de mandá-la embora. Se o senhor fosse mais velho, compreenderia que toda severidade é pouca em casos como esse.

— Curvo-me diante de sua grande experiência, minha senhora.

Mas seu tom era inconfundivelmente frio e sarcástico.

As três mulheres continuaram sentadas, evitando olhar umas para as outras: a Sra. Tranter porque estava embaraçada, Ernestina porque se sentia irritada consigo mesma — pois não tivera a intenção de fazer cair sobre a cabeça de Charles aquela repreensão, e arrepentia-se de não ter ficado calada, e a Sra. Poulteney por ser quem era. Foi então que um olhar, não percebido pelas três, foi trocado entre Charles e Sarah. Foi um olhar breve, mas que valeu por um mundo de palavras. Dois estranhos haviam descoberto que tinham um inimigo comum. Pela primeira vez, ela não olhou através dele, e sim para ele. E nesse momento Charles resolveu que ia vingar-se da Sra. Poulteney e dar a Ernestina uma lição sobre noção de humanidade, de que ela claramente necessitava.

Recordou-se, igualmente, de sua recente escaramuça com o pai de Ernestina a respeito de Charles Darwin. A intolerância prevalecia em excesso no país, e ele não iria permiti-la na moça com quem pretendia casar-se. Falaria também com Sam — por Deus, era claro que falaria também com ele.

E de que maneira fez isso, vê-lo-emos em breve. Mas o sentido geral de sua conversa já fora antecipado, pois naquele preciso momento a "pessoa" mencionada pela Sra. Poulteney estava sentada na cozinha da casa da Sra. Tranter.

Sam de fato encontrara Mary na Coombe Street, naquela manhã, e perguntara-lhe inocentemente se podia entregar o saco de fuligem dali a uma hora. Sabia, naturalmente, que as duas senhoras estariam na Mansão Marlborough, em visita.

A conversa na cozinha foi surpreendentemente séria, na verdade, muito mais séria do que aquela na sala da Sra. Poulteney. Mary estava encostada no enorme armário, com seus lindos braços cruzados sobre o peito e uma mecha de cabelo cor de milho, que escapara da touca, caindo-lhe sobre o rosto. De vez em quando fazia uma pergunta, mas era Sam quem falava durante a maior parte do tempo, embora se dirigisse mais ao brunido tampo da comprida mesa do que a ela.

*"... no que se refere às classes trabalhadoras, as maneiras semi-selvagens da última geração foram substituídas por uma profunda e generalizada sensualidade..."*

*Relatório sobre as zonas mineiras (1850)*

*"Or in the light deeper eyes  
Is matter for a flying smile." [{38}](#)*

*Tennyson, In memoriam (1850)*

Quando, na manhã seguinte, Charles se incumbiu de sondar com certa rudeza o coração plebeu de Sam, não estava realmente traindo Ernestina, fosse qual fosse a opinião da Sra. Poulteney sobre o assunto. Pouco depois da conversa descrita anteriormente, eles deixaram a casa da velha senhora. Ernestina conservou-se calada enquanto desciam a ladeira até a Broad Street. Uma vez ali, ela deu um jeito para ficar a sós com Charles, e, tão logo a porta se fechou à saída da tia, desmanchou-se em lágrimas (sem as habituais e preliminares auto-recriminações) e atirou-se nos braços dele. Era o primeiro desentendimento a macular seu amor, e isso a aterrorizou. Seu gentil e delicado Charles fora menosprezado por aquela horrenda velha, e tudo por causa de uma ciumada de sua parte. Depois que ele lhe deu obsequiosas palmadinhas nas costas e lhe enxugou os olhos, ela lhe disse exatamente isso. Charles depositou

um beijo em cada uma das pálpebras molhadas, como desforra, e perdoou-a imediatamente.

— Tina, querida tolinha, por que haveríamos de negar aos outros o que nos faz tão felizes? Que mal há em que aquela criada sapeca e o malandro do Sam se apaixonem um pelo outro? Acha que devemos atirar-lhes pedras?

Ela sorriu para ele, de sua cadeira.

— Isso é o que acontece quando a gente procura imitar os adultos.

Ele ajoelhou-se a seu lado e segurou-lhe a mão.

— Adorável menina... É isso o que você sempre será para mim.  
— Ernestina curvou-se para beijar-lhe a mão, e ele a beijou no alto da cabeça.

— Oitenta e oito dias. Não agüento esperar tanto — murmurou ela.

— Que tal se fugíssemos e fôssemos para Paris?

— Charles! Que loucura!

Levantou a cabeça, e ele beijou seus lábios. Ela amoleceu o corpo, recostando-se na cadeira, os olhos úmidos, o rosto vermelho, o coração batendo tão depressa que teve a impressão de desfalecer. Era frágil demais para aquelas emoções repentinas. Ele continuava segurando sua mão, apertando-a carinhosamente.

— E se a digna Sra. P. nos visse agora?

Ernestina cobriu o rosto com as mãos e teve um acesso de riso que a deixou sufocada, e contagiou Charles, obrigando-o a se levantar e ir até a janela, onde procurou assumir um ar respeitável... Mas não pôde evitar olhar para trás e percebê-la a espiar por entre os dedos. Nova crise de riso na sala silenciosa. Ambos tiveram a mesma revelação nesse momento: as novas e maravilhosas liberdades que sua época lhes proporcionava. Como era esplêndido serem eles jovens, inteiramente modernos e dotados de um senso de humor também inteiramente moderno, um milênio à frente de...

— Charles... oh, Charles... você se lembra da dama do Período Cretáceo?

E começou tudo de novo... Enquanto isso, a pobre da Sra. Tranter, inteiramente iludida, esperava sobre brasas do lado de fora, imaginando que os dois estivessem brigando. Afinal, criou coragem para entrar, esperando poder consertar as coisas. Tina, ainda às gargalhadas, correu para ela e a beijou nas duas faces.

— Titia querida, a senhora é boa demais, eu é que sou uma criatura horrivelmente mimada. Não quero mais meu vestido verde de passeio. Posso dá-lo a Mary?

E foi assim que, mais tarde, naquele mesmo dia, o nome de Ernestina entrou sinceramente nas orações de Mary. Duvido que as orações tenham sido ouvidas, pois, em vez de ir diretamente para a cama, depois de ajoelhar-se, como deve fazer todo devoto, Mary não resistiu ao desejo de experimentar o vestido verde mais uma vez. Só contava com a luz de uma vela para iluminá-la, mas a luz das velas nunca prejudicou mulher alguma.

Aquela nuvem de cabelos dourados, aquele verde vivaz, aquelas sombras trêmulas, aquele rosto tímido, feliz, surpreso com seu próprio reflexo no espelho... se seu Deus a estivesse observando, Ele teria desejado ser um pecador naquela noite.

— Resolvi que não preciso de você, Sam. — Charles não podia ver o rosto de Sam, pois mantinha os olhos fechados. Estava sendo barbeado. Mas a brusca imobilização da navalha indicou-lhe que o choque causado fora satisfatório. — Pode voltar, para Kensington. — O silêncio que se seguiu teria abrandado o coração de um patrão menos sádico. — Não tem nada a dizer?

— Tenho, sim, senhor. Aqui sou mais feliz.

— Cheguei à conclusão de que você anda fazendo das suas. Sei que isso é natural em você, mas prefiro que faça essas coisas em Londres, onde o povo está mais acostumado com gente-que-faz-das-suas.

— Não fiz nada de mais, sr. Charles.

— Quero também poupar a você o aborrecimento de ter que se encontrar com aquela petulante criadinha da Sra. Tranter. — Houve um audível suspiro. Charles abriu um olho cautelosamente. — Não acha isso uma bondade de minha parte?

Sam manteve o olhar fixo na cabeça do patrão.

— Ela pediu desculpas, e eu aceitei.

— Que está dizendo? De uma simples criadinha? Impossível!

Charles teve que fechar os olhos apressadamente, para se proteger de uma pincelada de espuma aplicada com excessiva energia.

— Foi ignorância dela, sr. Charles. Pura ignorância.

— Compreendo. As coisas estão piores do que eu pensava. É imprescindível que você se vá. — Mas Sam já suportara demais. Deixou a espuma onde estava até que Charles se visse forçado a abrir os olhos para saber o que estava acontecendo. E o que viu foi Sam mergulhado numa profunda depressão, ou pelo menos assim lhe pareceu.

— Que há com você?

Sam rosnou qualquer coisa ininteligível.

— Que é que você disse? Deu para falar latim agora? Mas não importa, sou mais esperto do que você, seu urso. Agora exijo a verdade. Ontem você estava decidido a não tocar naquela senhorita nem com a ponta de uma vara. Vai negar isso?

— Eu fui provocado.

— Compreendo... Mas onde está o printum mobile? Quem provocou primeiro?

Mas Charles fora longe demais. A navalha tremia nas mãos de Sam, não com intenções assassinas, mas com reprimida indignação. Charles estendeu a mão e a tomou, apontando-a para ele.

— Em vinte e quatro horas, Sam? Em vinte e quatro horas?

Sam começou a limpar a pia com a toalha destinada ao rosto de Charles. Fez-se silêncio, e quando ele falou foi com voz embargada.

— Não somos animais, somos gente.

Charles sorriu e se levantou. Pondo a mão em seu ombro, fê-lo virar-se de frente para ele.

— Sam, peço desculpas. Mas você tem de convir que suas passadas relações com o sexo fraco dificilmente me poderiam levar a pensar de outro modo. — Sam baixou os olhos com ar ressentido. Restos do antigo cinismo voltaram a abrigar-se em: seu rosto. — Essa moça... como é mesmo o nome dela? Mary? Pois bem, essa graciosa senhorita pode dar-lhe grande prazer quando você a provoca ou é provocado por ela, mas... deixe-me terminar... fui informado de que é uma criatura terna e confiante. E não vou permitir que seu coração seja partido.

— Dou meu pescoço à forca, sr. Charles!

— Muito bem, acredito em você sem esse sacrifício. Mas não vai pôr mais os pés naquela casa nem conversar com a moça na rua enquanto eu não tiver consultado a Sra. Tranter sobre sua permissão.

Sam, que vinha mantendo os olhos baixos, levantou a cabeça e olhou para seu patrão, sorrindo tristemente, como um soldado agonizante aos pés de seu capitão.

— Sou um peixe no anzol, um miserável peixe no anzol! E um peixe no anzol, desnecessário dizer, é um peixe com poucas esperanças de ressurreição.

## 16

*"Maud in the light of her youth and her grace,  
Singing of Death, and of Honor that cannot die,  
Till I well could weep for a time so sordid and mean,  
And myself so languid and base." {39}*

Tennyson, "Maud"

*"Never, believe me, I knew of the feelings  
[between men and women,  
Till in some village fields in holidays now  
[getting stupid,  
One day sauntering 'long and listless', as  
[Tennyson has it,  
Long and listless strolling, ungainly in  
[hobbadiboyhood,  
Chanced it my eye fell aside on a capless,  
[bonnetless maiden..." {40}*

H. Clough,  
"The bothie of Toper-no-Fuosich" (1848)

Cinco dias decorreram sem acontecimentos dignos de nota depois do que acabei de relatar. Não surgiram para Charles novas oportunidades de continuar sua exploração do Undercliff. Houve uma longa excursão a Sidmouth, e as manhãs dos dias restantes foram ocupadas com visitas e outras diversões mais agradáveis, tais como atirar com arco e flecha, na época a coqueluche das moças inglesas de alta classe. O traje verde-escuro, de rigueur para esse esporte,

assentava muito bem, e era agradável ver os cavalheiros amestrados buscarem as flechas espetadas nos alvos (onde raramente acertavam as que atirava a míope Ernestina) e voltarem com encantadoras pilhérias a respeito de Cupido e corações trespassados.

Quanto às tardes, Ernestina geralmente persuadia-o a passá-las na casa de tia Tranter. Havia vários e importantes assuntos domésticos a discutir, uma vez que a casa de Kensington era pequena demais, e a outra, em Belgravia, para a qual iriam mudar-se finalmente, estava alugada e só voltaria às mãos de Charles dali a dois anos. O pequeno desentendimento entre os dois parecia ter mudado Ernestina. Mostrava-se cheia de deferências para com Charles, cheia de cuidados de esposa, a tal ponto que ele alegou sentir-se como um paxá turco e pediu — sem nenhuma originalidade — que ela o contradissesse de vez em quando, a fim de que ele não se esquecesse de que o casamento dos dois seria um casamento cristão.

Charles suportou com bom humor aquele repentino interesse de Ernestina em satisfazer todos os seus desejos. Era perspicaz bastante para perceber que ela fora apanhada de surpresa. Até ocorrer o pequeno desentendimento, estivera mais apaixonada pela idéia do casamento em si do que pelo futuro marido. Agora, aprendera a respeitar o homem, bem como seu estado. Charles — forçoso é confessar — achava às vezes aquela mudança da segura para a umidade levemente cansativa. É claro que gostava de ser adulado, consultado, alvo de cuidados e atenções. Que homem não gostaria? Mas vivera durante anos uma vida livre de solteiro, e à sua maneira era também uma criança, terrivelmente mimada. Causava-lhe estranheza, ainda, descobrir que suas manhãs já não lhe pertenciam e que seus planos para a tarde às vezes tinham que ser sacrificados por um capricho de Ernestina. Naturalmente, o dever vinha em sua ajuda. Todo marido tem que fazer certas coisas, e ele por conseguinte não podia deixar de fazê-las, assim como não podia deixar de usar roupas de flanela e botas cravadas para andar no campo.

E as noites! Todas aquelas horas a serem preenchidas à luz dos lampiões de gás, e sem a ajuda do cinema ou da televisão! Para aqueles que tinham de ganhar seu sustento, isso não constituía grande problema. Quando uma pessoa trabalha doze horas por dia, decidir o que fazer depois do jantar é um problema fácil de resolver. Mas coitados dos infelizes ricos! Por mais tempo de que dispusessem para ficar sozinhos em outras horas, à noite as convenções exigiam que se aborrecessem na companhia uns dos outros. Vejamos, pois, de que maneira Charles e Ernestina estão atravessando esse deserto, numa determinada noite. De tia Tranter, pelo menos, eles estão livres, pois a bondosa senhora foi tomar chá com uma solteirona inválida da vizinhança — um perfeito fac-símile dela própria, a não ser na aparência e na história pessoal.

Charles está graciosamente esparramado no sofá, dois dedos sobre a face e dois outros, mais o polegar, apoiando o queixo, e com o cotovelo sobre o braço do móvel. Contempla Tina gravemente, sentada do outro lado do tapete de Axminster, com um pequeno livro encadernado em marroquim vermelho na mão esquerda, enquanto a outra segura o quebra-calor (um objeto semelhante a uma raqueta de pingue-pongue de cabo comprido, recoberto de cetim bordado e orlado de passamanaria marrom, cuja finalidade é evitar que as crepitantes brasas da lareira se atrevam a avermelhar a casta palidez de sua pele), que ela agita num ritmo levemente irregular, acompanhando o ritmo regular do poema que está lendo.

Trata-se de um best seller da sexta década do século XIX, *The Lady of La Garaye*, da viscondessa Caroline Norton, a respeito do qual a *Edinburgh Review* publicara a seguinte e abalizada opinião: "O poema narra uma história pura, terna e tocante de dor, tristeza, amor, dever, piedade e morte" — o que constitui, sem dúvida, a mais bela enfiada de palavras-chave dos meados da era vitoriana que poderíamos encontrar (e expressivas demais para que eu as tenha inventado, diga-se de passagem). O leitor poderá imaginar que a Sra. Norton tenha sido apenas uma insípida poetisa da época. Insípidos, seus versos o eram, como irá verificar em breve. Ela, porém, estava longe de ser uma pessoa insípida. Para começar, era

neta de Sheridan <sup>{41}</sup>, e fora, além disso, segundo se dizia, amante de Mel-bourne. Aparentemente, seu marido levou o boato bastante a sério para mover, sem resultado, uma ação contra o grande estadista. E, para completar, ela era uma ardente feminista — o que hoje chamaríamos de uma liberal.

A nobre senhora cujo nome figura no título do poema é a vivaz esposa de um vivaz fidalgo francês. Depois de sofrer, numa caçada, um acidente que a deixou inválida, ela dedica o resto de sua vida excessivamente sombria a obras de caridade — mais úteis do que as de Lady Cotton, já que funda um hospital. Embora os fatos se passem no século XVII, o poema é uma clara apologia de Florence Nightingale. Essa foi, sem dúvida, uma das razões por que calou tão fundo nos corações femininos daquela década. Nós, que nascemos muitas décadas depois, encaramos os grandes reformadores como pessoas que conseguiram vencer uma grande oposição ou uma grande apatia. Não há dúvida de que a oposição e a apatia foram os grandes obstáculos no caminho da verdadeira Dama da Lanterna, mas na simpatia, como já tive ocasião de mencionar, existe um componente igualmente prejudicial. Não era de forma alguma aprimeiravezqueErnestinaliaopoema. Sabiaalguns trechos dele quase de cor. A cada vez que o lia (e fazia-o declaradamente nesse momento porque estavam na Quaresma), sentia seu espírito elevar-se e purificar-se, e parecia-lhe que se tornava uma pessoa melhor. Resta-me apenas acrescentar que ela jamais pusera os pés num hospital, ou cuidara de um aldeão doente em toda a sua vida. Seus pais não lhe permitiriam isso, evidentemente, mas a verdade é que nunca sequer pensara em fazer semelhante coisa.

Ora, dirá o leitor, mas as mulheres estavam acorrentadas ao seu papel naquela época. Convém, pois, que anote a data dessa noite: 6 de abril de 1867. Apenas uma semana antes, em Westminster, John Stuart Mill aproveitara os primeiros debates sobre a Carta de Reforma para argumentar que chegara a hora de dar às mulheres direitos iguais nas urnas. Sua corajosa tentativa (a emenda foi derrubada por cento e noventa e seis votos contra setenta e três, com uma abstenção — a de Disraeli, a velha raposa) foi saudada

com sorrisos pelo homem comum, com zombarias pelo Punch <sup>{42}</sup> (uma caricatura mostrava um grupo de cavalheiros acuando uma ministra do gabinete, au, au, au) e com cenhos franzidos por uma triste maioria de mulheres instruídas, as quais afirmavam que sua influência se exercia melhor em casa. Não obstante, a data de 30 de março de 1867 pode ser considerada o início da emancipação feminina na Inglaterra. E Ernestina, que se divertira com o Punch da semana anterior, que Charles lhe mostrara, não pode ser completamente isenta de culpa.

Mas havíamos começado com uma noite em uma casa vitoriana. Voltemos a ela. Ouçamos. Charles contempla, com uma leve opacidade em seus olhos devidamente solenes, o rosto sério de Ernestina.

— Devo continuar?

— Você lê maravilhosamente bem.

Ela limpa a garganta delicadamente e pega o livro de novo. O acidente na caçada acabou de ocorrer: o Lorde de La Garaye presta socorro à esposa desfalecida.

"Ele afasta a massa de cabelos dourados,  
Ergue-a, impotente, com trêmulo cuidado,

Contempla seu rosto com olhos aturdidos...

Ela morre — a amada de seu coração — ela morre!"

Ernestina lança um olhar rápido e solene a Charles. Ele tem os olhos fechados, como se tentasse visualizar a trágica cena. Balança a cabeça gravemente. É todo ouvidos.

Ernestina continua.

"Talvez se pudessem ouvir, em meio a seus temerosos pensamentos,

As batidas de seu coração, como um imenso relógio,  
E o vigoroso pulso vacilar e por um instante deter-se  
Quando, comrepentinaalegria, desseterrorfoi libertado,  
E dos brancos lábios um murmúrio saiu, débil e trêmulo:  
'Oh, Cláudio!', ela disse, e não mais... Mas nunca, até então,  
Pulsara seu coração com tão ardente certeza, como agora,  
De que ela era tudo para ele — tudo. "

O último verso lido num tom significativo. De novo ela olha rapidamente para Charles. Os olhos dele ainda estão fechados, mas é evidente que está comovido demais para balançar a cabeça. Ernestina toma respiração, os olhos ainda voltados gravemente para o noivo reclinado no sofá. Continua.

"'Oh, Cláudio... como sofro!' 'Oh, Gertrudes, minha amada!'  
E então nos brancos lábios um débil sorriso perpassou,  
Que do conforto daquela voz mudamente dizia...  
'Você está dormindo, seu cabeça-vazia!'"

Silêncio. O rosto de Charles é como o de um homem num funeral. Nova e funda inspiração, novo e incisivo olhar.

"Ah, felizes os que na tristeza ou na dor  
Não aspiram em vão pelo rosto de seu amor..."

— Charles!

O poema se transforma subitamente num míssil, que atinge Charles de raspão no ombro e cai no chão ao lado do sofá.

— Que foi? — Ele vê Ernestina de pé, as mãos nos quadris, em atitude pouco característica. Endireita-se no sofá e murmura: — Oh, meu Deus!

— Você foi apanhado em flagrante, meu caro. Não tem desculpa.

Mas as desculpas e os castigos devem ter sido satisfatórios, pois logo no almoço do dia seguinte ele teve a coragem de protestar quando Ernestina propôs pela décima nona vez que discutissem os móveis de seu escritório para uma casa ainda inexistente. A necessidade de mudar-se de sua pequena e confortável residência em Kensington não era o menor dos sacrifícios que ameaçavam Charles, e ele não gostava que lhe lembrassem isso. Tia Tranter apoiava seu ponto de vista, e por conseguinte ele teve permissão para passar a tarde escarafunchando os arredores em busca de suas "horrendas pedras".

Decidiu imediatamente aonde queria ir. A Mulher do Tenente Francês absorvera-lhe inteiramente a atenção quando a encontrara naquele isolado penhasco. Entretanto, tivera tempo de notar, na base do pequeno alcantil em cujo topo ela se deitara, uma considerável quantidade de lascas de pedras caídas da rocha. Foi certamente isso o que o fez voltar ao lugar nessa tarde. A intensificação do amor entre ele e Ernestina e a nova compreensão surgida entre os dois haviam afastado de sua mente, pelo menos conscientemente, qualquer lembrança da secretária da Sra. Poulteney, e só se recordava dela por acaso, fugazmente.

Quando chegou ao ponto onde tinha de abrir caminho entre os espinheiros para subir a encosta, sua figura veio-lhe à mente irremediavelmente, de forma vivida. Recordou-se com nitidez da

atitude da moça naquele dia. Mas, quando atravessou a relva e olhou para a saliência na rocha, lá embaixo, encontrou-a deserta, e logo se esqueceu dela. Descobriu um caminho que dava acesso à base do alcantil e pôs-se a procurar seus ouriços-do-mar no meio do entulho. O dia estava mais frio do que da vez anterior. Sol e nuvens se alternavam rapidamente, como sempre ocorre em abril, mas o vento vinha do norte. A base do penhasco voltado para o sul constituía, por conseguinte, um abrigo quente e agradável, e a esse calor somou-se o entusiasmo de Charles ao ver a seus pés um esplêndido exemplar de equinodermo, que parecia ter-se desprendido de sua matriz de sílica em época bastante recente.

Quarenta minutos mais tarde, entretanto, chegou à conclusão de que não teria mais sorte naquele dia, pelo menos naquele monte de pedras ao pé da rocha. Subiu de novo ao platô e tomou o caminho que levava de volta à mata. E ali, um leve movimento... um vulto escuro!

Ela se achava a meio caminho da íngreme subida, ocupada demais em desvencilhar o casaco de um recalitrante ramo de espinheiro para que pudesse ouvir os passos de Charles, abafados pela relva. No momento em que a viu, ele parou. O caminho era estreito e ela tinha preferência. Então, a moça o viu. Ficaram parados, à distância de uns cinco metros um do outro, ambos claramente embaraçados, embora com diferentes expressões em suas fisionomias. Charles sorria, e Sarah o encarava com profunda desconfiança.

— Srta. Woodruff!

Ela fez um imperceptível aceno com a cabeça e pareceu hesitar, como se seu desejo fosse voltar, se pudesse. Mas logo percebeu que ele se afastara para um lado a fim de lhe dar passagem, e apressou o passo. Foi então que escorregou num traiçoeiro trecho do caminho barrento e caiu de joelhos. Ele deu um salto para a frente e ajudou-a a se levantar. E ela era agora um perfeito animal selvagem, incapaz de encará-lo, trêmula, aturdida.

Com toda a delicadeza, a mão apoiando-lhe o cotovelo, ele a guiou até a parte plana e relvada acima do mar. Ela usava o mesmo casaco preto, o mesmo vestido azul de gola branca. Fosse devido à escorregadela ou ao ar frio, ou porque ele lhe segurava o braço — não sei —, o fato é que havia em suas faces um viço, um rosado vivo que combinava admiravelmente com sua selvagem timidez. O vento desmanchara um pouco seu cabelo, e ela lembrava vagamente um garoto apanhado roubando maçãs num pomar... um culpado, mas um culpado rebelde. De repente, ela se voltou para Charles, inclinando a cabeça para um lado num movimento rápido, e num relance voltou-lhe aqueles límpidos olhos castanho-escuros, ligeiramente exoftálmicos — um olhar em que havia ao mesmo tempo timidez e repulsa.

— Tenho medo de pensar no que poderia acontecer, Srta. woodruff, se um dia torcesse o tornozelo num lugar como este.

— Isso não teria importância.

— Pelo contrário, teria grande importância, prezada senhorita. A julgar pelo pedido que me fez na semana passada, parece-me não ser seu desejo que a Sra. Poulteney saiba que costuma vir aqui. Longe de mim a idéia de lhe perguntar a razão para isso. Mas não posso deixar de frisar que, se sofresse algum acidente, eu seria a única pessoa em Lyme que poderia servir de guia para os que viessem socorrê-la. É verdade ou não é?

— Ela sabe, acabaria adivinhando.

— Ela sabe que a senhorita costuma vir aqui, exatamente a este lugar?

Sarah olhou para a relva, como se não pretendesse responder a qualquer outra pergunta, e pediu-lhe que fosse embora. Mas havia alguma coisa naquele rosto, cujo perfil Charles observou atentamente, que o fez tomar a decisão de ficar. Tudo nele fora sacrificado — percebia agora — em favor dos olhos. Eles não escondiam a inteligência, a independência de espírito que havia por trás deles. Era evidente também uma silenciosa oposição a qualquer

mostra de simpatia, uma determinação de ser o que ela era. Sobrancelhas delicadas, finas e arqueadas eram a moda de então, mas as de Sarah eram grossas ou pelo menos desusadamente escuras, quase da cor de seu cabelo, o que as fazia parecer grossas, dando-lhe de vez em quando um leve ar de garoto peralta. Não quero dizer com isso que ela tivesse um desses belos rostos masculinizados e de queixo largo, tão em voga na era eduardiana. Seu rosto era bem modelado e inteiramente feminino, e a reprimida intensidade de seus olhos combinava com a reprimida sensualidade de sua boca, que era rasgada — e também nisso não correspondia ao gosto da época, o qual oscilava entre graciosas boquinhas quase sem lábios e infantis corações de cupido. Charles, como a maioria dos homens de seu tempo, ainda se achava levemente influenciado pela fisiognomia de Lavater <sup>{43}</sup>. Observou aquela boca atentamente e não se deixou iludir ao vê-la comprimida de maneira pouco natural.

Não há dúvida de que alguns ecos foram despertados na mente de Charles pelo rápido olhar que lhe lançaram aqueles olhos escuros. Mas não eram ecos ingleses. Ele associava rostos daquele tipo a mulheres estrangeiras, e — para ser franco (muito mais franco do que ele teria sido consigo mesmo) — a leitos estrangeiros. Isso marcou uma nova fase em seus conhecimentos a respeito de Sarah. Já percebera que ela era mais inteligente e mais independente do que parecia. Agora suspeitava de outras qualidades, menos louváveis.

Para a maioria dos ingleses de seu tempo, essa intuição da verdadeira natureza de Sarah teria causado repulsa, e na verdade causou em Charles uma leve repulsa — ou pelo menos um choque. Estava suficientemente imbuído dos preconceitos de seus contemporâneos para suspeitar da sensualidade sob qualquer aspecto. Mas enquanto eles, por uma dessas terríveis equações que se realizam por ordem do superego, teriam feito Sarah vagamente responsável por ser o que era, com Charles não ocorria isso. E por esse fato devemos ser gratos a seus interesses científicos. O darwinismo — como perceberam seus opositores mais perspicazes —

abriu as comportas para algo muito mais sério do que o simples solapamento da lenda bíblica acerca das origens do homem. Suas implicações mais profundas dizem respeito ao determinismo e ao behaviorismo, isto é, às filosofias que reduzem a moralidade a uma hipocrisia e o dever a uma choupana de palha no meio de um furacão. Não digo que Charles tenha absolvido Sarah completamente, mas mostrava-se muito menos inclinado a culpá-la do que ela imaginava.

Em parte, pois, por seus interesses científicos... mas Charles tinha também a vantagem de haver lido — muito em segredo, pois o livro fora banido por causa de sua obscenidade — um romance que surgira na França uns dez anos antes. Era um romance profundamente determinista em suas conclusões, o afamado *Madame Bovary*. E foi quando contemplava o rosto a seu lado que, de súbito, lhe saltou à mente, vindo não sabia de onde, o nome de Emma Bovary. Associações como essa significam percepção — e tentação. Foi por esse motivo, finalmente, que ele permaneceu onde estava.

Ela falou, afinal.

— Não sabia que o senhor estava aqui.

— Como iria saber?

— Preciso voltar.

E virou-lhe as costas. Mas ele começou a falar rapidamente.

— Permite-me dizer-lhe algumas coisas primeiro? Algo que eu, não conhecendo bem a senhorita nem sua situação, talvez não tenha o direito de dizer. — Ela ficou de cabeça baixa, as costas voltadas para ele. — Posso continuar?

Ela não respondeu. Charles hesitou por um momento, depois começou a falar.

— Srta. Woodruff, não pretendo negar que os fatos referentes à senhorita já foram discutidos em minha presença... pela Sra. Tranter. Quero apenas declarar que foram discutidos com simpatia e

caridade. Ela tem certeza de que a senhorita não é feliz em sua presente situação, e que a aceitou, segundo entendi, mais por força das circunstâncias do que por sua vontade. Conheço a Sra. Tranter há muito pouco tempo, mas entre os privilégios que me trouxe meu próximo casamento figura com destaque o de ter travado relações com uma pessoa de tão genuína bondade. Irei direto ao assunto. Tenho certeza de que...

Ele parou, ao vê-la virar a cabeça rapidamente na direção das árvores que ficavam atrás deles. Seus ouvidos apurados haviam percebido um ruído, um ramo estalado sob os pés de alguém. Mas antes que pudesse perguntar-lhe o que havia, ele também ouviu homens falando em voz baixa. A essa altura, porém, ela já se pusera em movimento. Arrepanhando as saias, atravessou correndo o relvado e desapareceu por trás de uma moita de tojo, distante uns quarenta metros do ponto onde estavam, que começava a tomar conta da relva. Charles ficou parado, estarrecido, como um mudo cúmplice.

As vozes masculinas se tornaram mais fortes. Ele precisava agir. Dirigiu-se a passos largos para o ponto onde desembocava o caminho que passava entre os espinheiros. Foi a sua sorte, pois no momento em que chegava à entrada do caminho dois rostos apareceram no meio do mato, aparentando grande surpresa. Era evidente que os dois homens tinham a intenção de seguir pelo mesmo caminho onde Charles se encontrava. Ele abriu a boca para dizer bom-dia, mas os rostos desapareceram com espantosa rapidez. Ouviu uma voz sibilante:

— Pega, Jem! — e o rumor de alguém correndo. Logo depois ouviu um assobio baixo e incisivo e os ganidos nervosos de um cão. Em seguida, tudo se aquietou.

Ele esperou uns minutos até certificar-se de que tinham ido embora, depois encaminhou-se para a moita de tojo. Ela estava parada junto à moita, o corpo comprimido contra as afiadas pontas e o rosto voltado para o outro lado.

— Eles já se foram. Dois caçadores clandestinos, ao que parece.

Ela concordou com a cabeça, mas evitava encará-lo. O tojo estava em plena florescência, e suas flores amarelo-cádmio eram tão profusas que quase cobriam a folhagem. No ar espalhava-se um perfume almiscarado.

Ele observou:

— Não creio que isso fosse necessário.

— Nenhum cavalheiro que zela pelo seu bom nome deve ser visto com a mulher mais visada de Lyme.

E isso também já representava algum progresso, pois havia amargura em sua voz. Ele sorriu para o rosto teimosamente virado para o outro lado.

— A única marca que consigo ver na senhorita são essas duas manchas vermelhas em seu rosto.

Ela lhe atirou um rápido olhar, novamente como se ele estivesse torturando um animal acuado, e logo virou o rosto.

Charles falou delicadamente:

— Não me interprete mal. Lamento profundamente sua triste situação, e agradeço sua delicadeza em se preocupar com meu bom nome. Mas a opinião de pessoas como a Sra. Poulteney não me interessa.

Ela não se mexeu. Charles continuou sorrindo, inteiramente à vontade, por suas viagens, suas leituras, seu conhecimento do vasto mundo.

— Minha cara Srta. Woodruff, tenho uma boa experiência da vida. E um grande desprezo pelos intolerantes, por mais que se façam passar por piedosos perante o resto da humanidade. Quer fazer o favor agora de deixar seu esconderijo? Não vejo nenhum inconveniente em nos encontrarmos aqui por acaso. E a senhorita tem de permitir que eu termine o que estava dizendo.

Ele se afastou para um lado, e a moça deixou a moita de tojo. Notou que seus olhos estavam úmidos, e não quis forçá-la a aceitar sua presença, mantendo-se alguns passos atrás dela.

— A Sra. Tranter gostaria... na verdade, está ansiosa por ajudá-la, se quiser mudar sua situação.

A única resposta da moça foi sacudir a cabeça.

— Ninguém está inteiramente perdido... quando inspira simpatia aos outros. — Ele fez uma pausa. O forte vento que soprava fez esvoaçar uma mecha do cabelo dela. Ela ajeitou-a nervosamente. — Estou dizendo simplesmente o que a própria Sra. Tranter gostaria de dizer.

Charles não estava exagerando, pois durante o festivo almoço que se seguira à reconciliação eles haviam discutido o problema de Sarah e da Sra. Poulteney. Charles fora apenas uma vítima passageira da prepotência da velha senhora, e era natural que ele e os outros se preocupassem com ela, uma vítima permanente. Charles resolveu, agora que se embrenhara por caminhos ínvios demais para alguém menos cosmopolita, contar a Sarah as conclusões a que tinham chegado naquele dia.

— A senhorita devia sair de Lyme, deste distrito. Sei que tem excelentes aptidões, que poderiam ser muito mais bem empregadas em outro lugar. — Sarah não deu resposta. — Sei que a srta. Freeman e sua mãe teriam grande prazer em fazer indagações em Londres.

Então, ela se afastou dele, dirigindo-se para a borda do penhasco, onde ficou a contemplar longamente o mar, depois voltou-se e olhou para ele, ainda parado junto à moita de tojo. E seu olhar foi tão direto, tão estranho, tão refulgente, que ele sorriu — um desses sorrisos que a pessoa sabe serem inadequados, mas que não consegue evitar.

Ela baixou os olhos.

— Agradeço sua bondade, mas não posso deixar este lugar.

Charles encolheu os ombros de maneira quase imperceptível. Estava perplexo e sentia-se vagamente mal compreendido.

— Mais uma vez, peço-lhe desculpas por me intrometer em seus assuntos particulares. Isto não voltará a acontecer.

Inclinou-se e voltou-se para ir embora. Mal dera dois passos, porém, ela falou:

— Eu... eu sei que a sra. Tranter está querendo ajudar.

— Então consinta que ela ajude.

Ela olhou para a relva entre os dois.

— Estou muito agradecida por... por alguém falar comigo como se eu... não fosse o que sou. Mas essa bondade...

— Essa bondade...

— É mais cruel para mim do que...

Não terminou a frase, voltando-se para o mar. Charles teve vontade de segurar seus ombros e sacudi-la. A tragédia pode ser muito apropriada para um palco, mas na vida comum parece às vezes simples obstinação. E foi o que ele lhe disse, com palavras muito menos rudes.

— O que o senhor chama de obstinação é tudo com que posso contar.

— Permita-me usar de franqueza. Ouvei dizer que não é... muito certa da cabeça. Acho que isso está longe da verdade. O que penso é que fez um julgamento severo demais sobre sua conduta no passado. Por que cargas-d'água insiste em andar sempre sozinha? Não acha que já se penitenciou bastante? A senhorita é jovem, tem capacidade para trabalhar para seu próprio sustento. Não há nenhum laço familiar que a prenda a Dorset, pelo que sei.

— Há um, sim.

— Refere-se ao cavalheiro francês? — Ela virou-lhe as costas, como se se tratasse de um assunto proibido. — Permita que eu insista. Assuntos como esse são como as feridas. Se não temos

coragem de mencioná-los, eles gangrenam. Se ele não voltar, é porque não é digno da senhorita. E se voltar, estou certo de que não desistirá facilmente de ir procurá-la onde estiver, caso não a encontre em Lyme Regis. Não acha esse raciocínio sensato?

Fez-se um longo silêncio. Ele deu alguns passos para o lado, sem diminuir a distância que os separava, a fim de poder ver seu perfil. Sua expressão era estranha, quase tranqüila, como se o que ele dissera houvesse confirmado uma convicção profunda em seu coração.

Ela continuou olhando para o mar, onde um brigue de velas avermelhadas e iluminado por um raio de sol podia ser visto ao longe, rumando para oeste. Falou baixinho, como se se dirigisse ao navio distante.

— Ele jamais voltará.

— O que quer dizer é que tem medo de que ele nunca volte?

— Tenho certeza de que nunca vai voltar.

— Não estou entendendo bem.

Ela se voltou e encarou o rosto solícito e perplexo de Charles. Por algum tempo, pareceu quase divertir-se com o seu espanto. Depois, tomou a virar a cabeça.

— Recebi uma carta faz muito tempo. Esse cavalheiro é... — e de novo ela se calou, como se desejasse não ter falado tanto. De repente, começou a atravessar rapidamente o relvado, quase correndo, em direção à trilha.

— Senhorita!

Ela deu mais alguns passos, e depois se voltou. De novo, aqueles olhos o repeliram e o trespassaram ao mesmo tempo. Em sua voz havia uma dureza reprimida, que no entanto parecia dirigida tanto a ela própria quanto a Charles.

— Ele é casado!

— Senhorita!

Mas a moça não ouviu mais nada, e deixou-o sozinho. Seu espanto era natural. Pouco natural foi o sentimento de culpa que se apossou dele naquele momento. Sentia como se tivesse demonstrado uma grosseira falta de simpatia, quando estava certo de ter agido com a melhor das intenções. Por muito tempo ficou olhando para o ponto onde ela desaparecera. Depois, voltou-se e contemplou o brigue distante, como se o barco pudesse dar uma resposta para o enigma. Mas não deu.

# 17

*"The boats, the sands, the esplanade,  
The laughing crowd;  
Light-hearted, loud  
Greetings from some not ill-endowed:*

*The evening sunlit cliffs, the talk,  
Hailings and halts,  
The keen sea-salts,  
The band, the Morgenblätter Waltz.*

*Still, when at night I drew inside  
Forward she carne,  
Sad, but the same..." [{44}](#)*

*Hardy, "At a seaside town in 1869"*

Naquela noite, Charles achou-se sentado entre a Sra. Tranter e Ernestina no Salão de Festas de Lyme. Esse salão não era grande coisa, comparado com os de Bath e de Cheltenham, mas era agradável, espaçoso, e suas janelas davam para o mar. Por infelicidade, era um ponto de reunião agradável demais para que não fosse sacrificado a esse grande deus inglês — a Conveniência. Em conseqüência, foi demolido há muitas dezenas de anos pelo Conselho Municipal, interessado unicamente no bem-estar das bexigas da comunidade, a fim de construir no local um dos mais feios e pior situados balneários públicos de todo o império britânico.

Ninguém pense, entretanto, que o "contingente Poulteney" de Lyme se opusesse à frívola arquitetura do salão. O que se passava lá dentro é que os enfurecia. O lugar era um antro de jogo, de bailes e concertos, freqüentado por cavalheiros de charuto à boca. Em suma, propiciava prazeres. E a Sra. Poulteney, juntamente com outros de seu jaez, sabia muito bem que o único lugar que uma cidade decente podia oferecer ao povo como ponto de reunião era a igreja. Quando o Salão de Festas de Lyme foi demolido, levou com ele o coração da cidade. E até hoje ninguém conseguiu trazê-lo de volta.

Charles e suas damas foram ao prédio condenado a fim de assistir a um concerto. Não se tratava, evidentemente — visto estarem na Quaresma —, de um concerto de música profana. O programa era inapelavelmente religioso. Mesmo isso chocava os habitantes de Lyme de mentalidade mais estreita, que professavam pelo menos em público um respeito pela Quaresma semelhante ao que o mais ortodoxo dos moslins tem pelo ramadã. Havia, por conseguinte, alguns lugares vagos defronte da plataforma, armada no salão principal e ornada com uma franja de samambaias, onde ia realizar-se o concerto.

Nossos três esclarecidos amigos haviam chegado cedo, como a maioria da assistência, pois esses concertos eram de fato apreciados — no genuíno estilo do século XVIII — não só por causa da música como pelo convívio social que proporcionavam. Constituíam excelente oportunidade para as senhoras observarem e comentarem a elegância dos vizinhos, e também para exibirem a sua. A própria Ernestina, com todo o seu desprezo pela província, caiu vítima dessa vaidade. Pelo menos ali ela sabia que teria poucas rivais no que se referia ao luxo e bom gosto de suas roupas — e os olhares subreptícios lançados ao seu chapeuzinho tipo "prato" (nada daqueles antigos e horrendos chapéus atados sob o queixo, para ela), com suas fitas brancas e verde-trevo, ao seu vestido vert esperance, à sua pelica preta e malva, às suas botas de Balmoral, constituíam uma agradável compensação por todo o tédio sofrido em outras ocasiões.

Ela se mostrava espirituosa e travessa naquela noite, enquanto o povo ia entrando. Um ouvido de Charles tinha que estar atento aos comentários da Sra. Tranter sobre os recém-chegados — lugar onde moravam, parentes, antepassados —, e o outro às malévolas observações de Tina, ditas sobre você. Aquela senhora com cara de John Bull <sup>{45}</sup>, do outro lado da sala ele ficou sabendo pela tia —, era a "Sra. Tomkins, boníssima e caridosa criatura, um pouco surda, tem uma casa acima da Mansão Elm, os filhos estão na Índia", enquanto outra voz o informava sucintamente de que ela era um "perfeito xarope". De acordo com Ernestina, havia mais xaropes do que seres humanos a esperar ali com paciência, embora com grande intercâmbio de mexericos, que o concerto começasse. Toda década inventa úteis epítetos desse tipo. Na que se iniciara em 1860, "xarope" queria dizer "tudo o que é tedioso e fora de moda". Na época atual, Ernestina teria chamado "quadrados" àqueles dignos freqüentadores de concertos... o que calhava bem para descrever a forma da Sra. Tomkins, ao menos de trás.

Finalmente, a renomada soprano de Bristol apareceu, com seu acompanhante, o ainda mais renomado Signor Ritornello (ou coisa parecida, pois se um homem é pianista tem que ser italiano), e Charles ficou livre para examinar sua consciência.

Pelo menos era essa sua intenção no princípio, como se tal coisa fosse seu dever, o que ocultava o fato de ser também um prazer. A verdade pura era que ele se tornara um pouco obcecado por Sarah... ou, pelo menos, pelo enigma que ela representava. Quando passara pela casa da noiva, para acompanhá-la juntamente com a tia ao Salão de Festas, era sua intenção — ou ele assim pensava — mencionar seu encontro — naturalmente sob a estrita condição de que não deviam falar a ninguém sobre os passeios de Sarah em Ware Commons. Mas o momento lhe parecera inoportuno. Para começar, houve uma disputa bastante concreta em que ele teve de atuar como árbitro — o capricho de Ernestina em vestir granadina quando a temporada ainda exigia merino, já que um dos novecentos e noventa e nove mandamentos que seus pais tinham acrescentado aos dez regulamentares era: "Não vestirás granadina senão em

maio". Charles liquidou a controvérsia pela lisonja. Mas, se Sarah não foi mencionada, isso se deveu a sua paulatina compreensão de que fora longe demais na conversa com ela, e que perdera todo senso de proporção. Agira insensatamente, permitindo que um descabido cavalheirismo o deixasse surdo aos apelos do bom senso. E o pior é que encontrava agora uma dificuldade infernal em explicar a situação para Ernestina.

Estava perfeitamente consciente de que a moça abrigava em seu coração uma formidável parcela de ciúme, embora ainda latente. Na pior das hipóteses, acharia seu comportamento incompreensível e ficaria zangada com ele, e na melhor iria apenas divertir-se à sua custa, mas essa última hipótese era uma alternativa indesejável. Ele não queria ser alvo de pilhérias sobre o assunto. Charles poderia talvez ter confiado mais seguramente na Sra. Tranter. Ela — estava certo disso — compartilharia de seus caridosos interesses. Mas o fingimento era totalmente estranho a seu caráter. Não podia pedir-lhe que nada dissesse a Ernestina, e se Tina soubesse do encontro através da tia ele estaria em maus lençóis.

Quanto a seus outros sentimentos — no que dizia respeito a Ernestina, aquela noite —, ele dificilmente teria coragem para examiná-los. O estado de espírito da moça não o irritava propriamente, mas parecia-lhe desusado e indesejavelmente artificial, como algo que houvesse vestido juntamente com o chapéu francês e a nova pelica — para combinar com eles e não com a ocasião. Além do mais, exigia dele uma resposta... um conivente piscar de olhos, o sorriso constante com que ele a brindava, igualmente artificial, fazendo com que ele parecesse cúmplice de toda aquela falsidade. Talvez a causa fosse o tédio por ter de ouvir tanto Händel e tanto Bach, ou a freqüência dos desacordos entre a prima-dona e seu acompanhante, mas o fato é que ele se viu de repente a atirar olhares furtivos para a moça a seu lado — contemplando-a como se a visse pela primeira vez, como se fosse uma perfeita estranha para ele. Era muito bonita e graciosa... mas não faltava a esse rosto uma certa personalidade, não havia um pouco de monotonia em suas duas qualidades paradoxais — doçura

e aspereza? Se fossem tiradas essas duas qualidades, o que restaria? Um enfadonho egoísmo. Mas tão logo esse cruel pensamento ocorreu a Charles, ele tratou de afastá-lo. Como poderia uma filha única de pais ricos ser outra coisa? Deus sabia que Ernestina — e o que mais poderia tê-lo atraído para ela? — tinha personalidade de sobra no contexto em que se enquadravam as outras caçadoras de maridos ricos da sociedade londrina. Mas era esse o único contexto, o único mercado de noivas? Uma regra fixa do credo de Charles era julgar-se igual à maioria de seus pares e contemporâneos. Por isso viajara tanto. Achava a sociedade inglesa estreita demais, a gravidade inglesa grave demais, as idéias inglesas moralistas demais e a religião inglesa intolerante demais. Deveras? Mas na questão vital de escolher a mulher que ia compartilhar de sua vida não se mostrara excessivamente convencional? Ao invés de fazer a escolha mais inteligente, não fizera a mais óbvia?

Qual teria sido, pois, a coisa mais inteligente a fazer? Esperar.

Aferroado pelas vespas dessa auto-inquirição, ele se pôs a lamentar sua sorte — um homem brilhante preso numa armadilha, um Byron domesticado —, e suas idéias desviaram-se de novo para Sarah, para lembranças visuais e tentativas de recompor mentalmente o rosto, a boca — generosa boca. Era inegável que aquela boca despertava nele uma remota recordação, muito tênue, talvez vaga demais para que pudesse situá-la numa determinada época no passado. Mas perturbou-o e perseguiu-o, ao apelar para uma parte secreta de seu ser que ele mal sabia existir. Disse a si mesmo: É uma coisa estúpida, mas aquela moça me atrai. Parecia-lhe claro que não era Sarah em si que o atraía — e como poderia, se ele era comprometido? —, mas alguma emoção, alguma coisa que ela simbolizava. Ela o tornava consciente de uma privação qualquer. Seu futuro sempre lhe parecera um vasto potencial, e agora se transformava subitamente numa viagem certa para um lugar conhecido. Ela o fizera lembrar-se disso.

Uma cotovelada de Ernestina fê-lo voltar delicadamente ao presente. A cantora exigia aplausos, e Charles contribuiu

frouxamente com sua parte. Enfiando de novo as mãos dentro do regalo, Ernestina fez uma careta divertida, em parte dirigida à distração dele, em parte ao detestável espetáculo musical. Ele sorriu para a moça. Era tão jovem, uma criança ainda! Não podia ficar zangado com ela. Afinal de contas, era apenas uma mulher. Havia muitas coisas que ela jamais poderia compreender: a riqueza da vida masculina, as imensas dificuldades enfrentadas por um homem, para quem o mundo significava muito mais do que simplesmente roupas, uma casa e filhos.

Tudo iria dar certo quando ela fosse realmente sua — em sua cama, em seu banco... e naturalmente em seu coração também.

Sam, naquele momento, pensava justamente o oposto: a enormidade de coisas que sua porção feminina era capaz de compreender. É difícil imaginar hoje a enorme diferença que separava então um rapaz nascido nas imediações de Seven Dials e a filha de um carroceiro de uma remota aldeia de East Devon. Para que a união fosse consumada, eles teriam que enfrentar quase tantos obstáculos quanto se ele fosse um esquimó e ela uma zulu. Não havia praticamente entre eles uma linguagem comum, e muitas vezes um não entendia o que o outro queria dizer.

No entanto, essa distância, esses abismos que a falta do rádio, da televisão, de viagens baratas e do resto tornava intransponíveis, não eram de todo maus. As pessoas se conheciam menos, talvez, mas se sentiam mais livres umas das outras, e por conseguinte mais individualizadas. O mundo não estava ao alcance delas pelo simples girar de um botão. Estranhos eram estranhos, muitas vezes de uma bela e excitante estranheza. Talvez seja melhor para a humanidade sermos capazes de nos comunicarmos uns com os outros cada vez mais. Mas sou um herético, e acho que o isolamento em que viviam nossos ancestrais é como os amplos espaços de que desfrutavam, digno de nossa inveja. O mundo de hoje está excessivamente presente, e de forma literal demais, em nossas vidas.

Sam podia dar a impressão — e de fato dava, entre os freqüentadores das tavernas — de saber tudo o que dizia respeito à vida citadina — e muito mais. Era agressivamente desdenhoso em relação a tudo o que não emanasse do West End de Londres, que não tivesse sua animação. Mas bem no fundo, na porção mais íntima de seu ser, a história era outra. Era uma pessoa tímida e insegura, não a respeito do que desejava ser (e que estava bem longe do que era no momento), mas quanto à sua capacidade para alcançar seu ideal.

Já Mary era justamente o oposto. Sentia-se inegavelmente fascinada por Sam, para começar. Ele era um ser muito superior, e as provocações que lhe fazia não passavam de pura autodefesa diante de tão evidente superioridade cultural, dessa eterna habilidade dos citadinos para saltar os obstáculos, encurtar o caminho e forçar o passo. Ela, porém, possuía uma básica firmeza de caráter, uma espécie de cândida autoconfiança, a convicção de que um dia daria uma boa esposa e uma boa mãe. E sabia distinguir nas pessoas seu valor real, a diferença, digamos, entre sua patroa e a sobrinha de sua patroa. Afinal de contas, era uma camponesa, e os camponeses estão muito mais próximos dos valores reais do que os servos citadinos.

A princípio, Sam foi atraído por ela porque a moça era como um dia de sol depois das melancólicas dollymops e gays <sup>{46}</sup> que tinham feito parte de suas passadas experiências sexuais. Nesse particular não lhe faltava autoconfiança — como não falta à maioria dos cockneys. Tinha belos cabelos pretos, olhos muito azuis e uma pele saudável. Era esbelto e de compleição franzina, e todos os seus gestos eram precisos e elegantes, embora com certa tendência para copiar com exagero alguns maneirismos de Charles que ele considerava particularmente aristocráticos. O primeiro olhar que as mulheres lhe lançavam era sempre demorado, mas por força de seu íntimo conhecimento das moças de Londres ele nunca fora além de simples reflexões sobre seu próprio cinismo. O que o deixara realmente de cabeça virada fora a inocência de Mary. Ele se achou na mesma situação de um garoto que se diverte em lançar reflexos

de luz no rosto dos outros com um espelhinho, e um dia faz isso com alguém delicado demais para ser tratado dessa maneira. De repente, sentiu o desejo de parecer o que realmente era diante dela, e de descobrir o que ela era.

Essa súbita e profunda compreensão entre os dois ocorreu na manhã da visita à casa da Sra. Poulteney. Os dois haviam começado a discutir seus respectivos empregos, os méritos e defeitos do sr. Charles e da Sra. Tranter. Ela achava que era uma sorte para ele trabalhar para um cavalheiro tão encantador. Sam tinha suas dúvidas. E então, para seu próprio espanto, viu-se contando àquela criadinha algo que até aquele momento só tivera coragem de confessar a si próprio.

Sua ambição era muito simples: queria ter uma loja de miudezas. Nunca conseguia passar diante de uma dessas lojas sem parar e contemplar as vitrinas, criticando ou admirando os artigos expostos, conforme fosse o caso. Acreditava que tinha uma certa queda para assuntos de moda. Estivera fora do país com Charles e adquirira algumas idéias novas no campo das bijuterias...

Tudo isso (e incidentalmente sua profunda admiração pelo sr. Freeman) ele contou de maneira um tanto incoerente, acabando por mencionar os dois grandes obstáculos: falta de dinheiro e de instrução. Mary ouvia com humildade, ia descobrindo o outro Sam e sentia-se honrada por ter podido fazer tão depressa aquela descoberta. Sam percebia que estava falando demais, mas sempre que levantava os olhos nervosamente, esperando encontrar uma manifestação de escárnio, uma risadinha ou o menor sinal de zombaria quanto às suas absurdas pretensões, via apenas uma tímida simpatia nos olhos muito abertos que o contemplavam, uma súplica para que continuasse. Sua ouvinte sentia que ele precisava dela, e uma moça nessa situação já está a meio caminho do amor.

Chegou a hora em que ele teve que partir. Parecia-lhe que mal acabara de chegar. Levantou-se, e ela lhe sorriu com ar levemente travesso de novo. Ele desejava dizer-lhe que nunca tinha falado tão

abertamente — e tão seriamente — com ninguém, a respeito de si mesmo.

— Bem... a gente vai poder se encontrar amanhã?

— É capaz.

— Você tem algum namorado?

— Não tenho, não.

— Aposto que tem. Já ouvi dizer.

— Conversa fiada do povo daqui. A gente não pode nem olhar para um homem, e logo começam a dizer que a gente está namorando.

Ele alisava seu chapéu-coco.

— Em todo lugar é assim. — Silêncio. Ele olhou-a nos olhos. — Acha que sou ruim demais?

— Nunca disse isso.

Silêncio de novo. A mão dele deu uma volta completa pela aba do chapéu.

— Conheci muitas garotas. De todo tipo. Nenhuma feito você.

— Não é muito difícil de encontrar.

— Nunca encontrei antes. — Nova pausa. Ela se recusava a olhar para ele, e contemplava a barra do avental. — E o que acha de Londres? Você gostaria de conhecer a cidade?

Ela sorriu então, e balançou afirmativamente a cabeça, com grande veemência.

— Acho que vai poder conhecer, quando os dois lá de cima se casarem. Eu mostro a cidade a você.

— É mesmo?

Ele deu uma piscadela então, e a moça tapou a boca com as mãos. Seus olhos fulgiam para ele acima das faces coradas.

— As moças de Londres são muito grã-finas, você não ia gostar de sair comigo.

— Se você tivesse as roupas delas, deixava elas no chinelo. É verdade.

— Não acredito.

— Juro

Os dois se olharam longo tempo. Ele se curvou com estudada elegância, levando o chapéu ao peito à altura do coração.

— Ademan, mam'sele.

— Que negócio é esse?

— Isso é francês, e quer dizer até amanhã, na Coombe Street onde seu humilde criado vai esperar você.

Ela voltou-lhe as costas, sem coragem de olhá-lo. Sam deu um passo rápido à frente e segurou sua mão por trás, levando-a aos lábios. A moça puxou-a com força e ficou a olhá-la, como se seus lábios tivessem deixado ali uma marca de fuligem. Novo e rápido olhar entre os dois. Mary mordeu seus lindos lábios, ele deu outra piscadela e se foi.

Se os dois se encontraram na manhã seguinte, apesar da expressa proibição de Charles, ignoro. Nesse mesmo dia, porém, quando Charles voltou da casa da Sra. Tranter, viu Sam parado do outro lado da rua, por um acaso claramente forçado. Charles fez o gesto romano de perdão e Sam saiu do seu esconderijo. De novo colocou o chapéu sobre o coração, como se à passagem de um enterro, só que desta vez seu sorriso ia de orelha a orelha.

E isso me traz de volta à noite do concerto, quase uma semana depois, esclarecendo os motivos que levaram Sam a tirar conclusões inteiramente diferentes das de seu patrão a respeito do sexo feminino. Pois ele se encontrava na cozinha de novo, nessa noite. Infelizmente, havia agora a presença de uma chaperon <sup>{47}</sup> — a cozinheira da Sra. Tranter. Mas a guardiã dormia a sono solto na sua cadeira Windsor, defronte do fogão aceso. Sam e Mary estavam

sentados no canto mais escuro da cozinha. Não conversavam, e na verdade não havia necessidade disso, pois estavam de mãos dadas. Da parte de Mary, tratava-se apenas de uma medida de precaução, pois descobrira que aquela era a única maneira de evitar que a mão tentasse segurá-la pela cintura. Sam, a despeito disso e do silêncio, continuava a achar Mary muito compreensiva — e esse é um mistério que nenhum enamorado teria necessidade de explicar.

*"Por que nos admiramos quando as leis da sociedade são ignoradas por aqueles que passam despercebidos aos olhos dessa mesma sociedade, e a quem ela costuma desprezar?"*

*Dr. John Simon, Relatório Médico Municipal (1849)*

*"I went, and knelt, and scooped my hand  
As if to drink, into the hrook,  
And a faint figure seemed to stand  
Above me, with the bygone look." [{48}](#)*

*Hardy, "On a midsummer eve"*

Dois dias decorreram, durante os quais as ferramentas de Charles permaneceram ociosas na sua mochila. Ele baniu da cabeça a idéia dos ouriços-do-mar à espera de que os descobrissem, e outras idéias, agora associadas a eles, de mulheres adormecidas sobre penhascos ensolarados. Sucedeu porém que, graças a uma enxaqueca de Ernestina, ele se viu inesperadamente brindado com outra tarde livre. Por algum tempo hesitou, mas o panorama que tinha diante dos olhos, enquanto permanecia à janela de seu quarto, era insípido e pouco variado. O emblema do hotel — um leão branco com cara de pequinês subnutrido, e que lembrava nitidamente, segundo Charles já notara, a Sra. Poulteney — encarava-o melancolicamente. Havia um pouco de vento, um pouco de sol... e um alto e cinzento dossel de nuvens, alto demais para que

significasse chuva. Tencionava escrever cartas, mas não sentia inspiração para isso.

Para falar a verdade, não sentia inspiração para nada. Estranhamente, voltara-lhe de forma violenta o antigo desejo de viajar, que ele supunha ser uma coisa do passado. Gostaria de estar em Cádiz, em Nápoles, na Moréia, em algum lugar estupendamente primaveril do Mediterrâneo, não apenas pela primavera mediterrânea em si, mas para estar livre, ter infindáveis semanas de viagem à sua frente, navegar até ilhas e montanhas e perder-se nas brumas azuis do desconhecido.

Meia hora depois, passava defronte da granja e entrava nas matas de Ware Commons. Poderia ter tomado outra direção? Sim, poderia. Mas proibira severamente a si próprio qualquer passeio nas imediações do platô. Se encontrasse a Srta. Woodruff, ele faria, polida mas firmemente, o que deveria ter feito no último encontro, isto é, recusar-se-ia a entabular conversa com ela. De qualquer forma, era evidente que ela sempre ia ao mesmo lugar. Tinha certeza de que não iria encontrá-la se se mantivesse afastado daquele ponto.

Conseqüentemente, muito antes de chegar lá ele virou para o norte, subindo o morro e atravessando um vasto bosque de sorveiras cobertas de hera. As árvores eram enormes, das maiores que havia dessa espécie na Inglaterra, com colônias de poli-pódios de exótica aparência enganchadas em suas grossas for-quilhas. Seu tamanho fez com que o cavalheiro usurpador pensasse em fundar um jardim botânico no Undercliff. E Charles se sentia apequenado, agradavelmente apequenado ao passar por entre as árvores em direção dos paredões quase verticais de pedra calcária que ele via mais acima na encosta. Seu estado de espírito começou a melhorar, principalmente quando descobriu no chão atapetado de plantas rasteiras os primeiros leitos de sílica. Quase no mesmo instante, achou um *Echinocorys seutata*. Estava muito estragado pelo tempo, e restavam apenas leves traços de um dos cinco grupos de linhas convergentes que decoram sua carapaça. Mas era melhor do que

nada, e isso animou Charles a começar sua busca, parando e se curvando aqui e ali.

Aos poucos, ele foi se aproximando da base da pedreira onde as lascas de pedra eram mais numerosas e havia menos probabilidade de que os ouriços-do-mar estivessem corroídos e desgastados. Parou de subir e começou a andar para oeste. A hera em alguns lugares era mais viçosa, e subia indiscriminadamente pelas paredes da rocha e pelos galhos das árvores mais próximas, de onde pendiam sobre a cabeça de Charles como longas cortinas esfiapadas. Em determinado ponto, teve que passar através de um verdadeiro túnel de folhagem. Na outra extremidade havia uma clareira, onde numerosas lascas de pedra se haviam desprendido da rocha pouco tempo antes. Em lugares assim sempre havia ouriços-do-mar, e Charles se preparou para esquadrihar a área cuidadosamente, cercado por todos os lados de moitas de espinheiro. Fazia uns dez minutos que estava ocupado nisso, sem que nenhum rumor se ouvisse a não ser o mugido surdo de um bezerro em algum pasto longínquo, o bater de asas e o arrulho de alguma pomba do mato e o murmúrio quase imperceptível das ondas do mar, lá embaixo. Foi então que ouviu outro ruído, como o de uma pedra caindo. Levantou a cabeça e não viu nada. Imaginou então que uma lasca se tivesse desprendido da pedreira. Continuou a procurar mais alguns minutos, e logo depois, por uma dessas inexplicáveis intuições — último remanescente, talvez, de alguma faculdade que nos restou de nosso passado paleolítico —, sentiu que não estava sozinho. Olhou rapidamente à sua volta. Ela estava parada acima dele, onde terminava o túnel de hera, a uns quarenta metros de distância. Ele não saberia dizer há quanto tempo ela estava ali, mas lembrou-se do ruído que ouvira poucos minutos antes. Por um momento chegou quase a ter medo. Parecia-lhe inexplicável a silenciosa aparição da moça. Ela não usava botas com cravos, mas mesmo assim devia ter se aproximado com grande cautela. Para surpreendê-la. Por conseguinte, seguira-o deliberadamente.

— Srta. Woodruff! — Ele tirou o chapéu. — Como se explica sua presença aqui?

— Eu vi o senhor passar.

Ele deu alguns passos em sua direção, por cima do entulho. Ela trazia de novo o chapéu na mão. Seu cabelo estava desmanchado, como se houvesse estado exposta ao vento — mas não havia vento. Isso lhe dava uma certa aparência selvagem, que a fixidez do olhar só conseguia agravar. Charles indagou-se por que duvidara que ela fosse ligeiramente maluca.

— Tem alguma coisa... para me dizer?

E de novo aquele olhar fixo, que não o varava e sim o atingia do alto, superiormente. Sarah tinha um desses singulares rostos femininos cujo encanto varia extraordinariamente e depende da sutil alquimia de um ângulo, uma iluminação, um estado de espírito. Naquele momento, ela contava com a ajuda dramática de um pálido e oblíquo raio de sol que conseguira infiltrar-se por uma pequena frincha nas nuvens, como não é raro acontecer num final de tarde na Inglaterra. O raio de sol iluminou seu rosto e toda a sua figura, parada ali, tendo por fundo a folhagem sombria. E seu rosto ficou belo de repente, realmente muito belo, e delicadamente grave, e no entanto a luz que o iluminava vinha de dentro dela tanto quanto do exterior. Charles recordou que um camponês dos arredores de Gavarnie, nos Pireneus, afirmara ter visto a Virgem Maria justamente assim, parada num déboulis ao lado da estrada... poucas semanas antes de Charles ter passado por ali. Fora levado até o local e o achara totalmente desinteressante. Mas se uma figura como a de Sarah houvesse aparecido diante dele... A figura, entretanto, tinha evidentemente um objetivo mais banal. Ela meteu as mãos nos bolsos do casaco e estendeu para ele, segurando um em cada mão, dois esplêndidos exemplares de Micraster, um tipo de ouriço-do-mar. Ele subiu o barranco um pouco mais para poder distingui-los e classificá-los. Depois levantou os olhos, surpreso, para seu rosto sério. Então lembrou-se: mencionara brevemente a paleontologia e a importância dos ouriços-do-mar em casa da Sra. Poulteney, naquela

manhã. Olhou de novo para os dois pequenos objetos nas mãos dela.

— O senhor não os quer?

Ela não usava luvas, e seus dedos se tocaram. Ele examinou os dois ouriços-do-mar, mas pensava apenas no contato daqueles dedos frios.

— Sou muito grato à senhorita. Estão em ótimo estado.

— Não é o que está procurando?

— É, de fato.

— Em outros tempos eles eram animais marinhos?

Ele hesitou um momento, depois mostrou a ela certos detalhes do exemplar mais perfeito: a boca, o ambulacro, o ânus. Enquanto falava e era ouvido com grave interesse, sua desaprovação evaporou-se. O aspecto da moça era estranho, mas sua mente — como provaram duas ou três perguntas que fez — nada tinha de perturbada.

— Foi muita bondade sua ter procurado isso para mim.

— Não tinha mais nada a fazer.

— Eu já estava pensando em voltar. Quer que a acompanhe até a estrada?

Ela não se mexeu, porém.

— Queria também agradecer ao senhor... por me ter oferecido ajuda.

— Uma vez que a recusou, quem tem motivo para se mostrar grato sou eu.

Houve uma pequena pausa. Ele passou por ela e abriu a cortina de hera com sua bengala, para que ela passasse. Mas a moça ficou parada, ainda voltada para a clareira.

— Não devia ter seguido o senhor.

Ele gostaria de poder ver seu rosto, mas não podia.

— Acho que é melhor ir-me embora.

Ela ficou calada, e ele voltou-lhe as costas. Mas não resistiu ao desejo de olhá-la mais uma vez. Estava parada, olhando para ele por cima do ombro, como se o corpo desaprovasse o que o rosto estava fazendo e quisesse voltar as costas para tamanho descaramento. Pois os olhos dela, embora ainda houvesse neles traços da antiga censura, tinham agora uma intensidade que era mais próxima da súplica. Seu olhar era angustiado... e angustiante. Havia ultraje nele, e uma fraqueza abominavelmente violentada. Não acusava Charles do ultraje, e sim de não perceber que o ultraje fora feito. Por um longo momento, seus olhos ficaram presos um no outro, depois ela falou para o chão entre os dois, as faces rubras:

— Não tenho ninguém a quem recorrer.

— Julgava ter deixado bem claro que a Sra. Tranter...

— Tem um coração boníssimo. Mas não preciso de bondade.

Fez-se silêncio. Charles ainda estava parado, segurando a hera.

— Ouvi dizer que o vigário é um homem de grande sensatez.

— Foi ele que me apresentou à Sra. Poulteney.

Charles continuava parado diante da hera, como se estivesse diante de uma porta. Evitava olhar para ela, e em vão procurava uma saída.

— Se eu puder falar em seu favor à Sra. Tranter, terei muito prazer... mas não seria conveniente para mim que...

—... o senhor se interessasse demasiadamente pelo meu caso.

— Sim, é isso o que eu queria dizer. — A reação dela foi virar a cabeça. Ele a repreendera. Com grande lentidão, Charles deixou que os cordões de hera voltassem à posição primitiva. — A senhora já refletiu sobre minha sugestão... de que deveria deixar a cidade?

— Se eu fosse para Londres, o senhor sabe o que iria acontecer comigo. — Ele se sentiu enrijecer intimamente. — Eu acabaria me tornando o que tantas mulheres que perderam a honra

se tornam nas grandes cidades. — Agora ela o encarava de frente. Seu rosto ficou ainda mais vermelho. — Eu me tornaria o que o povo de Lyme acredita que eu seja.

Era ultrajante, inacreditável. Ele murmurou:

— Minha cara Srta. Woodruff... — Seu próprio rosto estava também cor de lacre.

— Sou fraca. Como posso deixar de reconhecer isso? — Acrescentou amargamente: — Eu pequei.

Essa nova revelação a um estranho, em semelhantes circunstâncias, serviu apenas para desfazer a boa impressão que lhe causara a atenção com que ela acompanhara sua pequena aula sobre o fóssil do ouriço-do-mar. E, no entanto, ele apalpava os dois ouriços em seu bolso — ela ainda mantinha algum poder sobre ele. E um Charles que ele desconhecia sentiu-se vagamente lisonjeado, como um sacerdote cujo conselho é procurado para a solução de um problema espiritual.

Ele contemplava a ponta de ferro de sua bengala.

— É esse medo o que a prende a Lyme?

— Em parte.

— Aquele fato que a senhoritame contou outro quando ia embora... alguém mais o conhece?

— Se alguém o conhecesse, não perderia a oportunidade de dizer-me.

Houve um silêncio mais longo. Há momentos nas relações humanas que são como modulações, momentos nos quais o que até então fora uma situação objetiva — descrita pela mente em termos semiliterários e que basta simplesmente classificar sob um título geral (homem com problema de alcoolismo, mulher com passado escuso, e assim por diante) — torna-se de repente uma situação subjetiva, única, uma situação que por empatia é instantaneamente compartilhada, ao invés de ser apenas observada. Uma metamorfose desse tipo ocorreu na mente de Charles enquanto contemplava a

pecadora de cabeça baixa que estava à sua frente. Como a maioria de nós em ocasiões como essa — quem já não se viu abraçado por um bêbado? —, ele procurou uma maneira rápida, ainda que diplomática, de restaurar o status quo.

— Lamento profundamente sua situação. Mas devo confessar que não compreendo por que a senhorita escolheu a mim para... por assim dizer... para seu confidente.

Ela começou a falar rapidamente, então, como se a pergunta fosse esperada, como se repetisse um discurso, uma ladainha que soubesse de cor.

— Porque o senhor é um homem viajado. Porque é instruído. Porque é um cavalheiro. Porque... porque... não sei, mas vivo no meio de gente que o mundo diz ser gente boa, piedosa, cristã. No entanto, eles me parecem mais cruéis do que os mais empedernidos heréticos, mais estúpidos do que os mais estúpidos animais. Não posso acreditar que esta seja a verdade. Que na vida não haja compreensão nem compaixão. Que não existam espíritos generosos a ponto de compreender o que sofri e por que ainda sofro... e que, sejam quais forem os pecados que cometi, não é justo que eu sofra tanto. — Fez-se silêncio. Despreparado para essa eloqüente exposição de seus sentimentos e por essa prova (já suspeitada mas não evidenciada) de uma inteligência acima do comum, Charles nada disse. Ela se afastou um pouco e continuou com voz mais calma: — Os únicos momentos de felicidade que tenho é quando estou dormindo. Quando acordo, o pesadelo recomeça. Sinto-me abandonada numa ilha deserta, aprisionada, condenada por um crime que ignoro qual seja.

Consternado, como um homem a ponto de ser engolfado por um desmoronamento de terra, Charles olhou para a moça de costas para ele. Sentia-se como se devesse correr, mas não pudesse; falar, mas não conseguisse.

De repente, ela o encarou:

— Por que nasci assim? Por que não sou como a Srta. Freeman? — Mal lhe saiu da boca o nome, porém, ela tornou a virar-lhe as costas, consciente de que fora muito longe.

— Sua pergunta não foi feliz.

— Não tive a intenção...

— A inveja é perdoável em sua...

— Não é inveja. É incompreensão.

— Está acima de minhas forças, das forças de homens muito mais criteriosos do que eu, ajudá-la neste ponto.

— Não acredito. Não posso acreditar nisso.

Charles já tivera oportunidade de ser contestado em tom de brincadeira pelas mulheres, e freqüentemente pela própria Ernestina. Mas uma mulher não costumava contradizer a opinião de um homem quando ele falava sobre assunto sério, a não ser em termos cuidadosamente pesados e medidos. Sarah parecia considerar-se no mesmo plano intelectual de Charles, e justamente numa situação em que ela devia mostrar grande deferência em relação a ele, se quisesse alcançar seus objetivos. Ele se sentiu insultado, sentiu... não sabia explicar o quê. Sua atitude lógica, a julgar por seus sentimentos, seria despedir-se dela formalmente, com uma frieza que não desse margem a novas aproximações, e afastar-se dali com firmes passadas. Mas continuou onde estava, como se tivesse criado raízes. Talvez estivesse pensando na figura de uma sereia e nas circunstâncias em que costumava aparecer — trancas longas, uma casta nudez de alabastro, uma cauda de peixe, ao lado de um Odisseu cujo rosto poderia ser aceito nos melhores clubes. Não havia templo dórico no Undercliff, mas ali estava Calipso<sup>{49}</sup>.

Ela murmurou:

— Acho que o ofendi agora.

— A senhorita me deixa perplexo. Não sei mais o que possa fazer em seu favor. Mas não deixará de compreender que uma

intimidade entre nós dois... por inocente que seja... é totalmente impossível em minha presente situação.

Fez-se silêncio. Um pica-pau gargalhou no recesso da mata, zombando daqueles dois estáticos bípedes lá embaixo.

— O senhor acha que eu iria... atirar-me a seus pés dessa maneira se não estivesse desesperada?

— Não duvido de seu desespero. Mas pelo menos deve admitir minha absoluta impossibilidade de atender a seu pedido. — Após ligeira pausa, acrescentou: — Cuja exata natureza ainda ignoro.

— Gostaria de poder contar ao senhor o que aconteceu há dezoito meses.

Silêncio. Ela olhava para ver sua reação. De novo Charles sentiu o corpo enrijecer. As invisíveis cadeias romperam-se, e as convenções triunfaram. Charles empertigou-se — um verdadeiro monumento de chocada desconfiança, rigidamente desaprovador, e no entanto em seus olhos alguma coisa interrogava os dela... procurando um motivo, uma explicação... Julgou que ela fosse dizer alguma coisa e já ia voltar-se e se enfiar debaixo da hera, sem mais uma palavra. Entretanto, como se adivinhasse sua intenção, a moça antecipou-se bruscamente e fez uma coisa inteiramente inesperada. Caiu ao chão de joelhos.

Charles ficou horrorizado, a imaginar o que diria alguém que os estivesse observando secretamente. Deu um passo atrás, como que para se ocultar. Ela, porém, parecia singularmente calma. Não se tratava de um gesto de histeria. Unicamente em seus olhos havia emoção — olhos sem sol, banhados por um eterno luar.

— Srta. Woodruff!

— Por piedade! Ainda não estou louca, mas se não receber ajuda acabarei ficando.

— Controle-se, por favor. Se nos vissem aqui...

— O senhor é minha última esperança. Não é um homem cruel, sei que não é.

Ele continuou a encará-la. Depois olhou à sua volta desesperadamente e se aproximou, ajudando-a a se levantar. Levou-a através do túnel de hera até o outro lado, a mão rígida apoiando-lhe o cotovelo. Ela parou diante dele com o rosto escondido nas mãos, e Charles — por força desses fulminantes ataques que o coração humano desfecha às vezes contra o cérebro — teve de lutar para não tocar nela.

— Não quero parecer indiferente a seus problemas. Mas deve convir que... não tenho outra escolha.

Ela começou a falar rapidamente, em voz baixa.

— Tudo o que peço é que consinta em se encontrar comigo mais uma vez. Virei aqui todas as tardes, ninguém nos verá. — Ele tentou argumentar, mas a moça não se deixou interromper. — O senhor tem bom coração, e compreende coisas que estão acima do entendimento de qualquer outra pessoa em Lyme. Deixe-me terminar. Dois dias atrás, quase fiquei louca. Precisava ver o senhor, falar com o senhor. Sei onde está hospedado. Teria ido lá procurá-lo se... uns restos de sanidade não me tivessem misericordiosamente impedido de fazer isso.

— Mas é uma coisa imperdoável! A menos que esteja enganado, a senhora me ameaça agora com um escândalo.

Ela sacudiu a cabeça com veemência.

— Preferia morrer a fazê-lo pensar isso de mim. O caso é que... não sei como dizer, parece que o desespero se apossa de mim ao ter que enfrentar esta terrível situação. Sinto horror a mim mesma. Não sei para quem me voltar, o que fazer, não tenho ninguém a quem possa... por favor... o senhor não entende?.

O único pensamento de Charles era escapar da enrascada em que se metera, daqueles olhos sem véu e sinceramente destituídos de remorso.

— Preciso ir. Estou sendo esperado na casa de minha noiva.

— Mas voltará outro dia?

— Não posso...

— Venho aqui todas as segundas, quartas e sextas, quando não tenho outras ocupações.

— O que a senhorita está sugerindo é que... Torno a insistir sobre a Sra. Tranter...

— Eu não poderia dizer a verdade a ela.

— Então essa verdade dificilmente deveria ser ouvida por uma pessoa totalmente estranha à senhora, e além do mais do sexo oposto.

— Uma pessoa estranha... e do sexo oposto... é muitas vezes um juiz imparcial.

— É inegável que eu gostaria de acreditar sinceramente na pureza de suas intenções, mas repito que estou perplexo com sua...

Mas a moça ainda estava olhando para ele, e suas palavras morreram na garganta. Charles — como o leitor há de ter notado — tinha um vocabulário diferente para cada situação. Com Sam, pela manhã, com Ernestina durante um alegre almoço e agora ali, no seu papel de paladino de uma Alarmada Moral... era quase como se houvesse nele três homens diferentes.

E outros ainda virão, antes que tenhamos acabado este relato. O fato pode ser explicado biologicamente pela definição de Darwin: coloração críptica — a capacidade que têm os seres de se confundirem com o meio ambiente, para a própria sobrevivência, sem que sejam prejudicadas as qualidades intrínsecas de sua idade e casta social. Podemos explicar essa fuga para o formalismo também sob o ponto de vista sociológico. Quando alguém patina sobre uma camada de gelo muito fina — onipresente pressão econômica, terror da sexualidade, torrente de ciência mecanicista —, é essencial que saiba fechar os olhos à sua própria e absurda rigidez de princípios. Poucos eram os vitorianos dispostos a contestar as virtudes dessa coloração críptica, mas havia algo nos olhos de Sarah que surtia exatamente esse efeito. Embora direto, seu olhar era tímido, mas no seu fundo lia-se uma frase bem moderna: "Jogue

limpo, Charles". O que fez com que Ernestina e as outras de sua classe se comportassem como se estivessem dentro de uma redoma de vidro — eram infinitamente frágeis, mesmo quando atiravam livros de poesia em alguém. Procuravam manter a máscara, a distância tranqüilizadora. Mas aquela moça, por trás de sua fachada de humildade, recusava-se a isso. Ele baixou a cabeça por sua vez.

— Só lhe peço uma hora de seu tempo.

Ele percebeu uma segunda razão para a dádiva dos ouriços-do-mar. Não poderiam ter sido achados no espaço de uma hora.

— Se eu concordasse, embora com grande relutância...

Ela adivinhou o que ele ia dizer e o interrompeu em voz baixa.

— O favor que me prestaria seria tão grande que eu estaria pronta a seguir seus conselhos, quaisquer que fossem.

— Evidentemente, não devemos continuar a correr o risco...

De novo ela invadiu a pequena pausa que ele fizera enquanto procurava o termo apropriado.

— Isso eu entendo. E também que tem vínculos muito mais prementes que os meus.

Os raios do sol desapareceram depois de fulgirem brevemente. A tarde chegava ao seu gélido fim. Era como se ele estivesse trilhando um caminho aparentemente plano e de repente um abismo se abrisse a seus pés. Percebeu isso ao contemplar a moça de cabeça baixa à sua frente. Não sabia dizer o que o atraía até ali, nem que erro cometera ao ler o mapa, mas sabia que fora atraído e estava perdido. E agora acabava de cometer mais uma tolice.

Ela falou:

— Não sei como agradecer ao senhor. Estarei aqui nos dias que já mencionei. — Em seguida, como se a clareira fosse sua sala de visitas, acrescentou: — Não quero prendê-lo por mais tempo.

Charles fez uma curvatura, hesitou e; depois de um último e compenetrado olhar, afastou-se. Poucos segundos mais tarde, abria

caminho do outro lado da cortina de hera e descia aos tropeços pela colina, fazendo lembrar um velho assustado, mais do que um viajado cavalheiro inglês.

Alcançou a estrada principal que atravessava o Undercliff e partiu em direção a Lyme. Uma coruja piou prematuramente, mas pareceu a Charles que a tarde fora singularmente insensata. Deveria ter tomado uma posição mais firme, indo embora mais cedo, devolvendo os ouriços-do-mar e sugerindo — não, determinando — outras soluções para a situação desesperada da moça. Percebia que ela o vencera em inteligência, e quase se sentia inclinado a parar e a esperar por ela. Mas seus pés se puseram a caminhar mais depressa ainda.

Sabia que estava a ponto de se envolver com uma coisa proibida, ou melhor, que a coisa proibida estava a ponto de envolvê-lo. Quanto mais se afastava da moça, no tempo e na distância, mais claramente percebia a loucura de seu próprio comportamento. Era como se na presença dela houvesse estado cego, não percebendo o que ela era realmente — uma mulher declaradamente perigosa, não intencionalmente, é verdade, mas presa de intensa frustração emocional e, sem dúvida, muito ressentida, socialmente.

Todavia, nem cogitou em pôr Ernestina a par de tudo. Sabia que não devia. Sentia-se envergonhado, como se tivesse tomado um navio no Cobb, partindo para a China sem avisá-la.

*"À medida que um maior número de indivíduos de cada espécie vai nascendo com probabilidade de sobrevivência, e, conseqüentemente, se repete a luta pela existência, qualquer ser que se modifique ligeiramente de maneira a trazer proveito para si próprio, sob as condições complexas e às vezes diversas da vida, terá melhor oportunidade de sobrevivência, e será assim naturalmente selecionado."*

*Darwin, A origem das espécies (1859)*

A vítima que estava a caminho da China teve, na realidade, que fazer o papel de anfitrião naquela noite, por força de uma surpresa preparada por ele próprio e Ernestina para tia Tranter. As duas deveriam jantar em sua sala privada no White Lion. Foi preparado um succulento prato com as primeiras lagostas da estação, bem como um recém-fisgado salmão, e as adegas da hospedaria foram saqueadas. O doutor, com quem já travamos ligeiras relações na casa da Sra. Poulteney, foi intimado a fornecer o necessário equilíbrio dos sexos.

Na qualidade de uma das grandes figuras de Lyme, ele era geralmente considerado um peixe tão cobiçado no rio do Matrimônio quanto o salmão posto em seu prato naquela noite, pescado no rio Axe. Ernestina pilheriava impiedosamente com a tia a respeito dele, acusando aquela mulher superlativamente compassiva de agir com inominável crueldade em relação ao pobre e solitário homem, que definhava de amor por ela. Mas, uma vez que essa trágica figura já

suportara com valentia sua triste solidão por sessenta anos ou mais, é de se pôr em dúvida tanto o definhamento quanto a inominável crueldade.

O dr. Grogan era, de fato, um velho e convicto solteirão, assim como tia Tranter era uma velha e convicta solteirona. Sendo irlandês, possuía de sobra a estranha e eunucóide habilidade dos nativos da Hibérnia para flertar, cortejar e borboletear à volta das mulheres, sem jamais permitir que seu coração fosse enredado. Era um homem seco, incisivo, quase violento em certas ocasiões, mas fácil de levar quando a companhia lhe agradava, e sua presença dava um certo sabor adstringente à sociedade de Lyme, pois, quando estava com uma pessoa, dava sempre a impressão de alguém à espreita de uma oportunidade para saltar sobre qualquer tolice que fosse dita. No entanto, se gostava da pessoa, agia sempre como uma espécie de tônico estimulante, com a compreensão humana de um homem que vivera e, à sua maneira, aprendera a deixar os outros viver. Cercava-o também uma aura vagamente nebulosa, pois viera de uma família católica. Tinha, em termos atuais, bastante semelhança com alguém que houvesse sido comunista por volta de 1930 e fosse agora aceito no seio da sociedade, embora trouxesse o corpo chamuscado pelo Diabo. Agora, porém — iria a Sra. Poulteney admiti-lo em sua casa de outra maneira? —, ele era (como Disraeli) um respeitável membro da Igreja da Inglaterra. Era o que se supunha, pelo menos, pois (ao contrário de Disraeli) comparecia escrupulosamente às matinas todos os domingos. Um homem indiferente à religião a ponto de pouco lhe importar que freqüentasse uma mesquita ou uma sinagoga, contanto que fossem esses os principais lugares de devoção da cidade, era coisa que estava muito acima da imaginação do povo de Lyme. Além do mais, era um bom médico, com um sólido conhecimento desse importantíssimo ramo da medicina: o temperamento de seus clientes. Maltratava aqueles que intimamente desejavam ser maltratados, e com a mesma habilidade espicaçava, mimava e se fazia de cego, conforme o caso exigisse.

Ninguém mais do que ele, em Lyme, apreciava a boa comida e os bons vinhos. O repasto oferecido por Charles e o White Lion receberam sua inteira aprovação, e assim ele tacitamente substituiu o rapaz no papel de anfitrião. Estudara em Heidelberg e exercera a profissão em Londres, e conhecia o mundo e seus absurdos como só um irlandês inteligente é capaz de conhecer. Isso significa que, sempre que lhe falhavam os conhecimentos ou a memória, sua imaginação estava pronta para preencher a lacuna. Ninguém dava crédito a todas as suas histórias, mas tampouco se mostrava avesso a ouvi-las. Tia Tranter conhecia-as provavelmente melhor do que ninguém em Lyme, pois ela e o doutor eram velhos amigos, e a velha senhora não deixara de notar como variava a versão de uma mesma história cada vez que era contada. No entanto, era quem mais ria — e às vezes de maneira tão imoderada que tremo só em pensar o que poderia ter acontecido se o pilar da comunidade, lá no alto da colina, a ouvisse.

Foi uma noite que Charles teria normalmente apreciado, entre outros motivos porque o doutor permitiu a si próprio uma certa liberdade de linguagem e de pormenores na narração de suas histórias — principalmente depois que o salmão, cientificamente dissecado, repousou em seu prato, e o cavalheiro passou a dedicar seu interesse a um garrafão de vinho —, histórias que não eram exatamente *comme il faut* numa sociedade que Ernestina fora treinada para enfeitar com sua graça. Charles surpreendeu-a levemente chocada em mais de uma ocasião, o que não aconteceu com sua tia. E sentiu uma certa nostalgia por aquela cultura mais arejada que havia prevalecido na juventude dos dois convidados mais velhos, e à qual eles ainda sentiam prazer em retornar. Observando os olhinhos travessos do doutor e a jovialidade de tia Tranter, ele sentiu-se invadido por uma onda de náusea por sua própria era, com sua sufocante noção das conveniências, sua idolatria pela máquina, não só no sentido literal, de transporte e manufatura, como em outro, muito mais medonho — o de máquina montada pelas convenções sociais.

Sua admirável objetividade talvez pareça contrastar com seu próprio comportamento horas antes. Charles não apresentou as coisas em termos tão crus a si próprio, mas estava longe de se mostrar cego a suas incoerências. Disse a si mesmo, seguindo outro rumo, que levaria a Srta. Woodruff demasiadamente a sério, tropeçando nela, por assim dizer, ao invés de lhe passar por cima. Decidiu mostrar-se particularmente solícito com Ernestina, já não mais souffrante, mas cuja vivacidade deixava um pouco a desejar, embora seja duvidoso atribuir esse fato à enxaqueca ou à verve irlandesa do doutor. Todavia, de novo lhe veio a impressão, como ocorrera durante o concerto, de que havia nela alguma coisa oca, como se sua agudeza intelectual não passasse em grande parte de uma superficial vivacidade de espírito. Não haveria nela, sob afetada sabedoria, algo de autômato, algo daquelas engenhosas mulheres-máquinas dos contos de Hoffmann?<sup>{50}</sup>

Mas logo em seguida refletiu: ela é uma criança entre três adultos — e apertou sua mão ternamente sob a mesa de mogno. O rubor que subiu às faces da moça a tornou encantadora.

Os dois cavalheiros — Charles, muito alto, lembrando vagamente o falecido príncipe consorte, e o franzino e miúdo doutor — acompanharam finalmente as senhoras de volta a casa Eram dez e meia, hora em que a vida social de Londres estava apenas começando, mas ali a cidade já estava mergulhada em seu longo sono habitual. Quando a porta se fechou diante de seus rostos sorridentes, viram-se sozinhos na Broad Street.

O doutor apoiou um dedo no nariz.

— Quanto a você, meu caro, receito-lhe uma boa xícara de chocolate, preparada por minhas eruditas mãos. — Charles ensaiou uma recusa cortês. — Ordem médica, você entende. "Dulce est desipere", como diz o poeta. É doce beber no lugar apropriado.

Charles sorriu:

— Se me prometer que a bebida será melhor do que o latim, aceito com prazer.

E assim foi que, dez minutos mais tarde, Charles achou-se confortavelmente instalado no que o dr. Grogan chamava de sua "cabina", um escritório no segundo andar, com fachada em curva, que dava para a pequena baía situada na parte interna do Cobb — aposento que, segundo afirmou o irlandês, era particularmente agradável no verão, devido à vista que oferecia das nereidas que iam banhar-se nas salutares águas da enseada. Que situação — em qualquer sentido do termo — poderia ser mais interessante para um doutor do que a sua, quando tinha que receitar para suas clientes femininas aquilo que era também agradável a seus olhos? Um elegante e minúsculo telescópio gregoriano, de bronze, descansava numa mesa junto à janela curva. Grogan mostrou a língua rapidamente, com ar maroto, e deu uma piscadela.

— Objetivos puramente astronômicos, é claro.

Charles pôs a cabeça para fora da janela e aspirou o ar do mar. Um pouco à sua direita, na praia, avistou as silhuetas negras e quadradas das cabinas de banho, de onde emergiam as nereidas. Mas a única música que vinha do mar naquela noite era o murmúrio das ondas lambendo as pedras. Atrás dele, no aposento iluminado pelos lampiões, ouvia o leve tilintar de louça que acompanhava Grogan no preparo de seu "remédio". Ele se sentiu suspenso entre dois mundos — a confortável e organizada civilização às suas costas e o mistério escuro e fresco lá fora. Nós todos fazemos poemas. Acontece simplesmente que os poetas são os que põem os versos no papel.

A bebida estava excelente, e o charuto Burma que a acompanhou foi uma surpresa agradável. Os dois homens viviam num mundo onde duas pessoas estranhas uma à outra, mas inteligentes, ainda compartilhavam de um panorama comum de conhecimentos e informações, com regras e referências aceitas e conhecidas. Qual o médico que conhece hoje os clássicos? Qual o leigo que poderá conversar inteligentemente com um cientista? O

mundo desses dois homens era um mundo ainda livre da tirania da especialização. E eu não gostaria — nem o dr. Grogan, como se verá a seguir — que o leitor confundisse felicidade com progresso.

Por alguns momentos eles se conservaram calados, agradavelmente mergulhados naquele sério mundo masculino que as mulheres e a ocasião os obrigavam às vezes a deixar. Charles descobriu que estava curioso por conhecer as opiniões políticas do doutor, e como meio de chegar ao assunto perguntou de quem eram os dois alvos bustos que amparavam os livros de seu anfitrião.

O doutor sorriu.

— "*Quisque suos patimur manes.*" Isso é Virgílio, e significa mais ou menos que "determinamos nosso destino pela nossa escolha dos deuses".

Charles retribuiu o sorriso.

— Acho que estou reconhecendo Bentham. Acertei?

— Acertou. E o outro bloco de mármore de Paros é Voltaire.

— Diante disso, deduzo que nosso partido é o mesmo.

O doutor comentou:

— Um irlandês pode ter outra escolha?

Charles concordou com um gesto, em seguida explicou suas próprias razões para ser um liberal.

— Parece-me que o sr. Gladstone admite pelo menos que há uma profunda podridão nas bases éticas de nossa era.

— Por Deus, estarei sentado diante de um socialista?

Charles riu.

— Por enquanto, não.

— Pode estar certo de uma coisa, nesta época de ebulição e de derrocada eu perdoaria tudo num homem, menos o vitalismo.

— É, tem razão.

— Era partidário de Bentham quando moço. Voltaire me fez abandonar Roma, e o outro, o campo dos tóris. Mas essa nova conversa fiada, essa ampliação da franquia... não concordo com isso. Linhagem não me causa perda. Um duque, e Deus sabe que até mesmo um rei, podem ser tão obtusos quanto qualquer pessoa. Mas graças à Mãe Natureza não estarei vivo daqui a cinqüenta anos. Quando um governo começa a ter medo do populacho, é sinal de que está com medo de si próprio. — Seus olhos brilharam maliciosamente. — Sabe o que meus conterrâneos disseram ao cartista que foi a Dublin pregar seu credo? "Irmãos", bradou o cartista, "não será um homem tão bom quanto qualquer outro?" "Realmente, senhor orador, o senhor está com a razão", retruca um irlandês, "só que, por arte do demônio, um pouquinho melhor também!" — Charles sorriu, mas levantou um dedo em riste. — Você sorri, Smithson, mas pode ter certeza de que o sujeito tinha razão. Não se trata de piada irlandesa. Esse "pouquinho melhor" ainda fará a ruína deste país. Guarde bem minhas palavras.

— Mas seus dois deuses do lar estarão inteiramente livres de culpa? Quem andou pregando que a felicidade deve estender-se ao maior número possível de pessoas?

— Não discuto a validade desse postulado, e sim a maneira como está sendo posto em prática. Nós nos arranjávamos muito bem, quando eu era moço, sem o Civilizador de Aço — com isso ele queria referir-se à estrada de ferro. — Não se consegue dar felicidade para todos fazendo com que comecem a correr antes de andar.

Charles murmurou algumas palavras de cortês assentimento. Tocara na mesma ferida com seu tio, um homem de constituição política muito diferente. Muitos dos que haviam lutado pelas primeiras leis reformistas na década iniciada em 1830 combateram as outras das três décadas seguintes. Sentia que havia muitos oportunistas e vira-casacas gangrenando o século e dando origem a um perigoso clima de inveja e rebelião. Talvez o doutor, nascido em 1801, fosse um remanescente da era de Augusto. Sua noção de

progresso estava demasiadamente ligada a uma sociedade organizada, em que a ordem consistisse em dar a ele a liberdade de ser o que era — o que o colocava muito mais próximo ao criptoliberal Burke do que ao cripto-fascista Bentham. Mas sua geração não estava inteiramente errada em desconfiar da Nova Bretanha e dos estadistas que surgiram durante a longa expansão econômica iniciada depois de 1850. Muitos moços, alguns tão anônimos como Charles, outros famosos como Matthew Arnold, eram da mesma opinião. Não era sabido que Disraeli — supostamente convertido ao cristianismo — murmurara, em seu leito de morte, a oração dos mortos em hebraico? E não era Gladstone, sob a capa de nobre orador, o mestre incontestado da declaração ambígua, da demagogia, na história política moderna? Quando até os mais nobres são indecifráveis, os piores... Mas era evidente que chegara a hora de mudar de assunto. Charles perguntou ao doutor se estava interessado em paleontologia.

— Não, meu caro. Devia ter confessado isso antes, mas não queria estragar aquele agradável jantar. Sou decididamente um neontologista. — Sorriu para Charles das profundezas de sua poltrona. — Quando soubermos mais sobre os vivos, terá chegado o momento de estudar os mortos.

Charles aceitou a censura e aproveitou a deixa.

— Há dias fui apresentado a um espécime da flora local que me faz concordar em parte com o senhor. — Fez uma pausa premeditada. — Um caso muito estranho. Sem dúvida o senhor deve conhecê-la melhor do que eu. — Percebendo, porém, que aquela abordagem indireta do assunto podia sugerir algo mais sério do que um interesse casual, ele ajuntou rapidamente: — Creio que seu nome é Woodruff. Ela trabalha para a Sra. Poulteney.

O doutor contemplou seu porta-copos de prata.

— Ah, sim. A pobre Tragédia.

— Estou sendo indiscreto? Talvez ela seja sua cliente.

— Bem, presto assistência à Sra. Poulteney. E não pretendo permitir que alguém fale mal da moça.

Charles lançou-lhe um olhar cauteloso. Era inegável que, por trás dos óculos de aro quadrado, seus olhos brilharam com uma certa ferocidade. O moço baixou o olhar, com um sorriso embaraçado.

O dr. Grogan estendeu o braço e atçou o fogo.

— Sabemos mais sobre os fósseis que encontramos na praia do que sobre o que se passa na cabeça daquela moça. Um inteligente médico alemão dividiu recentemente a melancolia em vários tipos. Um, ele considera natural. Com isso ele quer dizer que a pessoa já nasceu com temperamento triste. Outro é ocasional, significando que depende das circunstâncias. Esse tipo, como sabe, nos ataca de vez em quando. O terceiro é classificado por ele como "melancolia obscura". E com isso o pobre homem quer dizer que ignora inteiramente que diabo pode causá-la.

— Mas há um motivo no caso dela, não?

— Ora, vamos, meu caro. Seria ela a primeira mulher que se viu abandonada? Poderia enumerar uma dezena na mesma situação em Lyme.

— Em circunstâncias tão brutais?

— Em circunstâncias piores, em muitos casos. Fui chamado — tudo isso é estritamente confidencial, você compreende — para vê-la... há uns dez meses atrás. Percebi logo qual era seu mal... chorando sem razão, sempre muda, com uma expressão esquisita no olhar. Era melancolia, tão patente quanto sarampo. Sabia sua história, conheço os Talbots, ela trabalhava para eles quando tudo aconteceu. E creio... bem, a causa é óbvia: seis semanas, e até mesmo seis dias na Mansão Marlborough seriam suficientes para mandar qualquer pessoa normal para um hospício. Aqui entre nós, Smithson, sou herético. Gostaria de ver aquele palácio de piedade queimado até os alicerces, juntamente com sua dona. E diabos me levem se não dançaria uma jiga sobre suas cinzas.

— Acho que seria capaz de acompanhá-lo.

— E juro que não seríamos os únicos. — O doutor tomou um bom trago de sua bebida, raivosamente. — A cidade inteira estaria lá. Mas isso nada tem a ver com o caso. Fiz o que pude pela moça. Mas só há um . meio de curá-la.

— Tirá-la de lá.

O doutor assentiu com veemência.

— Quinze dias depois, estou eu entrando em casa uma tarde quando vejo a moça andando em direção ao Cobb. Faço-a entrar, converso com ela e mostro-me tão carinhoso como se se tratasse de minha sobrinha predileta. E que consigo eu com isso, meu caro Smithson? Nada. E não é que eu tenha apenas tentado conversar com ela. Tenho um colega em Exeter, um homem excelente, com uma mulher boníssima e quatro capetinhas que são verdadeiros anjos. Ele estava justamente procurando uma governanta. Foi o que disse a ela.

— E ela não quis se afastar daqui.

— Nem um milímetro. O caso é esse, como vê. A Sra. Talbot é um anjo, e estava disposta a aceitar a moça de volta, no princípio. Mas não, ela tinha de escolher uma casa onde sabia que a vida é uma miséria, uma patroa que nunca soube fazer diferença entre criado e escravo, um emprego que é como um travesseiro de espinhos. Lá está ela, e ninguém a tira de lá. Você não vai acreditar, Smithson, mas se alguém oferecesse a essa moça o trono da Inglaterra, aposto mil libras contra um pêni que iria recusar.

— Mas... isso é incompreensível. O que o senhor está dizendo que ela recusou é precisamente o que tínhamos pensado em oferecer. A mãe de Ernestina...

— Vai perder seu tempo, meu caro amigo, com todo o respeito que merece essa senhora. — Sorriu melancolicamente para Charles, interrompendo a conversa para encher de novo os copos, tirando a bebida de uma vasilha posta a aquecer sobre o fogão. — Mas o excelente dr. Hartmann descreve casos bastante semelhantes. A

respeito de um deles, diz uma coisa muito curiosa. É o caso de uma viúva, se bem me lembro uma viúva jovem, Weimar é seu nome. O marido era oficial de cavalaria e morreu num acidente, quando em manobras do campo. Como vê, há algumas semelhanças com o caso da Srta. Woodruff. A mulher mergulhou numa tristeza profunda. Muito bem, era de se esperar. Mas a tristeza e o luto continuaram, Smithson, ano após ano. Nada na casa podia ser mudado. A roupa do morto continuava pendurada no guarda-roupa, seu cachimbo ao lado da poltrona favorita, até mesmo cartas endereçadas a ele e recebidas depois de sua morte estavam lá... — o doutor apontou para as sombras atrás de Charles — lá, fechadas, amarelecidas, sobre a salva de prata, ano após ano. — Ele fez uma pausa e sorriu para Charles. — Suas amonites jamais guardarão mistérios tão grandes. Mas foi isso o que Hartmann disse.

Postou-se diante de Charles e apontou um dedo para ele, como para encaminhar as palavras em sua direção.

— A mulher agia como se fosse viciada em melancolia, como uma pessoa é viciada em ópio. Agora entende do que se trata? Sua tristeza é sua felicidade. Ela quer fazer o papel de vítima num sacrifício, Smithson. Num caso em que você e eu recuaríamos, ela salta à frente. Está possessa, como vê. — Ele sentou-se de novo. — Estranho, muito estranho, realmente.

Fez-se silêncio entre os dois homens. Charles atirou no fogo o toco do charuto. Por um momento as chamas o envolveram. Descobriu que não tinha coragem para encarar o doutor ao lhe fazer a próxima pergunta.

— E ela não falou a ninguém sobre o verdadeiro estado de sua mente?

— Sua amiga mais íntima é indubitavelmente a Sra. Talbot. Mas, segundo me disse, a moça não se abre nem com ela. Eu me tenho na conta de... mas a verdade é que também falhei fragorosamente.

— E se... digamos que ela consiga revelar seus sentimentos secretos a uma pessoa compreensiva...

— Ficaria curada. Mas ela não quer mais ficar curada. O caso é simplesmente idêntico ao de um paciente que se recusa a tomar o remédio.

— Mas num caso desses o senhor, naturalmente...

— Como forçar a alma, meu rapaz? Seria capaz de me dizer? — Charles encolheu os ombros num gesto de impotência. — Claro que não. E vou dizer-lhe uma coisa. É melhor assim. A compreensão nunca poderia nascer de um ato de força.

— Ela é um caso perdido, então?

— No sentido que você atribui à expressão, sim. A medicina nada pode fazer. É preciso lembrar que ela não é como nós, os homens, capaz de raciocinar com clareza, examinar seus motivos e compreender por que se comporta dessa maneira. Devemos olhá-la como uma criatura envolta em névoa. Tudo o que podemos fazer é esperar e desejar que a névoa se dissipe. Só então, talvez... — Ele calou-se, depois repetiu sem esperança:

— Talvez.

Nesse exato momento, o quarto de Sarah está mergulhado no negro silêncio que envolve a Mansão Marlborough. Ela dorme, virada para o lado direito, os cabelos escuros escondendo a meio seu rosto. Mais uma vez o leitor pode notar como está tranqüila sua fisionomia, sem nada de trágico. É uma moça saudável, de vinte e seis ou vinte e sete anos, com um braço esguio e bem-conformado estendido para fora das cobertas, pois a noite está amena e as janelas, fechadas... um braço estendido, disse eu, a descansar sobre outro corpo.

Não o corpo de um homem, e sim de uma moça de uns dezenove anos, também adormecida e de costas para Sarah, mas

muito junto dela, pois a cama, embora larga, não foi feita para duas pessoas.

Um pensamento assalta a mente do leitor. Mas ele se esquece de que estamos no ano de 1867. Suponhamos que a Sra. Poulteney surja repentinamente à porta, de lampião em punho, e depare com esses dois corpos deitados ali, tão amorosamente juntos um do outro. O leitor imaginaria talvez que ela estufasse o peito como um negro peru enfurecido e explodisse em virulentas invectivas. E veria as duas moças, vestidas apenas com suas pobres camisolas de dormir, escorraçadas para fora dos muros de granito.

Pois bem, estaria inteiramente errado. Uma vez que a Sra. Poulteney, como já é do nosso conhecimento, tomava sua dose de láudano todas as noites, é bem pouco provável que semelhante fato pudesse acontecer. Mas, se realmente houvesse ido até ali, é quase certo que teria simplesmente contemplado a cena e ido embora. E mais, é bem provável que fechasse a porta com cuidado para não acordar as moças.

Inacreditável? Mas alguns vícios eram tão pouco naturais naquele tempo que praticamente não existiam. Duvido que a Sra. Poulteney tivesse ouvido a palavra "lésbica", e, se fosse o caso, a palavra provavelmente estaria relacionada com uma ilha na Grécia. Além do mais, tinha a convicção, alicerçada em bases tão sólidas quanto a noção de que o mundo era redondo ou o bispo de Exeter era o dr. Phillpotts, de que as mulheres não sentiam prazer carnal. Sabia, naturalmente, que as mulheres de tipo inferior apreciavam certa espécie de carícia masculina, como aquele repugnante beijo que ela vira alguém plantar nas faces de Mary, mas considerava isso um indício da vaidade e da fraqueza femininas. Existiam prostitutas, na verdade, conforme provava a decantada obra de caridade de Lady Cotton, mas isso se explicava pelo fato de se tratar, de criaturas tão depravadas que conseguiam sobrepujar, com sua ganância pelo dinheiro, o inato horror feminino às coisas carnis. Essa fora, na verdade, sua primeira impressão no caso de Mary. Uma vez que a moça tivera o desplante de rir depois de o cavaliço ter

abusado tão grosseiramente dela, era mais do que patente que se tratava de uma prostituta em potencial.

Mas... e os motivos de Sarah? No que se refere ao lesbianismo, ela era tão ignorante quanto sua patroa. Mas não compartilhava do horror da Sra. Poulteney às coisas carnis. Sabia, ou pelo menos suspeitava, que havia um prazer físico no amor. No entanto era, acredito, de uma inocência total. Seu costume de dormir com Millie começara logo depois daquele dia em que a moça se desmanchava em lágrimas diante da Sra. Poulteney. O dr. Grogan recomendou que ela fosse tirada do dormitório das criadas e instalada num quarto que recebesse mais sol. Aconteceu que havia um cômodo desocupado ao lado do quarto de Sarah, e Millie foi levada para lá. Sarah dedicou boa parte de seu tempo a cuidar da clorótica moça. Ela era filha de um lavrador, a quarta de uma prole de orize, e seus irmãos viviam com os pais numa miséria indescritível, numa choupana de dois cômodos, úmida e apertada, situada num dos vales que se estendem para o oeste na triste região de Eggardon. Um jovem e elegante arquiteto de Londres é atualmente proprietário do lugar. Passa ali os fins de semana e adora a região, tão selvagem, tão isolada de tudo, tão pitorescamente bucólica — e isso talvez exorcize os horrores vitorianos que se passaram ali. É o que espero. Aquelas imagens do lavrador feliz e rodeado de sua prole, que George Morland e outros da sua espécie (Birket Foster era o criminoso-mor por volta de 1867) puseram em voga, representavam uma sentimentalização tão estúpida e perniciosa — e por conseguinte uma supressão da realidade — quanto a encontrada atualmente nos filmes de Hollywood quando mostram a vida "real". Bastava um olhar para Millie e seus dez miseráveis irmãos para que o mito do "camponês feliz" ficasse reduzido a cinzas. Mas poucos se dignavam a isso. Cada época, cada culposa época levanta altos muros ao redor de seu Versalhes, e pessoalmente odeio esses muros, ainda mais quando são erguidos pela literatura e pela arte.

Uma noite, pois, Sarah ouviu a moça chorar. Foi até seu quarto e a consolou, o que não foi muito difícil, pois Millie era uma criança em tudo, a não ser na idade. Não sabia ler nem escrever, e era tão

incapaz de julgar os outros seres humanos à sua volta quanto o seria um cão. Se lhe davam uma palmadinha carinhosa, ela entendia. Se lhe davam um pontapé... bem, vida era assim mesmo. A noite estava gelada, e Sarah se deitara simplesmente ao lado dela, passara os braços à volta de seu corpo e a beijara... enfim, dera-lhe palmadinhas, literalmente. Para ela, Millie era como uma das ovelhinhas doentes que outrora, antes que as ambições sociais de seu pai afastassem de sua vida aquelas doces atividades rurais, ela criara e alimentara com sua própria mão. E Deus sabe que a comparação vale também para a filha do lavrador.

A partir desse dia, a ovelha costumava aparecer a seu lado duas ou três vezes por semana, com ar desolado. Dormia mal, pior ainda do que Sarah, que muitas vezes ia dormir solitária e acordava no meio da noite com a moça a seu lado... e assim, humildemente, docemente, em alguma intolerável hora da madrugada, Millie se esgueirava para o seu quarto. A pobrezinha tinha medo do escuro, e se não fosse por Sarah teria pedido para voltar ao dormitório comum.

Essas ternas relações eram quase mudas. Raramente as duas se falavam, e quando o faziam era sobre os assuntos mais triviais e domésticos. Sabiam que o que importava era aquela solidariedade silenciosa na escuridão. Teria havido algo sexual em seus sentimentos? Talvez, mas elas nunca iam além dos limites do comportamento entre duas irmãs. Não havia dúvida de que em outro meio — entre a pobreza urbana mais embrutecida ou a aristocracia mais emancipada — surgia de vez em quando um lesbianismo decididamente orgástico. Entretanto, podemos atribuir esse fenômeno vitoriano tão comum, o de as mulheres dormirem juntas, muito mais à fria arrogância dos homens de sua época do que a motivos mais duvidosos. Além do mais, diante de tão negra solidão, não constitui esse desejo de união antes uma prova de humanidade do que de maldade? Deixemo-las pois dormir, essas duas inocentes, e voltemos àquele outro par, mais racional, mais erudito e inegavelmente mais nobre, em sua sala defronte do mar.

Os dois senhores da criação haviam abandonado o assunto da Srta. Woodruff, com suas metáforas meio forçadas a respeito da névoa, e entraram no campo menos ambíguo da paleontologia.

— O senhor tem de admitir — disse Charles — que os achados de Lyell têm uma importância que vai muito além de seu valor intrínseco. Receio que o clero se veja a braços com uma tremenda controvérsia.

Lyell — deixem-me explicar — foi o pai da geologia moderna. Buffon, na famosa obra *Époques de La nature*, de 1778, já fizera ir pelos ares o mito, inventado pelo arcebispo Ussher no século XVII e registrado gravemente em inumeráveis edições da Bíblia oficial inglesa, segundo o qual o mundo fora criado às nove horas do dia 26 de outubro de 4004 a. C. Mas nem mesmo o grande naturalista francês ousara remontar a origem do mundo a mais de setenta e cinco mil anos atrás. Os *Principles of geology*, de Lyell, publicados entre 1830 e 1833 — coincidindo assim, agradavelmente, com as idéias reformistas que proliferavam em outras partes — fizeram-na recuar violentamente milhões de anos. Seu nome é muito pouco lembrado, mas seu trabalho foi fundamental. Ele abriu para sua era, e para inúmeros cientistas em outros campos, significativos horizontes. Suas descobertas sopraram uma forte rajada de vento através dos mal-arejados corredores metafísicos do século, enregelando os tímidos mas revigorando os destemidos. Convém lembrar, entretanto, que à época sobre a qual escrevo poucos eram os que tinham ouvido falar na obra-prima de Lyell, muito poucos os que acreditavam em suas teorias e pouquíssimos os que aceitavam todas as suas implicações. O Gênese é um punhado de mentiras, mas é também um grande poema. E um ventre de seis mil anos de idade é muito mais quente e confortável do que um que se estende por milhões de anos.

Charles, por conseguinte, estava interessado em saber (não só seu futuro sogro como seu tio tinham-lhe ensinado a pisar com

muito cuidado nesse terreno) se o dr. Grogan iria confirmar ou ignorar seus receios com relação aos teólogos. Mas o doutor não se deixou comprometer. Continuou contemplando o fogo e murmurou:

— É, tem razão.

Houve um pequeno silêncio, que Charles quebrou em tom casual, como se quisesse apenas manter viva a conversa.

— O senhor já leu esse tal Darwin?

A resposta de Grogan foi um olhar penetrante por cima dos óculos. Depois levantou-se e apanhou o lampião, dirigindo-se para uma estante no fundo do estreito aposento. Logo depois voltou e entregou a Charles um livro. Era A origem das espécies. Ele levantou a cabeça e deu com os olhos severos do doutor.

— Eu não quis dizer...

— Já leu o livro?

— Já.

— Então devia saber o bastante para não se referir a ele como "esse tal Darwin".

— Mas pelo que o senhor me disse...

— Este livro é sobre os vivos, Smithson. Não sobre os mortos.

O médico voltou-se com uma certa irritação para recolocar o lampião sobre a mesa. Charles pôs-se de pé.

— O senhor tem toda a razão. Peço desculpas.

O homenzinho olhou-o de esguelha.

— Gosse esteve por aqui há alguns anos, acompanhado de outro "apanhador de mariscos". Você já leu seu Omphalos<sup>{51}</sup>?

Charles sorriu.

— Não posso ver nesse livro senão um punhado de absurdos.

E Grogan, após fazê-lo passar por dois testes, um positivo, outro negativo, retribuiu o sorriso debilmente.

— Foi o que lhe disse quando terminou suas conferências aqui. Ah! Ah! foi exatamente o que lhe disse. — E o doutor deixou escapar por suas narinas irlandesas um sopro de ar triunfante. — Garanto que aí está um vento fundamentalista que vai pensar duas vezes antes de soprar de novo nesta banda do litoral de Dorset.

Olhou para Charles com mais simpatia.

— Um adepto de Darwin?

— Ardoroso.

Grogan agarrou então sua mão e apertou com força, como se ele fosse Crusoé, e Charles, Sexta-Feira. E talvez entre os dois homens se tenha passado algo não muito diferente do que ocorrera inconscientemente entre as duas moças adormecidas a meio quilômetro dali. Sabiam que eram como dois grãos de fermento numa montanha de massa letárgica — dois grãos de sal numa vasta terrina de insípido caldo.

Nossos dois carbonários do espírito — pois o menino que há em todo homem não continua gostando de brincar de sociedades secretas? — atiraram-se a uma nova rodada da bebida, acenderam outro charuto e passaram a celebrar Darwin longa e condignamente. Era de se esperar que mostrassem a devida humildade diante das novas e grandes verdades que estavam discutindo, mas receio que o estado de espírito dos dois — principalmente de Charles, quando voltou a pé para casa alta madrugada — estivesse imbuído de exaltada superioridade e da noção da grande distância intelectual que os separava do resto de seus semelhantes.

Lyme, às escuras, representava a massa comum da humanidade, totalmente mergulhada num sono imemorial, ao passo que Charles, naturalmente selecionado (o advérbio aí tem dois sentidos), era o intelecto puro, a caminhar desperto e livre como um deus, em comunhão com as estrelas insones e compreendendo tudo.

Isto é, tudo, menos Sarah.

*"Are God and Nature then at strife,  
That Nature lends such evil dreams?  
So careful of the type she seems,  
So careless of the single life..."* [{52}](#)

*Tennyson, In memoriam (1850)*

*"Finalmente, ela quebrou o silêncio e contou tudo ao dr. Burkley. De joelhos, o médico particular de John Kennedy apontou um dedo trêmulo para sua horrível saia. — Outro vestido? — sugeriu timidamente.  
— Não — murmurou ela selvagememente —, é bom que eles vejam o que fizeram."*

*William Manchester, A morte do presidente Kennedy*

Ela estava parada de perfil, à sombra, na outra extremidade do túnel de hera. Já o vira subir o morro, entre as árvores, mas não virou a cabeça. O dia estava luminoso, saturado de azul, com uma brisa cálida soprando do sudoeste, fazendo com que surgissem bandos de borboletas da primavera — essas borboletas amarelo-enzofre e pintalgadas de alaranjado, ou brancas com estrias verdes, que ultimamente consideramos incompatíveis com uma elevada produção agrícola e passamos a combater até quase sua completa extinção. Elas dançaram à volta de Charles durante toda a sua caminhada pela estrada da granja e através da mata, e agora uma delas — uma brilhante mancha sulfurina — esvoaçava na luminosa clareira, por trás do vulto escuro de Sarah.

Charles parou antes de penetrar na sombra verde-escura da hera e olhou ao redor, nefandamente, para se certificar de que ninguém o via. Mas as altas árvores estendiam seus galhos ainda desfolhados por sobre uma região inteiramente deserta

Ela só se voltou quando ele estava muito próximo, e ainda assim não o encarou. Ao invés disso, enfiou a mão no bolso do casaco, e mudamente, de olhos baixos, estendeu-lhe outro ouriço-do-mar, como se se tratasse de uma oferenda expiatória. Charles pegou-o, mas o embaraço dela era contagioso.

— A senhorita vai me permitir que eu pague por esses ouriços-do-mar o que estou acostumado a pagar por eles na loja.

Ela levantou a cabeça, então, e seus olhos se encontraram afinal. Ele percebeu que a moça se ofendera, e de novo sentiu uma inexplicável sensação de ter sido trespasado, de não ter correspondido ao que ela esperava dele. Mas dessa vez foi chamado à razão, isto é, compenetrou-se da atitude que decidira adotar, pois o encontro teve lugar dois dias depois dos acontecimentos narrados nos últimos capítulos. A pequena observação do dr. Grogan a respeito da prioridade que os vivos têm sobre os mortos havia dado frutos, e Charles via agora uma razão não só humanitária quanto científica para justificar sua aventura. Fora bastante sincero consigo mesmo para admitir que a aventura continha, além do risco de escândalo, um elemento de prazer. Mas agora percebia que havia nela também uma parcela de dever. Ele próprio pertencia indubitavelmente à classe dos mais aptos, mas os seres humanos mais aptos à sobrevivência nem por isso deixavam de ter certa responsabilidade em relação aos outros.

Novamente, pensara até mesmo em revelar a Ernestina o que se passara entre ele e a Srta. Woodruff. Infelizmente, percebera com demasiada clareza que ela iria fazer tolas perguntas femininas — perguntas a que ele não poderia responder honestamente sem se meter em maus lençóis. E logo decidiu que Ernestina não tinha nem o sexo nem a experiência para compreender o altruísmo de seus

motivos, e assim passou convenientemente ao largo desse outro aspecto, menos atraente, do dever.

Conseqüentemente, aparou a cutelada do olhar acusador de Sarah.

— Por uma questão de sorte, sou rico e a senhorita é pobre. Acho que não devemos usar de tanta cerimônia.

Esse era, de fato, seu plano: mostrar-se solidário com ela, mas manter uma certa distância, para lembrar-lhe a diferença de classe... embora com tato, naturalmente, e com despreziosa ironia.

— É tudo o que tenho para dar.

— Não vejo razão para que me dê alguma coisa.

— O senhor veio até aqui.

Ele achava sua humildade quase tão desconcertante quanto seu orgulho.

— Vim porque fiquei plenamente convencido de que a senhorita precisa realmente de ajuda. Embora ainda não tenha entendido por que resolveu honrar a mim com a confissão de seu... — ele vacilou ao chegar aí, pois estava a ponto de dizer "caso", o que trairia uma postura de médico, mais do que de cavalheiro — de seu problema, estou pronto a ouvir o que... se não estou enganado... deseja dizer-me.

Ela olhou-o de novo, e ele se sentiu lisonjeado. Com um gesto tímido, ela apontou para a clareira.

— Sei de um lugar aqui perto, meio escondido. Quer ir até lá?

Charles fez um sinal de assentimento, e a moça saiu para o sol, atravessando a clareira pedregosa onde ele estivera fazendo suas explorações quando ela o encontrara da primeira vez. Caminhava com agilidade e segurança, arrepanhando ligeiramente a saia com uma das mãos enquanto a outra segurava as fitas de seu chapéu preto. Acompanhando-a, com muito menos agilidade, Charles notou os remendos no calcanhar das meias pretas, os saltos gastos dos sapatos — e também o brilho fulvo em seus cabelos escuros. Pôs-se

a imaginar que deveriam ser lindos, quando soltos — bastos, sedosos. E, embora estivessem metidos firmemente dentro da gola de seu casaco, ele imaginou se não seria por vaidade que ela tantas vezes levava o chapéu na mão.

Ela guiou-o através de outro túnel verde, mas à sua saída eles se encontraram no sopé de uma encosta relvada onde se erguia outrora a face vertical do penhasco que desmoronara. Tufos de capim serviam de apoio para os pés, e ela foi escolhendo o caminho cautelosamente, em ziguezague, até o alto. Seguindo-a com algum esforço, ele via de vez em quando a barra de suas anáguas enfeitadas de fitas brancas, que lhe chegavam quase aos tornozelos. Uma moça de classe teria subido atrás dele, não na sua frente.

Sarah esperou no alto até que Charles acabasse de subir. Quando ele a alcançou, os dois seguiram caminho pelo topo do penhasco. O terreno se elevava de novo numa encosta abrupta, formada por outro penhasco que se erguia uns cem metros de altura. Aqueles eram os vastos "degraus" de sedimentação que podiam ser vistos do Cobb, a três quilômetros dali. Sua caminhada os levou até uma protuberância na rocha que pareceu a Charles de perigosa travessia. Uma escorregadela, uns passos a mais, e a pessoa despencaria sem apelo no abismo, estatelando-se no outro penhasco lá embaixo. Mas Sarah subiu calmamente e continuou a andar, como que inconsciente do perigo. Do outro lado daquele espaldão estendia-se um trecho de terreno plano, e era ali o seu "lugar retirado".

Era um campo minúsculo, voltado para o sul e cercado por densas moitas de amoreiras silvestres e de abrunheiros, uma espécie de anfiteatro em miniatura. Um espinheiro atrofiado erguia-se na outra extremidade da arena, se é que podemos usar esse termo para classificar um pedaço de terra que não media nem cinco metros de largura. Alguém — não Sarah, evidentemente — arrastara até o tronco da árvore um enorme bloco de pedra plana, formando um trono rústico, do qual se descortinava uma vista esplêndida das copas das árvores lá embaixo e do mar mais além. Charles,

ofegando um pouco e transpirando muito nas roupas de lã, correu os olhos à sua volta. Os barrancos ao redor do campo estavam forrados de primulas e violetas, e estrelados com as alvas flores das amoreiras silvestres. Suspenso no céu, e embalado pelo sol da tarde, o lugar era encantador e inteiramente isolado.

— Dou-lhe meus parabéns. A senhorita é um gênio para achar refúgios inacessíveis.

— Ou para achar solidão.

Ela ofereceu-lhe o trono de pedra debaixo do espinheiro.

— Tenho certeza de que esse lugar é seu — falou ele.

Mas a moça se afastou depressa e se sentou gracilmente numa saliência do terreno a alguns metros da árvore, de perfil para ele, de modo a ficar voltada para o mar e também para que — conforme percebeu Charles ao acomodar-se no assento de pedra — ele não pudesse ver seu rosto claramente. No entanto, por um ingênuo coquetismo de sua parte, queria dar-lhe uma oportunidade de admirar seu cabelo. Mantinha-se muito ereta, mas com a cabeça baixa, a remexer implausivelmente no chapéu. Charles observava-a, sorrindo por dentro mas não por fora. Via que ela estava encontrando dificuldade em começar, e, no entanto, a situação era tão ai fresco, tão imbuída da simplicidade da juventude, como se eles fossem dois irmãos, que não justificava a timidez e formalidade demonstradas pela moça. Ela largou o chapéu, desabotoou o casaco e cruzou as mãos. Mas continuava muda. Havia alguma coisa de masculino no talhe de seu casaco, em sua gola alta, principalmente quando visto de trás, pois dava-lhe um ar de cocheiro, de soldado, mas seu cabelo anulava facilmente essa impressão. Com certa surpresa, Charles descobriu que suas roupas surradas não lhe caíam mal, e de certa maneira até lhe assentavam, muito mais do que qualquer roupa fina. Nos últimos cinco anos tinha-se assistido a uma grande emancipação nas modas femininas. Começava a generalizar-se o uso dos primeiros modeladores artificiais do busto, pintavam-se os cílios e as sobrancelhas, passava-se pomada nos lábios, empoavam-se e tingiam-se os cabelos... e tudo isso entre as

mulheres mais elegantes, e não apenas entre as do demimonde. Mas em Sarah não se via nada disso. Parecia totalmente indiferente à moda, e não obstante conseguia subsistir, assim como as singelas primulas aos pés de Charles subsistiam, apesar da concorrência das exóticas plantas de estufa. Charles permaneceu sentado em silêncio, levemente majestático diante da estranha suplicante a seus pés e sem sentir-se muito inclinado a ajudá-la. Ela, porém, continuava muda, talvez por timidez e recato. Contudo, ele começou a perceber claramente que estava sendo desafiado a arrancar dela o mistério. Finalmente, rendeu-se.

— Senhorita, detesto a imoralidade, mas odeio muito mais a moralidade sem misericórdia. Prometo não ser um juiz severo demais.

Ela fez um leve movimento com a cabeça. Mas ainda hesitava. E então, com um pouco da brusquidão de um banhista relutante que ronda a água, ela mergulhou em sua confissão.

— Seu nome era Varguennes. Foi levado para a casa do capitão Talbot depois do naufrágio de seu barco. Com exceção de outros dois, os demais morreram afogados. Já lhe devem ter contado isso.

— Em linhas gerais. Não me descreveram o homem.

— A primeira coisa que admirei nele foi sua coragem. Eu ignorava então que os homens pudessem ser ao mesmo tempo muito valentes e muito falsos. — Ela olhava para o mar, como se fosse ele o ouvinte, e não Charles, ali perto. — Seus ferimentos eram terríveis. Sua perna fora rasgada desde a coxa até o joelho. Se gangrenasse, teria de ser amputada. Sofreu dores horríveis nos primeiros dias. Mas nunca soltou um grito. Nem mesmo o mais leve gemido. Quando o doutor fazia os curativos, ele agarrava minha mão. Apertava-a com tanta força que um dia quase desmaiei.

— Ele não falava inglês?

— Apenas algumas palavras. O francês da Sra. Talbot era tão mau quanto o inglês dele. E o capitão Talbot teve de fazer uma viagem logo que ele chegou. Disse-nos que tinha vindo de

Bordeaux. Que seu pai era um rico advogado, casara-se outra vez e se apossara da herança dos filhos de sua primeira mulher. Varguennes entrara para a marinha mercante. Fazia o comércio de vinhos. Na ocasião do naufrágio, era primeiro-oficial. Mas tudo o que disse era mentira. Não sei quem ele era realmente. Parecia um cavalheiro. E é só.

Ela falava como uma pessoa desabituada a se exprimir longamente, com pequenas e curiosas pausas entrecortando as frases curtas e hesitantes. Mas Charles não sabia dizer se aquelas pausas serviam para que ela meditasse no que tinha a dizer, ou para que ele pudesse interrompê-la.

Ele murmurou:

— Compreendo.

— Às vezes acho que ele nada tinha a ver com o naufrágio. Ele era o Diabo na figura de um marinheiro. — Ela olhou para as mãos. — Era muito bonito. Nunca recebera de um homem, até então, tantas atenções... Falo do tempo em que estava convalescendo. Não se interessava por livros. Era pior do que uma criança. Gostava de conversar, de gente à sua volta, de pessoas que o ouvissem. Disse-me uma porção de bobagens. Garantiu-me que não compreendia por que eu ainda não estava casada. Coisas assim. Acreditei nele como uma idiota.

— Tentou conquistá-la, em resumo?

— O senhor precisa compreender que conversávamos sempre em francês. Talvez o que era dito entre nós não me parecesse muito real por causa disso. Nunca estive na França, e meu conhecimento da língua não é muito bom. Muitas vezes não entendia inteiramente o que ele estava dizendo. A culpa não é só dele. Talvez compreendesse mal o sentido de suas palavras. Ele costumava zombar de mim. Mas eu achava que era sem intenção de ofender. — Ela hesitou por um momento. — Eu... eu até achava prazer nisso. Dizia que eu era má, quando eu não consentia que me beijasse a

mão. Chegou um dia em que eu também achei que estava sendo má.

— E deixou de ser?

— Sim.

Uma gralha surgiu no céu, logo acima de suas cabeças, a plumagem negra cintilando, e por um instante flutuou, trêmula, na brisa, antes de desaparecer, com súbito alarme.

— Compreendo.

Ele falara isso apenas para animá-la a continuar. Mas a moça tomou a palavra ao pé da letra.

— Não, sr. Smithson, o senhor não pode compreender. Porque não é uma mulher. Porque o senhor não é uma mulher que nasceu para se casar com um fazendeiro, mas foi educada para ser... uma coisa melhor. Já fui pedida várias vezes em casamento. Quando estava em Dorchester, um rico criador de gado... mas isso não interessa. O senhor não é uma mulher que nasceu com respeito e amor pelas coisas da inteligência, pela beleza, a cultura... não sei me explicar bem, não tenho o direito de desejar essas coisas, mas meu coração anseia por elas e não posso acreditar que seja tudo apenas vaidade... — Ela se calou por um momento. — E o senhor nunca foi uma governanta, sr. Smithson, uma moça que não tem filhos e é paga para olhar os filhos dos outros. Não pode compreender que, quanto mais encantadoras são as crianças, mais intolerável é a dor. O senhor não deve pensar que falo apenas por inveja. Eu adorava os dois meninos, Paul e Virginia, e não sinto pela Sra. Talbot senão amizade e gratidão... Seria capaz de morrer por seus filhos. Mas é doloroso ver todos os dias cenas de felicidade doméstica, ser testemunha de um casamento e de um lar felizes, cuidar de crianças adoráveis. — Fez uma pausa. — A Sra. Talbot é exatamente da minha idade. — Nova pausa. — Comecei a achar que me era permitido viver num paraíso, mas que estava proibida de desfrutá-lo.

— Mas não acha que todos nós passamos pelas privações de que fala, cada um a seu modo? — Ela sacudiu a cabeça com

surpreendente veemência. Ele percebeu que tocara em algum ponto profundamente sensível de seu coração. — Quis apenas dizer que os privilégios sociais não trazem necessariamente a felicidade.

— Não há nenhuma semelhança entre uma situação em que a felicidade é pelo menos acessível, e outra em que... — De novo ela sacudiu a cabeça.

— Mas evidentemente não pretende dizer que todas as governantas são infelizes... ou que nunca se casam.

— As que são iguais a mim, sim.

Ele deixou que se fizesse silêncio, depois falou:

— Interrompi sua história. Perdoe-me.

— E está disposto a acreditar que não falo por inveja?

Voltou o rosto para ele, uma expressão ardente no olhar, e ele assentiu com a cabeça. Arrancando do barranco a seu lado um raminho de flores azuis que pareciam microscópicos órgãos genitais de um querubim, ela continuou:

— Varguennes restabeleceu-se. Isso aconteceu uma semana antes da época em que devia partir. Mas por essa altura ele já me havia declarado seu amor.

— Ele lhe propôs casamento?

Ela achou dificuldade em responder.

— O assunto foi mencionado. Ele disse que ia ser promovido a capitão de um navio de vinhos quando voltasse à França. E tinha esperanças de reaver o patrimônio que ele e o irmão haviam perdido. — Hesitou um pouco, depois resolveu confessar. — Queria que eu fosse para a França com ele.

— A Sra. Talbot sabia disso?

— Ela é uma mulher boníssima. E inocente demais. Se o capitão Talbot estivesse lá... mas não estava. Tive vergonha de contar a ela no começo. E acho que no fim também. Medo dos conselhos que eu sabia que ela me daria. — Começou a desfolhar as

flores. — Varguennes tornou-se insistente. Procurava fazer-me acreditar que toda a sua felicidade dependia de minha ida para a França com ele... e o que é mais, que minha própria felicidade dependia disso. Descobri muitas coisas a meu respeito. Que meu pai morrera num asilo de loucos. Que eu não tinha recursos, nem parentes próximos, e por alguma razão obscura eu me sentia condenada, sem saber por quê, à solidão. — Pôs as flores de lado e crispou as mãos sobre o colo. — Minha vida sempre foi cercada de solidão, sr. Smithson. É como se alguém houvesse decidido que eu nunca poderia ter amigos iguais a mim, nunca poderia ter meu próprio lar, nunca poderia ver o mundo senão como um todo uniforme, no qual eu fosse a única exceção. Há quatro anos meu pai foi à falência. Todos os nossos bens foram vendidos. Desde então, vivo dominada pela idéia de que até mesmo as coisas mais simples — cadeiras, mesas, espelhos — conspiram para aumentar minha solidão. "Você nunca nos possuirá", dizem elas, "nunca iremos pertencer a você, e sim a outras pessoas." Sei que isso é loucura. Sei que nas cidades industriais existe tanta pobreza e solidão que, em comparação, minha vida é de luxo e conforto. Mas quando leio a respeito dos desvairados atos de represália dos sindicatos, uma parte de mim concorda com eles. E quase sente inveja, pois eles sabem como fazer e a quem dirigir essas represálias. E eu sou impotente. — Alguma coisa surgiu em sua voz, uma emoção intensa que em parte refutava suas últimas palavras. Ela acrescentou, mais calma: — Receio que não esteja me exprimindo bem.

— Não creio que possa concordar com suas idéias, mas compreendo-as perfeitamente.

— Varguennes partiu, para tomar o vapor em Weymouth. A Sra. Talbot acreditava, naturalmente, que ele embarcaria logo que chegasse lá. Mas ele me disse que esperaria até que eu fosse reunir-me a ele. Não prometi que iria. Pelo contrário, jurei que... mas eu estava em lágrimas. Finalmente, ele me disse que esperaria uma semana. Respondi que jamais iria acompanhá-lo. Mas passou-se um dia, depois outro, e ele já não estava mais ali para conversar comigo. A solidão de que falei há pouco voltou a se apossar de mim.

Senti como se fosse me afogar nela — pior ainda, como se tivesse deixado escapar de minhas mãos uma tábua que teria podido salvar-me. Mergulhei no desespero. Um desespero duplamente intolerável pelo esforço que me custava ocultá-lo dos outros. No quinto dia, não suportei mais.

— Mas, pelo que entendi, nada disso era do conhecimento da Sra. Talbot. Isso não despertou na senhorita nenhuma suspeita? A conduta dele dificilmente poderia ser a de um homem com boas intenções.

— Sr. Smithson, reconheço que minha loucura, minha cegueira com relação a seu verdadeiro caráter parecerão criminosas a uma pessoa que não conheça minha natureza e as circunstâncias daquele momento. Não posso negar o fato. Talvez sempre soubesse disso. Com certeza, alguma falha secreta nas profundezas de meu ser desejava conservar cego o que havia de melhor em mim. E nós vínhamos mentindo desde o princípio. Uma vez escolhido o caminho da mentira, é difícil sair dele.

Isso poderia ter servido de advertência a Charles, mas ele estava muito absorvido na história dela para pensar na sua própria.

— A senhorita foi para Weymouth?

— Enganei a Sra. Talbot com a desculpa de que uma colega de escola adoecera gravemente. Ela acreditou que eu estava indo para Sherborne. Para ir a qualquer dos dois lugares, é preciso passar por Dorchester. Uma vez lá, tomei a diligência para Weymouth.

Sarah calou-se então, e baixou a cabeça, como se não tivesse forças para continuar.

— A senhorita não precisa entrar em pormenores. Já posso imaginar...

Ela sacudiu a cabeça.

— Tenho de contar essa parte. Mas não sei como fazê-lo. — Charles também baixou os olhos para o chão. Nos ramos de uma das altas soveiras lá embaixo um tordo cantava, uma voz agreste no

ar azul e tranqüilo. Por fim, ela continuou. — Instalei-me numa hospedaria junto à baía. Depois, fui ao lugar onde ele disse que estava alojado. Não o encontrei lá, mas havia um recado para mim e o nome de outra hospedaria. Fui procurá-lo. O lugar não era... respeitável. Percebi isso pela maneira como me responderam quando perguntei por ele. Disseram-me onde ficava seu quarto, como se esperassem que eu subisse até lá. Insisti para que fosse chamado. Ele desceu. Pareceu-me extraordinariamente alegre ao me ver, comportando-se como um verdadeiro apaixonado. Desculpou-se pela modéstia do lugar, explicando que era menos dispendioso do que o outro e usado com mais freqüência pelos mercadores e marinheiros franceses. Eu estava assustada, e ele se mostrou muito gentil. Não comera nada nesse dia, e ele mandou preparar alguma coisa...

Ela hesitou, depois prosseguiu:

— Havia muito barulho na sala comum, por isso fomos para uma saleta privada. Não sei explicar por quê, mas sabia que ele estava mudado. Embora se mostrasse atencioso, cheio de sorrisos e carinho, eu percebia que, se eu não tivesse ido até lá, ele não teria ficado nem muito surpreso, nem muito triste. Compreendi então que não passara de uma distração para ele durante sua convalescença. O véu que me cobria os olhos caiu. Vi que ele era insincero... um mentiroso. Se me casasse com ele, estaria unindo minha vida à de um ignóbil aventureiro. Compreendi tudo isso no prazo de apenas cinco minutos. — Como se percebesse que sua voz começava a adquirir de novo um tom de amarga auto-recriminação, ela calou-se, continuando depois em tom mais baixo: — O senhor há de se perguntar por que não percebi isso antes. Acho que percebi. Mas perceber as coisas não é o mesmo que reconhecê-las. Acho que ele era assim como um camaleão, que muda de cor de acordo com o ambiente. Na casa de um cavalheiro, dava a impressão de ser um cavalheiro. Já naquela hospedaria, ele me aparecia como era na realidade. E eu sabia que aquela era sua cor verdadeira.

Ela contemplou o mar por um momento. Charles imaginou que suas faces deviam estar rubras agora, mas o rosto dela estava virado.

— Em tais circunstâncias, sei que... uma mulher decente teria ido embora imediatamente. Tenho perscrutado minha alma mil vezes desde aquela noite. Tudo o que descobri foi que não basta uma única explicação para minha conduta. Em primeiro lugar, fiquei gelada de horror ao perceber meu erro... no entanto, tão horrível era a idéia, que... tentei ver nele ainda um pouco de decência, de honra. Depois, apossou-se de mim uma espécie de fúria por ter sido enganada. Disse a mim mesma que, se não tivesse sofrido uma solidão tão intolerável no passado, não teria sido tão cega. Assim, culpei as circunstâncias pela minha situação. Nunca me vira antes em situação semelhante. Nunca estivera numa hospedaria em que a decência parecia desconhecida e o culto do pecado tão normal quanto o da virtude em lugares mais nobres. Não sei explicar. Minha mente estava confusa. Talvez eu devesse a mim própria o fato de parecer dona de meu destino. Fugira para junto daquele homem. Excesso de pudor pode parecer absurdo... quase uma vaidade. — Ela fez uma pausa. — Fiquei lá. Comi o que me foi servido e bebi o vinho, sob insistência dele. Não fiquei embriagada. Acho que o vinho me fez ver as coisas mais claramente... Isso é possível?

Ela se voltou para ele imperceptivelmente, procurando confirmação, quase como se ele fosse volátil e ela quisesse ter certeza que não se tinha evaporado. — Não há dúvida que sim.

— Parecia-me que o vinho me dava força e coragem... e compreensão também. Não era um instrumento do Diabo. Chegou o momento em que Varguennes não conseguiu mais ocultar a natureza de suas verdadeiras intenções a meu respeito. Nem eu pude fingir surpresa. Minha inocência era falsa desde o momento em que decidi ficar. Sr. Smithson, não estou tentando defender-me. Sei muito bem que poderia ter ido embora, mesmo depois que a criada limpou a mesa e saiu, fechando a porta. Podia mentir para o senhor e dizer que ele me dominou, que me embriagou... o que o senhor

quiser. Mas não foi essa a verdade. Ele era um homem sem escrúpulos, inconstante, profundamente egoísta. Mas jamais violaria uma mulher contra a sua vontade.

E então, no momento mais inesperado, ela se virou e encarou Charles. Seu rosto estava vermelho, mas não de vergonha, pareceu-lhe, e sim por uma espécie de paixão, de raiva, de desafio, como se ela estivesse nua diante dele, e se orgulhasse disso.

— Eu me entreguei a ele.

Charles não pôde suportar-lhe o olhar, e baixou o seu, fazendo um imperceptível sinal de assentimento.

— Compreendo.

— Por conseguinte, sou uma mulher duplamente desonrada. Por força das circunstâncias e por minha própria escolha.

Fez-se silêncio. De novo ela olhava o mar. Ele murmurou:

— Não lhe pedi para me contar essas coisas.

— Sr. Smithson, não quero que saiba que cometi esse ato vergonhoso, mas por que o fiz. Por que resolvi sacrificar o bem mais precioso da mulher em troca das fugazes atenções de um homem que eu não amava. — Ela levou as mãos ao rosto. — Fiz isso para que nunca mais voltasse a ser o que era. Para que o povo me apontasse com o dedo e dissesse: ali vai a Rameira do Tenente Francês... oh, sim, deixe-me dizer a palavra. Para que pudessem saber que sofri, e ainda sofro, como sofrem muitas outras em qualquer cidade ou aldeia desta terra. Eu não podia casar-me com aquele homem. Assim, casei-me com a vergonha. Não pretendo dizer que sabia o que estava fazendo, que consenti a sangue-frio que Varguennes satisfizesse seus desejos. Senti na ocasião como se me tivesse atirado num precipício ou enterrado um punhal no coração. Foi uma espécie de suicídio. Um ato de desespero, sr. Smithson. Sei que minha conduta foi má... ultrajante, mas não vi outra maneira de escapar do que tinha sido até então. Sabia que se deixasse aquele quarto, e voltasse para a Sra. Talbot e para minha antiga vida, estaria hoje irremediavelmente morta... e por minhas

próprias mãos. O que me mantém viva é minha vergonha, e o fato de saber que não sou verdadeiramente igual às outras mulheres. Nunca terei filhos, um marido, e essa inocente felicidade que todas têm. E ninguém jamais entenderá as razões de meu crime. — Ela fez uma pausa, como se estivesse percebendo pela primeira vez o que ela própria dizia de maneira tão clara. — Às vezes, tenho pena delas. Acho que desfruto de uma liberdade que está acima de sua compreensão. Nenhum insulto, nenhuma acusação me atinge. Porque me coloquei fora do seu alcance. Não sou nada, e quase mais nada tenho de humano. Sou a Rameira do Tenente Francês.

Charles entendeu apenas vagamente o que ela queria dizer com seu longo discurso final. Até o momento em que ela tomara sua estranha decisão em Weymouth, ele sentira mais simpatia por sua conduta do que havia demonstrado. Podia imaginar o lento e terrível sofrimento de sua vida como governanta, e como seria fácil para ela cair nas garras de um vilão tão plausível como Varguennes. Mas essa conversa de liberdade, pular a cerca, casar-se com a vergonha, era incompreensível para ele. No entanto, de certa maneira ele entendia, pois Sarah começara a chorar no final de sua justificação. Mas escondeu as lágrimas, ou tentou escondê-las, isto é, não cobriu o rosto com as mãos, nem procurou um lenço. Permaneceu sentada, com o rosto virado para o outro lado. A princípio, não ocorreu a Charles a verdadeira razão de seu silêncio.

Mas uma certa intuição fê-lo levantar-se e dar alguns passos silenciosos sobre a relva até um ponto de onde podia vê-la de perfil. Verificou que suas faces estavam úmidas, e sentiu-se intoleravelmente comovido, perturbado, preso num torvelinho de correntes que se entrechocavam e arrastado para longe do porto seguro de sua imparcial e judiciosa compaixão. Imaginava a cena que ela não tinha descrito: a da entrega de seu corpo. Era ao mesmo tempo Varguennes, usufruindo-a, e o homem que saltava em sua defesa, assim como Sarah era para ele ao mesmo tempo uma vítima inocente e uma mulher sem freios e abandonada. Bem no íntimo de seu ser, ele perdoava sua maculada castidade e

entrevia fugazmente seu lado negro, que ele também poderia ter desfrutado.

Essa repentina mudança de posição no campo da sexualidade seria impossível nos tempos de hoje. Basta um contato casual entre um homem e uma mulher para que ambos considerem a possibilidade de terem relações um com o outro. Achamos saudável essa franqueza com respeito às verdadeiras tendências do comportamento humano, mas na época de Charles a consciência íntima não admitia os desejos proibidos pela consciência pública, e, quando esses tigres na tocaia assaltavam a mente, as pessoas se mostravam ridiculamente indefesas.

Havia, além do mais, um curioso elemento egípcio no caráter dos vitorianos — essa claustrofilia que vemos claramente evidenciada no excesso de roupas que os envolviam como múmias, na sua arquitetura de janelas estreitas e longos corredores, no seu temor a tudo o que fosse arejado e nu. Que se escondesse a realidade, que se deixasse lá fora a natureza. A revolução das artes, no tempo de Charles, era representada pelo movimento pré-rafaelita. Pelo menos, os pré-rafaelitas tentavam aceitar a natureza e a sexualidade. Mas basta-nos comparar os cenários bucólicos de um Millais ou de um Ford Madox Brown com os de um Constable ou de um Palmer para verificarmos o que havia nos primeiros de idealização, de preocupação com o décor, em sua representação da realidade externa. Assim, a franca confissão de Sarah — feita sem a sombra do pudor e em plena luz do sol — não pareceu a Charles um fragmento da crua realidade, e sim um vislumbre do mundo ideal. E esse mundo não era estranho por ser mais real, e sim porque o era menos; um mundo mítico, onde a beleza nua importava mais do que a verdade nua.

Charles contemplou-a por alguns instantes, conturbado, depois voltou e se sentou de novo, o coração acelerado como se tivesse acabado de recuar da beira do precipício. Ao longe, no ponto mais ao sul, começara a aparecer lentamente no horizonte marítimo uma longínqua esquadra de nuvens. Creme, ambarinas, níveas, elas eram

como a magnífica crista de uma cordilheira, seus torreões e contrafortes a se estenderem a perder de vista... e no entanto remotas — tão remotas como uma abadia de Thélème, como uma terra sem pecado e delirantemente idílica, onde ele, Sarah e Ernestina pudessem vagar...

Não acho que os pensamentos de Charles fossem tão específicos, tão lamentavelmente maometanos. Mas as nuvens distantes lembravam-lhe sua própria insatisfação. Como lhe teria sido agradável velejar mais uma vez pelo Tirreno; ou cavalgar, com o odor da árida terra em suas narinas, até os distantes muros de Ávila; ou aproximar-se de um templo grego sob o ardente sol do Egeu! Mas mesmo então uma figura, uma sombra — sua irmã morta —, seguia à sua frente a passos leves, convidativos, e subia os degraus de pedra, perdendo-se no mistério das colunas partidas.

*"Forgive me! forgive me!  
 Ah, Marguerite, fain  
 Would these arms reach to dasp thee: —  
 But see! 'tis in vain.*

*In the void air towards thee  
 My strairíd arms are cast.  
 But a sea rolls between us —  
 Our different past. "[53](#)*

*Matthew Arnold, "Parting" (1853)*

Um minuto de silêncio. Por um leve movimento da cabeça, ela mostrou que tinha se refeito. Voltou-se a meio, então.

— Posso terminar? Falta pouca coisa.

— Por favor, não se deixe emocionar.

Ela assentiu, com um aceno de cabeça, e continuou.

— Ele embarcou no dia seguinte. Havia um navio, e ele tinha desculpas prontas. Problemas de família, sua longa ausência de casa. Disse que voltaria breve. Eu sabia que ele estava mentindo. Mas não disse nada. Talvez o senhor ache que eu devia ter voltado para a Sra. Talbot, fazendo-a crer que tinha estado realmente em Sherbone. Mas não sabia esconder meus sentimentos, sr. Smithson. O desespero me aturdiava. Bastava um olhar á meu rosto para que qualquer pessoa percebesse que alguma coisa mudara em mim

durante minha ausência. E eu não podia mentir para a Sra. Talbot. Não queria mentir.

— Disse-lhe então tudo o que acaba de me contar?

Ela baixou os olhos para as mãos.

— Não. Falei que tinha encontrado Varguennes e que ele voltaria um dia para se casar comigo. Não disse isso por... orgulho. A Sra. Talbot era bastante bondosa para compreender a verdade, quero dizer, para me perdoar, mas eu não podia dizer a ela que fora em parte o espetáculo de sua própria felicidade que me levava a agir assim.

— Quando foi que soube que ele era casado?

— Um mês depois. Ele tentou fazer-se passar por um marido infeliz. Ainda falou em amor, em darmos uma solução... Não senti choque nem tristeza. Respondi sem ódio. Falei que minha afeição por ele terminara e que nunca mais desejava vê-lo.

— E ocultou isso de todos, à exceção de mim?

Ela demorou muito tempo a responder.

— Sim. Pelas razões que já expliquei.

— Para se castigar?

— Para cumprir meu destino. Para ser uma renegada.

Charles recordou a sensata reação do dr. Grogan diante de seu interesse por ela.

— Mas, minha cara Srta. Woodruff, se todas as mulheres que foram seduzidas por inescrupulosos representantes do meu sexo agissem dessa maneira, receio que o país acabasse cheio de renegadas.

— É o que acontece.

— Ora, vamos. Isso é absurdo.

— Renegadas que têm medo de parecer que o são.

Ele olhava para suas costas, e lembrou-se de outra coisa que o dr. Grogan lhe dissera... a respeito de pacientes que se recusavam a tomar remédio. Mas decidiu fazer mais uma tentativa. Curvou-se para a frente, com as mãos juntas.

— Compreendo perfeitamente que algumas situações possam parecer dolorosas a uma pessoa inteligente e instruída. Mas não deveriam essas mesmas qualidades dar a ela forças para triunfar...

Nesse momento, ela se pôs de pé bruscamente e caminhou para a beira do penhasco. Charles seguiu-a no mesmo instante e se postou a seu lado, pronto a agarrá-la pelo braço, pois percebeu que suas mal-inspiradas palavras de conselho haviam surtido efeito contrário ao que desejara. Ela olhava para o mar, e qualquer coisa em seu rosto sugeria que ela julgava ter cometido um engano, que ele era igual a todo mundo, um mero intérprete das convenções. Havia indiscutivelmente algo de masculino nela, naquele momento. Charles sentiu-se como uma mulher velha, e não gostou da idéia.

— Perdoe-me. Talvez eu esteja pedindo muito. Mas minha intenção foi boa.

Ela baixou a cabeça, aceitando a desculpa implícita, mas logo voltou a contemplar o mar. O ponto em que estavam era agora mais exposto, e visível para qualquer pessoa que estivesse na mata lá embaixo.

— Por favor, afaste-se um pouco. Não é muito seguro aqui.

Ela virou a cabeça, e então olhou-o. De novo seu olhar mostrou uma compreensão desconcertantemente clara dos reais motivos que o haviam levado a sugerir aquilo. Às vezes, conseguimos reconhecer num rosto moderno uma expressão própria do século anterior, mas nunca do século que ainda está por vir. Após um momento, ela se afastou e foi para junto do espinheiro. Ele ficou parado no centro da pequena arena.

— O que a senhora acaba de me contar confirma meu ponto de vista anterior. É preciso que saia de Lyme.

Ela estendeu o braço e tocou num ramo de árvore. Charles não podia afirmar com certeza, mas pareceu-lhe que ela premia o dedo deliberadamente sobre um espinho. Um instante depois, olhava para uma rubra gota de sangue. Ao fim de alguns segundos, tirou um lenço do bolso e limpou furtivamente o sangue.

Ele manteve silêncio por algum tempo, depois atacou-a de repente:

— Por que recusou a ajuda do dr. Grogan no verão passado? — Os olhos dela fulgiram acusadoramente em sua direção, mas ele esperava essa reação. — Sim... pedi a opinião dele. Não pode negar que eu tinha o direito de fazê-lo.

Ela virou o rosto de novo.

— Tem razão. O senhor tinha esse direito.

— Deve responder à minha pergunta, então.

— Porque não tinha a intenção de pedir ajuda a ele. Não tenho nada contra o doutor. Sei que queria ajudar.

— E os conselhos dele não foram iguais aos meus?

— Foram.

— A esse respeito, então, devo lembrar à senhorita a promessa que me fez.

Ela não respondeu, mas isso já representava uma resposta. Charles aproximou-se alguns passos do ponto onde ela estava parada, olhando para o espinheiro.

— Está disposta a mantê-la, Srta. Woodruff?

— Agora que o senhor já sabe a verdade... seu oferecimento ainda está de pé?

— Evidentemente.

— Quer dizer que perdoa meu erro?

Isso causou um pequeno sobressalto em Charles.

— A senhorita atribui um valor exagerado a meu perdão. O essencial é que a senhorita mesma se perdoe. E, ficando aqui, nunca o conseguirá.

— O senhor não respondeu à minha pergunta, sr. Smithson.

— Deus me guarde de fazer um julgamento que só ao Nosso Criador compete fazer. Mas estou convencido, nós todos estamos certos, de que já pagou o bastante pelo seu erro. Está perdoada.

— E posso ser esquecida.

O tom seco e final de sua voz surpreendeu-o momentaneamente. Mas ele logo sorriu.

— Se com isso quer dizer que seus amigos não pretendem dar-lhe a menor assistência...

— Não se trata disso. Sei que são bem-intencionados. Mas eu sou como este espinheiro, sr. Smithson. Ninguém o censura por nascer aqui nesta solidão, mas se brotasse numa rua de Lyme ofenderia a sociedade.

Ele bufou levemente em sinal de protesto.

— Minha prezada Srta. Woodruff, não me diga que tem a obrigação de ofender a sociedade. — Ajuntou logo depois: — Se é o que devo deduzir de suas palavras.

Ela virou-se ligeiramente.

— Mas a sociedade não quer afastar-me, condenando-me à solidão em outro lugar?

— O que a senhorita discute agora é a justiça da existência.

— E isso é proibido?

— Não é proibido, mas é infrutífero.

Ela sacudiu a cabeça.

— Há frutos, mas são amargos.

Mas isso foi dito sem espírito de contestação e com profunda tristeza, quase como se ela falasse consigo mesma. Charles sentiu-

se naufragar, arrastado pelo remoinho de sua confissão. Percebeu que a franqueza de seu olhar combinava com uma franqueza de pensamento e de linguagem. O que lhe parecera em certos momentos uma presunção de igualdade intelectual (e por conseguinte um ressentimento suspeito contra os homens) não era exatamente uma igualdade, e sim uma afinidade — uma afinidade só encontrada entre pessoas do mesmo sexo, um desnudamento de idéias e sentimentos íntimos que ele nunca imaginara poder existir em suas relações com uma mulher.

Suas reflexões não eram subjetivas, mas objetivas: ali estava uma mulher notável, e devia haver algum homem livre com inteligência bastante para percebê-lo. O que sentia não era inveja dos outros homens, mas impotência. Bruscamente, estendeu a mão e tocou em seu ombro, num gesto de conforto, e recuou com a mesma rapidez. Ficaram em silêncio.

Depois, como se percebesse sua frustração, ela falou.

— Acha então que eu devo ir embora?

No mesmo instante, ele se sentiu aliviado e se voltou para ela animadamente.

— Rogo-lhe que faça isso. Novos ambientes, novas caras... e não se preocupe com as medidas práticas a serem tomadas. Esperamos apenas sua decisão para cuidarmos de tudo.

— Poderá dar-me um ou dois dias para pensar?

— Se achar necessário. — Ele aproveitou a oportunidade, agarrando-se àquela fugaz manifestação de normalidade da parte dela. — Proponho que coloquemos o caso agora nas mãos da Sra. Tranter. Se me permitir, cuidarei para que a bolsa dela proveja qualquer necessidade que a senhorita possa ter.

Ela baixou a cabeça, parecendo de novo à beira das lágrimas. Murmurou:

— Não mereço tanta bondade. Eu...

— Nem mais uma palavra. Não poderia haver dinheiro mais bem empregado.

Uma leve onda de triunfo invadiu Charles. Tudo acontecera como Grogan profetizara. A confissão trouxera a cura, ou pelo menos deixara entrever claramente sua possibilidade. Ele foi buscar sua bengala junto ao banco de pedra.

— Devo procurar a Sra. Tranter?

— Uma excelente idéia. Naturalmente, não há necessidade de falar sobre nossos encontros.

— Nada direi.

Ele já imaginava a cena: uma manifestação de polida surpresa de sua parte, sem muito interesse, e sua generosa insistência para que qualquer auxílio pecuniário que se fizesse preciso ficasse por sua conta. Ernestina poderia zombar dele se quisesse — isso apenas iria aliviar sua consciência. Sorriu para Sarah.

— A senhorita partilhou seu segredo com alguém. Estou certo de que verificará que esse desabafo será proveitoso em muitos pontos. A senhorita tem qualidades inatas que lhe serão muito vantajosas. Nada tem a recear da vida. Vai chegar o dia em que seus sofrimentos de agora serão apenas como aquela pequena nuvem que envolve o pico do Chesil Bank. Sairá para a luz do sol, e irá sorrir de suas passadas tristezas. — Ele julgou perceber uma luz fulgindo por trás da dúvida estampada em seus olhos. Naquele momento, ela era como uma criança relutante, e ao mesmo tempo desejosa que lhe secassem as lágrimas, com palavras de conforto ou com sermões. O sorriso dele alargou-se, e ele ajuntou: — Não seria melhor descermos agora?

Ela parecia ter ainda alguma coisa a dizer, talvez para reafirmar sua gratidão, mas a atitude decidida dele fê-la pôr-se a caminho, depois de lhe lançar um último e demorado olhar.

Ela seguiu na frente, com os mesmos passos seguros com que subira. Contemplando de cima suas costas, ele sentiu uma ponta de tristeza. Não haveria mais encontros como aquele... Tristeza e alívio,

também. Era uma moça extraordinária. Jamais a esqueceria. E pareceu-lhe haver algum consolo em saber que não o poderia, ainda que desejasse. Tia Tranter iria agir como sua espiã, no futuro.

Alcançaram o sopé do penhasco inferior e atravessaram o primeiro túnel de hera, passando pela clareira e entrando no segundo corredor de verdura. E então...

Vindo lá de baixo, da estrada principal que passava pelo Undercliff, chegou-lhe aos ouvidos o som de uma risada abafada. Seu efeito foi estranho como se alguma ninfa do bosque — pois o riso era indiscutivelmente feminino — tivesse estado observando seu encontro clandestino e não mais conseguisse conter sua hilaridade diante da tola inconsciência dos dois.

Charles e Sarah pararam, de comum acordo. A crescente sensação de alívio de Charles transformou-se instantaneamente em alarma. Mas a folhagem era densa, e o riso partira de um ponto distante uns duzentos ou trezentos metros. Não podiam ter sido vistos. A menos que, ao descerem a encosta... Passado um momento, ela levou rapidamente um dedo aos lábios, indicando que ele devia ficar quieto, e caminhou silenciosamente até a saída do túnel. Charles viu-a esticar o pescoço e observar com cautela a estrada que descia a encosta, depois virar-se rapidamente para ele. Fez sinal para que a seguisse, mas da maneira mais silenciosa possível, e simultaneamente o riso fez-se ouvir de novo, dessa vez mais moderado e, contudo, mais perto. Quem quer que tivesse estado no caminho afastara-se dele, e subia agora por entre as árvores na direção dos dois.

Charles foi andando com cautela até onde estava Sarah, escolhendo cuidadosamente o lugar onde pisar com suas malditas e barulhentas botas. Tinha o rosto afogueado e sentia-se terrivelmente embaraçado. Não havia explicação plausível para sua situação. Bastava o fato de estar ali com Sarah, e o flagrante delito seria lavrado.

Ele chegou até o local em que a moça estava, e onde, para sorte sua, a folhagem era mais espessa. Ela virara as costas para os

intrusos e estava encostada no tronco de uma árvore, de olhos baixos, como em muda auto-recriminação por tê-lo metido naquela enrascada. Charles olhou através da folhagem para a encosta coberta de árvores... e seu sangue gelou. Subindo na direção deles, e como se buscassem o mesmo esconderijo, vinham Sam e Mary. Sam passara um braço ao redor dos ombros da moça. Ambos levavam o chapéu na mão. A moça usava o vestido verde que Ernestina lhe dera — na verdade, Charles o vira pela última vez no corpo da noiva —, e a cabeça dela estava encostada levemente no rosto de Sam. Ali estavam dois jovens enamorados — uma verdade tão patente quanto a idade secular daquelas árvores, um amor tão tenro quanto as plantas de abril sobre as quais eles pisavam.

Charles recuou um pouco, mas não os perdeu de vista. Enquanto os observava, Sam puxou o rosto da moça e o beijou. Os dois se abraçaram, depois ficaram parados, de mãos dadas, os corpos timidamente afastados um do outro. Sam levou a moça até um pequeno barranco coberto de relva que conseguira insinuar-se no meio das árvores. Mary recostou-se nele, enquanto Sam se conservava de pé ao seu lado, contemplando-a. Depois inclinou-se, afastando delicadamente os cabelos que lhe caíam sobre o rosto, e beijou seus olhos ternamente.

Charles sentiu crescer seu embaraço. Lançou um rápido olhar a Sarah, para ver se ela sabia quem eram os intrusos. Mas a moça contemplava as samambaias a seus pés, como se eles estivessem abrigados ali simplesmente por causa de uma súbita pancada de chuva. Passou-se um minuto... mais outro. O embaraço foi substituído por um certo alívio. Era evidente que os dois criados estavam mais interessados em se examinar mutuamente do que em observar o que os cercava. Ele olhou de novo para Sarah. Ela também os observava agora, por trás do tronco da árvore. Mas logo se voltou, de olhos baixos. E de repente, sem aviso, olhou para ele.

Um momento.

E então fez uma coisa tão estranha e chocante como tirar a roupa.

Sorriu para ele.

Foi um sorriso tão indecifrável que no primeiro instante Charles só pôde encará-la com incredulidade. Era tão fora de propósito! Ele teve a impressão de que ela estivera esperando por um momento assim para liberá-lo, para revelar que tinha um certo senso de humor, que sua tristeza não era total. E naqueles olhos grandes, tão sombrios, tristes e francos, percebia-se uma ironia, uma nova faceta dela que os dois meninos, Paul e Virginia, deveriam ter conhecido em outros tempos, mas que nunca fora mostrada a ninguém em Lyme.

"Quais são suas pretensões agora?", pareciam dizer aqueles olhos e aqueles lábios levemente arqueados. "Onde estão agora sua linhagem, sua ciência, sua etiqueta, sua ordem social?" Acima de tudo, não era um sorriso que pudesse ser recebido com frieza ou reprovação, e sim com outro sorriso, pois desculpava Sam e Mary, desculpava tudo. E, de certa maneira, sutil demais para ser analisado, ele solapava tudo o que se passara entre ela e Charles até então. Reivindicava uma compreensão muito mais profunda, um reconhecimento daquela estranha mistura de igualdade e afinidade que fora aceita conscientemente. A verdade, porém, é que Charles não retribuiu conscientemente o sorriso. Percebeu que estava sorrindo apenas com os olhos, mas sorrindo, e excitado também — de forma muito vaga e generalizada para que sua excitação pudesse ser considerada sexual — até as profundezas de seu ser, como um homem que afinal houvesse encontrado, depois de caminhar ao longo de um muro alto e interminável, a porta tão desejada... e descobrisse que estava fechada.

Por um longo momento eles se olharam, a mulher que era a porta e o homem que não tinha a chave. Depois, ela baixou os olhos, o sorriso morreu. Um demorado silêncio pairou sobre os dois. Charles percebeu a verdade: estava de fato com um pé na borda do precipício. Por um momento julgou que iria, e devia, dar o mergulho. Sabia que, se estendesse os braços, não encontraria resistência... unicamente uma apaixonada reciprocidade de sentimentos. O

vermelho em suas faces se tornou mais intenso, e ele sussurrou por fim:

— Não convém que voltemos a nos encontrar a sós.

Ela não levantou a cabeça, mas fez um imperceptível sinal de assentimento. Depois, num gesto quase de irritação, virou o rosto para que ele não pudesse ver sua expressão. Ele olhou de novo através das folhas. A cabeça e os ombros de Sam estavam curvados sobre uma invisível Mary. Decorreram longos momentos, mas Charles continuou em seu posto de observação, a mente ainda turbilhando pelo precipício abaixo, quase sem se dar conta do que via, e no entanto contaminado cada vez mais, à medida que o tempo passava, por aquele mesmo veneno que ele estava tentando repelir.

Mary salvou-o. De repente, empurrou Sam para um lado e saiu correndo, a rir, pela encosta abaixo até o caminho. Parou um instante, voltando um rosto travesso para Sam, antes de arrepanhar a saia e desabar de novo morro abaixo, pisando nas violetas, uma fina barra vermelha da anágua aparecendo sob a saia cor de esmeralda. Sam correu atrás dela. Suas figuras foram ficando pequenas entre os troncos cinzentos, diminuindo, desaparecendo. Um vislumbre de verde, um vislumbre de azul, uma risada que terminou num pequeno grito, e depois o silêncio.

Cinco minutos se passaram, durante os quais o par escondido não trocou uma palavra. Charles continuou a olhar fixamente para a encosta da colina, como se fosse imprescindível manter uma vigília tão atenta. Tudo o que desejava, na verdade, era evitar o olhar de Sarah. Afinal, quebrou o silêncio.

— É melhor a senhorita ir embora. — Ela assentiu com a cabeça — Eu espero aqui meia hora. — Ela tornou a assentir com a cabeça, e passou por ele. Seus olhos não se encontraram.

Somente quando já se encontrava entre as árvores, ela olhou para trás, por um momento. Não podia ver o rosto dele, mas devia saber que ele estava olhando. E nos olhos dela havia a mesma e

antiga expressão penetrante. Depois, acabou de descer a colina a passos leves, por entre as árvores.

## 22

*"I too have felt the load I bore  
In a too strong emotion's sway;  
I too have wished, no woman more,  
This starting, feverish heart, away.*

*I too have longed for trenchant force  
And tvill like a dividing spear;  
Have praised the keen, unscrupulous course,  
Which knows no doubt, which feels no fear.*

*But in the world I learnt, what there  
Thou too will surely one day prove,  
That will, that energy, though rare,  
Are yet far, {ar less rare than love. "[54](#)}*

*Matthew Arnold, "A farewell" (1853)*

Os pensamentos de Charles, ao fazer afinal a caminhada de volta a Lyme, eram variações de um tema masculino popular e imemorial. "Você está brincando com fogo, meu rapaz. " Ou melhor, pensava precisamente nessas palavras, pois o que dizia a si próprio mentalmente tinha o exato sentido dessa advertência verbal. Fora muito insensato, mas sua insensatez não lhe trouxera dissabores. Correria um risco terrível, e escapara incólume. E agora, ao ver surgir lá embaixo a extensa garra de pedra do Cobb, ele se sentia eufórico.

E como poderia sentir alguma culpa? Desde o princípio, seus motivos tinham sido os mais puros. Curara a moça de sua loucura, e se alguma coisa de impuro ameaçara solapar suas defesas, representava apenas uma gota de molho picante para acompanhar o tenro carneirinho. Ele seria culpado, na verdade, se não se afastasse do fogo, e de uma vez por todas. E isso ele teria todo o cuidado em fazer. Afinal de contas, não era uma mariposa seduzida pela luz. Era um ser altamente inteligente, dos mais aptos, e dotado de um livre-arbítrio absoluto. Se não tivesse certeza dessa última garantia, teria tido coragem de se meter em águas tão perigosas? Estou misturando as metáforas — mas isso era o que passava pela mente de Charles.

E assim, apoiado no livre-arbítrio tanto quanto em sua bengala, ele desceu a colina em direção à cidade. Qualquer interesse físico que sentisse pela moça seria vigorosamente repellido — pelo seu livre-arbítrio. Qualquer pedido para outros encontros secretos seria recusado com firmeza — pelo seu livre-arbítrio. Toda a sua participação no caso seria feita através de tia Tranter — pelo seu livre-arbítrio. Por conseguinte, ele tinha permissão, ou antes, obrigação de ocultar o fato a Ernestina — por esse mesmo livre-arbítrio. Quando chegou afinal ao White Lion, por força do livre-arbítrio atingira um convincente estado de satisfação consigo próprio... em que lhe era possível encarar Sarah como um assunto encerrado.

Uma moça extraordinária, uma moça extraordinária. E desconcertante. Ele decidiu que esse era — ou melhor, fora — seu principal encanto: a imprevisibilidade. Não percebeu que ela possuía duas outras qualidades, tão típicas dos ingleses quanto sua própria mistura de ironia e convenção. Refiro-me à paixão e à imaginação. A primeira qualidade, talvez Charles a houvesse notado vagamente, mas a segunda, não. Nem poderia, pois essas duas qualidades não eram aceitas na época; a primeira era associada à sensualidade e a segunda, à simples fantasia. Essa dupla falta de percepção era o maior defeito de Charles — e nesse particular ele era um digno representante de sua época.

Havia ainda um problema em carne e osso a ser enfrentado, ou seja, Ernestina. Mas, quando chegou ao hotel, Charles verificou que a família viera em sua ajuda.

Um telegrama estava à sua espera. Era de seu tio de Winsyatt. Sua presença era urgentemente requisitada "por motivos de alta importância". Confesso que Charles sorriu ao ler o telegrama, chegando quase a beijar o papel cor de laranja. O chamado livrava-o de qualquer situação embaraçosa imediata, e da necessidade de mentir por omissão. Era esplendidamente oportuno. Ele fez algumas indagações... havia um trem que partia nas primeiras horas da manhã seguinte de Exeter, na época a estação mais próxima de Lyme, o que lhe fornecia um bom pretexto para partir imediatamente e passar a noite lá. Deu ordens para que lhe arranjassem a caleça mais veloz que pudesse ser encontrada em Lyme. Ele próprio a guiaria. Seu desejo era partir com rapidez, o que justificaria o fato de deixar apenas um recado escrito para tia Tranter. Mas achou que seria covardia demais. Em vista disso, com o telegrama na mão, foi a pé até sua casa.

A bondosa senhora encheu-se de preocupação, uma vez que em sua opinião telegramas significavam más notícias. Ernestina, menos supersticiosa, mostrou-se claramente agastada. Achou "muito desagradável" que tio Robert bancasse dessa maneira o grão-vizir. Tinha certeza de que não era nada grave. Apenas uma fantasia, um capricho de velho, ou, pior ainda, inveja dos dois namorados.

Naturalmente, fizera uma visita a Winsyatt, acompanhada dos pais. E não gostara de Sir Robert. Talvez porque se sentisse na berlinda, ou porque o tio contasse com um número suficiente de fidalgos na família para se mostrar rude em suas maneiras, pelos padrões da classe média londrina — embora um crítico mais benevolente pudesse considerá-lo agradavelmente excêntrico. Talvez ela tivesse achado que a casa não passava de um velho pardieiro, com seu mobiliário, suas cortinas e seus quadros tão

tremendamente fora de moda, ou quem sabe o referido tio se derretesse por Charles e este fizesse com gosto o papel de sobrinho, a ponto de Ernestina começar a se sentir positivamente enciumada. Mas, acima de tudo, ela estava com medo.

As senhoras da vizinhança haviam sido convidadas para conhecê-la. Mesmo sabendo que seu pai podia comprar, se quisesse, o lote inteiro delas, com seus respectivos pais, maridos, bens e propriedades, ela sentiu que a olhavam com condescendência (embora fosse apenas inveja) e a tratavam com ar de superioridade, valendo-se de vários e sutis artifícios. Tampouco a entusiasmava a perspectiva de ir morar um dia em Winsyatt, embora isso a fizesse desejar ver aplicado seu imenso dote, ou pelo menos parte dele, na realização minuciosa de seus desejos, os quais consistiam na substituição geral de toda aquela velharia: as horrendas cadeiras de madeira lavrada (estilo Carlos II e de valor inestimável), os sombrios armários (Tudor), as tapeçarias, roídas de traças (gobelinos) e os insípidos quadros (que incluíam dois Lorrain e um Tintoretto), objetos que não condiziam absolutamente com seu gosto.

Não ousou comunicar a Charles sua antipatia pelo tio, e, quanto às outras objeções, insinuou-as apenas, com mais bom humor do que sarcasmo. Não creio que ela deva ser censurada. Como tantas filhas de pais ricos, antigamente como agora, tinham-lhe ensinado apenas o bom gosto convencional — isto é, ela sabia despender acertadamente grandes somas de dinheiro com costureiras, chapeleiras e lojas de móveis. Esse era seu campo de ação, e, uma vez que era o único, não gostava que lhe fosse usurpado.

O apressado Charles enfrentou sua muda desaprovação e seus graciosos muxoxos assegurando-lhe que estaria de volta com a mesma rapidez com que pretendia partir. Na verdade, tinha uma idéia bastante clara dos motivos que haviam levado o tio a chamá-lo com urgência. Já haviam abordado o assunto quando estivera lá com Tina e seus pais e abordado muito de leve, pois o tio era um homem tímido. Tratava-se da possibilidade de que Charles fosse

morar com ele quando se casasse. Poderiam "ajeitar" a ala leste. Charles sabia que a intenção do tio não era apenas que passasse temporadas lá, e sim que se instalasse definitivamente na propriedade e iniciasse o aprendizado para a gestão de seus bens. Mas isso interessava tão pouco a ele quanto a Ernestina — embora ignorasse a opinião da moça. Sabia que não daria certo o arranjo, que o tio iria mimá-los ou censurá-los alternadamente, e que esse rígido controle nos primeiros anos de seu casamento não iria convencer Ernestina facilmente da conveniência de morarem em Winsyatt. Mas seu tio, em conversa particular, insinuara outras coisas: Winsyatt era grande demais para um homem sozinho e ele cogitava às vezes em morar numa casa menor. Não havia escassez de propriedades menos extensas nas vizinhanças, e na verdade algumas delas figuravam na lista de casas que Winsyatt arrendava. Uma dessas propriedades, uma mansão em estilo elisabetano localizada na aldeia de Winsyatt, ficava quase à vista da casa principal.

Charles calculou que o velho estava começando a se achar egoísta, e o chamara a Winsyatt para lhe oferecer a mansão elisabetana ou a casa principal. Qualquer das duas era interessante. Não fazia questão que fosse uma ou outra, contanto que seu tio não morasse com eles. Estava certo de, que o velho solteirão seria facilmente convencido a aceitar uma das duas, e que sua atitude era a de um cavaleiro nervoso que pára diante de um obstáculo à espera de que o ajudem a saltar.

Considerando tudo isso, e após uma breve conversa a três na Broad Street, Charles pediu para trocar algumas palavras a sós com Ernestina, e, tão logo tia Tranter se retirou, ele contou à moça suas suspeitas.

— Mas por que ele não mencionou o assunto antes?

— Meu bem, isso é totalmente típico de tio Bob. Mas diga-me o que devo responder.

— Qual das duas você prefere?

— A que você preferir. Ou nenhuma, se for o caso. Embora acredite que ele vá ficar magoado...

Ernestina murmurou uma discreta praga contra tios ricos. Mas a visão de si própria como Lady Smithson, numa Winsyatt decorada a seu gosto, passou-lhe pela mente, talvez porque estivesse na saleta dos fundos da casa da tia, que não era muito espaçosa. Afinal de contas, um título de nobreza precisa de um ambiente adequado. E, com a garantia de que aquele velho aborrecido não ia ficar sob o mesmo teto que ela... além disso, um homem tão idoso... E havia também seu adorado Charles, e seus pais, a quem devia tanto...

— Essa casa na aldeia é aquela pela qual passamos de carruagem?

— Essa mesma. Você deve lembrar-se, é cheia de velhos e pitorescos torreões...

— Pitorescos do lado de fora.

— Naturalmente teria de ser reformada.

— Como é mesmo o nome que lhe dão?

— Os aldeões a chamam de Casa Pequena. É apenas uma comparação com a outra. Já faz muitos anos que entrei nela, mas acho que é muito mais ampla do que parece.

— Conheço essas casas antigas. Dezenas de quartinhos apertados e horríveis. Acho que os elisabetanos eram todos anões.

Ele sorriu (embora tivesse sido melhor corrigir sua curiosa noção da arquitetura estilo Tudor) e passou um braço por seus ombros.

— Ficamos então com Winsyatt?

Ela lhe lançou um olhar rápido e direto, por sob as sobrancelhas arqueadas.

— Você quer?

— Você sabe o que a casa significa para mim.

— E posso decorá-la a meu modo?

— Pode arrasá-la até os alicerces e erguer um novo Palácio de Cristal. Para mim tanto faz.

— Charles! Fale sério!

Desvencilhou-se de seus braços, mas logo deu-lhe um beijo de perdão, e ele se pôs a caminho de coração leve. Ernestina, por seu lado, subiu para o quarto e desencavou seu vasto arsenal de catálogos.

*"Portion of this yew  
Is a man my grandsire knew..."* [{55}](#)

*Hardy, "Transformations"*

A caleça, com seu toldo arriado para que Charles pudesse desfrutar o sol primaveril, atravessou o portão. O jovem Hawkins estava postado junto dele, e a velha Sra. Hawkins sorria timidamente à porta de seu chalé. Charles pediu ao ajudante de cocheiro, que fora esperá-lo em Chippenham e agora guiava o veículo, com Sam a seu lado na boléia, que parasse um instante. Havia uma amizade especial entre Charles e a velha mulher. Por ter perdido a mãe quando estava apenas com um ano, ele tivera de se conformar com várias substitutas quando criança. Nas suas estadas em Winsyatt apegara-se à Sra. Hawkins, cujo cargo oficial naqueles tempos era de chefe da lavanderia, mas que por direito de antigüidade e popularidade só perdia em hierarquia para a augusta governanta. Talvez a afeição de Charles por tia Tranter fosse um eco de suas antigas lembranças da humilde mulher — uma perfeita imagem de Báucis [{56}](#) — que agora descia pesadamente o caminho até o portão, para saudá-lo.

Ele teve de responder a todas as suas ávidas perguntas sobre seu próximo casamento, perguntando por sua vez pelos filhos dela. Ela lhe pareceu de uma solicitude acima do habitual, e percebeu em seus olhos essa sombra de piedade que os pobres de bom coração costumam reservar às vezes para os favorecidos pela fortuna. Era uma piedade que ele conhecia de longos anos, e que a inocente mas

astuta camponesa costumava demonstrar para com o pequeno órfão de mãe que tinha um pai tão depravado — pois consistentes boatos da vida desregrada que levava o viúvo em Londres se haviam infiltrado até Winsyatt. Parecia agora a Charles fora de propósito essa muda compaixão, mas aceitou-a com bem-humorada complacência. Era um sinal de amor a ele, assim como o bem-cuidado jardim à volta do chalé da entrada, e o parque mais além, cujas velhas árvores formavam agrupamentos batizados com um nome amado: Bosque de Carson, Outeiro dos Dez Ciprestes, Ramillies (plantado em honra dessa batalha), Carvalho-e-Olmo, Bosque das Musas, e dezenas de outros, tão familiares a Charles quanto os nomes das partes de seu corpo; além disso, a larga alameda das limeiras, as cercas de arame, e tudo o mais que fazia parte da propriedade estava ali — pelo menos assim ele sentia — por amor a ele. Finalmente, sorriu para a antiga chefe da lavanderia.

— Preciso ir. Meu tio está esperando.

Por um momento, a Sra. Hawkins não pareceu disposta a se ver dispensada tão facilmente, mas a servente que havia nela sobrepujou a mãe. Contentou-se em tocar na mão dele, apoiada na porta da caleça.

— É mesmo, sr. Charles. Ele está esperando.

O cocheiro deu uma lambada com seu chicote no traseiro do cavalo-guia, e a caleça começou a subir a suave ladeira, penetrando na rala sombra das limeiras ainda desfolhadas. Um pouco mais adiante a alameda aplanava-se, e de novo o chicote lambeu preguiçosamente as ancas do cavalo baio, e os dois animais, lembrando que a manjedoura estava perto, partiram num trote acelerado. O alegre e apressado rangido das rodas de aro de ferro, o leve chiado de um eixo insuficientemente lubrificado, a antiga afeição reavivada pelo encontro com a Sra. Hawkins, sua certeza de que viria a ser em breve o legítimo dono daquelas terras — tudo isso devolveu a Charles a inefável sensação de um destino afortunado e de uma justa ordem das coisas, que sua temporada em Lyme quase fizera desaparecer. Aquele pedaço da Inglaterra pertencia a ele, e

ele lhe pertencia. Era responsável por aquela terra, por seu prestígio, por sua organização secular.

Passaram por um grupo de empregados do tio: o ferreiro Ebenezer, junto de sua forja portátil, malhava vigorosamente um grosso fio de arame que entortara. Atrás dele, dois lenhadores estavam sentados, descansando. Havia um quarto homem, muito idoso, que ainda usava o antigo avental de ferreiro dos tempos de sua juventude e um antigo chapéu-coco. Era o velho Ben, pai do ferreiro, que, juntamente com uma dúzia ou mais de idosos agregados, tinha permissão para viver ali e andar livremente por toda a propriedade. Era uma espécie de arquivo ambulante — ainda freqüentemente consultado — dos fatos ocorridos nos últimos oitenta anos da história de Winsyatt.

Os quatro homens voltaram-se quando a caleça passou, braços foram levantados, e o chapéu-coco também. Charles acenou em resposta, senhorialmente. Conhecia a vida de todos, assim como eles conheciam a sua. Sabia até mesmo por que o grosso arame fora entortado. O enorme Jonas, o touro favorito de seu tio, atacara o landau da Sra. Tomkins. "Por culpa exclusiva daquela idiota", dissera o tio em sua carta, "que insiste em pintar a boca de escarlata." Charles sorriu ao lembrar a maldosa pergunta que fizera ao tio sobre os motivos que teriam levado uma viúva tão atraente a fazer uma visita a Winsyatt desacompanhada...

Mas o encanto principal estava em se ver de novo cercado pela imensa e imutável paz rural. Os infindáveis campos cobertos pela relva da primavera, com as terras baixas de Wiltshire ao fundo, a casa até então invisível aparecendo agora, creme e cinza, com seus altos cedros, suas famosas faias vermelhas (todas as faias vermelhas são famosas) ao longo da ala oeste, a fila de cocheiras mal entrevista nos fundos, com sua pequena torre de madeira e seu relógio parecendo um alvo ponto de interrogação no meio da folhagem. Era simbólico, aquele relógio dos estábulos. Embora nada fosse realmente urgente em Winsyatt — apesar do telegrama — e um ameno hoje fluísse para um ameno amanhã, as únicas horas

verdadeiras eram as horas solares; e embora, a não ser na época da colheita, sempre houvesse gente demais para tão pouco trabalho, o senso de ordem era quase mecânico em sua profundidade, na impressão que dava de jamais poder ser perturbado, de que sempre continuaria a ser o que era — benevolente e divino. Os céus são testemunhas de que existem injustiças e miséria tão abomináveis no meio rural quanto nos centros industriais de Sheffield e Manchester, mas esses males se mantinham afastados das vizinhanças das grandes propriedades inglesas, talvez pela simples razão de que seus donos gostavam de ver seus camponeses tão bem-cuidados quanto seus campos e seus animais. Sua relativa benevolência para com o vasto número de subordinados talvez não passasse de uma conseqüência do desejo de se verem cercados por uma agradável paisagem. Mas seus subalternos lucravam com isso. E as razões que movem os modernos e "inteligentes" administradores não são provavelmente mais altruísticas. Os primeiros tinham por objetivo a, Paisagem Agradável; os outros, a Maior Produtividade.

Quando a caleça chegou ao fim da alameda das limeiras, onde as pastagens que a cercavam cediam lugar a vastos gramados e tufos de folhagens, e o caminho fazia uma longa curva até a frente da casa — uma estrutura grega que não sofrera modificações muito deformantes do Wyatt mais moço —, Charles sentiu que entrava de fato na posse de sua herança. Pareceu-lhe que ali estava a explicação para todas as suas antigas vagabundagens pela vida, seu superficial interesse pela religião, pela ciência, pelas viagens. Estivera à espera daquele momento... sua hora de ocupar o trono, por assim dizer. A absurda aventura no Undercliff fora esquecida. Enormes responsabilidades — a preservação daquela paz e daquela ordem — surgiam à sua frente, como haviam surgido à frente de tantos outros moços de sua família no passado. O dever — aí estava sua verdadeira esposa, sua Ernestina e sua Sarah, e ele saltou da caleça para recebê-la com a alegria de um garoto que não tivesse nem a metade de sua idade.

O que encontrou, entretanto, foi um salão vazio. Correu à sala de estar, esperando ver o tio caminhar sorridente a seu encontro.

Mas também estava vazia. E havia nela qualquer coisa diferente, que deixou Charles perplexo por um momento. Mas logo sorriu. Havia novas cortinas... e os tapetes também eram inegavelmente novos. Ernestina não iria ficar satisfeita quando soubesse que a reforma lhe fora tirada das mãos. Mas que indício mais seguro podia existir de que o velho solteirão decidira passar graciosamente o bastão?

Todavia, alguma coisa mais mudara. Charles levou alguns instantes para perceber o que era. A imortal abetarda fora banida dali. No lugar onde estivera sua vitrina, via-se agora um armário de portas de vidro com objetos de porcelana.

Mas ele ainda não sabia tudo.

Ignorava também — e como poderia ter sabido? — o que acontecera a Sarah depois que o havia deixado na tarde anterior. Ela seguiu rapidamente através da mata até chegar ao ponto onde normalmente tomava pela trilha mais alta, o que afastava qualquer possibilidade de ser vista da granja. Um observador que estivesse ali tê-la-ia visto hesitar, e se tivesse ouvidos tão apurados quanto os de Sarah teria adivinhado por quê: um som de vozes vinha da granja lá embaixo, coando-se através das árvores. Devagar e sem fazer ruído, Sarah foi avançando até alcançar um pé de azevinho, através de cuja densa folhagem podia ver os fundos do chalé. Permaneceu ali por algum tempo, sem que seu rosto revelasse o que se passava em sua mente. E então houve alguma modificação na cena que se desenrolava lá embaixo, ao lado do chalé, pois ela se mexeu... embora não regressasse à mata em busca de abrigo. Em lugar disso, saiu acintosamente de trás da árvore e seguiu pela trilha que ia terminar na estrada da granja, emergindo inteiramente à vista das duas mulheres paradas à porta do chalé, uma das quais carregava um cesto e se preparava claramente para retomar o caminho de casa.

O vulto escuro de Sarah era inteiramente visível. Ela não olhou para baixo, na direção do chalé e dos dois surpresos pares de olhos,

seguindo adiante rapidamente até desaparecer por trás da sebe que cercava as terras acima da granja.

Uma das mulheres que estavam ali era a mulher do granjeiro. A outra era a Sra. Fairley.

*"Ouvi dizer certa vez que a frase mais típica dos vitorianos era: 'Não se esqueça de que ele é seu tio...'"*

*G. M. Young, Ensaios vitorianos*

— Mas é monstruoso. Monstruoso. Tenho certeza de que ele perdeu a cabeça.

— O que ele perdeu foi o senso das proporções. Mas isso não é a mesma coisa.

— Mas a essa altura de sua vida!

— Minha querida Tina, Cupido tem um notório desprezo pelas conveniências dos outros.

— Você sabe muito bem que Cupido nada tem a ver com o caso.

— Pois acho que tem tudo a ver com ele. Os velhos corações são os mais suscetíveis.

— Foi por minha culpa. Sei que ele não simpatiza comigo.

— Ora, vamos, deixe de tolice.

— Não é tolice. Sei perfeitamente que para ele não passo da filha de um comerciante.

— Meu benzinho, contenha-se.

— É por sua causa que estou tão furiosa.

— Muito bem, pois deixe que eu me encarrego de ficar furioso por minha própria conta.

Fez-se silêncio nesse momento, o que me dá a oportunidade de esclarecer que a conversa acima teve lugar na sala dos fundos da casa de tia Tranter. Charles estava parado à janela, de costas para Ernestina, que chorara muito recentemente e agora estava sentada torcendo o lenço de renda num gesto de vingança.

— Sei como você gosta de Winsyatt.

A resposta que Charles ia dar permanecerá uma conjectura, pois naquele momento a porta abriu-se e tia Tranter apareceu, com um amável sorriso de boas-vindas nos lábios.

— Você voltou tão depressa! — Eram nove e meia, naquele mesmo dia em que vimos Charles subindo o caminho de entrada da casa de Winsyatt.

Charles sorriu fracamente.

— Os negócios foram resolvidos... com certa rapidez.

— Aconteceu uma grande e terrível desgraça! — Tia Tranter olhou alarmada para o rosto trágico e ultrajado da sobrinha, que ajuntou: — Charles foi deserdado.

— Deserdado!

— Ernestina está exagerando. Aconteceu simplesmente que meu tio resolveu casar-se. Se tiver a sorte de ter um filho e herdeiro...

— Sorte!... — Ernestina atirou-lhe rapidamente um olhar escaldante. Tia Tranter olhava para os dois, consternada.

— Mas... quem é a dama?

— Seu nome de família é Tomkins, Sra. Tranter. Uma viúva.

— E jovem o bastante para ter uma dúzia de filhos.

Charles sorriu.

— Não é tanto assim. Mas é jovem o bastante para ter filhos.

— Você a conhece?

Ernestina não deu tempo para que Charles respondesse.

— Isso é o que é mais lastimável. Há apenas dois meses seu tio zombou da mulher numa carta a Charles. E agora está rastejando a seus pés!

— Ernestina, meu bem...

— Não vou aceitar isso com calma! É demais. Depois de todos esses anos...

Charles respirou fundo e voltou-se para tia Tranter.

— Ouvi dizer que ela tem excelentes relações. Seu marido era coronel do 40.º Regimento de Hussardos e a deixou em ótima situação. Não há suspeita de que ande à caça de fortuna. — O olhar fumegante de Ernestina mostrava claramente que, na sua opinião, existiam suspeitas, e muitas. — Disseram-me que é uma mulher muito atraente.

— Aposto que se dedica a caçar raposas.

Ele sorriu embaraçado para Ernestina, que não esquecera que o detestável tio colocara o nome dela em seu livro negro.

— É possível. Mas isso ainda não é considerado um crime.

Tia Tranter desabou pesadamente sobre uma cadeira e olhou de novo para os dois, em busca — como sempre acontece nessas ocasiões — de um raio de esperança.

— Mas ele não é velho demais para ter filhos?

Charles forçou um sorriso de delicadeza diante de sua inocência.

— Está com sessenta e sete anos, Sra. Tranter. Não é tão velho assim.

— Embora ela tenha idade para ser sua neta.

— Tina, meu bem, tudo o que resta a uma pessoa nestas circunstâncias é manter a própria dignidade. Peço-lhe, em consideração a mim, que não se mostre amarga. Devemos aceitar o fato com todo o decoro possível.

Ela levantou os olhos e percebeu que havia uma boa dose de nervosismo em sua severidade. Precisava mudar de atitude. Correu então para ele e agarrou sua mão, levando-a aos lábios. Ele a puxou para si e beijou-a no alto da cabeça. Mas não se deixou iludir. As bruxas e as fadas às vezes têm a mesma aparência, mas não são iguais. E, embora não encontrasse no momento uma palavra para descrever, a reação de Ernestina diante da chocante e indesejável notícia, essa palavra era bastante parecida com "deselegante". Ele saltara diretamente da caleça que o trouxera de Exeter à porta da casa de tia Tranter, e esperara compreensão e doçura, não um acesso de fúria, ainda que a intenção da moça — lisonjeira para ele — viesse ao encontro de seus próprios sentimentos. Talvez a questão fosse essa. Ela não compreendia que ele, como cavalheiro, jamais poderia deixar transparecer a raiva de que estava possuído. De qualquer forma, pareceu a Charles que alguma coisa nela, naqueles primeiros momentos, lembrava demasiadamente a filha de um comerciante de tecidos, alguém preso na trama dos negócios como os fios dos panos que vendia, e a quem faltavam a tradicional imperturbabilidade e a elegante e aristocrática compostura para enfrentar os percalços da vida sem perder a linha.

Levou Ernestina de volta ao sofá de onde ela saíra correndo. Percebia agora que devia transferir para o dia seguinte a menção ao motivo principal que o fizera visitá-la, e à decisão que havia tomado durante a longa viagem de volta. Procurou de alguma maneira adotar uma atitude moderada, e o único meio que achou foi mudar de assunto com certa displicência.

— E quais foram os grandes acontecimentos em Lyme hoje?

Como se esperasse a deixa, Ernestina voltou-se para a tia.

— A senhora teve notícias dela? — e em seguida, antes que a tia pudesse responder, virou-se para Charles. — Houve de fato uma grande novidade. A Sra. Poulteney dispensou a Srta. Woodruff.

Charles sentiu seu coração falhar. Mas qualquer expressão chocada que seu rosto pudesse ter deixado entrever passou despercebida diante do entusiasmo de tia Tranter em contar sua

novidade. Por isso estava ausente quando Charles chegara. A dispensa ocorrera aparentemente na noite anterior. A pecadora recebera permissão para passar uma última noite sob o teto da Mansão Marlborough. E bem cedo, na manhã daquele dia, um carregador fora buscar sua mala, tendo recebido instruções para levá-la ao White Lion. A essa altura do relato, Charles ficou literalmente lívido, mas tia Tranter afastou seus temores com as seguintes palavras:

— É ali que está instalado o depósito das diligências, como sabe. — A diligência que fazia o trajeto entre Dorchester e Exeter não descia a íngreme ladeira até Lyme, e os viajantes tinham que tomá-la numa encruzilhada distante dali uns seis quilômetros, na estrada principal, que cortava pelo interior na direção oeste. — Mas a Sra. Hunnicott conversou com o homem. Ele afirmou categoricamente que a Srta. Woodruff não estava lá. A arrumadeira disse que ela partira ao amanhecer, deixando instruções apenas com respeito à sua mala.

— E a partir daí?

— Nenhum sinal dela.

— A senhora esteve com o vigário?

— Não, mas a Srta. Trimble me garantiu que ele foi à Mansão Marlborough esta tarde. Disseram-lhe que a Sra. Poulteney estava indisposta. Ele conversou com a Sra. Fairley. Tudo o que ela pôde informar foi que chegara ao conhecimento da Sra. Poulteney algum fato desagradável, e ela estava profundamente chocada e nervosa... — A bondosa Sra. Tranter calou-se, parecendo quase tão preocupada com o pouco que sabia quanto com o desaparecimento de Sarah. Olhou interrogativamente para Charles e a sobrinha. — Que terá havido? Que poderá ter havido?

— Ela nunca deveria ter ido trabalhar na Mansão Marlborough. É o mesmo que oferecer uma ovelha a um lobo. — Ernestina olhou para Charles, esperando que confirmasse sua opinião. Aparentando uma calma que não sentia, ele se voltou para tia Tranter.

— Não há perigo de...

— É o que todos tememos. O vigário mandou alguns homens fazerem uma busca na região de Charmouth. Ela costuma passear ali, nos penhascos.

— E eles não...

— Não encontraram nada.

— A senhora não disse uma vez que ela já trabalhou para...

— Também foram até lá. Nenhuma notícia dela.

— E Grogan... ele não foi chamado à mansão? — Charles aproveitou habilmente o fato de ter mencionado o nome do médico e disse, voltando-se para Ernestina: — Naquela noite em que fui à casa dele... ele falou nela. Sei que a situação da moça o preocupa.

— A Srta. Trimble viu-o conversando com o vigário às sete horas. Disse que parecia muito nervoso. Irritado, foi a palavra que usou. — A Srta. Trimble mantinha uma loja de artigos femininos na parte baixa da Broad Street, uma localização ideal, por conseguinte, para que se tornasse o centro geral de informações da cidade. O rosto afável de tia Tranter sofreu uma transformação impossível: adquiriu terrível severidade. — Não irei visitar a Sra. Poulteney, por mais doente que esteja. Ernestina escondeu o rosto nas mãos.

— Oh, que dia terrível!

Charles contemplava as duas mulheres.

— Talvez fosse conveniente procurar Grogan.

— Oh, Charles, que ajuda você poderia dar? Já há bastante gente procurando por ela.

Essa idéia, naturalmente, não passara pela cabeça de Charles. Desconfiava que a dispensa de Sarah estivesse relacionada com seus passeios no Undercliff... e era evidente que o horrorizava imaginar que pudesse ter sido visto com ela. Esmagava-o a agonia da indecisão. Era imprescindível descobrir até que ponto os motivos de sua dispensa eram conhecidos do público. De repente, achou que a

atmosfera da pequena sala o sufocava. Precisava ficar sozinho. Tinha de refletir sobre o que fazer. Se Sarah ainda estivesse viva — quem poderia saber que desvairada decisão ela tomara numa noite de desespero, enquanto ele dormia placidamente no seu hotel em Exeter? —, se ela ainda não tivesse morrido, ele sabia onde estava. E oprimia-o como uma mortalha a idéia de que era a única pessoa em Lyme a sabê-lo. No entanto, não ousava revelar seu segredo.

Poucos minutos depois, descia a passos largos a ladeira, em direção ao White Lion. A temperatura era amena, mas o céu estava nublado. O ar úmido acariciava-lhe a face com a leveza de dedos ociosos. Havia ameaça de trovoadas no mar ao longe, e em seu coração.

## 25

*"O young lord-lover, what sigbs are tbose,  
For one that will never be thine?" [{57}](#)*

*Tennyson, "Maud" (1855)*

Era sua intenção imediata mandar um recado ao médico irlandês por intermédio de Sam. Redigia-o mentalmente enquanto caminhava: "A Sra. Tranter está profundamente preocupada"... "Qualquer despesa necessária para a formação de um grupo de salvamento"... Ou melhor: "Se eu puder proporcionar alguma ajuda, financeira ou de qualquer outro tipo"... As frases perpassavam por sua cabeça. Ao entrar no hotel, chamou o cavaleiro que não era surdo e pediu que fosse buscar Sam na taverna e o mandasse a seu quarto. Mal entrou, porém, em sua saleta particular, recebeu o terceiro choque daquele dia atribulado.

Havia um bilhete em cima da mesa redonda. Estava selado com lacre preto. A letra não era conhecida: "Ao sr. Smithson, no White Lion". Rasgou o selo e abriu o papel. Não havia cabeçalho nem assinatura.

"Suplico-lhe que se encontre comigo pela última vez. Esperarei esta tarde e amanhã pela manhã. Se o senhor não aparecer, nunca mais voltarei a importuná-lo."

Charles leu o bilhete duas, três vezes, depois olhou para fora, para a escuridão da noite. Sentiu-se irritado por ver arriscada tão imprudentemente sua reputação, depois aliviado por aquela prova de que ela ainda estava viva, e de novo irritado diante da ameaça implícita na última frase. Sam entrou na saleta limpando a boca com o lenço, numa insinuação pouco sutil de que fora interrompido em seu jantar. Como seu almoço consistira apenas em uma garrafa de cerveja e três biscoitos mofados, merecia ser perdoado. Verificou, entretanto, lançando um olhar ao patrão, que seu estado de espírito não melhorara desde sua partida de Winsyatt.

— Desça e procure saber quem mandou este bilhete.

— Sim, senhor.

O criado saiu, mas ainda não descera seis degraus quando Charles chegou à porta.

— E peça a quem o recebeu para vir até aqui.

— Sim, senhor.

O patrão voltou para a saleta. Ao chegar ali, veio-lhe à mente uma rápida visão da antiga catástrofe que ficara registrada no lias azul que levara para Ernestina — as amonites apanhadas de surpresa em algum poço raso, uma catástrofe em miniatura ocorrida noventa milhões de anos antes. Com trágica percepção, veio-lhe num clarão repentino e tenebroso a convicção de que a vida seguia em linhas paralelas — pois a evolução não era vertical, subindo sempre até alcançar a perfeição, e sim horizontal. O tempo era a grande ilusão, a existência não tinha história, era sempre o presente, sempre o mesmo ser apanhado pela mesma máquina infernal. Todos os muros levantados pelo homem para esconder a realidade, tudo — história, religião, dever, posição social — era ilusão, tudo delírio e ópio.

Ele se voltou quando Sam entrou acompanhado pelo mesmo cavaliço com quem Charles conversara. Um menino havia trazido o bilhete. Às dez da manhã. O cavaliço conhecia o garoto de vista, mas não seu nome. Não, ele não dissera quem era o remetente.

Charles mandou-o embora, impaciente, e com a mesma impaciência perguntou a Sam por que o olhava com tanta fixidez.

— Não estou olhando para nada, sr. Charles.

— Muito bem. Diga a eles que mandem o jantar. Qualquer coisa, qualquer coisa.

— Sim, senhor.

— E não quero ser incomodado de novo. Pode arrumar minhas coisas agora.

Sam entrou no quarto ao lado da saleta, enquanto Charles permanecia à janela. Ao olhar para a rua, viu à claridade que se filtrava das janelas do hotel um menino surgir correndo do outro lado da rua e atravessar para a calçada do hotel, logo abaixo de sua janela, desaparecendo de sua vista. Pouco faltou para que suspendesse a vidraça e o chamasse, tão profunda era sua intuição de que se tratava do mesmo mensageiro. Continuou parado ali, num embaraço febril. Houve uma demora suficientemente longa para que começasse a achar que se enganara. Sam deixou o quarto e encaminhou-se para a porta de saída. Ouvia-se então uma batida. Sam abriu a porta.

Era o cavaliço, trazendo nos lábios o sorriso idiota de alguém que agora está certo de não ter cometido nenhum erro. Na sua mão havia um bilhete.

— Foi o mesmo menino, meu senhor. Perguntei a ele. Disse que foi a mesma mulher da outra vez, patrão, mas que não sabe o nome dela. A gente chama ela aqui de...

— Está bem, está bem. Dê-me o bilhete.

Sam pegou-o e passou-o a Charles, com uma espécie de surda insolência, de fria sagacidade sob a máscara do servilismo. Fez um rápido gesto com o polegar para o cavaliço, dando uma piscadela furtiva. O homem retirou-se, e Sam já ia fazer o mesmo quando Charles o chamou. Demorou um pouco a falar, à procura de palavras que fossem suficientemente plausíveis e discretas.

— Sam, estou interessado no caso de uma infeliz mulher daqui. Era minha intenção... aliás, é ainda minha intenção manter a Sra. Tranter na ignorância dos fatos. Compreende?

— Compreendo, sim, senhor.

— Espero conseguir para essa pessoa uma situação mais condizente com... suas aptidões. É claro que mais tarde contarei tudo à Sra. Tranter. Trata-se de uma pequena surpresa. Uma pequena retribuição pela sua hospitalidade. O caso a preocupa muito.

Sam assumiu uma atitude que Charles costumava classificar intimamente de "atitude de laçao", e que demonstrava uma profunda e respeitosa obediência às ordens do patrão. Essa atitude combinava tão pouco com o caráter verdadeiro de Sam que Charles se atrapalhou um pouco, acabando por acrescentar:

— Em vista disso, e embora o caso não tenha nenhuma importância, você não deve falar sobre ele com ninguém.

— Claro que não, sr. Charles. — Sam pareceu tão chocado quanto um vigário acusado de ser jogador.

Charles voltou para a janela, pois nesse momento, sem se dar conta disso, fora alvo de um olhar de Sam, ainda mais expressivo porque acompanhado de um curioso franzir de lábios e um aceno de cabeça. Desdobrou então o segundo bilhete, no momento em que a porta se fechava à saída de Sam.

"Je vous ai attendu toute la journée. Je vous prie... une femme à genoux vous supplie de l'aider dans son désespoir. Je passerai la nuit en prières pour votre venue. Je serai dès l'aube à la petite grange près de la mer atteinte par le premier sentier à gauche après la ferme."<sup>{58}</sup>

Sem dúvida, por falta de lacre, o bilhete não estava fechado, o que explicava sua redação em francês de governanta. Estava escrito,

ou melhor, rabiscado a lápis, como se feito às pressas, à porta de algum chalé ou no Undercliff — pois Charles sabia que era para lá que ela devia ter fugido. O menino era provavelmente filho de algum pobre pescador do Cobb. Havia um caminho que descia do Undercliff e ia dar lá, o que evitava a necessidade de passar por dentro da cidade. Mas que procedimento louco, que risco!

O francês! Varguennes!

Charles amarrotou o pedaço de papel nas mãos crispadas. Um relâmpago distante anunciou a aproximação de tempestade; enquanto olhava pela janela, as primeiras gotas de chuva, pesadas e melancólicas, bateram na vidraça e escorreram em longos fios, e ele ficou a imaginar onde andaria ela. A visão de um vulto a correr, encharcado, no meio dos relâmpagos e da chuva, distraiu-o momentaneamente de sua profunda preocupação com seus próprios problemas. Mas isso era demais! Depois de um dia como aquele!

Estou abusando dos pontos de exclamação. Mas, enquanto Charles andava de um lado para outro na saleta, pensamentos, reações, e reações às reações turbilhonavam loucamente em sua cabeça. Forçou-se a parar diante da janela, olhando para a rua molhada, e imediatamente lembrou-se do que ela dissera sobre um espinheiro que nascesse ali, no meio da rua. Fez meia-volta e levou as mãos às têmporas, depois entrou no quarto e foi espiar seu rosto no espelho.

Mas sabia muito bem que estava acordado. Repetia sem cessar para si mesmo: preciso fazer alguma coisa, preciso agir. E uma espécie de raiva por sua fraqueza apossou-se dele, a desvairada determinação de tomar alguma atitude capaz de provar que ele era mais do que uma simples amonite extraviada num poço seco, que tinha forças para lutar contra as nuvens negras que o envolviam. Precisava falar com alguém, abrir seu coração.

Voltou para a saleta e deu um puxão na corrente que pendia do lampião de gás, fazendo com que a pequena chama esverdeada se transformasse num clarão incandescente, e em seguida deu um violento arranco no cordão da campainha junto à porta. Quando o

velho criado do hotel apareceu, Charles ordenou-lhe peremptoriamente que lhe trouxesse uma dose do melhor grogue do White Lion — uma xaroposa beberagem, composta de xerez e conhaque, que já fizera muitos vitorianos afrouxarem os tirantes.

Nem cinco minutos se passaram quando o atônito Sam, ao subir com a bandeja do jantar, teve que parar no meio da escada ao ver seu patrão, de faces afogueadas e com sua capa de chuva, descer apressadamente a seu encontro. Charles parou um degrau acima, levantou o guardanapo que cobria a sopa de cor turva, o assado de carneiro e as batatas cozidas, depois continuou a descer sem uma palavra.

— Sr. Charles...

— Coma você o jantar.

E seu patrão desapareceu, exatamente ao contrário de Sam, que continuou parado ali, a língua a lhe sair de um canto da boca e os olhos ferozes fitos no corrimão da escada.

*"Let me tell you, my friends, that the whole  
[thing depends  
On an ancient manorial right." [59](#)]*

*Lewis Carroll, "The hunting of the snark" (1876)*

O efeito causado por Mary na mente do jovem criado londrino fora torná-lo pensativo. Gostava de Mary pelo que ela era, como teria feito qualquer rapaz normal em saudáveis condições físicas. Mas gostava dela também pelo papel que desempenhava em seus sonhos — não o que as moças costumam assumir nos sonhos dos rapazes em nosso mundo de hoje, um mundo desinibido e sem imaginação. Na maioria das vezes, ele a via graciosamente engaiolada por trás de um balcão numa loja de artigos masculinos. Como se atraídos por um ímã, de todas as partes de Londres, distintos cavalheiros convergiam em linha reta para seu rostinho sedutor. A rua lá fora ficava negra de cartolas, ensurdecida pelo barulho das rodas das carruagens. E durante todo o tempo uma espécie de samovar mágico, manejado por Mary, ia despejando uma torrente infindável de luvas, cachecóis, meias, chapéus, ligas, oxonianos (um modelo de sapato muito em voga) e colarinhos de vários tipos — Piccadilly, Shakespeare, Dux. Sam tinha mania de colarinhos, e não estou bem certo se não se tratava de uma espécie de amuleto, pois via claramente em sua imaginação Mary experimentando os colarinhos em seu delicado e alvo pescoço diante de enfeitados duques e lordes. E, enquanto se desenrolavam essas

interessantes cenas, o próprio Sam ficava postado junto à caixa registradora, onde era recolhido o resultado sonante daquela dourada torrente.

Estava bem certo de que se tratava apenas de um sonho; Mas Mary, por assim dizer, sublinhava sua convicção, e o que era mais, acentuava as horrendas feições do demônio que se achava plantado bem no meio do caminho, impedindo a realização do sonho. O nome desse demônio? Falta de pecúnia. Era com certeza para esse onipresente inimigo do gênero humano que Sam ainda olhava fixamente na saleta de seu patrão, onde se instalara confortavelmente — não sem antes se certificar, franzindo de novo os lábios misteriosamente, de que Charles desaparecera de vista no fim da Broad Street —, a lambiscar seu segundo jantar naquela noite: uma ou duas colheradas de sopa, os pedacinhos mais tenros do carneiro, pois Sam tinha todos os instintos de um aristocrata, embora não tivesse seu dinheiro. Agora, contemplava de novo o espaço diante dele, enquanto segurava, espetado na ponta do garfo, um pedaço de carneiro besuntado de molho, sem se dar conta de seu atraente aspecto.

A palavra mal (se o leitor me permite aumentar seus conhecimentos inúteis) pertence ao inglês antigo, tendo sido tomada do norueguês antigo e trazida até nós pelos vikings. Originariamente, significava "fala". Uma vez que, sempre que os vikings se dedicavam a essa atividade quase exclusivamente feminina, faziam-no para exigir qualquer coisa a golpes de machado, a palavra passou a significar "taxa" ou "pagamento de tributos". Um ramo dos vikings foi para o sul e fundou a Máfia na Sicília, mas outro — e a essa altura mal já passara a ser mail — cuidou de organizar sua própria rede de proteção nas fronteiras da Escócia. Se uma pessoa tinha amor às suas colheitas ou à virgindade de sua filha, via-se forçada a pagar mail ao chefe do bando local. As vítimas, com o correr dos tempos e das extorsões, passaram a denominar a essa atividade black mail. [{60}](#)

Embora não se achasse exatamente ocupado em especulações etimológicas, não havia dúvida de que Sam pensava no significado da palavra. A verdade é que adivinhara imediatamente quem era a "infeliz mulher". Um acontecimento como a dispensa da Mulher do Tenente Francês era um prato suculento demais para não ter passado por todas as bocas de Lyme no correr do dia. E Sam já ouvira uma conversa a respeito quando estava na taverna comendo seu primeiro e inacabado jantar. Sabia quem era Sarah, pois Mary lhe falara sobre ela um dia. Conhecia também seu patrão e seu comportamento. Ele era outra pessoa, e tramava alguma coisa. Era evidente que estava indo para algum lugar que nada tinha com a casa da Sra. Tranter. Sam largou o garfo com seu bocado de carne e apoiou o queixo na mão, dando tapinhas no nariz com os dedos — gesto que não era desconhecido nas redondezas de Newmarket quando alguém desconfiava que um rato estava querendo passar por puro-sangue. Mas receio que o rato, no caso, fosse Sam, e creio que alguma coisa naquela história estava lhe cheirando mal.

Nas dependências inferiores de Winsyatt, todos sabiam muito bem o que estava se passando: o tio tomara aquela atitude por despeito ao sobrinho. Com o inato respeito das classes baixas rurais pelos bons fazendeiros, eles desprezavam Charles por aparecer raramente — em suma, por não bajular Sir Robert em todas as oportunidades. Naqueles tempos, os criados quase eram considerados parte do mobiliário, e seus patrões se esqueciam freqüentemente de que possuíam não só ouvidos como inteligência. As ásperas trocas de palavras entre o velho e seu herdeiro não lhes passaram despercebidas e não deixaram de ser discutidas. Embora, entre o elemento feminino mais jovem da criadagem, houvesse uma certa tendência para se apiedar do belo Charles, a parte mais experiente encarava a situação do ponto de vista da formiga, ao ver a frívola cigarra receber o que merecia. Tinham trabalhado toda a sua vida para prover a seu sustento, e alegrava-os ver Charles castigado por sua indolência.

Além do mais, a Sra. Tomkins, que era de fato o que Ernestina suspeitara — uma aventureira de classe mais elevada —, esforçara-se

astutamente por cair nas boas graças da governanta e do mordomo, e essas duas dignas criaturas deram seu imprimatur — ou ducatur in matrimonium — à jovial e rechonchuda viúva, a qual, para completar, comentara com a governanta, ao lhe serem mostrados os apartamentos na já referida ala leste, desocupados havia longos anos, que ali seria o lugar ideal para o alojamento das crianças. É bem verdade que a Sra. Tomkins tinha um filho e duas filhas do primeiro casamento, mas na opinião da governanta — graciosamente corroborada por Benson, o mordomo — a Sra. Tomkins já estava praticamente grávida de novo.

— Poderiam nascer meninas, Sra. Trotter.

— Mas ela é perseverante, sr. Benson. Preste atenção nas minhas palavras. Ela é perseverante.

O mordomo tomou um gole do seu chá, depois ajuntou:

— E dá boas gorjetas. O que Charles, sendo da família, não faz.

Uma boa noção de tudo isso chegou aos ouvidos de Sam enquanto esperava por Charles embaixo, no alojamento dos criados. E não foi uma constatação inteiramente agradável em si, uma vez que ele, na sua qualidade de criado da cigarra, estava incluído em parte no mau juízo que se fazia dela. E todas essas coisas não deixavam também de estar associadas a uma espécie de corda sobressalente que Sam sempre guardava para seu violino: o sonho que ele alimentava — *faute de mieux* <sup>{61}</sup> — de se ver um dia elevado à importante posição ocupada em Winsyatt pelo sr. Benson. Chegara mesmo a lançar casualmente essa semente, que germinaria com facilidade se ele quisesse, no espírito de Mary. Não lhe era, pois, agradável ver agora uma de suas tenras plantinhas, embora não uma de suas favoritas, arrancada tão brutalmente do solo.

O próprio Charles, quando deixara Winsyatt, não dissera uma palavra a Sam, de forma que oficialmente ele ignorava tudo a respeito das negras perspectivas futuras. Mas a negra fisionomia de seu patrão falava por ele.

E agora sobrevinha aquilo.

Sam levou afinal à boca o pedaço de carneiro quase congelado, mastigou-o e o engoliu. E todo o tempo seus olhos estavam fitos no futuro.

A conversa de Charles com o tio não foi tempestuosa, uma vez que ambos se sentiam culpados — o tio pelo que estava fazendo, e o sobrinho pelo que deixara de fazer no passado. A reação de Charles diante da nova, que o tio transmitiu de modo abrupto mas suspeito, sem encará-lo de frente, fora, depois do primeiro choque, de rígida cortesia.

— Só posso congratular-me com o senhor e desejar-lhe toda a felicidade.

O tio, que o encontrara logo depois que deixamos Charles na sala, foi postar-se à janela, corno para adquirir coragem diante da visão de suas verdejantes terras. Fez um breve relato de sua paixão. A princípio, fora rejeitado — isso ocorrera três semanas antes. Mas não era um homem que se deixasse desanimar por uma primeira recusa. Percebera certa indecisão na voz dela. Uma semana antes fora a Londres e "pusera o cavalo a galope para saltar a sebe", e o obstinado obstáculo fora afinal transposto.

— Ela disse "não" de novo, Charles, mas começou a chorar. Percebi que saíra vitorioso. — Aparentemente, levava ainda dois ou três dias para receber o "sim" definitivo. — E então, meu caro rapaz, compreendi que tinha de enfrentar você. É o primeiro a saber.

Mas Charles recordou-se naquele momento do brilho compassivo nos olhos da velha Sra. Hawkins. Winsyatt inteira já sabia da novidade. O relato do tio, feito em tom um tanto engasgado, dera-lhe tempo para se refazer do choque. Sentia como se o tivessem surrado e humilhado, e mortalmente ofendido. Restava-lhe um único recurso: aceitar tudo calmamente, exhibir uma fachada de estoicismo e ocultar a reação de garoto malcriado.

— Aprecio seus escrúpulos, meu tio.

— Você terá todo o direito de me chamar de velho tolo e caduco. É o que fará a maioria dos meus vizinhos.

— As escolhas tardias são sempre as melhores.

— Ela é uma mulher de espírito muito vivo, Charles. Mas não tem nada dessas cabeças ocas de hoje em dia. — Por um rápido instante, Charles julgou que isso fora dito em desabono de Ernestina, como de fato o fora, mas não intencionalmente. O tio continuou, sem nada perceber: — Diz o que pensa. Hoje em dia muita gente acha que mulheres assim são atiradas demais. Mas não é o caso dela. — Virou-se de novo para seus jardins, como que lhes pedindo confirmação do que dizia. — É reta como um olmo de boa cepa.

— Nunca achei que pudesse ser outra coisa.

O tio atirou a ele um olhar penetrante. Assim como Sam costumava bancar o humilde laçao na presença de Charles, Charles também se fazia passar às vezes por um sobrinho respeitoso diante do velho.

— Preferia que você se mostrasse zangado, e não... — ele ia dizer "frio como um peixe", mas calou-se e passou um braço pelos ombros do rapaz. A verdade é que procurara justificar sua decisão valendo-se de sua irritação contra Charles, mas era consciencioso demais para ignorar que a justificativa era mesquinha. — Charles... a coisa tem que ser dita, com todos os diabos! Isso vem alterar inteiramente seu futuro. Apesar de que, na minha idade, Deus sabe que... — mas recusou-se a saltar mais esse obstáculo. — Aconteça o que acontecer, Charles, quero que saiba que não será deixado em má situação. Não posso dar-lhe a Casa Pequena, mas desejo sinceramente que fique com ela enquanto eu viver. Quero que seja esse meu presente de casamento a você e Ernestina, bem como as despesas para a reforma da casa, naturalmente.

— É muita generosidade sua, meu tio. Mas acho que estamos mais ou menos resolvidos a ir morar na casa de Belgravia, quando o contrato do aluguel terminar.

— Eu sei, eu sei. Mas vocês precisam de uma casa no campo. Não quero que meu casamento se interponha entre nós dois, Charles. Estou disposto a desmanchá-lo amanhã se...

Charles forçou um sorriso.

— Agora o senhor está dizendo tolices. E se já se tivesse casado há muitos anos?

— Poderia ter feito isso. Mas o fato é que não fiz.

Caminhou nervosamente até a parede e ajustou um quadro que se inclinara ligeiramente. Charles ficou calado. Talvez se sentisse menos magoado com o choque daquela notícia do que com seus loucos sonhos de se tornar proprietário de Winsyatt, os quais lhe tinham povoado a mente quando se dirigia para ali. E o diabo do velho devia ter escrito. Mas para o diabo do velho isso seria uma covardia. Ele afastou-se do quadro.

— Charles, você ainda é moço e tem passado grande parte de sua vida em viagens. Não pode saber o que é uma pessoa sentir-se miseravelmente solitária, entediada, e não sei o que mais. Na maior parte do tempo, eu desejava estar morto.

Charles murmurou:

— Eu não podia imaginar...

— Não, não, longe de mim a idéia de acusá-lo. Você tem sua própria vida. — Ainda assim, no íntimo, como a maioria dos homens sem filhos, ele culpava Charles por não corresponder à sua idéia de como deviam ser os filhos: respeitosos e afetivos num grau tão elevado que bastariam dez minutos de legítima paternidade para fazê-lo ver como era sentimental seu sonho. — Apesar de tudo, há coisas que só uma mulher nos pode proporcionar. As velhas cortinas desta sala, por exemplo. Você notou? A Sra. Tomkins me disse um dia que eram muito fúnebres. É para essas coisas que uma mulher serve. Faz com que a gente veja as coisas que estão diante de nosso nariz. — Charles sentiu-se tentado a observar que um par de óculos faria o mesmo trabalho e por um preço muito mais em conta, mas

apenas inclinou a cabeça em sinal de assentimento. Sir Robert fez um gesto com a mão, um tanto melífluo. — Que acha dessas novas?

Charles não pôde deixar de sorrir abertamente. O tio se restringira durante tantos anos a opinar sobre questões como a correta linha dorsal de um cavalo ou a superioridade de Joe Manton sobre qualquer outro armeiro conhecido na história, que ouvi-lo falar sobre assuntos de estética equivalia a ouvir um assassino opinar sobre cantigas infantis.

— Uma melhora extraordinária.

— Pois é. Todos dizem o mesmo.

Charles mordeu os lábios.

— E quando terei oportunidade de conhecer a eleita?

— Eu já ia falar sobre isso, na verdade. Ela está ansiosa por ser apresentada a você, E agora ouça, Charles Há a delicada questão da... como direi, do...

— Do corte em minha herança?

— Exatamente. Ela confessou na semana passada que sua primeira recusa foi motivada precisamente por esse problema. — O tio dissera isso, Charles logo percebeu, com a intenção de elevá-la em seu conceito, e em conseqüência demonstrou uma polida surpresa. — Mas assegurei a ela que você ia fazer um casamento excelente. E iria compreender e aprovar minha escolha de uma companheira... para os últimos anos de minha vida.

— O senhor ainda não respondeu à minha pergunta, tio.

Sir Robert mostrou-se ligeiramente contrafeito.

— Ela está visitando a família em Yorkshire. É aparentada com os Daubenys, como sabe.

— Deveras?

— Vou reunir-me a ela amanhã.

— Ah!

— E achei melhor resolver isso logo, de homem para homem. Mas ela está ansiosa para conhecê-lo. — O tio hesitou e em seguida, com ridícula timidez, enfiou a mão no bolso do colete e tirou um medalhão. — Ela me deu isso na semana passada.

Charles olhou para uma miniatura emoldurada em ouro da Sra. Bella Tomkins, segura entre os grossos dedos do tio. Parecia desagradavelmente jovem, de boca firme e olhar incisivo, mas não inteiramente destituída de atrativos, mesmo para Charles. Havia nela, curiosamente, uma vaga semelhança com Sarah. E uma nova e sutil dimensão foi acrescentada à impressão sentida por Charles de que fora humilhado e espoliado. Sarah era uma mulher profundamente inexperiente, e aquela ali era uma mulher do mundo. Ambas, entretanto, cada uma à sua maneira — e nesse ponto seu tio tinha razão —, estavam muito acima do bando de cabeças ocas que formavam o comum das mulheres. Por um momento, ele se sentiu como um general no comando de um exército inferiorizado, a observar as sólidas posições do inimigo. Antevia com demasiada clareza o resultado de um confronto entre Ernestina e a futura Lady Smithson. Seria uma parada dura.

— Vejo que tenho novas razões para congratular-me com o senhor.

— Ela é uma mulher notável, uma mulher maravilhosa. Merece que eu tenha esperado por ela, Charles. — O tio cutucou-o. — Você vai sentir inveja. Espere para ver. — Novamente, contemplou com amor o medalhão, depois fechou-o reverentemente e recolocou-o no bolso. Em seguida, como para contrabalançar a conversa melíflua, assumiu um ar animado e fez com que Charles o acompanhasse aos estábulos para que visse sua última aquisição, uma égua puro-sangue, comprada por "uma centena de guinéus abaixo do valor real", o que fez parecer que estivesse estabelecendo, de maneira totalmente inconsciente mas muito clara, um paralelo equino com sua outra recente aquisição.

Eram ambos cavalheiros ingleses, e evitaram cuidadosamente novas discussões, embora não novas referências ao assunto que não

lhes saía da cabeça, pois Sir Robert estava demasiadamente empolgado por sua boa sorte para deixar o assunto de lado. Mas Charles declarou que precisava retornar a Lyme e à sua noiva ainda naquele dia, e o tio, que em outros tempos teria mergulhado em negra melancolia diante dessa deserção, não fez grandes objeções. Charles prometeu discutir a questão da Casa Pequena com Ernestina e trazê-la para conhecer a outra futura esposa, tão logo fosse possível. Mas nem toda a afabilidade e os apertos de mão de última hora conseguiram disfarçar o fato de que o velho se sentia aliviado por vê-lo pelas costas.

O orgulho sustentara Charles durante as três ou quatro horas que durou a visita, mas sua saída foi melancólica. Todos aqueles gramados, pastos, campos cercados, bosques bem-cuidados, pareciam fugir por entre seus dedos como fugiam diante de seus olhos, ao passar por eles. Sentia que jamais quererá voltar a Winsyatt. O azul do céu matinal estava encoberto por um véu de nimbo, arautos daquela tempestade que já mencionamos em Lyme, e em breve sua mente estava mergulhada num clima similar, de sombria introspecção.

Suas reflexões se concentravam, em sua maior parte, em Ernestina. Sabia que seu tio não ficara muito bem impressionado com suas sofisticadas maneiras londrinas, nem com seu desinteresse quase absoluto pela vida rural. Para um homem que dedicara quase toda a sua vida à criação de animais, ela devia ter parecido uma aquisição pouco indicada para melhorar a linhagem dos Smithsons. Além do mais, um dos elos que ligavam o tio ao sobrinho era o celibato dos dois, e talvez a felicidade de Charles tivesse aberto um pouco os olhos de Sir Robert: se o sobrinho podia, por que não ele? Para terminar, havia uma coisa em Ernestina que o tio sempre aprovara incondicionalmente: o imenso dote que receberia quando se casasse. Fora isso precisamente que lhe permitira deserdar Charles com a consciência tranqüila.

Acima de tudo, porém, Charles se sentia numa posição de desagradável inferioridade em relação a Ernestina. A renda da

propriedade de seu pai sempre fora suficiente para suas necessidades, mas ele não cuidara de aumentar o capital. Como futuro dono de Winsyatt, tinha-se considerado até então em igualdade de condições com Ernestina, do ponto de vista financeiro, mas como simples rentier <sup>{62}</sup>, ia tornar-se dependente dela, monetariamente. Ao se revoltar contra isso, Charles mostrava-se muito mais escrupuloso do que a maioria dos rapazes de sua classe e de sua época. Para eles, a caça ao dote (e por esse tempo os dólares já tinham tanto prestígio quanto os esterlinos) era um esporte tão respeitável quanto a caça à raposa ou às perdizes. Talvez fosse isso: lastimava sua própria sorte, mas sabia que poucos compartilhariam de seus sentimentos. E o que exacerbava ainda mais o seu ressentimento eram as circunstâncias de sua vida, que agravavam a injustiça cometida pelo tio. Se tivesse temporadas mais longas em Winsyatt, digamos, ou se nunca houvesse conhecido Ernestina, para início de conversa...

Mas foram sobretudo Ernestina e a necessidade de manter uma fachada de altivez que o arrancaram das profundezas de seu abatimento naquele dia.

*"How often I sit, poring o'er  
 My strange distorted youth,  
 Seeking in vain, in ali my slore,  
 One feeling based on truth;...  
 So constam as my heart would be,  
 So fickle as it must,  
 'Twere well for others and for me  
 'Twere dry as summer dust.  
 Excitements come, and act and speech  
 Flow freely forth: — but no,  
 Not they, not aught beside can reach  
 The buried world below." [{63}](#)*

*A. H. Clough, "Poem" (1840)*

A porta foi aberta pela governanta. O doutor, ao que parecia, estava em seu ambulatório. Mas se Charles quisesse subir e esperar lá -em cima... Assim foi que, despojado do chapéu e da capa, ele logo se achou de novo na mesma sala onde tomara o grogue e declarara sua admiração por Darwin. Um fogo ardia na lareira, e vestígios do solitário jantar do doutor, que a governanta apressou-se a levar embora, jaziam sobre a mesa redonda junto à janela que dava para o mar. Charles não tardou a ouvir passos na escada. Grogan entrou animadamente na sala, com a mão estendida.

— É um prazer imenso, Smithson. E essa mulher estúpida não lhe ofereceu nada para contrabalançar os efeitos da chuva?

— Obrigado... — Ele ia recusar a garrafa de conhaque, mas mudou de idéia. Quando se viu com o copo na mão, entrou direto no assunto. — Tenho um problema particular e muito pessoal para discutir com você. Preciso de um conselho seu.

Uma luz faiscou nos olhos do médico. Rapazes bem-nascidos já tinham vindo procurá-lo em outras ocasiões, pouco antes de se casarem. Às vezes era gonorréia e, com menos freqüência, sífilis; outras vezes, simplesmente medo, ou problema de masturbação. Uma teoria muito difundida afirmava que o ônus cobrado por essa prática era a impotência. Fazia apenas um ano que um jovem e infeliz marido, que não conseguia ter filhos, viera procurar o dr. Grogan, o qual tivera que explicar-lhe gravemente que uma criança não podia ser concebida nem parida através do umbigo.

— Deveras? Não estou muito certo de que ainda me sobre algum. Andei esbanjando conselhos o dia todo. Principalmente no que se refere às medidas a serem tomadas contra aquela maldita beata da Mansão Marlborough. Já soube o que ela fez?

— É precisamente sobre isso que desejo falar.

O doutor respirou fundo, aliviado, e entrou de novo por um caminho errado.

— Ah, compreendo... A Sra. Tranter está preocupada? Diga-lhe, de minha parte, que está sendo feito tudo o que é possível no caso. Um grupo de homens já está dando buscas nas vizinhanças. Ofereci cinco libras à pessoa que a trouxer de volta... — sua voz se tornou amarga — ou que encontrar o corpo da pobre criatura.

— Ela está viva. Acabo de receber um recado dela.

Charles baixou os olhos diante da expressão de espanto do médico. Em seguida, dirigindo-se a princípio a seu copo de conhaque, começou a contar tudo sobre seus encontros com Sarah — isto é, quase tudo, pois deixou de mencionar seus sentimentos mais íntimos. Conseguiu, ou tentou conseguir, que uma parte da culpa recaísse sobre o dr. Grogan e a última conversa que haviam tido, enquanto procurava assumir uma atitude científica com relação

ao caso, coisa que o astuto homenzinho sentado à sua frente não deixou de notar. Os velhos médicos e os velhos sacerdotes têm uma coisa em comum: um faro excelente para descobrir fraudes, sejam elas por descaramento ou, como era o caso de Charles, por embaraço. À medida que ele prosseguia em sua confissão, a ponta do nariz do dr. Grogan começou a coçar, metaforicamente, e essa coceira invisível tinha naquele momento o mesmo significado que tivera o franzir de lábios de Sam. O doutor não deixou transparecer suas suspeitas. De vez em quando fazia uma pergunta, mas de modo geral deixou Charles acabar de contar, cada vez mais gaguejante, sua história. Depois levantou-se da cadeira.

— Bem, cuidemos primeiro das coisas mais prementes. Precisamos dar um jeito de chamar aqueles pobres-diabos de volta. — As trovoadas já estavam agora muito perto, e, embora as cortinas estivessem cerradas, o clarão prateado dos relâmpagos tremeluzia através delas, às costas de Charles.

— Vim logo que pude.

— Eu sei, você não tem nenhuma culpa no caso. Agora vamos pensar um pouco... — Já estava sentado à sua pequena escrivaninha nos fundos da sala. Por alguns momentos, não se ouviu outro ruído senão o de sua pena arranhando o papel. Depois, leu para Charles o que escrevera.

— "Caro Forsyth: Chegou a meu conhecimento neste instante que a Srta. Woodruff está em segurança. Ela não deseja que seu paradeiro seja revelado, mas você pode ficar tranqüilo. Espero poder dar-lhe mais notícias amanhã. Peço-lhe o favor de entregar a quantia anexa aos homens que saíram à sua procura, quando voltarem." Acha que está bom?

— Excelente. Com a exceção de que a quantia anexa deve ficar por minha conta. — Charles tirou três soberanos de uma bolsinha bordada (trabalho de Ernestina) e depositou-os sobre o pano verde que cobria a escrivaninha, mas Grogan empurrou dois de volta a ele. Levantou os olhos com um sorriso.

— O sr. Forsyth está tentando abolir o demônio do álcool. Acho que uma moeda de ouro é suficiente. — Colocou o bilhete e a moeda dentro de um envelope, fechou-o e saiu da sala, para providenciar sua remessa o mais rápido possível.

Quando voltou, começou logo a falar.

— Agora, quanto à moça, que poderemos fazer por ela? Não tem idéia do lugar onde se encontra agora?

— Nenhuma. Embora tenha certeza de que estará amanhã no lugar que me indicou.

— Mas naturalmente você não poderá ir lá. Na sua situação, não convém arriscar-se a se comprometer ainda mais.

Charles olhou para ele, depois para o tapete.

— Estou em suas mãos.

O doutor contemplou-o pensativamente. Tinha acabado de fazer um teste para sondar os sentimentos do rapaz. E o teste revelara o que ele já esperava. Virou-lhe as costas e foi até a estante junto à escrivaninha, voltando de lá com o mesmo livro que mostrara a Charles anteriormente: a grande obra de Darwin. Sentou-se diante dele, do outro lado da lareira, e, com um leve sorriso e uma olhadela por cima dos óculos, colocou a mão sobre a Origem das espécies, como se fizesse um juramento sobre a Bíblia.

— Nada do que já foi dito nesta sala ou do que ainda está para ser dito passará além destas paredes. — Em seguida, pôs o livro de lado.

— Meu caro doutor, isso não era necessário.

— A confiança no médico é meio caminho andado na medicina.

Charles sorriu debilmente.

— E a outra metade?

— Confiança no paciente. — Mas levantou-se antes que Charles pudesse dizer qualquer coisa. — Muito bem, você veio em busca de conselhos, não é verdade? — Olhava para Charles como se

estivesse a ponto de esmurrá-lo. Já não estava ali o homem brincalhão e espirituoso, mas o lutador irlandês. Começou a andar de um lado para outro na sua "cabina", as mãos metidas nos bolsos do paletó.

— Sou uma mulher moça, de grande inteligência, e alguma instrução. Acho que o mundo não me tem sido benévolo. Não consigo controlar inteiramente minhas emoções. Faço loucuras, atiro-me nos braços do primeiro sedutor tratante que se atravessa no meu caminho. E, o que é pior, adoro sentir-me vítima do destino. Uso de todos os recursos para parecer que sofro de melancolia. Tenho olhos trágicos. Choro sem motivo aparente. Etc, etc... E eis que... — nesse ponto, o doutor fez um gesto em direção à porta, como se invocasse alguém com um passe de mágica — entra um jovem deus. Inteligente. Bem-apegoado. Um perfeito espécime dessa classe que minha educação ensinou a admirar. Vejo que está interessado em meu caso. Quanto mais triste me mostro, maior parece ser seu interesse. Ajoelho-me diante dele, ele corre a me levantar. Trata-me como se eu fosse uma moça fina. Mais do que isso. Com um espírito de fraternidade verdadeiramente cristão, ele se oferece para me livrar de meu cruel destino.

Charles fez menção de interrompê-lo, mas o doutor pediu silêncio.

— Mas sou muito pobre. Não posso recorrer a nenhum dos ardis usados por mulheres mais afortunadas do que eu para seduzir e subjugar o outro sexo. — Ele levantou um dedo. — Só disponho de uma arma: a piedade que inspiro nesse homem generoso. Mas a piedade precisa ser cultivada com um cuidado dos diabos. Alimentei esse bom samaritano com a história de meu passado, e ele a devorou. E agora, que devo fazer? Preciso convencê-lo a ter piedade de meu presente. Um dia, venho passear aqui onde me tinham proibido, e a oportunidade aparece. Faço com que seja vista por uma pessoa que irá denunciar meu crime a outra, que não o perdoará. Sou dispensada do emprego. Fujo, fazendo supor a todos que minha intenção é me atirar do penhasco mais próximo, E então,

in extremis e de profundis — ou antes, de altis —, brado a meu salvador para que venha em meu socorro. — Ele fez uma longa pausa, enquanto os olhos de Charles se levantavam vagarosamente para encontrar os seus. — Apresentei o que não passa em parte de uma hipótese, é claro.

— Mas, quanto à sua acusação específica... de que ela provocou sua própria...

O doutor sentou-se e reavivou o fogo com o atizador.

— Fui chamado hoje cedo à casa da Sra. Poulteney. Não sabia de nada, apenas que ela estava indisposta. A Sra. Fairley, a governanta, contou-me em linhas gerais o que acontecera. — Fez uma pausa e encarou o rosto inquieto de Charles. — A Sra. Fairley esteve ontem na granja, em Ware Cleaves. A moça saiu abertamente da mata e passou bem diante de seu nariz. Ora, sabemos que essa mulher nada fica a dever à sua patroa, e estou certo de que cuidou de cumprir sua obrigação com toda a mesquinhez de que é capaz uma pessoa de seu tipo. Mas estou convencido também, meu caro Smithson, de que a moça fez aquilo deliberadamente.

— Está querendo dizer que... — O doutor assentiu com a cabeça. Charles atirou-lhe um olhar tenebroso e em seguida protestou, revoltado: — Não posso acreditar. Não é possível que ela...

Não terminou a frase. O doutor murmurou:

— É possível. Infelizmente.

— Mas só uma pessoa com... — ele ia dizer "uma mente doentia", mas levantou-se abruptamente e foi até a janela. Afastou as cortinas e ficou a contemplar cegamente a noite tempestuosa. O clarão de um relâmpago estendeu momentaneamente um manto lívido sobre o Cobb, a praia, o mar entorpecido. Virou-se para o doutor: — Em outras palavras, ela me logrou.

— É, acho que sim. Mas só um homem generoso se deixaria levar assim. E você não deve esquecer que uma mente perturbada

não é uma mente criminosa. No caso presente, deve encarar o desespero como uma doença, nem mais nem menos. Essa moça, Smithson, está atacada mentalmente de uma espécie de cólera, de um tifo. Deve julgá-la sob esse aspecto, sem suspeitar que ela esteja fazendo isso por malícia, de caso pensado.

Charles voltou ao meio da sala.

— E qual é, em sua opinião, o propósito final de sua atitude?

— Duvido muito que ela própria o saiba. Ela vive o dia de hoje. Na verdade, só pode fazer isso. Ninguém que tivesse um pouco de sensatez iria comportar-se dessa maneira.

— Mas não é possível que ela imagine... considerando-se a minha posição de...

— De rapaz comprometido com outra moça? — O doutor sorriu melancolicamente. — Tenho conhecido muitas prostitutas. E apresso-me a acrescentar: por força de minha profissão, não da profissão delas. Estaria rico agora se ganhasse um guinéu cada vez que as ouvi gabar-se de que a maioria de suas vítimas era constituída de homens casados e pais de família. — Contemplou o fogo, olhando para o passado. — "Fui banida. Mas hei de me vingar."

— Você faz com que ela pareça uma mulher sem escrúpulos, mas não é verdade. — As palavras de Charles foram muito veementes, e ele virou rapidamente as costas para o doutor. — Não posso acreditar que seja assim.

— E isso porque, se der permissão a um homem que pode ser seu pai para dizer-lhe a verdade, você está prestes a se apaixonar por ela.

Charles girou o corpo e encarou o rosto impassível do doutor.

— Pois não lhe dou esta permissão. — Grogan baixou a cabeça. No silêncio que se fez, Charles acrescentou: — Isso é um insulto à minha noiva.

— De fato. Mas de quem partiu o insulto?

Charles engoliu em seco. Não podia suportar aquele olhar inquisitivo, e saiu andando ao longo da sala comprida e estreita como se fosse retirar-se. Mas, antes que chegasse à porta, Grogan agarrou-o por um braço e fê-lo voltar-se. Depois segurou-o pelos dois braços, e com a ferocidade de um cãozinho irlandês atacou a pomposidade de Charles.

— Escute aqui, rapaz, não somos homens de ciência, os dois? Não afirmamos sempre que a verdade deve estar acima de tudo? Para que morreu Sócrates? Para salvar seu bom conceito social? Para manter o decoro? Você acha que eu, depois de exercer a medicina durante quarenta anos, não saberia dizer quando um homem está em apuros? E isso porque está escondendo a verdade a si mesmo? Conhece-te a ti mesmo, Smithson! Pelo amor de Deus, conhece-te a ti mesmo!

Essa mistura de grego antigo e de fogo céltico chamuscou a alma de Charles. Ficou parado, olhando para o doutor, depois virou o rosto e voltou para a lareira, mantendo-se de costas para seu carrasco. Grogan observava-o fixamente.

Por fim, Charles falou:

— Não fui feito para o casamento. A minha infelicidade é que descobri isso tarde demais.

— Você já leu Malthus? — Charles sacudiu a cabeça. — Segundo ele, a tragédia do Homo sapiens consiste em que os menos aptos à sobrevivência são os que procriam os mais aptos. Diante disso, não diga que não foi feito para o casamento, meu rapaz. E não se culpe por ter-se apaixonado por aquela moça. Creio que sei por que aquele tenente francês fugiu. Percebeu que ela tinha olhos em que um homem acabaria por se afogar.

Charles deu uma reviravolta, angustiado.

— Juro pelo que há de mais sagrado que nada de condenável se passou entre nós dois. É preciso que acredite nisso.

— E acredito. Mas repassemos as velhas lições do catecismo. Sente desejo de ouvir sua voz? Sente desejo de vê-la? Sente desejo

de tocar em seu corpo?

Charles voltou-lhe as costas de novo e desabou sobre uma cadeira, escondendo o rosto nas mãos. Isso não era uma resposta, mas dizia tudo. Passados alguns instantes, levantou o rosto e ficou olhando o fogo.

— Oh, meu caro Grogan, se soubesse o horror que era a minha vida... inútil... sem objetivo. Não tenho convicções morais, nenhum senso de dever para com coisa alguma. Parece-me ter completado ontem vinte e um anos, cheios de esperanças... todas destroçadas. E agora vejo-me envolvido nesse caso infeliz...

Grogan aproximou-se dele e agarrou-o pelos ombros.

— Você não é o primeiro homem a pôr em dúvida sua escolha de uma noiva.

— Ela compreende tão pouco quem eu sou realmente!

— Que eu saiba, é pelo menos doze anos mais nova do que você. E só o conhece há seis meses. Como seria possível que já o compreendesse? Mal acaba de sair da escola.

Charles assentiu tristemente. Não podia dizer ao doutor o que pensava realmente de Ernestina: que ela jamais seria capaz de compreendê-lo. Sentia que sua própria inteligência falhara miseravelmente. Deixara de ajudá-lo na escolha de uma companheira para toda a vida. Como a maioria dos homens vitorianos, e talvez de muitos outros em épocas mais recentes, Charles estava fadado a viver toda a sua vida sob a influência de um ideal. Alguns homens se consolam com a idéia de que existem mulheres menos atraentes do que suas próprias esposas, enquanto outros são atormentados por uma idéia exatamente oposta. Charles percebeu nesse momento com demasiada clareza qual a categoria a que pertencia. Murmurou:

— Não é culpa dela. Não pode ser.

— Acho que não. Uma moça tão linda e inocente...

— Não deixarei de honrar meus compromissos.

— Claro que não. Silêncio.

— Diga-me o que devo fazer.

— Antes, você vai dizer-me quais são seus sentimentos em relação à outra.

Charles olhou para ele em desespero, depois para o fogo, e por fim tentou dizer a verdade.

— Não sei, Grogan. Sou um enigma para mim próprio em tudo o que se refere a ela. Não a amo. Como poderia amá-la? Uma mulher tão comprometida, uma mulher que você diz estar mentalmente doente. Mas é como se... Eu me sinto como um homem enfeitiçado e forçado a contrariar tudo o que há de melhor em meu caráter. Mesmo agora, seu rosto surge diante de mim, negando tudo o que estou dizendo. Há alguma coisa nela. Uma sabedoria, uma percepção de coisas mais nobres e elevadas, incompatíveis com a maldade e a loucura. Por baixo da sujeira... Não sei explicar.

— Não a acuso de maldade, mas de desespero.

Silêncio absoluto, só quebrado de vez em quando por um estalido nas tábuas do soalho enquanto o doutor andava de um lado para outro. Por fim, Charles tornou a falar.

— Que me aconselha a fazer?

— Deixe o caso inteiramente em minhas mãos.

— Vai procurá-la?

— Vou calçar minhas botas e ir até lá, para dizer-lhe que você teve de fazer uma viagem urgente. E, de fato, precisa afastar-se daqui, Smithson.

— Acontece que tenho realmente negócios urgentes a tratar em Londres.

— Ótimo. E sugiro que antes de partir esclareça o caso todo com sua noiva.

— Já estava resolvido a fazer isso. — Charles pôs-se de pé. Mas aquele rosto ainda aparecia à sua frente. — E quanto a ela... que pretende fazer?

— Tudo depende de seu estado mental. Pode suceder que conserve a sanidade em sua atual situação graças à crença de que você sente simpatia, e quem sabe algo mais forte, por ela. O choque que irá sofrer quando você não aparecer poderá, receio eu, provocar uma crise mais grave de melancolia. Acho que devemos esperar isso, infelizmente: — Charles baixou os olhos. — Mas você não deve culpar-se de nada. Se não fosse com você, seria com outro. De certa maneira, a presente situação torna as coisas muito mais fáceis. Verei qual o caminho a seguir. .

Charles contemplava o tapete.

— Um hospício...

— Esse colega que já mencionei... Ele compartilha de minha opinião quanto ao tratamento de casos como esse. Faremos tudo o que estiver a nosso alcance. Você estaria disposto a despende algum dinheiro?

— Todo o que for necessário para me ver livre dela... sem que ela sofra com isso.

— Conheço um hospício particular em Exeter. Meu amigo Spencer tem alguns pacientes internados lá. A orientação dada ao manicômio é inteligente e esclarecida. Não aconselharia uma instituição pública a essa altura.

— Deus nos livre de tal. Tenho ouvido dizer coisas horríveis desses lugares.

— Pode ficar tranqüilo. Essa instituição é modelar.

— Espero que não estejamos falando em internamento definitivo.

Pois Charles vira surgir de súbito à sua frente o fantasma da traição: ele ali a discutir clinicamente o caso dela, a imaginá-la já trancafiada em algum quartinho...

— Absolutamente. Estamos falando de um lugar onde seus males espirituais possam ser curados, onde será tratada com bondade e terá com que ocupar o tempo, além da vantagem de receber excelente assistência de Spencer. Ele já tratou de casos semelhantes. Saberá o que deve ser feito.

Charles hesitou, depois levantou-se e estendeu a mão. Em seu presente estado, precisava de ordens e receitas, e, tão logo as recebeu, sentiu-se melhor.

— Você salvou minha vida.

— Bobagem, meu caro.

— Não, não é bobagem. Fico-lhe devendo isso pelo resto de meus dias.

— Deixe-me, então, incluir o nome de sua noiva na conta.

— Que saldarei religiosamente.

— E dê tempo à graciosa senhorita. Os melhores vinhos são os que levam mais tempo a amadurecer, não é mesmo?

— Receio que, no meu caso pessoal, aconteça o mesmo com os vinhos ordinários.

— Ora, conversa fiada! — O doutor deu-lhe uma palmadinha amigável no ombro. — A propósito, acho que sabe ler francês, não?

Charles assentiu, espantado. Grogan remexeu em sua estante e tirou de lá um livro, sublinhando um trecho a lápis antes de passá-lo a seu visitante.

— Não precisa ler o processo todo. Mas gostaria que lesse os depoimentos médicos usados pela defesa.

Charles olhava para o volume.

— Uma expiação?

O miúdo doutor mostrou um sorriso de gnomo.

— Algo semelhante.

*"Assumptions, hasty, crude, and vain,  
Full of to use will Science deign;  
The corks the novice plies today  
The swimmer soon shall cast away." [{64}](#)*

*A. H. Clough, "Poem" (1840)*

*"Again I spring to make my choice;  
Again In tones of ire  
I hear a God's tremendous voice —  
'Be counsel'd and retire!" [{65}](#)*

*Matthew Arnold, "The lake" (1853)*

O julgamento do tenente Émile de La Roncière em 1835 foi um dos mais interessantes dos princípios do século XIX, sob o ponto de vista da psiquiatria. Filho do conde de La Roncière, homem de rígida disciplina, Émile era declaradamente um rapaz frívolo — tinha uma amante e estava afogado em dívidas. Entretanto, não fugia à regra comum dos rapazes de seu país, época e profissão. Em 1834 achava-se engajado na famosa escola de cavalaria de Saumur, no vale do Loire. Seu comandante era o barão de Morell, cuja filha de dezesseis anos, Marie, era uma moça excessivamente sensível e nervosa. Naquele tempo, a casa dos comandantes servia, nas guarnições militares, como pensão dos oficiais. Certa noite, o barão, homem tão rígido quanto o pai de Émile, chamou o tenente à sua presença e, diante de seus companheiros de caserna e de várias senhoras, ordenou-lhe, indignado, que deixasse a casa. No dia

seguinte, La Roncière viu-se confrontado com uma série de cartas violentas ameaçando a família Morell. Todas revelavam um singular conhecimento dos mais íntimos pormenores da vida da casa, e todas — fato que representou a primeira e absurda falha da acusação — estavam assinadas com as iniciais do tenente.

O pior ainda estava para vir. Na noite de 24 de setembro de 1834, a governanta inglesa de Marie, uma certa Srta. Allen, foi acordada no meio da noite por sua pupila de dezesseis anos, que, entre lágrimas, acusou o tenente de La Roncière de ter forçado a janela de seu quarto, trajando uniforme completo. Depois de trancar a porta, fizera-lhe ameaças obscenas, dera-lhe murros no peito, mordera-lhe a mão e a forçara a levantar a camisola, ferindo-a na coxa. Em seguida, fugiu por onde entrara.

Na manhã seguinte, outro tenente, a quem se supunha que Marie de Morell distinguia com suas atenções, recebeu uma carta altamente insultuosa, cuja autoria foi novamente atribuída a La Roncière. Houve um duelo entre os dois. La Roncière saiu vitorioso, mas o adversário, gravemente ferido, e seu padrinho recusaram-se a admitir a falsidade da acusação. Ameaçaram levar o caso ao conhecimento do pai de La Roncière se ele não assinasse uma confissão. Uma vez feito isso, o caso seria esquecido. Após uma noite de angustiante indecisão, La Roncière resolveu insensatamente concordar com a exigência.

Em seguida, pediu dispensa a seu comandante e foi para Paris, na suposição de que o caso seria abafado. Mas as cartas assinadas continuaram a aparecer na casa dos Morells. Algumas afirmavam que Marie estava grávida, outras, que seus pais seriam assassinados em breve, e assim por diante. O barão achou que era demais. La Roncière foi preso.

As provas circunstanciais em favor do acusado eram tão numerosas que hoje achamos inverossímil que ele pudesse ter sido levado a julgamento, e além disso condenado. Para começar, era voz geral em Saumur que Marie ficara agastada com as evidentes provas de admiração de La Roncière por sua mãe, de quem ela tinha

ciúmes. Depois, a casa dos Morell estava cercada por sentinelas na noite da suposta tentativa de estupro. Nenhum dos guardas percebera nada de anormal, embora o quarto em questão ficasse no andar superior, e o acesso a ele pelo lado de fora só fosse viável por meio de uma escada que exigiria o esforço de três homens para ser carregada e montada — por conseguinte, uma escada que teria deixado sulcos na terra fofa embaixo da janela... e a defesa provou que não havia nenhum. O vidraceiro, chamado para consertar a vidraça quebrada pelo intruso, declarou que os fragmentos de vidro haviam caído do lado de fora da casa e que, de qualquer maneira, seria impossível alcançar o trinco da janela através da pequena abertura feita. A defesa perguntou por que Marie não gritara por socorro nem uma vez durante o assalto; por que a Srta. Allen, que tinha sono leve, não acordara com o ruído da luta; por que teriam ela e Marie voltado para suas camas sem chamar Mme de Morell, que durante todo o desenrolar dos fatos continuava adormecida no andar de baixo; por que o ferimento na coxa só fora examinado vários meses depois do incidente (quando foi classificado como um leve arranhão, já inteiramente cicatrizado). A defesa alegou também que Marie fora a um baile apenas dois dias depois do ocorrido, levando uma vida perfeitamente normal até o momento em que foi efetuada a prisão — quando então sofreu imediatamente um ataque de nervos (e mais uma vez a defesa provou que não fora o primeiro em seus verdes anos); que as cartas continuaram a aparecer na casa mesmo depois que La Roncière, reduzido a seu último vintém, já se encontrava na cadeia aguardando julgamento; que ele não havia disfarçado sua letra (fácil de ser imitada) e assinara seu nome, ao contrário do que faria qualquer autor de carta anônima que tivesse um pouco de senso; que as cartas mostravam uma correção gramatical e ortográfica inteiramente incomum na correspondência habitual do acusado, apresentada para confronto (os estudantes de francês gostarão de saber que La Roncière invariavelmente errava na concordância dos participios passados dos verbos), e que por duas vezes ele não escrevera o próprio nome corretamente; que as cartas incriminadoras haviam sido escritas em papel idêntico (conforme atestaram as maiores autoridades da época) ao de uma pilha

encontrada na escrivania de Marie. Em suma, perguntas, perguntas e mais perguntas. Como prova final, a defesa mostrou também que uma série de cartas semelhantes já aparecera na casa dos Morells em Paris, numa época em que La Roncière se achava no outro lado do mundo, servindo em Cayenne.

Mas a injustiça final do julgamento (assistido por Hugo, Balzac e George Sand, entre outras celebridades) foi a recusa da corte em permitir que a principal testemunha da acusação, Marie de Morell, fosse interrogada. Ela apenas prestou seu depoimento, de maneira calma e destituída de emoção, pois a corte decidiu, diante da bateria de olhares fuzilantes do barão e de uma respeitável falange de pessoas da família, que seu "recato" e o "lastimável estado de seus nervos" não aconselhavam um interrogatório.

La Roncière foi considerado culpado e sentenciado a dez anos de prisão. Praticamente todos os eminentes juristas da Europa protestaram — em vão. É fácil compreendermos por que ele foi condenado, ou antes, quais os motivos ocultos que o levaram à condenação: prestígio social, o mito da virgem pura e inocente, ignorância sobre psicologia, acrescidos do fato de se tratar de uma sociedade em plena reação contra os perniciosos conceitos de liberdade disseminados pela Revolução Francesa.

Mas passarei a traduzir agora as páginas que o doutor marcara. Fazem parte das Observations médico-psychologiques de um certo dr. Karl Matthaei, respeitado médico alemão da época, escrita em apoio a um malgrado apelo em favor da anulação da sentença de La Roncière. Matthaei fora bastante inteligente para anotar cuidadosamente as datas em que as cartas mais obscenas, e que culminaram com a tentativa de estupro, haviam sido escritas. Elas se enquadravam claramente dentro de um ciclo mental — ou menstrual. Depois de analisar as provas apresentadas à corte de justiça, Herr Doktor passa a explicar, em tom levemente moralista, a doença mental que hoje chamamos de histeria, isto é, a simulação de sintomas de doença ou de incapacidade física com o fito de provocar a atenção e a compaixão dos outros: uma neurose ou

psicose invariavelmente causada — sabemos agora — pela repressão sexual.

"Quando olho para trás e repasso mentalmente minha longa carreira de médico, recordo vários incidentes em que as moças foram as protagonistas, embora sua participação no caso parecesse durante muito tempo totalmente impossível...

Há uns quarenta anos, figurava entre meus pacientes a família de um tenente-general da cavalaria. Ele possuía uma pequena propriedade situada cerca de nove quilômetros do local onde estava instalada sua guarnição. Morava ali e ia a cavalo até a cidade quando seus deveres assim o exigiam. Tinha uma filha de dezesseis anos, extraordinariamente bonita. A moça desejava ardentemente que o pai morasse na cidade. Seus motivos reais nunca foram descobertos, mas era evidente que desejava a companhia dos oficiais e os prazeres da vida social. Para conseguir seus objetivos, ela escolheu um processo altamente criminoso: pôs fogo na casa de campo da família. Uma ala ficou reduzida a cinzas, e foi reconstruída. Novas tentativas foram feitas, e um dia outra parte da casa foi destruída pelo fogo. Nada menos do que trinta incêndios criminosos ocorreram sucessivamente. E, ainda que muitas vezes o culpado quase fosse surpreendido, sua identidade jamais era descoberta. Muitas pessoas foram detidas e interrogadas. A única pessoa de quem jamais se suspeitou foi a linda e inocente jovem. Passaram-se vários anos, e um dia finalmente ela foi apanhada em flagrante sendo condenada à prisão perpétua numa casa de correção.

Em uma grande cidade alemã, uma moça encantadora e pertencente a uma próspera família achava prazer em mandar cartas anônimas a dois jovens recém-casados, com o fim de destruir sua felicidade. Espalhou também terríveis calúnias a respeito de outra jovem senhora, grandemente admirada por suas qualidades e, por conseguinte, objeto de sua inveja. As cartas continuaram a aparecer durante vários anos. Jamais caiu a menor sombra de suspeita sobre

sua autora, embora várias pessoas fossem acusadas. Finalmente, ela se denunciou. Foi acusada e confessou seu crime... Cumpriu uma longa sentença na prisão.

E agora, novamente, no mesmo momento e no mesmo lugar em que escrevo<sup>{66}</sup>, a polícia está investigando um caso semelhante...

Muitas pessoas poderão objetar que Marie de Morell não iria causar ferimentos em si própria para alcançar seus fins. Mas as dores que sofreu são poucas, comparadas com outros casos registrados nos anais da medicina. Aqui vão alguns exemplos notáveis:

O professor Herholdt, de Copenhague, conhecia uma mulher jovem e atraente, de grande cultura e pertencente a uma família de boa posição social. Como vários de seus colegas, ele também se deixou enganar inteiramente por ela. A moça empregava toda a sua habilidade e perseverança na execução de suas fraudes, que se estenderam por um período de vários anos. Chegava ao ponto de infligir a si própria as torturas mais atrozes. Enfiou centenas de agulhas em várias partes de seu corpo, e quando os ferimentos inflamavam ou supuravam, recorria aos cirurgiões para que removessem as agulhas. Recusava-se a urinar, e sua urina tinha de ser retirada todas as manhãs com o auxílio de um cateter. Ela própria introduzia ar na bexiga, que escapava quando o instrumento era inserido. Durante um ano e meio permaneceu muda e imóvel, recusando os alimentos, fingindo contrações espasmódicas e crises de desmaio, e assim por diante. Antes que sua fraude fosse descoberta, vários médicos famosos, alguns vindos do estrangeiro, examinaram-na e ficaram horrorizados diante de tanto sofrimento. Sua triste história estava em todos os jornais, e ninguém duvidava da autenticidade de seus males. Finalmente, em 1826, a verdade veio à tona. Os motivos reais que haviam levado a astuta simuladora (*cette adroite trompeuse*) a agir assim eram seu desejo de se tornar um objeto de espanto e admiração dos homens, de fazer de tolos os homens mais eruditos, famosos e inteligentes de sua época. A

história desse caso, tão importante do ponto de vista da psicologia, pode ser encontrada em Herholdt: Observações sobre a doença de Rachel Hertz, entre 1807 e 1826.

Em Lüneburg, duas mulheres — mãe e filha — imaginaram um plano cujo objetivo era atrair uma lucrativa simpatia sobre si mesmas, plano que as duas levaram até o fim com espantosa determinação. A filha queixava-se de uma dor insuportável em um dos seios, lamentava-se e chorava, embora houvesse consultado vários médicos e experimentado todos os remédios receitados. A dor não cedia, e houve suspeita de câncer. Ela própria propôs que o seio fosse extirpado. Verificou-se que estava perfeitamente são. Alguns anos depois, quando a compaixão pelo seu caso diminuiu, ela voltou à carga. O outro seio foi removido e verificou-se estar igualmente são. Quando de novo a simpatia pública começou a desaparecer, ela queixou-se de dor na mão. Queria que fosse também amputada. Mas surgiram suspeitas, afinal. Ela foi mandada para um hospital e, depois de constatada a fraude, despachada finalmente para a prisão.

Lentin, em seu Suplemento para um conhecimento prático da medicina (Hanover, 1789), conta a seguinte história, da qual foi testemunha: em um período de dez meses foram retiradas da bexiga de uma moça bastante jovem, com a ajuda de um fórceps, nada menos do que cento e quatro pedras. A própria moça as introduzia na bexiga, embora as operações necessárias para retirá-las lhe causassem grandes perdas de sangue e dores atrozes. Anteriormente, ela já tivera crises de vômito, convulsões e outros sintomas violentos. Ela demonstrou uma rara habilidade em levar avante sua simulação.

Depois de semelhantes exemplos (que poderiam facilmente ser acrescidos de vários outros), quem poderá afirmar que é impossível a uma moça infligir dor a si própria a fim de alcançar o objetivo desejado?"[{67}](#)

Essas últimas páginas foram as primeiras que Charles leu. Causaram-lhe um choque brutal, pois não tinha idéia que existissem semelhantes perversões — ainda mais associadas com o puro e

sagrado sexo. Naturalmente, tampouco lhe era possível perceber o verdadeiro significado das doenças mentais do tipo histérico — isto é, um lamentável esforço para obter amor e segurança. Voltou ao começo da narrativa sobre o julgamento e logo se viu fatalmente envolvido nele. Desnecessário dizer que ele se identificou quase instantaneamente com o infeliz Émile de Ia Roncière. E, quase no final do relato, deparou com uma data que fez correr um calafrio por sua espinha. O dia em que o outro tenente francês fora condenado era exatamente o dia em que Charles viera ao mundo. Por um momento, na silenciosa noite de Dorset, a razão e a ciência dissolveram-se. A vida era uma máquina tenebrosa, uma astrologia sinistra, um veredicto sem apelo pronunciado na hora do nascimento, um zero estendido sobre tudo.

Nunca se sentira tão pouco livre.

E nunca sentira tão pouco sono. Olhou para o relógio. Faltavam dez minutos para as quatro. Lá fora, tudo era paz. A tempestade cessara. Charles abriu a janela e aspirou o ar frio e puro da primavera. Estrelas piscaram fracamente no alto, inocentes, negando qualquer influência sobre o destino dos homens, fosse sinistra ou benigna. E ela, onde estava? Também desperta, a um quilômetro e pouco dali, em alguma mata escura e úmida.

Os efeitos da beberagem do hotel e do conhaque de Grogan já se haviam dissipado, deixando em Charles apenas um profundo sentimento de culpa. Julgava ter notado certa malícia nos olhos do doutor irlandês, uma recapitulação mental de todos os problemas do vaidoso cavalheiro londrino, os quais em breve estariam sendo sussurrados e vendidos a varejo em toda Lyme. Não era fato conhecido que as pessoas de sua raça não sabiam guardar segredo?

Como fora pueril e indigno seu comportamento! No dia anterior ele perdera não só Winsyatt, como todo o respeito próprio. E mesmo essa última frase não dizia tudo. Ele simplesmente perdera o respeito por tudo o que conhecia. A vida era uma cova no Inferno. Por trás dos rostos mais inocentes se ocultavam as iniquidades mais

vis. Ele era um Sir Galahad a quem haviam mostrado que Guinevere não passava de uma prostituta.

Para pôr fim a essas fúteis e melancólicas reflexões (se ele ao menos pudesse agir!), Charles apanhou de novo o livro fatal e tornou a ler o trecho de Matthaei sobre a histeria. Viu menos semelhanças agora com a conduta de Sarah. Sua culpa começou a encaminhar-se a seu verdadeiro objeto. Tentou recordar seu rosto, as coisas que dissera e a expressão de seus olhos quando as dizia. Mas não conseguia penetrar em seu íntimo. Entretanto, ocorreu-lhe que talvez a conhecesse melhor do que qualquer outro ser humano. O relato de seus encontros, que fizera a Grogan — isso ele conseguia lembrar, quase palavra por palavra. Não teria ele, em seu esforço para ocultar seus próprios sentimentos, levado Grogan a interpretações errôneas, exagerando suas atitudes estranhas e deixando de transmitir honestamente ao doutor o que ela havia dito?

Não teria ele condenado a moça a fim de evitar sua própria condenação?

Andava nervosamente de um lado para outro em sua saleta, esmiuçando sua alma e seu orgulho ferido. E se ela fosse de fato o que pretendia parecer — uma pecadora, na verdade, mas igualmente uma mulher de coragem excepcional, que se recusava a voltar as costas a seu pecado, e que agora perdera finalmente as forças em sua terrível batalha com o passado e clamava por ajuda?

Por que ele permitira a Grogan julgá-la em seu nome?

Porque estava mais preocupado em salvar as aparências do que em salvar sua própria alma. Porque era tão livre quanto uma amonite. Porque era um Pôncio Pilatos — pior do que ele, pois não só aceitava como encorajava a crucificação, e até mesmo provocara os eventos que haviam dado causa a que ela fosse executada. Pois tudo não se originara naquele segundo encontro, quando Sarah tentara retirar-se mas ele a forcara a discutir sua situação?

Tornou a abrir a janela. Duas horas haviam decorrido desde que a abrira pela primeira vez. Agora, uma leve claridade se

espalhava pelos lados do oriente. Ele olhou para as estrelas que empalideciam.

O destino.

Aqueles olhos.

Voltou-se abruptamente.

Se encontrasse Grogan, tanto pior. Sua consciência que cuidasse de justificar aquela desobediência. Entrou no quarto E ali, com uma sombria gravidade que refletia a decisão íntima que tomara — surpreendente e indecifrável —, ele começou a trocar de roupa.

*"For a breeze of morning moves,  
And the planet of Love is on high..." [{68}](#)*

*Tennyson, "Maud" (1855)*

*"Faz parte da verdadeira prudência não fazer coisa alguma quando nos sentimos inclinados a isso, e sim quando for nosso dever, ou a coisa sensata a ser feita."*

*Matthew Arnold, Notas esparsas (1868)*

O sol já se avermelhava acima das imprecisas ondulações cinza-azuladas das colinas que se erguiam por trás do Chesil Bank quando Charles, com a fisionomia perfeita de um taciturno agente funerário — embora não com suas roupas —, passou pela porta do White Lion. O céu não tinha uma nuvem, límpido e lavado pela tempestade da noite anterior, e de um azul deliciosamente suave e etéreo. O ar era pungente como suco de limão, e no entanto puro e purificante. Se nos levantássemos atualmente a essa hora em Lyme, teríamos a cidade só para nós. Mas Charles, naquela época de madrugadores, não teve tanta sorte. Todavia, o povo que já estava de pé tinha essa agradável despretensão social, essa primitiva ausência de classe da gente da madrugada — gente simples a caminho do trabalho. Um ou outro saudava Charles animadamente, recebendo em troca sombrios acenos de cabeça e breves acenos de bengala. Ele gostaria de ter encontrado alguns simbólicos cadáveres espalhados pela rua, em vez daqueles rostos sorridentes. E alegrou-

se quando deixou para trás a cidade e alcançou a estrada do Undercliff.

Mas sua melancolia (e uma convicção íntima — que deixei de mencionar — de que sua decisão era baseada muito mais no adágio do ladrão de ovelhas e num perigoso desespero do que em nobres ditames de sua consciência) encontrou ali menos campo ainda para se expandir. A caminhada rápida fizera com que uma onda de calor o invadisse — um calor interno complementado pelo calor externo, trazido pelos raios do sol. Parecia singularmente palpável, aquele sol puro da madrugada. Tinha quase cheiro, como que de pedra aquecida — uma poeira odorífera de fótons a se derramar através do espaço. Cada folha de capim estava perolada de vapor. Nas encostas acima do caminho, os troncos das sorveiras e dos sicômoros, como pilares de ouro e mel à luz oblíqua do sol, abriam no alto suas verdes abóbadas de folhas tenras e orvalhadas. Havia algo estranhamente religioso nelas, mas de uma religião anterior à religião — um bálsamo druídico, uma verde doçura que se espalhava sobre todas as coisas... e infinitos matizes de verde, alguns quase negros nos recantos mais profundos da folhagem, outros que iam de um vibrante tom esmeraldino até o mais pálido verde-mar. Uma raposa cruzou o caminho e parou por um momento, olhando estranhamente para Charles, como se fosse ele o intruso. E logo adiante, com a mesma aura misteriosa, a mesma divina noção de posse, um veado parou de comer os brotos tenros e levantou a cabeça, encarando-o, majestoso em sua pequenez, antes de virar-se silenciosamente e desaparecer no meio da mata. Há um quadro de Pisanello na National Gallery que fixou exatamente um momento como esse: São Huberto rodeado de pássaros e animais numa floresta, nos princípios da Renascença. O santo tem uma expressão aturdida, quase como se se sentisse vítima de uma brincadeira de mau gosto — desvanecida toda a sua arrogância diante da súbita revelação do segredo mais profundo da natureza: a paridade universal da existência.

Não só aqueles dois animais pareceram estar carregados de significação. As árvores fremiam com o canto dos pássaros —

toutinegras, tordos, melros — e o arrulhar das rolas, que davam àquela amena madrugada a serenidade de um entardecer, sem no entanto nada de sua melancolia, de seu caráter elegíaco. Charles sentiu-se a caminhar através das páginas de um bestiário, mas de tamanha beleza, de tão minuciosa perfeição, que cada folha nele, cada passarinho, cada trinado, vinha de um mundo perfeito. Parou por um momento, tamanha era sua sensação de se encontrar num universo particular e único, no qual cada um tinha seu lugar determinado, cada um era um ser ímpar. Uma minúscula carriça, empoleirada no alto de um ramo a poucos passos de Charles, trilava seu canto estridente. Ele via seus olhinhos pretos e brilhantes, sua gargantinha vermelha e amarela escancarada em sons — uma minúscula bola de plumas, e que no entanto conseguia fazer-se de Anjo Anunciador da evolução: "Sou o que sou, não podes ignorar minha existência agora". Ele se encontrava onde estivera o santo de Pisanello, e sentia-se talvez ainda mais perplexo diante de sua própria perplexidade ao descobrir que um mundo como aquele existia tão perto dele, tão ao alcance da sufocante banalidade cotidiana. Naqueles rápidos instantes de canto desafiador, qualquer hora ou lugar normal — e, por conseguinte, a infindável série de horas e lugares na vida de Charles até então — parecia vulgarizado, embrutecido, espalhafatoso. O incomensurável tédio da realidade humana fora fendido até o âmago, e o coração da vida pulsava lá dentro, na garganta triunfal da carriça.

Parecia anunciar uma realidade mais profunda e mais misteriosa do que a pseudo-realidade de Lineu que Charles apreendera aquela outra manhã na praia, e que talvez não tivesse outra originalidade senão a da prioridade da vida sobre a morte, do indivíduo sobre uma espécie, da ecologia sobre a classificação. Atualmente aceitamos essas prioridades como fato irrefutável, e não podemos imaginar as hostis implicações que Charles identificava na obscura mensagem representada pela carriça. Pois parecia-lhe perceber não tanto uma realidade mais profunda quanto o caos universal, a se erguer ameaçador por trás da frágil estrutura da ordem humana.

Havia uma pungência mais imediata naquela eucaristia natural, uma vez que Charles se sentia excomungado de todas as formas. Fora fechado do lado de fora, o paraíso estava perdido. Uma vez mais, ele era como Sarah — podia permanecer no Éden, mas não usufruí-lo, e apenas invejar o êxtase da carriça.

Ele seguiu pelo caminho por onde Sarah costumava passar, e que o mantinha longe da vista da granja. Fizera bem em agir assim, pois o chocalhar de baldes advertiu-o de que o granjeiro e a mulher já estavam acordados e em plena atividade. Meteu-se, pois, no meio da mata e seguiu seu caminho com determinação. Uma paranóica transferência de culpa fazia-o sentir que as árvores, as flores e até as coisas inanimadas o observavam. As flores eram olhos, as pedras tinham ouvidos, os troncos reprovadores das árvores formavam um infindável coro grego.

Chegou ao lugar onde o caminho bifurcava, e tomou pelo que se desviava para a esquerda. A trilha ia em declive através de um denso matagal, e o terreno se tornava cada vez mais acidentado, pois ali a erosão já começara. O mar ficava logo abaixo, de um azul lei toso e infinitamente calmo. Mas o terreno se tornava plano um pouco acima dele, onde uma série de pequenos relvados fora conquistada à mata. A uma centena de metros a oeste do último desses relvados, numa pequena depressão que ia terminar na beira do penhasco, Charles viu o telhado de palha de um celeiro. A palha já estava limosa e apodrecida, o que aumentava a aparência de tristeza da pequena construção de pedra, já por si desoladora, e mais semelhante a uma choupana do que seu nome indicava. Antigamente, fora ali a residência de verão de um criador de gado, mas agora era usada pelo granjeiro para depósito de feno. Atualmente, desapareceu sem deixar traços, de tal forma a região se deteriorou nos últimos cem anos.

Charles parou e ficou contemplando do alto o celeiro. Esperava ver a figura de uma mulher, e ao verificar que o lugar parecia deserto ficou ainda mais nervoso. Começou a descer em sua

direção, mas como alguém que estivesse atravessando uma selva infestada de tigres. Esperava que saltassem sobre ele a qualquer momento, e estava longe de confiar em sua habilidade de atirador.

Encontrou uma velha porta, fechada. Charles rodeou a pequena construção. Do lado leste, uma janelinha quadrada. Espiou para as sombras lá dentro, e o leve odor adocicado e úmido de feno velho penetrou em suas narinas. Conseguiu distinguir junto à parede oposta à porta um pouco de feno empilhado. Continuou a dar a volta à casa. Ela não estava ali. Virou-se e olhou para o caminho por onde descera. Mas o acidentado terreno continuava quieto e deserto na paz da manhã. Hesitou por um momento, depois tirou o relógio e esperou alguns minutos, sem saber o que fazer. Por fim, empurrou a porta do celeiro.

Viu vagamente um assoalho de pedra irregular, e na outra extremidade duas ou três baias desmanteladas, cheias de feno que ainda iria ser usado. Mas era difícil enxergar a parte dos fundos, pois a luz do sol se interpunha, jorrando pela janela. Charles deu alguns passos na direção da faixa oblíqua de luz, mas logo parou, com súbito temor. Percebia vagamente, do outro lado da luminosa névoa, alguma coisa pendurada num prego, numa das vigas da antiga baia: era um chapéu preto. Talvez devido às suas leituras da noite anterior, ele teve a enregelante premonição de que alguma visão horrível o aguardava do outro lado do tabique corroído pelo tempo, onde estava aquele chapéu, que pendia ali como um sinistro vampiro saciado, pairando sobre algo que ele ainda não conseguia ver. Não sei o que esperava encontrar: talvez uma mutilação atroz, um cadáver... Esteve a ponto de virar as costas e sair correndo do celeiro, de volta a Lyme. Mas um rumor quase inaudível arrastou-o para a frente. Temeroso, ele se debruçou sobre o tabique.

*"Porém, quanto mais falsas se mostram essas conscientes ilusões das classes governantes, quanto mais falsas se mostram e quanto menos satisfazem ao bom senso, mais dogmaticamente são afirmadas, e enganadora, moralizadora e espiritual se torna a linguagem da sociedade organizada."*

*Marx, A ideologia alemã (1845-46)*

Sarah tinha naturalmente voltado para casa — embora "casa" seja um sarcasmo nessas circunstâncias — antes da Sra. Fairley. Cumprira sua obrigação habitual nas orações noturnas da Sra. Poulteney, e em seguida se recolhera a seu quarto por alguns minutos. A Sra. Fairley aproveitou imediatamente a oportunidade: aqueles poucos minutos eram suficientes. Ela própria foi bater à porta do quarto de Sarah. A moça abriu. Seu rosto mostrava a expressão habitual de resignada tristeza, mas o da Sra. Fairley fremia de triunfo.

— A Sra. Poulteney quer falar-lhe. Imediatamente.

Sarah baixou os olhos e fez um leve aceno com a cabeça. A Sra. Fairley lançou um olhar sardônico e azedo como vinagre para aquela cabeça humildemente abaixada, e afastou-se farfalhante e cheia de veneno. Todavia, não desceu as escadas. Postou-se num canto, à espera de que a porta dos aposentos da Sra. Poulteney se abrisse e se fechasse de novo à passagem da moça. Em seguida, esgueirou-se silenciosamente até a porta e ficou à escuta.

A Sra. Poulteney não se achava — pelo menos dessa vez — instalada em seu trono. Estava postada à janela, deixando que suas

costas falassem por ela eloqüentemente.

— Deseja falar comigo?

Tudo parecia indicar que a Sra. Poulteney não desejava, pois não se mexeu nem deixou escapar o menor som. Talvez fosse a omissão do costumeiro tratamento de "senhora" que a tivesse silenciado. Havia algo na voz de Sarah que deixava bem claro ter sido deliberada a omissão. Os olhos de Sarah desviaram-se das costas negras para uma mesa que por acaso se interpunha entre as duas mulheres. Havia um envelope bem visível em cima dela. Uma imperceptível contração de sua boca — era difícil dizer se indicava determinação ou ressentimento — foi sua única reação diante daquela fria majestade, a qual, se for dita a verdade, estava ligeiramente indecisa sobre a melhor maneira de esmagar aquela serpente que havia lamentavelmente acolhido em seu seio. A Sra. Poulteney optou finalmente por uma única machadada.

— Dentro desse envelope está seu salário de um mês. Receberá isso em lugar de uma indenização. Deverá deixar esta casa amanhã bem cedo, tão logo possa arrumar suas coisas.

Sarah teve então o desplante de usar a mesma arma da Sra. Poulteney. Não se mexeu nem disse uma palavra, até que a dama, sentindo-se ultrajada, se dignasse voltar para ela um rosto branco, no qual ardiavam duas rubras manchas de emoção reprimida.

— Não me ouviu, senhorita?

— Posso saber por quê?

— E ainda ousa mostrar-se insolente!

— Apenas ouse perguntar-lhe por que fui dispensada.

— Vou escrever para o sr. Forsyth. Tomarei providências para que seja trancafiada em algum lugar. Seu comportamento é um escândalo.

Esse violento desabafo causou algum efeito. Duas manchas começaram a arder também nas faces de Sarah. Houve um silêncio,

e o volumoso busto da Sra. Poulteney tornou-se visivelmente mais volumoso.

— Ordeno-lhe que deixe esta sala imediatamente!

— Muito bem. Uma vez que tudo o que encontrei aqui foi hipocrisia, farei isso com o máximo prazer.

Com essa flechada final, Sarah preparou-se para se retirar. Mas a Sra. Poulteney era uma dessas atrizes incapazes de admitir que não cabia a elas a última palavra em cena. Ou quem sabe eu lhe esteja fazendo uma injustiça, e o que estava tentando — por mais improvável que isso possa parecer, diante do tom de sua voz — era fazer uma caridade.

— Leve o salário!

Sarah virou-lhe as costas e sacudiu a cabeça:

— Pode ficar com ele. E sugiro, se for possível, dada a insignificância da soma, que o utilize na compra de algum instrumento de tortura. Tenho certeza de que a Sra. Fairley terá todo o prazer em ajudá-lo a aplicá-lo em todos os que são bastante desgraçados para cair em suas garras.

Por um absurdo instante, a Sra. Poulteney fez lembrar Sam — isto é, ficou a olhá-la, aparvalhada, a boca dura e severa escancarada de pasmo.

— Você... vai... responder... por... isso.

— Perante Deus? A senhora está certa de que Ele lhe dará ouvidos na outra vida?

Pela primeira vez na história das relações entre as duas, Sarah sorriu para a Sra. Poulteney — um leve sorriso, mas sábio e revelador. Por um momento, sua patroa olhou-a incredulamente, na verdade com uma expressão quase patética, como se Sarah fosse o próprio Satanás que tivesse vindo reclamar o que lhe era devido. E então, com um tateante movimento de caranguejo, chegou até a cadeira e desabou sobre ela, num desfalecimento que não era inteiramente simulado. Sarah contemplou-a por um instante, em

seguida caminhou rapidamente até a porta e, num gesto de grande deslealdade, abriu-a de supetão. Empertigando-se apressadamente, a governanta olhou-a assustada, como se temesse que Sarah fosse saltar sobre ela. Mas a moça afastou-se para um lado e apontou para a Sra. Poulteney, apoplética e engasgada em sua cadeira, o que deu à Sra. Fairley oportunidade de ir em seu socorro.

— Sua maldita Jezebel! Você a matou!

Sarah não respondeu. Ficou observando por algum tempo enquanto a Sra. Fairley administrava saís à sua patroa, depois virou as costas e foi para o seu quarto. Parou diante do espelho, mas sem olhar para sua imagem, com o rosto escondido nas mãos. Lentamente, foi deixando que os dedos escorregassem e os olhos aparecessem acima deles. Mas não pôde suportar o que viu. Instantes depois, estava ajoelhada junto à cama e chorando silenciosamente, debruçada sobre a colcha gasta.

Seria melhor que tivesse orado? Mas Sarah acreditava estar orando.

*"When panting sighs the bosom fill,  
 And hands by chance united thrill  
 At once with one delicious pain  
 The pulses and the nerves of twain;  
 When eyes that erst could meet with ease,  
 Do seek, yet, seeking, shyly shun  
 Ecstatic conscious unison, —  
 The sure beginnings, say, be these,  
 Prelusive to the strain of love  
 Which angels sing in beaven above?"*

*Or is it but the vulgar tune,  
 Which ali that breathe beneath the moon  
 So accurately learn — so soon?" [{69}](#)*

*A. H. Clough, "Poem" (1840)*

E agora estava dormindo.

Esse foi o lastimável quadro que Charles viu, quando afinal criou coragem para olhar por cima do tabique. Ela estava enrodilhada como uma criança sob seu velho casaco, os pés encolhidos para fugir ao frio da noite, a cabeça voltada para o outro lado e repousando sobre um lenço verde-escuro, como se desejasse proteger sua única riqueza — os cabelos — das sementes de feno que forravam o chão. Na quietude reinante, sua respiração leve e regular era ao mesmo tempo visível e audível. Por um momento,

pareceu a Charles que seu sono tranqüilo era um crime tão perverso quanto qualquer outro que pudesse ter imaginado.

No entanto, invadiu-o, de forma irremediável, o desejo de protegê-la. Tão premente era esse desejo que desviou o olhar e se afastou, chocado diante daquela prova de que as acusações do médico eram verdadeiras, pois sabia que seu impulso era ajoelhar-se ao lado dela e confortá-la... e fazer até pior, pois a penumbrosa quietude do celeiro e a postura da moça faziam lembrar irresistivelmente a intimidade de um quarto de dormir. Sentia o coração bater como se tivesse corrido um quilômetro. O tigre estava nele, e não nela. Passado um momento, voltou até a porta, a passos rápidos e silenciosos. Olhou para trás e decidiu ir embora. Então, ouviu sua própria voz pronunciar o nome dela. Não tivera a intenção de chamá-la. E, no entanto, chamou-a.

— Srta. Woodruff...

Nenhuma resposta.

Repetiu seu nome, um pouco mais alto e sentindo-se mais seguro de si, agora que as trevas começavam a se dissipar.

Houve um leve movimento, um ligeiro farfalhar, e a cabeça dela apareceu, espiando-o quase comicamente por cima do tabique, quando ela se pôs de joelhos apressadamente. Ele teve uma vaga impressão, vendo-a através da névoa luminosa que vinha da janela, que seu rosto refletia choque e consternação.

— Oh, perdoe-me, perdoe-me...

A cabeça desapareceu por trás das tábuas. Ele deixou o celeiro e ficou esperando lá fora, à luz do sol. Duas gaivotas voavam no alto, soltando pios ásperos. Charles procurou ocultar-se, receando ser visto por alguém que andasse pelas terras que confinavam com a granja. De Grogan não tinha receio, nem o esperava tão cedo. Mas o lugar era muito desprotegido, e o granjeiro poderia vir buscar seu feno... embora não tivesse motivos para fazê-lo, pois seus campos estavam cobertos pelo tenro capim da primavera, coisa que Charles estava nervoso demais para levar em consideração.

— Sr. Smithson!

Ele correu imediatamente, a tempo de impedir que ela o chamasse de novo, e com mais ansiedade dessa vez. Os dois ficaram parados a uns dez metros um do outro, Sarah à porta e Charles na quina da casa. Ela fizera uma toailete apressada, vestira o casaco e segurava na mão o lenço, como se o tivesse usado como escova. Tinha o olhar preocupado, mas suas feições ainda estavam suavizadas pelo sono, embora um pouco afogueadas pelo brusco despertar.

Havia algo de selvagem nela. Não a selvageria causada pela loucura ou pela histeria, mas de um outro tipo, semelhante à que Charles notara no canto da carriça... uma selvageria nascida da inocência, em que havia uma certa avidez pela vida. Assim como a brusca revelação trazida por aquele passeio na madrugada confundira a severa e melancólica revisão de sua vida, aquele rosto intensamente presente confundia também todos os terríveis dados clínicos que os dignos doutores Matthaei e Grogan haviam metido em sua cabeça. A despeito de Hegel, os vitorianos não viviam numa época essencialmente dialética. Não costumavam normalmente refletir sobre pólos opostos, encarar os aspectos positivos e negativos como parte de um todo. Consideravam os paradoxos mais confusos do que agradáveis. Não eram pessoas indicadas para viver um momento existencialista, e sim para encadear causas e efeitos, para aceitar teorias explícitas, cuidadosamente estudadas e religiosamente aplicadas. Ocupavam-se ativamente em construir, é claro, enquanto nós nos ocupamos em destruir, e com tanta constância que sua atividade nos parece agora tão efêmera quanto soprar bolhas de sabão. Assim, Charles era incompreensível para si mesmo. Conseguiu mostrar um sorriso muito pouco convincente.

— Não correríamos o risco de ser vistos aqui?

Ela acompanhou seu olhar, voltado para a granja invisível.

— O lugar pertence a Axminster. Logo que terminar a ordenha, ele irá embora.

Contudo, entrou de novo no celeiro. Ele acompanhou-a, e de novo ficaram parados, distantes um do outro, com Sarah de costas para ele.

— Passou a noite aqui?

Ela assentiu. Houve uma pausa.

— Não está com fome?

Ela sacudiu a cabeça, e de novo o silêncio os envolveu. Mas dessa vez ela própria rompeu-o.

— O senhor já sabe?

— Estive ausente da cidade o dia todo, ontem. Não pude vir.

Novo silêncio.

— A Sra. Poulteney já se recuperou?

— Creio que sim.

— Ela ficou furiosa comigo.

— Sem dúvida, foi melhor assim. Aquele lugar não servia para a senhorita.

— Qual o lugar que serve para mim?

Ele lembrou que precisava escolher as palavras com cuidado.

— Ora, vamos... Não deve deixar-se dominar pela autopiedade. — Deu um ou dois passos à frente. — Todos ficaram muito preocupados. Um grupo saiu à sua procura ontem à noite. Em plena tempestade.

Ela se voltou para ele, como se desconfiasse de que a estivesse enganando. Mas verificou que isso não acontecia. Por sua vez, ele percebeu, pelo seu ar surpreso, que ela não o enganava quando disse:

— Não tive a intenção de causar tanto incômodo.

— Bem... isso não importa. Tenho quase certeza de que o rebuliço causado os divertiu. Mas é inegável que precisa deixar Lyme agora.

Ela baixou a cabeça. Sua voz fora severa demais. Ele hesitou, depois aproximou-se e colocou a mão sobre o ombro dela, num gesto de conforto.

— Não tenha medo. Vim aqui para ajudá-la a resolver sua situação.

Tivera a intenção, com seu breve gesto e suas palavras confortadoras, de dar o primeiro passo no sentido de apagar o fogo que o doutor o acusara de ter acendido. Mas, quando o combustível é a própria pessoa, sua luta contra o fogo é sem esperança. Sarah inflamou-se toda. E havia fogo em seus olhos quando contemplou Charles apaixonadamente. Ele retirou a mão, mas a moça agarrou-a e a levou aos lábios, antes que a pudesse impedir. Com um arranco, livrou-se dela, alarmado, e a moça reagiu como se tivesse levado uma bofetada.

— Minha cara Srta. Woodruff, controle-se, por favor. Eu...

— Não posso.

As palavras saíram quase inaudíveis, mas silenciaram Charles. Tentou convencer a si mesmo que a intenção dela fora dizer que não conseguia sufocar a gratidão por sua generosidade. Tentou... tentou... Mas uma lembrança fugaz de Catulo lhe passou pela mente: "Quando vejo você, nada mais ouço, minha língua emudece, finas labaredas lambem-me os membros, meus ouvidos zumbem surdamente e as trevas toldam-me a vista". Catulo estava traduzindo Safo, e o amor sáfico ainda é a melhor descrição clínica do amor na medicina européia.

Sarah e Charles estavam ali parados, presas — sem que o soubessem — exatamente dos mesmos sintomas, que eram aceitos de um lado e negados do outro, embora o que negava se mostrasse incapaz de afastar-se dali. Decorreram alguns segundos de intensa e contida emoção. Então, Sarah não pôde mais agüentar-se, literalmente. Caiu de joelhos a seus pés. As palavras jorraram de sua boca.

— Eu lhe disse uma mentira. Procurei fazer com que a Sra. Fairley me visse. Sabia que ela iria contar à Sra. Poulteney.

O pouco de controle que Charles estava começando a manter sobre si mesmo desvaneceu-se. Olhava aturdido para o rosto levantado para ele. Era evidente que a moça lhe pedia perdão, mas ele próprio estava em busca de uma orientação, já que os doutores haviam falhado de novo. As aristocráticas jovens que se haviam dedicado a incendiar casas e a escrever cartas anônimas tinham, todas elas, esperado até que fossem apanhadas para confessar seu crime — numa especial deferência para com aqueles cujo conceito moral é representado apenas pelo bem absoluto e pelo mal absoluto.

Lágrimas brotaram nos olhos dela. Charles tinha uma fortuna à sua espera, um mundo dourado — e contra isso se levantava uma pequena secreção das glândulas lacrimais, duas trêmulas gotas d'água, tão minúsculas, tão transitórias, tão breves! No entanto, jazia ali como um homem diante de um dique prestes a se romper, e não como um homem diante de uma mulher que chora.

— Mas, por quê? ...

Ela levantou então a cabeça, e em seus olhos havia um fervor intenso, uma súplica, uma declaração inequívoca de que as palavras eram desnecessárias. E uma verdade tão indisfarçável que tornava qualquer evasão — qualquer "Minha cara Srta. Woodruff!" — inteiramente impossível.

Ele estendeu vagarosamente as mãos e ajudou-a a levantar-se. Mantinham os olhos fixos um no outro como se estivessem hipnotizados. Ela lhe parecia — ou eram aqueles olhos muito abertos e afogados em lágrimas que o faziam pensar a coisa mais estupendamente bela que já vira. O que assim havia por trás deles não importava. O momento sobrepujou a era.

Tomou-a nos braços e viu-a fechar os olhos ao tombar sobre seu peito. Então fechou os seus, e seus lábios encontraram os dela. Ele sentiu não apenas sua maciez, mas toda a substância daquele

corpo junto ao seu. Ela se tornara subitamente muito pequena, frágil, delicada, terna...

Afastou-a de si violentamente.

Lançando-lhe um olhar agoniado, como se ele fosse o mais vil dos criminosos apanhado ao cometer o mais abominável dos crimes, voltou-se e correu para fora — deparando com um novo horror. Não era o dr. Grogan.

*"And her, white-muslined, waiting there  
In the porch with high-expectante heart,  
While still the thin mechanic air  
Went on inside." [{70}](#)*

*Hardy, "The musical box"*

Ernestina não conseguira dormir, na noite anterior. Sabia perfeitamente qual das janelas do White Lion era a de Charles, e não deixou de notar que continuava iluminada muito tempo depois que o ruidoso ressonar de sua tia se espalhou pela casa silenciosa. Sentia-se ofendida e culpada, em partes iguais — isto é, apenas no começo. Mas depois de se esgueirar da cama pela décima sexta vez a fim de verificar se a luz ainda estava acesa, e constatar que estava, seu sentimento de culpa começou a crescer. Charles estava evidentemente — e com toda a justiça — muito aborrecido com ela.

A verdade é que, após a partida de Charles, Ernestina dissera a si mesma — e mais tarde a tia Tranter — que não dava a mínima importância a Winsyatt e que o tio de Charles podia ir plantar batatas, e o leitor há de imaginar que "uvas azedas" seriam uma metáfora muito mais apropriada, já que se trata de horticultura. Era inegável que havia conseguido convencer a si própria a aceitar graciosamente o papel de castelã, quando Charles partira para encontrar-se com o tio, chegando mesmo a iniciar uma lista de "itens necessários"... Mas a repentina derrocada desse sonho lhe trouxera um certo alívio. As mulheres que governam grandes

mansões precisam trazer dentro de si um pouco do estofo de um general, e Ernestina não tinha qualquer aspiração militar, por menor que fosse. Gostava de luxo e conforto, e que tudo lhe fosse servido na mão, mas tinha um senso de proporção bastante sólido e burguês. Trinta cômodos, quando quinze lhe bastavam, eram para ela uma extravagância. Talvez tivesse herdado essa noção do próprio pai, que tinha a convicção íntima de que "aristocrata" era sinônimo de "frívola ostentação", embora isso não o houvesse impedido de basear nessa falha uma parte substancial de seus negócios, nem de possuir uma casa em Londres que faria inveja a qualquer nobre — e muito menos de agarrar com unhas e dentes a primeira oportunidade que lhe surgiu de garantir para a filha bem-amada um título de nobreza. Para lhe fazer justiça, necessário é declarar que ele teria recusado um visconde, por lhe parecer excessivo. Um baronato era o título exatamente apropriado.

Não estou sendo justo com relação a Ernestina, que afinal de contas era uma vítima das circunstâncias, de um meio pouco liberal. É claro que aquilo que faz da classe média uma mistura tão singular de fermento e massa é sua maneira essencialmente esquizofrênica de encarar a sociedade. Nossa tendência nos dias de hoje é esquecer que essa classe sempre foi eminentemente revolucionária. O que mais ressalta aos nossos olhos é seu aspecto de massa, a burguesia como núcleo da reação, o insulto generalizado, sua atuação sempre egoísta e sempre conformada. Mas essas duas facetas opostas têm sua origem na única e redentora virtude da classe, isto é: o fato de ser a única das três grandes castas sociais que habitualmente, e com sinceridade, despreza a si própria. Ernestina não constituía evidentemente exceção à regra. Não era apenas Charles que percebia um desagradável azedume em sua voz. Ela também o percebia. Mas sua tragédia (e que continua onipresente) consistia em empregar mal esse precioso dom do auto-desprezo, e fazia-se assim uma vítima da eterna falta de fé em si mesma, inata em sua classe. Ao invés de encarar os erros de sua classe como uma razão para rejeitar o sistema de classes em sua totalidade, ela via neles um motivo para aspirar a uma classe mais

alta. Não podemos culpá-la por isso, naturalmente. Fora treinada irremediavelmente para encarar a sociedade como uma série de degraus numa escada, o que reduzira seu próprio passo a uma simples tentativa de alcançar algo supostamente melhor.

Assim foi que, já alta madrugada, Ernestina desistiu de tentar dormir ("Estou envergonhada, portei-me como a filha de um comerciante"), levantou-se e vestiu o peignoir, abrindo em seguida seu diário. Quem sabe Charles acabaria por notar que sua janela também estava penitentemente iluminada, em meio à negra escuridão que se seguiu à tempestade. Enquanto isso, ia dedicar-se a um exercício de redação.

"Não consigo dormir. Meu adorado C. está aborrecido comigo... fiquei nervosa demais com a terrível notícia sobre Winsyatt. Tive vontade de chorar, senti-me muito humilhada, mas disse tolamente uma porção de coisas horríveis e odiosas, pelas quais peço perdão a Deus, lembrando que as disse por amor ao meu adorado C. e não por perversidade. Chorei desesperadamente quando ele foi embora. Que isso me sirva de lição e faça gravar na minha consciência as belas palavras do Ritual do Casamento, para que eu aprenda a respeitar e obedecer a meu adorado Charles, mesmo quando meus sentimentos me forcem a ir contra ele. Que eu aprenda com humildade e sinceridade a domar minha odiosa e horrenda obstinação e a me curvar diante de sua grande sabedoria. Que eu saiba dar valor ao seu bom senso e possa acorrentar-me ao seu coração, pois A doçura do verdadeiro Arrependimento é uma porta aberta para a Felicidade Celestial'."

O leitor deve ter sentido falta da segura habitual de Ernestina nesse tocante parágrafo, mas não era só Charles que estava ouvindo vozes. E assim como ela desejava que Charles percebesse a luz acesa até tarde em seu quarto, também imaginava o dia em que ele acabaria por persuadi-la a deixar que participasse daquele íntimo registro de sua alma pré-nupcial. Ela escrevia em parte para ele,

mas — à semelhança de toda mulher vitoriana — escrevia também para Ele. Voltou aliviada para a cama, e com o espírito de tal forma imbuído do seu papel de noiva casta, que não me resta outro recurso senão concluir que ela acabará por arrancar Charles de sua infidelidade, no final.

Ainda estava profundamente adormecida quando um pequeno drama se desenrolou quatro andares abaixo. Sam não se levantara tão cedo quanto seu patrão nessa manhã. Ao dirigir-se à cozinha do hotel para tomar seu chá com queijo assado — uma coisa que poucos criados vitorianos faziam era comer menos do que seus patrões, não importa o quanto carecessem de boas maneiras à mesa —, o engraxate do hotel recebeu-o com a notícia de que seu patrão acabara de sair e que Sam devia arrumar as malas e estar pronto para partir ao meio-dia. Sam não deixou transparecer o choque recebido. A arrumação das malas levaria apenas meia hora. Tinha negócios mais prementes a resolver.

Dirigiu-se imediatamente à casa de tia Tranter. O que disse ali não nos interessa saber, senão que devia ser algo carregado de tragédia, pois quando tia Tranter (que tinha o hábito rural e pouco civilizado de se levantar cedo) desceu à cozinha um minuto depois, encontrou Mary debruçada sobre a mesa e debulhando-se em lágrimas. O queixo da cozinheira surda, sarcasticamente apontado para cima, indicava que não havia motivo para gastar compaixão com o caso. Mary foi interrogada, e em poucos instantes tia Tranter arrancou dela, à sua maneira delicada e incisiva, a causa da tragédia, e lhe administrou um remédio muito mais doce do que o administrado a Sam por Charles. A moça podia ausentar-se até a hora em que Ernestina precisasse de seus serviços. Uma vez que as pesadas cortinas de brocado de dona Ernestina permaneciam cerradas até as dez, isso significava três horas livres. Tia Tranter foi recompensada pelo mais grato sorriso que o mundo viu naquele dia. Cinco minutos depois, Sam podia ser visto estatelado no chão, bem no meio da Broad Street. Não se deve correr sobre um calçamento de pedras nem mesmo para ir ao encontro de uma Mary.

*"O let me love my love unto myself alone,  
And know my knowledge to the world unknown,  
No witness to the vision call,  
Beholding, unbeheld of all..." [{71}](#)*

*A. H. Clough, "Poem" (1852)*

Seria difícil dizer quem levara um choque maior, se o patrão, que ficara paralisado, se os criados, não menos paralisados a uns trinta metros mais adiante. Tão pasmados ficaram os últimos, que Sam nem mesmo retirou o braço da cintura de Mary. O que desfez o quadro patético foi o aparecimento de uma quarta figura à porta: a de Sarah, com ar desvairado. Ela recuou com tanta rapidez que dela só ficou praticamente uma visão subliminar. Mas foi o bastante. O queixo de Sam caiu e seu braço largou a cintura de Mary.

- Que diabo você está fazendo aqui?
- Passeando, sr. Charles.
- Julguei ter deixado instruções para que...
- Já fiz tudo, patrão. Está tudo pronto.

Charles sabia que ele estava mentindo. Mary afastou-se para um lado, com uma discrição que falou muito em seu favor. Charles vacilou por um momento, depois caminhou direto para cima de Sam, por cuja mente passaram visões de demissão, de um ataque...

- A gente não sabia, patrão. Juro que a gente não sabia.

Mary lançou um tímido olhar a Charles. Em seus olhos havia choque, medo, e também um leve traço de dissimulada admiração. Ele dirigiu-se à moça.

— Quer ter a bondade de nos deixar sozinhos por um instante?  
— Ela assentiu com a cabeça e foi colocar-se a uma discreta distância dos dois. Charles observava Sam, que revertera à sua mais servil atitude de laçao e contemplava fixamente as botas do patrão.  
— Vim até aqui para resolver o negócio a que já me referi.

— Sim, senhor.

Charles baixou a voz.

— A pedido do médico que está tratando dela. Ele está inteiramente a par de todos os fatos.

— Sim, senhor.

— Os quais não devem de forma alguma chegar ao conhecimento de ninguém.

— Compreendo, patrão.

— E ela?

Sam levantou a cabeça.

— Mary não vai dizer nada, patrão. Pela minha honra.

Foi a vez de Charles baixar os olhos. Sabia que suas faces estavam cor de lacre.

— Muito bem. Eu... fico agradecido por isso. Cuidarei para que... Tome aqui. — Remexeu nos bolsos à procura de dinheiro.

— Isso não, sr. Charles. — Sam deu um pequeno passo atrás, com uma dramaticidade exagerada demais para convencer um observador imparcial. — Nunca.

A mão de Charles parou, vacilante. Um olhar foi trocado entre patrão e criado. Talvez ambos soubessem que um lucrativo sacrifício acabava de ser feito.

— Muito bem. Saberei recompensá-lo. Mas, nem uma palavra.

— Juro por tudo o que tem de mais sagrado, patrão.

Com esse solene e superlativo juramento, Sam afastou-se e foi para junto de sua Mary, que o esperava a uma centena de metros dali no meio dos tojos e dos fetos, com as costas discretamente voltadas para eles.

O que os teria levado a tomar o caminho do celeiro é uma questão sobre a qual só podemos fazer conjeturas. O leitor talvez já tenha achado bastante estranho que uma moça sensata como Mary fosse desmanchar-se em lágrimas à idéia de uma ausência de apenas poucos dias. Mas deixemos Sam e Mary por um instante, enquanto entram de novo na mata, caminham alguns passos num silêncio chocado, depois olham dissimuladamente um para o outro... e são atacados por um espasmódico, silencioso e incontrolável acesso de riso, e voltemos ao Charles de rosto cor de lacre.

Ele ficou a observá-los até que desaparecessem, depois voltou-se e olhou para o silencioso celeiro. Seu procedimento abalara-o até o âmago, mas o ar fresco ali fora clareara suas idéias. O dever, como tantas vezes acontece, veio em sua ajuda. Havia atijado flagrantemente o fogo proibido. Naquele mesmo minuto, talvez a outra vítima estivesse perecendo em suas labaredas, ou atirando uma corda por cima de uma viga... Teve um momento de indecisão, depois, a passos decididos, voltou para o celeiro e para Sarah.

Ela estava parada junto à janela, de maneira a não ser vista pelo lado de fora, como se sua intenção fosse ouvir a conversa entre Charles e Sam. Ele parou à porta.

— Peço que me perdoe por me ter aproveitado vergonhosamente de sua dolorosa situação. — Fez uma pausa e continuou. — E não apenas esta manhã. — Ela baixou os olhos. Charles sentiu alívio ao ver que ela perdera seu ar desvairado e parecia embaraçada. — A última coisa que me passaria pela cabeça seria despertar afeição na senhorita. Comportei-me de maneira insensata, totalmente insensata. É a mim que cabe toda a culpa. — Ela olhava para o rústico chão de pedra como um prisioneiro aguardando a sentença. — O mal está feito, infelizmente. Peço que

me ajude a repará-lo. — Ela continuava a ignorar o convite para que se manifestasse. — Tenho negócios a resolver em Londres. Não sei quanto tempo ficarei lá. — Ela olhou-o então rapidamente. Charles continuou, aos tropeções: — Acho que a senhorita devia ir para Exeter. Rogo-lhe que aceite um pouco de dinheiro, como um empréstimo, se assim desejar... até que possa encontrar um emprego conveniente... e se precisar de nova ajuda financeira... — Calou-se, engasgado. Fora se tornando cada vez mais formal. Sabia que sua atitude devia parecer odiosa. Ela virou-lhe as costas.

— Nunca mais o verei.

— Não pode esperar que eu proteste contra isso.

— Embora seja a única razão de minha vida.

A terrível ameaça pairou sobre o silêncio que se seguiu. Não ousou contestá-la abertamente. Sentia-se como um homem acorrentado, e sua libertação lhe veio tão inesperadamente quanto teria vindo a um prisioneiro condenado à morte. Ela voltou-se para encará-lo e leu claramente seus pensamentos.

— Se fosse minha intenção matar-me, já o teria feito por razões fortes. — Voltou-se de novo para a janela. — Aceito o empréstimo... com gratidão.

Os olhos dele se fecharam por um instante em mudo agradecimento. Colocou a bolsa — não a que Ernestina bordara — numa saliência junto à porta.

— Está disposta a ir para Exeter?

— Se é o que me aconselha.

— Acho absolutamente necessário.

Ela baixou a cabeça.

— Há outra coisa que preciso dizer-lhe. Estão falando na cidade em interná-la numa instituição. — Ela se virou bruscamente para olhá-lo. — A idéia deve ter partido da Sra. Poulteney, sem dúvida. Não deve levá-la a sério. É por tudo isso, e para evitar novos embaraços, que não acho conveniente sua volta a Lyme. — Hesitou

um momento e acrescentou: — Fui informado de que um grupo de homens sairá daqui a pouco para procurá-la de novo. Por isso vim tão cedo.

— Minha mala...

— Cuidarei disso. Farei com que seja remetida para o depósito de bagagens de Exeter. Eu acharia conveniente, se tiver forças para isso, que fosse a pé até a encruzilhada de Axmouth. Isso evitaria...

— Charles quase completou: um escândalo que envolveria a ambos. Mas ele sabia o que estava pedindo. Axmouth ficava a dez quilômetros dali, e a encruzilhada, onde passavam as diligências, três quilômetros mais adiante.

Ela concordou.

— E promete que avisará a Sra. Tranter tão logo encontre um emprego?

— Não possuo referências.

— Poderá usar o nome da Sra. Talbot. E o da Sra. Tranter também. Falarei com ela. E espero que não se mostre orgulhosa demais, deixando de lhe pedir nova ajuda financeira, se precisar. Tomarei providências a esse respeito antes de partir.

— Não será preciso. — Sua voz era quase inaudível. — De qualquer forma, agradeço sua bondade.

— Creio que sou eu quem lhe deve agradecer.

Seu olhar se fixou no dele. A lança ainda estava lá, trespassando-o inteiramente.

— É uma mulher extraordinária, Srta. Woodruff. Sinto-me profundamente envergonhado por não ter percebido isso antes.

Ela concordou.

— Tem razão, sou uma mulher extraordinária.

Mas disse isso sem orgulho, sem sarcasmo, sem outra coisa senão uma amarga simplicidade. E o silêncio voltou a envolvê-los. Charles suportou-o o mais que pôde, depois tirou do bolso o relógio,

numa insinuação pouco original de que precisava partir. Percebeu seu próprio embaraço, sua formalidade diante da extraordinária dignidade que ela mostrava. Talvez ainda sentisse o contato de seus lábios.

— Gostaria de subir comigo o caminho de volta?

Não queria que ela percebesse, nessa despedida definitiva, que se sentia envergonhado. Se Grogan aparecesse agora, já não teria importância. Mas Grogan não apareceu. Sarah seguiu na frente, passando por entre os fetos secos e os tojos verdejantes, o cabelo brilhando à luz do sol matinal. Ia calada, e não se voltou uma única vez. Charles sabia perfeitamente que Sam e Mary bem podiam estar a observá-los, mas parecia-lhe melhor que o vissem agora abertamente com ela. A trilha cortava através das árvores e ia desembocar afinal na estrada mais larga. Ela se voltou. Charles aproximou-se e estendeu-lhe a mão.

Por um momento ela vacilou, depois estendeu a sua. Ele apertou-a com firmeza, afastando qualquer nova manifestação de insensatez.

Murmurou:

— Jamais a esquecerei.

Ela levantou o rosto e o encarou, com uma expressão perscrutadora mas quase imperceptível em seus olhos. Se houvesse alguma coisa que ele devia ver, ainda havia tempo: uma verdade acima das suas verdades, um sentimento acima dos seus sentimentos, uma história acima de qualquer conceito seu de história — como se lhe estivesse dizendo coisas infinitas e, no entanto, soubesse que ele não podia compreender essas coisas sem que ela as dissesse...

Passaram-se longos minutos. Então, ele baixou os olhos e largou a sua mão.

E agora, passado outro minuto, ele olhava para trás. Ela estava parada onde a havia deixado, observando-o. Charles levantou o chapéu. A moça continuou imóvel.

Dez minutos mais tarde, ele parou junto a um portão na estrada que ia para a granja, do lado do mar. Dali se descortinavam as terras que se estendem na direção do Cobb. Lá embaixo, ao longe, um vulto pequeno subia o caminho que ia dar no portão onde Charles estava parado. Ele recuou alguns passos, vacilou por um momento... depois seguiu seu caminho, tomando pela estrada que levava de volta à cidade.

*"And the rotten rose is ript from the wall." [{72}](#)*

*Hardy, "During wirid and rain"*

— Você esteve passeando a pé.

Fora pois em vão que ele trocara de roupa pela segunda vez.

— Precisava clarear as idéias. Dormi muito mal.

— Eu também. — Ela ajuntou depois: — Você disse que estava mortalmente cansado.

— E estava.

— Mas ficou acordado até altas horas da noite.

Charles voltou-se para a janela um tanto bruscamente. Tinha muitas coisas em que pensar.

A parte representada por Ernestina nesta seca troca de palavras mostra que ela encontrava alguma dificuldade em manter durante o dia o mesmo tom de seus juramentos noturnos. Mas, além de estar a par do passeio, ela sabia também, através de Sam, de Mary e da aturdida tia Tranter, que Charles tencionava deixar Lyme nesse dia. Resolvera não lhe pedir nenhuma explicação sobre essa repentina mudança em seus planos. Que sua senhoria se encarregasse, ele próprio, de explicá-la quando bem entendesse.

E quando ele chegara, afinal, pouco antes das onze — enquanto ela ficava recatadamente à sua espera na sala dos fundos —, ele tivera a indelicadeza de manter uma prolongada conversa com tia Tranter no salão e, o que era pior, uma conversa em tom

absolutamente, inaudível. Por essa razão ela se sentia ferver por dentro.

É possível que, entre os motivos do ressentimento de Ernestina, figurasse o fato de ter dedicado naquela manhã um cuidado todo especial em se preparar, e de Charles não ter reparado nisso. Pusera um vestido matinal rosa-vivo, com mangas estilo "bispo" — justas na cava e abrindo-se em refolhos volumosos até os pulsos, onde se ajustavam de novo, terminando numa nuvem de diáfanos babados de gaze. O vestido fazia ressaltar de maneira encantadora sua fragilidade. As fitas brancas em seu cabelo cuidadosamente esticado para trás e a delicada fragrância de lavanda que a envolvia completavam o trabalho. Era uma Afrodite feita de açúcar, embora de olhos levemente pisados, que emergira de um leito de alvos lençóis. Charles poderia ter encontrado uma fácil justificativa para mostrar-se cruel. Todavia, conseguiu forçar um sorriso quando se sentou junto dela, segurou-lhe a mão e a acariciou.

— Minha querida, peço-lhe que me perdoe. Estou um pouco desnortado. E receio que tenha de ir a Londres.

— Oh, Charles!

— Gostaria que não fosse preciso. Mas o novo rumo tomado pelos acontecimentos torna imprescindível que eu procure Montague imediatamente. — Montague era o solicitante, numa época em que ainda não existiam contadores, encarregado de cuidar dos negócios de Charles.

— Você não pode esperar para ir comigo? Faltam apenas dez dias.

— Eu volto para buscá-la.

— Mas por que o sr. Montague não pode vir até aqui?

— Infelizmente, é impossível. Há muitos papéis para examinar. Além do mais, o motivo não é só esse. Preciso informar seu pai sobre o que aconteceu.

Ela retirou a mão de seu braço.

— Mas que tem ele a ver com o caso?

— Meu benzinho, ele tem tudo a ver com o caso. Confiou você a meus cuidados. Uma mudança tão grave na minha situação...

— Mas você ainda tem sua própria renda!

— Bem... claro que tenho. Minha situação financeira continuará bastante boa. Mas há outras coisas. O título...

— Eu havia esquecido. Claro. É totalmente impossível que eu me case com um simples plebeu. — Olhou para ele com sarcástica e bem dosada firmeza.

— Meu benzinho, seja paciente. Essas coisas têm que ser discutidas. Você tem uma grande fortuna. É claro que nossa afeição é o que conta acima de tudo. Mas há um lado... bem, legal e contratual no casamento que...

— Tolices!

— Tina, minha querida...

— Você sabe perfeitamente que eles me deixariam casar com um hotentote, se eu quisesse.

— Não duvido. Mas mesmo os pais mais complacentes gostam de ser informados...

— Quantos cômodos tem a casa de Belgravia?

— Não faço a menor idéia. — Ele pensou um pouco, depois disse: — Vinte, creio.

— E você disse outro dia que tinha uma renda de duas mil e quinhentas libras por ano. As quais, acrescentadas a meu dote...

— O que está em jogo não é nossa situação financeira.

— Muito bem. Suponhamos que papai diga que você não pode casar-se comigo. E daí?

— Você continua fingindo que não entende o problema. Mas eu conheço meu dever. Uma pessoa nunca é escrupulosa demais em

circunstâncias assim.

Essa conversa desenrolou-se sem que tivessem coragem de olhar um para o outro. Ela deixou a cabeça tombar, numa clara e muda demonstração de discordância. Charles levantou-se e postou-se atrás dela.

— Trata-se apenas de uma formalidade. Mas essas formalidades são necessárias.

Ela mantinha os olhos baixos, obstinadamente.

— Estou farta de Lyme. Aqui vejo você muito menos do que na cidade.

Ele sorriu.

— Isso é bobagem.

— Pelo menos, é o que me parece.

Um fino traço de mau humor apareceu em sua boca. Não estava disposta a ceder. Charles parou junto à lareira e apoiou um braço no rebordo, sorrindo para ela. Mas era um sorriso sem alegria, uma máscara. Não gostava dela quando se mostrava voluntariosa. Fazia um contraste grande demais com suas roupas escolhidas com capricho, todas feitas para pôr em evidência sua absoluta incapacidade para viver fora do ambiente doméstico. Os primeiros passos para a adoção de roupas mais simples e confortáveis haviam sido tentados pela difamada Sra. Bloomer uma década e meia antes do ano em que transcorrem os fatos narrados neste livro. Essa prematura tentativa de implantar o uso de longos calções sob uma saia mais curta foi compreensivelmente derrotada pela crinolina — pequeno fato de considerável importância para nosso bom entendimento das mulheres vitorianas. Ofereceram-lhes bom senso, e elas preferiram a imbecilidade representada por uma saia com uma roda de dois metros de diâmetro, que não tem paralelo na história de uma das artes menores mais eivadas de imbecilidades.

Não obstante, no silêncio que se seguiu, Charles não meditava sobre a idiotice da moda, e sim sobre a melhor maneira de sair dali

sem grandes complicações. Para sorte sua, Tina estivera nesse meio tempo refletindo sobre sua própria atitude. Afinal de contas, ela estava agindo como se lidasse com uma criada (tia Tranter já lhe explicara por que Mary não a atendera quando ela acordara) ao opor tantas objeções a uma ausência tão curta. Além do mais, a vaidade do homem está em ser obedecido, a da mulher, em se valer da obediência para alcançar a vitória final. Chegaria o dia em que Charles iria pagar por sua crueldade. O leve sorriso que mostrou a ele indicava arrependimento.

— Você promete escrever todos os dias?

Ele aproximou-se e tocou de leve no seu rosto.

— Prometo.

— E voltará logo que puder?

— Logo que resolva o caso com Montague.

— Vou escrever para papai, com ordens rigorosas para mandá-lo de volta sem demora.

Charles aproveitou a oportunidade.

— Eu levo a carta, se escrevê-la agora. Pretendo partir dentro de uma hora.

Ela então levantou-se e estendeu-lhe as duas mãos. Queria ser beijada. Mas ele não conseguiu forçar a si próprio a beijar-lhe a boca. Assim sendo, segurou-a pelos ombros e deu-lhe dois beijos na testa. Em seguida, dispôs-se a partir. Mas, por alguma estranha razão, continuou parado ali. Ernestina olhava com ar recatado e humilde para o que tinha à sua frente — sua gravata azul-marinho com um alfinete de pérola. A razão por que Charles não conseguia ir embora não se tornou imediatamente aparente. A verdade é que duas mãos estavam firmemente enganchadas nos bolsos de seu colete. Ele sabia o preço de sua liberdade, e não pôde evitar pagar por ela. Nenhum mundo desabou, nenhum zumbido atroou em seus ouvidos, nem trevas toldaram-lhe a vista quando ele premiu seus lábios contra os dela por vários segundos. Ernestina estava vestida

encantadoramente, e uma visão — uma impressão bem mais palpável de um corpo delicado, alvo e macio — talvez tenha passado pela mente de Charles. A cabeça dela estava apoiada em seu ombro, e ela se aninhava em seu peito. Ao afagá-la e acariciá-la, enquanto murmurava algumas palavras tolas, ele ficou repentinamente embaraçado. Sentiu um frêmito familiar nas virilhas. Sempre houvera um certo humor em Ernestina, curiosos caprichos e pequenos repentinos de emoção, uma processa de secretas loucuras... um desejo de aprender coisas más, de morder um dia, timidamente mas com delícia, o fruto proibido. O que Charles sentiu inconscientemente não passou talvez dessa atração imemorial que o homem sente pelas mulheres fúteis, julgando poder fazer delas o que quiser. O que sentiu conscientemente foi uma certa degradação: ser dominado agora pelo desejo carnal, quando tocara nos lábios de outra mulher naquela manhã!

Depositou um beijo um tanto apressado no alto da fronte de Ernestina, afastou delicadamente os dedos que se agarravam a ele, beijando-os por sua vez, depois foi embora.

Ainda havia outra complicação à sua espera, pois Mary se achava parada à porta, com seu chapéu e suas luvas. Mantinha os olhos baixos, mas suas faces estavam rubras. Ele lançou um rápido olhar para a porta da sala, que fechara ao passar, enquanto calçava as luvas.

— Sam explicou os fatos ocorridos esta manhã?

— Explicou, sim, senhor.

— Você... entendeu?

— Entendi, sim, senhor.

Charles tirou de novo uma das luvas e enfiou a mão no bolso do colete. Mary não deu nenhum passo para trás, como Sam, embora baixasse ainda mais a cabeça.

— Oh, patrão, não quero isso.

Mas já segurava o dinheiro. Um instante depois, fechava a porta à saída de Charles. Com muito vagar, foi abrindo a mão — uma mão pequena e, lamento dizer, muito avermelhada — e contemplou a moedinha de ouro em sua palma. Depois, levou-a à boca e mordeu-a com seus alvos dentes, como sempre vira o pai fazer, para se certificar de que não se tratava de Iatão. Não que soubesse distinguir uma coisa da outra com uma mordida, mas o simples fato de mordê-la provava que era ouro, assim como uma simples ida ao Undercliff constituía um pecado.

Que pode saber sobre o pecado uma inocente virgem do campo? A pergunta não exige resposta. Enquanto isso, Charles pode partir para Londres, livre e desimpedido.

*"In you resides my single power.  
Of sweet continuance here." [{73}](#)*

*Hardy, "Her immortality"*

"Várias mocinhas grávidas, cuja idade varia de catorze, e até mesmo de treze, a dezessete anos, são trazidas para serem internadas na enfermaria. As mocinhas geralmente admitem que sua desgraça ocorreu (... ) quando iam ou voltavam do seu trabalho (no campo). Muitos jovens de ambos os sexos costumam caminhar nove quilômetros ou mais para ir trabalhar, seguindo aos bandos ao longo das estradas e atalhos. Eu próprio tive oportunidade de observar atos altamente indecentes cometidos por meninas e meninos de catorze a dezesseis anos. Certa ocasião vi uma mocinha sofrer abusos de cinco ou seis rapazinhos à beira da estrada. Havia várias pessoas adultas a poucos metros do local, mas nenhuma deu atenção ao caso. A moça gritava, o que me fez parar. Já vi, igualmente, rapazinhos tomando banho nos riachos, enquanto algumas mocinhas, cuja idade variava entre treze e dezenove anos, os observavam da margem."

Relatório da Comissão de Emprego de Menores  
(1867)

Com que nos defrontamos ao contemplar o século XIX? Com uma época em que a mulher era sagrada, e em que se podia comprar uma menina de treze anos por algumas libras... ou mesmo alguns xelins, se seu trabalho fosse apenas por uma ou duas horas. Uma época em que se construíram mais igrejas do que em toda a história do país; em que, em cada grupo de sessenta casas londrinas, uma era um bordel (a proporção atual é de aproximadamente uma em cada seis mil); em que a santidade do casamento (e a castidade pré-nupcial) era apregoada do alto de todos os púlpitos, em todos os editoriais e em todos os pronunciamentos públicos; em que grande número de figuras públicas, a começar pelo futuro rei, nunca levava até então uma vida privada tão escandalosa. Uma época em que o sistema penal estava sendo gradativamente humanizado; em que a flagelação era tão comum que um francês se propôs, com toda a seriedade, provar que o marquês de Sade tinha ascendência inglesa. Em que o corpo feminino nunca fora tão encoberto, e em que um escultor era julgado principalmente por sua habilidade em esculpir uma mulher nua. Em que não existia um único romance, peça teatral ou poema de grande valor literário que fosse além da sensualidade de um beijo; em que o dr. Bowdler <sup>{74}</sup> (cuja data de falecimento, 1825, nos faz lembrar que a moral vitoriana já estava em ação muito antes de ser transposto o limiar cronológico do século) era considerado pela grande maioria como um benfeitor público; e em que a difusão da pornografia alcançou níveis jamais excedidos. Uma época em que as funções excretoras nunca eram mencionadas; em que as instalações sanitárias eram tão primitivas — a privada com descarga só apareceu nos fins do século e até 1900 ainda constituía um luxo — que existiam poucas casas e poucas ruas em que as pessoas não sentissem constantemente sua presença. Em que era uma verdade universalmente aceita que as mulheres não sentiam orgasmo, e que toda prostituta aprendia a simulá-lo. Em que houve um enorme progresso e libertação em todos os outros campos da atividade humana, e nada senão tirania no que havia de mais pessoal e fundamental.

À primeira vista, a resposta parece simples: trata-se simplesmente de um caso de sublimação. Os vitorianos descarregavam sua libido nos outros campos. Era como se algum gênio da evolução, na falta do que fazer, houvesse dito a si mesmo: precisamos de progresso. Vamos, pois, levantar uma barragem e desviar esse grande canal para outro ponto — e ver o que acontece.

Ainda que aceitando em parte a teoria da sublimação, pergunto-me às vezes se isso não nos leva a supor erradamente que os vitorianos não fossem de fato altamente dotados de sexualidade. A verdade é que havia tanta sexualidade naquela época quanto em nosso século — e, embora atualmente o sexo nos seja lançado ao rosto dia e noite (como era a religião, naquela época), os vitorianos preocupavam-se mais com ele do que nós. É inegável que davam muito mais atenção ao amor e lhe dedicavam muito mais suas artes do que ocorre no nosso tempo. Da mesma forma, nem Malthus nem a falta de métodos para o controle da natalidade <sup>{75}</sup> justificam o fato de que procriavam como coelhos e reverenciavam a fertilidade com muito mais fervor do que nós. Igualmente, nosso século não se acha em posição de inferioridade no que diz respeito ao progresso e à liberalização, e no entanto dificilmente podemos atribuir esse fato a nossas grandes reservas de energia sublimada. Muitas pessoas consideram a última década do século XIX como uma reação contra várias décadas de abstinência. Acredito, entretanto, que o que ocorreu foi simplesmente a exibição pública do que até então era assunto privado, e desconfio que na realidade estamos lidando com uma constante humana. A diferença está no vocabulário e na gradação das metáforas.

Os vitorianos preferiam encarar com seriedade algo que nós tratamos levianamente, e sua maneira de expressar essa seriedade não consistia em falar abertamente sobre sexo — uma atitude exatamente contrária à nossa. Mas essas "demonstrações" de seriedade são simples convenções. O que existe por trás delas permanece constante.

Penso, também, que existe outro erro comum: associar o elevado grau de ignorância sexual ao baixo grau de prazer sexual. Não tenho dúvida de que, quando os lábios de Charles e Sarah se tocaram, muito pouca experiência amorosa foi demonstrada de parte a parte. Mas isso não me levaria a concluir que houvesse qualquer falta de excitação sexual. De qualquer forma, existe uma relação muito interessante entre o desejo e a possibilidade de satisfazê-lo. Nesse particular, novamente, podemos acreditar que estamos em muito melhor situação do que nossos bisavós. Mas o desejo está condicionado à frequência com que é despertado: nosso mundo despende uma boa parte de seu tempo incitando-nos a copular, enquanto nossa realidade, em igual tempo, tenta frustrar-nos. Seremos tão frustrados quanto os vitorianos? Talvez. Mas se podemos saborear apenas uma maçã por dia, há muito o que se dizer contra o fato de vivermos num pomar carregado dessas malditas frutas. E é bem possível que achássemos as maçãs mais doces se nos fosse permitido comer apenas uma por semana.

Assim, não podemos ter muita certeza de que os vitorianos não experimentassem um prazer sexual muito mais agudo do que nós, porque menos freqüente, e não estivessem bastante conscientes disso, razão por que se valiam da supressão, da repressão e do silêncio, a fim de aguçarem o prazer. De certa maneira, ao transferirmos para a imaginação pública; o que eles restringiam à imaginação privada, nós é que nos mostramos mais vitorianos — no sentido pejorativo do tempo —, uma vez que, ao destruímos muito do mistério, das dificuldades e da magia das coisas proibidas, destruímos também uma grande parte do prazer. Talvez, porém, isso represente para nós, muito mais que para os vitorianos, uma felicidade. Acrescente-se a tudo isso o fato de que o método usado por eles lhes fornecia enormes reservas de energia, como bonificação. Esse mistério, esse abismo entre os sexos, que tanto perturbou Charles quando Sarah tentou transpô-lo, proporcionava inegavelmente uma energia maior, e muitas vezes uma franqueza maior, que era desviada para outras atividades.

Tudo isso parece levar-nos para muito longe de Mary, embora eu me recorde agora de que ela gostava muito de maçãs. Mas a moça estava longe de ser uma inocente virgem camponesa, e isso pela razão muito simples de que esses dois adjetivos eram incompatíveis em seu século. Os motivos não são difíceis de descobrir.

A grande maioria das testemunhas e dos historiadores, todas as épocas, pertence às classes instruídas, e isso tem dado margem, através da história, a uma distorção da realidade promovida por uma minoria. O estreito puritanismo que atribuímos aos vitorianos, e que com certa levandade estendemos a todas as classes da sociedade, é na realidade um julgamento feito pela classe média sobre a moral dessa mesma classe. As personagens de Dickens, das classes operárias, são todas muito engraçadas (ou muito patéticas), formando uma incomparável série de figuras grotescas, mas se quisermos a fria realidade teremos que ir procurá-la em outros lugares (em Mayhew, nos relatórios da Comissão de Emprego de Menores e no resto) e teremos principalmente de estudar o lado sexual de suas vidas, que Dickens (cuja própria vida carecia de autenticidade) e seus contemporâneos apresentaram de maneira tão ao gosto (do dr. Bowdler. A verdade mais crua — eu preferiria dizer a mais amena, mas não importa — sobre a vida rural inglesa na época vitoriana é que as relações pré-conjugais, designadas, naqueles tempos de maior simplicidade pela expressão "provar ; antes de comprar", constituíam a regra, não a exceção. A prova disso pode ser verificada pelo depoimento de uma senhora que ainda vive nos dias de hoje. Ela nasceu em 1883 e seu pai era o médico de Thomas Hardy.

"A vida do trabalhador rural no século XIX era muito diferente do que é agora. Por exemplo, entre os camponeses de Dorset a concepção antes do casamento era considerada perfeitamente normal, e o casamento só se realizava depois de comprovada a gravidez... A razão disso estava nos baixos salários rurais e na

necessidade de obterem as famílias novos braços para o trabalho, com o conseqüente aumento de suas rendas."<sup>{76}</sup>

Coloquei-me agora à sombra — uma sombra venerável — do grande romancista cuja figura domina toda essa parte da Inglaterra sobre a qual escrevo. Quando lembramos que Hardy foi o primeiro a tentar romper o selo com que a classe média vitoriana lacrou a caixa de Pandora do sexo, não podemos deixar de refletir que uma das coisas mais interessantes a respeito do escritor (e certamente a mais paradoxal) está no fanático empenho com que defendia a inviolabilidade desse mesmo selo, no que dizia respeito à sua própria vida sexual e à de seus ancestrais mais próximos. Naturalmente isso era, e teria continuado a ser, um direito inalienável seu. Mas poucos segredos literários — e esse só veio à luz na quinta década de nosso século — foram tão bem guardados. Esse segredo — além da realidade da vida rural vitoriana, de que tentei dar uma idéia neste capítulo — é a resposta à famosa interpelação de Edmund Gosse: "Que terá a Providência Divina feito ao sr. Hardy para que se levante nas férteis terras de Wessex e sacuda o punho fechado contra seu Criador?" O que quase corresponde a perguntar por que teriam os atriadas levantado seus punhos de bronze contra o céu em Micenas.

Este não é o momento apropriado para penetrarmos a fundo nas sombras de Egdon Heath. O que sabemos de positivo é que em 1867 Hardy, então com vinte e sete anos, voltou a Dorset, depois de terminar seus estudos de arquitetura em Londres, e apaixonou-se perdidamente por sua prima Tryphena, de dezesseis anos. Ficaram noivos. Cinco anos mais tarde, o noivado foi inexplicavelmente rompido. Embora o fato não tenha ficado claramente provado, tudo parece indicar que o compromisso foi desfeito ao ser revelada a Hardy a existência de um sinistro segredo de família: Tryphena não era sua prima, e sim a filha ilegítima de uma meia irmã sua, também ilegítima. Inumeráveis poemas de Hardy deixam entrever o segredo: "Junto à cancela", "Ela não se voltou", "Sua imortalidade" <sup>{77}</sup>, e muitos outros. E ficou definitivamente provado que havia vários

casos de ilegitimidade no lado materno de sua família. O próprio Hardy nasceu "cinco meses depois da ida ao altar". São muitos a afirmar, puritanamente, que ele rompeu o noivado por questões de classe e que era um rapaz com um futuro promissor demais para se deixar prender por uma simples moça de Dorset. É bem verdade que ele se casou afinal em 1874 com alguém muito acima de sua classe: Lavinia Gifford, mulher desastrosamente destituída de sensibilidade. Mas Tryphena era uma moça excepcional. Tornou-se diretora de uma escola de Plymouth aos vinte anos, sendo aprovada em quinto lugar no curso para professoras feito numa escola de Londres. É difícil acreditar que algum terrível segredo de família não tenha realmente forçado os dois a se separarem. É claro que foi um segredo de certo modo abençoado, pois nunca houve um gênio inglês mais dedicado a uma musa — a uma única musa —, e que devesse mais a ela. Seu segredo nos brindou com suas mais belas elegias de amor. Deu-nos Sue Bridehead e Tess, que são a pura Tryphena em espírito. E o próprio Judas, o Obscuro é dedicado tacitamente a ela, em prefácio do próprio Hardy: "O enredo foi planejado em 1890... sendo que algumas situações foram inspiradas na morte de uma mulher" ... Tryphena, na época casada com outro, havia morrido naquele ano.

Essa tensão, pois — entre a luxúria e a renúncia, entre a eterna lembrança e a eterna repressão, entre a capitulação lírica e o trágico dever, entre os sórdidos fatos e seu nobre uso —, dinamiza e ilumina um dos maiores escritores dessa época, e através dele toda a sua estrutura. Foi para mostrar isso ao leitor que fiz essa digressão.

E agora voltemos a nosso próprio rebanho. O leitor há de ter adivinhado agora por que Sam e Mary se achavam a caminho do celeiro. E — como aquela não era a primeira vez — irá compreender também a razão das lágrimas de Mary... e verificar que ela sabia um pouco mais a respeito do pecado do que poderíamos suspeitar à primeira vista ao contemplarmos seu rostinho de dezenove anos — ou do que teríamos imaginado se passássemos por Dorchester mais tarde, naquele mesmo ano e no mundo real, e víssemos o rosto, inescrutável agora para toda a eternidade, de uma jovem mais culta,

embora três anos mais nova, parada diante do jovem e pálido arquiteto de volta de seus cinco tediosos anos de estudo na capital, e que irá tornar-se ("Até que as chamas tenham devorado os seios, a boca e os cabelos da amada") o perfeito símbolo do maior mistério de sua era.

*"But on her forehead sits a fire:  
She sets her forward countenance  
And leaps into the future chance,  
Submitting all things to desire." [{78}](#)*

*Tennyson, In memoriam (1850)*

Há cem anos, Exeter ficava muito mais isolada da capital do que hoje, e por conseguinte ainda fornecia a seus habitantes alguns dos condenáveis prazeres em busca dos quais todos os ingleses afluem hoje a Londres. Seria exagero dizer que a cidade possuía zona de meretrício em 1867. O que possuía, na realidade, era uma zona de caráter declaradamente duvidoso, bastante afastada do centro e da antisséptica presença da catedral. Ficava situada numa parte que vai em declive até o rio, considerada outrora (em época muito anterior a 1867) o coração da cidade, quando havia ali um porto importante. Consistia num emaranhado de ruas onde ainda se viam muitas casas em estilo Tudor, mal-iluminadas, malcheirosas e fervilhantes de gente. Ali havia bordéis, salões de dança e bares. Mas o que mais se via eram mulheres perdidas e de vida irregular, e mães solteiras. Formavam um bando imenso, que ali se refugiara para escapar às confinadas aldeias e cidadezinhas de Devon. Era, em suma, um esconderijo ideal, um lugar atulhado de pensões baratas e de hospedadas de quinta classe — como aquela em que se alojara Sarah em Weymouth —, um refúgio seguro para escapar à severa onda de moralidade que varria todo o país. Exeter, nesse particular, não era exceção à regra. Todas as cidades provincianas da

época eram forçadas a acolher esse infeliz exército de mulheres feridas na batalha contra o generalizado ideal masculino de pureza.

Numa rua situada na periferia dessa zona, erguia-se uma fileira de casas em estilo georgiano, construídas acima do nível da rua. Não havia dúvida de que, quando foram feitas, possuíam uma agradável vista para o rio. Mas vários armazéns haviam sido construídos do outro lado da rua, bloqueando o panorama. As casas haviam visivelmente perdido a confiança em sua própria elegância. Seu madeirame carecia de pintura, faltavam telhas nos telhados, as portas estavam rachadas. Uma ou outra ainda servia de residência particular, mas havia um bloco central composto de cinco casas — tornadas melancolicamente uniformes pela aplicação de uma profana camada de tinta marrom sobre os tijolos originais — que especificava, por meio de uma comprida tabuleta que ocupava toda a largura das cinco casas, ser ali um hotel — o Hotel Familiar de Endicott, para ser exato. Sua proprietária e administradora (segundo informava ainda a tabuleta aos passantes) era a Sra. Martha Endicott, cuja principal característica consistia, podemos afirmar, numa sublime falta de curiosidade no que dizia respeito à sua clientela. Era uma típica mulher de Devon, dos pés à cabeça — isto é, não enxergava os hóspedes e sim o dinheiro que sua estada no hotel representava. E classificava de acordo com o que pagavam por semana os hóspedes que a procuravam em seu pequeno escritório pegado ao salão: classe dos dez xelins, dos doze, dos quinze, e assim por diante. Os que estão hoje habituados a se verem com quinze xelins a menos cada vez que tocam a campainha para chamar um criado, num quarto de hotel moderno, não devem imaginar que o hotel da Sra. Endicott fosse barato. O aluguel normal de um chalé naqueles tempos era de um xelim por semana, no máximo dois. Havia muitas casas pequenas mas confortáveis em Exeter que podiam ser alugadas por seis ou sete xelins. E dez xelins por semana pelo quarto mais barato tornavam o Hotel Familiar — ainda que sem outra justificativa senão a cobiça da proprietária — uma hospedaria de certa classe.

Um crepúsculo cinzento envolve a cidade, e a noite está próxima. Já dois lampiões de gás foram acesos na calçada oposta pelo acendedor, com sua comprida vara, e iluminam as paredes de tijolo do armazém. Há vários quartos iluminados no hotel, com uma luz mais forte no andar térreo e mais mortiça no de cima, já que em muitas casas dessa época as manilhas de gás eram consideradas dispendiosas demais para serem levadas até o andar superior, e por isso eram ainda usados os lampiões a óleo. Através de uma janela do rés-do-chão, ao lado da porta principal, a própria Sra. Endicott pode ser vista sentada a uma mesa junto a um braseiro e debruçada sobre sua bíblia — isto é, seu livro de contabilidade. Se passarmos dessa janela até outra no segundo andar, na extremidade oposta da casa que está escura e cujas cortinas vermelhas ainda estão descerradas, veremos um bom exemplo de um quarto da classe dos doze xelins, embora não de um hóspede.

Na realidade, são dois quartos — uma saleta pequena e um quarto ainda menor, obtidos com a divisão em duas partes de um quarto de tamanho decente da antiga casa georgiana. As paredes estão forradas com um papel de padronagem indeterminada, onde se vêem minúsculas flores marrom-escuras. Há um tapete puído, uma mesa redonda de três pés e coberta com um pano verde-escuro, em cuja barra alguma bordadeira neófita andou fazendo uma frustrada tentativa para bordar qualquer coisa; duas cadeiras cambaias, de madeira exageradamente trabalhada e forradas com um triste veludo castanho; e uma cômoda de mogno escuro. Na parede, uma gravura já mofada de Charles Wesley e uma péssima aquarela da Catedral de Exeter — recebida relutantemente alguns anos antes de uma dama em precária situação financeira, como parte do pagamento da hospedagem.

Afora uns poucos utensílios domésticos amontoados junto à grade protetora do fogo — que não passava agora de um punhada de dormentes vermelhos —, era este o inventário da saleta. Um único detalhe se salvava: o mármore branco que circundava a lareira, em puro estilo georgiano e ornado em cima com graciosas ninfas segurando cornucópias transbordantes de flores. É possível

que as ninfas sempre apresentassem aquele ar de surpresa em seus rostos clássicos. De qualquer forma, era evidente que o tinham agora, ao contemplarem as terríveis mudanças que apenas uma centena de anos conseguira fazer na cultura de uma nação. Tinham nascido num agradável quarto forrado com lambris de pinho, e agora viam-se numa esquálida pocilga.

É quase certo que teriam soltado um suspiro de alívio — se isso lhes fosse possível — quando a porta se abriu e a ocupante do quarto, até então ausente, surgiu à soleira, recortada contra a luz do corredor. Aquele casaco de talhe estranho, aquele chapéu preto, aquele vestido azul com sua golinha branca... Mas Sarah entrou rapidamente, quase com animação.

Não chegara naquele momento ao Hotel Familiar. Fora parar ali — vários dias antes — de modo bastante simples. O nome do hotel era motivo de piadas entre as alunas da academia onde ela estudara em Exeter. O adjetivo "familiar" fora tomado por elas no sentido de "pertencente a uma única família", e as moças pilheriavam, imaginando serem os Endicotts tão numerosos a ponto de precisarem de um hotel inteiro para alojar a família.

Sarah achou-se de repente no ponto final da diligência de Dorchester. Sua mala estava à espera, pois chegara no dia anterior. Um carregador perguntou-lhe aonde queria ir. Ela teve um momento de pânico. Nenhum nome lhe veio de momento à cabeça, e então recordou-se vagamente do hotel que servira de pílheria na escola. Alguma coisa na fisionomia do carregador, quando soube de seu destino, devia ter indicado a ela que não tinha escolhido uma das hospedarias de melhor fama em Exeter. Contudo, jogou sua mala às costas, e ela o acompanhou através da cidade até o bairro que já mencionei. A aparência do lugar não causou boa impressão a ela. Na sua lembrança (só havia visto o hotel uma vez) tinha um ar mais familiar, mais decente, mais acolhedor... Mas os pobres não podem ser exigentes. Sentiu-se aliviada quando verificou que o fato de estar desacompanhada não provocava comentários. Pagou uma semana adiantado, o que constituía suficiente recomendação. Fora sua

intenção alugar o quarto mais barato, mas quando soube que por dez xelins tinha direito apenas a um quarto, ao passo que por mais meia coroa poderia dispor também de uma saleta, mudou de idéia.

Entrou rapidamente no quarto e fechou a porta. Riscou um fósforo e chegou-o ao pavio do lampião, cuja manga de vidro leitoso, quando a recolocou no lugar, afugentou suavemente as sombras da noite. Em seguida, arrancou o chapéu e sacudiu os cabelos à sua maneira característica, fazendo com que se soltassem. Depositou a sacola de lona sobre a mesa, aparentemente ansiosa demais por arrumar suas coisas para preocupar-se em tirar o casaco. Com vagar e cuidado, foi retirando dela os pacotes, um a um, e depositando-os sobre o pano verde. Em seguida, pôs a sacola no chão e começou a desfazer os embrulhos de suas compras.

O primeiro pacote que abriu foi de um bule de chá de Staffordshire, com uma graciosa gravura colorida — um chalé à beira de um regato e um casal de namorados (examinou atentamente o par). Em seguida, desembulhou um jarro tipo Toby. <sup>{79}</sup> Não se tratava, porém, de um desses monstregos espalhafatosamente coloridos, de fabricação vitoriana, e sim de uma delicada peça verde-malva e amarelo-clara — as joviais feições do velho encantadoramente recobertas por uma camada de esmalte de um suave tom azul (os peritos em cerâmica talvez reconhecessem nele um Ralph Wood). Essas duas aquisições tinham custado a Sarah nove pence numa loja de porcelana antiga. O jarro estava rachado, e com o correr dos tempos iria sofrer novas rachaduras, como posso testemunhar, já que eu próprio o adquiri há uns dois anos atrás, por um preço bastante mais elevado do que o pago por Sarah. O que me atraiu foi o que havia nele de Ralph Wood, ao contrário do que ocorreu com ela, que se deixou seduzir pelo risonho rosto do velho.

Sarah possuía um certo senso estético, embora nunca o tenhamos visto em ação. Ou talvez se tratasse de uma qualidade emocional — uma reação contra o desolador ambiente em que se encontrava. Não tinha a menor idéia quanto à idade do seu pequeno Toby, mas sentia uma vaga impressão de que já fora muito usado,

passara por várias mãos... e agora era seu. Agora era seu... Colocou-o sobre a platibanda da lareira e, sem ter ainda tirado o casaco, pôs-se a contemplá-lo com infantil intensidade, como se não quisesse perder nem uma partícula daquele momento, em que sentia pela primeira vez o sabor de possuir alguma coisa.

Seu devaneio foi interrompido pelo som de passos no corredor. Ela lançou um olhar rápido e nervoso para a porta. Os passos se aproximaram e se afastaram. Ela tirou então o casaco e aticou o fogo, pendurando num gancho, acima das chamas, uma chaleira enegrecida. Depois voltou a ocupar-se de suas compras: um amassado pacotinho de chá, outro de açúcar, e uma pequena leiteira de metal, que ela colocou ao lado do bule. Apanhou então os três embrulhos restantes e foi para o quarto: uma cama, um lavatório de mármore, um espelho pequeno, um melancólico farrapo de tapete — e mais nada.

Sarah, porém, só tinha olhos para seus pacotes. O primeiro continha uma camisola, que ela nem mesmo colocou junto ao corpo para ver o efeito que causava. Largou-a sobre a cama e abriu o outro embrulho. Era um xale de lã verde-escuro com uma franja de seda cor de esmeralda. Esse ela conservou nas mãos por uns momentos, numa espécie de transe — sem dúvida deslumbrada com seu valor, pois custara muito mais do que todo o resto das compras. Por fim, levou-o ao rosto pensativamente, apoiando a face na lã macia, enquanto contemplava a camisola. E então, num gesto verdadeiramente feminino — o primeiro que se permitiu fazer até então —, puxou para a frente uma de suas trancas cor de bronze e encostou-a no xale verde, apreciando o contraste. Passados alguns instantes, desdobrou inteiramente o xale, que tinha mais de um metro de largura, e enrolou-o à volta dos ombros. Nova contemplação, dessa vez diante do espelho. Finalmente, voltou para junto da cama e ajeitou o xale à volta dos ombros da camisola ali estendida.

Abriu o terceiro pacote — o menor —, mas tratava-se apenas de um rolo de ataduras, que ela levou para a saleta, não sem antes

parar e olhar por cima do ombro para o arranjo verde e branco sobre a cama, e que, em seguida, guardou numa das gavetas da cômoda de mogno no momento exato em que a chaleira começava a chiar.

A bolsa que Charles lhe dera continha dez soberanos, e isso foi o bastante — pouco importa que outras implicações possa haver — para modificar a perspectiva de Sarah com relação ao mundo externo. Todas as noites, desde que recebera o dinheiro, contava suas dez moedas de ouro. Não como faria um avaro, mas como alguém que assiste a um filme várias vezes, arrastado pela irresistível atração de sua história, de certas imagens...

Por vários dias, depois que chegou a Exeter, ela nada gastou — apenas o mínimo necessário para seu sustento, e ainda assim tirado de suas míseras economias. Mas parava diante das lojas e olhava para os vestidos, as cadeiras, as mesas, os comestíveis, os vinhos, e tudo o mais que sempre lhe parecera hostil — como aquela gente que a provocava e zombava dela, os hipócritas cidadãos de Lyme, que evitavam olhá-la quando passava e depois riam às suas costas. Por isso levava tanto tempo a comprar um bule de chá. Uma chaleira podia resolver o problema, e sua pobreza acostumara-a a não possuir nada e tirara-lhe de tal forma o gosto pelas compras que, como um marinheiro capaz de subsistir apenas com um biscoito por dia, ela não conseguia comer tudo o que poderia pedir, se quisesse. O que não significa que se sentisse infeliz. Longe disso. Simplesmente estava desfrutando as primeiras férias de sua vida adulta.

Preparou o chá. Minúsculas labaredas douradas se refletiam no bule em cima da lareira. Ela parecia à espera de alguma coisa ali na saleta, ao clarão suave do fogo crepitante e em meio às sombras que dançavam pelas paredes. Talvez o leitor imagine, ao vê-la tão resignada e aparentemente satisfeita com sua sorte, que ela tivesse tido alguma notícia de Charles. Mas não tivera. E sinto-me pouco inclinado a procurar saber o que se passava em sua mente enquanto contemplava o fogo, tal como me senti naquela outra ocasião,

quando seus olhos estavam inundados de lágrimas numa silenciosa noite na Mansão Marlborough. Após alguns instantes, ela se levantou e foi até a cômoda, tirando da gaveta uma colher de chá e uma xícara sem pires. Sentando-se depois à mesa, serviu-se do chá e abriu o pacotinho que sobrara. Era uma pequena torta de carne. Começou logo a comer, e sem nenhuma delicadeza, diga-se de passagem.

*"A respeitabilidade estendeu seu pesado manto sobre todo o país (... ) e sairá vitorioso quem souber adorar essa grande deusa com total devoção."*

*Leslie Stephen, Crônicas de Cambridge (186?)*

*"A burguesia (... ) leva todas as nações, sob pena de extinção, a adotar o sistema burguês de produção; leva-as a introduzir em seu meio o que ela chama de 'civilização' — isto é, força-as a que se tornem burguesas elas próprias. Numa palavra, cria um mundo à sua própria imagem."*

*Marx, Manifesto comunista (1848)*

A segunda e formal entrevista de Charles com o pai de Ernestina foi bastante menos agradável do que a primeira, embora nenhuma culpa tenha cabido ao sr. Freeman. A despeito de seus íntimos conceitos sobre os nobres — de que não passavam de um bando de parasitas —, ele, nos aspectos mais públicos de sua vida, era um esnobe. Punha tanto empenho em parecer um cavalheiro, externamente, quanto no bom andamento de seus florescentes negócios. Tinha plena convicção de que se mostrava um perfeito cavalheiro, e talvez justamente essa obstinada determinação nos faça supor a existência de uma pequena dúvida íntima.

Aqueles novos elementos, recrutados para as fileiras da classe média mais próspera, achavam-se numa incômoda posição. Embora

se sentissem socialmente como recrutas, sabiam muito bem que representavam uma poderosa força no mundo do comércio. Alguns escolhiam outra forma de se adaptarem ao meio e procuravam muito compreensivelmente dedicar-se (como o sr. Jorrocks) às ocupações dos nobres e adquirir as propriedades e maneiras de um verdadeiro fidalgo rural. Outros — como o sr. Freeman — tentavam dar uma nova definição ao termo. Ele possuía uma mansão recém-construída nos bosques de Surrey, mas sua mulher e sua filha freqüentavam muito mais a casa de campo do que ele. Era à sua maneira um precursor do próspero homem de negócios moderno, que mora nos subúrbios e trabalha na cidade, com a diferença de que só passava lá os fins de semana, e muito raramente, a não ser no verão. Enquanto seu correspondente moderno mora no campo para poder dedicar-se ao golfe, ao cultivo de rosas, à bebida ou ao adultério, o sr. Freeman fazia-o por uma questão de dever.

De fato, Lucro e Dever (nessa ordem) poderiam ser seu lema. Havia prosperado durante a grande transformação econômico-social ocorrida entre 1850 e 1870 — que modificara as transações da fábrica à loja, do produtor ao consumidor. O primeiro grande incremento do consumo trouxe agradáveis resultados para seu livro de contabilidade. Em compensação — e também para imitar uma geração anterior de comerciantes puritanos, que igualmente haviam preferido a caça ao pecado à caça à raposa —, ele se tornara excessivamente severo e cristão em sua vida privada. Assim como alguns capitães de indústria de nosso tempo se dedicam a colecionar quadros e objetos de arte, encobrindo um excelente investimento sob uma delicada pátina de filantropia, o sr. Freeman contribuía generosamente para a Sociedade Difusora dos Ensinamentos Cristãos, e outras associações militantes de caridade. Seus operários, graduados ou não, estavam pessimamente alojados e eram explorados de maneira atroz segundo os padrões atuais, mas pelos padrões de 1867 o estabelecimento de Freeman era excepcionalmente avançado, um modelo no gênero. Quando fosse para o céu, deixaria na terra um operariado feliz, e lucro para seus herdeiros.

Era um grave homem de chefia, com penetrantes olhos cinzentos, cuja astúcia fazia com que aqueles sobre quem se fixavam se sentissem de certa maneira como um artigo inferior produzido pelas fábricas de Manchester. Contudo, ouviu a notícia dada por Charles sem o menor sinal de emoção, embora assentisse gravemente com a cabeça quando ele terminou. Houve um silêncio. A entrevista foi realizada no escritório do sr. Freeman, em sua casa em Hyde Park. A casa não deixava transparecer qualquer indício de sua profissão. As paredes estavam devidamente forradas de livros de erudita aparência. Havia um busto de Marco Aurélio (ou seria de lorde Palmerston no banho?) e duas grandes e imprecisas gravuras, das quais não se podia dizer se representavam batalhas ou festas de rua, embora conseguissem dar a impressão de uma primitiva humanidade ainda em formação, muito distante daquele ambiente requintado.

O sr. Freeman pigarreou e ficou olhando para o forro de marroquim e as douraduras de sua escrivaninha. Parecia a ponto de se pronunciar sobre o caso, mas mudou de idéia, comentando apenas:

— Isso é surpreendente. Muito surpreendente.

Seguiu-se novo silêncio, durante o qual Charles sentiu-se ao mesmo tempo irritado e divertido. Já sabia que iria ter de agüentar a pose do "papai solene". Como, porém, ele próprio criara a situação, só lhe restava, no silêncio que se seguiu, aceitar — e engolir — aquela resposta pouco satisfatória. A reação íntima do sr. Freeman fora, na realidade, a de um homem de negócios, mais que a de um cavalheiro, pois lhe passara imediatamente pela cabeça que Charles fora ali pedir-lhe para aumentar o dote de sua filha. Achava-se em condições de fazer isso com facilidade, mas uma terrível possibilidade lhe havia ocorrido simultaneamente — a de que Charles, desde o princípio, soubesse existir a probabilidade de que seu tio viesse a casar-se um dia. Uma coisa que ele detestava era ser embrulhado numa importante transação — e aquela, afinal, era

uma transação que dizia respeito ao objeto que mais amava na vida. Charles rompeu o silêncio finalmente.

— Creio não ser preciso dizer que essa decisão de meu tio causou também a mim enorme surpresa.

— Claro, claro.

— Mas achei que era meu dever informá-lo de tudo imediatamente, e em pessoa.

— Muito correto de sua parte. E Ernestina... ela já sabe?

— Foi a primeira a quem falei. Naturalmente, está influenciada pela afeição com a qual tenho a honra de contar em sua pessoa. — Charles hesitou, depois enfiou a mão no bolso. — Trouxe uma carta dela para o senhor. — Levantou-se e depositou-a sobre a escrivaninha, e o sr. Freeman ficou a contemplá-la com seus astutos olhos cinzentos, evidentemente pensando em outras coisas.

— Você ainda conta com uma renda razoável, creio.

— Não posso dizer que tenha sido deixado na miséria.

— Acrescente-se a isso a possibilidade de que seu tio não seja afortunado o bastante para ter um herdeiro.

— Exatamente.

— E a certeza de que Ernestina não deixará de levar um dote conveniente quando se casar.

— O senhor mostrou-se muito generoso.

— E um dia serei chamado para o repouso eterno.

— Meu caro senhor, eu...

O cavalheiro vencera. O sr. Freeman levantou-se.

— Entre nós dois essas coisas podem ser ditas. Vou ser franco com você, meu caro Charles. Minha principal preocupação é a felicidade de minha filha. Mas não preciso chamar-lhe a atenção para o valor que ela representa, em termos financeiros. Quando me pediu sua mão, não figurava entre as coisas menos importantes que

o recomendavam a meus olhos a certeza de que a aliança era equilibrada, não só no que se referia à classe como à fortuna de ambos. Você acaba de me garantir que a mudança em sua situação lhe caiu tão inesperadamente à cabeça como um raio. Ninguém que conheça sua integridade moral poderá jamais atribuir-lhe motivos ignóbeis. Isso é o que me interessa acima de tudo.

— E principalmente a mim, sr. Freeman.

Novo silêncio se seguiu. Ambos sabiam o que aquelas palavras significavam: que maliciosos comentários iriam envolver seu casamento. Diriam que Charles já sabia que iria perder a herança quando pedira a mão da moça. E Ernestina seria alvo de zombarias por ter perdido um título que poderia facilmente ter comprado em outra parte.

— É melhor que eu leia a carta. Com licença...

Ele apanhou sua espátula de ouro maciço e abriu o envelope. Charles foi para a janela e ficou contemplando as árvores de Hyde Park. Ao longe, do outro lado da fileira de carruagens estacionadas na Bayswater Road, viu uma moça — uma caixeira ou criada, a julgar pela aparência — sentada num banco junto ao gradil do parque, parecendo esperar alguém. E nesse mesmo instante viu surgir um soldado de dólmã vermelho. Ele cumprimentou a moça e ela se voltou. A distância era grande para que pudesse ver seu rosto, mas a animação com que ela se virou deixava bem claro que se tratava de dois namorados. O soldado segurou-lhe a mão e apertou-a por um momento de encontro ao peito. Falaram qualquer coisa, depois a moça enfiou a mão sob o braço do rapaz e os dois começaram a andar vagorosamente em direção à Oxford Street. Charles ficou absorvido na contemplação daquela pequena cena, e se assustou quando o sr. Freeman parou junto dele, com a carta na mão. Estava sorrindo.

— Talvez eu deva ler o pós-escrito. — Ajustou sobre o nariz os óculos de aro de prata. — "Se o senhor der ouvidos às tolices de Charles, por um momento que seja, farei com que ele fuja comigo

para Paris." — Lançou um olhar seco a Charles. — Parece que não temos alternativa.

Charles sorriu levemente.

— Mas, se o senhor desejar um pouco mais de tempo para refletir...

O sr. Freeman colocou a mão sobre o ombro do escrupuloso sujeito.

— Direi a ela que o seu noivo se mostra muito mais admirável na adversidade do que nas horas felizes. E acho que, quanto mais cedo você voltar para Lyme, melhor.

— O senhor está sendo muito bondoso.

— Ao fazer minha filha feliz, você está sendo ainda mais bondoso para comigo. A carta dela não foi toda escrita em termos tão levianos. — Segurou o braço de Charles e levou-o de volta ao centro da sala. — Meu caro Charles... — essa frase dava ao sr. Freeman um certo prazer — não creio que a necessidade de controlar um pouco as despesas nos primeiros tempos do casamento seja totalmente desaconselhável. Mas se as circunstâncias... Bem, você sabe o que quero dizer.

— É muita bondade...

— Não há necessidade de acrescentar mais nada.

O sr. Freeman tirou do bolso o chaveiro, abriu uma gaveta da escrivaninha e guardou ali a carta da filha, como se se tratasse de um precioso documento de Estado. Ou quem sabe tivesse um melhor conhecimento sobre os criados do que a maioria dos patrões vitorianos. Depois de trancar de novo a gaveta, levantou os olhos para Charles, que nesse momento teve a desagradável impressão de se ter tornado ele próprio um empregado seu — graduado, sem dúvida, mas de qualquer forma alguém que se achava sob as ordens daquele gigante da indústria. O pior ainda estava para acontecer. Talvez, no final de contas, a generosidade do sr. Freeman não se devesse apenas a seu senso de cavalheirismo.

— Peço licença agora, já que o momento é propício, para lhe abrir meu coração sobre um assunto que diz respeito a você e a Ernestina.

Charles assentiu cortesmente, mas o sr. Freeman pareceu por um momento não encontrar as palavras adequadas. Recolocou com exagerada diligência a espátula em seu devido lugar, depois foi até a janela, onde os dois tinham estado poucos momentos antes. Então, virou-se para o rapaz.

— Meu caro Charles, considero-me um homem afortunado sob todos os aspectos, com exceção de um. — Suas palavras eram dirigidas ao tapete. — Não tenho filhos homens. — Parou de novo e lançou ao futuro genro um olhar penetrante. — Compreendo que o comércio deva parecer detestável a você. Não é uma ocupação digna de um cavalheiro.

— Isso é pura conversa, sr. Freeman. O senhor mesmo é uma prova cabal disso.

— Está falando seriamente? Ou o que está dizendo não passa também de conversa fiada?

Os olhos cinza-azó encararam-no de repente com firmeza. Charles ficou confuso por um momento. Fez um gesto largo com as mãos. — Vejo o que todo homem inteligente vê... a grande utilidade do comércio, o lugar importante que ocupa em nosso país...

— Ah, compreendo. Isso é o que diz todo político. Precisam falar assim, pois a prosperidade do país depende do comércio. Mas que pensaria você se dissessem que estava metido no... mundo dos negócios?

— Essa possibilidade nunca surgiu.

— Mas, e se surgisse?

— O senhor está querendo dizer que... eu...

Finalmente percebera aonde o sogro queria chegar, e, ao ver sua expressão chocada, o comerciante recuou imediatamente, cedendo lugar ao cavalheiro.

— É claro que não estou pretendendo que se ocupe com os miúdos problemas cotidianos de minha empresa. Essa é uma função que cabe aos gerentes, aos secretários e ao resto. Mas meus negócios estão prosperando, Charles. No próximo ano vamos instalar empórios em Bristol e Birmingham. E isso é apenas o começo. Não posso oferecer-lhe um império geográfico ou político, mas estou convencido de que chegará o momento em que Ernestina e você terão um império de outro gênero nas mãos. — O sr. Freeman começou a andar de um lado para outro. — Enquanto tudo parecia indicar que suas futuras obrigações estavam na administração da propriedade de seu tio, eu me mantive calado. Mas você tem energia, cultura, uma grande capacidade...

— Mas minha ignorância a respeito do que o senhor está sugerindo tão generosamente é, creio... quase total.

O sr. Freeman afastou com um gesto sua objeção.

— A probidade, a capacidade de inspirar respeito, de julgar as pessoas com perspicácia... tudo isso tem muito maior importância no caso. E não creio que lhe faltem essas qualidades.

— Acho que não estou compreendendo muito bem o que está querendo sugerir.

— Não estou querendo sugerir nada de imediato. De qualquer forma, nos próximos dois anos você tem seu casamento com que se preocupar. Não há de querer que outros assuntos e interesses externos interfiram por enquanto em sua vida. Mas chegará o momento em que talvez lhe agrade... enfronhar-se um pouco mais nos negócios que vocês dois herdarão um dia. Nada poderia causar a mim... e à minha mulher, devo acrescentar... maior prazer do que estimular esse interesse.

— A última coisa que eu desejaria demonstrar é ingratidão, mas... quero dizer, tudo isso parece tão em desacordo com minhas tendências naturais, com as poucas qualidades que possuo...

— O que estou sugerindo é apenas uma sociedade. Em termos práticos, não passará, no princípio, de uma visita ocasional ao

escritório, de uma supervisão geral de tudo o que está sendo feito. Acho que ficaria surpreso se conhecesse o tipo de homens que estou empregando agora nos cargos de maior responsabilidade. Ninguém poderá sentir-se envergonhado de travar relações com eles.

— Garanto-lhe que minha hesitação não está ligada a nenhuma questão de classe social.

— Então só pode ser causada por sua modéstia. E nesse particular, meu rapaz, você subestima suas qualidades. Há de chegar o dia que já mencionei... em que não estarei mais aqui. É claro que você poderá desfazer-se de tudo aquilo que levei a vida inteira para construir. Poderá também encontrar bons administradores, que cuidem de tudo para você. Mas sei do que estou falando. Uma empresa, para ter sucesso, precisa de um proprietário ativo tanto quanto um exército precisa de um general. Ainda que os soldados fossem os melhores do mundo, isso de nada valeria, se não houvesse um general para comandá-los.

Charles sentiu-se, ao primeiro impacto dessa atraente comparação, como Jesus de Nazaré ao ser tentado por Satanás. Ele também tivera seus dias no deserto, o que tornava mais tentadora a proposta. Mas era um fidalgo, e os fidalgos não podem dedicar-se ao comércio. Procurou uma maneira de explicar isso, e falhou. Numa discussão de negócios, a indecisão é sinal de fraqueza. O sr. Freeman agarrou sua oportunidade.

— Você nunca conseguirá convencer-me de que nós todos descendemos dos macacos. Acho profana a idéia. Mas pensei muito em algumas coisas que disse durante nosso pequeno desentendimento. Gostaria que me repetisse o que falou... Era a respeito de... da teoria da evolução... Que uma espécie precisa mudar...

— Se quiser sobreviver. É necessário que se adapte às mudanças havidas em seu meio ambiente.

— Exatamente. Agora acredito nisso. Sou vinte anos mais velho do que você. Além do mais, passei toda a minha vida num meio em que, se não nos modificamos — e com inteligência — a fim de acompanhar as tendências do momento, não conseguimos sobreviver. Vamos à falência. Os tempos estão mudando, você sabe. Estamos numa era de grande progresso. E o progresso é como um cavalo fogoso. Ou nós o guiamos, ou ele nos guia. Deus me guarde de pensar que as ocupações de um fidalgo não sejam suficientemente importantes na vida. Ou que nunca possam sê-lo. Mas esta é uma era de realizações, Charles, de grandes realizações. Você há de retrucar que essas coisas não lhe dizem respeito, que estão abaixo de seu nível. Mas pergunte a você mesmo se não deviam interessar-lhe. É tudo o que lhe peço. Reflita sobre isso. Não há necessidade de uma decisão imediata, nenhuma necessidade, de fato. — Fez uma pausa. — Mas espero que não rejeite a idéia sem pensar um pouco.

Na verdade, Charles sentia-se nesse momento como um artigo de fabricação inferior, uma vítima da evolução em todos os sentidos. Suas velhas dúvidas sobre a futilidade de sua existência foram facilmente reavivadas. Adivinhava agora o que o sr. Freeman pensava realmente dele: que era um vagabundo. E também o que lhe propunha: que fizesse jus ao dote de sua filha. Gostaria de poder mostrar uma frieza discreta, mas havia por trás da insistência um certo calor na voz do sr. Freeman, uma sugestão de intimidade. Charles se sentia como se tivesse viajado toda a sua vida através de aprazíveis colinas e agora tivesse diante dos olhos uma vasta planície de tédio, e, ao contrário de outro peregrino, mais famoso, divisava apenas o Dever e a Humilhação lá embaixo, não a Felicidade ou o Progresso.

Com algum esforço, encarou de frente aqueles olhos financistas, expectantes e perscrutadores.

— Confesso que me sinto um tanto aturdido.

— Só lhe peço que reflita um pouco sobre o assunto, nada mais.

— Claro. Não há dúvida. Prometo refletir seriamente sobre isso.  
O sr. Freeman foi até a porta e abriu-a. Sorriu para Charles.

— Receio que ainda tenha que passar por uma provação. A Sra. Freeman está à nossa espera, ardendo por saber todos os mexericos de Lyme.

Momentos depois, os dois homens seguiam por um amplo corredor, desembocando no patamar da escada que dava acesso ao salão. Quase tudo ali estava de acordo com o bom gosto contemporâneo. E, no entanto, enquanto desciam os degraus em curva na direção do lacaio postado embaixo, Charles sentiu-se vagamente humilhado... um leão enjaulado. Assaltou-lhe, de maneira aguda e inesperada, uma pungente nostalgia de Winsyatt, com seus "horrendos" quadros e móveis, sua tradição, sua segurança, seu savoir-vivre. A abstrata idéia da evolução era sedutora, mas sua execução lhe parecia tão cheia de vulgaridade e ostentação quanto as colunas coríntias recém-douradas que ladeavam a entrada do salão, em cujo limiar ele e seu carrasco pararam por um momento — "O sr. Charles Smithson, minha senhora" —, antes de entrar.

*Sooner or later I too may passively take the print  
Of the golden age — why not? I have neither  
hope nor trust;  
May make my heart as a millstone, set my face  
as a flint,  
Cheat and be cheated, and die: who knows?  
we are ashes and dust." [80](#)*

*Tennyson, "Maud"*

Quando Charles se viu afinal nos largos degraus externos, da casa dos Freemans, já caíra o crepúsculo, os lampiões estavam acesos e fazia frio. Uma ligeira névoa pairava no ar, impregnada dos cheiros das folhagens do parque no outro lado da rua e da velha e familiar fuligem. Charles aspirou fundamentalmente aquele cheiro acre e essencialmente londrino, e resolveu seguir a pé. A carruagem que haviam chamado para ele foi dispensada.

Andou sem destino certo, para os lados de seu clube em St. James. Primeiramente, seguiu ao longo do sólido gradil de Hyde Park, que seria derrubado pelo populacho (diante dos olhos horrorizados de seu recente interlocutor) apenas três semanas mais tarde, o que iria precipitar a aprovação da grande Lei da Reforma. Entrou em seguida na Park Lane, mas o grande movimento ali o desgostou. Os engarrafamentos de tráfego, em meados da época vitoriana, eram tão freqüentes quanto agora — e muito mais barulhentos, uma vez que todas as carruagens tinham rodas de ferro, que rangiam nas lajes de granito. Em vista disso, ele tomou

por uma rua que julgou fosse encurtar seu caminho, e mergulhou no coração de Mayfair. A névoa se adensara, não a ponto de impedir a visibilidade, mas o bastante para dar a tudo o que o rodeava uma vaga aparência de sonho — como se ele fosse um visitante de outro mundo, um Cândido <sup>{81}</sup> que só conseguisse entender explicações óbvias, um homem subitamente desprovido de seu senso de ironia.

Ao se ver destituído de uma parte fundamental de sua psique, era como se estivesse nu, e isso talvez descreva melhor o que Charles sentia. Não sabia realmente o que o levava a procurar o pai de Ernestina. O assunto poderia ter sido tratado por carta. Seus escrúpulos agora lhe pareciam absurdos, e o mesmo achava de toda aquela conversa sobre pobreza, sobre a necessidade de controlar a própria renda. Naqueles tempos, e especialmente num anoitecer como aquele, ameaçado pela névoa, os que tinham dinheiro andavam de carruagem. Os pedestres eram os pobres. Assim, quase todas as pessoas que Charles encontrava eram das classes mais humildes: criados das grandes mansões de Mayfair, caixeiros, comerciários, mendigos, varredores de rua (uma profissão muito mais comum naqueles tempos, em que reinavam os cavalos), vendedores ambulantes, moleques, e uma ou outra prostituta. Para todos eles — Charles sabia —, uma centena de libras por ano representaria uma fortuna, e no entanto ele fora alvo de comiseração ainda havia pouco por se ver forçado a viver com uma renda vinte e cinco vezes maior do que essa.

Charles não era um socialista prematuro. Não percebia a enormidade do problema moral representado por sua privilegiada posição econômica — e isso porque estava longe de se considerar privilegiado, em outras questões. A prova disso estava à sua volta. De modo geral, os passantes não pareciam sentir-se infelizes com sua sorte, a menos que fossem mendigos, e estes tinham que despertar comiseração para conseguir alguma coisa. Ele, entretanto, sentia-se infeliz. Desajustado e infeliz. Percebia que o enorme aparato exigido por sua posição social era como a espessa carapaça que constituía a sentença de morte de tantas antigas espécies de sáurios. Seu passo diminuiu à idéia de que ele fosse um monstro

pré-histórico. Chegou mesmo a parar — pobre fóssil ambulante —, enquanto outras formas de vida mais ativas e aptas passavam apressadamente por ele como amebas vistas num microscópio, ao longo da fileira de lojas junto à qual ele se achava.

Dois tocadores de realejo competiam um com o outro, e um homem com um banjo rivalizava com ambos. Vendedores de batata cozida, de pés de porco ("Um níquel por um pezinho, olhem como está quentinho!"), de castanhas assadas. Uma velha vendia fósforos, outra, uma cesta de narcisos. Barqueiros, aguadeiros, lixeiros, com seus bonés de abas viradas para trás, mecânicos, com seus chapéus quadrados — e uma chusma de molecotes sentados como filhotes de abutres nas soleiras, nos meios-fios, ou encostados nos postes onde se amarravam as carruagens. Um deles interrompeu os pulos que dava para se aquecer — como quase todos os outros, estava descalço — e soltou um agudo assobio de aviso para um garoto que vendia gravuras; este saiu correndo, brandindo uma pilha de folhas coloridas, e foi oferecê-las a Charles, parado como um espectador a um canto daquele animado palco.

Charles afastou-se apressadamente e buscou uma rua mais escura. Uma vozinha roufenha correu atrás dele, cantando os versos zombeteiros de uma balada vulgar que fazia sucesso naquele ano.

"Por que não volta para casa, lorde Marmaduke  
E vem jantar comigo?  
Depois de enxugar um canecão de cerveja  
Iremos cantar, trá-lá-ri-lá-ri, oooô,  
Trá-lá-ri-lá-rá."

Essa canção fez lembrar a Charles, quando afinal conseguiu livrar-se da voz e das vaias que a acompanhavam, outro elemento que compunha o ar de Londres — não físico, mas tão palpável quanto a fuligem —, o perfume do pecado. Já não via tanto as

infelizes mulheres da rua — que o olhavam sem se oferecer a ele (sua aparência era obviamente a de um cavalheiro e elas estavam à cata de presas mais humildes) —, e sim o anonimato geral da grande cidade, a impressão de que qualquer pessoa podia esconder-se ali, e passar despercebida.

Lyme era uma cidade de olhos vivos, e aquela, uma cidade cega. Ninguém se voltava para olhá-lo. Ele era quase invisível, não existia, e isso lhe deu uma sensação de liberdade. Era, porém, uma sensação horrível, pois na realidade sabia que perdera essa liberdade. Em suma, era como Winsyatt. Toda a sua vida estava perdida, e tudo lhe lembrava que a perdera.

Um homem e uma mulher passaram apressados, conversando em francês. E eram franceses. Charles desejou então estar em Paris, e em seguida, no estrangeiro... viajando. De novo! "Se ao menos eu pudesse fugir, se ao menos eu pudesse fugir..." Murmurou as palavras para si mesmo uma dezena de vezes. E então deu a si próprio uma metafórica sacudidela por se mostrar tão pouco prático, tão romântico, tão sem responsabilidade.

Passou por uma estrebaria, que na época ainda tinha suas funções primitivas e ainda não fora substituída por uma fileira de elegantes prédios de apartamentos. Os cavalos estavam sendo lavados e escovados, e as carruagens, desatreladas. Ouvia o ruidoso patear dos cascos no chão, quando os animais eram forçados a recuar por entre os varais dos veículos. Um cocheiro assoviava estridentemente enquanto lavava sua carruagem, e todos se preparavam para os trabalhos da noite. Uma espantosa teoria cruzou a mente de Charles: as classes baixas eram, no íntimo, mais felizes do que as altas. Não representavam, como queriam os radicais, uma sofredora infra-estrutura esmagada sob o peso das loucas extravagâncias dos ricos. Pelo contrário, pareciam antes parasitas felizes. Lembrou-se de ter encontrado poucos meses antes um ouriço-cacheiro nos jardins de Winsyatt. Cutucara-o com sua bengala e o bichinho se transformara numa bola. No meio dos espinhos eriçados, ele percebera um punhado de moscas inquietas. Havia nele

uma dose suficiente do biólogo para que sentisse mais fascínio do que repugnância diante dessa inter-relação dos mundos — assim como agora se sentia suficientemente deprimido para se dar conta de que era como o ouriço: um animal cujo único meio de defesa era fingir-se de morto e eriçar seus espinhos — ou sua aristocrática sensibilidade.

Um pouco mais tarde, passou por uma loja de ferragens e parou do lado de fora da janela olhando para o balcão, onde o proprietário, de chapéu-coco e avental de algodão, contava um punhado de velas para uma menina de dez anos, que o observava, já segurando na mãozinha avermelhada a moeda para o pagamento.

Negócios. Comércio. Sentiu um calor no rosto ao se lembrar do que lhe fora oferecido. Considerava agora um insulto aquela sugestão, um sinal de desprezo para com sua classe. Freeman devia saber que ele jamais poderia entrar para o comércio, bancar o lojista. Devia ter rejeitado friamente a sugestão, tão logo fora mencionada. Mas como fazer isso, se toda a sua fortuna viria justamente dessa fonte? E aqui chegamos à verdadeira origem do descontentamento de Charles: sua convicção de que agora era um marido comprado, um boneco nas mãos dos sogros. Não importava que esse tipo de casamento fosse tradicional em sua classe. A tradição nascera numa época em que não se esperava, nem do marido nem da mulher, que honrassem o compromisso além de seus termos reais: dinheiro em troca de posição. Mas o casamento era agora uma união casta e sagrada, uma cerimônia cristã em nome do amor puro, e não da pura conveniência. Mesmo que ele fosse cínico a ponto de tentá-lo, sabia que Ernestina jamais permitiria que o amor se tornasse uma coisa secundária em seu casamento. Sua principal exigência seria que a amasse, e unicamente a ela. Depois viriam os outros requisitos: sua gratidão pela fortuna que ela lhe traria, sua associação aos negócios do pai por meio de uma chantagem moral...

Como que por artes de uma fatal magia, ele se encontrou de repente em certa esquina. No final de uma escura rua lateral, via-se

a fachada iluminada de um prédio. Imaginara achar-se a essa altura perto de Piccadilly. Mas aquele palácio dourado emergindo das trevas no final da rua ficava para os lados do norte, e ele percebeu que perdera o senso de direção e se achava a um quarteirão da Oxford Street... E, por uma fatal coincidência, no ponto exato onde estava situada a grande loja do sr. Freeman. Como que hipnotizado, seguiu pela rua lateral e alcançou a esquina da Oxford Street onde ficava a loja. Dali podia observar o enorme prédio defronte, cortado por faixas de luz amarela (suas vitrinas haviam sido reformadas recentemente, e os vidros, antigos, substituídos por outros de fina qualidade), com suas pilhas de roupas de algodão, rendas, vestidos e peças de pano. Os rolos de tecidos, tintos com as novas anilinas, quase pareciam manchar o ar à sua volta, tão vibrante, tão nouveau-riche era sua cor. Sobre cada artigo estava colocada uma etiqueta branca, marcando seu preço. A loja ainda estava aberta, e os fregueses entravam e saíam continuamente. Charles tentou imaginar-se entrando ali, mas falhou inteiramente. Preferia mil vezes ser aquele mendigo ali perto, encolhido à soleira de uma porta.

A loja já não lhe parecia o que fora a seus olhos — uma pilhéria de mau gosto, uma mina de ouro na Austrália, uma coisa que não existia na realidade. Agora, porém, se apresentava diante dele em toda a sua força — uma poderosa máquina, um monstro de mandíbulas escancaradas e pronto para triturar quem passasse por perto. Para muitos homens, mesmo naquela época, a idéia de que aquele enorme prédio, com todo o seu ouro e o seu poder, estava ao alcance de sua mão, teria parecido o céu na terra. No entanto Charles, postado na calçada oposta, fechou os olhos e desejou fazê-lo desvanecer-se para sempre.

Não há dúvida de que havia algo de mesquinho em sua recusa — era um simples esnobismo, uma concessão de sua parte em se deixar julgar e guiar por gerações de ancestrais. E um pouco de indolência: o medo do trabalho, da rotina, de ter que se concentrar em pequenos pormenores. E covardia também, pois Charles, como o leitor já deve ter notado, sentia-se atemorizado diante de outros seres humanos e especialmente diante dos que eram inferiores à sua

classe. A idéia de se ver em contato com todos os vultos que se recortavam- contra as vitrinas e passavam por aquelas grandes portas dava-lhe náusea. Era uma impossibilidade.

Mas havia um elemento de nobreza em sua recusa: a convicção de que a procura do dinheiro era um objetivo insuficiente na vida. Ele jamais seria um Darwin ou um Dickens, um grande artista ou cientista. Seria no máximo um diletante, um inútil, uma nulidade, que deixa o trabalho para os outros e não contribui com sua parte. Mas conseguiu arrancar dessa nulidade uma estranha e momentânea dignidade, a impressão de que não ser nada — e não ter nada senão espinhos — era a graça redentora que um cavalheiro podia alcançar, e quase que sua última liberdade. Tudo lhe pareceu muito claro então: se eu algum dia puser os pés ali, estou liquidado.

O dilema pode parecer um tanto histórico ao leitor, e eu não advogo particularmente a causa do Cavalheiro, que em 1969 é uma espécie mais próxima da extinção do que poderiam prever as pessimistas reflexões de Charles naquela remota noite de abril. A morte está na natureza das coisas. Ela é a natureza das coisas. Mas o que morre é a forma. A matéria é imortal. Através dessa sucessão de formas ultrapassadas que chamamos de existência, flui uma espécie de vida permanente. Poderíamos ir buscar a origem das boas qualidades do cavalheiro vitoriano em seus remotos ancestrais, nos perfeitos fidalgos e preux chevaliers da Idade Média, e estendê-la aos cavalheiros da época moderna, essa raça que chamamos de cientistas, uma vez que foi neles, indubitavelmente, que o rio veio desaguar. Em outras palavras, toda cultura, por mais antidemocrática que seja, ou por mais igualitária, necessita de uma elite ética e autocontestadora que esteja presa a certas regras de conduta, algumas das quais podem ser inteiramente sem ética e, em consequência, responsáveis pela morte eventual da forma, embora seus objetivos ocultos sejam aceitáveis: agir como sustentáculo ou estrutura para obter melhores resultados em sua função histórica.

Talvez o leitor não encontre elo algum entre o Charles de 1267, com suas recém-adquiridas noções francesas sobre a castidade e

sua interminável busca do Santo Graal; o Charles de 1867, com seu horror ao comércio; e o Charles de hoje, um cientista com seu computador, surdo aos clamores dos delicados humanistas que começam a perceber sua própria redundância. Mas o elo existe: todos eles rejeitaram e ainda rejeitam a noção de posse como o objetivo da vida, seja a posse do corpo de uma mulher, de lucros altos a qualquer preço ou do direito de determinar o ritmo do progresso. O cientista não passa de uma nova forma, que também será ultrapassada.

Em tudo isso vemos a grande e imemorial importância do mito da Tentação no Deserto, encontrado no Novo Testamento. Todos os que têm cultura e uma aguda percepção possuem automaticamente o seu próprio deserto, e em algum momento de suas vidas terão tido sua tentação. Sua recusa pode ser insensata, mas nunca será condenável. Você acaba de recusar uma tentadora oferta para aplicar seus conhecimentos científicos ao comércio, a fim de continuar com suas aulas de ciência? Sua última exposição não fez tanto sucesso quanto a anterior, mas você está decidido a manter o novo estilo? Acaba de tomar uma decisão na qual não permitiu a interferência de seus interesses pessoais, nem se deixou seduzir pela oportunidade de aumentar suas posses? Então não atribua o estado de espírito de Charles a mero esnobismo. Veja-o como ele é: um homem em luta para vencer a história, ainda que ele próprio não perceba isso.

O que pressionava Charles era mais do que o simples instinto humano comum de preservar sua identidade pessoal. Ele tinha a sustentá-lo todos aqueles anos de meditação, de pesquisa, de autoconhecimento. O preço exigido parecia-lhe ser todo o seu passado — o melhor que havia em seu passado. Não podia acreditar que tudo o que havia desejado fosse sem valor, por muito que houvesse falhado em sua tentativa de ajustar a realidade ao sonho. Buscara o sentido da vida — mais do que isso, acreditara, pobre tolo, havê-lo percebido de relance em certos momentos. Seria culpa sua não ter capacidade para transmitir aos outros esses vislumbres reveladores? Ou parecer, ao ser observado, um diletante, um

amador irremediável? Pelo menos, ele compreendera que o sentido da vida não podia ser encontrado na loja de Freeman.

Mas no fundo de tudo isso, pelo menos no caso de Charles, estava a doutrina da sobrevivência do mais forte, e mais particularmente um aspecto dessa doutrina que ele discutira — e numa discussão imbuída de otimismo — com Grogan naquela noite em Lyme: o ser humano não pode deixar de considerar sua capacidade de auto-análise como um privilégio muito especial na luta pela adaptação. Os dois homens tinham visto nisso uma prova de que o livre-arbítrio não estava em perigo. Se o homem tinha de mudar para sobreviver — o que até mesmo os Freemans admitiam —, pelo menos restava-lhe o direito de escolher os métodos. Mas, deixemos de lado a teoria. Quanto à prática... Charles teve naquele momento a revelação de que se tratava de algo bem diferente.

Estava encurralado. Não podia estar, mas estava.

Por um momento, suportou a pressão das imensas forças de sua era. Depois, sentiu-se enregelar até a medula, dominado por um frio ódio contra o sr. Freeman e o freemanismo.

Fez sinal com a bengala para um coche que passava. Lá dentro, deixou-se cair sobre o bolorento assento de couro e fechou os olhos. Em sua mente surgiu uma imagem consoladora. Esperança? Coragem? Determinação? Receio que não. O que ele viu foi uma tigela de ponche de leite [{82}](#) e uma garrafa de champanha.

*"E que importa que eu seja prostituta? Que direito tem a sociedade de me insultar? Algum dia recebi favores de suas mãos? Se sou um horrendo câncer na sociedade, as causas da doença não devem ser procuradas na podridão de sua carcaça? Não sou sua filha legítima? Por acaso serei bastarda?"*

*De uma carta publicada no Times (24/2/1858) [{83}](#)*

Ponche de leite e champanha talvez não pareçam uma conclusão profundamente filosófica para semelhante análise íntima, mas sempre haviam sido receitados em Cambridge como solução para todos os problemas conhecidos. E embora Charles, desde que deixara a universidade, houvesse aprendido muito mais coisas sobre os problemas, nunca aperfeiçoara o método de solucioná-los. Felizmente, seu clube, como a maioria dos clubes ingleses para cavalheiros, funcionava de acordo com o simples e conveniente princípio de que os tempos de estudante eram os melhores na vida de um homem. Oferecia todo o conforto de um colégio de luxo sem nenhuma de suas supérfluas desvantagens (professores, reitores e exames). Era feito, em suma, para o adolescente que há no homem. E também servia um excelente ponche de leite.

Sucedeu que os primeiros freqüentadores do clube com que Charles topou ao entrar no salão de fumar foram dois antigos colegas de escola. Um era filho de um bispo, e uma notória desgraça para o pai. O outro era o que Charles até muito recentemente esperara ser: um baronete. Nascido com um substancioso naco de Northumberland no bolso, Sir Thomas Burgh mostrara-se uma rocha

sólida demais para que pudesse ser removido pela história. As imemoriais ocupações de seus ancestrais sempre haviam sido a caça, as armas, a bebida e as prostitutas, ocupações essas a que ele ainda se dedicava, imbuído de um apropriado senso de tradição. Fora ele, na realidade, o líder do grupo de farristas a que Charles se associara em seus tempos de estudante em Cambridge. Suas escapadas, não só do gênero Casanova como de outros, se tornaram famosas. Houve várias iniciativas no sentido de expulsá-lo do clube, mas, como o carvão que o clube usava provinha de suas minas e era fornecido quase de graça, as opiniões mais sensatas sempre prevaleciam. Além do mais, havia qualquer coisa de honesto em seu modo de vida. Pecava desavergonhadamente, mas também sem hipocrisia. Mostrava-se generoso para com as faltas dos outros, e a maioria dos membros mais jovens do clube já lhe devera dinheiro em diferentes ocasiões. E seus empréstimos eram os de um cavalheiro — sem prazo de pagamento e sem juros. Era sempre o primeiro a assinar qualquer lista de aposta que aparecesse, e de certa maneira fazia lembrar a todos os membros do clube, à exceção dos que eram irremissivelmente sóbrios, seus tempos menos sóbrios da juventude. Era baixo, atarracado e tinha as faces permanentemente afogueadas pelo vinho e a vida ao ar livre. Em seus olhos havia essa estupenda inocência, esse candor opaco e azul dos que se deixaram cair na tentação de Satanás. Esses olhos fulgiram quando Charles entrou.

— Charley! Que diabo está fazendo aqui, longe dos grilhões do matrimônio?

Charles sorriu, não sem se sentir vagamente tolo.

— Boa noite, Tom. Como vai, Nathaniel? — Com seu eterno charuto na boca, a pedra no sapato do infortunado bispo ergueu languidamente a mão. Charles voltou-se de novo para o baronete. — Liberdade condicional, sabe como é. A moça está fazendo uma estação de águas em Dorset.

Tom deu uma piscadela.

— Enquanto isso, você toma um pouco de ar... mas não de água, hein? Ouvi dizer que ela é a rainha da temporada. Opinião de Nat. Mas ele está com inveja, você sabe. Aquele miserável do Charles, ele falou. Logo a moça mais bonita e a união mais vantajosa. Isso não é justo... não é mesmo, Nat? — O filho do bispo vivia precisando de dinheiro, e Charles percebeu que não era propriamente a beleza de Ernestina que ele invejava. Em qualquer outra ocasião ele teria, a essa altura, deixado os dois para dedicar-se à leitura dos jornais ou procurar uma companhia mais conveniente. Mas naquele dia continuou ali. Gostariam de um ponche de leite e um bom trago de champanha? Gostariam. E assim Charles sentou-se junto deles.

— E como vai seu estimado tio, Charles? — Sir Tom piscou de novo, mas isso era tão endêmico em sua natureza que ninguém podia ofender-se com ele, Charles resmungou que o tio estava em perfeita saúde, — E em matéria de perdigueiros? Pergunte a ele se quer um par do que há de melhor da raça Northumberland. Duas perfeitas maravilhas, embora seja eu quem esteja dizendo, Você se lembra do Furacão? São netos dele, — Furacão passara uma temporada clandestina no quarto de Sir Tom em Cambridge.

— Lembro-me, sim, E meus tornozelos também.

Sir Tom mostrou um largo sorriso,

— É verdade, ele se tomou de amores por você, Sempre mordida as pessoas de quem gostava, Meu velho e querido Furacão... Que Deus o tenha em seu seio. — Dizendo isso, virou seu copo de ponche com tamanha tristeza que provocou risadas nos companheiros, Foi crueldade da parte deles, pois a tristeza era absolutamente genuína.

Naquela conversa gastaram duas horas — e mais duas garrafas de champanha, além de outra tigela de ponche, acompanhadas de inúmeras porções de variadas carnes (por essa altura os três cavalheiros tinham se transferido para o salão de jantar), que precisaram ser copiosamente regadas com clarete, cujo efeito por

sua vez teve que ser anulado por um ou dois garrafões de vinho do Porto.

Sir Tom e o filho do bispo eram bebedores profissionais e ingeriram uma quantidade muito maior de bebida do que Charles. No fim do segundo garrafão, pareciam mais bêbados do que ele, Mas a verdade é que Charles adotara uma fachada de sobriedade, ao passo que a deles era de embriaguez, o que representava exatamente o oposto do estado dos três, como se tornou claro quando deixaram o salão para dar "uma voltinha pela cidade", conforme explicou vagamente Sir Tom. Charles era o único que não se mantinha firme nas pernas, Não estava embriagado a ponto de não se sentir embaraçado com isso, e parecia-lhe ver os olhos do Sr. Freeman voltados fixamente para ele, embora nenhuma pessoa ligada ao comércio, como o Sr. Freeman, pudesse ser aceita pelo clube,

Ajudaram-no a vestir a capa e puseram-lhe nas mãos o chapéu e a bengala. Logo ele se viu lá fora, no ar fresco e puro da noite — a ameaça do fog não se materializara, embora houvesse uma tênue névoa —, a contemplar com intensa concentração o escudo na porta da carruagem de Sir Tom. Winsyatt atingiu-o perfidamente com nova punhalada, mas nesse momento o brasão dançou diante de seus olhos. Seguraram-no pelos braços, e no momento seguinte ele se achou sentado ao lado de Sir Tom e defronte do filho do bispo. Não estava embriagado a ponto de ignorar uma troca de olhares marotos entre os dois amigos, mas estava o bastante para não procurar saber o que significava. Disse a si mesmo que nada mais importava. Alegrava-o estar bêbado, ver tudo dançar à sua volta, e o futuro e o passado terem se tornado irrelevantes. Sentiu um enorme desejo de contar-lhes tudo sobre a Sra. Bella Tomkins e Winsyatt, mas sua embriaguez ainda não chegara a esse ponto. Um cavalheiro é sempre um cavalheiro, mesmo nas bebedeiras. Virou-se para Tom.

— Tom... Tom, meu velho amigo, você tem uma sorte danada.

— E você também, Charles, meu velho. Nós todos temos uma sorte danada.

— Para onde vamos?

— Aonde todo sujeito que tem uma sorte danada vai, para passar uma noitada alegre. Não é verdade, Nat?

Fez-se silêncio então, enquanto Charles tentava vagamente descobrir a direção em que estavam indo. Dessa vez não notou a segunda troca de piscadelas. A expressão-chave nas palavras de Sir Tom foi afinal registrada por sua mente. Virou-se com gravidade.

— Noitada alegre?

— Estamos indo para a casa da velha Madame Terpsícore, Charles. Vamos adorar as musas em seu santuário, sabe como é...

Charles encarou o sorridente filho do bispo.

— Santuário?

— Maneira de dizer, Charles.

— Isso é metonímia. Vênus por puella — explicou o filho do bispo.

Charles continuou a encará-los, depois sorriu repentinamente.

— Excelente idéia.

Mas reassumiu seu ar solene e voltou a olhar pela janela. Sabia que devia mandar parar a carruagem e despedir-se dos dois. Recordou-se, com um fugaz resquício de sensatez, da reputação que ambos tinham. E então surgiu do nada o rosto de Sarah — aquele rosto de olhos fechados voltado para o seu, o beijo... tanta confusão por uma coisa tão sem importância! Sabia qual era a causa de seus males: precisava de uma mulher, precisava ter relações. Precisava de uma farra em regra, como já precisara de um purgante. Olhou para os dois companheiros. Sir Tom estava esparramado em seu canto, o filho do bispo pusera os pés em cima do assento. As cartolas de ambos estavam colocadas de banda, num ângulo decididamente dissoluto. Dessa vez, a piscadela teve a participação dos três.

Em breve acharam-se no meio do intenso tráfego de carruagens que seguiam para a zona de Londres que até agora

deixamos misteriosamente de mencionar — embora se trate de uma zona importante em vários sentidos — neste retrato que estamos fazendo da era vitoriana: uma zona de cassinos (que serviam mais de ponto de encontro que de jogo), cafés movimentados, charutarias nos lugares de maior afluência (o Haymarket e a Regent Street), e onde havia uma série quase contínua de bordéis em todas as vielas das vizinhanças. Passaram pela famosa Casa das Ostras no Haymarket ("Lagostas, Ostras, Salmão em Conserva e Defumado") e pela não menos famosa Royal Albert Potato Can, dirigida pelo Khan, que era o legítimo cão das batatas assadas de Londres, em sua enorme barraca escarlate e dourada, que dominava todo o cenário. Passaram também por mulheres da vida (o filho do bispo tirou sua lorgnette do estojo de couro verde), as prostitutas mais conhecidas dentro de suas carruagens, as outras, mais humildes, andando aos bandos pelas calçadas... desde as graciosas costurei-rinhas de pele alva até as viragos de rosto avermelhado pela bebida. E por toda parte uma cascata de cores e de roupas extravagantes, pois ali eram permitidas coisas inimagináveis. Mulheres trajadas como barqueiros parisienses, de calças e chapéu-coco, como marujos, como senhoritas espanholas, como camponesas sicilianas. Era como se todo o elenco dos inumeráveis teatros e casas de diversão de ínfima classe das redondezas se houvesse despejado nas ruas. Muito mais insípidos eram os fregueses — os representantes do sexo masculino que, iguais em números, de bengala na mão e charuto à boca, apreciavam as maravilhas da noite. E Charles, embora desejasse não ter bebido tanto para não ter de olhar as coisas duas vezes, achava também tudo maravilhoso, alegre, animado e, acima de tudo, muito anti-Freeman.

Desconfio que Terpsícore dificilmente teria distribuído seus favores ao grupo do qual nossos três amigos faziam parte dez minutos mais tarde. Pois os três não estavam sozinhos. Havia mais seis ou sete rapazes e dois homens maduros, num dos quais Charles reconheceu um dos pilares da Câmara dos Lordes. Estavam sentados num amplo salão decorado no melhor estilo parisiense, ao qual se

tinha acesso através de uma viela estreita e barulhenta que saía de uma rua a pouca distância do Haymarket. Numa das extremidades do salão, iluminado por vários candelabros, erguia-se um pequeno palco, oculto por cortinas cor de vinho, nas quais estavam bordados dois pares de sátiros e ninfas, Um dos sátiros preparava-se claramente para tomar posse de sua pastora, e o outro já havia alcançado seu objetivo. Em letras negras sobre uma cártula dourada, acima das cortinas, estava escrito: Carmina Priapea XLIV",

"Velle quid hanc dicas, quamvis sim Ugnem, hastam,  
oscula dat médio si qua puella mihi?  
augure non opus est: 'in me' mihi credite, dixit  
'utetur veris viribus hasta rudis'," [{84}](#)

O tema da copulação era repetido em várias gravuras com molduras douradas que pendiam das paredes, entre os reposteiros das janelas. Uma moça de cabelos soltos e saiote de dançarina espanhola já servia champanha Roederer aos cavalheiros. Nos fundos, uma senhora de uns cinqüenta anos, de faces muito pintadas, mas vestida com mais decoro, observava discretamente sua clientela. A despeito da diferença entre as duas profissões, havia muito nela da Sra. Endicott, em seu hotel de Rxeter, ainda que as suas contas fossem feitas em guinéus e não em xelins.

Cenas como as que se seguiram naquela noite têm provavelmente mudado menos no curso da histeria do que qualquer outra atividade humana. O que se desenrolava diante dos olhos de Charles também se passara, de maneira idêntica, diante de Heliogábalo, e sem dúvida de Agamênon. E continuava acontecendo atualmente em inumeráveis espeluncas do Soho. O que me agrada particularmente na imutabilidade dessa antiga forma de diversão é que nos permite recorrer à imaginação dos outros. Andei esmiuçando recentemente uma dessas livrarias de segunda mão que considero das mais interessantes: as desorganizadas. Colocado

discretamente sob o letreiro "Medicina", entre uma introdução à hepatologia e Doenças do sistema brônquico, encontrei um livro com um título ainda mais insípido: A história do coração humano. Tratava-se, na realidade, de uma história nada insípida de um pênis humano muito ativo. Fora publicada originariamente em 1749, no mesmo ano em que veio a público a obra prima do gênero, Fanny Hill, de Cleland. Seu autor não tem o talento deste, mas servirá aos nossos propósitos.

"A primeira Casa em que entraram era um afamado bagnio, onde encontraram um Bando de Pássaros Citadinos, que foi mais apreciado por Camillo do que todas as aves para as quais tinha preparado Armadilhas no Campo. Entre o Grupo se achava a Srta. M., a famosa Contorcionista, cuja Presença fez que se metesse na cabeça do Bando de Farristas mostrar a seu novo Companheiro uma Cena com que ele jamais sonhara até então. Foram levados para uma vasta Sala, o Vinho foi trazido e o Criado, dispensado. Depois de um Trago, as Damas receberam ordem de se preparar. Despiram-se imediatamente, ficando completamente nuas, e treparam em cima da Mesa. Camillo ficou extraordinariamente surpreendido com essa Demonstração, encontrando grande dificuldade em compreender com que Propósitos as Moças se tinham colocado em tamanha Evidência. Tinham as pernas bem-feitas, o aspecto saudável e a pele tão alva como a Neve, ressaltada pelo Negror de seus Cabelos. Seus Rostos eram muito bonitos, e o Rosado natural que lhes coloria as Faces tornou-as, aos olhos de Camillo, verdadeiras Beldades e perfeitas rivais de Vênus. Depois de contemplar seus Rostos, ele baixou discretamente os Olhos para o Altar do Amor, que nunca tivera oportunidade de apreciar tão vividamente até aquele Momento...

As Partes da famosa Contorcionista tinham qualquer coisa que atraía mais sua Atenção do que tudo o que havia visto até então. O Trono do Amor era recoberto por um tufo de Cabelos negros, com quase um quarto de Janela de comprimento, e que ela havia

ardilosamente partido no meio para deixar à mostra a Entrada da Gruta Mágica. A extraordinária Aparência dessa peluda região causou a Camillo uma excitação estranha que foi consideravelmente aumentada pelo Resto das Cerimônias realizadas por aquelas Devassas. Cada uma encheu uma Taça de Vinho e se estendeu ao comprido sobre a mesa, colocando a Taça sobre o Monte de Vênus, e todos os Homens do Grupo iam beber um trago naquela taça situada sobre a tentadora Protuberância, enquanto as Raparigas não cessavam de fazer lascivos Movimentos para aumentar a Diversão. Em seguida assumiram várias Poses e usaram de vários Ardis para despertar o Desejo enfraquecido e farto dos Divertimentos comuns. Finalmente, obrigaram o pobre Camillo a passar por baixo da Ponte e sob as tépidas Cataratas, o que o deixou mais transtornado do que "se tivesse caído de uma barca em Gravesend. Contudo, e ainda que isso provocasse o Riso de todos os Presentes, suportou as Brincadeiras com grande dose de paciência, ao ser informado da necessidade de todos os novos Membros serem assim iniciados nos Mistérios daquela Sociedade. Camillo começou a ficar desgostoso com a estupenda impudência das Mulheres. Já não sentia aquele palpitante Entusiasmo dos primeiros momentos, e desejava que os Companheiros mandassem embora as Moças. Eles, entretanto, não pareciam dispostos a dispensá-las enquanto não tivessem executado toda a série de Exercícios. As Ninfas, que acrescentavam impudentemente novas Contribuições a tudo o que eles inventavam, não precisavam fazer-se de rogadas para agradar aos jovens Libertinos, continuando a mostrar sem o mínimo Resquício de Vergonha até que ponto a Natureza Humana é capaz de rebaixar-se.

Sua última Invenção inflamou de tal forma aqueles Filhos da Devassidão que eles propuseram, para finalizar o Espetáculo, que cada Homem escolhesse sua Parceira e levasse a cabo o que até então só fora feito por mímica. Mas aí estava um Passo que as Ninfas não concordaram em dar, já que constituía a Principal Regra dessas Donzelas nunca permitir que fossem abraçadas pelos Homens, temerosas de que isso viesse estragar o seu Lucrativo Negócio. Isso surpreendeu Camillo grandemente, pois ele se achava

convencido, diante do seu Comportamento anterior, de que não existia uma única Perversão que elas não estivessem dispostas a executar por Dinheiro. E embora, antes dessa Recusa, suas descaradas Obscenidades tivessem praticamente matado qualquer desejo que ele pudesse ter de se deitar com elas, agora sentia renascer violentamente esse desejo, como se todas elas fossem recatadas Virgens e ele não tivesse assistido a nenhuma de suas Depravações. E assim foi que se tornou tão insistente para que concordassem com a Proposta quanto qualquer outro Homem do Grupo."

O trecho acima dá uma idéia geral do que se passava na casa de Madame Terpsícore, embora com certa diferença: as moças de 1867, não tão exigentes quanto as de 1749, eram alegremente leiloadas na cena final.

Charles, todavia, já não se achava lá para fazer seu lance. Assistira aos preâmbulos menos obscenos e apreciara o espetáculo. Pusera sua máscara de homem viajado, que já vira coisas melhores em Paris (pelo menos, foi o que sussurrou a Sir Tom), e bancou o jovem cosmopolita e blasê. Mas, à medida que as roupas iam desaparecendo, o mesmo acontecia à sua embriaguez. Observava a boca lascivamente entreaberta dos homens sentados na penumbra à sua volta e ouviu Sir Tom indicar a escolha que já fizera ao filho do bispo. Os alvos corpos enlaçavam-se, contorciam-se, faziam as mímicas, mas parecia a Charles que havia um certo desespero por trás dos sorrisos fixos das executantes. Uma delas era praticamente uma menina e mal devia ter atingido a puberdade, e em sua fingida inocência havia algo de genuinamente virginal, uma angústia secreta, que ainda não fora calejada por sua profissão.

Mas era proporcional à repugnância sua excitação sexual. Detestava aquela exibição pública, mas havia nele muito do animal para que não se sentisse intimamente perturbado e excitado. Um pouco antes do fim, levantou-se discretamente e deixou a sala, como se fosse ao banheiro. Na ante-sala, a pequena danseuse que

servira o champanha estava sentada a uma mesa, onde se achavam as capas e as bengalas dos cavalheiros. Um sorriso artificial crispou seu rosto pintado quando ela se levantou. Charles contemplou por um momento seus caracóis dispostos em estudado desarranjo, seus braços nus e os seios quase à mostra. Estava prestes a dizer alguma coisa, mas mudou de idéia e apontou bruscamente para suas coisas. Atirou meio soberano sobre a mesa e tratou de safar-se dali.

Na rua onde desembocava a viela, viu uma fila de coches de aluguel. Chamou o primeiro, gritou para o cocheiro o nome de uma rua em Kensington, nas vizinhanças de sua casa (essa era a prudente prática aconselhada pelas convenções vitorianas), e deixou-se cair sobre o assento. A sensação que sentia ao se retirar não era de nobreza nem de decência, e sim de ter engolido um insulto sem reagir, ou fugido a um duelo. Seu pai levava uma vida em que noites como aquela eram coisa comum. O fato de não conseguir suportá-las mostrava que ele é que não era normal. Onde estava o homem viajado e cosmopolita? Fora reduzido a um miserável covarde. E Ernestina... e seus compromissos de noivado? Mas recordá-los era o mesmo que despertar um prisioneiro que estivesse sonhando com a liberdade e lançá-lo de volta a seus grilhões e à negra realidade de sua cela.

O coche seguia vagarosamente por uma rua estreita, atulhada de outras carruagens, pois ali ainda era indubitavelmente a zona do pecado. Sob cada lampião, na soleira de cada porta, havia uma prostituta. Na escuridão da carruagem, Charles observava-as. Sentia-se ferver por dentro intoleravelmente. Se houvesse um ferro de ponta aguçada ali perto, ele teria feito como Sarah com os espinhos da árvore — espetaria nele a mão, tão forte era sua necessidade de maceração, de castigo, de algum ato que fizesse jorrar sua bile.

Agora estavam numa rua mais tranqüila. Passaram por um lampião, sob o qual estava parada uma moça. Talvez devido ao afluxo de mulheres na rua que haviam deixado, aquela ali parecia solitária, e bisonha demais para se aventurar até lá. No entanto, sua

profissão era inequívoca. Usava um vestido de algodão rosa, ordinário, com rosas artificiais no busto, e um xale branco nos ombros. O chapéu preto, na última moda, pequeno e masculino, estava empoleirado no alto de um grande coque castanho-avermelhado, preso com uma rede. Ela olhou para a carruagem que passava, e qualquer coisa na tonalidade de seus cabelos, na vivacidade de seus olhos sombreados, no seu ar levemente sonhador, fez que Charles esticasse o pescoço para vê-la, pela janelinha oval da carruagem. Teve um momento de indecisão intolerável, depois deu uma forte pancada no teto do carro com a bengala. O cocheiro parou instantaneamente. Ouviu passos apressados e o rosto apareceu logo abaixo dele, na abertura da frente do veículo.

Na verdade, não era parecida com Sarah. Viu que seu cabelo era vermelho demais para ser natural, e havia nela certa vulgaridade, um desembaraço artificial na firmeza do olhar e no sorriso da boca vermelha. Vermelha demais — como um borrão de sangue. Contudo... havia algum traço talvez, alguma coisa na linha regular das sobrancelhas, ou na boca...

— Você tem algum quarto?

— Tenho, sim, senhor.

— Dê a ele o endereço.

Ela desapareceu por um momento e disse qualquer coisa ao cocheiro. Depois subiu no estribo, fazendo oscilar o veículo, e sentou-se ao lado de Charles, enchendo o confinado espaço com seu perfume barato. Ele sentiu o leve contato do tecido fino de suas roupas, mas os dois não se tocaram. O coche continuou o caminho. Houve um silêncio que durou uma centena de metros ou mais.

— É para a noite toda, seu moço?

— É.

— Perguntei isso porque cobro a viagem de volta, se não for o caso.

Ele assentiu com a cabeça e ficou olhando para a escuridão à sua frente. Rodaram mais outros cem metros em silêncio. Ele percebeu que ela relaxara o corpo ligeiramente, e sentiu uma leve pressão em seu braço.

— Está fazendo um frio terrível, e fora de época.

— É verdade. — Ele atirou-lhe um olhar rápido. — Para você, isso deve ser importante.

— Não trabalho quando está nevando. Tem umas que fazem isso, mas eu, não. — Novo silêncio. Dessa vez, quem falou foi Charles.

— Há muito tempo que está...

— Desde os dezoito anos. Vai fazer dois anos em maio.

— Ah!

Olhou furtivamente para ela quando se calaram de novo. Uma sinistra aritmética verrumava a mente de Charles: trezentos e sessenta e cinco dias, digamos trezentos de "trabalho", multiplicados por dois... Havia seiscentas probabilidades contra uma de que ela tivesse alguma doença. Haveria alguma maneira delicada de perguntar isso? Não, não havia. Olhou para ela aproveitando a claridade momentânea de uma luz da rua. Sua pele parecia sem manchas. Mas ele era um perfeito idiota. No que se referia à sífilis, teria sido dez vezes mais prudente continuar no luxuoso estabelecimento que acabara de deixar. E fora logo escolher uma ordinária rameira de rua... Mas seu destino estava selado. Ele desejava que fosse assim, Seguiam na direção do norte, para a Tottenham Court Road,

— Quer receber o dinheiro agora?

— Como o senhor quiser. Para mim tanto faz.

— Muito bem. Quanto é?

Ela hesitou, perguntando em seguida:

— A coisa de sempre, seu moço?

Ele olhou-a rapidamente e fez um aceno com a cabeça.

— Pela noite toda costumo cobrar... — sua ligeira hesitação era pateticamente desonesta — um soberano.

Ele meteu a mão no bolso da casaca e passou-lhe a moeda.

— Obrigada, seu moço. — Guardou discretamente o dinheiro em sua bolsinha. Por fim, acalmou de maneira indireta os temores dele. — Só ando com cavalheiros. O senhor não precisa ter medo.

E ele disse, por seu turno:

— Obrigado.

*"To the lips, ah, of others,  
Those lips have been prest,  
And others, ere I was,  
Were clasped to that breast..." [{85}](#)*

*Matthew Arnold, "Parting" (1853)*

O coche parou à porta de uma casa numa estreita rua lateral a leste da Tottenham Court Road. Saltando rapidamente do veículo, a moça subiu alguns degraus, abriu uma porta e entrou. O cocheiro era um homem velho, muito velho, e usava havia anos a capa típica de sua profissão e a cartola, descambada para um lado, a tal ponto que não era difícil imaginar que tivesse nascido com elas. Largando o chicote no braço do assento e tirando o cachimbo da boca, ele estendeu uma mão encardida, em forma de concha, para receber o dinheiro. Durante todo o tempo, manteve os olhos fixos na rua escura à sua frente, como se não pudesse suportar a idéia de pôr de novo os olhos em Charles. E este, por seu lado, achou bom que ele não o olhasse. No entanto, sentia-se quase tão miserável quanto o idoso cocheiro parecia acreditar que fosse. Teve um instante de hesitação. Poderia saltar de novo para dentro do coche, pois a moça desaparecera... mas uma sinistra obstinação fê-lo pagar a corrida.

Charles encontrou a prostituta à sua espera num corredor mal-iluminado, de costas para ele. Ela não se voltou para olhá-lo, começando a subir a escada logo que ouviu a porta da frente fechar-se. Pairava no ar um cheiro de comida, e vozes imprecisas vinham dos fundos da casa.

Subiram dois lances da malcheirosa escada. Ela abriu uma porta e esperou que ele entrasse, depois fechou-a com uma tranca. Em seguida, acendeu os lampiões em cima da lareira e atçou o fogo, lançando nele um punhado de carvão. Charles olhou ao redor. Tudo no quarto, à exceção do leito, era ordinário mas imaculadamente limpo. A cama era de ferro e bronze, tão polido este último que parecia ouro. No canto oposto havia um biombo, por trás do qual ele viu de relance um lavatório. Uns poucos enfeites ordinários, umas poucas gravuras baratas nas paredes. As esfiapadas cortinas de damasco estavam cerradas. Nada no quarto sugeria a função a que era destinado.

— Com licença, seu moço. Pode ficar à vontade. Volto já.

Ela passou para outro quarto, que dava para os fundos.

O quarto estava escuro e Charles percebeu que ela fechou a porta silenciosamente ao passar. Ele foi para perto da lareira e parou ali, de costas para o fogo. Através da porta fechada, ouviu o leve choramingar de uma criança sendo despertada, depois um murmúrio tranqüilizador, algumas palavras ditas em voz baixa. A porta abriu-se de novo e a prostituta apareceu. Tirara o xale e o chapéu. Sorriu nervosamente para ele.

— É minha garotinha. Ela não vai incomodar. É um anjo de boa. — Notando sua desaprovação, eia ajuntou apressadamente: — Tem um restaurante aqui perto, se o senhor estiver com fome.

Mas Charles não estava. E também não tinha fome sexual. Achava difícil olhar para ela.

— Você pode pedir o que quiser. Eu não... isto é, talvez algum vinho, se for possível.

— O senhor prefere francês ou alemão?

— Um copo de vinho branco alemão... Você também quer?

— Quero, sim. Muito obrigada. Vou mandar o menino buscar.

Desapareceu de novo. Ele ouviu-a gritar no corredor, sem grande delicadeza:

— Harry!

Um murmúrio de vozes, a batida na porta da frente. Quando ela voltou, Charles perguntou se não lhe devia ter dado algum dinheiro. Mas, aparentemente, o serviço estava incluído no preço.

— O senhor não quer sentar?

E ela estendeu as mãos para pegar seu chapéu e a bengala, que ele ainda segurava. Charles entregou-lhe os objetos e sentou-se perto do fogo, abrindo as abas da casaca. Os carvões estavam demorando a arder. Ela ajoelhou-se no chão, diante da lareira e de Charles e começou a atizar de novo o fogo.

— O carvão é dos melhores, não devia custar tanto a pegar. O problema é o porão. Porão úmido, de casa velha.

Ele observava seu perfil, iluminado pelo clarão vermelho. Não tinha um rosto bonito, mas era um rosto vigoroso, plácido, sem idéias. Seu busto era bem desenvolvido e seus pulsos e mãos surpreendentemente delicados, quase frágeis. Tudo isso, além de seus bastos cabelos, atizou momentaneamente seu desejo. Chegou quase a estender a mão para tocar nela, mas mudou de idéia. Iria sentir-se melhor depois que tomasse mais vinho. Os dois permaneceram assim por alguns instantes. Depois ela o olhou, e ele sorriu. Pela primeira vez naquele dia, teve uma fugidia sensação de paz.

Ela tornou a olhar para o fogo, murmurando;

— Ele não vai demorar. É aqui pertinho,

E de novo ficaram em silêncio, Mas momentos como aqueles eram muito estranhos para um vitoriano. Mesmo entre marido e mulher, a intimidade era geralmente governada pelas rígidas leis da convenção. No entanto, ali estava Charles, sentado à beira do fogo com uma mulher cuja existência ele ignorava uma hora antes, como...

— E o pai da garotinha?...

— É um soldado.

— Soldada?

Ela contemplava o fogo. Recordava.

— Está na Índia agora.

— Não quis casar com você?

Ela sorriu de sua inocência, depois balançou a cabeça.

— Ele me deu dinheiro, para quando chegasse a hora. — Com isso ela parecia dizer que ele fizera tudo o que se esperaria de um homem decente,

— E você não conseguiu encontrar outro meio de vida?

— Trabalho, tem, Mas é trabalho para o dia todo, E depois, eu tinha de pagar uma pessoa para olhar a menina, . . — Ela encolheu os ombros, — Depois que fazem mal para a gente, acabou. Não tem mais jeito, A gente que trate de se arranjar como pode.

— E você acha que essa é a melhor maneira?

— Não conheço outra, seu moço,

Mas disse isso sem o menor sinal de vergonha ou de queixa. Seu destino estava traçado e faltava-lhe imaginação para percebê-lo.

Houve um rumor de passos na escada, Ela levantou-se e foi até a porta, abrindo-a antes que batessem. Charles viu de relance um rapazinho de uns treze anos, que evidentemente fora industriado para mostrar discrição, pois manteve os olhos baixos enquanto ela própria levava a bandeja para a mesa junto à janela e apanhava sua bolsa, voltando à porta. Um tilintar de níqueis, e a porta foi fechada suavemente. Ela despejou o vinho numa taça e levou-a para ele, colocando a garrafa num tripé junto ao fogo, como se todo vinho devesse ser aquecido. Depois sentou-se e retirou o guardanapo que cobria o prato sobre a bandeja. Pelo canto dos olhos, Charles viu uma pequena torta, batatas, e um copo que continha evidentemente gim e água, pois era pouco provável que ela tivesse pedido apenas água. Seu vinho tinha um sabor ácido, mas ele bebeu-o assim mesmo, na esperança de entorpecer os sentidos.

O leve crepitar do fogo já reavivado, o suave chiado do lampião de gás, o tilintar dos talheres... Ele não via de que modo iriam chegar ao verdadeiro propósito de sua presença ali. Tomou outro gole do vinho azedo.

Mas a moça logo terminou seu repasto. A bandeja foi levada para fora. Ela tornou a entrar no quarto escuro onde dormia a garotinha. Passou-se um minuto. Ela reapareceu. Vestia agora um peignoir branco, que mantinha seguro junto ao corpo. Os cabelos estavam soltos e caíam-lhe pelas costas, e ela ajustara o roupão à volta do corpo de modo a se perceber que estava nua por baixo dele. Charles levantou-se.

— Não precisa se apressar, moço. Pode acabar de tomar o vinho.

Ele olhou para a garrafa a seu lado, como se não a houvesse visto antes. Fazendo um aceno com a cabeça, sentou-se de novo, enchendo outro copo. Ela passou por ele, estendeu uma das mãos — a outra ainda segurava o roupão — e diminuiu a luz dos lampiões, até que se transformasse em duas brasihas esverdeadas. O clarão do fogo a iluminava, suavizando suas jovens feições. De novo ela ajoelhou-se a seus pés, voltada para a lareira. Passados alguns momentos, estendeu as mãos para o calor, e o roupão abriu-se ligeiramente. Charles viu um seio branco, no meio das sombras, não inteiramente descoberto.

Ela falou, virada para o fogo:

— O senhor quer que eu sente nos seus joelhos?

— Sim... quero, sim.

Bebeu de um trago o resto do vinho. Arrepanhando de novo o roupão, ela levantou-se e sentou-se com desembaraço em seu colo, passando um braço à volta de seus ombros. Ele enlaçou sua cintura com o braço esquerdo, enquanto o direito descansava, com absurda falta de naturalidade, no braço da cadeira. Por alguns momentos, a mão dela continuou segurando o roupão, mas por fim largou-o e acariciou seu rosto. Passou-se outro instante, e ela beijou sua face.

Seus olhos se encontraram. Depois, ela olhou sua boca, como que timidamente, mas prosseguiu com sua função sem nenhuma timidez.

— Você é um rapaz muito bonito.

— E você é uma garota linda.

— Você gosta de gente ruim feito eu?

Ele notara que ela havia deixado de lado o "senhor". Seu braço esquerdo fez um pouco mais de pressão.

Ela então pegou em sua recalcitrante mão direita e colocou-a sobre o seio nu, debaixo do roupão. Ele sentiu a rija ponta de carne no centro de sua palma. A mulher puxou para si sua cabeça e os dois se beijaram, enquanto a mão dele, rememorando agora a carne proibida, macias e mornas protuberâncias, um poema esquecido, agarrava o seio e o aprovava, depois deslizava pelas profundezas do roupão até alcançar a curva de sua cintura. Ela estava nua, e sua boca tinha um leve sabor de cebolas.

Talvez tenha sido isso o que lhe causou a primeira onda de náusea. Procurou disfarçá-la, transformando-se em duas pessoas: a que bebera demais e a que se achava agora sexualmente excitada. O roupão abriu-se despudoradamente, deixando à mostra o suave contorno do ventre, o negro tufo de pêlos pubianos, e as alvas coxas, que o seduziam não só pela aparência como pelo contato. Sua mão não se aventurou abaixo da cintura, mas foi subindo de novo, acariciando os seios, o pescoço, os ombros. Ela não tomou nenhuma outra iniciativa depois de guiar a sua mão. Era uma vítima passiva, a cabeça repousando em seu ombro, mármore feito em fogo, um nu de Ety, o mito de Pigmalião chegando a um final feliz. Nova onda de náusea invadiu-o. Ela percebeu, mas interpretou-a erradamente.

— Sou pesada demais para você?

— Não... é que...

— A cama é gostosa... macia.

Ela deixou-o e foi até a cama, dobrando o lençol cuidadosamente, depois virou-se para olhá-lo. Deixou o roupão escorregar dos ombros. Tinha o corpo bem-feito, as nádegas bem-conformadas. Passado um momento, sentou-se na cama e recolheu as pernas, enfiando-se sob a coberta, e ficou deitada de costas, de olhos fechados, numa atitude que ela evidentemente julgava ser não só discreta como de abandono. Alguns carvões se tornaram incandescentes, e seu clarão intermitente tornou as sombras mais intensas, embora mais trêmulas. Charles levantou-se, travando uma batalha com o estômago. Era o vinho — fora louco em tomá-lo. Viu-a abrir os olhos e observá-lo. Depois de um momento de hesitação, ela estendeu os braços alvos e delicados. Ele fez um gesto, mostrando sua casaca.

Passados alguns instantes, sentiu-se um pouco melhor e dedicou-se seriamente à tarefa de se despir. Ia colocando a roupa com cuidado, com muito mais cuidado do que se estivesse em seu quarto, sobre o encosto da cadeira. Teve que sentar-se para tirar as botas. Olhava para o fogo enquanto tirava as calças e as cuecas, que de acordo com a moda vigente chegavam até abaixo dos joelhos. Mas não conseguia convencer-se a tirar a camisa. A náusea voltou. Ele se apoiou no rebordo da lareira, de olhos fechados, lutando para se controlar.

Dessa vez, ela atribuiu sua demora à timidez, e atirou para um lado as cobertas, como se fosse levantar-se para buscá-lo. Charles forçou a si próprio a ir até ela. A moça recostou-se de novo na cama, mas sem cobrir-se. Ele ficou parado à beira do leito, contemplando-a. Ela estendeu os braços. Charles continuava olhando, consciente apenas de que sua cabeça rodava, envolta nos vapores — agora inteiramente em luta uns com os outros — do ponche de leite, do champanha, do clarete, do vinho do Porto e daquele infernal vinho alemão...

— Não sei seu nome.

Ela sorriu, depois agarrou sua mão e puxou-o para a cama.

— É Sarah.

Ele teve uma incontrolável crise de enjôo. Virando a cabeça para um lado, começou a vomitar no travesseiro, enquanto ela o olhava, chocada, recuando a cabeça.

*"... Arise and fly  
The reeling faun, the sensual feast;  
Move upward, working out the beast,  
And let the ape and tiger die." [{86}](#)*

*Tennyson, In memoriam (1850)*

Pela vigésima nona vez naquela manhã, Sam e a cozinheira se entreolharam, e em seguida os olhos dele se desviaram para a fileira de campainhas no alto da porta, fixando-se por fim no teto, eloqüentemente. Era meio-dia. Poderia supor-se que Sam ficasse feliz por ter a manhã livre. Mas as manhãs livres só o interessavam quando passadas em companhia feminina bem diferente da representada pela robusta Sra. Rogers.

— Ele não parece o mesmo — disse a imponente viúva, também pela vigésima nona vez. Se estava irritada, entretanto, era com Sam, e não com o jovem patrão no andar de cima. Desde que voltara de Lyme, dois dias antes, o criado vinha dando a entender que coisas tenebrosas estavam acontecendo. É bem verdade que lhe comunicara gentilmente a novidade sobre Winsyatt, mas, sempre que tocava no assunto, repetia: "Isso não é nem a metade da história". Recusava-se a se mostrar mais claro. "Tem umas confidências" (ele dizia "confidenças") "que ainda não posso contar. Mas a senhora não pode nem imaginar as coisas que têm acontecido."

Sem dúvida, Sam tinha um motivo muito recente de queixa. Charles esquecera-se de dispensá-lo na noite em que fora encontrar-

se com o sr. Freeman. Assim, o criado esperara por ele até depois da meia-noite e, como recompensa, quando a porta da frente se abriu, tudo o que recebeu foi um tenebroso olhar de um rosto muito branco.

"Por que diabo você ainda não foi para a cama?"

"Porque o senhor não disse que ia jantar fora, sr. Charles."

"Eu estava no clube,"

"Sim, senhor."

"E pare de me olhar com esse ar insolente, seu idiota."

"Sim, senhor,"

Sam estendeu a mão para segurar — ou apanhar no ar — os vários objetos que Charles atirou sobre ele, começando com diversas peças de sua indumentária de rua, e terminando com um olhar fulminante. Em seguida, o patrão subiu majestaticamente as escadas. Sua mente achava-se completamente lúcida agora, mas seu corpo ainda estava ligeiramente embriagado, fato que a amarga mas disfarçada careta de Sam indicava ter percebido claramente.

— A senhora tem razão, ele já não é o mesmo. Estava bêbado feito um peru na noite passada.

— Não posso acreditar nisso,

— Há muitas coisas que a senhora não é capaz de acreditar, mas elas aconteceram assim mesmo,

— Desate logo essa língua!

— Que um raio caia na minha cabeça se eu abrir a boca. — A cozinheira soltou um fundo suspiro. O relógio tiquetaqueava em cima do fogão. Sam sorriu para ela. — Mas a senhora é esperta. Muito esperta mesmo.

Todavia, era evidente que o ressentimento de Sam acabaria por levá-lo a arrostar o raio. Um toque de campainha salvou-o, entretanto, deixando frustrada a sra. Rogers. Sam apanhou a vasilha

de água quente que estivera esperando pacientemente no canto do fogão a manhã toda, piscou para sua colega e desapareceu.

Há dois tipos de ressaca; um em que a pessoa se sente indisposta e confusa, outro em que se sente indisposta e lúcida. A de Charles era do segundo tipo. Na realidade, já estava acordado e de pé havia bastante tempo antes de tocar a campainha. Lembrava-se claramente de tudo o que acontecera na noite anterior.

Seu acesso de vômito havia afugentado completamente o já precário interesse sexual que o levara ao quarto da prostituta. Sua eleita, de nome tão infeliz, deixou rapidamente a cama, vestira o roupão e provara ser tão eficiente como enfermeira quanto parecia ser como prostituta. Levou Charles para sua cadeira perto do fogo, onde ele recomeçou prontamente a vomitar mal bateu os olhos na garrafa de vinho, Mas, dessa vez, ela já tinha uma bacia à mão, que tirara do lavatório, Charles gemia desculpas entre um espasmo e outro.

— Sinto muito... isto é horrível... alguma coisa me fez mal...

— Não tem importância, moço, não tem importância. Deixe a coisa vir.

E não lhe restava mesmo outro recurso senão deixar a coisa vir. Ela foi buscar o xale e enrolou-o à volta de seus ombros. E ele ficou sentado por algum tempo, lembrando ridiculamente uma velha vovozinha, curvado sobre a bacia em seus joelhos, a cabeça baixa. Após alguns instantes, começou a sentir-se melhor. Quem sabe o moço gostaria de dormir um pouco? Gostaria, sim, mas na sua própria cama. Ela foi até a janela e olhou para a rua, depois deixou o quarto, enquanto ele se vestia, com pernas trêmulas. Quando ela reapareceu, já estava vestida também. Charles encarou-a, chocado.

— Você não está pensando em...

— Vou chamar uma carruagem para o senhor. Se quiser esperar...

— Ah, está bem... obrigado.

Sentou-se de novo, enquanto ela descia as escadas e saía. Embora não se achasse muito certo de que a náusea tivesse desaparecido, o alívio que sentia, psicologicamente, era profundo. Não importava sua intenção, o fato é que não havia cometido o ato fatal. Ficou contemplando o fogo, e, por estranho que pareça, sorriu debilmente.

Ouviu então um choro manso vindo do quarto ao lado. O choro parou, depois começou de novo, dessa vez mais alto e mais prolongado. A garotinha acordara, evidentemente. E seu choro — berros, engasgos, silêncio... berros, engasgos, silêncio... — tornou-se insuportável. Charles foi até a janela e afastou as cortinas. A névoa impedia-o de ver mais longe. Não havia uma alma na rua. Lembrou-se de que o tropel de cavalos se tornara raro e calculou que a moça devia ter ido longe para achar um coche. Enquanto ficava ali, indeciso, ouviu fortes batidas na parede da casa ao lado. Uma impaciente voz masculina gritou, furiosa. Charles teve um momento de hesitação, depois largou o chapéu e a bengala em cima da mesa e abriu a porta do outro quarto. Distinguiu na penumbra um guarda-roupa e uma velha arca. O quarto era muito pequeno. No canto mais afastado, junto a uma cômoda baixa, viu um bercinho. O choro da criança recomeçou de repente, varando o silêncio do pequeno quarto. Charles continuou parado à porta, estupidamente, como um gigante negro e aterrador.

— Quietinha, quietinha... Sua mãe volta agora mesmo.

A voz estranha, naturalmente, piorou a situação. Charles imaginou que a vizinhança inteira ia acordar, tão estridentes eram os gritos. Esmurrou a cabeça, em desespero, e penetrou na penumbra, aproximando-se do berço. Ao ver como era pequena a menina, percebeu que as palavras eram inúteis. Curvou-se e acariciou-lhe a cabeça. Uma mãozinha quente agarrou a sua, mas os berros continuaram. O rostinho miúdo e contorcido dava vazão a todo o seu medo com um vigor surpreendente. Charles procurava um meio de resolver aquela situação desesperada. Acabou por encontrá-lo.

Pegou seu relógio, soltando a corrente presa ao colete, e balançou-o no ar, acima da criança. O efeito foi instantâneo. Os gritos se transformaram num manso miado. Os bracinhos se estenderam para pegar o maravilhoso brinquedo de prata, recebendo permissão para isso. Mas logo o brinquedo caiu e se perdeu entre as roupas da caminha. A criança lutou para sentar-se e não conseguiu, e os gritos recomeçaram.

Charles tentou fazer com que ela se recostasse no travesseiro. Mas logo lhe ocorreu uma idéia. Tirou-a do berço e sentou-se com ela na cômoda. Mantendo-a sobre os joelhos, pôs-se a balançar o relógio diante dos bracinhos, que agora se agitavam cheios de animação. A garotinha era uma dessas crianças vitorianas de rosto balofo, os olhos como duas minúsculas contas pretas — uma amorável carinha de beterraba encimada por um tufo de cabelos negros. E sua repentina animação, seu gorgolejo de alegria quando afinal conseguiu agarrar o ambicionado relógio divertiram Charles. Ela começou a tagarelar num tatibitate ininteligível. Charles ia responder: é, sim, é muito bonito, menina boazinha, uma beleza, uma beleza... Imaginou Sir Tom e o filho do bispo entrando ali naquele momento... no momento final de sua grande e alegre noitada. Os estranhos e tenebrosos labirintos da vida. O mistério dos encontros.

Ele sorriu, pois, se a garotinha não despertara nele uma ternura sentimental, ao menos restituíra seu senso de ironia, o que por sua vez equivalia a recuperar de certa maneira a fé em si mesmo. No começo dessa noite, quando estava na carruagem de Sir Tom, tivera a falsa sensação de viver no presente; sua rejeição do passado e do futuro não passara de um simples e condenável mergulho na irresponsabilidade e no esquecimento. Agora, tinha uma intuição muito mais profunda e genuína da grande ilusão dos homens a respeito do tempo, ou seja, que o tempo é como uma estrada, na qual a pessoa vê sempre o ponto onde estava e o ponto aonde irá chegar, e não o que é na realidade: um quarto, um presente tão perto de nós que normalmente deixamos de percebê-lo.

A experiência de Charles era o oposto da experiência sartriana. Os móveis simples do quarto, a luz e o calor que vinham do aposento ao lado, as sombras humildes, e acima de tudo a criaturinha que ele segurava sobre os joelhos, tão imponderável depois de sentir o peso de sua mãe (mas Charles não pensava absolutamente nela), não eram objetos hostis e estranhos, mas sim amigos. O inferno final era um espaço infinito e vazio, e as pessoas o mantinham à distância. Sentiu-se repentinamente apto a enfrentar seu futuro, que era apenas uma manifestação desse vazio terrível, O que quer que lhe acontecesse, sempre haveria momentos como aqueles, que deviam e podiam ser encontrados.

Uma porta abriu-se, A prostituta surgiu à entrada do quarto, delineada contra a luz. Charles não podia ver seu rosto, mas adivinhava que se havia assustado por um instante e agora se acalmara.

— Oh, meu Deus. Ela chorou?

— Só um pouquinho. Acho que agora tornou a dormir

— Tive de ir até o posto da Warren Street. Só lá é que tinha carruagem.

— Você é muito gentil.

Passou-lhe a criança e ficou observando enquanto ela a deitava de novo no berço, Depois, voltou-se abruptamente e deixou o quarto. Meteu a mão no bolso e contou cinco soberanos, largando-os sobre a mesa, Hesitou por um instante, depois retirou-se silenciosamente.

Já estava dentro da carruagem quando ela desceu correndo os degraus e parou junto a porta do veículo, com o rosto levantado para ele. Sua expressão era de perplexidade, quase de ofensa.

— Oh, meu caro senhor... muito obrigada. Muito obrigada.

Ele percebeu que havia lágrimas em seus olhos. Nada choca mais ao pobre do que um dinheiro não merecido.

— Você é uma moça boa e corajosa.

Estendeu a mão e tocou de leve na dela, apoiada na porta.  
Depois bateu com a bengala, dando o sinal de partida.

*"A história não é como alguns indivíduos, que usam os homens para alcançar seus fins. É simplesmente o conjunto de ações dos homens em busca de seus objetivos."*

*Marx, A sagrada família (1845)*

Charles, como já vimos, não voltara para Kensington com uma disposição de espírito tão filantrópica como a de que se achava possuído quando se despedira da prostituta. Sentira nova crise de enjôo durante a demorada viagem de volta, e tivera tempo para sentir-se, de sobra, muito desgostoso consigo mesmo. Mas, quando acordou de manhã, seu estado de espírito melhorara. Como é de hábito nos homens, dedicou à sua ressaca a devida atenção. Postou-se diante do espelho e contemplou com horror o rosto macilento, abrindo a boca ressequida e saburrosa para examinar seu interior. Isso feito, decidiu que de modo geral se achava em perfeitas condições de enfrentar o mundo. Conseguiu enfrentar Sam pelo menos, quando o criado entrou trazendo a água quente. Pediu-lhe desculpas pelo mau humor da noite anterior.

— Não notei nada, sr. Charles.

— Eu tive uma noite muito cansativa, Sam. Agora seja um bom rapaz e traga-me um bule bem grande de chá. Estou com uma sede dos diabos.

Sam retirou-se, guardando para si a opinião de que havia em seu patrão, outras coisas que eram também dos diabos. Charles lavou-se e fez a barba, sempre pensando em Charles. Era evidente que não fora feito para ser farrista. Por outro lado, não estava muito

treinado em manifestações de profundo remorso. Pois não dissera o próprio sr. Freeman que ele ainda tinha dois anos pela frente antes de ter que tomar uma decisão sobre seu futuro? Muita coisa podia acontecer em dois anos. Não chegou a dizer claramente a si mesmo: "Meu tio poderá morrer", mas a idéia lhe passou fugazmente pela cabeça. E o lado carnal da experiência da noite anterior lembrou-lhe que em breve poderia usufruir legitimamente prazeres daquele gênero. Mas, por enquanto, devia abster-se deles. E aquela criança... Quantas frustrações na vida as crianças têm de suportar!

Sam voltou com o chá — e com duas cartas. A vida era uma estrada de novo. Ele notou imediatamente que o primeiro envelope fora carimbado duas vezes. Fora posto no correio em Exeter, endereçado para o White Lion em Lyme Regis, e de lá remetido para Kensington. O outro vinha diretamente de Lyme. Ele hesitou, e para evitar suspeitas apanhou uma espátula e foi até a janela. Abriu primeiro a carta de Grogan, mas antes de tomarmos conhecimento dela precisamos ler o bilhete que Charles escrevera ao voltar para Lyme depois do passeio matinal ao celeiro de Carslake. Dizia o seguinte:

"Meu caro dr. Grogan,

Estou escrevendo às pressas para agradecer seus valiosos conselhos e ajuda na noite passada, e para reafirmar-lhe mais uma vez que terei o máximo prazer em custear qualquer tratamento que o senhor ou seus colegas julgarem necessário. Confiando em que esteja inteiramente convencido de que eu soube reconhecer a loucura dos atos ditados por minha mal-orientada filantropia, espero que me informe de tudo o que ocorreu no encontro que já terá sido levado a efeito quando ler estas palavras.

Infelizmente, não tive coragem para abordar o assunto esta manhã, na Broad Street. Mas minha partida repentina, e várias

outras circunstâncias com que não quero aborrecê-lo agora, tornaram a ocasião decididamente inoportuna. A questão será resolvida logo que eu voltar. Peço-lhe que, por enquanto, não a discuta com ninguém.

Vou partir imediatamente. Meu endereço em Londres está logo abaixo. Com profunda gratidão,

C. S."

Não era uma carta honesta. Mas fora necessário escrevê-la. E agora Charles desdobrava nervosamente a resposta.

"Meu caro Smithson,

Demorei a escrever-lhe na esperança de obter algum éclaircissement <sup>{87}</sup> sobre nosso pequeno mistério de Dorset. Lamento informá-lo de que a única criatura do sexo feminino que encontrei durante minha expedição naquela manhã foi a Mãe Natureza — uma senhora cuja conversa, após três horas de espera, comecei a achar um pouco tediosa. Em suma, a pessoa não apareceu. Ao voltar para Lyme, mandei um rapazinho esperto ao mesmo local, para que fizesse o serviço para mim. Ele também ficou lá sub tegmine fagi <sup>{88}</sup> em agradável solidão. Minhas palavras parecem indicar que não encaro o assunto seriamente, mas confesso que, quando o rapazinho voltou ao anoitecer, comecei a recear o pior.

Todavia, chegou a meus ouvidos na manhã seguinte que havia instruções no White Lion para que a mala da moça fosse remetida para Exeter. Quem deixou essas instruções, não consigo imaginar. Sem dúvida terá sido ela própria. Acho que podemos concluir que ela bateu asas.

Meu único receio ainda, meu caro Smithson, é que ela o tenha seguido a Londres e tente descarregar suas aflições sobre você. Peço-lhe que não afaste essa possibilidade com um sorriso. Se

dispusesse de tempo, poderia citar-lhe vários casos em que aconteceu justamente isso. Vai junto um endereço. Trata-se de um homem excelente, com o qual mantenho correspondência há muitos anos. Aconselho-o enfaticamente a colocar o caso em suas mãos, se novas complicações vierem à Ia lettre bater à sua porta,

Asseguro-lhe que nenhuma palavra sobre o assunto sairá de minha boca. Não vou repetir meu conselho com relação à encantadora criatura — com quem, aliás, tive o prazer de me encontrar ainda há pouco, na rua —, mas recomendo-lhe que confesse a ela tudo na primeira oportunidade. Não creio que o absolvitur vá exigir uma penitência muito longa e severa.

Seu amigo sincero,

Michael Grogan."

Charles soltou um fundo suspiro de alívio muito antes de terminar a carta. Não fora descoberto. Ficou parado algum tempo diante da janela, olhando para fora, depois abriu a segunda carta.

Esperara um punhado de páginas, mas havia apenas uma.

Esperara uma torrente de palavras, mas havia apenas três.

Um endereço.

Amarrotou o papel na mão e voltou para junto do fogo — que a arrumadeira acendera às oito da manhã com o acompanhamento de seus sonoros roncões —, lançando-o às chamas. Em cinco segundos, o bilhete estava transformado em cinzas. Pegou a xícara de chá que Sam estivera segurando, à sua espera, e esvaziou-a de um trago, depois estendeu-a ao criado para que a enchesse de novo.

— Já resolvi meus negócios, Sam. Voltamos para Lyme amanhã, pelo trem das dez. Providencie as passagens e despache os dois telegramas que estão na minha mesa. Depois disso, você terá a tarde livre, e poderá comprar algumas fitas para os cabelos da bela

Mary — isto é, se seu coração já não arranhou novos interesses desde que chegamos.

Sam estivera esperando por essa deixa. Lançou um rápido olhar para as costas do patrão, enquanto tornava a encher a xícara ornada de frisos dourados, e anunciou, ao colocá-la na mão estendida de Charles:

— Sr. Charles, acho que vou pedir a mão dela.

— Está falando sério?

— Ou ia pedir, sr. Charles, se meu emprego aqui não fosse tão bom.

Charles saboreou um gole de chá.

— Desembuche logo, Sam, e pare com essas palavras enigmáticas.

— Se eu casar, vou ter de morar fora daqui, sr. Charles.

O rápido olhar que Charles lhe lançou, de instintivo protesto, mostrava que pensara pouco sobre o assunto. Voltou-se e foi sentar-se perto do fogo.

— Ora, Sam, Deus me livre de ser um obstáculo ao seu casamento, mas não está pretendendo me deixar antes que o meu seja realizado, não é mesmo?

— O senhor não me entendeu bem, sr. Charles. Eu estava pensando em fazer isso mais tarde.

— Vamos ter uma casa muito maior. Tenho certeza de que minha mulher ficará muito satisfeita em contar com Mary. Onde está o problema?

Sam respirou fundo.

— Eu estava pensando em montar um negócio, sr. Charles. Quero dizer, quando a vida do senhor já estiver arrumada. Eu nunca ia largar o senhor numa hora de precisão.

— Negócio? Que negócio?

— Minha vontade é abrir uma lojinha, sr. Charles.

Charles devolveu a xícara à bandeja que havia sido prontamente estendida.

— Mas você não... quero dizer, tem meios para isso?

— Andei juntando um dinheirinho, sr. Charles. E Mary também.

— Está certo, mas há o aluguel a pagar, a mercadoria a comprar, e Deus sabe o que mais, homem... Que tipo de negócio?

— Roupas e miudezas, sr. Charles.

Charles olhava para o criado como se ele houvesse se convertido ao budismo. Mas lembrou-se de alguns pequenos incidentes passados, de seu penchant pelas coisas elegantes. Se havia um aspecto em Sam que não dava motivo a queixas, era o que se referia ao cuidado com as roupas. De fato, mais de uma vez (pata ser exato, mais de dez mil vezes) Charles zombara dele por se mostrar tão vaidoso nesse particular.

— E você já economizou o suficiente para...

— Quem sou eu, sr. Charles, . . . A gente vai ter de juntar um bocado de nota.

Fez-se um silêncio preñado de significações. Sam ocupava-se com o leite e o açúcar. Charles esfregava a aba do nariz, muito ao jeito do criado, e ponderava sobre o caso, Tomou uma terceira xícara de chá.

— Quanto?

— Conheço uma loja que está no jeito, sr. Charles. O homem está querendo cento e cinqüenta libras pela licença e cem pelo estoque. E ainda ficam faltando as trinta libras do aluguel. — Estudou a fisionomia de Charles por um momento, e depois continuou: — Estou muito satisfeito com o senhor, sr. Charles. O caso não é esse. É que eu sempre quis ter uma loja.

— E quanto já juntou até agora?

Sam hesitou,

— Trinta libras,

Charles não sorriu, mas virou-lhe as costas e foi postar-se à janela.

— Quanto tempo levou para economizar isso?

— Três anos, sr. Charles.

Dez libras por ano pode não parecer muito, mas representava um terço de três anos de salário, conforme o rápido cálculo feito por Charles, e proporcionalmente mostrava uma capacidade de poupança muito maior do que a dele próprio. Olhou por cima dos ombros para Sam, que esperava humildemente — mas esperava o quê? — junto à mesinha de chá. Após alguns minutos de silêncio, Charles cometeu seu primeiro erro fatal, que consistiu em dar a Sam sua sincera opinião sobre o projeto. Talvez ele estivesse apenas tentando enganar-se, fingir que não havia percebido nem de leve a insinuação de Sam a respeito de serviços prestados. Mas tratava-se muito mais de uma tradicional noção de responsabilidade — não totalmente relacionada com uma sublime arrogância —, assumida pelo infalível patrão para com o falível subordinado.

— Vou dizer-lhe uma coisa, Sam. No momento em que começar a encher a cabeça com idéias que estão acima de sua classe, só irá encontrar infelicidade. Você se sentirá um desgraçado se não tiver uma loja, e duplamente desgraçado se a tiver. — A cabeça de Sam baixou mais um pouco. — E além do mais, Sam, já estou acostumado com você... eu gosto de você. Diabos me levem se quero perdê-lo.

— Eu sei, sr. Charles. Também penso a mesma coisa do senhor, com sua licença.

— Pois bem. Estamos satisfeitos um com o outro. Vamos continuar assim.

Sam inclinou a cabeça e começou a recolher a louça do chá. Seu desapontamento era flagrante. Era a Esperança frustrada, a Vida cortada ao meio, a Virtude não-recompensada, e outras estátuas no gênero.

— E agora, Sam, poupe-me essa cara de cachorro escorraçado. Se você casar com essa moça, é claro que terá um salário melhor, e alguma coisa a mais para poder arrumar sua vida. Pode ter certeza de que saberei mostrar-me generoso.

— É muita bondade sua, sr. Charles. — Mas a voz era sepulcral, as estátuas recusavam-se a ser derrubadas. Charles viu a si próprio, por um momento, como Sam o via. Durante todos aqueles anos em que tinham estado juntos, ele gastara dinheiro liberalmente, e Sam sabia que havia uma grande fortuna à sua espera quando se casasse. Nada mais natural que pensasse — tendo em vista a honestidade de seu objetivo — não ser muito pedir ao patrão duzentas ou trezentas libras.

— Sam, você não deve pensar que sou mesquinho. O fato é que... quero dizer, o que me fez ir a Winsyatt é que... bem, Sir Robert vai casar-se.

— Essa não, sr. Charles! Sir Robert? Não é possível!

A surpresa de Sam faz-nos suspeitar que sua ambição real fosse o teatro. Sua manifestação de espanto foi tamanha que por pouco não deixou cair a bandeja. Mas isso seria definitivamente contra as regras. Charles virou-se para a janela e continuou.

— Isso significa, Sam, que numa ocasião em que já tenho tantas despesas pela frente não me sobra muito para outras coisas.

— Nunca imaginei isso, sr. Charles. Puxa, é difícil de acreditar... na idade dele!

Charles cortou prontamente as manifestações de comiseração.

— Devemos desejar a Sir Robert toda a felicidade. Mas o fato é esse. E em breve será comunicado oficialmente. Mas... você não deve comentar isso com ninguém, Sam.

— Oh, sr. Charles... o senhor sabe que eu sei guardar um segredo.

Dessa vez, Charles lançou-lhe um olhar rápido e penetrante por cima dos ombros, mas Sam mantinha os olhos modestamente no

chão. Charles desejou desesperadamente que ele o encarasse, mas o criado persistia em fugir de seu olhar perscrutador, o que o levou a cometer seu segundo erro fatal, pois o desespero de Sam devia-se menos ao auxílio recusado do que à suspeita de que afinal seu patrão não tivesse nenhum segredo na vida que lhe pudesse servir de alavanca.

— Sam, eu... quero dizer, quando me casar, as coisas vão ser mais fáceis... Não quero destruir suas esperanças inteiramente... Deixe-me pensar com calma no assunto.

No coração de Sam renasceu uma pequena chama de regozijo. Conseguiu o que queria. Havia uma alavanca, no final das contas.

— Sr. Charles, eu não devia ter falado isso. Não imaginei ...

— Não, não. Foi bom você ter falado. Talvez eu peça um conselho ao sr. Freeman, quando tiver oportunidade. Não há dúvida de que terá alguma coisa a dizer sobre essa sua idéia.

— Qualquer conselho que sair da boca desse cavalheiro, sr. Charles, é o mesmo que ouro para mim. O mesmo que ouro.

Com essa hipérbole, Sam retirou-se. Charles continuou olhando para a porta. Começava a pensar se não estaria emergindo à superfície da personalidade de Sam um traço típico do escrevente Uriah Heep <sup>{89}</sup> — uma certa duplicidade. Ele sempre procurara imitar seus trajes e suas maneiras, e havia agora mais uma coisa em sua espúria atitude de falso cavalheiro. Estavam numa época de tantas transformações — tantas regras que começavam a se dissolver e a desaparecer!

Continuou parado algum tempo, olhando fixamente para o espaço à sua frente, e depois... bolas! Que importância tinha atender ao pedido de Sam, se contava com o dinheiro de Ernestina? Foi até a escrivaninha e abriu uma gaveta. Tirou de lá um caderno de notas e rabiscou nele qualquer coisa — sem dúvida um lembrete para procurar o sr. Freeman.

Enquanto isso, no andar de baixo, Sam lia os dizeres dos dois telegramas. Um era endereçado ao White Lion, informando sobre a volta do patrão. O outro dizia o seguinte:

"Srta. Freeman — a/c da Sra. Tranter, Brqad Street, Lyme Regis. A ordem para minha volta imediata será alegremente obedecida. de seu afetuoso Charles Smithson",

Naqueles tempos, só os rudes ianques empregavam linguagem telegráfica,

Esta não era a primeira correspondência particular que passara pelos olhos de Sam naquela manhã. O envelope da segunda carta que levava para Charles fora fechado com cola, mas não com lacre. Um pouco de vapor faz milagres, e Sam tivera tempo de folga durante a manhã para arranjar as coisas de maneira a ficar sozinho na cozinha por alguns minutos.

Talvez o leitor esteja começando a concordar com Charles no que se refere a Sam. Ele não está se revelando o mais honesto aos homens, devemos admitir. Mas a perspectiva de casamento faz coisas estranhas. Fazia com que os dois candidatos a ele comessem a suspeitar da existência de uma desigualdade no mundo, e levava cada um deles a desejar ter mais para dar ao outro. O casamento acaba com a despreocupação da juventude, faz com que o âmbito das responsabilidades se estreite, e os aspectos mais altruísticos das obrigações para com a sociedade tendem a desaparecer. Em suma, é mais fácil ser desonesto em nome de duas pessoas, do que de uma. Sam não considerava desonesto seu procedimento, Na sua opinião, estava simplesmente "usando a cabeça". Em termos mais claros, isso significava simplesmente que o casamento com Ernestina devia se realizar, pois unicamente através do dote dela ser-lhe-ia possível obter as duzentas e cinqüenta libras. E, se Charles pretendia continuar seu estúpido namoro com aquela mulher perdida, isso teria de ser feito diante de seu atento nariz. E

talvez fosse bastante conveniente que assim acontecesse, pois, quanto mais culpado Charles se sentisse, mais fácil seria obter dele o que queria. Contudo, se o negócio fosse longe demais, , . Sam mordeu o lábio inferior e franziu a testa. Não era de espantar que ele julgasse ter subido de posição. Isso sempre acontece com os alcoviteiros.

*"Yet I thought I saw her stand,  
A shadow there at my feet,  
High over the shadowy land." [{90}](#)*

*Tennyson, "Maud" (1855)-*

Talvez o mito do comportamento humano racional apareça mais vividamente numa era rígida como a vitoriana do que em qualquer outra. Charles estava certamente decidido, após sua noite de rebelião, a levar avante seu casamento com Ernestina. Nunca lhe passara seriamente pela cabeça fazer o contrário. A visita à casa de madame Terpsícore e à prostituta haviam sido — por improvável que pareça — uma confirmação de suas intenções, uma última contestação ao incontestável. Fora o que ele praticamente dissera a si próprio, ao voltar nauseado para casa, o que talvez explique o rude tratamento recebido por Sam. Quanto a Sarah... a outra Sarah agira como sua representante, numa previsão de um triste e sórdido fim. E lhe abra os olhos.

Por tudo isso, ele poderia ter desejado que sua carta merecesse mais claramente uma condenação — caso ela lhe tivesse pedido dinheiro (mas dificilmente poderia ter gasto dez libras em tão pouco tempo) ou posto a nu seus ilícitos sentimentos para com ele. Mas é difícil descobrir paixão e desespero em quatro palavras: "Hotel Familiar de Endicott". E não havia nem mesmo uma data, uma inicial! Era inegavelmente um ato de desobediência, uma desfeita a tia Tranter. Mas dificilmente se poderia acusá-la de bater à sua porta.

Foi fácil decidir que o convite implícito devia ser ignorado: nunca mais deveria procurá-la. Mas talvez Sarah, a prostituta, lembrasse a Charles o que havia de raro em Sarah, a proscrita: a total ausência de sentimentos elevados na primeira só fizera ressaltar a extraordinária presença deles na outra. Era tão perspicaz e sensível, à sua estranha maneira!... Algumas coisas que tinha dito depois de sua confissão... são daquelas que uma pessoa não consegue esquecer.

Ele pensou muito sobre Sarah (se é que recordação é pensamento) em sua longa viagem para o oeste. Não podia deixar de sentir que, se ela fosse internada numa instituição, por melhor que fosse, isso representaria uma traição de sua parte. Eu disse "ela", mas o pronome pessoal é uma das máscaras mais aterradoras que o homem já inventou. O que veio à mente de Charles não foi um pronome, foram olhos, feições, a linha do cabelo na testa, um passo ágil, um rosto adormecido. Nem tudo era devaneio, evidentemente. Nas reflexões de Charles estavam incluídas também graves considerações sobre um problema moral, causadas por um interesse imaculadamente puro pelo futuro bem-estar da infeliz mulher.

O trem chegou a Exeter. Sam apareceu à janela do compartimento imediatamente após o apito final na estação. É claro que viajara no vagão de terceira classe.

— Vamos passar a noite aqui, sr. Charles?

— Não. Chame uma carruagem. De quatro rodas. Parece que vai chover.

Sam apostara mil libras consigo mesmo que iriam ficar em Exeter. Mas obedeceu sem hesitar, exatamente como seu patrão, que, ao ver o rosto do criado — bem no íntimo sua resolução ainda não fora tomada —, decidiu sem vacilar qual o caminho a seguir. Na verdade, a decisão foi determinada por Sam: Charles não tinha coragem de enfrentar novas prevaricações.

Somente quando já se encontravam nos arrabaldes da cidade, seguindo para leste, é que Charles experimentou uma certa tristeza e uma sensação de perda, como se afinal houvesse lançado o dado fatal. Parecia-lhe espantoso que uma simples decisão, uma resposta a uma questão trivial, pudesse representar tanto. Até aquele momento, tudo existira em potencial, agora tudo estava inexoravelmente determinado. Fizera o que era decente, correto, e no entanto sua decisão parecia revelar uma fraqueza inata, uma predisposição para aceitar seu destino, que acabariam um dia — estava certo disso, por uma dessas premonições tão concretas quanto os fatos — convencendo-o a entrar para o mundo do comércio, a esforçar-se por agradar a Ernestina, pois ela queria agradar ao pai, a quem ele tanto devia... Contemplava os campos que se estendiam à sua frente, e sentiu como se estivesse sendo sugado lentamente para dentro de um monstruoso tubo.

A carruagem ia rodando, e uma mola solta rangia de leve a cada solavanco, tão lastimosamente como se fosse um carro e bois. O céu, ao chegar a noite, nublara-se, e uma chuva fina começara a cair. Em ocasiões como aquela, quando viajava sozinho, Charles costumava chamar Sam para sentar-se junto dele. Mas não conseguia enfrentar Sam agora (não que o criado, que não via senão ouro na chuvosa estrada de Lyme, se importasse com o ostracismo). Era como se ele jamais pudesse ter paz e solidão dali em diante. O pouco que lhe restava, queria usufruí-lo. Pensou de novo na mulher que deixara para trás na cidade. É claro que não pensou nela como uma alternativa para Ernestina, como alguém com quem pudesse se casar, se fosse esse seu desejo. Isso teria sido impossível. Em verdade, não era propriamente em Sarah que pensava agora — ela representava apenas o símbolo à volta do qual se haviam acumulado todas as suas perdidas possibilidades, toda a sua extinta liberdade, as viagens que não mais seriam feitas. Precisava dizer adeus para alguma coisa, mas Sarah se mostrava, de maneira simples e conveniente, ao mesmo tempo perto dele e já recuada no passado.

Não havia dúvida, ele era uma das vítimas da vida, mais uma amonite apanhada na vasta engrenagem da história, extraviada agora para toda a eternidade, um potencial transformado em fósil.

Momentos depois, ele cometeu o ato final de fraqueza: adormeceu.

*"Duty — that's to say complying  
 With whate'er's expected here...  
 With the form conforming duly,  
 Senseless what it meaneth truly...  
 'Tis the stern and prompt suppressing,  
 As an obvious deadly sin,  
 All the questing and the guessing  
 Of the soul's own soul within:  
 'Tis the coward acquiescence  
 In a destiny's behest..." [{91}](#)*

*A. H. Clough, "Duty" (1841)*

Chegaram ao White Lion pouco antes das dez da noite. As luzes ainda estavam acesas na casa de tia Tranter, e uma cortina agitou-se quando passaram. Charles trocou de roupa rapidamente e, deixando a Sam o encargo de desfazer as malas, partiu com ar decidido ladeira acima. Mary mostrou uma excessiva alegria ao vê-lo, e tia Tranter, logo atrás dela, tinha o rosto rosado desfeito em sorrisos. Ela recebera ordens severas para se retirar tão logo cumprimentasse o recém-chegado. Naquela noite, Ernestina não queria saber de babá a seu lado. A moça, com a costumeira noção de sua própria dignidade, ficara na sala dos fundos.

Não se levantou quando Charles entrou, lançando-lhe apenas um olhar demorado e reprovador com olhos semicerrados. Ele sorriu.

— Esqueci de comprar flores em Exeter.

— Estou vendo, senhor.

— Estava com muita pressa de chegar aqui antes que você fosse para a cama.

Ela baixou os olhos para as mãos, ocupadas com um bordado. Charles chegou mais perto, e as mãos pararam bruscamente de trabalhar, virando o tecido para o lado avesso.

— Estou vendo que tenho um rival — disse Charles.

— Merecia ter muitos.

Ajoelhou-se ao lado dela, segurando uma de suas mãos ternamente e beijando-a. Ela atirou-lhe um olhar rápido e furtivo.

— Não dormi um minuto depois que você partiu.

— É fácil ver isso, pelo rosto pálido e os olhos cansados.

Ela recusou-se a sorrir.

— Agora você está zombando de mim.

— Se é isso o que a insônia faz em você, cuidarei para que haja uma campainha tocando permanentemente em nosso quarto. .

Ela corou. Charles levantou-se e foi sentar-se a seu lado. Fê-la virar o rosto e beijou-a na boca e nos olhos fechados, os quais, ao sentirem o contato de seus lábios, se abriram e fixaram os dele, já sem o menor resquício de secreta.

Charles sorriu.

— Agora vejamos o que você está bordando para seu secreto admirador.

Ela mostrou o trabalho. Era um porta-relógio de veludo azul — um desses saquinhos que os cavalheiros vitorianos costumavam pendurar ao lado da penteadeira, para guardar o relógio à noite. Em um dos lados, havia um coração bordado em branco entre duas iniciais, C e E, e no outro estavam sendo bordados uns versinhos, ainda inacabados, com linha dourada. Charles leu em voz alta:

— "Sempre que ao relógio a corda fores dar"... Como será que isso termina?

— Adivinhe.

Charles olhava para o veludo azul.

—... "Tua mulher os dentes irá arreganhar"?

Ela arrancou-lhe o trabalho das mãos e o escondeu.

— Agora não digo. Você é pior do que um cocheiro de ônibus.

— Os cocheiros de ônibus eram famosos naqueles tempos por suas réplicas ferinas.

— E jamais teria coragem de cobrar passagem a tão gentil criatura.

— A falsa lisonja e as piadas de mau gosto são igualmente detestáveis.

— E você, minha querida, é adorável quando fica zangada.

— Pois vou perdoá-lo, só para que me ache horrível.

Afastou-se ligeiramente dele, embora o braço de Charles continuasse enlaçando-lhe a cintura e ela retribuísse a pressão da mão dele sobre a sua. Ficaram calados por alguns instantes. Ele beijou-lhe a mão mais uma vez.

— Quer dar um passeio comigo amanhã? Mostraremos ao mundo que elegante par de namorados somos nós, e assumiremos um ar de tédio, para mostrar claramente que se trata de um casamento de conveniência.

Ela sorriu e depois mostrou-lhe o porta-relógio, impulsivamente.

— "Sempre que ao relógio a corda fores dar, possa eu por ti meu amor mostrar."

— Minha queridinha...

Olhou-a nos olhos por um momento, depois meteu a mão no bolso e retirou uma caixinha de marroquim cor de vinho, depositando-a no colo da moça.

— Algumas flores, mas de outra espécie.

Timidamente, ela fez pressão sobre o fecho e abriu a caixa.

Sobre um forro de veludo escarlate jazia um elegante broche suíço, oval e delicado, formado por um mosaico de minúsculas flores e rodeado por uma fileira de pérolas e contas de coral dispostas alternadamente e engastadas em ouro. Ela ergueu para Charles uns olhos úmidos, e ele fechou os seus convidativa-mente. A moça aproximou então o rosto e depositou um beijo casto e terno em seus lábios. Depois descansou a cabeça em seu ombro e olhou de novo para o broche, beijando-o também. Charles lembrou-se das palavras de Príapo. Sussurrou ao seu ouvido:

— Gostaria que amanhã fosse o nosso casamento.

Tudo era muito simples: a vida era vivida com ironia e sentimento, as convenções, obedecidas. O que poderia ter sido constituía assunto para uma observação irônica e imparcial, bem como o que poderia vir a ser. A pessoa capitulava, em outras palavras, e aprendia a ser o que era.

Charles premiu o braço da moça.

— Minha querida, tenho uma pequena confissão a fazer. Refere-se àquela infeliz mulher da Mansão Marlborough.

Ela empertigou-se ligeiramente, alerta e surpresa, já com divertida curiosidade.

— Está falando da pobre Tragédia?

Ele sorriu.

— Acho que seu apelido mais vulgar lhe assenta melhor. — Premiu a mão dela. — É um caso absolutamente idiota e trivial. O que aconteceu foi simplesmente isto: durante uma de minhas pequenas excursões à procura do esquivo equinodermo...

E assim termina a história. O que aconteceu a Sarah, ignoro-o. Seja como for, ela jamais voltou a perturbar Charles em pessoa, embora tenha permanecido em sua lembrança. Isso é o que acontece na maioria das vezes. As pessoas desaparecem de vista, engolfadas pelas sombras das coisas mais próximas.

Charles e Ernestina não viveram felizes para sempre, mas viveram juntos, embora ele lhe tenha sobrevivido dez anos (lamentando sinceramente sua perda durante todo esse tempo). O casal teve... digamos, sete filhos. Sir Robert juntou a injúria à ofensa quando, após dez meses de seu casamento com a Sra. Bella Tomkins, conseguiu não apenas um herdeiro, mas dois. Esse fatal par de gêmeos foi o que finalmente levou Charles a entrar para o comércio. No princípio ele se aborreceu, mas logo tomou gosto pela coisa. Seus filhos não tiveram escolha, e são os filhos de seus filhos que ainda controlam hoje a grande loja e todas as suas filiais.

Quanto a Sam e Mary... mas quem irá preocupar-se com a biografia de dois criados? Casaram, tiveram filhos e morreram, à tediosa maneira de sua gente.

Quem mais? O dr. Grogan? Morreu com noventa e um anos. E, uma vez que tia Tranter também chegou a essa avançada idade, temos aí uma prova clara da pureza e salubridade do clima de Lyme.

Mas ele não deve ser totalmente puro, uma vez que a Sra. Poulteney morreu dois meses depois da volta de Charles a Lyme. Nesse particular — alegre-me dizê-lo —, meu interesse é bastante vivo para fazer-me dar uma olhadela no futuro, isto é, em sua outra vida. Devidamente trajada de negro, ela chegou num coche aos Portões Celestiais. Seu laçao — pois é claro que, como no antigo Egito, toda a sua criadagem morrera com ela — desceu e abriu solenemente a porta do carro. A Sra. Poulteney subiu os degraus e puxou o cordão da campainha, depois de se compenetrar de sua intenção de informar ao Criador (quando o conhecesse melhor) que Seus criados deviam estar sempre à porta para receber as visitas importantes. O mordomo apareceu afinal.

— Que deseja, minha -senhora?

— Sou a Sra. Poulteney. Vim estabelecer residência aqui. Queira ter a gentileza de comunicar o fato a seu Patrão.

— O Padre Eterno já foi informado de seu falecimento, minha senhora. E os anjos já entoaram um Jubilate para celebrar o evento.

— Isso demonstra grande consideração e bondade da parte d'Ele. — E a digna senhora, impando de orgulho o peito, preparou-se para entrar majestosamente no imponente salão branco que entrevia por trás da cabeça do mordomo. Mas o homem não lhe deu passagem. Ao invés disso, fez tilintar com uma certa impertinência o molho de chaves que por acaso tinha na mão.

— Meu amigo! Dê-me passagem! Eu sou ela. A Sra. Poulteney, de Lyme Regis.

— A senhora foi de Lyme Regis em outros tempos. Agora sua residência é em lugar muito mais tropical.

Dito isto, o estúpido criado bateu-lhe com a porta na cara. A reação imediata da Sra. Poulteney foi olhar à sua volta, receosa de que seus servos tivessem ouvido alguma coisa do que se passara. Mas sua carruagem, que ela julgava ter sido recolhida ao alojamento dos criados, desaparecera misteriosamente. Na verdade, tudo desaparecera, a paisagem, a estrada (que por alguma razão particular se parecia bastante com a que subia para o Castelo de Windsor), tudo, tudo se desvanecera. Não havia nada senão o espaço vazio, um espaço — horror dos horrores — devorador. Um a um, os degraus por onde a Sra. Poulteney subira tão majestaticamente começaram também a desaparecer. Restaram apenas três, depois dois, e finalmente um. A Sra. Poulteney pisava no ar agora. Ouviram-na dizer distintamente: "Lady Cotton está por trás disso tudo", e em seguida começou a cair, mergulhando no espaço como um corvo morto, as roupas esvoaçando e se inflando, até chegar lá embaixo, onde a esperava seu verdadeiro senhor.

## 45

*"And ah for a man to arise in me,  
That the man I am may cease to be!" [{92}](#)*

*Tennyson, "Maud"*

E agora, depois de dar um final totalmente tradicional a esta ficção, creio ser necessário esclarecer que, embora tudo o que descrevi nos dois últimos capítulos tenha acontecido realmente, na verdade as coisas não se passaram da maneira que o leitor foi levado a acreditar.

Já disse antes que todos nós somos poetas, embora nem todos façamos poesias. Da mesma forma, somos todos romancistas, isto é, temos o hábito de escrever um futuro romanesco para nós mesmos, ainda que na época de hoje nos sintamos mais inclinados a fazê-lo num filme. Imaginamos qual seria nosso comportamento, o que poderia acontecer conosco, e essas hipóteses romanescas ou cinematográficas muitas vezes têm mais efeito sobre nosso comportamento real — quando o futuro passa a ser o presente — do que geralmente admitimos.

Charles não era exceção. As últimas páginas que o leitor acaba de percorrer não representam realmente o que aconteceu, e sim o que Charles imaginou — durante as longas horas entre Londres e Exeter — que poderia acontecer. É bem verdade que, em sua imaginação, os fatos não se apresentaram com a minúcia e a coerência encontradas na narrativa que acabo de fazer. Também não posso jurar que ele tenha descido a pormenores tão interessantes como a visualização da jornada post mortem da Sra. Poulteney. Mas

é inegável que, em sua opinião, ela devia ir para o inferno, de modo que tudo vem quase a dar no mesmo.

Acima de tudo, ele sentia que estava chegando ao final de uma história — e a um final que não lhe agradava. Se o leitor notou nos dois últimos capítulos uma certa precipitação, uma inconsistência, uma traição a algo potencial que havia no íntimo de Charles — e a pouca importância dada ao fato de lhe ter sido atribuído um período de vida de quase um século e um quarto; se o assalta a suspeita, bastante comum na literatura, de que o fôlego do escritor se esgotou e ele encerrou arbitrariamente a corrida enquanto ainda podia vencê-la, não ponha a culpa em mim. Pois todas essas idéias, ou reflexos delas, estavam presentes na própria mente de Charles. O livro de sua existência — assim lhe parecia — estava chegando a um final claramente medíocre.

E o "eu" — esse escritor que encontrou razões tão convenientes e especiosas para enviar Sarah às sombras do esquecimento — não tem nada a ver comigo. Trata-se simplesmente da personificação de uma profunda indiferença existente nas coisas — hostil demais para que Charles pudesse dar-lhe o nome de "Deus" —, uma malevolente inércia que fez pender o prato da balança para Ernestina e parecia já ter traçado sua direção tão inexoravelmente quanto aquele trem que ia levando Charles.

Eu não estava mentindo quando afirmei que Charles decidira em Londres, depois da noite de farra, levar avante seu casamento. Essa fora sua decisão oficial, assim como outrora tomara a decisão oficial (reação seria uma palavra mais apropriada) de entrar para o sacerdócio. Onde menti para o leitor foi ao analisar o efeito que o bilhete de Sarah continuava a ter sobre ele. Quanto mais pensava no assunto, mais lhe parecia típico de Sarah enviar apenas um endereço, e nada mais. Ajustava-se perfeitamente a seu comportamento, que só podia ser descrito pelo termo "oximoro": ao mesmo tempo sutil e simples, orgulhoso e suplicante; atraía e recuava, defendia e acusava. Foi prolixa, a era vitoriana — e pouco habituada aos enigmas délficos.

Acima de tudo, o bilhete parecia proporcionar a Charles uma opção. Enquanto uma parte dele detestava ter de fazer essa escolha, sabemos que — e aqui nos é revelado seu secreto estado de espírito durante aquela viagem — a outra parte se sentia intoleravelmente excitada à aproximação do momento da escolha. Ele não dispunha de uma terminologia existencialista, mas o que sentia realmente era algo muito próximo à angústia da liberdade — isto é, a percepção de que a pessoa é livre, bem como a percepção de que ser livre é uma situação aterradora.

Por conseguinte, vamos buscar Sam em seu hipotético futuro e atirá-lo de volta a seu presente em Exeter. Ele encaminhou-se para o compartimento do patrão quando o trem parou.

— Vamos passar a noite aqui, sr. Charles?

Charles encarou-o por algum tempo, sua decisão ainda por tomar, depois levantou os olhos para o céu nublado.

— Parece que vai chover. Nós nos alojaremos no Ship.

Dessa forma, Sam, que já se julgava de posse de uma hipotética fortuna, viu-se poucos minutos mais tarde do lado de fora da estação, a observar, em companhia do patrão, a bagagem ser colocada no teto da desmantelada carruagem. Charles mostrava-se claramente impaciente. As malas afinal foram amarradas. Todos ficaram à espera de suas ordens.

— Bem, Sam, acho que depois desta miserável viagem vou esticar um pouco as pernas. Você segue com a bagagem.

Sam estava arrasado.

— Se me permite, sr. Charles, eu não faria isso. Ainda mais com essas nuvens pretas ameaçando chuva.

— Um pouco de chuva não me fará mal.

Sam engoliu em seco e inclinou a cabeça.

— Está bem, sr. Charles. Convém dar as ordens para o jantar?

— Pode dar... quero dizer... resolverei quando voltar. Talvez eu vá até a catedral assistir às vésperas.

Charles começou a subir a ladeira em direção à cidade. Sam observou-o sombriamente por algum tempo, depois voltou-se para o cocheiro.

— Já ouviu falar no Hotel Familiar de Endicott?

— Já.

— Sabe onde fica?

— Sei.

— Então leve-me até o Ship bem depressa, e fique tranqüilo que a gorjeta vai ser boa, chefe.

Com apropriado aprumo, Sam subiu para a carruagem. Em breve alcançaram Charles, que caminhava com notória lentidão, como tomando a fresca. Mas, tão logo a carruagem desapareceu, ele apressou o passo.

Sam tinha uma vasta experiência em lidar com sonolentas hospedarias provincianas. Descarregou a bagagem, escolheu os melhores quartos disponíveis, acendeu o fogo, estendeu as roupas de dormir sobre a cama e colocou à mão os objetos mais necessários — tudo em sete minutos. Em seguida, voltou rapidamente à rua, onde a carruagem ainda o esperava. Nova viagem foi feita, mais curta. De dentro do veículo Sam olhou cautelosamente à sua volta, depois desceu e pagou ao cocheiro.

— Fica na primeira rua à esquerda, senhor.

— Obrigado, chefe. Aqui estão duas pratas para você. — E, com essa miserável gorjeta (mesmo para Exeter), Sam puxou o chapéu para cima dos olhos e dissolveu-se nas sombras do crepúsculo. A meio caminho do final da rua e em frente à que o cocheiro indicara, erguia-se uma capela metodista, com imponentes colunas sustentando seu frontispício. Por trás de uma delas instalou-se o incipiente detetive. Já era quase noite, pois o céu nublado apressara a chegada das trevas.

Sam não teve de esperar muito. Seu coração deu um pulo quando viu surgir ao longe um vulto alto. Evidentemente desnortado, o vulto dirigiu-se a um menino, que prontamente o levou até a esquina e lhe indicou o caminho, gesto esse que lhe valeu, a julgar pelo seu amplo sorriso, uma generosa gorjeta. O vulto de Charles foi se afastando. Mais adiante ele parou, levantou a cabeça e deu alguns passos para trás. Depois, como que irritado consigo mesmo, tornou a recuar e entrou numa das casas. Sam esgueirou-se de seu esconderijo atrás da coluna e desceu correndo os degraus, dirigindo-se à rua onde estava situado o Hotel Familiar de Endicott. Esperou alguns minutos na esquina, mas Charles não tornou a aparecer. Sam criou coragem e saiu andando com ar displicente ao longo do muro do armazém que ficava em frente à fileira de casas. Chegou ao ponto em que podia ver o saguão do hotel. Estava deserto. Havia luz em vários quartos. Passaram-se quinze minutos, e a chuva começou a cair.

Sam roia as unhas, em furiosas elucubrações. Depois, afastou-se dali a passos rápidos.

## 46

*"Ah yet, when ali is thought and said,  
The heart still overrules the head;  
Still what we hope we must believe,  
And what is given us receive;*

*Must still believe, for still we hope  
That in a world of larger scope,  
What here is faithfully begun  
Will be completed, not undone.*

*My child, we still must think, when we  
That ampler life together see,  
Some true results will yet appear  
Of what we are, together, here." [{93}](#)*

*A. H. Clough, "Poem" (1849)*

Charles parou indeciso no humilde saguão, depois bateu a uma porta entreaberta, de onde vinha luz. Recebendo permissão para entrar, viu-se frente a frente com a proprietária. A mulher avaliou-o com muito mais rapidez do que ele a ela: classe dos quinze xelins, sem dúvida nenhuma. Conseqüentemente, sorriu com amabilidade.

— Um quarto, senhor?

— Não. Eu... quero dizer, gostaria de falar com uma de suas... a Srta. Woodruff. — O sorriso da Sra. Endicott apagou-se instantaneamente, cedendo lugar a uma expressão melancólica. Charles sentiu um aperto no coração. — Ela não está...

— Oh, o senhor se refere àquela pobre moça... Ela vinha descendo as escadas na manhã de anteontem e escorregou. Torceu o pé de um jeito horrível. Está inchado feito uma bola. Eu ia chamar o doutor, mas ela não quis ouvir falar nisso. Sei que um pé torcido acaba sarando sozinho. E os médicos cobram muito caro.

Charles olhou para a ponta da bengala.

— Quer dizer que não posso vê-la...

— Oh, nada disso, o senhor pode subir. É até bom, vai animar um pouco a moça. É algum parente dela?

— Preciso vê-la... sobre negócios.

O respeito da Sra. Endicott aumentou.

— Ah... o cavalheiro é advogado?

Charles hesitou um momento e respondeu:

— Sou.

— Então deve subir logo, senhor.

— Acho que... a senhora poderia perguntar a ela se seria melhor deixar a visita para outra ocasião?

Sentia-se completamente desnortado. Lembrou-se de Varguennes. O perigo era um encontro na intimidade. Viera apenas saber notícias, e esperara poder falar com ela numa sala no andar de baixo — um lugar que fosse ao mesmo tempo público e privado. A velha mulher teve um momento de hesitação, lançando um olhar rápido para uma caixa aberta ao lado de sua escrivaninha e aparentemente concluindo que mesmos os advogados podem ser ladrões — uma possibilidade que poucos que têm de pagar-lhes honorários estariam dispostos a negar. Sem sair do lugar e com surpreendente violência, ela gritou por alguém chamado Betty Anne.

Betty Anne apareceu e foi mandada ao quarto da moça, com um cartão de visitas. Sua demora pareceu longa a Charles, e nesse meio tempo ele teve de repelir várias tentativas da mulher no sentido de descobrir o motivo da sua visita. Por fim, Betty Anne

voltou com um recado: ele podia fazer a gentileza de subir? Charles seguiu atrás do roliço costado da criada até o andar de cima, onde ela lhe mostrou o local do acidente. Os degraus eram de fato muito altos, e naqueles tempos, quando as mulheres mal podiam enxergar seus próprios pés, elas viviam caindo. Era um fato comum na vida doméstica.

Chegaram a uma porta no final de um sombrio corredor. Charles, o coração batendo mais depressa do que seria justificável, mesmo depois de subir os três lances da íngreme escada, foi anunciado bruscamente:

— O cavalheiro, dona.

Ele entrou no quarto. Sarah estava sentada perto do fogo mas voltada para a porta, os pés sobre uma banquetta e um cobertor de lã vermelho cobrindo-lhe as pernas. O xale verde envolvia-lhe os ombros, mas não ocultava o fato de que ela vestia apenas uma camisola, de mangas compridas. Os cabelos estavam soltos e caíam-lhe pelos ombros. Pareceu a Charles muito pequena, e terrivelmente embaraçada. Ela não sorriu. Mantinha os olhos fixos nas mãos, lançando a Charles apenas um olhar rápido quando ele entrou, como uma penitente aterrorizada e convencida de ter provocado sua raiva, antes de baixar de novo a cabeça. Ele ficou parado, o chapéu numa das mãos, as luvas e a bengala na outra.

— Estou de passagem por Exeter.

A cabeça dela abaixou-se ainda mais, num gesto em que havia uma mistura de compreensão e vergonha.

— Não seria melhor chamar um médico?

Ela respondeu olhando para o colo:

— Não, por favor. A única coisa que ele poderia aconselhar é repouso, e isso eu já estou fazendo.

Charles não conseguia tirar os olhos dela, ao vê-la tão imobilizada, tão inválida (embora suas faces estivessem vividamente coradas), tão desamparada. E, depois daquele eterno vestido azul...

o xale verde e a luxuriante massa de cabelos, nunca antes revelada. Um leve e pungente odor de linimento penetrou nas narinas de Charles.

— Sente alguma dor?

Ela balançou a cabeça.

— Fazer uma coisa dessas... Não compreendo como posso ter sido tão desastrada!

— Pelo menos, deve dar graças aos céus por não ter acontecido no Undercliff.

— Tem razão.

Parecia irremediavelmente inibida em sua presença. Ele correu os olhos pelo quarto. Um fogo recém-aceso crepitava alegremente. Havia alguns narcisos murchos num jarro de cerâmica sobre a platibanda da lareira. Mas a pobreza do mobiliário era dolorosamente óbvia, e aumentava o embaraço. Havia manchas pretas no teto, causadas pela fumaça do lampião, como relíquias espectrais deixadas pelos infinitos e miseráveis hóspedes que haviam passado pelo quarto.

— Talvez eu devesse...

— Não. Por favor, sente-se. Desculpe-me. Eu... eu não esperava...

Ele depositou suas coisas sobre a cômoda e sentou-se na cadeira restante, junto à mesa, do outro lado do quarto. Como iria ela esperar, a despeito de sua carta, o que ele próprio decidira firmemente considerar como coisa fora de questão? Procurou alguma desculpa.

— Comunicou seu endereço à Sra. Tranter?

Ela sacudiu a cabeça. Silêncio. Charles olhava para o tapete.

— Só a mim?

De novo ela baixou a cabeça. Charles balançou a sua gravemente, como se já esperasse por isso. Então, ficaram em

silêncio. Uma rajada de chuva matraqueou furiosamente nas vidraças da janela atrás da moça.

Charles falou:

— Foi isso o que vim discutir.

Ela ficou esperando, mas ele não continuou. De novo seus olhos se fixaram nela. A camisola estava abotoada até o pescoço, e também nos pulsos. Sua alvura matizava-se de rosa à luz do fogo, pois era débil a chama do lampião sobre a mesa. Os cabelos, já ressaltados pelo verde do xale, adquiriam esplêndida vida com os reflexos das labaredas. Era como se todo o seu mistério, a parte mais íntima de seu ser, estivesse exposto diante dele: orgulhosa e submissa, aprisionada e livre, sua escrava e sua igual. Sabia agora por que viera: para vê-la de novo. Vê-la era tudo de que precisava — como uma intolerável sede que era necessário mitigar.

Forçou seus olhos a se desviarem, mas eles caíram sobre duas ninfas nuas acima da lareira. Elas também estavam matizadas de rosa pelos suaves reflexos do cobertor vermelho. Não lhe trouxeram nenhuma ajuda. Sarah mexeu-se ligeiramente, e ele teve que olhar de novo para ela.

Levou a mão rapidamente ao rosto, ainda abaixado. Seus dedos limpavam qualquer coisa em sua face, depois pousaram na garganta.

— Minha cara Srta. Woodruff, não chore, por favor... Eu não devia ter vindo... Não tive a intenção...

Mas a moça sacudiu a cabeça com súbita veemência. Ele deu-lhe tempo para se recompor. Quando ela dava pancadinhas no rosto com o lenço, para enxugá-lo, ele foi assaltado por um violento desejo sexual, um desejo mil vezes mais forte do que tudo o que sentira no quarto da prostituta. Suas lágrimas indefesas eram talvez a brecha através da qual irrompera a súbita revelação. Ele compreendeu de repente por que o rosto dela sempre o perseguira, por que sentira aquela terrível necessidade de vê-la de novo: queria possuí-la, dissolver-se nela, queimar-se, ser reduzido a cinzas por

aquele corpo e aqueles olhos. Adiar esse desejo por uma semana, um mês, um ano ou mesmo vários anos — isso talvez fosse possível. Mas por toda a eternidade...

As próximas palavras dela, explicando as lágrimas, foram quase inaudíveis.

— Achei que nunca mais ia vê-lo.

Charles não sabia dizer até que ponto ela percebeu o que se passava com ele. Sarah fixou nele os olhos, e ele rapidamente desviou os seus. Aquela mesma e misteriosa tontura que sentira no celeiro envolveu-o de novo. Seu coração batia acelerado, as mãos tremiam. Sabia que, se olhasse para aqueles olhos, estaria perdido. Como para afugentá-los, fechou os seus.

O silêncio foi terrível então, tenso como se uma ponte estivesse prestes a desabar, uma torre a desmoronar — intolerável pela emoção nele contida, pela verdade ansiando, por ser revelada. De repente, uma cascata de carvões desmoronou no meio do fogo. A maioria caiu do lado de dentro da grade protetora, mas uns poucos saltaram fora e rolaram até a barra do cobertor que cobria as pernas de Sarah. Ela afastou-os depressa, enquanto Charles se ajoelhava num gesto rápido e apanhava a pequena pá que se achava dentro do balde de metal. Os carvões sobre o tapete foram recolhidos prontamente, mas o cobertor fumegava. Ele arrancou-o de suas pernas e o atirou ao chão, batendo nele com os pés para apagar o fogo. Um cheiro de lã chamuscada encheu o quarto. Um dos pés de Sarah ainda descansava na banquetela, mas o outro ela pusera no chão. Estava descalça. Charles olhou para o cobertor, certificando-se, com alguns tapas apressados, de que já deixara de fumegar, depois recolocou-o sobre as pernas de Sarah. Estava curvado sobre ela, muito perto, absorto em sua tarefa. E então, como num gesto instintivo que no entanto mal ousava avaliar, ela estendeu a mão timidamente e pousou-a na dele. Charles sabia que ela o olhava. Não tinha forças para retirar a mão e de repente não pôde evitar de encará-la nos olhos.

Havia gratidão neles, e toda a antiga tristeza, e uma estranha preocupação, como se ela soubesse que Ihe estava causando algum mal. Mas, acima de tudo, ela esperava. Se houvesse em seus lábios o mais leve sorriso, talvez ele se tivesse recordado da teoria do dr. Grogan. Mas ali estava um rosto que parecia quase surpreendido consigo mesmo, e tão perdido quanto ele. Por quanto tempo ficaram assim em mútua contemplação, ele não saberia dizer. Pareceu-lhe uma eternidade, mas na verdade decorreram apenas três ou quatro minutos. As mãos agiram primeiro. Por força de alguma misteriosa comunhão, os dedos se entrelaçaram. Então, Charles pôs um joelho no chão e apertou-a apaixonadamente contra si. Suas bocas se uniram com tão desvairada violência que os dois ficaram chocados e ela desviou a sua. Ele cobriu-lhe as faces e os olhos de beijos. Por fim, sua mão tocou naqueles cabelos, acariciando-os, sentindo os contornos da delicada cabeça através da maciez, assim como sentia os contornos daquele corpo em seus braços e em seu peito, através da fina camisola. Subitamente, ele afundou o rosto no pescoço dela.

— Nós não devemos... não devemos... isto é uma loucura.

Mas os braços dela o enlaçaram e apertaram com força sua cabeça. Ele ficou imóvel. Sentia-se transportado em asas de fogo e lançado ao espaço, mas o ar era doce à sua volta, como se ele fosse uma criança afinal livre da escola, um prisioneiro numa verde campina, um falcão cortando os ares. Levantou a cabeça e olhou para ela, com uma intensidade quase selvagem. Beijaram-se de novo. Mas a pressão que fazia contra ela era tão forte que a cadeira recuou ligeiramente. Sentiu-a estremecer de dor quando o pé enfaixado caiu da banquetta. Olhou para o pé, depois de novo para seu rosto, para os olhos fechados. Sarah recuou a cabeça, encostando-a no espaldar da cadeira, quase como se ele a repelisse, mas seu peito parecia arquear-se imperceptivelmente para ele e suas mãos agarraram as dele convulsivamente. Charles olhou para a porta atrás de Sarah. Levantou-se e em duas passadas chegou até ali.

O quarto não tinha a iluminá-lo senão a claridade do crepúsculo e os reflexos dos lampiões do outro lado da rua. Mas ele viu o leito cinzento e o lavatório. Sarah ergueu-se desajeitadamente da cadeira, apoiando-se em seu encosto, o pé doente no ar. Uma ponta do xale escorregara de seus ombros. Cada um refletia a intensidade do olhar do outro, a torrente que arrastava os dois. Ela tentou dar um passo e foi caindo na direção dele. Charles saltou para a frente e apanhou-a nos braços, apertando-a de encontro ao corpo. O xale caiu. Nada mais que uma fina camada de flanela existia agora entre ele e a nudez dela. Comprimiu aquele corpo, contra o seu, esmagando sua boca contra a dela, com toda a ânsia de uma longa frustração — não apenas sexual, pois toda uma torrente incontrolável de coisas interditas (romance, aventura, pecado, loucura, animalidade) despejou-se irrimediavelmente sobre ele.

A cabeça de Sarah estava tombada para trás em seus braços, como se ela houvesse desfalecido. Arrebatou-a do chão e carregou-a para o quarto. Atirou-a atravessada sobre a cama, e ali ela ficou, meio desmaiada, com um braço jogado para trás. Charles agarrou a outra mão e beijou-a febrilmente. A mão acariciou seu rosto. Ele correu de volta à saleta e começou a despir-se freneticamente, arrancando a roupa de qualquer jeito, como se alguém estivesse se afogando e ele se achasse na margem. Um botão da casaca saltou longe, rolando para um canto, mas ele nem olhou aonde fora parar. O colete foi arrancado, as botas, as meias, as calças, as ceroulas... e a gravata com seu alfinete de pérola. Lançou um olhar para a porta que dava para o corredor e foi até ela, dando uma volta na chave. Depois, apenas em fraldas de camisa, voltou para o quarto, de pés no chão.

Ela mudara de posição, pois sua cabeça repousava agora no travesseiro, o rosto virado para um lado e oculto pelos cabelos desmanchados. Ele parou por um instante à beira da cama, o membro ereto fazendo saliência sob a camisa. Depois, apoiou um joelho na cama estreita e caiu sobre ela com uma chuva de beijos ardentes em sua boca, seus olhos, sua garganta. Mas aquele corpo

passivo e no entanto aquiescente premido debaixo dele, aqueles pés nus que tocavam nos seus... ele não pôde esperar. Erguendo-se ligeiramente, suspendeu a camisola. As pernas dela se afastaram. Com frenética brutalidade, sentindo a ejaculação prestes a explodir, ele encontrou o lugar e fez pressão. O corpo de Sarah contraiu-se de novo, como quando o pé resvalara da banquetta. Ele venceu essa instintiva constrição, e os braços dela o enlaçaram como se quisessem prendê-lo por toda a eternidade. A ejaculação veio imediatamente.

— Oh, meu amor, meu amor... Meu anjo adorado... Sarah, Sarah... oh, Sarah...

Momentos depois, jazia imóvel na cama. Tinham-se passado exatamente noventa segundos desde que a deixara para dar uma olhada no quarto.

*"Averse, as Dido did with gesture stern  
From her false friend's approach in Hades turn,  
Wave us away, and keep thy solitude." [{94}](#)*

*Matthew Arnold, "The scholar-gipsy" (1853)*

Silêncio.

Os dois continuaram ali, como que paralisados pelo que tinham feito. Petrificados pelo pecado, congelados pelo prazer. Charles — sem nada da doce melancolia pós-coito, mas dominado por um horror imediato e total — era como uma tranqüila cidade atingida repentinamente por uma catástrofe atômica. Tudo estava arrasado — todos os princípios, todo o futuro, toda a fé, todas as nobres intenções. No entanto, ele sobrevivera à tragédia, e jazia ali na plena posse de sua vida, o único sobrevivente — e infinitamente só... Mas já a radioatividade da culpa penetrava sorrateira no sangue e nos nervos. Na bruma longínqua estava Ernestina a contemplá-lo sombriamente. O sr. Freeman deu-lhe uma bofetada no rosto... e como eram pétreos os dois, implacáveis em sua justiça, irremovíveis na sua espera.

Ele ergueu o corpo ligeiramente, para aliviar Sarah de seu peso, e deitou-se de costas a seu lado, para que ela pudesse aconchegar-se a ele, com a cabeça em seu ombro. Olhou para o teto. Que iniquidade, que inominável iniquidade!

Apertou-a com mais força. A mão dela procurou timidamente a sua. A chuva cessara. Passos pesados, lentos, medidos, soaram sob

a janela. Um policial, talvez. A lei. Charles disse:

— Sou pior do que Varguennes. — A única resposta de Sarah foi comprimir sua mão, como se quisesse negar e acalmá-lo. Mas ele era um homem. — Que será de nós?

— Só consigo pensar no momento presente.

De novo ele a apertou nos braços, beijando sua testa. E de novo olhou para o teto. Ela lhe parecia tão jovem agora, tão irresistível!

— Tenho de romper meu noivado.

— Não lhe peço nada. Não posso pedir. A culpa é minha.

— Você me avisou, você me avisou. A culpa é inteiramente minha. Eu sabia quando vim até aqui... Preferi fazer-me de cego. Ignorei todos os meus compromissos.

Ela murmurou:

— Eu quis que fosse assim. — Repetiu tristemente: — Eu quis que fosse assim.

Charles acariciou-lhe os cabelos, que lhe caíam pelos ombros e pelo rosto como um véu.

— Sarah... é o nome mais doce que conheço.

Ela não respondeu. Passou-se um minuto, enquanto a mão dele lhe alisava os cabelos, como se ela fosse uma criança. Mas sua mente estava em outro lugar. Como se percebesse isso, ela falou afinal:

— Você não pode casar-se comigo.

— É meu dever. E meu desejo. Teria vergonha de mim mesmo se não o fizesse.

— Tenho sido má. Há muito tempo ansiava por um dia como este. Não sirvo para ser sua mulher.

— Meu amor...

— Sua posição no mundo, seus amigos, seus... E ela... Sei que ela o ama. Como não haveria de compreender o que ela sente?

— Mas não gosto mais dela!

Sarah deixou que sua veemência se perdesse no silêncio. Finalmente, disse:

— Ela é digna de você. Eu não sou.

Por fim, Charles começou a dar crédito às palavras dela. Fê-la virar a cabeça, e, à fraca claridade que vinha da saleta, os dois se olharam com olhos orlados de sombras. Nos dele havia um certo horror. Os dela eram calmos, quase sorridentes.

— Você não está pretendendo dizer que eu deva ir embora... como se nada tivesse acontecido.

Ela ficou calada. No entanto, a resposta estava em seus olhos. Charles ergueu o corpo, apoiando-se num cotovelo.

— Você não pode perdoar-me a esse ponto. Nem pedir tão pouco.

Ela deixou a cabeça tombar no travesseiro, os olhos voltados para algum negro futuro.

— Por que não, se o amo?

Ele puxou-a para si. A idéia de semelhante sacrifício fez com que lágrimas brotassem em seus olhos. Que injustiça Grogan e ele lhe tinham feito! Havia mais nobreza nela que em qualquer dos dois. Charles encheu-se de desprezo por seu próprio sexo, sua trivialidade, sua credulidade, seu egoísmo. Mas esse era seu sexo — e um pouco da antiga e tortuosa covardia voltou a dominá-lo. Não poderia aquilo tudo representar apenas o último pecadilho, a última loucura da juventude? Todavia, tão logo lhe veio essa idéia, sentiu-se como um assassino que consegue a absolvição através de alguma brecha na lei. Para o mundo ele poderia ser considerado um homem livre, mas em seu coração seria eternamente culpado.

— Sinto-me completamente estranho a mim mesmo.

— Também sinto isso. É porque pecamos, e não podemos acreditar que pecamos. — Falou como se tivesse diante dos olhos uma noite interminável. — Tudo o que desejo é sua felicidade. Agora que sei que pelo menos por um dia você me amou, posso suportar tudo... menos sua morte.

Charles ergueu-se de novo e olhou para ela. Ainda havia a sombra de um sorriso nos olhos de Sarah, uma profunda compreensão — uma aceitação espiritual e psicológica do fato de que ele a possuía. Nunca se sentira tão identificado com uma mulher, tão unido a ela. Curvou-se e beijou-a com um amor muito mais puro do que aquele que já recomeçava a se manifestar em suas virilhas, ao contato ardente de seus lábios. Charles era como a maioria dos homens vitorianos. Não era capaz realmente de acreditar que uma mulher de fina sensibilidade sentisse algum prazer em ser o receptáculo da luxúria do homem. Já abusara vergonhosamente do amor que ela lhe dedicava. Não podia fazer isso de novo. E a hora... precisava ir embora! Sentou-se na cama.

— Aquela mulher lá embaixo... e meu criado está à minha espera no hotel. Peço-lhe que me dê dois dias para pensar. Não consigo tomar uma decisão agora.

Os olhos dela estavam fechados.

— Não sou digna de você.

Ele olhou-a por um momento, depois deixou a cama e foi para a saleta.

E ali... um raio lhe caiu sobre a cabeça!

Ao se vestir, percebeu uma mancha vermelha na fralda da camisa. Por um instante imaginou que se portara inadvertidamente. Mas não se lembrava de ter sentido dor alguma. Examinou o corpo furtivamente. Então, agarrou-se ao espaldar da cadeira com os olhos fixos na porta do quarto... pois percebera subitamente o que um amante mais experiente (ou menos ardoroso) teria suspeitado mais cedo. Violara uma virgem.

Vinham rumores do quarto ao lado. Aturdido, a cabeça em torvelinho, começou a vestir-se com uma pressa desesperada. Ouviu o ruído de água sendo despejada numa bacia, o tilintar da saboneteira de encontro à louça. Ela não se entregara a Varguennes. Mentira para ele. Todo o seu comportamento, todos os motivos alegados em Lyme Regis eram baseados numa mentira. Mas com que objetivo? Por quê? Por quê? Chantagem! Para deixá-lo inteiramente em seu poder! E todos aqueles repugnantes demônios que habitam a mente dos homens, seus estúpidos temores de que haveria uma vasta conspiração feminina para sugar a virilidade de suas veias, devorar seu idealismo, derretê-los como cera e moldá-los ao sabor de seus perversos caprichos — tudo isso, e a certeza de que todas as horríveis provas apresentadas no julgamento de La Roncière eram verídicas, encheram a mente de Charles de um terror apocalíptico.

O discreto ruído das abluções cessou no quarto ao lado. Ouviu um leve roçar de roupas, e imaginou que ela se estivesse recolhendo ao leito. Já vestido, parou diante da lareira contemplando o fogo. Ela era louca, perversa... Enredara-o na mais estranha das redes... mas por quê?

Ouviu um rumor às suas costas. Voltou-se, a expressão do rosto refletindo com demasiada evidência seus pensamentos. Ela estava parada à porta, já agora com o velho vestido azul, os cabelos ainda soltos, e no entanto com resquícios de sua antiga expressão de desafio. Ele recordou momentaneamente a primeira vez em que a encontrara, postada naquela plataforma acima do mar, e em que ela o encarara. Devia ter percebido que ele descobrira a verdade. Uma vez mais tomou a dianteira, fazendo abortar a acusação em sua mente. Repetiu as palavras de sempre:

— Não sou digna de você.

Agora ele acreditava em suas palavras. Murmurou:

— Varguennes?

— Ao me aproximar da tal hospedaria em Weymouth... eu o vi sair. Com uma mulher. Um tipo de mulher que não engana ninguém. — Evitava seu olhar penetrante. — Ocultei-me na soleira de uma porta. Quando eles se afastaram, fui embora.

— Mas por que você me disse...

Ela dirigiu-se bruscamente para a janela, e isso fez Charles emudecer. Sarah não estava mancando. Não havia nenhum tornozelo luxado. Ela enfrentou a nova acusação em seus olhos, depois voltou-lhe as costas.

— É isso mesmo. Enganei-o. Mas nunca mais voltarei a incomodá-lo.

— Mas que foi que eu... por que iria você... Um turbilhão de mistérios.

Ela voltou-se para encará-lo. Recomeçara a chover torrencialmente. O olhar era firme, a antiga rebeldia voltara, e no entanto havia no fundo alguma coisa mais terna, a idéia de que ele acabara de possuí-la. A mesma e antiga distância os separava, mas era uma distância mais doce.

— Você me deu o consolo de fazer-me acreditar que em outro mundo, em outra época, em outra vida eu poderia ter sido sua mulher. Deu-me forças para continuar a viver... no espaço e no tempo presentes. — Menos de três metros os separavam, e no entanto pareciam três quilômetros. — Numa coisa fui sincera com você. Eu o amo... acho que o amei desde o primeiro momento em que o vi. Nesse ponto, nunca o enganei. Acho que o que atraiu você para mim foi minha solidão. Um ressentimento, uma inveja... não posso saber. — Voltou-se de novo para a janela e para a chuva que caía. — Não me peça para explicar o que fiz. Eu não saberia. Não há explicação.

No pesado silêncio que se seguiu, Charles olhava para suas costas. Da mesma forma que poucas horas antes se sentira arrastado para ela, agora se via arrastado para longe... e nos dois casos a culpa era de Sarah.

— Não posso aceitar isso. Deve haver uma explicação.

Mas a moça sacudiu a cabeça.

— Por favor, vá embora. Vou rezar pela sua felicidade. Nunca mais tentarei destruí-lo.

Mas Charles não se mexeu. Após um instante, ela voltou-se para olhá-lo, e evidentemente leu, como fizera antes, seus pensamentos. Sua expressão era calma, quase fatalista.

— É como já lhe disse antes. Sou muito mais forte do que qualquer pessoa seria capaz de imaginar. Minha vida terminará quando a natureza assim decidir.

Ele sustentou o olhar dela por algum tempo, depois voltou-se para apanhar a bengala e o chapéu.

— Esta é minha recompensa. Tentei ajudá-la, arrisquei tanta coisa... para descobrir no final que não passei de um boneco que você manejou ao sabor de sua fantasia.

— Hoje eu pensei apenas em minha própria felicidade. Se tivéssemos de nos encontrar de novo, eu pensaria na sua. O senhor nunca seria feliz em minha companhia. Não pode casar-se comigo, sr. Smithson.

Essa volta à formalidade atingiu-o em cheio. Charles lançou-lhe um olhar magoado, mas a moça virara as costas, como se já esperasse aquilo. Deu um passo para ela.

— Como pode dirigir-se a mim desse jeito? — Ela não respondeu. — Tudo o que peço é que me seja permitido compreender...

— Por favor, vá embora!

Tinha se voltado para encará-lo. Olharam-se como duas pessoas enlouquecidas. Charles parecia a ponto de dizer qualquer coisa, saltar sobre ela, explodir. Então, sem nenhum aviso, girou sobre os calcanhares e deixou a sala.

*"É imoral para um homem acreditar em coisas que ele espontaneamente não possa aceitar como adequadas à sua natureza mental e moral."*

*Newman, Dezoito proposições do Liberalismo (1828)*

*"I hold ii truth, with bim tvho sings  
To one clear barp in divers tones,  
That men may rise on stepping-stones  
Of their dead selves to higher things." [{95}](#)*

*Tennyson, In memoriam (1850)*

Assumi sua atitude mais formal ao chegar ao saguão. A Sra. Endicott achava-se parada à porta do escritório, já com uma pergunta engatilhada na língua. Mas Charles passou por ela com um breve e polido "Obrigado, minha senhora", e desapareceu na noite antes que ela pudesse dizer qualquer coisa ou perceber que faltava um botão em sua casaca.

Começou a caminhar cegamente sob a chuva que recrudescera. Mas não a sentia, assim como não sabia para onde estava indo. O que mais desejava era a escuridão, a invisibilidade, o esquecimento, tudo o que lhe permitisse recobrar a calma. Meteu-se sem perceber por aquela tenebrosa zona de Exeter que já descrevi antes. Como a maioria dos lugares tenebrosos, aquele era cheio de luzes e de vida, de lojas e tavernas, com muitas pessoas aglomeradas nas soleiras das portas, fugindo da chuva. Tomou por

uma rua que ia em forte declive até o rio Exe, e era formada por duas fileiras de gastos degraus, com uma valeta central para escoamento, já cheia pela enxurrada. No final da rua, deparou com uma pequena igreja de pedra avermelhada, construída na esquina. Charles sentiu repentinamente a necessidade de um santuário. Empurrou o portãozinho, tão baixo que teve de curvar-se para passar. Alguns degraus levavam ao piso da igreja, acima do nível da rua. Um jovem cura estava parado no alto dos degraus, ocupado em apagar o último lampião. Voltou-se surpreendido ao perceber o tardio visitante.

— Já estava fechando a igreja, senhor.

— Poderia dar-me licença para orar por alguns minutos?

O cura tornou a reavivar o lampião e examinou atentamente o freguês retardatário. Um cavalheiro.

— Minha casa fica do outro lado da rua. Estão à minha espera. Se o senhor fizer a gentileza de fechar a igreja e levar a chave para mim... — Charles assentiu e o cura desceu os degraus até ele. — É idéia do bispo. Na minha opinião, a casa de Deus devia estar sempre aberta. Mas nossos objetos são muito valiosos. Que tempos estes em que estamos vivendo!...

E assim Charles viu-se sozinho no recinto da igreja. Ouviu os passos do cura atravessando a rua. Fechou então o portão pelo lado de dentro e subiu os degraus, entrando no prédio. Cheirava a tinta fresca. O solitário lampião fazia brilhar as novas douraduras, mas as sólidas arcadas góticas, de um vermelho sombrio, mostravam que a igreja era muito antiga. Charles sentou-se num banco no centro da nave e contemplou, através da treliça de madeira que separava o altar, o Cristo crucificado. Depois, ajoelhou-se e murmurou o padre-nosso, as mãos crispadas sobre o encosto do banco à sua frente.

O tenebroso silêncio e a desolação voltaram a envolvê-lo imediatamente, tão logo acabou de pronunciar as palavras rituais. Começou então a compor uma prece especial para a ocasião. "Perdoa-me, ó Senhor, por meu egoísmo. Perdoa-me por ter

infringido Tua lei. Perdoa minha desonra, minha falta de castidade. Perdoa minha insatisfação comigo mesmo, minha falta de fé em Tua sabedoria e misericórdia. Perdoa e aconselha-me, ó Senhor, em minhas atribulações..." Nesse momento, por uma dessas lamentáveis traições de um subconsciente desatento, o rosto de Sarah surgiu diante dele, molhado de lágrimas, angustiado, com todos os traços de uma Mater Dolorosa de Grünewald que havia visto em Colmar, Coblenz, Colônia... não sabia bem onde. Por alguns segundos, sua mente perseguiu absurdamente a cidade esquecida que começava com C... Ergueu-se e sentou-se no banco. Como estava deserta e silenciosa a igreja! Olhou para o crucifixo, mas em lugar da face de Cristo viu a de Sarah. Tentou continuar com sua prece. Mas era inútil. Sabia que não seria ouvido. Bruscamente, começou a chorar.

Na época vitoriana, em quase todos os ateístas (à exceção da elite militante liderada por Bradlaugh) e agnósticos havia um profundo senso de rejeição, de dádiva recusada. Entre amigos que tinham as mesmas convicções, eles podiam zombar das incongruências da Igreja, do sectarismo de suas querelas, de seus bispos imponentes e de seus cânones obscuros, de seus priores relapsos <sup>{96}</sup> e curas mal-remunerados, de sua antiquada teologia e de todo o resto. Mas Cristo permanecia como uma terrível anomalia para o pensamento racional. Não podia ser para o povo daquela época o que é hoje para tantos de nós — uma figura inteiramente temporal, um homem chamado Jesus de Nazaré, dotado de um maravilhoso talento para as metáforas, capaz de criar uma mitologia pessoal e de agir de acordo com suas crenças. Todo o resto do mundo acreditava em sua divindade, e assim sua rejeição atingia com mais força o descrente. Em meio às crueldades de nossa época e de nossa culpa, erguemos um vasto edifício, sob a égide do governo, para ajudar o homem e promover seu bem-estar. A caridade é inteiramente organizada. Mas os vitorianos viviam muito mais perto dessa crueldade, os sensíveis e os inteligentes sentiam-se mais responsáveis pessoalmente, e assim era muito mais difícil, nos tempos difíceis, rejeitar o símbolo universal da compaixão.

No fundo de seu coração, Charles não desejava ser um agnóstico. Uma vez que nunca sentira necessidade de fé, aprendera a viver feliz sem ela. E sua razão, seus conhecimentos de Lyell e Darwin lhe haviam ensinado que estava certo em passar sem seus dogmas. No entanto, ali estava ele chorando, não por Sarah, mas por sua própria incapacidade de falar com Deus. Sabia, naquela igreja escura, que os fios estavam cortados. Nenhuma comunicação era possível.

Uma pancada forte quebrou o silêncio. Charles voltou a cabeça, enxugando apressadamente os olhos na manga do paletó. Mas quem quer que houvesse tentado entrar aparentemente aceitara o fato de a igreja estar fechada. Era como se uma parte de Charles, ao se ver rejeitada, houvesse ido embora. Começou a andar para baixo e para cima ao longo do corredor central da nave, as mãos para trás. Datas e nomes apagados, restos fósseis de outras vidas encaravam-no das lajes das sepulturas embutidas no chão. Talvez por ter caminhado para cima e para baixo por sobre aquelas lajes, pela leve impressão de que estava cometendo uma profanação, ou pela intensidade de seus primeiros momentos de desespero — o fato é que alguma coisa lhe trouxe calma e certo desanuvia-mento mental. Começou a travar-se um diálogo entre seu "eu" mau e o bom — ou talvez entre ele e aquela figura de braços abertos como asas nas sombras do altar.

Por onde devo começar?

Comece pelo que você fez, meu amigo. E pare de desejar que não o tivesse feito.

Não fui eu que fiz. Fui levado a isso.

Quem o forçou?

Fui enganado.

Com que intenção?

Não sei.

Mas precisa julgar.

Se ela me amasse realmente, não me teria deixado partir.

Se o amasse, poderia continuar a enganá-lo?

Ela não me deu alternativa. Ela própria declarou que um casamento entre nós era impossível.

Que razões deu para isso?

A diferença de nossa posição social.

Um nobre motivo.

E havia Ernestina. Assumi com ela um solene compromisso.

Que já foi rompido.

Vou reparar o mal.

Por amor, ou por um sentimento de culpa?

Não importa. Os compromissos são sagrados.

Se isso não importa, os compromissos não podem ser sagrados.

Meu dever é claro.

Charles, Charles, vi esse dever nos olhos mais cruéis do mundo. O dever não passa de uma vasilha. Recebe tudo o que se põe dentro dele, desde o mal absoluto até o bem absoluto.

Ela queria que eu fosse embora. Vi isso em seus olhos, seu desprezo.

Quer saber o que o Desprezo está fazendo neste momento? Está chorando como se o mundo fosse acabar.

Não posso voltar.

Você acha que conseguirá lavar o sangue que manchou seu corpo?

Não posso voltar.

Teria sido necessário ir vê-la de novo no Undercliff? Passar esta noite em Exeter? Ir visitá-la em seu quarto? Deixar que a mão dela

descansasse na sua? Ou...

Estou pronto a admitir tudo isso! Eu pequei. Mas caí na armadilha que ela me preparou.

Como se explica que esteja livre dela agora?

Não houve resposta de Charles. Sentou-se de novo no banco. Juntou as mãos, crispando-as brutalmente, como se quisesse partir os nós brancos dos dedos, os olhos perdidos na escuridão. Mas a outra voz não queria deixá-lo em paz.

Meu amigo, há uma coisa que ela ama ainda mais do que a você. E o que você não compreende é que, pelo fato de amá-lo realmente, ela deseja dar-lhe essa coisa. Vou lhe dizer por que ela está chorando: é que falta a você coragem para devolver-lhe sua dádiva.

Que direito tem ela de me fazer sofrer tanto?

Que direito tem você de ter nascido? De respirar? De ser rico?

Apenas dou a César.

Ou ao sr. Freeman?

Essa é uma acusação mesquinha.

E a mim? É esse seu tributo? Esses cravos que você enterra em minhas mãos?

Com o devido respeito... Ernestina também tem mãos.

Vamos ler, pois, uma dessas mãos. Não vejo felicidade nela. Ela sabe que não é verdadeiramente amada. Está sendo enganada. Não apenas uma vez, mas muitas e muitas vezes, cada dia.

Charles apoiou os braços no encosto à sua frente e afundou neles o rosto. Sentia-se preso num dilema, que era também como uma corrente de indecisão — uma corrente quase palpável, não

passiva, mas ativa, que o arrastava para um futuro que ela, e não ele, escolhera.

Meu pobre Charles, examine seu coração. Você pensou em provar a si próprio, quando veio para esta cidade, que ainda não entrara na prisão do futuro. Mas a fuga não pode ser levada a efeito com um ato apenas, meu amigo. Da mesma forma que você não pode alcançar Jerusalém com uma só passada. Deve ser retomada a cada hora, a cada dia, Charles. Os cravos precisam ser martelados a cada minuto. Você tem sua escolha. Se preferir a prisão — o que sua época chama de dever, honra, auto-respeito —, estará seguro. Se optar pela liberdade, será crucificado. Sua única recompensa serão as pedras, os espinhos, o repúdio de seus semelhantes, o silêncio das cidades, e seu ódio.

Eu sou fraco.

Mas sente vergonha de sua fraqueza.

Que bem minha força poderá trazer ao mundo?

Não houve resposta. Mas alguma coisa fez Charles deixar seu banco e aproximar-se da treliça de madeira à frente do altar. Através do rendilhado das ripas, ele contemplou a Cruz. Após alguns momentos de hesitação, passou pela porta central, atravessou o coro e subiu os degraus até a mesa do altar. A claridade que vinha da entrada da igreja chegava debilmente até ali. Mal conseguia distinguir as feições do Cristo; no entanto uma misteriosa empatia apossou-se dele. Imaginou-se pregado ali... sem nada, é claro, da nobreza e da universalidade de Jesus, mas crucificado.

Não sobre a Cruz, entretanto, mas sobre outra coisa. Muitas vezes pensara em Sarah como se visse a si próprio crucificado nela. Mas semelhante blasfêmia, religiosa ou real, não lhe passou pela mente. Parecia-lhe que ela estava a seu lado, esperando pela

cerimônia nupcial, e no entanto a finalidade era outra. Por um momento, não conseguiu perceber qual fosse. De repente, veio a revelação.

Para descrucificá-lo!

Num clarão súbito, Charles percebeu o verdadeiro sentido do cristianismo. Seu objetivo não era venerar aquela bárbara imagem, mantê-la em evidência porque houvesse algo proveitoso — a redenção dos pecados — a ser retirado disso, e sim dar nascimento a um mundo em que o homem martirizado pudesse ser descido da cruz, e o ricto de agonia em seu rosto, substituído por uma doce expressão de paz diante da vitória alcançada por todos os homens, e para eles.

Ali parado, ele parecia passar em revista toda a sua era, com sua vida tumultuosa, suas graníticas certezas e rígidas convenções, suas emoções reprimidas, seu humor chistoso, sua ciência prudente e sua imprudente religião, sua política corrupta e suas castas imutáveis — como se ela fosse a grande e secreta inimiga de todos os seus mais profundos anseios. Fora isso o que o enganara, algo totalmente destituído de amor ou liberdade... mas igualmente de idéias, intenção, malícia, porque a ilusão fazia parte de sua própria natureza. Não se tratava de uma coisa humana, mas de uma máquina. Era esse o círculo vicioso que o prendia, aí estava a falha, a fraqueza, o câncer, o erro vital que o levava a ser o que era: antes um sonho do que um homem, antes uma indecisão do que uma realidade, um silêncio sem palavras, ossos sem vida. Um fóssil!

Ele estava agindo, ainda vivo, como se estivesse morto. Achava-se à beira de um abismo insondável. E havia mais: a estranha sensação que sentira ao entrar naquela igreja — e não particularmente naquela, pois tratava-se de uma impressão que sentia sempre que penetrava numa igreja deserta —, de que não estava sozinho. Uma congregação inteira achava-se presente atrás dele. Voltou a cabeça e olhou para a nave.

Silêncio, bancos vazios.

Charles pensou: se eles estivessem realmente mortos, se não houvesse uma vida futura, por que deveria eu importar-me com o que pensam de mim? Eles ignorariam tudo, não poderiam julgar-me.

E então Charles transpôs o abismo de um salto: Eles ignoram tudo, não podem julgar-me.

Mas o que ele estava atirando longe havia perseguido — e prejudicado profundamente — sua época. Vamos encontrá-lo claramente exposto no quinquagésimo poema de In memoriam, de Tennyson. Ouçamos:

"Do we indeed desire the dead  
Should still be near us at our side?  
Is there no baseness we would hide?  
No inner vileness that we dread?

Shall he for whose applause I strove,  
I had such reverence for his blame,  
See with clear eye some hidden shame  
And I be lessend's in his love?

I wrong the grave with fears untrue:  
Shall love be blamed for want of faith?  
There must be wisdom with great Death;  
The dead shall look me thro' and thro'.

Be near us when we climb or fall:  
Ye watch, like God, the rolling hours  
With larger other eyes than ours,  
To make allowance for us all." [{97}](#)

"Deve haver sabedoria na grande Morte; os mortos vigiarão todos os meus passos." Todo o ser de Charles se rebelou contra essas duas infames proposições, contra o desejo macabro de caminhar de costas para o futuro, os olhos hipnoticamente fitos nos pais mortos, e não nos filhos ainda por nascer. Era como se sua crença anterior na fantasmagórica presença do passado o tivesse condenado, sem que ele se desse conta disso, a viver dentro de uma sepultura.

Embora isso possa parecer um salto para o ateísmo, não o foi na realidade. Não diminuiu Cristo aos olhos de Charles. Pelo contrário, fez com que Ele renascesse, descrucificou-O, se não completamente, pelo menos de maneira parcial. Charles voltou vagarosamente para a nave, dando as costas à treliça indiferente. Mas não a Jesus. Começou a andar de novo para cima e para baixo, os olhos postos nas lajes do chão. O que via agora era um vislumbre de um outro mundo: uma nova realidade, uma nova causalidade, uma nova criação. Uma torrente de visões concretas — ou, se quiserem, outro capítulo de sua hipotética autobiografia — despejou-se sobre sua mente. Foi um momento semelhante àquele em que a Sra. Poulteney, no espaço de tempo que o relógio de mármore e bronze de sua saleta teria levado para fazer um tique e um taque, despencou das alturas e de sua eterna salvação e se lembrou de Lady Cotton. Eu estaria ocultando a verdade se não dissesse que nesse momento Charles pensou no tio. Ele não iria culpar Sir Robert por um casamento rompido e por uma aliança que não era digna da família. O próprio tio iria encarregar-se disso. Outra cena surgiu, sem ser chamada, em sua mente: Lady Bella frente a frente com Sarah. E — milagre dos milagres — ele percebeu qual das duas enfrentaria a situação com mais dignidade. Pois Ernestina lutaria com as mesmas armas de Lady Bella, ao passo que Sarah... aqueles olhos, como saberiam suportar o insulto e o desprezo! Compreendê-los em

silêncio! Fazer com que se transformassem em ínfimos e sórdidos pontinhos no límpido azul do céu!

Vestir Sarah! Levá-la para Paris, Florença, Roma! Este não é exatamente o momento para uma comparação com São Paulo na estrada de Damasco. Mas Charles ficou paralisado — infelizmente, de costas para o altar outra vez —, e havia um certo júbilo em seu rosto. Talvez se tratasse apenas de um reflexo da luz do lampião nos degraus lá fora. Ele não deu expressão às razões mais nobres, embora abstratas, que lhe passaram pela mente. Mas espero que o leitor acredite que o fato de se imaginar ao lado de Sarah na galeria dos Uffizi, em Florença, concretizava, ainda que de maneira banal, a pura essência de uma cruel mas necessária (se quisermos sobreviver — sim, mesmo hoje) liberdade.

Voltou para seu banco, e ali fez um ato bastante irracional, pois ajoelhou-se e orou, embora rapidamente. Depois, saiu da igreja, puxou a corrente do lampião a gás até que sua luz se tornasse um pálido fogo-fátuo e retirou-se.

*"I keep but a man and a maid, ever ready  
to slander and sleal..." [{98}](#)*

*Tennyson, "Maud" (1855)*

Charles foi até a casa do cura e tocou a campainha. Uma criada atendeu, mas o rosto do jovem clérigo, com suas longas suíças, apareceu logo atrás dela no corredor. A moça afastou-se e seu patrão adiantou-se para receber a velha e pesada chave.

— Obrigado, senhor. Dou a santa comunhão às oito, toda manhã. Vai ficar muito tempo em Exeter?

— Infelizmente, não. Estou apenas de passagem.

— Contava poder vê-lo de novo. Posso ajudá-lo em mais alguma coisa?

Fez um gesto indicando — pobre e insignificante criatura — uma porta que sem dúvida dava acesso a seu gabinete. Charles já notara certa ostentação nos adornos da igreja, e agora estava sendo convidado para a confissão. Não lhe foram necessários poderes mágicos para ver através da parede um oratório e uma discreta imagem da Virgem, pois tratava-se de um cura jovem demais para ter participado do cisma e que, por conseguinte, podia dedicar-se com certa ousadia e toda a segurança — uma vez que o reverendo Philpotts pertencia à igreja tradicional — aos rituais e paramentos, uma forma comum de vaidade eclesiástica. Charles avaliou-o por um momento e sentiu-se fortalecido em suas novas convicções: não podiam ser piores do que as do outro. Assim sendo, recusou com

uma inclinação de cabeça e seguiu seu caminho. Estava curado da religião tradicional pelo resto de seus dias.

Seu caminho... o leitor imagina, talvez, que esse caminho o tenha levado diretamente de volta ao Hotel Familiar de Endicott. Não há dúvida de que um homem moderno teria voltado imediatamente para lá. Mas a maldita noção do Dever e das Conveniências erguia-se como os muros de um castelo à sua frente. Sua primeira tarefa era limpar do caminho suas passadas obrigações. Só então poderia apresentar-se para oferecer sua mão.

Começava a compreender o ardil de Sarah. Ela sabia que ele a amava, e sabia também que estivera cego quanto à verdadeira intensidade desse amor. Sua falsa versão da traição de Varguennes e tudo o mais que inventara não tinham passado de um estratagema para tirar-lhe a venda dos olhos. Tudo o que havia dito depois que o levara a perceber isso fora apenas para testar sua nova visão das coisas. Ele falhara miseravelmente. E ela então se valera dos mesmos estratagemas para provar que era indigna dele. Quanta nobreza era necessária para chegar a tamanho sacrifício! Se ao menos ele a houvesse tomado nos braços de novo dizendo-a sua, irremediavelmente sua!

E se ao menos — ele poderia ter acrescentado, mas não o fez — não houvesse aquela dicotomia nos vitorianos (talvez o resultado mais lamentável de sua obsessão pelas classificações), que os levava a considerar a "alma" mais real, muito mais real do que o corpo, e seu verdadeiro eu; algo, na verdade, quase dissociado do corpo e pairando muito acima do animal, e que, no entanto, por alguma inexplicável falha na natureza das coisas, se via arrastado relutantemente na esteira do animal como um balão cativo puxado por uma criança perversa e desobediente.

Isto — o fato de que os vitorianos possuíam duas mentes — é o único equipamento que sempre devemos ter à mão em nossos passeios pelo século XIX. Trata-se de uma esquizofrenia em sua manifestação mais clara, mais notória, e que encontramos nos poetas que já citei tantas vezes: Tennyson, Clough, Arnold, Hardy —

e apenas um pouco menos clara nas extraordinárias guinadas políticas da direita para a esquerda, e vice-versa, de homens como Stuart Mill e Gladstone; nas eternas neuroses e doenças psicossomáticas de intelectuais inteiramente diferentes um do outro como Charles Kingsley e Darwin; na execração pública que se abateu a princípio sobre os pré-rafaelitas quando tentaram — ou pareceram tentar — encarar a vida e a arte da mesma maneira; na interminável batalha travada entre a Liberdade e a Restrição, o Excesso e a Moderação, a Conveniência e a Convicção, entre o clamor do homem de princípios pela Educação Universal e seu terror ao Sufrágio Universal; clara também em sua mania de expurgar e emendar — de tal forma que, se quisermos conhecer o verdadeiro Mill ou o verdadeiro Hardy, será mais proveitoso lermos os trechos cortados e censurados de suas autobiografias, a correspondência que por acaso escapou ao fogo, os diários íntimos, o rebotalho atirado fora pela operação de camuflagem, do que as versões finalmente publicadas. Jamais o registro de uma época foi tão alterado, jamais uma falsa fachada conseguiu com tanto sucesso passar por verdadeira para uma crédula posteridade. E isso, creio, faz provavelmente do livro *O médico e o monstro* o melhor guia dessa época. Por trás de suas mentiras pseudo-góticas, escondem-se profundas e reveladoras verdades sobre o século.

Todo vitoriano tinha duas mentes, e Charles não era exceção. Ao seguir pela rua na direção da hospedaria, ia ensaiando mentalmente as palavras que seu balão branco iria pronunciar quando a criança perversa e desobediente visse Sarah de novo, os ardentes mas nobres argumentos que iriam reduzi-la a um estado de lacrimosa gratidão e arrancar-lhe a confissão de que não poderia viver sem ele. Charles imaginou tudo isso tão vividamente que me sinto quase tentado a pô-lo no papel. Mas a realidade estava à sua espera, na figura de Sam, parado à porta da velha hospedaria.

— Gostou do serviço religioso, sr. Charles?

— Eu... me perdi, Sam. E estou infernalmente molhado. —  
Essa era uma palavra que não se aplicava absolutamente à secura

da fisionomia de Sam. — Seja um bom rapaz e prepare um banho para mim. Vou jantar no quarto.

— Sim, senhor.

Quinze minutos depois, poderíamos ver Charles, inteiramente nu, ocupado com um trabalho inusitado: a lavagem de roupas. Estendera sua camisa manchada de sangue na borda da ampla banheira circular e esfregava-a diligentemente com um pedaço de sabão. Sentia-se ridículo, e o resultado do trabalho não foi muito satisfatório. Quando Sam entrou algum tempo depois, com a bandeja do jantar, as roupas continuavam na borda da banheira, uma parte mergulhada na água, como se tivessem sido atiradas ali negligentemente. E pelo menos dessa vez Charles felicitou-se pela habitual desatenção de Sam para com esses pormenores.

Ao acabar de jantar, abriu sua pasta.

"Minha adorada,

Uma parte de mim sente-se inexprimivelmente feliz por dirigir-se assim a você, ao passo que a outra se espanta de lhe ser permitido falar dessa maneira a quem até hoje ela mal consegue compreender. Estou pronto a admitir que conheço profundamente algumas coisas que há em você, ao passo que outras continuam tão desconhecidas para mim como no primeiro dia em que a vi. Digo isso não como uma desculpa, mas apenas para explicar meu comportamento desta noite. Não há desculpas para minha atitude, mas de certa maneira creio que posso considerá-la afortunada, uma vez que me forçou a um exame de consciência que já devia ter feito há muito tempo. Não entrarei em pormenores. Mas está decidido, minha doce e misteriosa Sarah, que os laços que nos unem agora deverão prender-nos para sempre. Estou perfeitamente ciente de que não tenho o direito de vê-la de novo, e muito menos de pedir-lhe que me permita conhecê-la melhor, enquanto durar minha presente situação. Minha primeira obrigação será, por conseguinte, terminar meu noivado.

Sempre tive uma premonição de que seria uma loucura levar avante meu casamento — muito antes que você entrasse em minha vida. Suplico-lhe, pois, que não se sinta culpada quanto a essa parte. A culpa cabe toda à minha cegueira em reconhecer minha verdadeira natureza. Se eu fosse dez anos mais moço, se não tivesse visto tantas coisas em minha época e em minha sociedade, com as quais não concordo, estou certo de que poderia ser feliz com a Srta. Freeman. Meu erro foi esquecer-me de que tenho trinta e três anos, e não vinte e três.

Em vista disso, partirei amanhã cedo para Lyme, em penosa missão. Espero que aprecie o fato de que o propósito predominante em minha mente neste momento é terminar o assunto em questão de maneira definitiva. Após cumprir meu dever quanto a essa parte, meus pensamentos estarão voltados unicamente para você, e não só para você, mas para nosso futuro. Que estranho destino me terá levado a encontrá-la, não posso saber. Mas, se Deus quiser, nada mais poderá tirá-la de mim, a não ser que você própria o deseje. Não direi mais nada agora, minha doce esfinge, a não ser que, para conseguir isso, você terá de usar argumentos e provas muito mais convincentes do que usou até agora. Não posso crer que tentará fazer isso. No fundo de seu coração, você sabe que sou seu e desejo considerá-la minha.

Será necessário acrescentar, minha adorada Sarah, que minhas intenções a partir de agora são as mais nobres possíveis? Há um milhão de perguntas a lhe fazer, um milhão de atenções a lhe dispensar, um milhão de prazeres a lhe proporcionar. Mas tudo isso sem que eu jamais me esqueça do que sua sensibilidade e sua noção das conveniências considerem justo.

Aqui fica aquele que não conhecerá a paz nem a felicidade enquanto não puder estreitá-la de novo em seus braços.

CS.

P. S. Ao reler o que escrevi, noto um certo formalismo em minhas palavras, inteiramente em desacordo com meu coração. Perdoe-me. Você é ao mesmo tempo tão íntima e tão estranha para mim, que não sei como exprimir o que realmente sinto.

Seu apaixonado C."

A redação final desta epístola só foi conseguida depois de vários rascunhos. Quando Charles terminou, a noite ia avançada, e ele mudou de idéia quanto à remessa imediata da carta. A essa hora, ela já teria chorado até adormecer. Deixaria que passasse mais uma noite de angústia, mas seu despertar seria de júbilo. Releu a carta várias vezes. Havia nela uns restos do tom usado apenas dois dias antes em suas cartas de Londres para Ernestina. Mas a composição daquelas cartas lhe causara uma verdadeira agonia, e representava apenas uma concessão às convenções. Esse era o motivo por que acrescentara o pós-escrito. Ainda se sentia — como dissera a Sarah — um estranho para si mesmo. Agora, entretanto, foi com uma espécie de prazer reverente que contemplou o próprio rosto no espelho. Sentia-se cheio de coragem, não só diante do presente como do futuro, como se possuísse alguma qualidade rara e houvesse realizado algo sem paralelo. E seu desejo iria ser satisfeito: viajaria de novo, uma viagem duplamente deliciosa por causa da acompanhante que contava ter a seu lado. Tentou imaginar Sarahs desconhecidas — Sarahs que riam, cantavam, dançavam. Não era fácil concebê-las, mas não era impossível... Recordou o sorriso dela quando quase foram descobertos por Sam e Mary. Fora um sorriso de presciência, uma visão antecipada do futuro. Naquele dia ele a erguera do chão, onde se ajoelhara... Com que prazer infinito iria fazê-lo quando estivessem juntos para sempre!

Se esses eram os espinhos e as pedras que o ameaçavam, suportá-los-ia facilmente. Mas havia um pequeno espinho que causava certa preocupação: Sam. Todavia, Sam, como todos os criados, podia ser dispensado.

Podia ser chamado também. E chamado ele foi, no dia seguinte, a uma hora surpreendentemente matutina. Encontrou Charles já de roupão, tendo nas mãos uma carta lacrada e um pequeno pacote.

— Sam, quero que leve isto ao endereço indicado no envelope. Aguarde dez minutos para ver se há resposta. Se não houver — não estou esperando nenhuma, mas faça o que estou dizendo, de qualquer forma —, volte imediatamente para cá. Alugue uma carruagem veloz. Vamos hoje para Lyme. — Ajuntou logo depois: — Não levaremos bagagem. Voltamos hoje à noite.

— Hoje, sr. Charles! Mas pensei que...

— Não interessa o que você pensou. Faça o que estou dizendo.

Sam assumiu sua expressão de laçao e retirou-se. Ao descer vagarosamente as escadas, começou a compreender que sua posição se tornara insustentável. Como podia travar uma batalha sem meios de informação? E com tantos boatos desencontrados sobre a disposição das tropas inimigas? Olhou para o envelope em suas mãos. Seu destino era claro: "Srta. Woodruff, Hotel Familiar de Endicott". E eles iam passar apenas um dia em Lyme, deixando todas as malas no hotel? Virou o envelope nas mãos, apalpando-o. Era volumoso — três páginas, no mínimo. Correu os olhos à sua volta e examinou sub-repticiamente a cola. Amaldiçoou o homem que inventara o lacre.

E agora ele se acha de novo diante de Charles, que já está vestido.

— Não tem resposta, sr. Charles.

Charles não conseguiu controlar sua fisionomia. Virou-lhe as costas.

— E a carruagem?

— Já está esperando, sr. Charles.

— Muito bem. Desço dentro de poucos minutos.

Sam retirou-se. Mal a porta se fechou, Charles levou as mãos à cabeça e em seguida abriu os braços, como se estivesse diante de uma platéia — um ator recebendo os aplausos com um sorriso de gratidão nos lábios. Pois a verdade é que, ao reler a carta pela nonagésima vez, resolvera acrescentar um segundo pós-escrito. Referia-se àquele broche que já vimos nas mãos de Ernestina. Charles rogava a Sarah que o aceitasse como um sinal de que as desculpas por sua atitude também haviam sido aceitas. O segundo pós-escrito terminava assim: "O portador esperará até que leia isto. Se trazer o pacote de volta... mas não creio que você possa ser tão cruel".

Não obstante, o pobre homem estivera em agonia durante a ausência de Sam.

E aqui está Sam de novo, falando com volubilidade e em voz baixa, no rosto, uma expressão angustiada. A cena se passa à sombra de uma moita de lilases que cresce junto à porta da cozinha, no jardim de tia Tranter, e que funciona como uma espécie de tapume. Os raios do sol da tarde atravessam obliquamente os ramos e iluminam os primeiros e alvos botões. A ouvinte é Mary, de faces afogueadas e cobrindo a todo momento a boca com a mão.

— Não é possível, não é possível...

— É o seu tio. Deixou ele de cabeça virada.

— Mas e a patroazinha... que vai ser dela agora, Sam?

E os olhos de ambos se levantaram temerosos, como se receassem ouvir um grito ou ver um corpo caindo, até as janelas do andar de cima, visíveis por entre os ramos.

— E nós, Mary... que será de nós?

— Oh, Sam, isso não é direito...

— Eu gosto de você, Mary.

— Oh, Sam...

— Não é direito o que ele está fazendo. Prefiro morrer a perder você agora.

— Que vamos fazer?

— Não chore, meu bem, não chore. Já agüentei muito lá em cima. Eles não são melhores do que a gente. — Agarrou-a pelos braços. — Se ele está pensando que o criado é igual ao patrão, está muito enganado, Mary. Entre ele e você, escolho você. — Enrijeceu o corpo como um soldado pronto para atacar. — Largo o emprego.

— Sam!

— Largo mesmo. Vou carregar carvão, faço qualquer coisa!

— Mas e o dinheiro... assim ele não dá mais nada a você.

— Ele não tem dinheiro nenhum para dar. — Olhou com amargura para o desconsolo da moça. Mas logo sorriu e estendeu-lhe as mãos. — Mas eu sei de alguém que tem. Se a gente jogar as cartas direitinho...

*"Em minha opinião, ocorre inevitavelmente que, com o correr dos tempos, a medida que as novas espécies vão sendo formadas através da seleção natural, outras se tornam cada vez mais raras, até se extinguirem completamente. As formas que competem mais de perto com as que estão em fase de transformação e aperfeiçoamento são naturalmente as que mais sofrem."*

*Darwin, A origem das espécies (1859)*

Chegaram a Lyme pouco antes das duas. Charles permaneceu alguns minutos no quarto que reservara. De novo pôs-se a andar de um lado para outro, nervoso e angustiado, procurando adquirir coragem para o encontro que se seguiria. O terror existencialista dominou-o de novo. Talvez já soubesse que isso iria acontecer e por isso queimara suas chances enviando a carta a Sarah. Ensaïou de novo os milhares de frases que compusera mentalmente durante a viagem de Exeter até ali. Elas, porém, passavam fugazmente por sua cabeça como folhas de outono levadas pelo vento. Respirou fundo, apanhou o chapéu e saiu.

Mary abriu a porta com um largo sorriso ao ver que era ele. Charles ensaiou com ela seu novo ar solene.

— Bom dia. A Srta. Ernestina está?

Mas, antes que ela pudesse responder, a própria Ernestina apareceu no fundo do vestíbulo. Sorriu levemente.

— Não. Minha governanta foi almoçar fora. Mas você pode entrar.

E desapareceu na sala dos fundos. Charles entregou o chapéu a Mary, ajeitou a gola do paletó, desejando estar morto, e em seguida partiu para enfrentar a dura prova. Ernestina, parada à janela que dava para o jardim, e banhada pela luz do sol, voltou-se para ele alegremente.

— Recebi uma carta do papai esta... Charles! Charles? Que aconteceu?

Ao dizer isso, caminhou em sua direção. Charles não a olhou, conservando os olhos no tapete. Ela parou. Os olhos de ambos se encontraram. Havia temor nos dela, embaraço nos dele.

— Charles?

— Sente-se por um instante, por favor.

— Mas o que aconteceu?

— É por isso... que vim até aqui.

— Mas por que me olha desse jeito?

— Porque não sei como começar o que tenho a dizer.

Sem tirar os olhos dele, ela tateou às suas costas à procura de uma cadeira, e sentou-se perto da janela. Ele continuava calado. Ernestina indicou uma carta sobre a mesinha ao seu lado.

— Papai... — mas um rápido olhar dele a fez interromper o que ia dizendo.

— Seu pai se mostrou a generosidade em pessoa... mas eu não disse a ele a verdade.

— A verdade? Que verdade?

— É que eu, após longas horas de profundas e penosas reflexões, cheguei à conclusão de que não sou digno de você.

O rosto dela ficou branco. Charles julgou por um momento que ela fosse desmaiar, e chegou a dar um passo à frente para ampará-la, mas a moça apenas levou a mão ao braço esquerdo, como para se certificar de que não estava sonhando.

— Charles... você está brincando?

— Para minha eterna vergonha... não se trata de uma brincadeira.

— Você não é digno de mim?

— Inteiramente indigno.

— E você... oh, meu Deus, mas isso é um pesadelo! — Encarou-o com olhos incrédulos, depois sorriu timidamente. — Você se esqueceu de seu telegrama. Está brincando.

— Se julga que eu possa brincar com um assunto como este, você me conhece muito pouco.

— Mas... mas... e o telegrama?

— Foi enviado antes que eu tomasse minha decisão.

Só então, quando ele baixou os olhos, Ernestina começou a acreditar na verdade. Charles já previra que aquele seria o momento crucial. Se ela desfalecesse, se tivesse uma crise de histeria... ele não era capaz de imaginar o que aconteceria. Detestava o sofrimento, e ainda não seria tarde demais para recuar, para dizer-lhe tudo, lançar-se a seus pés pedindo perdão. Entretanto, ainda que os olhos de Ernestina se conservassem fechados por um longo tempo e uma espécie de calafrio lhe percorresse o corpo, ela não desmaiou. Era bem a filha de seu pai. Talvez desejasse desmaiar. Mas uma traição tão nefanda do...

— Queira então ter a gentileza de se explicar melhor.

Uma sensação de alívio invadiu-o momentaneamente. Ela estava ferida, mas não mortalmente.

— Não posso explicar tudo numa frase só.

Ela contemplava as mãos com amarga compostura.

— Pois use várias. Prometo não interrompê-lo.

— Eu sempre tive, e continuo a ter, um grande respeito e afeição por você. Jamais tive dúvidas de que seria uma esposa admirável para o homem bastante afortunado que merecesse seu

amor. Mas sempre me senti também vergonhosamente consciente de que uma parte de meu interesse por você era motivada por um sentimento ignóbil. Refiro-me à fortuna que você me traria... e ao fato de ser filha única. Bem no íntimo, Ernestina, sempre achei que minha vida não tinha sentido, que eu não havia realizado nada. Espere... Escute-me até o fim, por favor. Quando verifiquei no inverno passado que uma proposta de casamento partida de mim seria favoravelmente recebida por você, fui tentado por Satanás. Vi uma oportunidade de restabelecer a fé em mim mesmo por meio de um casamento brilhante. Rogo-lhe que não pense que agi assim levado apenas por motivos frios e calculistas. Gostava de você e acreditava sinceramente que essa simpatia acabaria por se transformar em amor.

Ela levantara a cabeça vagarosamente e agora o olhava, mas quase como se não o visse.

— Não posso acreditar que seja você que estou ouvindo. É algum impostor, alguma pessoa cruel e sem coração...

— Sei que isso lhe deve causar um doloroso choque.

— Choque! — A expressão dela era de ultraje. — Quando você fica parado aí, frio e impassível, e me diz que nunca me amou!

Ela levantara a voz, e Charles foi até uma das janelas que estava aberta e fechou-a. Parou diante dela, contemplando sua cabeça abaixada, e falou com toda a delicadeza possível, mas sem perder sua calculada frieza.

— Não estou procurando desculpar-me. Quero apenas explicar que meu crime não foi premeditado. Se tivesse sido, como poderia eu estar aqui dizendo-lhe estas coisas? Meu único desejo é fazer com que você compreenda que não enganei a ninguém a não ser a mim próprio. Pode chamar-me do que quiser... fraco, egoísta... do que quiser, mas não de empedernido.

Ela soltou um leve e trêmulo suspiro.

— E de que maneira você fez essa grande descoberta?

— Quando compreendi, fato esse cuja hediondez estou pronto a admitir, que fiquei decepcionado pela recusa de seu pai em que terminássemos nosso noivado. — Ela lhe lançou um olhar terrível. — Estou tentando ser honesto. Ele não só mostrou uma grande generosidade no que se referia à mudança na minha situação, como propôs que um dia eu me tornasse seu sócio nos negócios.

Ela tornou a levantar o rosto bruscamente.

— Eu sabia, eu sabia. É porque ia casar-se com a filha de um comerciante. Não é isso?

Charles virou-se para a janela.

— Eu já aceitara o fato inteiramente. De qualquer forma... sentir vergonha de seu pai seria uma grosseira mostra de esnobismo.

— O simples fato de uma pessoa confessar as coisas não a torna menos culpada.

— Se está imaginando que encarei a proposta dele com horror, pode ter certeza de que está com a razão. Mas o horror se referia à minha própria incapacidade para desempenhar o que se esperava de mim... e não à proposta em si, evidentemente. Agora, por favor, deixe-me terminar minha... explicação.

— Que está me comovendo muito...

Ele voltou-se para a janela de novo.

— Vamos tentar manter o respeito que sempre tivemos um pelo outro. Você não deve pensar que só pensei em mim em tudo isso. O que mais me preocupa é a injustiça que estaria fazendo a você e a seu pai, se nos casássemos sem que eu pudesse dar-lhe o amor que merece. Se nós dois fôssemos diferentes. ., mas não somos. Percebemos por um olhar, uma palavra, se nosso amor é retribuído ou não...

Ela sibilou:

— Ou julgávamos perceber...

— Minha cara Ernestina, o amor é como os dogmas do cristianismo. Podemos fingir que acreditamos neles, mas a falsidade acabará por vir à tona. Tenho certeza de que ao interrogar seu coração há de ter notado nele ligeiras dúvidas. Provavelmente você abafou-as, dizendo: ele é...

Ernestina tapou os ouvidos com as mãos e foi deixando os dedos escorregarem vagarosamente pelo rosto. Fez-se silêncio. Por fim ela disse:

— Posso falar agora?

— Claro.

— Sei que para você jamais passei de um pequeno e gracioso... objeto de adorno para uma sala. Sei que sou infantil, que sou mimada. Sei que não tenho nada de extraordinário. Não sou nenhuma Helena de Tróia, nenhuma Cleópatra. Sei que às vezes digo coisas que ofendem seus ouvidos, que o aborreço com conversas sobre arranjos domésticos e o ofendo ao zombar de seus fósseis. Talvez eu seja apenas uma criança. Mas com seu amor e sua proteção... com seus ensinamentos... acredito que poderia melhorar. Aprenderia a agradar-lhe, a levá-lo a amar a moça em que me teria transformado. Você talvez não saiba, não pode saber, mas foi isso o que primeiro me atraiu em você. Talvez não saiba que já fui... exibida a uma centena de outros homens. Nem todos eram caçadores de dotes ou nulidades. Não o escolhi porque fosse tão tola a ponto de não saber fazer comparações. Lembro-me — e posso ir buscar meu diário, se não me acreditar — de ter escrito, pouco depois de ficarmos noivos, que você tinha muito pouca fé em seu próprio valor. Percebi isso. Você se considera um fracassado, julga-se desprezado, e não sei o que mais... mas era esse o verdadeiro presente de noivado que eu queria dar a você: a fé em sua própria pessoa.

Houve um prolongado silêncio. Ela continuava de cabeça baixa.

Charles falou com voz surda:

— Você me mostrou como é grande minha perda. Infelizmente, eu próprio sei de tudo isso muito bem. Não se pode ressuscitar uma coisa que nunca existiu.

— E é isso o que significa tudo o que estou lhe dizendo?

— Significa muito para mim. Muito mesmo.

Calou-se, embora ela esperasse que ele fosse continuar. Charles não tinha contado com aquilo. Sentia-se comovido e envergonhado com o que ela dissera. E o fato de não poder demonstrar nenhum desses sentimentos foi o que o fizera calar-se. A voz dela soou muito terna e abafada:

— Em vista do que lhe disse, você não poderia pelo menos...

— Reconsiderar minha decisão?

Ela devia ter percebido algo em sua voz que Charles não tivera a intenção de deixar transparecer, pois levantou a cabeça bruscamente, com um ardente apelo no olhar. Seus olhos estavam úmidos de lágrimas reprimidas, o rostinho pálido lutando desesperadamente para manter uma aparência de calma. Charles sentiu aquilo como uma punhalada: ferira-a profundamente. — Charles, por favor. Suplico-lhe que espere um pouco. Reconheço que sou ignorante, que não sei o que você deseja de mim... Se me disser onde falhei... como gostaria que eu fosse... farei tudo, tudo... porque estou disposta a renunciar a tudo para fazê-lo feliz.

— Você não deve falar assim.

— Eu preciso, não posso evitar. Ainda ontem, aquele telegrama... chorei, beijei-o mil vezes. Você não deve pensar que pelo fato de gostar de provocá-lo eu não tenha sentimentos mais profundos... — mas a voz lhe morreu na garganta quando teve de súbito uma pungente intuição. Lançou-lhe um olhar rápido e penetrante. — Você está mentindo. Aconteceu alguma coisa depois que mandou o telegrama.

Charles foi até a lareira e parou ali de costas para ela. Ernestina começou a soluçar. E isso se tornou intolerável para ele.

Voltou-se por fim para olhá-la, imaginando que estivesse de cabeça baixa. Mas a moça chorava abertamente, de olhos postos nele. E, ao ver a expressão em seu rosto, fez um ligeiro movimento, como uma criança perdida e aterrorizada, as mãos estendidas. Ergueu-se a meio da cadeira e tentou dar um passo, caindo de joelhos no chão. Charles sentiu uma violenta sensação de repulsa — não por ela, mas por sua própria atitude: suas meias verdades, sua recusa em revelar o essencial. Talvez a analogia mais aplicável a seu caso fosse a reação sentida às vezes por um cirurgião diante de uma batalha particularmente desesperada ou de um acidentado em estado grave, sua feroz determinação — pois que mais poderia ser feito? — de levar avante a operação. Dizer toda a verdade. Ele esperou até que houvesse uma pausa nos soluços.

— Eu queria poupar isso a você. Mas a verdade é que... aconteceu alguma coisa.

Ela levantou-se vagarosamente e levou as mãos ao rosto, sem desviar dele os olhos um único instante.

— Quem?

— Você não a conhece. O nome não importa.

— E ela... você... Ele desviou os olhos.

— Já a conheço há muitos anos. Achei que a ligação tinha terminado. Mas descobri em Londres que... não tinha.

— Você a ama?

— Se a amo? Não sei... Seja o que for que sinto por ela, isso torna impossível para mim oferecer meu coração a outra.

— Por que não me disse isso desde o princípio?

Houve uma prolongada pausa. Charles não conseguia suportar seu olhar, que parecia ver através de todas as mentiras.

Murmurou:

— Desejava poupar a você esse sofrimento.

— Ou a vergonha que sentia? Você é... um monstro!

Tombou de novo na cadeira, encarando-o com olhos arregalados. Logo depois, afundou o rosto nas mãos. Charles deixou-a chorar, pondo-se a contemplar fixamente uma ovelha de porcelana sobre o rebordo da lareira. Desde aquele momento, jamais lhe foi possível pousar os olhos numa ovelha de porcelana sem que o invadisse uma onda de horror a si mesmo. Quando ela falou, afinal, foi com tamanha violência que o fez estremecer.

— Se eu mesma não me matar, a vergonha se encarregará disso!

— Não mereço que derrame uma única lágrima por mim. Você conhecerá outros homens... que não foram destruídos pela vida. Homens decentes, que terão... — ele parou e por fim explodiu: — Por tudo o que há de mais sagrado, prometa-me que nunca mais vai repetir isso!

Ernestina encarou-o ferozmente.

— Acha que algum dia poderei perdoá-lo? — Ele sacudiu a cabeça mudamente. — Meus pais, meus amigos... que vou dizer a eles? Que o sr. Charles Smithson decidiu afinal que sua amante é mais importante do que a honra, os compromissos, a...

Ele ouviu o ruído de papel sendo rasgado. Sem voltar a cabeça, percebeu que ela descarregara sua fúria na carta do pai.

— Achei que ela houvesse desaparecido para sempre de minha vida. Circunstâncias inesperadas...

Houve um silêncio, como se ela considerasse a possibilidade de lhe atirar vitríolo ao rosto. Sua voz soou repentinamente fria e venenosa.

— Você quebrou sua promessa. Mas há um remédio para isso, entre as pessoas do meu sexo.

— Tem todo o direito de mover uma ação contra mim. Só posso declarar-me culpado.

— O mundo vai ficar sabendo quem você é. É só o que me interessa.

— De qualquer forma, o mundo vai ficar sabendo, de um jeito ou de outro.

A enormidade do que ele fizera desabou sobre ela de novo. Balançou a cabeça várias vezes. Charles foi buscar uma cadeira e sentou-se diante dela, não tão perto que pudesse tocá-la, mas a uma distância suficiente para lhe permitir apelar para seus mais nobres sentimentos.

— Você acredita sinceramente que eu já não tenha sido castigado? Que essa decisão não tenha sido a mais dolorosa que já tomei em minha vida? O momento mais temido, de que lembrarei com profundo remorso até o dia de minha morte? Talvez eu seja... pois bem, sou um impostor. Mas você sabe que não sou cruel. Não estaria aqui, se fosse. Teria apenas escrito uma carta, fugido para o estrangeiro...

— Seria melhor que tivesse feito isso.

Charles olhou longamente para o topo da cabeça dela, depois levantou-se. Viu de relance sua imagem no espelho, o homem refletido nele. Charles em outro mundo, seu verdadeiro eu. O que estava ali na sala era o que ela dissera — um impostor. Sempre fora um impostor em suas relações com Ernestina — seu outro eu, observado à distância. Deu início finalmente a um de seus discursos preparados de antemão.

— Não posso esperar que você sinta outra coisa senão raiva e ressentimento. Tudo o que lhe peço é que, quando essa... emoção natural se tenha abrandado, você se lembre de que nenhuma condenação de sua parte poderá jamais ser tão severa quanto a que faço a mim mesmo... e minha única desculpa está na impossibilidade de continuar a enganar uma pessoa a quem aprendi a respeitar e admirar.

As palavras soavam falsas — eram falsas. Charles sentou-se, dolorosamente consciente do desprezo que ela lhe votava.

— Estou tentando imaginar como seria ela. Suponho que tenha um título de nobreza e pretensões a uma alta linhagem. Oh, meu

Deus... se eu ao menos tivesse dado ouvidos a meu pobre e querido pai!

— Que pretende dizer com isso?

— Ele conhece a nobreza. Tem uma frase para defini-la: maneiras finas e dívidas por saldar.

— Não pertença à nobreza.

— Você é como seu tio. Age como se sua posição lhe desse o direito de desrespeitar tudo aquilo em que nós, criaturas comuns, acreditamos. E com ela há de acontecer o mesmo. Que tipo de mulher poderia ser tão vil a ponto de fazer com que um homem fuja a seus compromissos? Não é difícil adivinhar. — Lançou de um jato a sua suposição: — Ela é casada.

— Não quero discutir o assunto.

— Onde está ela agora? Em Londres?

Charles olhou-a por um instante, depois girou nos calcanhares e encaminhou-se para a porta. Ernestina pôs-se em pé.

— Meu pai fará com que seu nome seja arrastado pela sarjeta. Você será detestado e repudiado por todos os que o conhecem. Será perseguido até fora da Inglaterra, e...

Ele parou à porta, e agora a abria. E foi isso — ou sua incapacidade de pensar numa injúria suficientemente grave para atirar sobre ele — que a fez calar-se. Seu rosto se contorcia, como se ela quisesse dizer muito mais coisas e não conseguisse.

Cambaleou, e algum impulso contraditório no íntimo de seu ser a fez pronunciar o nome dele, como se tudo não passasse de um pesadelo e ela estivesse à espera de que alguém a despertasse.

Charles não se mexeu. Ela vacilou, e bruscamente desabou no chão, junto da cadeira. O primeiro e instintivo impulso dele foi correr para ela. Mas alguma coisa na maneira como a moça caiu, um certo jeito cuidadoso com que seus joelhos se dobraram e seu corpo escorregou de lado para o tapete, o fez parar.

Olhou por um momento a figura estendida no chão, reconhecendo a catatonia ditada pelas convenções.

Disse apenas:

— Vou escrever para seu pai imediatamente.

Ela não se mexeu. Continuava de olhos fechados, a mão pateticamente estendida sobre o tapete. Charles dirigiu-se a passos rápidos até a lareira e puxou violentamente o cordão da campainha, voltando em seguida para a porta. Logo que ouviu os passos de Mary, deixou a sala. A criada subiu correndo a escada da cozinha. Charles apontou para a porta aberta.

— Ela sofreu um choque. Não a deixe sozinha em momento algum. Vou chamar o dr. Grogan. — Por um instante, Mary também pareceu a ponto de desmaiar. Apoiou-se no corrimão e olhou para Charles com uma expressão horrorizada. — Entendeu bem? Não a deixe, de maneira alguma. — A moça sacudia a cabeça, sem sair do lugar. — É apenas um desmaio. Afrouxe suas roupas.

Após lançar-lhe um último e aterrorizado olhar, a criada entrou na sala. Charles ainda esperou alguns segundos. Ouviu um leve gemido e em seguida a voz de Mary.

— Oh, minha patroazinha, é Mary que está aqui. O doutor já vem. Não tenha medo, vou ficar aqui com a senhora.

Charles chegou até a porta da sala de novo. Viu Mary ajoelhada, embalando Ernestina nos braços. O rosto da patroa estava oculto no peito da criada. Mary levantou os olhos para ele, e seu vivido olhar parecia proibi-lo de permanecer ali, de observá-las. Ele aceitou seu cândido julgamento.

*"Por longo tempo, como já afirmei, os arraigados hábitos feudais de subserviência e deferência continuaram a se fazer sentir sobre as classes trabalhadoras. A mentalidade moderna fez com que esses hábitos se desvanecessem quase completamente... Cada vez mais, em todo o país, homens e grupos de homens estão começando a afirmar e a pôr em prática o direito do inglês de fazer o que lhe agrada — o direito de ir aonde quiser, de freqüentar o que quiser, de entrar onde quiser, de vaia, ameaçar e destruir o que quiser. Tudo isso, acredito, leva à anarquia."*

*Matthew Arnold, Cultura e anarquia (1869)*

Felizmente, o dr. Grogan não estava fazendo suas visitas rotineiras. Charles recusou o convite da governanta para que entrasse e ficou esperando do lado de fora da porta, até que o miúdo doutor desceu apressadamente a seu encontro e veio para o lado de fora também, a um gesto de Charles, para que a conversa não pudesse ser ouvida.

— Acabo de romper meu noivado. Ela está muito nervosa. Rogo-lhe que não peça explicações e que vá sem demora à Broad Street.

Grogan olhou para Charles por cima dos óculos, estupefato, e sem dizer palavra entrou de novo em casa. Poucos segundos depois reapareceu, já de chapéu e maleta na mão. Puseram-se a caminho imediatamente.

— Foi por causa...

Charles assentiu com a cabeça. E dessa vez o doutor pareceu chocado demais para dizer qualquer coisa. Deram uns vinte ou trinta passos em silêncio.

— Ela não é o que você pensa, Grogan. Estou certo disso.

— Não sei o que dizer, Smithson.

— Não estou procurando desculpar-me.

— Ela sabe?

— Sabe que há outra. Só isso. — Viraram a esquina e entraram na Broad Street. — Quero pedir-lhe que não revele seu nome. — O doutor lançou-lhe de esguelha um olhar penetrante. — Não é por mim que peço isso, é por Sarah.

O doutor parou bruscamente.

— Naquela manhã... será que você...

— Por favor, peço-lhe que vá agora. Esperarei no hotel.

Mas Grogan continuou parado, olhando-o fixamente, como se também achasse que se tratava de um pesadelo. Charles agüentou seu olhar por um instante, depois indicou, com um gesto, a ladeira para o médico e começou a atravessar a rua em direção ao White Lion.

— Com todos os diabos, Smithson...

Charles voltou-se rapidamente, enfrentando o furibundo olhar do irlandês, em seguida continuou seu caminho sem uma palavra. O mesmo fez o doutor, embora não despregasse os olhos de Charles enquanto não o viu desaparecer sob o toldo da entrada do hotel.

Charles chegou a seu quarto a tempo de ver o doutor entrar na casa de tia Tranter. Em espírito, ele também estava entrando lá com o médico. Sentia-se como Judas, como Efiltes, como os traidores que haviam existido desde o princípio do mundo. Foi salvo, porém, de novas autoflagelações por uma pancada na porta. Sam apareceu.

— Que diabo você quer aqui? Não o chamei. — Sam abriu a boca, mas não emitiu qualquer som. Charles não conseguiu suportar

a expressão chocada de seus olhos. — Mas já que está aqui, traga-me um copo de conhaque.

Isso era apenas para ganhar tempo. O conhaque foi trazido e Charles pôs-se a bebericá-lo. E de novo teve de enfrentar o olhar fixo do criado.

— Não pode ser verdade, sr. Charles...

— Você esteve lá?

— Estive, sim, senhor.

Charles foi até a janela que dava para a Broad Street.

— É verdade, sim. Meu casamento com a Srta. Freeman foi rompido. Agora pode ir embora. E trate de manter a boca fechada.

— Mas... e eu e Mary, sr. Charles?

— Mais tarde, mais tarde. Não posso pensar nisso agora.

Tragou o resto do conhaque e foi até a escrivaninha, arrancando uma folha do bloco de papel. Passaram-se alguns segundos. Sam não se mexeu. Ou melhor, seus pés não se mexeram, mas seu pescoço começava a se estufar visivelmente.

— Ouviu o que eu disse?

Sam tinha um brilho estranho nos olhos.

— Ouvi, sim, senhor. Só que, com sua licença, preciso pensar em minha situação.

Charles girou abruptamente o corpo na cadeira.

— O que quer dizer com isso, pode explicar-me?

— De agora em diante o senhor vai morar em Londres?

Charles apanhou a caneta em cima da escrivaninha.

— Talvez faça uma viagem para fora do país.

— Então peço licença ao senhor para avisar que não vou junto.

Charles saltou da cadeira.

— Como ousa dirigir-se a mim com essa impertinência infernal? Suma daqui!

Sam era agora um galinho de briga enfurecido.

— Só depois que o senhor me ouvir. Não vou voltar para Exeter. Vou deixar o emprego.

— Sam! — O grito foi de fúria.

— Como já devia ter feito...

— Vá para o inferno!

Sam empertigou-se. Por um triz não avançou sobre o patrão e lhe deu um murro no nariz (como disse mais tarde a Mary). Mas conseguiu controlar seu violento temperamento de cockney, lembrando-se de que o criado de um cavalheiro deve usar armas mais sutis. Em vista disso, encaminhou-se para a porta e abriu-a, lançando a Charles, por cima do ombro, um olhar de enregelante dignidade.

— Tenho certeza, senhor, de que lá eu encontraria os seus amigos.

A porta fechou-se sem muita delicadeza. Charles alcançou-a em três passadas e escancarou-a violentamente. Sam seguia pelo corredor.

— Como ousa fazer isso? Venha cá!

Sam voltou-se com estudada gravidade.

— Se está querendo alguma coisa, chame os criados do hotel.

E com essa última flechada, que deixou Charles sem fala, desapareceu numa curva do corredor e desceu as escadas. Seu largo sorriso ao ouvir a porta bater com estrondo lá em cima não durou muito. Pronto, a coisa acontecera. E na verdade sentia-se como um marinheiro que é largado em terra e vê seu navio afastar-se. E o que era pior, tinha uma convicção íntima de que merecia o castigo. A insubordinação, ao que parece, não era seu único crime.

Charles descarregou sua raiva no copo vazio de conhaque, arremessando-o ao fogo. Era sua primeira experiência com os espinhos e as pedradas, e não a achou nada interessante. Teve um rápido momento de desespero, e quase saiu correndo do White Lion para atirar-se aos pés de Ernestina, alegar uma crise de loucura, um tormento íntimo, o desejo de pôr à prova seu amor... Dava murros na palma da mão. O que fizera? O que estava fazendo? O que iria fazer? Se até seu próprio criado o rejeitava e o desprezava!

Ficou parado com a cabeça entre as mãos, depois olhou o relógio. Ainda ia ver Sarah aquela noite. E uma visão de seu rosto, terno, aquiescente, das doces lágrimas de alegria quando a abraçasse... Isso lhe bastava. Voltou para a escrivaninha e começou a fazer o rascunho da carta para o pai de Ernestina. Ainda estava ocupado nisso quando o dr. Grogan foi anunciado.

*"Oh, make my love a coffin  
Of the gold that shines yellow,  
And she shall be buried  
By the banks of green willow." [{99}](#)*

*Canção folclórica do Somerset: "By the banks of green willow"*

A figura mais desolada em tudo isso é a da pobre tia Tranter. Voltara do almoço esperando encontrar Charles. Ao invés disso, encontrou a casa em polvorosa. Mary foi a primeira a recebê-la no vestíbulo, pálida e desfeita.

— Filha, filha, o que aconteceu?

Mary apenas conseguiu sacudir a cabeça em desespero. Uma porta abriu-se no andar de cima, e a boa senhora, arrepanhando as saias, subiu correndo as escadas como se tivesse metade de sua idade. No patamar encontrou-se com o dr. Grogan, que levou apressadamente um dedo aos lábios. Somente quando já se achavam de volta à sala fatal, a Sra. Tranter já sentada, foi que ele lhe deu a notícia.

— Não pode ser. Não pode ser.

— Minha cara senhora, antes tivesse razão. Infelizmente, pode ser, e é.

— Mas Charles... tão afetuoso, tão carinhoso... ontem mesmo chegou um telegrama... — Parecia não reconhecer a sala em que estava, nem o rosto do doutor voltado gravemente para ela.

— Sua conduta é odiosa. Não posso compreendê-la.

— Mas que motivos deu ele?

— Ela não quis dizer. Mas não fique alarmada. Agora ela precisa dormir. O que lhe dei para tomar se encarregará disso. Amanhã tudo será explicado.

— Nem todas as explicações do mundo... — Começou a chorar.

— Isso mesmo, minha cara amiga, chore à vontade. Nada melhor para aliviar a tensão — disse o doutor.

— Pobrezinha! Vai morrer com o coração partido.

— Não creio. Até hoje nunca tive de atestar esse mal como causa da morte de alguém.

— O senhor não a conhece como eu... Meu Deus, que irá dizer Emily de tudo isso? Vai achar que a culpa é minha. — Emily era a Sra. Freeman, sua irmã.

— Acho que devemos telegrafar para ela imediatamente. Cuidarei disso.

— Oh, meu Deus... e onde ela irá dormir?

O doutor sorriu, disfarçadamente, desse non sequitur. Já lidara com casos semelhantes em outras ocasiões e sabia que o melhor remédio era a eterna preocupação das mulheres com os pequenos arranjos domésticos.

— Agora, Sra. Tranter, quero que me ouça com atenção. Por alguns dias deve cuidar para que sua sobrinha seja vigiada dia e noite. Se ela quiser ser tratada como uma inválida, faça sua vontade. Se ela quiser deixar a cama amanhã e ir embora de Lyme, não se oponha. Satisfaça a todos os seus caprichos, entende? Ela é jovem e tem uma saúde excelente. Garanto que em seis meses estará de novo alegre como um passarinho.

— Como pode ser tão cruel? Ela nunca conseguirá refazer-se do choque. Aquele malvado... mas como... — Uma idéia atravessou-lhe de súbito a mente e ela estendeu a mão, tocando no braço do doutor. — Há outra mulher!

O dr. Grogan apertou o nariz com os dedos.

— Isso eu não sei dizer.

— Ele é um monstro.

— Mas não a ponto de não reconhecê-lo ele próprio. E acaba de perder um partido que muitos monstros que andam por aí teriam agarrado com unhas e dentes.

— Bem, isso é verdade. Devemos agradecer a ele nesse ponto. — Sua mente era assaltada por sentimentos contraditórios. — Jamais o perderei. — Ocorreu-lhe outra idéia. — Ele ainda está na cidade? Vou procurá-lo e dizer-lhe o que penso.

O doutor segurou-lhe o braço.

— Não permito que faça isso. Foi ele próprio quem me mandou aqui, e está no hotel para saber se a pobre moça não corre perigo. Eu mesmo irei vê-lo. Pode ficar tranqüila que saberei como lidar com ele. Vou arrancar-lhe o couro pelo que fez.

— Devia ser chicoteado e colocado no pelourinho. Quando eu era moça, as coisas eram feitas assim. E é assim que ainda devem ser feitas. Coitadinha... — Ela deixou a cadeira. — Preciso ir vê-la.

— E eu preciso ir vê-lo.

— Diga-lhe, de minha parte, que ele destruiu a felicidade da criatura mais terna, mais confiante...

— Está bem, está bem... agora acalme-se. E aconselho à senhora procurar saber o que deixou sua criadinha tão abalada. Qualquer um juraria que o coração dela é que está partido.

A Sra. Tranter levou o doutor até a porta e, depois de enxugar as lágrimas, subiu até o quarto de Ernestina. As cortinas estavam cerradas, mas a luz do dia se infiltrava pelas bordas. Mary se achava sentada ao lado da vítima, e levantou-se quando sua patroa entrou. Ernestina estava mergulhada num sono profundo, deitada de costas, com a cabeça virada para o lado. Seu rosto se mostrava estranhamente calmo e composto, a respiração era tranqüila. Havia mesmo a sombra de um sorriso em seus lábios. A ironia daquela calma arrasou de novo a Sra. Tranter. Pobre menina, quando

acordasse... As lágrimas brotaram novamente. Levantou-se e enxugou os olhos, e pela primeira vez olhou para Mary. A moça parecia de fato esmagada por uma espantosa desgraça, e seu aspecto era exatamente o que Tina deveria exhibir. A Sra. Tranter recordou as palavras finais do doutor, de curiosidade e suspeita. Fez sinal para que a criada a acompanhasse ao corredor. Deixaram a porta entreaberta e puseram-se a conversar em voz baixa.

— Agora diga-me o que aconteceu, minha filha.

— O sr. Charles me chamou, e dona Tina estava caída no chão desmaiada, e ele foi correndo chamar o doutor, e ela abriu os olhos mas não disse nada, eu fui e ajudei ela a levantar, e não sabia o que fazer, então levei ela para a cama e ela começou a ter ataques, e eu fiquei tão apavorada, meu Deus, não parecia ela de jeito nenhum, rindo e gritando sem parar. Depois o dr. Grogan chegou e acalmou ela. Oh, meu Deus...

— Calma, calma, Mary... não fique assim. E ela não disse nada?

— Só quando a gente estava subindo a escada, ela perguntou onde o sr. Charles tinha ido. Eu falei que ele tinha ido chamar o doutor. Foi o que fez ela ter os ataques.

— Chh!...

A voz de Mary começara a se altear, e ela manifestava também sérios sintomas de histeria. De qualquer forma, a Sra. Tranter sentia uma grande necessidade de consolar alguém, e assim tomou Mary nos braços e acariciou-lhe a cabeça. Embora com esse ato infringisse todas as justas leis que regulavam as relações patroa-criada, sou levado a acreditar que aquele mordomo celestial não fechou a porta em sua cara. O corpo da moça era sacudido por soluços reprimidos, que ela procurava conter por causa da outra sofredora. Por fim, acalmou-se.

— De que se trata?

— É Sam, patroa. Ele está lá embaixo. Andou brigando com o sr. Charles e largou o emprego, e agora o sr. Charles não vai dar

referências a ele. — Sufocou um último soluço. — Não sei o que vai ser da gente agora.

— Eles brigaram? Quando foi isso, minha filha?

— Foi pouco antes de a senhora chegar. Por causa de dona Tina.

— Mas por que fizeram isso?

— Sam já sabia de tudo. Aquele homem é... muito ruim, patroa. A gente queria contar isso à senhora, mas não tinha coragem.

Ouviram um ruído no quarto. A Sra. Tranter abriu depressa a porta, mas o rosto da moça estava calmo e ela continuava mergulhada no sono. Voltou para junto da desolada criada, que a esperava de cabeça baixa.

— Agora vou ficar aqui em vigília, Mary. Mais tarde conversaremos. — A cabeça da moça se abaixou ainda mais. — Você gosta muito desse Sam?

— Gosto, sim, senhora.

— E ele gosta de você?

— Foi por isso que não quis ir embora com o patrão.

— Diga-lhe que espere. Quero falar com ele. Vou ver se lhe arranjo outro emprego.

Mary levantou o rosto molhado de lágrimas.

— Não quero sair daqui nunca, patroa.

— E não vai sair, a não ser quando se casar.

A Sra. Tranter curvou-se e beijou-lhe a testa. Em seguida, entrou no quarto e sentou-se ao lado de Ernestina, enquanto Mary descia as escadas. Ela passou correndo pela cozinha, para desgosto da cozinheira, e saiu para o jardim e para os braços ansiosos de Sam, que a esperava atrás da moita de lilases.

*"Verificamos agora a que ponto isso nos levou... essa insistência em aperfeiçoar apenas uma parte da nossa natureza, e não toda ela; esse interesse exclusivo e intenso pelo lado moral, o lado da obediência e da ação; essa primazia da rigidez da consciência e o adiamento para mais tarde ou para um outro mundo do projeto de tornar o homem um ser completo em todos os sentidos, a tarefa de proporcionar o desenvolvimento harmonioso e integral da humanidade."*

*Matthew Arnold, Cultura e anarquia (1869)*

— Ela já... voltou a si?

— Dei-lhe um remédio para dormir.

O doutor atravessou a sala e parou à janela, as mãos para trás, contemplando o mar no final da Broad Street.

— Ela... não disse nada?

O doutor sacudiu a cabeça sem se voltar, mantendo-se calado por uns momentos. Depois, virou-se de repente e explodiu:

— Exijo uma explicação, meu caro!

E Charles começou a dá-la, da pior maneira possível, sem atenuantes. De Sarah disse pouco. O único ponto sobre o qual tentou justificar-se referia-se ao fato de ter enganado o próprio Grogan, alegando em sua defesa achar-se convencido de que internar Sarah num hospício seria um grave erro. O doutor ouviu-o em silêncio tenso. Quando Charles terminou, ele voltou-se de novo para a janela.

— Desejaria poder lembrar-me dos castigos que Dante prescreveu para os antinomianos e prescrevê-los para você.

— Acho que já fui suficientemente punido.

— Isso não é possível. Não do meu ponto de vista.

Charles deixou que se fizesse uma pausa.

— Só rejeitei seus conselhos depois de examinar a fundo meus sentimentos.

— Smithson, um cavalheiro continua sendo um cavalheiro mesmo quando recusa conselhos. E deixa de sê-lo quando recorre a mentiras.

— Elas eram necessárias, em minha opinião.

— Assim como era necessário satisfazer sua luxúria.

— Não aceito essa palavra.

— Pois tem de aprender a aceitá-la. É essa palavra que o mundo irá associar à sua conduta.

Charles parou junto à mesa no centro da sala e apoiou nela a mão.

— Grogan, você queria que eu passasse toda a minha vida fingindo? Já não basta que nossa época seja toda ela feita de mentiras e hipocrisias, que dê ênfase a tudo o que é falso em nossa natureza? Queria que eu também contribuísse para isso?

— Gostaria que você tivesse pensado duas vezes antes de enredar aquela moça em suas trapalhadas em busca do auto-conhecimento.

— Mas, uma vez alcançado esse conhecimento, podemos nós fugir às suas determinações, por mais desagradáveis que sejam as conseqüências?

O doutor desviou os olhos, o rosto contraído numa rígida careta. Charles percebeu que ele estava irado e nervoso e que não sabia realmente, depois de suas explicações, como lidar com aquela monstruosa afronta às convenções provincianas. O que acontecia de

fato é que estava sendo travada uma luta entre o Grogan que havia vivido em Lyme durante um quarto de século e o Grogan que já vira o mundo. E havia outras coisas: sua simpatia por Charles, sua opinião íntima — não totalmente em desacordo com a de Sir Robert — de que Ernestina era uma criaturinha encantadora, mas vazia. E existia também um certo fato, enterrado no longínquo passado, cuja exata natureza não será necessário revelar, mas que fizera com que a referência à luxúria fosse muito menos impessoal do que o doutor desejara fazer acreditar. Seu tom ainda era de censura, mas ele passou ao largo da questão moral apresentada por Charles.

— Sou médico, Smithson. Conheço apenas uma lei universal. Todo sofrimento é mau. Pode também ser necessário, mas isso não altera sua natureza fundamental.

— Não sei de que maneira o bem poderia surgir, senão como conseqüência desse mal. Como poderemos construir em nós um ser novo e bom, a não ser sobre as ruínas do velho?

— E sobre as ruínas daquela infeliz criaturinha do outro lado da rua?

— É melhor que ela sofra de uma vez, e se veja livre de mim, do que... — Ele se calou.

— Ah, você está certo disso, não? — Charles não respondeu. O doutor olhava para a rua. — Você cometeu um crime, Smithson. Seu castigo será lembrar-se dele pelo resto de seus dias. Portanto, não fique pensando que já obteve a absolvição. Só a morte lhe dará isso. — Tirou os óculos e limpou-os num lenço de seda verde. Houve uma pausa prolongada, muito prolongada. Quando falou, por fim, sua voz era mais branda, embora ainda reprovadora.

— Vai casar-se com a outra?

Charles soltou um metafórico suspiro de alívio. No momento em que Grogan entrara na sala, ele compreendeu que eram falsas as afirmações feitas a si próprio, de que lhe seria indiferente a opinião de um simples médico de uma estação balneária. Havia no irlandês uma compreensão humana que Charles respeitava grandemente. De

certa maneira, Grogan representava tudo o que merecia seu respeito. Sabia que não podia esperar uma absolvição total de seus pecados, mas já lhe bastava verificar que a excomunhão não fazia parte da sentença.

— Penso sinceramente em fazer isso.

— Ela sabe? Você já lhe disse?

— Já.

— E ela naturalmente aceitou sua proposta?

— Tudo me faz pensar que sim. — Explicou os fatos relativos à missão de Sam naquela manhã.

O doutorzinho voltou-se para olhá-lo.

— Smithson, sei que você não é um homem perverso. Sei que não teria feito o que fez se não acreditasse na versão dada pela moça a respeito do seu extraordinário comportamento. Mas advirto-o de que restará uma dúvida em sua mente. É uma dúvida que poderá lançar uma sombra permanente sobre as futuras relações que possa ter com ela.

— Já levei isso em consideração. — Charles arriscou um débil sorriso. — Bem como o punhado de noções falsas que nosso sexo tem sobre as mulheres. Esperamos que elas fiquem expostas como artigos numa vitrina, enquanto nós, os homens, passamos e as examinamos, escolhendo uma, outra... não, é esta que me agrada... Quando elas permitem que façamos isso, são consideradas decentes, respeitáveis, honestas. Mas quando um desses artigos tem a impertinência de dar sua própria opinião...

— Ela fez muito mais do que isso, ao que me parece.

Charles enfrentou o ataque.

— Ela fez uma coisa que é bastante comum na alta sociedade. Não sei por que razão haveríamos de justificar o procedimento de inúmeras mulheres desse meio, que desonram seus juramentos matrimoniais, enquanto... Além do mais, o maior culpado sou eu. Ela

simplesmente mandou-me o endereço. Eu poderia perfeitamente tê-la evitado.

O doutor lançou-lhe um olhar rápido. Honestidade — isso havia nele. Voltou a contemplar a rua. Passados alguns instantes começou a falar, e sua voz e maneiras haviam quase voltado ao que eram nos primeiros tempos.

— Talvez eu esteja ficando velho. Sei que quebras de promessa como a sua já estão se tornando comuns, e as pessoas que se sentem chocadas com elas podem ser consideradas decrépitas e retrógradas. Mas vou dizer-lhe o que me preocupa. Como você, também detesto as hipocrisias, seja no que se refere à religião ou à lei. A lei sempre me pareceu uma imbecilidade, e boa parte da religião também não fica longe disso. Não pretendo atacá-lo nesse terreno. Aliás, não pretendo atacá-lo em terreno algum. Darei simplesmente minha opinião. Você julga pertencer ao grupo dos eleitos, dos que são dotados de uma mentalidade racional e científica. Não, espere, sei o que vai dizer. Que não é presunçoso a esse ponto. Pois que seja. Não obstante, deseja fazer parte desses eleitos. Não o culpo por isso. Também desejei a mesma coisa durante toda a minha vida. Mas rogo-lhe que se lembre de uma coisa, Smithson. No decurso de toda a história da humanidade, os eleitos vêm apresentando suas causas para julgamento. Mas o Tempo só lhes dá uma única oportunidade. — O doutor tornou a colocar os óculos e virou-se para Charles. — Sejam quais forem as alegações dos eleitos em defesa de sua causa, a sociedade exige que eles contribuam com uma moral mais nobre e mais justa para este triste mundo. Se falham nessa prova, transformam-se simplesmente em déspotas, em sultões, que buscam apenas satisfazer sua própria sede de prazer e poder. Em suma, tornam-se meras vítimas de seus próprios e baixos apetites. Creio que você entende aonde quero chegar, e a enorme importância que isso terá para você de agora em diante, depois deste doloroso momento que está vivendo. Se se tornar um ser humano mais nobre e mais generoso, receberá o perdão. Mas se isso o fizer mais egoísta... será duplamente amaldiçoado.

Charles baixou os olhos diante daquele olhar severo.

— Embora com palavras menos claras, minha própria consciência já me disse tudo isso.

— Amém, pois. Alea jacta est. — Apanhou o chapéu e a maleta em cima da mesa e dirigiu-se para a porta. Mas hesitou ali por um momento, depois estendeu a mão. — Desejo-lhe boa sorte em sua travessia do Rubicão.

Charles agarrou a mão estendida quase como faria um homem que estivesse se afogando. Tentou dizer alguma coisa, mas não conseguiu. Houve uma pressão mais forte dos dedos de Grogan, depois ele se virou e abriu a porta. Havia um brilho em seus olhos quando voltou a cabeça para trás.

— E, se não sair daqui dentro de uma hora, estarei de volta com a chibata mais rija que conseguir encontrar.

Charles endureceu o corpo a essas palavras. Mas o brilho nos olhos não desapareceu. Forçou um sorriso, penosamente, e inclinou a cabeça em sinal de assentimento. A porta fechou-se.

E ele foi deixado sozinho com sua receita.

*"My wind is turned to bitter north  
That was so soft a south before..."* [{100}](#)

*A. H. Clough, "Poem" (1841)*

Para fazer justiça a Charles, deve-se declarar que ele mandou procurar Sam antes de deixar o White Lion. Mas o criado não estava na taverna nem nas cocheiras. Charles adivinhou facilmente onde se encontrava. Não podia mandar ninguém até lá, e assim deixou Lyme sem tornar a vê-lo. Subiu para a carruagem que o esperava no pátio e imediatamente baixou as cortinas. Três lúgubres quilômetros foram percorridos antes que as suspendesse de novo e deixasse que os raios oblíquos do sol da tarde — pois já eram cinco horas — iluminassem a pintura e o estofamento ordinários do interior da carruagem.

Mas isso não fez com que seu espírito se desanuviasse imediatamente. Entretanto, à medida que se afastava de Lyme, foi sentindo como se um peso lhe estivesse sendo tirado gradativamente dos ombros. Sofrera uma derrota, e no entanto conseguira superá-la. Aceitara a solene advertência de Grogan, de que toda a sua vida deveria constituir uma prova de que havia justiça no que fizera. Mas, ao atravessar os viçosos e férteis campos de Devon, entre as duas fileiras de cercas vivas que a primavera tornara verdes, era-lhe difícil imaginar um futuro menos fecundo. Uma nova vida se abria diante dele, novos e grandes desafios, mas saberia enfrentá-los. Sua culpa lhe parecia quase benéfica: a expiação ia dar à sua vida o objetivo que até então lhe faltara.

Uma imagem do antigo Egito veio-lhe à lembrança — uma escultura que vira no Museu Britânico. Representava um faraó de pé ao lado da esposa, que enlaçava sua cintura, enquanto a outra mão estava pousada no braço dele. A escultura sempre parecera a Charles um perfeito símbolo da harmonia conjugal, e essa impressão era reforçada pelo fato de estarem as duas figuras esculpidas no mesmo bloco de pedra. Ele e Sarah ainda não tinham sido esculpidos em tanta harmonia, mas eram da mesma pedra.

Voltou então seus pensamentos para o futuro, para problemas mais práticos. Sarah devia ser instalada convenientemente em Londres. Viajariam tão logo seus negócios estivessem resolvidos, a casa de Kensington seria abandonada, suas coisas, guardadas... Talvez a Alemanha, primeiramente, depois o sul, quando viesse o inverno — Florença ou Roma (se a situação permitisse), ou quem sabe a Espanha. Granada! O Alhambra! A luz do luar, o eco distante das cantigas ciganas lá embaixo, aqueles olhos ternos, cheios de gratidão... os dois deitados em algum quarto cheirando a jasmim, despertos nos braços um do outro, infinitamente sós, exilados, e no entanto unidos na solidão, inseparáveis no exílio.

A noite caíra. Charles pôs a cabeça para fora e viu as luzes distantes de Exeter. Deu ordem ao cocheiro para que o levasse primeiro ao Hotel Familiar de Endicott. Depois, recostou-se no banco e antegozou a cena que iria desenrolar-se. Nenhum ato carnal deveria desfigurá-la, naturalmente. Pelo menos isso ele devia a Ernestina, tanto quanto a Sarah. Mas de novo viu um quadro delicado, de terno silêncio, as mãos dela nas suas...

Chegaram. Dando ordens ao homem para esperar, Charles entrou no hotel e bateu à porta da Sra. Endicott.

— Ah, é o senhor.

— A Srta. Woodruff me espera. Eu mesmo posso ir sozinho até seu quarto.

E já se dirigia para a escada.

— A moça já saiu, senhor!

— Saiu? A senhora quer dizer que está fora no momento?

— Não, senhor. Foi embora, é o que quis dizer. — Ele encarou-a com desânimo. — Tomou o trem esta manhã para Londres.

— Mas eu... a senhora tem certeza?

— Tanta certeza quanto de estar parada aqui. Ouvi muito bem quando disse ao cocheiro para levá-la à estação. Ele perguntou qual era o trem, e ela respondeu bem claro: o de Londres. — A velha e gorducha mulher deu um passo para ele. — Eu também fiquei muito admirada, meu senhor. Com o quarto pago por mais três dias ainda.

— E ela não deixou um endereço?

— Nem uma linha. Não me disse uma palavra sobre para onde ia. — Essa desconsideração anulava evidentemente seu mérito de não ter pedido a devolução do dinheiro.

— Não deixou nenhum recado para mim?

— Achei que era com o senhor que ela estava indo embora. Com todo o respeito, foi o que pensei.

Tornou-se impossível para ele continuar ali.

— Aqui está meu cartão. Se tiver alguma notícia dela, gostaria que me informasse. Sem falta. Olhe aqui, isso é para pagar seu trabalho e os selos.

A Sra. Endicott sorriu insinuantemente.

— Muito obrigada, senhor. Eu avisarei sem falta.

Ele saiu, mas logo voltou.

— Não veio aqui um criado esta manhã com uma carta e um embrulho para entregar à Srta. Woodruff? — O rosto da Sra. Endicott mostrou espanto. — Pouco depois das oito... — a proprietária continuava mostrando perplexidade. Chamou então por Betsy Anne, que apareceu e foi severamente interrogada por ela... isto é, até que Charles se retirasse bruscamente.

Ele deixou-se cair sobre o banco da carruagem e fechou os olhos. Sentia-se desprovido de vontade, mergulhado num estado de

abulia. Se ao menos não se tivesse mostrado tão escrupuloso, se tivesse voltado diretamente para ela depois do... mas, e Sam? Sam! Um ladrão! Um espião! Ele fora tentado a receber dinheiro do sr. Freeman? Ou a explicação de seu crime estava no ressentimento por causa daquelas malditas trezentas libras? Como lhe era fácil compreender agora aquela cena em Lyme — Sam devia ter percebido que seria descoberto logo que voltassem para Exeter. Por conseguinte, devia ter lido sua carta... O rosto de Charles ficou rubro na escuridão. Partiria o pescoço daquele miserável quando voltasse a encontrá-lo. Por um instante, chegou a pensar em ir a um posto policial e acusá-lo... bem, de roubo, pelo menos. Mas compreendeu a futilidade dessa medida. E de que adiantaria isso quanto ao que era realmente importante: descobrir o paradeiro de Sarah?

Viu apenas uma luz nas trevas que o envolviam. Ela fora para Londres. Sabia que ele morava em Londres. Mas se seu objetivo — como sugerira Grogan certa vez — era bater à sua porta, não seria mais razoável que voltasse para Lyme, onde supunha que ele se achasse? E ele já não decidira que todas as intenções dela eram nobres? Não seria de supor que tivesse renunciado a ele, considerando-o perdido para sempre? A luzinha solitária tremeluziu e apagou-se.

Nessa noite ele fez uma coisa que não fazia havia muitos anos: ajoelhou-se à beira da cama e orou. E a essência de sua prece foi o juramento de que iria encontrá-la. Ainda que tivesse de procurá-la pelo resto da vida, ele iria encontrá-la.

"— Ora, com você! — exclamou Tweedledee, batendo palmas, triunfante. — E se ele deixasse de sonhar com você, onde imagina que você estaria agora?  
 — Aqui onde estou, é claro — disse Alice.  
 — Nada disso — retorquiu Tweedledee com desprezo. — Não estaria em parte alguma. Fique sabendo que você só existe nos sonhos dele!  
 — E se o Rei acordasse — ajuntou Tweedledum —, você desapareceria, vulpt!, como uma vela que se apaga!  
 — Não é verdade! — exclamou Alice, indignada."

*Lewis Carroll, Aventuras de Alice através do espelho (1872)*

Charles chegou ridiculamente cedo à estação, na manhã seguinte. Depois de tomar as providências necessárias, e pouco dignas de um cavalheiro, para que suas malas fossem levadas para o vagão de bagagens, escolheu um compartimento vazio de primeira classe e instalou-se ali, esperando, impaciente, que o trem partisse. Outros passageiros paravam de vez em quando à sua porta e olhavam para dentro, mas eram repelidos por aquele olhar pétreo (que os ingleses parecem ter sempre à mão) e que parecia dizer: este compartimento está reservado aos que não têm lepra. Soou um apito, e Charles imaginou que conseguira afinal a solidão de que tanto necessitava. Todavia, no último minuto, apareceu à janela um rosto coberto por uma barba espessa. Seu frio olhar deparou com o olhar ainda mais frio de um homem que tinha uma pressa enorme em pegar o trem.

O retardatário murmurou um "Com licença, senhor" e dirigiu-se ao canto oposto do compartimento. Sentou-se e ali ficou — um homem de quarenta anos aproximadamente, com sua cartola de copa quadrada, as mãos sobre os joelhos, recuperando o fôlego. Havia nele certa segurança agressiva. Talvez não fosse bem um cavalheiro... Era possível que fosse um mordomo ambicioso (mas os mordomos não viajavam de primeira classe) ou algum afamado pregador leigo, um desses fanáticos agressivos que chamuscam as almas com a retórica barata da maldição eterna para convertê-las. Era um homem positivamente desagradável, concluiu Charles, e bem típico de sua época. Por conseguinte, um homem que devia ser enfaticamente ignorado se tentasse entabular conversa.

Como acontece tantas vezes quando uma pessoa observa outra disfarçadamente, fazendo conjecturas a seu respeito, Charles foi apanhado em flagrante e censurado por isso. No olhar penetrante que o homem lhe atirou de esguelha havia uma clara insinuação para que cuidasse de sua própria vida. Charles desviou apressadamente os olhos para a janela, consolando-se com a idéia de que pelo menos o homem rejeitava tanto quanto ele qualquer tentativa de intimidade.

Em breve o balanço regular do vagão embalou Charles, fazendo-o mergulhar num doce devaneio. Londres era uma cidade grande, mas logo ela teria de procurar trabalho. Ele dispunha de tempo, de recursos, de vontade. Talvez se passasse uma semana, ou duas, mas Sarah acabaria por surgir diante dele. Talvez um novo endereço aparecesse em sua caixa de correio. As rodas diziam: ela-não-pode-ser-tão-má, ela-não-pode-ser-tão-má, ela-não-pode-ser-tão-má... O trem cortava através dos vales verdes e castanhos rumo a Cullompton. Charles viu a igreja, sem que soubesse o nome do lugar, e logo depois fechou os olhos. Dormira mal na noite anterior.

Por algum tempo, o companheiro de viagem não deu atenção a Charles, adormecido em seu banco. Mas, quando seu queixo foi se afundando cada vez mais no peito (Charles tomara a precaução de

tirar o chapéu), o homem das barbas de profeta pôs-se a observá-lo, absolutamente seguro de que sua curiosidade não seria surpreendida.

Sua expressão era singular: avaliadora, cogitativa, e bastante inclinada à desaprovação, como se soubesse perfeitamente que tipo de homem era aquele (assim como Charles julgara saber que tipo de homem ele era) e não gostasse do que estava vendo. É bem verdade que, examinado disfarçadamente, o profeta parecia um pouco menos frio e autoritário. Mas havia em suas feições uma desagradável aura de autoconfiança, se não de confiança em si próprio, pelo menos de confiança em sua capacidade de julgar os outros, de calcular quanto podia arrancar, esperar ou exigir deles.

Um exame desse tipo, e que dure um ou dois minutos no máximo, é bastante compreensível. As viagens de trem são tediosas, e é divertido espionar os estranhos, e coisas assim. Mas aquele olhar, que foi se tornando positivamente canibalesco em sua intensidade, durou muito mais do que um minuto. Ainda continuava, mesmo depois de já terem passado por Taunton, embora ali se desviasse brevemente quando os ruídos na plataforma despertaram Charles por um instante. Mas, logo que recomeçou a cochilar, os olhos voltaram a grudar-se nele como sanguessugas.

É possível que o leitor seja alvo um dia de um olhar semelhante. É possível também que tome conhecimento dele, considerando-se a falta de reserva reinante em nosso século. O observador não esperará que esteja adormecido. E o olhar talvez lhe sugira algo de desagradável, algum tipo de desvio sexual... um desejo de vê-lo sob um aspecto que você não gostaria de mostrar a um estranho. Segundo minha experiência pessoal, só existe uma profissão que emprega esse tipo de olhar, com sua bizarra expressão a um tempo inquisidora e autoritária, irônica e importuna.

Em que você poderia servir-me? Que poderia eu fazer com você?

É precisamente o olhar — ou pelo menos sempre pareceu a mim — que um deus onipotente, se existisse esse ser absurdo,

deveria ter. Não se trata absolutamente do que imaginamos ser um olhar divino, mas de um olhar que deixa transparecer uma qualidade moral ignóbil e duvidosa (como têm mostrado os teóricos do *nouveau roman*). Noto isso com singular clareza no rosto, demasiadamente familiar para mim, do homem barbudo que contempla Charles fixamente. E não pretendo continuar a fingir por mais tempo.

Mas a pergunta que faço, ao olhar para Charles, não se assemelha a nenhuma das duas acima. Seria, antes, esta: que diabo vou fazer com você? Já me ocorreu terminar a carreira de Charles aqui, neste momento, deixando-o para toda a eternidade a caminho de Londres. Mas as convenções do romance vitoriano não permitem — ou não permitiam — um final sem conclusão, aberto. E eu já defendi, em outro ponto deste livro, a liberdade que deve ser dada às personagens. Meu problema é simples: o que Charles deseja é claro? Sem dúvida. Mas o que o protagonista deseja não é tão claro assim. E eu próprio não estou muito certo do lugar onde Sarah se encontra no momento. É evidente que, se esses dois fossem fragmentos da vida real e não produtos da minha imaginação, os termos do dilema seriam óbvios: um desejo combate o outro, podendo sair derrotado ou vitorioso, conforme decida a realidade. A ficção finge geralmente acompanhar a realidade: o escritor coloca os dois desejos conflitantes entre as cordas de um ringue e passa a descrever a luta — mas trata-se na verdade de uma luta fraudulenta, em que ele já decidiu qual desejo sairá vencedor. E nós julgamos os escritores de ficção não só por sua habilidade em determinar previamente o resultado da luta (em outras palavras, por sua habilidade em nos persuadir de que ela não é fraudulenta) quanto pelas qualidades de seu lutador preferido: se é bom, mau, trágico, engraçado, e assim por diante.

Mas o principal argumento em favor das lutas previamente decididas é que permitem ao escritor mostrar a seus leitores sua visão do mundo — se ele é otimista, pessimista, etc. Fingi ter voltado a 1867. Mas é claro que um século já decorreu depois desse

ano. Seria inútil mostrar-me pessimista ou otimista, ou o que quer que seja, a respeito dele, pois já sabemos o que aconteceu depois.

Por conseguinte, continuo a olhar para Charles, e não vejo razão para determinar antecipadamente o resultado da luta em que se acha prestes a empenhar-se. E isso me oferece uma alternativa: ou permito que a luta prossiga sem minha interferência, e apenas registro os fatos, ou torço pelos dois lados. Observo seu rosto vagamente afeminado, mas não de todo fútil. Ao nos aproximarmos de Londres, julgo ter encontrado uma solução — ou melhor, verifico que o dilema é falso. A única maneira de não tomar parte na luta é mostrar duas versões dela. E isso me deixa com um único problema: não posso dar as duas versões ao mesmo tempo, e, no entanto, a segunda irá parecer — tão aterradora é a tirania do último capítulo — a versão final e "real".

Tiro a carteira do bolso do paletó e pesco dentro dela um florim. Coloco a moeda sobre a unha do meu polegar direito e atiro-a para o ar, apanhando-a com a mão esquerda.

Assim seja, pois. E de repente dou-me conta de que Charles abriu os olhos e está me observando. Há alguma coisa a mais em seus olhos, além da reprovação. Supõe que eu seja um jogador, ou que sofra das faculdades mentais. Devolvo a ele o olhar de censura, e o florim ao bolso. Ele apanha o chapéu, limpa de sua aba com um piparote uma invisível partícula de pó (representando a minha pessoa) e coloca-o na cabeça.

Passamos por baixo de uma das grandes barras de ferro que sustentam o teto da estação de Paddington. Chegamos. Ele desce à plataforma e acena para um carregador. Minutos depois, já dadas as ordens, ele se volta. O homem barbudo desapareceu no meio da multidão.

*"Ah Christ, that it were possible  
For one short hour to see  
The souls we loved, that they might tell us  
What and where they be." [{101}](#)*

*Tennyson, "Maud" (1855)*

*"Agência de Investigação Privada, Prestigiada pela Aristocracia e sob a direção exclusiva do próprio sr. Pollaky. Ligações com o Serviço de Detetives da Polícia da Inglaterra e do estrangeiro. Investigações sigilosas e confidenciais feitas com discrição e rapidez, na Inglaterra, nó continente e nas colônias. Obtenção de provas para ações de divórcio, etc.*

Anúncio da época vitoriana

Talvez se passasse uma semana, ou duas, mas Sarah acabaria por surgir diante dele... A terceira semana já se iniciara e ela ainda não surgira diante dele. Charles não pode ser culpado por isso. Ele a tem procurado aqui, ali, em toda parte.

Conseguiu essa ubiqüidade contratando quatro detetives. Se os quatro estavam sob a exclusiva direção do sr. Pollaky, não sei dizer, mas o fato é que se empenharam a fundo no trabalho. Tinham de fazer isso, pois tratava-se de uma profissão nova, surgida havia apenas onze anos, e que era alvo do desprezo geral. Se um cavalheiro apunhalava mortalmente uma pessoa em 1866, seu ato era considerado perfeitamente justificado. "Quando as pessoas saem

por aí tentando passar por salteadores", advertia o Punch, "elas têm de arcar com as conseqüências."

Os homens de Charles tentaram primeiro, sem resultado, as agências de empregos domésticos, em seguida os Centros Educativos de todas as seitas religiosas que mantinham escolas. Alugando uma carruagem, o próprio Charles despendeu várias e infrutíferas horas patrulhando os bairros das classes remediadas de Londres, os olhos atentos perscrutando todo rosto feminino que passava. Sarah devia estar alojada num desses distritos — Peckham, Pentonville, Putney, e dezenas de outros semelhantes, com suas ruas novas e limpas e suas casas que empregavam apenas uma criada —, todos investigados por ele. Ajudou também seus homens a fazer investigações nas prósperas agências de secretárias de escritório. Já se tornava evidente nessas moças uma hostilidade generalizada com respeito a Adão, uma vez que tinham de suportar todo o peso dos preconceitos masculinos e iriam tornar-se as primeiras sementeiras do movimento em prol da emancipação feminina. Creio que essas experiências, embora infrutíferas quanto à parte que lhe interessava, não foram inteiramente perdidas para Charles. Aos poucos ele foi compreendendo melhor um aspecto de Sarah: seu ressentimento, sua convicção íntima de que existia um injusto — porque remediável — preconceito na sociedade.

Certa manhã, acordou sentindo-se grandemente deprimido. A terrível hipótese da prostituição — o destino a que Sarah acabaria por ser arrastada, como ela própria insinuara — tornou-se para ele uma certeza. Nessa noite, dirigiu-se em pânico para as redondezas do Haymarket, zona que já visitara anteriormente. O que terá pensado seu cocheiro não posso imaginar, mas é quase certo que tenha julgado seu freguês o homem mais exigente do mundo. Rodaram pelas ruas durante duas horas. Pararam uma única vez: o cocheiro viu uma prostituta ruiva parada sob um lampião. Mas quase no mesmo instante duas pancadas na carruagem levaram-no a se pôr a caminho de novo.

Nesse meio tempo, outras conseqüências do fato de Charles ter escolhido a liberdade não deixaram de se fazer sentir. Da carta que afinal conseguira escrever para o sr. Freeman, ele não teve resposta durante dez dias. Mas ao fim desse prazo um envelope lhe foi entregue em mãos, contra recibo, pelo próprio advogado do sr. Freeman.

Prezado senhor,

Ref. : Srta. Ernestina Freeman.

Recebemos instruções do sr. Ernest Freeman, pai da supracitada Srta. Ernestina Freeman, para solicitar seu comparecimento ao fórum às três horas da próxima sexta-feira. Seu não comparecimento será considerado uma admissão tácita de que assiste ao meu cliente o direito de dar andamento a um processo.

AUBREY & BAGGOTT

Charles levou a carta a seus procuradores, que vinham cuidando dos negócios da família Smithson desde o século XVIII. E o atual Montague, que se achava agora do outro lado da mesa junto à qual estava sentado, com ar encabulado, o pecador confesso, era pouco mais velho do que Charles. Os dois rapazes tinham estado juntos em Winchester, e, embora não fossem amigos íntimos, tinham grande simpatia um pelo outro.

— Que significa isso, Harry?

— Significa, meu caro rapaz, que você tem uma sorte dos diabos. Deu tremedeira neles.

— Então por que me mandaram chamar?

— É que não pretendem deixar que você se safe tão facilmente, Charles. Isso seria pedir demais. Meu palpite é que exigirão de você que faça uma confessio delicti.

— Uma declaração de culpa?

— Exatamente. Acho que pode esperar um documento pavoroso. Mas só posso aconselhá-lo a que o assine. Não tem escolha.

Na tarde de sexta-feira, Charles e Montague foram introduzidos numa sombria sala de espera, em uma das dependências do fórum. Charles tinha a impressão de que ia bater-se em duelo, tendo Montague como padrinho. Foram deixados a mofar ali até as três e quinze. Uma vez, porém, que essa penitência preliminar fora prevista por Montague, os dois a suportaram com bom humor, embora com certo nervosismo.

Foram chamados, por fim. Um homem idoso e irascível, de baixa estatura, levantou-se de sua cadeira junto a uma vasta escrivaninha. Logo atrás dele estava o sr. Freeman. Ele só tinha olhos para Charles, mas eram olhos de uma frieza absoluta — todo o bom humor desaparecera deles. Charles inclinou a cabeça, mas o cumprimento não foi correspondido. Os dois advogados apertaram-se as mãos brevemente. Havia uma quinta pessoa presente: um homem alto e magro, com uma calva incipiente e penetrantes olhos escuros. Ao vê-lo, Montague estremeceu.

— Conhece o conselheiro Murphy?

— Apenas de nome.

Um conselheiro, na época vitoriana, era um jurisconsulto. E o conselheiro Murphy era uma fera, o homem mais temido do seu tempo.

O sr. Aubrey indicou com um gesto peremptório as duas cadeiras que os visitantes deviam ocupar, e sentou-se também. Mas o sr. Freeman conservou-se implacavelmente de pé. O sr. Aubrey pôs-se a remexer em seus papéis, dando a Charles um prazo — que ele não desejava — para absorver a atmosfera intimidadora que geralmente reina nesses lugares, com seus livros de aparência erudita, seus rolos de pergaminhos atados com cordões de seda

verde, seus sombrios arquivos que enchiam a sala de fileiras de gavetas, como urnas de um columbarium superpovoado.

O velho advogado olhou para eles com ar severo.

— Creio, sr. Montague, que os fatos relativos a este abominável caso não se acham em discussão. Ignoro qual explicação seu cliente lhe tenha dado sobre sua conduta. O fato, porém, é que ele forneceu provas abundantes de sua culpa nesta carta dirigida ao sr. Freeman, embora eu note que, com a habitual imprudência dos tipos de sua espécie, ele tenha procurado...

— Sr. Aubrey, tal linguagem nestas circunstâncias...

O conselheiro Murphy saltou.

— O senhor preferiria ouvir a linguagem que eu usaria... num tribunal?

Montague respirou fundo e baixou os olhos. O velho Aubrey encarou-o com intensa desaprovação.

— Montague, conheci intimamente seu falecido avô. Estou certo de que ele pensaria duas vezes antes de agir em favor de um cliente como o seu. Mas deixemos isso de lado, por enquanto. Na minha opinião, esta carta... — ele ergueu-a no ar como se usasse pinças — esta odiosa carta é um insolente insulto acrescentado a uma ofensa já de si gravíssima, não só pela descarada tentativa de justificação, do autor, como pelo fato de não conter qualquer referência às ligações sórdidas e culposas que constituem a parte mais escabrosa deste caso, conforme ele próprio não ignora. — Lançou a Charles um olhar fulminante. — O senhor talvez julgue que o sr. Freeman ignore totalmente a existência desse seu caso amoroso. Engana-se, porém. Sabemos o nome da mulher com quem o senhor resolveu manter essas ignóbeis relações. Temos uma testemunha dos fatos, cujo nome desgosta-me mencionar.

Charles ficou cor de lacre. Os olhos do sr. Freeman trespassavam-no. Seu único recurso foi baixar a cabeça e amaldiçoar Sam. Montague falou:

— Meu cliente não veio aqui para defender sua conduta.

— Isso quer dizer que não se defenderá no caso de um processo?

— Uma pessoa que tem, como o senhor, uma posição tão eminente na sua profissão, deve saber que não posso responder a essa pergunta.

O conselheiro Murphy interveio novamente.

— O senhor não contestaria uma ação judicial, se ela fosse levada a efeito?

— Com sua permissão, senhor, reservo meu julgamento sobre o assunto.

Um sorriso manhoso contraiu os lábios do conselheiro.

— Não é seu julgamento que está em jogo, sr. Montague.

— Podemos continuar, sr. Aubrey?

O velho advogado olhou rapidamente para o conselheiro, que assentiu com a cabeça soturnamente.

— Este é um caso, sr. Montague, em que eu não aconselharia muito empenho na defesa do culpado. — Remexeu de novo em seus papéis. — Serei breve. Meu conselho ao sr. Freeman foi claro. Em toda a minha longa carreira, este é o exemplo mais vil de desonrosa conduta que já me passou pelas mãos. Ainda que seu cliente não merecesse o severo julgamento que irá inevitavelmente receber, acredito firmemente que semelhante procedimento deveria ser levado a público, como advertência a outros. — Fez uma longa pausa, para que suas palavras pudessem calar fundo. Charles desejou poder controlar a vermelhidão em seu rosto. Ainda bem que o sr. Freeman agora olhava para o chão. Mas o conselheiro Murphy sabia explorar com perfeição um réu propenso a enrubescer. Encarava-o agora com o que seus colegas mais novos costumavam chamar, com admiração, de "olhar de basilisco", no qual a ironia e o sadismo ressaltavam lindamente.

O sr. Aubrey prosseguiu, num tom de voz mais sombrio:

— Não obstante, por razões que não pretendo esclarecer, o sr. Freeman resolveu mostrar uma magnanimidade que o caso absolutamente não justifica. Não é sua intenção imediata mover uma ação, se forem aceitas certas condições.

Charles engoliu em seco e olhou para Montague.

— Estou certo de que meu cliente lhe é grato por isso.

— Preparei, com a ajuda de meu ilustre colega... — o sr. Aubrey fez uma ligeira curvatura para o conselheiro, que acenou com a cabeça sem afastar os olhos do infeliz Charles — uma declaração de culpa. Devo informá-lo de que a decisão do sr. Freeman de não mover uma ação imediata está condicionada à assinatura agora e em nossa presença, e com o testemunho de todos os que se acham aqui, deste documento.

E entregou o papel a Montague, que correu os olhos por ele.

— Peço permissão para discutir o assunto com meu cliente em particular.

— Muito me surpreende que considere necessária uma discussão. — Ele mostrava certa irritação, mas Montague manteve-se firme. — Pois muito bem. Se assim o deseja.

E, dessa forma, Montague e Charles viram-se de novo na lúgubre sala de espera. Montague leu o documento e em seguida passou-o secamente a Charles.

— Muito bem, aqui está seu remédio. Terá de tomá-lo, meu caro rapaz.

E enquanto o advogado se postava à janela, Charles leu a declaração de culpa.

"Eu, Charles Algernon Henry Smithson, admito plenamente e por minha livre vontade, baseado unicamente em meu desejo de declarar a verdade, que:

1. assumi o compromisso de casar-me com a Srta. Ernestina Freeman;

2. não me foram dadas quaisquer razões pela parte inocente (a supracitada Srta. Ernestina Freeman) para romper meu solene compromisso;

3. achava-me perfeitamente a par de sua posição na sociedade, de seu caráter, de seu dote matrimonial e das perspectivas que o futuro oferecia antes de pedir sua mão, e nada que tenha posteriormente chegado a meu conhecimento, com relação à supracitada Srta. Ernestina Freeman, foi de molde a contradizer ou invalidar o que me tinha sido informado;

4. decidi romper o compromisso sem justa causa e sem qualquer outra justificativa além de meu próprio egoísmo e má fé;

5. estabeleci uma ligação clandestina com uma pessoa por nome Sarah Emily Woodruff, residente em Lyme Regis e Exeter, havendo tentado esconder esse fato;

6. minha conduta em todo este caso foi desonrosa, e assim para sempre o direito de ser considerado um cavalheiro. Por conseguinte, concordo em que a parte prejudicada dê a este documento o uso que mais lhe convier. Outrossim, aponho minha assinatura abaixo por minha livre vontade, com pleno conhecimento das condições aqui impostas e plena admissão de minha culpa, sem que a isso tenha sido constrangido pelo que quer que seja e sem que isso esteja condicionado a quaisquer ulteriores considerações de minha parte, não me cabendo o direito a qualquer retificação, refutação, objeção ou rejeição de qualquer de seus itens, no presente e no futuro, de acordo com os termos acima estabelecidos."

— Você não tem nenhum comentário a fazer?

— Desconfio de que deve ter havido alguma disputa quanto à sua redação. Nenhum advogado concordaria de boa vontade em colocar a sexta cláusula. Se este documento fosse levado ao

tribunal, poderíamos facilmente argumentar que nenhum cavalheiro, por mais estúpido que fosse, faria uma declaração dessas a não ser sob pressão. Um advogado de defesa tiraria um bom partido disso. Na verdade, a cláusula é favorável a nós. Espanta-me que Aubrey e Murphy tenham concordado com ela. Meu palpite é que foi impingida pelo pai. Ele quer ver você comer o pão que o diabo amassou.

— É ignóbil demais.

Por um momento, Charles olhou para o documento como se fosse rasgá-lo em pedacinhos.

Montague tirou-o de suas mãos delicadamente.

— A lei não se preocupa com a verdade, Charles. Já devia saber disso, a esta altura.

— E que significa essa história de dar ao documento "o uso que mais lhe convier"?

— Pode significar, por exemplo, que ele venha a ser inserido no Times. Acho que me lembro de um caso semelhante, ocorrido há alguns anos. Mas desconfio que o velho Freeman quer abafar o caso. Teria levado você à barra do tribunal, se desejasse expô-lo à execução pública.

— Quer dizer que devo assinar?

— Se você quiser, posso voltar lá e exigir uma redação diferente, dar-lhe uma nova forma, que reserva a você o direito de apresentar atenuantes se o caso for a julgamento. Mas sou totalmente contrário à idéia. A própria severidade dos termos será seu melhor argumento. Sairemos ganhando se pagarmos o preço exigido. Mais tarde, se houver necessidade, poderemos objetar que a conta apresentada foi exorbitante.

Charles concordou, e os dois se ergueram.

— Outra coisa, Harry... Gostaria de saber como está Ernestina. Não posso perguntar isso a ele.

— Vou ver se consigo falar com o velho Aubrey, depois. Ele não é um sujeito tão mau quanto parece. Tem de bancar o durão diante do pai.

E assim os dois voltaram à sala. A declaração foi assinada, primeiramente por Charles e em seguida por todos os outros. Continuaram todos ali, de pé, e houve um momento de embaraçoso silêncio. Por fim, o sr. Freeman falou:

— E agora, seu patife, não apareça mais na minha frente. Se eu fosse mais moço, eu...

— Sr. Freeman!

A voz ríspida do velho Aubrey silenciou o cliente. Charles ainda hesitou um instante, depois fez uma inclinação de cabeça para os dois advogados e retirou-se, acompanhado por Montague.

Mas, ao chegarem lá fora, Montague disse:

— Espere por mim na carruagem.

Dois minutos depois, voltou e sentou-se ao lado de Charles.

— Ela está tão bem quanto se pode esperar no caso. Foram essas as suas palavras. Ele também me deu a entender o que o sr. Freeman pretende fazer, caso resolva entrar de novo no páreo matrimonial. Charles, ele irá mostrar o documento que você assinou a todos os futuros sogros que porventura tiver. Quer forçá-lo a ficar solteiro pelo resto de seus dias.

— Já tinha pensado nisso.

— A propósito, o velho Aubrey me disse também a quem você deve sua liberdade condicional.

— A ela? Também já tinha pensado nisso.

— O pai queria esfolá-lo vivo. Mas a jovem senhorita é quem dá as ordens, aparentemente.

A carruagem rodou por uma centena de metros antes que Charles voltasse a falar.

— Estou marcado e desonrado para o resto de meus dias.

— Meu caro Charles, quando uma pessoa resolve bancar o muçulmano no meio de puritanos, não pode esperar outra coisa. Eu também sou apreciador de umas pernas bonitas, como todo mundo. Não o culpo de nada. Mas não me diga que o preço a pagar não é justo.

A carruagem continuava a rodar. Charles olhava com ar sombrio para a rua ensolarada.

— Preferia estar morto.

— Então vamos primeiro até o Verrey's devorar algumas lagostas. Você poderá contar-me alguma coisa sobre a misteriosa Srta. Woodruff antes de morrer.

A humilhante entrevista deixou Charles deprimido por vários dias. Desejava ardentemente sair do país e nunca mais voltar a pôr os pés na Inglaterra. Não tinha coragem de freqüentar seu clube, de enfrentar os amigos. Lançou-se à tarefa de procurar Sarah. Certo dia, a agência de detetives descobriu uma Srta. Woodbury, recém-empregada numa academia de moças de Stoke Newington. Tinha cabelos castanho-avermelhados e parecia ajustar-se à descrição fornecida por Charles. Ele passou certa tarde uma hora inteira de agonia, postado do lado de fora da escola. A Srta. Woodbury apareceu, à frente de um coleante cordão de moças. Tinha uma vaga semelhança com Sarah.

Junho chegou, trazendo dias excepcionalmente límpidos.

Charles viu-os passar, mas quando o mês se aproximava do fim desistiu da busca. A agência de detetives continuava otimista, mas eles tinham seus honorários a considerar. Exeter foi vasculhada como Londres o fora. Chegaram mesmo a enviar um homem a Lyme e a Charmouth para que fizesse discretas indagações. Tudo em vão. Uma noite, Charles convidou Montague para jantar com ele em sua casa de Kensington. Sentia-se completamente infeliz e resolveu colocar-se inteiramente em suas mãos. O que deveria fazer? Montague não hesitou em dizer-lhe. Devia viajar para o estrangeiro.

— Mas qual teria sido a intenção dela? Entregou-se a mim e depois afastou-se de meu caminho como se eu não fosse nada para ela...

— Perdoe-me, mas estou bastante convencido de que a verdade está nessa última hipótese. Não será possível que a razão esteja com aquele doutor? Você tem certeza de que ela não foi motivada por um vingativo desejo de destruição... de arruinar seu futuro, de reduzi-lo a seu estado atual, Charles?

— Não posso acreditar nisso.

— Mas, *prima facie* <sup>{102}</sup>, você tem de acreditar.

— Por trás de todas as suas histórias e falsidades, havia uma certa candura, uma honestidade. Talvez ela tenha morrido. Ela não tinha dinheiro, nem família.

— Deixe então que eu mande alguém examinar o Registro de Óbitos.

Charles recebeu essa sensata sugestão como um insulto. Mas, no dia seguinte, resolveu aceitá-la. Não havia sido registrada a morte de nenhuma Sarah Woodruff.

Ele ainda contemporizou por uma semana. E uma noite, bruscamente, decidiu partir para o estrangeiro.

*"Each for himself is still the rule:  
We learn it when we go to school —  
The devil take the hindmost, O!"* [{103}](#)

*A H. Clough, "Poem" (1849)*

Saltemos agora vinte meses. Estamos num dia de princípios de fevereiro de 1869, frio revigorante. Nesse ínterim, Gladstone conseguiu afinal instalar-se no número 10 da Downing Street; a última execução pública acaba de ser levada a efeito na Inglaterra; A sujeição das mulheres, de Mill, e o Girton College estão prestes a aparecer. O Tâmis exibe sua habitual cor cinza e barrenta. Mas o céu, lá no alto, está escarninhamente azul. E ao olhar para cima poderíamos imaginar que estamos em Florença.

Olhando para baixo, porém, ao longo do novo parapeito que cerca o rio e Chelsea, vemos vestígios de neve no chão. Sim — e há também, pelo menos ao sol, os primeiros e leves indícios da primavera. I am ver [{104}](#)... Estou certo de que a jovem senhora, que eu gostaria de apresentar aqui empurrando um carrinho de criança (mas não posso, uma vez que eles só começaram a ser usados uma década mais tarde), nunca ouvira falar em Catulo, nem daria muita atenção, se o tivesse feito, a toda essa conversa sobre amores infelizes. Mas conhecia as emoções despertadas pela primavera. Afinal de contas, acabava de deixar em casa (a pouco mais de um quilômetro a oeste dali) o resultado de uma primavera anterior, rebuçado, enrolado e agasalhado como se fosse um bulbo sob a terra. É evidente também — por mais cuidado que tenha tido em

disfarçar sob roupas folgadas seu estado — que ela, como todo bom jardineiro, prefere plantar seus bulbos em masse. Há qualquer coisa no andar lento e pesado das mulheres grávidas, um toque de arrogância leve e sutil, mas que nem por isso deixa de ser arrogância.

A jovem senhora, com seu sutil orgulho e seu passo descansado, debruça-se por um momento sobre o parapeito e contempla as águas cinzentas. Faces rosadas e soberbos olhos de pestanas douradas, que em matéria de azul mas não de fulgor perdem um pouco para o límpido céu acima de sua cabeça... Londres jamais poderia ter sido o berço de uma coisa tão pura. No entanto, quando ela se volta e observa a fileira de belas casas de tijolos, algumas novas, outras antigas, que defrontam o rio do outro lado da rua, é evidente que ela nada tem contra Londres. É um rosto despido de inveja, o que está voltado para aquelas mansões elegantes, mas cheio de uma ingênua felicidade pelo fato de existirem coisas tão lindas.

Uma carruagem aproxima-se, vinda da parte central de Londres. Os olhos cinza-azulados observam-na, de uma forma que sugere serem essas cenas banais da vida londrina coisas estranhas e fascinantes. A carruagem pára diante de uma vasta casa do outro lado da rua. Uma mulher salta para a calçada e tira uma moeda da bolsa.

A moça encostada ao parapeito fica boquiaberta de espanto. Uma palidez expulsa momentaneamente o rosado de suas faces, mas logo depois ela enrubesce de novo. O cocheiro leva dois dedos à aba do chapéu. Sua passageira dirige-se rapidamente para a porta da frente da casa. A moça chega até a beira da calçada, escondendo-se a meio por trás de um tronco de árvore. A mulher abre a porta e desaparece no interior da mansão.

— Era ela, Sam. Eu vi, tenho certeza...

— É difícil de acreditar.

Mas ele acreditava. Na verdade, um sexto ou sétimo sentido já o fizera esperar por isso. Visitara a velha cozinheira, a Sra. Rogers, ao voltar para Londres, e recebera dela uma pormenorizada descrição das últimas e atribuladas semanas que Charles passara em Kensington. Isso ocorrera havia muito tempo. Externamente, ele compartilhara das censuras ao antigo patrão de ambos. Mas no íntimo qualquer coisa mexera com ele. Ser alcoviteiro era uma coisa, mas desmanchar casamento era outra bem diferente.

Sam e Mary olhavam um para o outro, numa saleta de frente que era minúscula mas razoavelmente mobiliada — a sombria perplexidade nos olhos dela combinando com as sombrias dúvidas nos olhos dele. Um fogo vivo ardia na lareira. Enquanto se interrogavam mutuamente, a porta abriu-se e entrou uma criadinha, uma desgraciosa menina de catorze anos. Trazia nos braços um bebê, já não tão entrouxado — a última safra, creio eu, do Celeiro de Carlake. Sam tomou imediatamente a trouxa em seus braços, provocando berros, cena que se repetia quase invariavelmente quando ele voltava do trabalho. Mary apressou-se a tomar-lhe a preciosa carga, rindo-se do desajeitado pai, e a enjeitadinha, parada à porta, riu também, solidária com os dois. E agora podemos perceber nitidamente que Mary já está de novo em adiantado estado de gravidez.

— Bem, acho que estou pronto para comer alguma coisa. Já começou o jantar, Harriet?

— Já, sim, senhor. Daqui a pouquinho está pronto.

— Menina esperta... — Depois, voltando-se para Mary, como se não houvesse nada no mundo a preocupá-lo, beijou-a no rosto e fez cócegas na barriguinha do bebê. — Meu benzinho...

Cinco minutos depois, sentado num canto de uma taverna das vizinhanças diante de um copo de gim e água quente, sua aparência já não era a de um homem tão feliz. Era inegável que tinha várias razões, aparentemente, para estar satisfeito com sua vida. Não

possuía sua própria loja, mas tinha algo quase tão bom quanto isso... O primeiro filho fora uma menina, mas confiava em que essa pequena decepção pudesse ser em breve remediada.

Sam usara de seus trunfos com perfeição em Lyme. Tia Tranter mostrara-se fácil de levar desde o princípio. Juntamente com Mary, ele se atirara a seus pés. Não arruinara sua situação ao largar tão corajosamente o emprego? E não era um fato sabido que o sr. Charles prometera emprestar-lhe quatrocentas libras (peça sempre muito mais do que considera razoável) para que pudesse estabelecer seu negócio? Que negócio?

— Igual ao do sr. Freeman, dona, só que mais humildezinho.

E soubera usar igualmente bem o trunfo representado por Sarah. Nos primeiros dias, nada no mundo conseguiu fazer com que traísse o culposo segredo de seu patrão. Seus lábios estavam selados. Mas a Sra. Tranter era tão boa!... O coronel Locke, da Mansão Jericho, estava à procura de um criado, e logo Sam não estava mais desempregado. O mesmo aconteceu com seu celibato. Chegou ao fim com uma cerimônia realizada às expensas da patroa da noiva. Era evidente que lhe devia uma compensação qualquer.

Como todas as senhoras idosas e solitárias, tia Tranter estava sempre à procura de alguém a quem pudesse adotar e ajudar. E Sam não lhe permitiu esquecer que estava interessado em estabelecer-se com uma loja de miudezas. Assim foi que um dia, quando se achava a passeio na casa de sua irmã em Londres, a Sra. Tranter aventurou-se a mencionar o assunto para o cunhado. A princípio, ele foi contra a idéia. Mas logo foi lembrado, delicadamente, da maneira honrosa como se portara o jovem criado. E ele sabia melhor do que a Sra. Tranter até que ponto as informações de Sam haviam sido úteis e ainda poderiam ser.

— Muito bem, Ann, vou ver o que posso fazer. Talvez apareça alguma vaga.

E foi assim que Sam obteve um cargo — humilde no começo — na grande loja. Mas era o bastante para ele. As deficiências que

pudesse ter em matéria de instrução foram supridas com sua inteligência inata. Sua experiência como criado o fez granjear a estima dos fregueses. Vestia-se com extremo apuro, e um dia fez algo ainda melhor.

Eram nove horas de uma esplêndida manhã de abril, cerca de seis meses depois de ter voltado casado para Londres e exatamente nove meses antes daquela noite em que foi visto sentado diante de um copo de gim na taverna, com ar tão sucumbido. Nessa manhã, o sr. Freeman decidira ir a pé de sua casa no Hyde Park até a loja. Passou pela série de vitrinas e entrou no prédio, causando a agitação e o rebuliço habituais entre os empregados do andar térreo. Os fregueses eram raros àquela hora matutina. Ele tirou o chapéu, cumprimentando a todos com sua costumeira pose senhorial, mas em seguida, para espanto de todo mundo, saiu de novo rapidamente. Nervoso, o gerente do térreo seguiu-o até a rua. Encontrou o magnata parado diante de uma vitrina, a contemplá-la. O gerente empalideceu, mas foi postar-se discretamente às costas do patrão.

— Trata-se de uma experiência, sr. Freeman. Vou mandar retirar isso imediatamente.

Três outros homens pararam também ao lado deles. O sr. Freeman olhou-os rapidamente, depois segurou o gerente pelo braço e o fez recuar um pouco.

— Agora veja, sr. Simpson.

Ficaram alguns minutos parados na calçada. . O povo passava pelas outras vitrinas e se detinha diante daquela. Alguns, como o próprio sr. Freeman, não prestavam muita atenção da primeira vez, mas logo voltavam sobre seus passos para examiná-la de novo.

Receio que a descrição do que se via ali constitua um anticlímax. Mas seria preciso que o leitor tivesse visto as outras vitrinas, com seus artigos dispostos monotonamente, e monotonamente etiquetados, para que pudesse apreciar a diferença. E não se esquecesse de que, ao contrário do que ocorre em nossa

época, quando a fina flor da humanidade dedica sua vida ao poderoso deus da Publicidade, os vitorianos tinham a absurda crença de que os bons vinhos não precisam de recomendação. O arranjo na vitrina era formado por uma extraordinária coleção de colarinhos de todo tipo e modelo, suspensos no ar por meio de um fino fio de arame, tendo por fundo um simples pedaço de pano vermelho-escuro. Mas o que havia de genial no arranjo era que os colarinhos haviam sido dispostos de maneira a formar palavras. E as palavras proclamavam, ou antes berravam: A MELHOR ESCOLHA ESTÁ NA FREEMAN.

— Aí está, sr. Simpson, o melhor arranjo de vitrina que já fizemos este ano.

— Tem razão, sr. Freeman. Muito ousado, muito chamativo.

— "A melhor escolha está na Freeman." É exatamente isso o que oferecemos... do contrário, por que haveríamos de ter um estoque tão vasto? "A melhor escolha está na Freeman..." Excelente! Quero essa frase impressa em todas as nossas circulares e anúncios, a partir de hoje.

Marchou de volta à loja. O gerente sorriu.

— Devemos isso em grande parte ao senhor. Lembra-se do sr. Farrow, aquele rapaz pelo qual o senhor se interessou pessoalmente, desejando que fosse admitido na firma?

O sr. Freeman parou.

— Farrow? Seu primeiro nome é Sam?

— Creio que sim, sr. Freeman.

— Mande chamá-lo.

— Ele veio para cá às cinco horas da manhã, especialmente para fazer o trabalho.

E foi assim que Sam se achou afinal frente a frente com o grande homem.

— Excelente trabalho, Farrow.

Sam fez uma profunda mesura.

— Fiz isso com grande prazer, sr. Freeman.

— Quanto estamos pagando a Farrow, sr. Simpson?

— Vinte e cinco xelins, sr. Freeman.

— De agora em diante passará a receber vinte e sete e meio.

E se afastou antes que Sam pudesse expressar sua gratidão. Mas o melhor ainda estava para acontecer, pois ao receber seu salário no fim da semana lhe foi entregue um envelope. Dentro encontrou três soberanos e um cartão com estas palavras: "Bonificação por seu zelo e inventividade".

E agora, apenas nove meses depois, seu salário atingira a vultosa quantia de trinta e dois xelins e meio. E ele sentia que se tornara um elemento indispensável na equipe de vitrinistas, e que lhe seria fácil obter novos aumentos sempre que desejasse.

Sam foi buscar uma nova e substanciosa dose de gim e voltou a seu lugar. O que havia de errado nele era que possuía uma consciência, defeito que seus modernos descendentes no ramo publicitário já conseguiram abolir. Ou talvez se tratasse simplesmente da impressão de que não merecia a felicidade e a boa sorte que tivera. O mito de Fausto é um mito onipresente no homem civilizado. Não importa que a civilização de Sam não lhe tenha nem mesmo ensinado quem era Fausto. Todavia, era suficientemente sofisticado para ter ouvido falar em pactos com o Diabo e suas conseqüências. As coisas poderiam ir muito bem durante um certo tempo, mas viria o dia em que o Diabo iria exigir o que lhe era devido. A Sorte é um feitor implacável: estimula a imaginação, fazendo-a prever o momento em que irá embora, muitas vezes trazendo conseqüências proporcionais ao bem que causou.

Preocupava-o também o fato de nunca ter contado a Mary o que fizera. Não havia outros segredos entre os dois, e ele confiava no bom senso da mulher. De vez em quando, voltavam-lhe os

antigos anseios de ser seu próprio patrão, de ter sua própria loja. Não possuía agora uma prova de suas aptidões naturais? Mas era sempre Mary, com suas sólidas noções rurais sobre o melhor campo a ser arado, que com delicadeza — e por uma ou duas vezes bastante indelicadamente — o mandava de volta ao trabalho na Oxford Street.

Ainda que dificilmente se pudesse perceber isso em seus hábitos e em sua linguagem, aqueles dois estavam subindo na vida — e sabiam disso. Para Mary, tudo parecia um sonho. Estar casada com um homem que ganhava trinta xelins por semana, quando seu próprio pai, carroceiro, nunca fora além dos dez! E morar numa casa cujo aluguel era de dezenove libras por ano!

E, o que era ainda mais maravilhoso, ver-se em situação de escolher, entre onze mortais de classe inferior, aquele que iria ocupar um posto que ela própria ocupara apenas dois anos antes! Por que onze? Uma das crenças de Mary rezava que o principal papel de uma patroa consistia em mostrar-se muito exigente — noção errônea que ela adquirira ao lidar com a sobrinha, mais do que com a tia. Entretanto, adotara também uma linha de conduta que não é incomum entre jovens senhoras cujos maridos têm boa aparência. Sua escolha de uma empregada levava muito pouco em conta sua inteligência e eficiência, e se baseara quase que inteiramente na total ausência de atrativos. Disse a Sam que afinal oferecera a Harriet as seis libras por ano porque sentira pena dela — declaração que não era totalmente falsa.

Quando voltou para casa e para o cozido de carneiro, na noite da dose dupla de gim, ele passou o braço à volta da rotunda cintura da mulher e beijou-a. Depois, seus olhos pousaram no broche preso entre os seios dela, que Mary só usava em casa e sempre tirava quando saía, receosa de ser assaltada por algum ladrão.

— Como vai o nosso velho broche de pérolas e coral?

Ela sorriu e suspendeu a jóia ligeiramente.

— Contente de ver você, Sam.

E os dois ficaram a contemplar o emblema de sua boa fortuna — inteiramente merecida no caso dela, e que no entanto precisava ser finalmente paga, no caso dele.

*"I sought and sought. But O her soul  
Has not since thrown  
Upot! my own  
One beam! Yes, she is gone, is gone."* [{105}](#)

*Hardy, "At a seaside town in 1869".*

E quanto a Charles? Lamento a sorte do detetive que tivesse de segui-lo durante esses últimos vinte meses. Quase todas as cidades da Europa o viram, mas raramente por muito tempo. Foi visto também junto às pirâmides e na Terra Santa. Visitou milhares de lugares e pontos turísticos, pois esteve também por algum tempo na Grécia e na Sicília, mas sem nada ver. Para ele, tudo aquilo não passava de um frágil muro que se erguia entre ele e o nada — o vácuo final, a absoluta falta de sentido de tudo. Sempre que se demorava um pouco mais num lugar, era invadido por uma letargia e uma melancolia intoleráveis. As viagens se tornaram tão necessárias para ele como o ópio para um viciado. Geralmente viajava só, no máximo acompanhado por um intérprete ou um criado, recrutado no país em que se achava. Muito raramente unia-se a outros viajantes e suportava sua companhia por alguns dias. Tratava-se, porém, na maioria das vezes, de cavalheiros franceses ou alemães. Dos ingleses fugia como de uma praga, e um bando de joviais compatriotas seus esbarrou certa vez com uma gélida reserva ao tentar aproximar-se dele.

A paleontologia, agora demasiadamente associada, em seu íntimo, aos eventos daquela primavera fatal, já não o interessava.

Quando fechara sua casa em Kensington, dera permissão ao Museu de Geologia para selecionar o que lhe aprouvesse em sua coleção. O resto fora doado aos estudantes. Seus móveis foram guardados num depósito e Montague recebeu instruções para alugar de novo a casa de Belgravia quando terminasse o antigo contrato. Charles não pretendia morar nela jamais.

Lia muito e mantinha um diário de suas viagens, mas era sobre coisas triviais, lugares, incidentes, e não sobre o que se passava em seu íntimo — uma simples maneira de encher o tempo nas longas horas passadas nos caravançarás e albergues desertos. Unicamente através da poesia tentou exprimir seus sentimentos mais profundos, pois descobrira em Tennyson uma grandeza comparável à de Darwin em seu campo. Mas a grandeza que viu nele era, evidentemente, a que a época atribuía ao Poeta Laureado. "Maud", poema então universalmente desprezado e considerado bastante indigno do mestre, tornou-se o favorito de Charles. Leu-o provavelmente uma dezena de vezes, e alguns trechos, uma centena. Era o único livro de que não se separava em momento algum. Seus próprios versos eram pobres, comparados aos de Tennyson. Preferia morrer a mostrá-los a alguém. Mas aqui está um pequeno exemplo, apenas para dar uma idéia de como ele se via em seu exílio.

"Oh cruel seas I cross, and mountains harsh,  
O hundred cities of an alien tongue,  
To me no more than some accursed marsh  
Are all your happy scenes I pass among.

Where e'er I go I ask of life the same;  
What drove me here? And now what drives me hence?  
No more is it at best than flight from shame,  
At worst an iron law's mere consequence?" [{106}](#)

E, para tirar de nossa boca o gosto desse poema, citarei outro infinitamente mais belo, que lhe falava diretamente ao coração e a respeito do qual ele e eu poderíamos facilmente estar de acordo: talvez o poemeto mais nobre de toda a era vitoriana.

"Yes: in the sea of life enisl'd,  
With echoing straits between us thrown,  
Dotting the shoreless watery wild,  
We mortal millions live alone.  
The islands feel the enclasping floty,  
And then their endless hounds they know.

But when the moon their hollows lights  
And they are swept by balms of spring,  
And in their glens, on starry nights,  
The nightingales divinely sing;  
And lovely notes, from shore to shore,  
Across the sounds and channeh pour,

Oh then a longing like despair  
Is to their farthest caverns sent;  
For surely once, they feel, we were  
Parts of a single continent.  
Now round us spreads the watery plain —

Oh might our marges meet again!

Who order'd, that their longing's fire  
Should be, as soon as kindled, cool'd?  
Who render s vain their deep desire? —  
A God, a God their severance ruled;  
And bade betwixt their shores to be  
The unplumb'd, salt, estranging sea."[107](#)

No entanto, das profundezas de sua melancolia e dos enigmas que o devoravam, Charles não chegou jamais a pensar em suicídio. Quando tivera a grande visão de si próprio libertado de sua era, sua ancestralidade, sua classe e seu país, não percebera que essa liberdade estava consubstanciada em Sarah, na idéia de um exílio compartilhado. Mas já não acreditava muito nessa liberdade. Sentia que havia simplesmente trocado de ambiente, ou de prisão. Entretanto, havia algo em seu isolamento a que podia apegar-se. Ele era o proscrito, o que não tinha similar entre os homens, o resultado de uma decisão que poucos teriam tomado, por mais insensata ou sábia que ela se revelasse no final. De vez em quando, a vista de um par recém-casado fazia-o lembrar-se de Ernestina. E então punha-se a perscrutar sua alma. Sentia pena ou inveja deles? E descobria que, pelo menos quanto a essa parte, tinha pouco a lamentar. Por mais amargo que fosse seu destino, era mais nobre do que aquele que rejeitara.

Suas viagens pela Europa e o Mediterrâneo duraram cerca de quinze meses, durante os quais não voltou uma única vez à Inglaterra. Não se correspondeu intimamente com ninguém durante esse tempo. A maioria de suas cartas eram dirigidas a Montague e referia-se a seus negócios e a instruções sobre o próximo lugar para onde ele devia remeter dinheiro, etc. Montague fora autorizado a publicar de vez em quando anúncios nos jornais de Londres:

"Desejamos comunicar-nos com Sarah Emily Woodruff ou qualquer pessoa que conheça seu atual paradeiro", mas nunca obteve resposta.

Sir Robert sofreu um abalo quando lhe chegou a notícia do rompimento do noivado, através de uma carta. Mas por fim, sob a melíflua influência de sua própria e eminente felicidade, acabou por se esquecer do caso. Charles era jovem, com tocos os diabos, e acabaria por encontrar em outra parte uma moça tão boa ou melhor do que Ernestina. E pelo menos lhe poupava o embaraço que lhe causaria sua ligação com Freeman. O sobrinho fora apresentar seus respeitos à Sra. Bella Tomkins antes de deixar a Inglaterra. Charles não gostara da dama, e lastimara o tio. Na ocasião, recusara de novo a oferta da casa pequena e não mencionara o nome de Sarah. Prometera voltar para assistir ao casamento, mas a promessa foi facilmente quebrada pela falsa alegação de uma crise de malária. Não nasceram gêmeos, como ele imaginara, mas um herdeiro fez sua aparição no mundo no décimo terceiro mês de seu exílio. Por essa altura, ele já se achava suficientemente imbuído de fatalismo para tomar a firme decisão — após enviar uma carta de congratulações ao tio — de jamais voltar a pôr os pés em Winsyatt.

Não se manteve casto, na prática (era fato conhecido nos melhores hotéis da Europa que os cavalheiros ingleses iam para o estrangeiro quando queriam sair da linha, e as oportunidades para isso eram numerosas), mas sim emocionalmente. Executava (ou conspurcava) o ato com uma espécie de surdo cinismo, e com a mesma indiferença com que contemplava os antigos templos gregos ou fazia suas refeições. Tratava-se de um simples ato de higiene. O amor abandonara o mundo. Às vezes, em alguma catedral ou galeria de arte, costumava imaginar Sarah a seu lado. Se alguém o estivesse observando nessas ocasiões, notaria que ele se empertigava e tomava uma funda inspiração. Não apenas proibira a si próprio o luxo de uma inútil nostalgia, mas também parecia-lhe cada vez mais imprecisa a fronteira entre a Sarah real e a Sarah que idealizara em tantos devaneios: a Eva personificada, toda mistério, amor, profundidade, e a outra, uma governanta meio louca, meio

calculista, de uma obscura cidade à beira-mar. Chegou mesmo a imaginar-se frente a frente com ela de novo — e nada via nela senão sua própria ilusão e desvario. Não mandou cancelar os anúncios, mas começou a pensar que talvez melhor seria que nunca fossem respondidos.

Seu maior inimigo era o tédio. E foi o tédio — para ser exato numa noite em Paris, quando percebeu que não desejava mais permanecer ali, nem viajar de novo para a Itália, para a Espanha ou para qualquer outra parte da Europa — que finalmente o levou de volta à pátria.

O leitor deve estar pensando que me refiro à Inglaterra. Engana-se. Ali jamais poderia voltar a ser o lar de Charles, embora tenha ido para lá por uma semana, ao deixar Paris. Sucedeu que, durante sua viagem de Leghorn a Paris, conheceu dois americanos, um cavalheiro idoso e seu sobrinho. Os dois tinham vindo de Filadélfia. Talvez pelo prazer de conversar com alguém numa língua não totalmente estranha, o fato é que Charles simpatizou com eles. Sua ingênua alegria diante dos pontos turísticos — ele próprio lhes servira de guia numa visita a Avignon e os levava a apreciar Vézelay — era absurda, não havia dúvida. Não obstante, era completamente destituída de afetação. Eles nada tinham dos estúpidos ianques que na imaginação dos vitorianos constituíam o grosso da população americana. Sua inferioridade estava limitada exclusivamente a seu inocente desconhecimento da Europa.

O mais velho dos dois americanos era um homem muito lido e um perspicaz observador da vida. Certa noite, depois do jantar, Charles e ele travaram uma longa discussão — tendo o sobrinho como ouvinte — sobre os respectivos méritos da mãe-pátria e da rebelde colônia. E as críticas do americano à Inglaterra, feitas em linguagem cortês, encontraram correspondência em Charles. Percebia, nos pontos de vista enunciados em sotaque americano, idéias muito semelhantes às suas. E entrevia mesmo, embora de maneira muito vaga e unicamente por força de uma analogia darwiniana, o dia em que a América iria substituir a outra espécie

mais antiga. Não estou querendo dizer, naturalmente, que ele pensava em emigrar um dia para lá, embora milhares de ingleses das classes mais baixas fizessem isso todos os anos. A Canaã que eles imaginavam encontrar do outro lado do Atlântico (iludidos por algumas das mais lamentáveis mentiras de toda a história da propaganda) não era a Canaã de seus sonhos: uma terra povoada por cavalheiros mais sóbrios, mais simples, como aquele homem de Filadélfia e seu amável e atento sobrinho, e que vivessem numa sociedade mais simples. O tio expusera-lhe a questão sucintamente:

— De modo geral, em nossa terra dizemos o que pensamos. Minha impressão de Londres — desculpe-me, sr. Smithson — foi que seu povo acredita que irá consumir-se no fogo do inferno se não disser o que não pensa.

E isso não era tudo. Charles mencionou a idéia para Montague durante um jantar em Londres. Quanto à viagem à América, Montague mostrou pouco entusiasmo.

— Não creio que existam lá, por quilômetros quadrados, muitas pessoas dignas de menção, Charles. Não se pode ser ao mesmo tempo o repositório do rebotalho da Europa e um centro de civilização. Embora eu não duvide de que algumas de suas antigas cidades sejam interessantes, à sua maneira. — Tomou um gole do seu vinho do Porto. — E no entanto é lá, por falar nisso, que ela deve estar. Suponho que isso já deva ter ocorrido a você. Dizem que esses vapores de segunda classe partem cheios de moças à cata de maridos. — A juntou apressadamente: — Não que esse seja o caso dela, é claro.

— Eu não tinha pensado nisso. Para falar com franqueza, não tenho pensado nela nos últimos meses. Perdi as esperanças.

— Pois então vá para a América e afogue suas mágoas no seio de alguma graciosa Pocahontas [{108}](#). Pelo que ouvi contar, um inglês de boa linhagem tem probabilidade de arranjar por lá mulheres muito interessantes, pour Ia dot comme pour Ia figure [{109}](#), se é isso o que deseja.

Charles sorriu, e se isso se devia às moças duplamente interessantes ou ao fato — ainda não comunicado a Montague — de estar já comprada sua passagem, é uma questão que terá de ser mantida no plano das conjecturas.

*"Weary of myself, and sick of asking  
What I am, and what I ought to be,  
At the vessel's prow I stand, which bears me  
Forwards, forwards, o'er the starlit sea." [{110}](#)*

*Matbetv Arnold, "Self-dependence" (1854)*

Embarcou em Liverpool, e a travessia não foi das mais agradáveis. Fazia freqüentes visitas à bacia, e quando não estava vomitando passava a maior parte do tempo a se perguntar por que metera em sua cabeça embarcar para aquele outro lado, mais primitivo, do mundo. Talvez fosse melhor assim. Já começara a imaginar Boston como um miserável agrupamento de choupanas de troncos — e a realidade, numa ensolarada manhã, representada por uma cidade de tijolos patinados pelo tempo, com suas alvas e esguias torres e sua imponente cúpula dourada, surgiu-lhe como uma agradável e reconfortante visão. E Boston não desmanchou essa primeira impressão. Da mesma forma que simpatizara com os homens de Filadélfia, deixou-se seduzir pela mistura de graciosidade e candura da sociedade local. Não foi recebido com festas. Mas, uma semana após sua chegada, duas ou três cartas de apresentação que levara abriram-lhe as portas de várias casas. Foi convidado a freqüentar o Ateneu, apertou a mão de um senador, bem como a ossuda garra de alguém ainda mais ilustre, ainda que não tão arrogante e loquaz — o velho Nathaniel Lodge, que ouvira o troar dos canhões em Bunker Hill, de seu quarto de criança na Beacon Street. Mas não chegou a conhecer outra figura ainda mais ilustre, cuja conversa não interessaria a quem tivesse feito parte do círculo

acadêmico de Lowell em Cambridge, e que se achava, ela própria, no limiar de uma decisão totalmente inversa, em seus motivos e rumo, à que Charles tomara — como um navio, com suas amarras estiradas por uma corrente contrária e preparando-se para iniciar sua sinuosa e loxodrômica viagem até a enseada de Rye, mais promissora, embora quase totalmente tomada pelo limo. Mas não devo continuar a imitar o mestre [{111}](#).

Ainda que tivesse ido apresentar seus respeitos, religiosamente, ao berço da liberdade em Faneuil Hall, não deixou de encontrar uma certa hostilidade para com seus compatriotas, pois a Inglaterra não fora perdoada por sua recente e duvidosa atuação na guerra civil, e a caricatura que se fazia de John Bull era tão grosseira e exagerada quanto a do Tio Sam. Mas era evidente que Charles não se ajustava ao tipo caricaturado. Declarou que compreendia perfeitamente a justiça da Guerra da Independência, admirou Boston como centro da cultura americana, do movimento antiescravista e de muitas outras coisas, e aceitou com bom humor as pilhérias sobre chás [{112}](#) e dólãs vermelhos [{113}](#), tomando grande cuidado em não se mostrar condescendente.

Creio que duas coisas lhe agradaram mais que tudo: a deliciosa novidade proporcionada pela natureza — novas plantas, novas árvores, novos pássaros — e, conforme descobriu ao cruzar o rio que tinha seu nome para visitar Harvard, alguns novos e fascinantes fósseis. E havia outros encantos no próprio povo americano. A princípio, constrangeu-o um pouco a ausência de uma ironia mais sutil, o que o levava a meter-se às vezes em situações embaraçosas, quando algumas observações suas, ditas por pilhéria, eram tomadas ao pé da letra. Mas havia tantas outras compensações... uma grande franqueza, uma maneira direta de tratar as pessoas, uma curiosidade encantadora, ao lado de uma sincera hospitalidade. E certa candura, talvez, mas que para ele era como um rosto deliciosamente fresco e sem pintura depois da maquilada cultura da Europa. Esse rosto assumiu em breve contornos nitidamente femininos. As moças americanas expressavam muito mais livremente suas idéias do que suas contemporâneas européias. O movimento

de emancipação já se iniciara havia vinte anos naquele lado do Atlântico. Charles achou encantadora sua franqueza e desenvoltura.

A simpatia era recíproca, uma vez que, pelo menos em Boston, atribuía-se de boa vontade a Londres uma certa superioridade feminina em matéria de bom gosto e elegância. Ele poderia ter sido facilmente conquistado por um coração feminino. Mas acompanhava-o sempre a lembrança do terrível documento que o sr. Freeman arrancara dele. E o papel sempre se interpunha entre ele e qualquer inocente rosto de mulher que contemplava. Havia apenas um rosto capaz de perdoá-lo e exorcizá-lo.

Além do mais, em muitos desses rostos americanos ele via uma sombra de Sarah. Tinham qualquer coisa de seu ar de desafio, de sua franqueza. De certa maneira, reavivavam nele sua antiga imagem. Ela fora uma mulher extraordinária, e ter-se-ia sentido à vontade ali. Na verdade, ele se achava cada vez mais inclinado a concordar com o palpite de Montague: talvez ela estivesse na América. Passara os últimos quinze meses em países onde as diferenças nacionais de traços e hábitos raramente a traziam à sua lembrança. E ali encontrava-se no meio de mulheres cuja ascendência era em grande parte anglo-saxônica e irlandesa. Uma dezena de vezes, nos primeiros dias, viu sua atenção despertada por uma certa tonalidade de cabelos avermelhados, um jeito desenvolto de andar, a forma de um corpo de mulher.

Certa vez, ao passar pelo Parque Municipal a caminho do Ateneu, viu uma moça mais adiante, numa das alamedas. Atravessou o gramado em direção a ela, tal era sua certeza. Mas não se tratava de Sarah. E ele teve de gaguejar uma desculpa. Continuou o caminho, abalado, tamanha a sua emoção naquele momento. No dia seguinte, pôs um anúncio em um dos jornais de Boston. E a partir de então, aonde quer que fosse, anunciava nos jornais.

Caíram as primeiras neves, e Charles seguiu para o sul. Visitou Manhattan, e gostou menos de lá do que de Boston. Depois passou duas agradáveis semanas em Filadélfia, com os amigos que

encontrara na França. E não achou justa a famosa pilhéria: "Primeiro prêmio, uma semana em Filadélfia; segundo prêmio, duas semanas". Dali continuou para o sul. E assim passou por Baltimore e Washington, Richmond e Raleigh, pelo prazer constante de poder apreciar novas paisagens, novo clima — clima meteorológico, bem entendido, pois o clima político (estamos em dezembro de 1868) nada tinha de agradável. Charles viu-se em cidades devastadas, no meio de um povo amargo, vítima da Reconstrução, com seu desastroso presidente, Andrew Johnson, pronto a ceder o lugar a outro ainda mais catastrófico, Ulysses S. Grant. Verificou que tinha de se mostrar britânico na Virgínia e descobriu, com uma ironia que não lhe agradou, que os ancestrais dos cavalheiros com quem fez relações ali e nas Carolinas haviam sido quase que os únicos membros das classes altas coloniais a recusar apoio à revolução de 1775. Chegou mesmo a ouvir insensatas referências a uma nova secessão e reunificação com a Inglaterra. Mas passou incólume e diplomaticamente por todos esses percalços, sem compreender exatamente o que estava ocorrendo, mas percebendo a singular vastidão e as frustradas energias da nação dividida.

Seus sentimentos não eram, talvez, muito diferentes dos de um inglês que visite hoje os Estados Unidos: tanta coisa boa e tanta coisa revoltante; tanta chicanice e tanta honestidade; tanta brutalidade e violência, e tanta preocupação e empenho na formação de uma sociedade melhor. Passou o mês de janeiro na devastada Charleston, e então, pela primeira vez, perguntou-se se na verdade sua viagem era um passeio ou uma emigração. Notou que certas expressões e inflexões começavam a infiltrar-se em sua linguagem, começou a tomar partido nas questões, a se sentir dividido como a própria América, uma vez que ao mesmo tempo achava ser justa a abolição da escravatura e simpatizava com a revolta dos sulistas, que sabiam perfeitamente a que se devia a solicitude dos ianques para com a emancipação dos negros. Sentia-se à vontade no meio das beldades do sul e dos rancorosos capitães e coronéis, e então se lembrava de Boston — rostos corados e almas

brancas... de qualquer forma, almas mais puritanas. Percebia que se sentiria mais feliz lá, numa análise final, e, como para demonstrar isso por meio de um paradoxo, continuou a se embrenhar cada vez mais no sul.

Já não se sentia entediado. O que sua experiência americana, ou talvez o que a América daquela época lhe proporcionou — ou devolveu a ele — foi uma espécie de fé na liberdade. A determinação que via à sua volta, por amargas que fossem suas imediatas conseqüências, de firmar as bases de um destino nacional, causou nele um efeito mais libertador do que depressivo. Começou a achar que o provincialismo muitas vezes risível de seus anfitriões era antes um indício de sua falta de hipocrisia. Até mesmo as abundantes provas de uma insatisfação irreprimida, de uma tendência para fazer justiça pelas próprias mãos — método que sempre transforma o juiz em carrasco —, em suma, de uma violência endêmica causada por uma constituição empanturrada de Liberte, encontravam alguma justificativa aos olhos de Charles. Uma onda anarquista varria o sul, e no entanto isso lhe parecia preferível às férreas leis que governavam seu país.

Mas tudo isso ele dizia apenas a si mesmo. Num calmo entardecer, quando ainda estava em Charleston, achou-se por acaso num promontório voltado para uma Europa a quase cinco mil quilômetros. E ali compôs um poema — um poema melhor, um pouco melhor do que o último composto por ele, e que já lemos.

"Can't they to seek some greater truth  
Than Albion's hoary locks allow?  
Lies there a question in their youth  
We have not dared to ask ere now?

I stand, a stranger in their clime,  
Yet common to their minds and ends;

Methinks in them I see a time  
To which a happier man ascends

And there shall ali his brothers be —  
A Paradise wrought upon these rocks  
Of hate and vile inequity.  
What matter if the mother mocks

The infant child's first feeble hands?  
What matter if today he fail  
Provided that at last he stands  
And breaks the blind maternal pale?

For he shall one day walk in pride  
The vast calm indigoes of this land  
And eastward turn, and bless the tide  
That brought him to the saving strand." [{114}](#)

E aí, entre seus versos claudicantes e perguntas puramente retóricas, com "suas calmas vastidões azuis" — não de todo más —, deixemos Charles por um parágrafo.

Já fazia quase três meses que Mary contara sua nova — bem nos fins de abril. Mas nesse meio tempo, a Sorte aumentara ainda mais a dívida de Sam para com ela própria, ao brindá-lo com a segunda edição que ele tanto almejava, dessa vez um herdeiro do sexo masculino. Foi num domingo que a coisa aconteceu, numa noite em que ecoava o repique dos sinos e tenros botões desabrochavam, com o leve tilintar da louça lá embaixo indicando

que sua jovem esposa, recém-saída da cama, ocupava-se juntamente com a criada do preparo do jantar; uma criança procurava firmar-se nas pequenas pernas para ver o irmãozinho de três semanas, de olhinhos negros e apertados que já encantavam Sam ("Vivo como uma raposa, esse diabinho"), e então algo naqueles olhos tocou fundo a alma de Sam, que nada tinha de bostoniana.

Dois dias mais tarde, Charles, peregrinando então por Nova Orleis, retornou a seu hotel depois de um passeio pelo Vieux Carré e encontrou um telegrama à sua espera na portaria.

Dizia: Ela foi encontrada. Londres. Montague.

Charles leu as palavras e afastou-se alguns passos. Depois de tanto tempo, de tanta coisa de permeio... Olhava sem ver a rua movimentada. Sem nenhuma justificativa, nenhuma conotação emotiva, sentiu lágrimas queimando-lhe os olhos. Foi para fora, parando à entrada do hotel, e ali acendeu um charuto. Minutos depois, retornou ao balcão da portaria.

— Sabe informar quando parte o próximo navio para a Europa?

*"Lalages come; aye  
Come is she now, O!" [{115}](#)*

*Hardy, "Timing ber"*

Dispensou a carruagem na ponte. Era o último dia de maio, cálido, exuberante, a frente das casas ensombradas de árvores, o céu em parte azul, em parte velado por alvos flocos de nuvens. A sombra de uma delas desceu momentaneamente sobre Charles, embora os grandes armazéns do outro lado do rio ainda estivessem iluminados pelo sol.

Montague nada sabia. A informação viera pelo correio. Uma folha de papel contendo apenas um nome e um endereço. De pé diante da mesa de seu advogado, Charles recordou o outro endereço que recebera de Sarah, mas aquele era escrito com canhestras letras de fôrma. Unicamente em seu laconismo ele entreviu Sarah.

Montague agira com grande cautela, seguindo instruções telegrafadas por Charles. Nenhuma aproximação deveria ser tentada, nenhum alarma que lhe desse oportunidade de escapar de novo. Um empregado da firma agiu como detetive, levando no bolso a mesma descrição dada aos detetives profissionais. Declarou que uma moça, cujos traços condiziam com os da descrição, parecia de fato residir naquele endereço, e que a pessoa em questão era conhecida pelo nome de Sra. Roughwood. A engenhosa inversão das sílabas parecia afastar qualquer dúvida que ainda restasse quanto à exatidão da informação, afastando também, após o primeiro momento de choque, a questão implicada no "Sra." Estratagemas

desse tipo eram muito comuns entre as mulheres solteiras de Londres, e indicavam o oposto do que procuravam fazer crer. Sarah não se casara.

— Vejo que foi posto no correio em Londres. Não tenho a menor idéia...

— Foi enviado para cá, o que torna óbvio que partiu de alguém que viu nossos anúncios. E foi endereçado pessoalmente a você. Trata-se pois de uma pessoa que sabe estarmos agindo em seu nome. No entanto, essa pessoa não parece interessada na recompensa oferecida. E isso nos leva a pensar que seja ela própria a remetente.

— Mas por que tardaria tanto em se manifestar? Além do mais, essa letra não é dela. — Montague manifestou sua perplexidade por meio do silêncio. — Seu funcionário não obteve nenhuma outra informação?

— Ele seguiu minhas instruções, Charles. Estava proibido de fazer perguntas. Por acaso, ele se achava perto da casa quando um vizinho desejou a ela bom dia. Foi assim que soube seu nome.

— E a casa?

— É de aparência respeitável. Foram essas suas palavras exatas.

— Provavelmente, trabalha lá como governanta.

— É o mais provável.

Charles deu alguns passos até a janela, o que foi oportuno, pois a maneira como Montague olhou-o quando ele lhe virou as costas sugeria que estava escondendo alguma coisa. Ele havia proibido seu empregado de fazer perguntas, mas não havia proibido a si próprio de interrogá-lo.

— Pretende ir procurá-la?

— Meu caro Harry, não foi à toa que atravessei o Atlântico... — Charles sorriu para desculpar seu tom exasperado. — Sei o que você gostaria de perguntar. Não posso responder. Perdoe-me, mas este

assunto é demasiadamente pessoal. E a verdade é que eu próprio não sei o que sinto. Acho que só poderei saber quando a vir de novo. Tudo o que sei agora é que... ela não me sai da cabeça. Preciso falar com ela... preciso... você entende.

— Precisa interrogar a Esfinge.

— Se quer pôr a questão nesses termos.

— Só espero que você tenha sempre em mente o que aconteceu aos que não conseguiram decifrar o enigma.

Charles fez uma careta dolorosa.

— Se a alternativa é o silêncio ou a morte, então é melhor que você mande preparar a oração fúnebre.

— Tenho um pressentimento de que isso não será necessário.

Os dois sorriram.

Mas ele não sorria agora, ao aproximar-se da casa da Esfinge. Não conhecia muito bem aquela zona, e tinha a impressão de que se tratava de uma espécie de Greenwich de segunda classe — um lugar onde os oficiais de marinha reformados terminavam seus dias. O Tâmis vitoriano era um rio muito mais sujo do que é hoje, com suas águas horrivelmente conspurcadas pelos esgotos que nelas desaguavam. Em certa ocasião, o mau cheiro era tanto que afugentou de suas salas os membros da Câmara dos Lordes. As epidemias de cólera eram atribuídas ao rio, e uma casa plantada às suas margens estava longe de ter o valor social que tem hoje no nosso século desodorizado. Apesar de tudo isso, Charles notou que as casas eram bastante elegantes, e, em que pese o mau gosto de seus moradores na escolha do lugar, era evidente que não fora a falta de recursos que os levara a se instalar ali.

Por fim, com um tremor interno e uma sensação de desfalecimento, de estar fazendo uma coisa indigna — pois sua nova personalidade americana já fora escorraçada por um sólido passado de raízes mais fundas, e ele experimentava a sensação embaraçosa do cavalheiro prestes a se dirigir a um criado mais graduado —,

Charles chegou ao portão fatal. Era de ferro fundido e se abria para um pequeno jardim, onde um caminhozinho levava até uma casa alta, de tijolos, com a fachada praticamente oculta por um luxuriante manto de glicínias, que começavam a desabrochar em cachos de flores de um pálido tom azul.

Ele levantou a aldrava de bronze e bateu duas vezes. Esperou alguns segundos, depois bateu de novo. Só então a porta foi aberta, e uma criada apareceu. Ele vislumbrou atrás dela uma sala grande e com muitos quadros — tão numerosos, que o lugar lhe pareceu uma galeria de arte.

— Desejo falar com a Sra... . Roughwood. Creio que ela mora aqui.

A empregada era uma criaturinha esbelta, de olhos muito grandes. Não usava a costumeira touca de renda. Na verdade, se não estivesse de avental, ele não teria sabido dizer se se tratava de uma criada.

— Seu nome, por favor?

Ele notou a omissão do "senhor". Talvez não fosse realmente uma criada. Seu modo de falar era bastante superior ao da classe baixa. Entregou-lhe seu cartão.

A moça leu-o descaradamente. Não era de fato uma criada. Pareceu indecisa por um momento. Mas veio um rumor da penumbra do fundo da sala, e um homem surgiu, parecendo mais velho do que Charles uns seis ou sete anos. A moça voltou-se para ele, aliviada.

— Este cavalheiro deseja ver Sarah.

— Pois não!?

Segurava uma caneta na mão. Charles tirou o chapéu e falou, ainda parado à porta:

— Se o senhor me pudesse fazer essa gentileza... Trata-se de um assunto particular... éramos amigos antes de sua vinda para Londres.

Percebia-se algo levemente desaprovador no exame rápido mas penetrante que o homem fez de Charles. Havia qualquer coisa de judeu nele, uma certa ostentação displicente no modo de trajar, qualquer coisa do jovem Disraeli. O homem olhou para a moça:

— Ela está ocupada?

— Acho que estão apenas conversando, nada mais.

— Então leve-o até em cima, meu bem.

E, depois de fazer uma leve inclinação de cabeça, desapareceu tão abruptamente como chegara. A moça fez sinal a Charles para que a acompanhasse. Ele próprio teve de fechar a porta. Enquanto subiam as escadas, teve oportunidade de correr os olhos pelos numerosos quadros e desenhos. Tinha conhecimento suficiente sobre arte moderna para reconhecer a escola à qual pertencia a maioria deles, e até mesmo o célebre e decantado pintor cujas iniciais podiam ser vistas em vários. A tempestade que ele causara vinte anos antes já havia passado. E o que naquela época parecera digno de ser atirado ao fogo valia agora um bom preço. O cavalheiro da caneta era um colecionador de quadros — de quadros de gosto artístico um tanto duvidoso, mas era evidente que se tratava de um homem de recursos.

Charles subiu um lance de escada, atrás do corpo esguio da moça. Novos quadros, com predominância ainda da duvidosa escola. Agora, porém, achava-se nervoso demais para dar-lhes atenção. Quando começaram a subir o segundo lance, ele aventurou uma pergunta.

— A Sra. Roughwood está empregada aqui como governanta?

A moça parou no meio da escada e olhou para trás, com divertida surpresa. Depois baixou os olhos.

— Ela já não é mais governanta.

Olhou-o de novo rapidamente e continuou a subir. Chegaram ao segundo patamar. Sua enigmática cicerone parou diante de uma porta.

— Espere um instante, por favor.

Entrou na sala, deixando a porta entreaberta. Do corredor Charles entreviu uma janela aberta, com uma cortina de renda a se agitar levemente à brisa do verão, e o cintilar das águas do rio ao longe, através da folhagem. Ouviu um murmúrio de vozes e mudou de posição, para ter uma visão melhor. Viu que havia lá dentro dois homens de aparência distinta. Estavam parados diante de uma tela fixa num cavalete, colocado obliquamente em relação à janela, de modo a aproveitar a luz. O mais alto dos dois curvou-se para observar algum detalhe, e em conseqüência permitiu a Charles ver melhor o outro. Por acaso, o homem olhou diretamente para a porta e para Charles. Fez-lhe um leve cumprimento com a cabeça, e em seguida voltou os olhos para alguém no outro lado da sala, invisível para Charles.

Ele continuou parado diante da porta, aturdido.

Era um rosto que ele conhecia, o rosto de alguém que já tivera mesmo ocasião de ouvir certa vez, por mais de uma hora, sentado ao lado de Ernestina. Era impossível. E no entanto... E o homem que vira ao entrar! Aqueles quadros e desenhos! Recuou apressadamente e pôs-se a contemplar — como alguém que descobre que seu pesadelo continua depois de acordado —, através de uma alta janela situada na extremidade do corredor, um viçoso jardim nos fundos da casa. Mas não via nada, unicamente sua loucura em acreditar que as mulheres decaídas continuam a cair... Pois não fora até ali para sustar a lei da gravidade? Sentia-se tão abalado quanto uma pessoa ao descobrir repentinamente que o mundo à sua volta está de cabeça para baixo.

Um ligeiro rumor.

Olhou rapidamente para trás. Ela estava encostada à porta que acabara de fechar, a mão ainda na maçaneta de bronze — um vulto impreciso na penumbra ao desaparecer bruscamente a claridade do sol.

E seu traje! Era tão diferente, que no primeiro momento imaginou estar diante de outra pessoa. Em sua lembrança, ela sempre lhe aparecera em suas roupas antigas, um rosto a persegui-lo em meio a um negror de viuvez. Mas ali estava alguém nos trajes completos da Nova Mulher, e rejeitando claramente todas as formais noções contemporâneas da moda feminina. Usava uma saia de um belo tom azul-escuro, cingida à cintura por uma faixa carmesim com uma fivela dourada em forma de estrela, onde se prendia também a blusa fofa, de mangas compridas, de seda branca listrada de rosa, com uma delicada gola de renda fechada na frente por um pequeno camafeu. O cabelo estava atado frouxamente com uma fita vermelha.

Essa radiosa e boêmia aparição causou a Charles duas impressões imediatas. Em primeiro lugar, ao invés de parecer dois anos mais velha, ela parecia dois anos mais moça; em segundo, de maneira totalmente incompreensível para ele, parecia-lhe estar de novo na América e não na Inglaterra. Pois era exatamente daquela maneira que as moças de lá se vestiam durante o dia. Tinham-se dado conta da sensatez dessas roupas, de sua simplicidade e graciosidade, comparadas com a estupidez das cintas, espartilhos e crinolinas. Nos Estados Unidos, Charles achara o estilo encantador, com suas insinuações sutis e paradoxalmente coquetes sobre a emancipação feminina em outros campos. Mas agora, sob o peso de tantas outras suspeitas, suas faces adquiriram um colorido não muito diferente das listras na blusa de Sarah.

Mas contrabalançando esse choque — o que ela era agora, em que se transformara —, veio uma onda de alívio. Aqueles olhos, aquela boca, aquele permanente ar de implícito desafio... nada disso mudara. Ela continuava a ser a extraordinária criatura que ele guardara na lembrança, mas desabrochada, agora, realizada — um ser alado surgindo da pupa informe e escura.

Por um longo momento, nada foi dito. Então, ela crispou nervosamente as mãos sobre o fecho dourado do cinto e baixou os olhos.

— Como se explica sua presença aqui, sr. Smithson?

Não lhe dera seu endereço, e não parecia grata pela visita.

Charles não lembrou, naquele momento, que sua pergunta era idêntica a outra que ele lhe fizera certa vez, quando ela lhe aparecera inesperadamente. Mas percebia que suas posições agora estavam curiosamente invertidas. Era ele o suplicante, e ela, a relutante ouvinte.

— Soube por meu advogado que você morava aqui. Não sei onde ele obteve a informação.

— Seu advogado?

— Você não sabia que rompi meu noivado com a Srta. Freeman?

Foi sua vez de ficar chocada. Seus olhos perscrutaram os dele prolongadamente, depois desviaram-se para o chão. Ela não sabia. Charles deu um passo à frente e falou em voz baixa.

— Procurei-a por todos os cantos desta cidade. Mandeí pôr anúncios nos jornais todos os meses, na esperança de...

Os dois olhavam para o chão que os separava, para o belo tapete turco que cobria toda a extensão do corredor. Ele lutava para controlar a voz.

— Vejo que você... — as palavras lhe fugiam, mas o que quis dizer foi: está inteiramente mudada.

— A vida tem sido boa para mim.

— Aquele cavalheiro que está lá dentro não é... ?

Ela fez um sinal de aquiescência à pergunta refletida em seus olhos ainda incrédulos.

— E esta casa pertence a...

Ela respirou fundo então, de tal forma se tornara acusador seu tom. Pela mente de Charles perpassou a lembrança de mexericos ouvidos ao acaso. Não a respeito do homem que vira na sala, mas do outro que encontrara lá embaixo. Sem nenhum aviso, Sarah

encaminhou-se para a escada que levava a um pavimento superior. Charles continuou plantado onde estava. Já nos degraus, ela lhe lançou um olhar, irresoluta.

— Venha, por favor.

Subiu atrás dela, entrando numa sala que dava para o norte e para o vasto jardim lá embaixo. Era um estúdio de pintor. Sobre uma mesa perto da porta via-se um punhado de desenhos, e num cavalete, uma tela apenas começada — um simples esboço ainda, os traços sugerindo a figura de uma mulher jovem, de olhos baixos e tristes, com folhagens delineadas imprecisamente atrás de sua cabeça. Outras telas estavam encostadas a uma parede, voltadas para dentro. Em outra parede via-se uma fileira de cabides, de onde pendia uma grande variedade de roupas femininas multicoloridas, echarpes, xales. Havia também uma grande jarra de cerâmica e mesas cheias de material para pintura, pincéis, tubos e potes de tinta, um baixo-relevo, pequenas esculturas, uma urna com juncos. Não parecia existir ali um metro quadrado que não estivesse ocupado por algum objeto.

Sarah parou à janela, de costas para ele.

— Sou sua ajudante.

— E faz as vezes de modelo?

— De vez em quando.

— Compreendo.

Mas não compreendia nada, ou melhor, compreendeu alguma coisa ao ver com o canto dos olhos um dos esboços sobre a mesa perto da porta. Era de uma mulher nua, isto é, nua da cintura para cima, segurando uma ânfora nos quadris. O rosto não parecia ser o de Sarah, mas o ângulo em que ele se achava não o deixava ter certeza.

— Mora aqui desde que deixou Exeter?

— Vim para cá há um ano.

Se ao menos pudesse perguntar-lhe como acontecera isso, de que maneira eles se haviam conhecido, de que tipo eram suas relações... Teve um momento de hesitação, depois largou o chapéu, a bengala e as luvas numa cadeira perto da porta. O cabelo dela agora podia ser apreciado em toda a sua exuberância. Chegava-lhe quase até a cintura. Sarah lhe parecia menor do que a lembrança que tinha dela, mais franzina. Um pombo surgiu repentinamente com um ruflar de asas, tentando pousar no peitoril da janela, mas assustou-se e voou. No andar de baixo uma porta foi aberta e fechada. Ouviu o som de vozes abafadas quando os homens desciam as escadas. A sala dividia-os. Tudo os dividia. O silêncio tornou-se intolerável.

Tinha vindo para tirá-la da penúria, de algum miserável cargo em alguma casa miserável — em armadura completa, pronto a esmagar o dragão... E agora a donzela em apuros anulara todas as regras. Nem grilhões, nem lágrimas, nem mãos súplicas. Charles sentiu-se como um homem que comparece a uma noite de gala julgando tratar-se de um baile a fantasia.

— Ele sabe que você não é casada?

— Acredita que eu seja viúva.

Sua próxima pergunta foi inteiramente desastrada, mas ele perdera todo tato.

— Suponho que a mulher dele já tenha morrido.

— Ela morreu, mas continua viva em seu coração.

— E não se casou de novo?

— Mora nesta casa com o irmão. — Em seguida, mencionou o nome de mais outra pessoa que morava ali, como se tentasse fazer crer que os receios de Charles, maldisfarcados, eram infundados, já que a casa tinha numerosos moradores. Mas o nome que mencionou era um dos mais indicados a fazer com que um vitoriano respeitável, nos últimos anos da década de 60, se empertigasse em sinal de reprovação. O horror evocado por sua poesia fora expresso publicamente por John Morley — uma dessas dignas figuras que

nasceram para ser porta-vozes (ou seja, falsas fachadas) de sua época. Charles recordou a quintessência de seu anátema, condensada na frase: "O libidinoso poeta laureado de uma malta de sátiros". E era o próprio dono da casa! Não se dizia dele que era viciado em ópio? Uma visão de um orgíaco menage à quatrz — à cinq se fosse incluída a moça que o recebera — veio-lhe à mente. Mas não havia nada de orgíaco na aparência de Sarah, e o fato de ter mencionado o nome do poeta como referência demonstrava até uma certa inocência. E que estaria fazendo num antro de perdição o famoso conferencista e crítico entrevistado através da porta entreaberta — um homem de idéias um tanto avançadas, é verdade, mas largamente respeitado e admirado?

Estou dando uma ênfase exagerada ao lado pior da mente de Charles, isto é, ao que concorda com Morley e segue a opinião em voga. Seu lado melhor, o que outrora lhe permitira ver, por trás da maledicência de Lyme, a verdadeira natureza de Sarah, empenhava-se ferozmente em afastar suas suspeitas.

Começou a se explicar com voz abafada, enquanto outra voz em sua mente amaldiçoava seu formalismo, a barreira que o impedia de mencionar os infinitos dias e as infinitas noites de solidão, com o espírito dela sempre a seu lado, diante dele, acima dele... E as lágrimas... Ele não sabia como mencionar as lágrimas. Contou-lhe o que acontecera naquela noite em Exeter, a decisão que tomara e a terrível traição de Sam.

Esperava que ela se virasse para encará-lo, mas Sarah continuava olhando para o jardim lá embaixo, o rosto invisível para ele. Em alguma parte, no jardim, crianças brincavam. Charles calou-se e foi postar-se logo atrás dela.

— O que estou dizendo nada significa para você?

— Significa muito. Significa tanto que eu...

Ele disse docemente:

— Continue, por favor.

— As palavras me escapam.

E ela se afastou, como se não tivesse coragem de encará-lo de perto. Só quando se viu junto do cavalete foi que se atreveu a olhá-lo.

Murmurou:

— Não sei o que dizer.

No entanto, disse isso sem emoção, sem o menor vestígio da gratidão que ele buscava desesperadamente. Sem outra coisa, é a cruel verdade, senão uma desconcertante simplicidade.

— Você me disse que me amava. Deu a maior prova que uma mulher pode dar de que... o sentimento que nos uniu estava muito acima de uma simpatia e atração mútuas.

— Não nego isso.

Uma chispa de ressentimento brilhou nos olhos dele, fazendo com que ela baixasse os seus. O silêncio fluiu de novo para dentro da sala. Charles foi postar-se à janela.

— Mas agora você encontrou novas e mais fortes afeições.

— Nunca pensei que fosse voltar a vê-lo.

— Isso não responde à minha pergunta.

— Proibi a mim mesma desejar o impossível.

— A minha pergunta continua...

— Sr. Smithson, não sou amante dele. Se o conhecesse, se soubesse a tragédia íntima de sua vida... o senhor jamais poderia mostrar-se tão... — Calou-se, porém. Ele fora longe demais, e agora estava ali, como uma criança repreendida, as faces rubras. Silêncio de novo, e então ela disse calmamente: — Encontrei de fato novas afeições. Mas não são do tipo que pretende insinuar.

— Não sei como interpretar seu evidente embaraço ao me ver de novo. — Ela ficou calada. — Embora possa facilmente imaginar que você tenha agora... amigos que são bem mais interessantes e divertidos do que eu poderia ser algum dia. — Mas ajuntou apressadamente: — Você me força a me expressar de uma maneira

que detesto. — Ela continuava calada, e Charles voltou-se para olhá-la com um débil e amargo sorriso. — Estou começando a perceber as coisas. Agora quem é o misantropo sou eu.

Sua sinceridade falou melhor em seu favor. Sarah atirou-lhe um olhar rápido e não totalmente destituído de preocupação. Vacilou por um instante, depois tomou uma decisão.

— Não tive a intenção de levá-lo a isso. Quis fazer o que achava melhor. Abusei de sua confiança, de sua generosidade... sim, atirei-me em seus braços, forcei-o a me aceitar, sabendo muito bem que o senhor tinha outros compromissos. Estava louca naquela ocasião. Só me dei conta disso naquele dia em Exeter. Tudo o que pensou de mim, por pior que fosse, não passava da verdade. — Fez uma pausa e ele esperou. — Tenho visto pintores destruírem trabalhos que qualquer amador consideraria excelentes. Protestei contra isso certa vez, e explicaram-me que um artista tem de ser seu juiz mais severo, do contrário não merece o nome de artista. Acho que isso é certo. Creio que tive razão em destruir o que foi começado entre nós dois. Havia falsidade em tudo aquilo, uma...

— Não devo ser culpado disso.

— Não, o senhor não deve ser culpado. — Ela fez uma pausa, continuando em tom mais doce: — Sr. Smithson, li recentemente uma frase do sr. Ruskin que guardei na memória. Ele falava sobre uma inconsistência de concepção. Quis dizer com isso que o natural fora adulterado pelo artificial, o puro pelo impuro. Creio que foi isso o que aconteceu há dois anos. — Ajuntou em voz baixa: — E sei muito bem qual foi minha contribuição.

Charles sentiu renovar-se sua impressão de que Sarah possuía uma estranha consciência de igualdade intelectual. Percebeu também o que sempre destoara entre os dois: o formalismo de sua linguagem — cujo pior exemplo era a carta de amor que ela nunca recebera — e a franqueza dela. Duas linguagens, uma traindo, da parte dele, vacuidade e tolo constrangimento — mas Sarah acabara de dizê-lo: uma artificialidade de concepção —, e a outra uma grande solidez e pureza de idéias e de julgamento. A diferença,

digamos, entre um simples cólofon e uma página ornada com vinhetas, toda arabescos e guirlandas, o vazio horror do rococó. Essa era a verdadeira inconsistência entre os dois, embora a bondade dela, ou sua ansiedade em se ver livre dele, procurasse ocultá-la.

— Permite que eu continue a metáfora? Não poderia o "que você chama a parte natural e pura da concepção ser reconquistada... retomada?

— Receio que não.

Mas não teve coragem de olhá-lo quando disse isso.

— Eu me achava a seis mil quilômetros daqui quando me chegou a notícia de que você fora encontrada. Isso foi há um mês. A partir de então, não houve um momento em que eu não pensasse neste nosso encontro. Você... você não pode responder-me apenas com observações sobre arte, por mais apropriadas que sejam.

— Minha intenção foi aplicá-las também à vida.

— Então o que você está dizendo é que nunca me amou.

— Nunca poderia dizer isso.

Virara as costas para ele. E Charles de novo se postou atrás dela.

— Mas precisa dizer! Precisa dizer: "Fui inteiramente má, nunca vi nele outra coisa senão um instrumento que eu podia usar, algo que podia destruir. E agora não me importa que ele ainda me ame, que em todas as suas viagens nunca tenha encontrado uma mulher que se comparasse a mim, que se tenha tornado um fantasma, uma sombra, um ser pela metade, e que assim continue enquanto estiver separado de mim". — Ela baixara a cabeça, e ele abrandou a voz. — Você precisa dizer: "Não me importa que seu crime tenha sido um momento de indecisão, não me importa que o tenha expiado sacrificando seu bom nome, sua..." Não que isso tenha importância... Eu sacrificaria tudo o que possuo cem vezes se ao menos pudesse saber... minha adorada Sarah, eu...

Chegara perigosamente à beira das lágrimas. Estendeu a mão hesitantemente, tocando no ombro dela. Mal fizera isso, porém, um imperceptível enrijecimento na postura de Sarah o fez deixar cair a mão.

— Há um outro...

— Sim, há um outro.

Charles atirou um olhar ultrajado para o rosto dela, voltado para o outro lado, respirou fundo e encaminhou-se rapidamente para a porta.

— Espere, por favor. Há ainda uma coisa que preciso dizer.

— Você já disse a única coisa que importa.

— O outro não é o que o senhor pensa!

O tom da voz era tão diferente, tão intenso, que ele parou no instante em que ia apanhar o chapéu. Olhou para trás e viu uma criatura de duas faces: a Sarah antiga e acusadora e a que lhe suplicava que a ouvisse. Baixou os olhos para o chão.

— Há outro que tem as mesmas intenções suas. É... um pintor que conheci aqui. Deseja casar-se comigo. Eu o admiro e respeito como homem e como artista. Mas nunca me casarei com ele. Se fosse obrigada neste momento a escolher entre ele e... o senhor, pode estar certo de que ao sair desta casa o senhor seria um homem feliz. Suplico-lhe que acredite nisso. — Ela se aproximara um pouco, os olhos fixos nos seus com toda a franqueza. Ele teve de acreditar. Tornou a olhar para o chão.

— O rival que ambos têm sou eu própria. Não desejo casar-me. E não quero porque... para começar, há o meu passado, que me habituou à solidão. Sempre achei que a detestava. Agora vivo num mundo em que a solidão pode ser facilmente evitada, e descobri que ela é para mim um bem precioso. Não quero partilhar minha vida com ninguém. Desejo ser o que sou, e não o que um marido, por bondoso e indulgente que seja, gostaria que eu fosse.

— E o outro motivo?

— O outro motivo é minha presente situação. Nunca esperei ser tão feliz na vida. No entanto, encontrei a felicidade aqui. Tenho um trabalho variado e agradável, tão agradável que não consigo encará-lo como uma obrigação. Convivo diariamente com gênios. Homens desse tipo têm suas falhas, seus vícios, mas esses defeitos não são os que o mundo geralmente atribui a eles. As pessoas que tenho conhecido aqui mostraram-me que pode existir uma nobre associação de trabalho com propósitos elevados, que não imaginava ser possível no mundo. — Afastou-se dele, acercando-se do cavalete. — Sr. Smithson, sou feliz, alcancei afinal, ou assim me parece, uma situação ideal para mim. Digo isso com toda a humildade. Não sou nenhum gênio, e minha capacidade reside apenas em ajudar os gênios de forma muito modesta e insignificante. O senhor há de imaginar que tive muita sorte. Ninguém sabe disso melhor do que eu. Mas creio que tenho uma dívida para com essa boa sorte. Não devo ir procurá-la em outro lugar. É preciso que eu saiba considerá-la como uma coisa precária, uma coisa que não posso me dar ao luxo de ver arrebatada de mim. — Fez nova pausa, depois voltou-se para encará-lo. — O senhor pode pensar o que quiser de mim, mas não posso desejar uma vida diferente da que tenho no momento. Nem mesmo quando me vejo requestada por um homem que estimo e que me toca muito mais fundo no coração do que deixo transparecer, e de quem não mereço tanta fidelidade e afeição. — Ela baixou os olhos. — E a quem rogo que me compreenda.

Em vários momentos, Charles desejou interromper a enunciação desse credo. Seu conteúdo lhe parecia pura heresia. No entanto, bem no íntimo, sua admiração por aquela herética aumentou. Ela era incomparável, mais do que nunca uma mulher incomparável. Notava que Londres e sua nova vida haviam operado nela sutis transformações. Seu vocabulário e sua pronúncia tinham se apurado, aprendera a expor suas idéias, a agudeza de sua percepção se acentuara. E agora ela se via ancorada firmemente — ao contrário do que ocorrera em outros tempos, quando eram frágeis suas amarras — em seus básicos conceitos sobre a vida e o

papel que lhe cabia representar nela. Suas roupas vistosas tinham-no enganado a princípio. Começava a perceber agora que representavam apenas uma consequência de seu novo estado, de seu autoconhecimento e da posse de si mesma. Já não precisava de um uniforme externo. Ele via isso, e no entanto não queria ver. Deu alguns passos em direção ao centro da sala.

— Mas você não pode rejeitar o propósito para o qual a mulher foi criada. E com que finalidade? Nada tenho contra o sr... — e ele fez um gesto indicando o cavalete — e o meio em que vive. Mas você não pode colocar seu trabalho para eles acima da lei natural. — Reforçou a vantagem obtida. — Eu também mudei. Aprendi muito a respeito de mim mesmo, do que havia de falso em mim. Não imponho nenhuma condição. Tudo o que a Srta. Sarah Woodruff é, a Sra. Charles Smithson pode continuar a ser. Não tentaria afastá-la de seu novo mundo nem impedir que continuasse a desfrutá-lo. O que ofereço é apenas o desdobramento de sua felicidade atual.

Sarah foi até a janela e Charles aproximou-se do cavalete, os olhos fixos nela. A moça voltou-se ligeiramente.

— O senhor não compreende. A culpa não é sua. É muito bondoso. Mas não posso ser compreendida.

— Você se esquece de que já me disse isso antes. Acho que você faz desse ponto um motivo de orgulho.

— O que quis dizer é que não posso ser compreendida nem por mim mesma. E não lhe posso explicar por quê, mas acredito que minha felicidade depende da minha própria incompreensão do fato.

Charles sorriu contra a sua vontade.

— Isso é um absurdo. Você se recusa a aceitar minha proposta porque eu poderia ajudá-la a se compreender.

— Recuso, como recusei a de outros cavalheiros, porque o senhor não pode compreender que isso para mim não é um absurdo.

Virara-lhe as costas de novo, e ele começou a perceber um tênue lampejo de esperança, pois, ao apanhar qualquer coisa sobre o peitoril da janela, Sarah parecia demonstrar um certo embaraço, como o de uma criança voluntariosa e cabeçuda.

— Tem de arranjar outra desculpa. Você pode conservar todo o mistério que quiser. Ele será considerado sagrado para mim.

— Não é o senhor que receio. É seu amor por mim. Sei perfeitamente que nada poderá permanecer sacrossanto nessa parte.

Charles sentiu-se como uma pessoa a quem é negada uma fortuna por causa de uma frase sem importância num documento legal — uma vítima do triunfo da lei irracional sobre propósitos racionais. Mas Sarah não queria submeter-se à razão. Talvez se mostrasse mais maleável na parte referente aos sentimentos. Ele vacilou um instante, depois aproximou-se.

— Você pensou em mim durante minha ausência?

Sarah encarou-o então, e seu olhar era quase sem expressão, como se já esperasse essa nova linha de ataque e quase a desejasse. Virou o rosto por um momento e contemplou os telhados das casas do outro lado do jardim.

— Pensei muito no senhor, no começo. E muito também, seis meses mais tarde, quando vi pela primeira vez o anúncio que...

— Então você sabia!

Ela, porém, continuou implacavelmente:

— E que me obrigou a mudar de endereço e de nome. Fiz algumas investigações e fiquei sabendo, somente então, que o senhor não se casara com a Srta. Freeman.

Ele olhou-a longamente, ao mesmo tempo estupefato e incrédulo, e ela se virou rapidamente para encará-lo. Pareceu-lhe notar em seus olhos um brilho de regozijo, como alguém que já tivesse um trunfo à mão havia muito tempo, e — o que era pior — estivera à espera do momento oportuno para mostrá-lo e apreciar o

terrível efeito que causava. Sarah afastou-se silenciosamente, e havia ainda mais horror em sua calma, em sua aparente indiferença, do que no movimento de recuo. Ele acompanhou-a com os olhos. E talvez começasse nesse momento a perceber afinal seu mistério. Algum terrível desvio do destino sexual humano se apresentava diante de seus olhos. Ele não passava de um soldado de infantaria, de um simples peão numa batalha muito mais ampla, e que, como todas as batalhas, não dizia respeito ao amor, e sim à conquista de um território. Sua compreensão foi mais além: ela não odiava os homens, nem o desprezava fisicamente mais do que aos outros, pois suas manobras constituíam simplesmente uma parte de seu arsenal de guerra, eram meros instrumentos para alcançar um fim mais elevado. Mais ainda: compreendeu que sua suposta felicidade era uma mentira. No íntimo de seu ser ela ainda sofria, como nos velhos tempos, e esse era o mistério que ela realmente temia viesse a ser afinal desvendado por ele.

Fez-se silêncio.

— Você então não só arruinou minha vida como sentiu prazer em fazer isso.

— Eu sabia que um encontro como este só nos poderia trazer sofrimento.

— Acho que você está mentindo. Estou certo de que se regozija com minha infelicidade. E acho também que foi você quem mandou aquela carta ao meu advogado. — Sarah voltou-se para ele pronta para uma veemente negativa, mas foi recebida com uma fria careta. — Você se esquece de que eu sei, à minha própria custa, como é capaz de representar bem, quando isso convém aos seus propósitos. Não me é difícil adivinhar por que fui chamado para receber o coup de grâce. Você tem uma nova vítima. Eu abrandarei seu ódio insaciável e pouco feminino a meu sexo, pela última vez, e depois... serei dispensado.

— O senhor está me julgando mal.

Disse isso, porém, com excessiva calma, como se ela fosse uma prova viva de suas acusações e, bem no íntimo, elas até lhe causassem um perverso prazer. Charles balançou a cabeça amargamente.

— Não. É como estou dizendo. Você não só enfiou o punhal em meu peito, como se compraz em torcê-lo. — Ela agora o encarava como se contra a sua vontade, hipnotizada, um réu em atitude desafiadora aguardando a sentença. E a sentença foi pronunciada. — Há de chegar o dia em que você será chamada a prestar contas pelo que me fez. E se houver justiça no Céu, seu castigo irá prolongar-se por toda a Eternidade.

Palavras melodramáticas. Entretanto, as palavras às vezes importam menos do que a intensidade dos sentimentos que as causam — e essas brotaram do fundo da alma de Charles, de seu desespero. O que havia por trás delas não era melodrama, mas tragédia. Sarah continuou a encará-lo por longo tempo, e alguma coisa do terrível ultraje sofrido pela alma de Charles refletiu-se nos olhos dela. De repente baixou a cabeça, num movimento brusco.

Vacilou um último instante. Seu rosto era como o paredão de uma barragem prestes a desabar, tão esmagador era o peso do anátema que ia abater-se sobre ele e levar tudo de roldão. Mas, com a mesma rapidez com que ela parecera admitir sua culpa, ele trincou os maxilares, rodou nos calcanhares e marchou para a porta.

Arrepanhando as saias com uma das mãos, Sarah correu atrás dele. Charles voltou-se bruscamente ao ouvir o rumor de seus passos, e por um instante ela se sentiu desnorteada. Mas, antes que pudesse mexer-se, ela passou rapidamente por ele e postou-se à porta. Charles viu cortada a sua saída.

— Não posso deixar que se vá pensando isso de mim.

Seu colo arfava como se lhe faltasse o ar, e os olhos estavam fixos nele, como se ela contasse com sua fixidez para detê-lo. Mas, quando ele fez um gesto com a mão, irritado, ela falou afinal:

— Há uma senhora nesta casa que me conhece, que me compreende mais do que qualquer outra pessoa neste mundo. Ela deseja falar com o senhor. Rogo-lhe que consinta nisso. Ela explicará minha... verdadeira natureza com muito mais clareza do que eu seria capaz de fazê-lo. Mostrará que minha conduta com relação ao senhor é muito menos censurável do que imagina.

Os olhos dele soltavam chispas. Era como se estivessem prestes a deixar ruir a barreira. Fazia visíveis esforços para se controlar, para abafar as chamadas, recuperar a frieza. Conseguiu-o afinal.

— Muito me espanta que você possa imaginar que uma pessoa estranha seja capaz de justificar para mim seu comportamento. Agora...

— Ela está esperando. Já sabe que o senhor está aqui.

— Pouco me importa que ela seja a rainha em pessoa. Não pretendo vê-la.

— Eu não estarei presente à conversa.

As faces dela tinham se tornado rubras, quase tão rubras quanto as de Charles. Pela primeira e última vez em sua vida, ele se viu tentado a empregar a força física contra um membro do sexo fraco.

— Saia do caminho!

Mas Sarah sacudiu a cabeça. As palavras já não tinham força agora: o que estava em jogo era o poder da vontade. A expressão no rosto dela era intensa, quase trágica, e no entanto alguma coisa se irradiava de seus olhos — alguma coisa acontecera, uma vaga lufada de ar de um outro mundo soprara imperceptivelmente entre os dois. Ela o observava, como se soubesse que o mantivera à distância — um pouco assustada, sem saber ao certo o que ele ia fazer, no entanto sem hostilidade. Como se, no fundo de tudo aquilo, houvesse apenas curiosidade, uma atenta observação dos resultados de uma experiência. Alguma coisa desmoronou dentro de Charles. Ele baixou os olhos. Por trás de toda a sua fúria, havia a consciência

de que ainda a amava, de que ali estava o único ser cuja perda seria um golpe com que ele jamais se poderia conformar. Falou de olhos postos no fecho dourado do cinto dela:

— Que devo concluir dessa sua atitude?

— O que qualquer outro cavalheiro com menos nobreza de caráter já teria deduzido há muito tempo.

Charles perscrutou-lhe os olhos intensamente. Haveria neles a sombra de um sorriso? Não, não podia haver. Não havia. Ela sustentou seu olhar por um momento, inescrutavelmente, depois afastou-se da porta e foi até a lareira, puxando o cordão da campainha. O caminho estava livre para Charles. Entretanto, ele continuou a observá-la, sem se mexer. "O que um cavalheiro com menos nobreza..." Que nova catástrofe o ameaçava agora? Outra mulher, que a conhecia e compreendia melhor do que... E aquele ódio aos homens... aquela casa habitada por... Ele não tinha coragem de confessar a si próprio suas suspeitas. Sarah largou a argola de bronze e aproximou-se.

— Ela virá imediatamente. — Abriu a porta e olhou-o de relance. — Rogo-lhe que ouça o que ela tem a dizer... e que a trate com o respeito que merece por sua posição e idade.

E, dizendo isso, retirou-se. Entretanto, com essas últimas palavras, dera uma pista essencial. Ele adivinhou imediatamente quem era a pessoa que viria vê-lo. Era a irmã de seu patrão, a poetisa (não farei mais segredo dos nomes) Christina Rossetti. Era claro! Pois ele não notara em seus versos, nas raras ocasiões em que os lera, certo misterioso misticismo? Alguma coisa de obscuro e apaixonado, um indício de que ali estava uma mente voltada demais para si mesma e femininamente introvertida — para ser franco, absurdamente perdida entre a fronteira do amor divino e do amor humano?

Foi até a porta e abriu-a. Sarah estava parada diante de outra porta no final do corredor, prestes a entrar. Voltou-se para olhá-lo, e Charles tentou dizer alguma coisa. Mas ouviu um leve ruído vindo de

baixo. Alguém subia as escadas. Sarah levou um dedo aos lábios e passou pela porta, desaparecendo.

Charles vacilou um instante, depois entrou de novo no estúdio e foi postar-se à janela. Percebia agora a quem Sarah devia sua filosofia de vida: àquela a quem o Punch chamara certa vez de abadessa lamuriosa — a histórica solteirona da Irmandade Pré-Rafaelita. Desejou ardentemente não ter ido até ali. Se ao menos tivesse feito algumas indagações antes de se meter naquela triste situação! Mas agora já não havia mais remédio. E de repente sentiu, não sem uma sinistra satisfação, que se apossava dele a firme determinação de não permitir que a poetisa levasse a melhor. Para ela, era possível que ele não passasse de um simples grão de areia entre milhões de outros, uma simples erva daninha naquele exótico jardim de...

Ouviu um rumor. Voltou-se, com uma expressão decididamente gélida no rosto. Mas não era Christina Rossetti, e sim a moça que o recebera à entrada. Trazia uma criancinha aninhada em seus braços. A impressão que ele teve foi de que ela vira a porta entreaberta ao passar a caminho do quarto da criança, e entrara para dar uma olhada. Pareceu surpresa ao vê-lo sozinho.

— A Sra. Roughwood foi embora?

— Ela me deu a entender que... uma senhora desejava ter uma conversa em particular comigo. Foi por isso que tocou a campainha.

A moça assentiu com a cabeça.

— Entendo.

Mas, ao invés de se retirar, conforme Charles esperava, adiantou-se e depositou a criança no tapete, junto ao cavalete. Retirou do bolso do avental uma boneca de trapos e deu-a à criança, depois ajoelhou-se ao lado dela por um instante, como para se certificar de que ela se sentia tranqüila. Finalmente, sem uma palavra, levantou-se e encaminhou-se graciosamente para a porta. Nesse meio tempo, Charles estivera a observá-la com uma expressão que era um misto de ultraje e perplexidade.

— Suponho que a referida senhora não tardará a vir, não?

A moça voltou-se. Havia um leve sorriso em seus lábios. Lançando um olhar para a criança no tapete, disse:

— Ela já está aqui.

Charles ficou imóvel, de olhar fixo na criança, pelo menos dez segundos depois que a porta se fechou. Era uma meninazinha de cabelos pretos e bracinhos rechonchudos, pouco mais do que um bebê. A criança pareceu perceber de repente que Charles era uma coisa viva. A boneca foi estendida para ele, com um murmúrio ininteligível. E ele se viu diante de uns olhos graves e cinzentos num rosto de traços regulares, sobre o qual pairava uma tênue e tímida expressão, uma dúvida sobre quem ele poderia ser... Um segundo depois estava ajoelhado ao lado dela no tapete, ajudando-a a firmar-se nas perninhas inseguras, perscrutando aquele rostinho como um arqueólogo que acaba de desenterrar a primeira amostra de uma antiga e perdida inscrição. A garotinha deu sinais indisfarçáveis de não ter apreciado o exame. Talvez ele tivesse apertado com muita força os tenros bracinhos. Procurou apressadamente seu relógio, como tinha feito certa vez ao passar por um transe semelhante. O efeito foi tão bom quanto da primeira vez. E logo depois ele pôde pegar a criança nos braços, sem protestos, e levá-la para uma cadeira junto à janela. Sentou-a nos joelhos, e, enquanto ela concentrava toda a sua atenção no brinquedo de prata, ele concentrava toda a sua atenção no rosto dela, em suas mãos, em cada milímetro de seu corpo.

E em cada palavra que fora dita naquela sala. A linguagem é como seda furta-cor: tudo depende do ângulo em que é olhada.

Ouviu a porta abrir-se suavemente, mas não se voltou. Um instante depois, uma mão pousou sobre o alto espaldar da cadeira em que estava sentado. Ele não disse nada, nem a dona da mão. Entretida com o relógio, a criança também se mantinha silenciosa. Em alguma casa nas redondezas, uma pianista amadora, com muito tempo, mas pouco ritmo nas mãos — pois a execução era fraca e somente a distância a redimia —, começou a tocar. Uma mazurca de

Chopin infiltrou-se através das paredes, das folhagens, da luz do sol. Unicamente aquele som descompassado indicava que a vida continuava. Em tudo mais, acontecera o impossível: a História reduzida a uma pose ao vivo, a uma fotografia em carne e osso.

Mas a meninazinha cansou-se do brinquedo e estendeu os braços para a mãe. Foi erguida do chão e amimada por uns instantes. Em seguida, Sarah deu alguns passos com ela ao colo, enquanto Charles permanecia postado à janela. Depois de um longo tempo, voltou-se finalmente para encarar Sarah e a criança. Os olhos dela ainda estavam sérios, mas havia um leve sorriso em seus lábios. Agora ele estava sendo alvo de zombaria. Mas teria de bom grado viajado seis milhões de quilômetros para que zombassem dele daquele jeito.

A criança estendeu as mãozinhas para o chão ao ver sua boneca ali. Sarah curvou-se e apanhou-a. Ficou observando a menina recostada em seu ombro, entretida com o brinquedo. Seus olhos se fixaram nos pés de Charles. Não tinha coragem de encará-lo.

— Qual é o nome dela?

— Lalage. — Ela pronunciava o nome com a tônica na primeira sílaba. Mas não conseguia olhar para ele. — O sr. Rossetti abordou-me na rua um dia. Eu não sabia, mas ele já vinha me observando havia algum tempo. Pediu permissão para

desenhar meu retrato. Ela ainda não tinha nascido. Mostrou-se extremamente bondoso quando ficou sabendo de meu estado. Ele próprio sugeriu o nome. É o padrinho dela. — Em seguida murmurou: — Sei que é um nome estranho, esquisito.

Estranhos, indiscutivelmente, eram os sentimentos de Charles. E a estranheza maior estava no fato de Sarah pedir sua opinião sobre um assunto tão banal, dadas as circunstâncias. Era como se, num navio ameaçado de ser atirado de encontro a um arrecife, alguém lhe viesse pedir uma sugestão sobre o tecido a escolher para

mudar o estofamento das poltronas de seu camarote. E no entanto, como que entorpecido, ele se viu dando-lhe a explicação.

— É um nome grego. Vem de lalageo: murmurar como um regato.

Sarah inclinou a cabeça, como se lhe agradecesse humildemente a informação etimológica. Mas Charles continuava a olhá-la — seus mastros partidos, os gritos do homem que se afogava ressoando em sua imaginação. Jamais a perdoaria.

Ouviu-a murmurar:

— O senhor não gosta?

— Eu... — ele engoliu em seco. — Gosto, sim. É um nome bonito.

Novamente ela baixou a cabeça. Mas Charles não conseguia sair do lugar, não podia apagar de seus olhos a terrível interrogação, como um homem que contempla uma parede que acaba de ruir e poderia tê-lo esmagado minutos antes. Ou que se vê frente a frente com o acaso, esse elemento que a mentalidade humana tão comumente ignora e expulsa para os porões do mito, materializado naquela figura, naquelas duas figuras diante dele. Ela mantinha os olhos baixos, velados pelas pestanas escuras. Mas ele viu, ou adivinhou, que havia lágrimas neles. Deu alguns passos para ela, involuntariamente, mas logo parou. Ele não podia, não podia... As palavras, embora abafadas, explodiram de sua boca.

— Mas por quê? Por quê? E se eu nunca tivesse...

Ela baixou ainda mais a cabeça. Sua resposta foi quase inaudível.

— Tinha de ser assim.

E ele então compreendeu: tudo ficara nas mãos de Deus, no Seu perdão de seus pecados. No entanto, continuava a olhar para o rosto escondido.

— E todas aquelas palavras cruéis que você disse... e me forçou a dizer em resposta?

— Tinham de ser ditas.

Por fim, ela olhou para ele. Seus olhos estavam cheios de lágrimas, as emoções, expostas a nu. Era um olhar que apenas uma ou duas vezes na vida recebemos e retribuímos. Um olhar em que as palavras e o passado se dissolvem, um momento em que percebemos, ao descobrir o profundo sentido da vida, que a rocha sobre que se assentam todas as eras não pode ser outra coisa senão o amor, ali, nessa hora, nessas duas mãos que se juntam, nesse silêncio cego — uma cabeça repousando junto à outra —, e que Charles acaba por romper após uma eternidade condensada num segundo, embora sua pergunta tenha sido mais suspirada do que dita.

— Serei capaz algum dia de compreender suas parábolas?

A cabeça apoiada em seu peito é sacudida com muda veemência. Passa-se um longo momento. Uma pressão de lábios sobre cabelos fulvos... Na casa distante, a pianista bisonha, sem dúvida tomada de remorsos (ou perseguida pelo torturado fantasma de Chopin), pára de tocar. E Lalage, como se levada por aquele misericordioso silêncio a refletir sobre a estética da música, começa a bater com sua boneca de trapo no rosto de Charles, lembrando ao pai — e já não era sem tempo — o som de mil violinos tocando em surdina um rápido pizzicato.

*"A evolução é simplesmente o processo pelo qual o acaso (as mutações fortuitas na espiral do ácido nucléico, causadas pela radiação natural) coopera com a lei natural para a criação de formas vivas mais perfeitas e mais aptas à sobrevivência."*

*Martin Gardner, O universo ambidestro (1967)*

*"A verdadeira piedade está em agir de acordo com o que se sabe."*

*Matthew Arnold, Caderno de notas (1868)*

Segundo uma regra consagrada pelo tempo, a habilidade do romancista está em não apresentar no final de um livro senão personagens de menor importância. Espero que Lalage possa ser perdoada, mas a pessoa de aparência extremamente importante que durante a última cena esteve encostada no para-peito do rio, defronte da casa número 16 da Cheyne Walk, residência do sr. Dante Gabriel Rossetti (que, diga-se de passagem, era viciado em cloral, não em ópio, e morreu disso), poderá à primeira vista parecer uma grave infração dessa regra. Não era minha intenção apresentá-la, mas, uma vez que se trata do tipo de homem que não tolera ser deixado na penumbra, que viaja de primeira classe ou desiste de viajar, para quem o pronome pessoal da primeira pessoa é o único que existe, e que, em suma, tem sempre uma última palavra a dizer sobre tudo; e uma vez que eu sou o tipo de homem que se recusa a intervir na natureza (mesmo nos piores casos), ele afinal conseguiu ser incluído aqui, ou melhor — como ele preferiria dizer —,

conseguiu ser incluído como realmente é. Não discutirei as implicações do fato de ele ter "sido apresentado sob uma falsa aparência, não sendo por conseguinte uma verdadeira personagem. Mas fique o leitor certo de que essa personagem é, a despeito das aparências, uma figura insignificante — tão insignificante, na verdade, quanto uma partícula de raio gama.

Como ele realmente é... Mas seu verdadeiro aspecto nada tem de agradável. A barba espessa e patriarcal de outros tempos foi aparada, dando-lhe um certo ar janota e afrancesado. Nota-se em seu modo de trajar — no colete de verão exageradamente bordado, nos três anéis em seus dedos, na cigarrilha com piteira de âmbar, na bengala com cabo de malaquita — um acentuado gosto pela ostentação. Parece ter definitivamente abandonado suas idéias de pregador e estar agora voltado para as pompas da ópera. E o que é mais, parece estar se saindo muito melhor nessa sua nova roupagem do que na outra. Em suma, há nele muito mais do que um simples toque de empresário próspero.

E agora, disciplinarmente encostado no parapeito, ele aperta de leve a ponta do nariz entre os nós dos dedos cheios de anéis. Tem-se a impressão de que mal consegue conter sua satisfação. Contempla a casa do sr. Rossetti com um leve ar de proprietário, como se se tratasse de um novo teatro que acabou de adquirir e tem certeza de que porá a funcionar. Nisso ele não mudou: é evidente que encara o mundo como coisa sua, para usá-lo como melhor lhe aprouver.

Mas nesse momento ele endireita o corpo. Essa flânerie em Chelsea foi um agradável interlúdio, mas negócios mais prementes o esperam. Tira do bolso o relógio, um Breguet, e escolhe uma pequena chave entre numerosas outras presas a uma segunda corrente de ouro. Faz um ligeiro reajustamento nos ponteiros. Tudo leva a crer, embora o fato seja pouco comum num mecanismo que saiu das oficinas do maior relojoeiro de todos os tempos, que o relógio estava adiantado um quarto de hora. E isso é duplamente estranho, pois não havia outro relógio visível nas vizinhanças, pelo

qual ele pudesse comprovar esse desacerto. Mas o motivo não é difícil de adivinhar. Ele está apenas proporcionando a si próprio uma desculpa por chegar atrasado a seu próximo compromisso. Há um certo tipo de magnata que não tolera parecer faltoso, nem mesmo nas questões mais banais.

Faz um aceno peremptório com sua bengala para um landô de capota arriada que está parado a uma centena de metros dali. O veículo se aproxima em trote animado e pára junto dele à beira da calçada. O laçao salta e abre a porta. O empresário sobe, recosta-se confortavelmente no banco forrado de couro carmesim e recusa a manta marcada com um monograma, que o laçao lhe estende para cobrir as pernas. O criado fecha a porta, faz uma medida e volta a reunir-se a seu companheiro na boléia. Uma ordem é dada, o cocheiro toca com o cabo do chicote na aba do chapéu com o emblema do patrão.

E o veículo se afasta rapidamente.

— Não. É como estou dizendo. Você não só enfiou o punhal em meu peito, como se compraz em torcê-lo. — Ela agora o encarava, como se contra a sua vontade, hipnotizada, um réu em atitude desafiadora aguardando a sentença. E a sentença foi pronunciada. — Há de chegar o dia em que você será chamada a prestar contas pelo que me fez. E se houver justiça no Céu, seu castigo irá prolongar-se por toda a Eternidade.

Vacilou um último instante. Seu rosto era como o paredão de uma barragem prestes a desabar, tão esmagador era o peso do anátema que ia abater-se sobre ele e levar tudo de roldão. Mas, com a mesma rapidez com que ela parecera admitir sua culpa, ele trincou os maxilares, rodou nos calcanhares e marchou para a porta.

— Sr. Smithson!

Charles deu mais dois passos e parou, voltando a cabeça para olhá-la. Em seguida, com a inquebrantável decisão de não perdoá-la,

fixou os olhos na soleira da porta diante dele. Ouviu o leve farfalhar de suas saias. Ela estava parada logo às suas costas.

— Não está aí a prova do que acabei de dizer? De que teria sido melhor se jamais tivéssemos posto os olhos um no outro?

— Seu raciocínio pressupõe que eu conhecesse sua verdadeira natureza. Mas eu não conhecia.

— Tem certeza disso?

— Julgava que sua patroa em Lyme fosse uma mulher egoísta e cheia de preconceitos. Verifico agora que ela era uma santa comparada com você.

— E eu não me teria mostrado egoísta se houvesse dito, sabendo que não poderia amá-lo como deve uma esposa, que podia casar-se comigo?

Charles atirou-lhe um olhar enregelante.

— Houve um tempo em que você se referia a mim como seu último recurso. Como sua última esperança na vida. A situação agora é inversa. Você não tem tempo para mim. Muito bem. Mas não tente defender-se. Isso só iria tornar mais grave uma ofensa já de si suficientemente grande.

Essas palavras estiveram em sua mente durante todo o tempo. Eram seu argumento mais forte, embora o mais desprezível. E, ao dizê-lo, não pôde ocultar o tremor em suas mãos, nem o fato de se achar no limite de sua resistência, pelo menos no que dizia respeito ao ultraje recebido. Lançou a ela um último e angustiado olhar e forçou a si próprio a abrir a porta.

— Sr. Smithson!

De novo. E agora sentia a mão dela em seu braço. Pela segunda vez ele se deteve, odiando aquela mão e sua fraqueza em permitir que o paralisasse. Era como se ela estivesse tentando dizer-lhe alguma coisa que não podia ser dita com palavras. Talvez nada mais do que um gesto de pesar, de desculpa. Entretanto, se fosse apenas isso, a mão teria recuado tão logo o tocasse. E foi o fato de

não ter sido retirada imediatamente que o deteve, não só psicológica como fisicamente. Com muito vagar, ele foi virando a cabeça e a encarou. E, para espanto seu, havia em seus olhos, se não em seus lábios, a sugestão de um sorriso, uma sombra daquele sorriso com que ela o brindara em outra ocasião, de maneira tão estranha, quando quase haviam sido surpreendidos por Sam e Mary. Haveria neles ironia, um apelo para que não levasse a vida tão a sério? Uma última e maligna manifestação de regozijo por sua desgraça? Mas, se fosse isso, no momento em que seus próprios olhos doridos e totalmente destituídos de humor a perscrutassem, ela não poderia deixar de retirar a mão. No entanto, continuava a sentir pressão em seu braço, como se ela estivesse dizendo: veja, não percebe que existe uma solução?

A resposta lhe veio. Olhou para a mão dela e de novo para seu rosto. Lentamente, como que em resposta a seu olhar, as faces de Sarah foram enrubescendo, e o sorriso morreu em seus olhos. Sua mão tombou para junto do corpo. Os dois ficaram a se contemplar em silêncio, como se suas roupas tivessem caído de repente e se vissem nus um diante do outro. Mas, para ele, era uma nudez menos sexual do que clínica, em que o câncer oculto surgia em toda a sua terrível realidade. Procurou em seus olhos algum indício de suas verdadeiras intenções, e encontrou apenas um espírito pronto a sacrificar tudo, menos a si próprio, pronto a abrir mão da verdade, dos sentimentos e talvez mesmo de todo o pudor feminino a fim de salvar sua própria integridade. E nesse momento, diante desse possível sacrifício final, ele se viu por um instante assaltado pela tentação. Percebia um certo medo por trás da convicção, agora clara, de que ela dera um passo em falso; se aceitasse a oferta que ela lhe fazia de uma amizade platônica — que talvez pudesse tornar-se mais íntima um dia, mas jamais seria consagrada —, isso representaria para ela a ofensa final.

Mas, tão logo se deu conta disso, compreendeu o que havia de real num arranjo desse tipo, em que ele acabaria por tornar-se o alvo secreto das zombarias naquela casa corrupta, o pomposo soupirant, o jumento de estimação. E percebeu sua própria

superioridade em relação a ela, que não lhe advinha nem do berço nem da educação, nem da inteligência nem do sexo, mas consistia antes na capacidade de dar, e que era também uma incapacidade de transigir. Ela só era capaz de dar para poder possuir. E possuí-lo não bastava — fosse porque ele era o que era, ou porque a posse representaria uma coisa tão imperativa que necessitava ser constantemente renovada, e ela não se satisfazia jamais com uma conquista apenas, ou ainda porque... ele não sabia, jamais iria saber.

Percebeu, finalmente, que ela já esperava sua recusa. Desde o princípio soubera manejá-lo, e iria fazer isso até o fim. Lançou-lhe um último e fulminante olhar de rejeição e deixou a sala. Ela não fez nova tentativa para detê-lo. Charles caminhava com os olhos fixos à sua frente, como se os quadros enfileirados nas paredes entre as quais passava fossem espectadores silenciosos. Ele era o último dos homens honrados a caminho do cadafalso. Sentia um enorme desejo de chorar, mas nada arrancaria lágrimas de seus olhos naquela casa. E de gritar, também. Ao chegar ao vestibulo embaixo, a moça que o recebera surgiu de uma sala com uma criancinha nos braços. Ela ia dizer alguma coisa, mas o olhar transtornado e ao mesmo tempo gélido de Charles silenciou-a. Ele deixou a casa.

Ao chegar ao portão, o futuro agora tornado presente, descobriu que não sabia para onde ir. Era como se tivesse renascido naquele momento, embora com todas as suas faculdades e recordações de adulto. Mas com todo o desamparo de uma criancinha... tudo tinha de ser recomeçado, de ser aprendido de novo! Atravessou a rua obliquamente, às cegas, sem olhar uma única vez para trás, até o parapeito do rio. Estava deserto. Ao longe, viu apenas um landô que se afastava, desaparecendo quando ele alcançou o parapeito.

Sem saber por quê, ficou olhando para o rio cinzento, agora cheio. Aquilo significava a volta para a América, significava trinta e quatro anos de uma penosa luta para chegar ao alto — tudo em vão, em vão... perdida toda a altura alcançada. Significava, disso ele tinha certeza, um coração tão solitário quanto o dela. Significava... e

quando tudo o que aquilo representava, não só para o futuro como para o passado, começou a se despejar sobre ele como uma negra avalanche, Charles voltou-se finalmente e olhou para a casa que deixara. Numa janela aberta do andar superior pareceu-lhe que uma cortina se mexia, recaindo na posição natural.

Mas fora realmente apenas uma impressão, um movimento simples e inconseqüente provocado pela brisa de maio. Pois Sarah permanecera no estúdio, contemplando, no jardim lá embaixo, uma criança e uma mulher jovem, talvez a mãe, que estava sentada no gramado ocupada em tecer uma grinalda de margaridas. Há lágrimas em seus olhos? Ela está longe demais para que eu possa saber, e não passa agora — uma vez que a vidraça reflete a luminosidade do céu de verão — de uma sombra por trás de uma claridade.

O leitor há de pensar naturalmente que a última loucura de Charles foi recusar a oferta implícita naquela mão que lhe premia o braço, pois o gesto traía pelo menos certa fraqueza de propósitos na atitude de Sarah. Talvez acredite que ela estivesse com a razão, que sua batalha pela posse do território representasse uma legítima reação do invadido contra o eterno invasor. Mas o que não pode pensar é que este seja um fim menos plausível para a história dos dois.

Pois eu voltei, ainda que por tortuosos caminhos, a meu conceito original: não há nenhum deus além do que pode ser encontrado na primeira epígrafe deste capítulo, e sim a vida que nós próprios criamos, dentro de nossas fortuitas possibilidades, a vida como Marx a definiu: "as ações dos homens (e das mulheres) em busca de seus objetivos". O princípio fundamental que deve guiar essas ações, e que acredito ter sempre guiado as de Sarah, está mencionado na segunda epígrafe. Um moderno existencialista substituiria, sem dúvida, "piedade" por "humanidade" ou "autenticidade". Mas teria reconhecido a intenção de Arnold.

O rio da vida, de misteriosas leis e misteriosa opção, flui ao longo de um parapeito deserto. E ao longo daquele outro deserto

parapeito Charles começa a caminhar — um homem seguindo atrás de uma invisível carreta na qual repousa seu próprio cadáver. Estará caminhando para uma morte iminente, para o auto-extermínio? Não creio. Pois ele afinal encontrou um átomo de fé em si mesmo, uma verdadeira singularidade sobre a qual assentar seus alicerces. E já começou, embora esteja pronto a negar isso amargamente, e as lágrimas em seus olhos sustentem essa negativa, a compreender que a vida, por mais que Sarah tenha parecido em alguns pontos ajustar-se ao papel de Esfinge, não é um símbolo, não é um enigma para ninguém, nem o malogro em decifrá-lo; não significa habitar um rosto sozinho, nem a desistência após uma batalha perdida. Pelo contrário, a vida deve, ainda que da maneira mais inadequada, mais vazia e mais sem esperança, ser suportada no granítico coração da cidade. E lá fora também, no hostil, salino e insondável mar.

FIM

## Notas

<sup>{1}</sup> *"De olhos voltados para oeste / Por sobre o mar, / Fosse áspero o vento ou amena a brisa, / Ela seguia postada / Impressa na paisagem; / Num único ponto ao longe / Seu olhar descansava, / E em nenhuma outra parte / Parecia existir encantamento." Título do poema: "O enigma". (N. da T.)*

<sup>{2}</sup> *O duque de Monmouth, filho ilegítimo de Carlos II, malogrou ao tentar apoderar-se do trono. Foi decapitado durante o reinado de Jaime II. (N. da T.)*

<sup>{3}</sup> *"Levantarei as velas de prata e partirei rumo ao sol, / Levantarei as velas de prata e partirei rumo ao sol, / E minha falsa amada vai chorar, e minha falsa amada vai chorar, / E minha falsa amada vai chorar por mim quando eu tiver partido." Título da cantiga: "Enquanto Sylvie caminhava". (N. da T.)*

<sup>{4}</sup> *Grupo de reformadores políticos que provocaram agitações em meados da época vitoriana. (N. da T.)*

<sup>{5}</sup> *Monumentos primitivos que consistiam em imensos blocos de pedra dispostos em fileira. (N. do E.)*

<sup>{6}</sup> *Referência à sarcástica definição feita por Oscar Wilde de um caçador de raposas: "um imbecil caçando o que não é comestível" — e que no original é bem mais interessante: "the unspeakable hunting the uneatable" (N. da T.)*

<sup>{7}</sup> *Profissão de fé anglicana exigida àquela época na Universidade de Oxford, reduto da ortodoxia tory. (N. do E.)*

<sup>{8}</sup> *Tentativa malograda de reunificação da Igreja Anglicana com a Igreja Católica, na segunda metade do século passado, que teve a sua origem em*

Oxford. (N. do E.)

{9} *"Vendo demais para negar, e muito pouco para ter certeza." Em francês no original. (N. do E.)*

{10} *Embora não desse a si próprio essa denominação — pelo simples motivo de só ter sido cunha-do o termo em 1870 (por Huxley), ocasião em que se tornara urgentemente necessário. (N. do A.)*

{11} *Ou "infra dignitatem", expressão latina que significa "não condizente com a dignidade". (N. do E.)*

{12} *O que foi feito é o que fica! Ah, abençoados / Os que deixam completas suas tarefas de amor / E respondem mudamente por elas, estando mortos, / Suas vidas não foram inúteis, embora lhes tenham fugido." Título da obra: "A dama de La Garaye". (N. da T.)*

{13} *"De cima para baixo". "De baixo para cima".*

{14} *"Oh, que proveito há em especular / em vão? Se a Morte fosse encarada / como coisa final, O Amor não existiria, / Ou seria algo iníquo e vil, II Mera manifestação de instintos animais. / E sob a rude forma de um sátiro / Pisotearia a relva e esmagaria as uvas, / aquecendo-se ao sol e regalando-se pelos bosques." (N. da T.)*

{15} *Aborrecimento. Em francês no original.*

{16} *Alusão ao célebre grupo escultórico da época helenística, hoje em exibição no Vaticano, representando o herói troiano Laocoonte e seus filhos, ameaçados por serpentes. (N. do E.)*

{17} *As estrofes do poema In memoriam que citei no início deste capítulo têm grande importância aqui. Não há dúvida de que nesse poema (XXXV) é apresentado o mais estranho de todos os argumentos a respeito da ansiedade*

sobre a vida eterna. A afirmação de que o amor só poderá ser erótico se não existir a imortalidade da alma implica claramente uma apavorada rejeição às teorias de Freud. O céu, para os vitorianos, só era céu porque o corpo era deixado aqui na terra, juntamente com o *id*. (N. do A.)

{18} *"Ah, Maud, corça alva e virginal, não foste feita para ser esposa."* (N. da T.)

{19} *"Dia da cólera." Alusão ao Juízo Final. Primeiras palavras da seqüência cantada na antiga liturgia fúnebre da Igreja Católica. Em latim no original.*

{20} *Termo pelo qual são designados os naturais de Londres das classes baixas, de fala característica.* (N. da T.)

{21} *Termo que designa os adolescentes ingleses preocupados com a moda e os hábitos em voga.* (N. do E.)

{22} *"No abismo onde rola o mar cresceu outrora uma árvore, / Ó terra, quantas mudanças viste! / Onde ruge agora a rua extensa, havia /. O silêncio do pélagos profundo. II As colinas são sombras que fluem / De forma em forma, e nada perdura; / Como névoa se esvaem as terras firmes, / Como nuvens mudam de formato e se diluem."* (N. da T.)

{23} Seria conveniente citar aqui — para lembrar que o agnosticismo e o ateísmo nos meados da era vitoriana (ao contrário do que ocorre atualmente) eram estreitamente ligados ao dogma teológico — o famoso epigrama de George Eliot: "Deus é inconcebível, a imortalidade, inacreditável, mas o dever é peremptório e absoluto". E ainda mais peremptório — poderíamos acrescentar — quando se vê diante de uma terrível e redobrada ausência de fé. (N. do A.)

{24} *"Calabouço." Em francês no original.* (N. do E.)

{25} “... este coração, eu sei, / Nunca foi feito para um grande amor; / Mas algo dentro dele vibra certamente / Estranho, inquieto e indomável demais.” Título do poema: “Um adeus”. (N. da T.)

{26} “E uma vez, apenas uma vez, ela ergueu os olhos, / E de repente, de maneira doce, estranha, ela enrubesceu / Ao ver que seus olhos encontravam os meus...” (N. da T.)

{27} “Conformando-se com as normas devidamente, / Mas sem alcançar seu verdadeiro sentido, / Tu vais à igreja — é o que o mundo exige, / Vais aos bailes — o mundo também o exige / E te casas — é o que o papai e a mamãe desejam, / Assim como tuas irmãs e companheiras.” Título do poema: “O dever”. (N. da T.)

{28} ““Oh, não! Que tipo!” ela exclama com desdém, / ‘Eu não daria por ele um níquel. / O que tem de melhor está à mostra; / De fato, traz uma roupa mui vistosa, / Mas o povo de seu rincão não lhe deu / nenhum ensinamento...” Título da obra: “Poemas no dialeto de Dorset”. (N. da T.)

{29} Referência à frase do filósofo inglês William de Occam (1300-1349), “*Essentia non sunt multiplicanda praeter necessitatem*” (“As essências não devem ser multiplicadas além da necessidade”), que ficou conhecida como “a navalha de Occam”. (N. da T.)

{30} Termo francês que designa o estereótipo das criadas de comédia.

{31} “E o dia de meu prazer terá sido / Tão puro e perfeito como estou dizendo?” (N. da T.)

{32} Traje feminino em tecido leve, para uso na intimidade. Em francês no original. (N. do E.)

{33} Aposentos reservados de uma dama. Em francês no original.

{34} “Anexação.” Em alemão no original.

{35} *Há aqui um jogo de palavras com a expressão "Our Lord", "Nosso Senhor". (N. da T.)*

{36} *"Pois os desígnios do Criador são inescrutáveis, uma Ísis oculta pelo véu..." (N. da T.)*

{37} Talvez deva ser dito, fazendo justiça a velha dama, que naquela primavera de 1867 sua desaprovação era compartilhada por muita gente. O sr. Gladraeli e o sr. Dyzzistone deram juntos um espantoso espetáculo naquele ano. Muitas vezes nos esquecemos de que a aprovação da última grande Carta de Reforma (que entrou em vigor em agosto desse ano) foi conseguida pelo Pai do Moderno Conservantismo e ferozmente combatida pelo Grande Liberal. Os tóris, como a Sra. Poulteney, viram-se livres — pela ação do líder do partido, que detestavam de todos os outros pontos de vista — do horror de verem seus subalternos a um passo do direito de voto. Marx observou, em um de seus artigos no New York Daily Tribune, que os liberais ingleses "representam algo muito diferente dos princípios liberais e esclarecidos que professam. Assim, eles se acham na mesma situação daquele bêbado que, levado à presença do prefeito declarou representar o princípio de temperança, mas que, por uma razão ou outra, sempre se embebedava aos domingos". Esse tipo não está extinto. (N. do A.)

{38} *"Ou no brilho de uns olhos profundos / Haverá razão para um sorriso fugaz." (N. da T.)*

{39} *"Maud, à luz de sua juventude e graça, / Cantando a Morte, e a Honra que não deve morrer, / Quase fazendo-me chorar por serem os tempos ignóbeis e sórdidos, / E por ser eu próprio tão fraco e vil." (N. da T.)*

{40} *Creia-me, nunca havia atentado para os sentimentos que existem entre os sexos, / Até que um dia, nos prados de uma aldeia / Em férias que já perderam o encanto, a saltitar e folgar / Longa e descuidadamente, como diz Tennyson, / A vaguear, bisonho e adolescente, aconteceu / Cair meu olhar*

sobre uma rapariga de cabeça nua..." Título do poema: "A choupana de Toper-no-Fuosich". (N. da T.)

{41} *Orador e dramaturgo irlandês (1751-1816). (N. da T.)*

{42} *Fundado em 1841, o Punch, periódico inglês, era célebre por suas caricaturas e seu humor satírico. (N. do E.)*

{43} *Teólogo e filósofo suíço (1741-1801), publicou os Fragmentos fisiognômicos.*

{44} Os barcos, a areia, a esplanada / A alegre multidão; / Amenos cumprimentos / Em altas e descuidadas vozes: / Os penhascos dourados pelo sol da tarde, as conversas, / Os chamados, os grupos que se formam, / O pungente ar salino, / A banda, a Morgenblätter Waltz. / No entanto, quando à noite em casa entrava, / Ela vinha receber-me, / Triste, mas sempre a mesma." Título do poema: "Numa cidade à beira-mar em 1869" (N. da T.)

{45} *Típico habitante da Inglaterra.*

{46} Uma dollymop era uma criada que se dedicava à prostituição nas horas vagas Uma gay (literalmente, "moça alegre") era uma prostituta, e é o que dá sentido humorístico à famosa caricatura de Leech, publicada em 1837, na qual duas mulheres tristonhas estão paradas na chuva "não muito longe de Haymarket". Uma diz para a outra: "Escute aqui, Fanny, há quanto tempo você é alegre?" (N. do A.)

{47} *Termo francês que designa uma pessoa idosa que acompanha uma moça solteira.*

{48} "Aproximei-me, ajoelhei e fiz da mão uma concha / Como se fosse beber no regato, / E acima de mim um ténue vulto parecia pairar / Com o ar distante de quem já se foi". Título do poema: "Num entardecer de verão".

{49} Segundo a Odisséia, de Homero, a ninfa Calipso acolheu Ulisses, quando de seu naufrágio, apaixonando-se por ele e abrigando-o durante dez anos.

{50} *Escritor e compositor alemão, autor de óperas e contos fantásticos (1776-1822). (N. do E.)*

{51} Omphalos: an attempt to untie the geological knot ("Omphalos: uma tentativa de desatar o nó geológico") está esquecido agora, o que é uma pena, pois trata-se de um dos livros mais curiosos e mais cômicos — embora involuntariamente — de toda essa época. O autor era membro da Sociedade Real e a maior autoridade em biologia marinha de seu tempo. Entretanto, seu temor a Lyell e seus adeptos fez com que desenvolvesse em 1857 uma teoria com a qual as anomalias da ciência e a versão bíblica da Criação foram derrubadas de um só golpe. O engenhoso argumento de Gosse era que, no dia em que Deus criou Adão, criou ao mesmo tempo todos os fósseis e as formas extintas de vida — o que indubitavelmente constitui uma das mais incompreensíveis operações de camuflagem até hoje atribuídas pelo homem à divindade. A própria data da publicação de Omphalos — exatamente dois anos antes o aparecimento de A origem das espécies — não podia ser mais imprópria. Gosse foi, naturalmente, imortalizado meio século depois através das célebres e primorosas memórias escritas por seu filho Edmund. (N. A)

{52} *"Estarão Deus e a Natureza em guerra, / Para que ela traga sonhos tão maus? / Parece tão zelosa da espécie, / E tão indiferente ao indivíduo" (N. da T.)*

{53} *"Perdoa-me! perdoa-me! / Ah, Marguerite, / Pudessem estes braços enlaçar-te: / Mas tu vês, é inútil! // No ar vazio, / Meus braços quedam estendidos para ti. / Mas um mar se interpõe entre nós:/ Nosso passado diferente." Título do poema: "Despedindo-se". (N. da T.)*

{54} Também senti o peso do meu fardo / Ao vacilar sob uma forte emoção; / Também desejei, mais do que qualquer mulher, / Não possuir este indócil e exaltado coração. // Também clamei por uma energia e vontade / Rijas e cortantes como uma espada; / E louvei o caminho implacável e sem escrúpulos / Dos que não sentem dúvidas e desconhecem o medo. II Mas neste mundo aprendi / O que um dia também aprenderás, / Que a vontade e a energia, embora raras, / São muito menos raras do que o amor." Título do poema: "Um adeus". (N. da T.)

{55} *Uma parte desta árvore / É um homem que meu avô conheceu...*" Título do poema: "Transformações". (N. da T.)

{56} *Alusão à lenda de Filêmon e Báucis, casal de velhos que, por terem acolhido Zeus e Hermes, disfarçados de viajantes, são considerados um protótipo de cordura e hospitalidade.* (N. do E.)

{57} "Ó jovem enamorada de um fidalgo, que suspiros são esses, / Por quem nunca será teu? (N. da T.)

{58} *"Eu o esperei o dia todo. Peço-lhe... uma mulher de joelhos lhe suplica que a ajude em seu desespero. Passarei a noite rezando pela sua vinda. Ao alvorecer, já estarei na pequena granja, perto do mar, aonde se chega tomando o primeiro atalho à esquerda depois da fazenda." Em francês no original.* (N. da T.)

{59} *"Deixem-me dizer-lhes, amigos, que a história toda depende / De um antigo direito feudal." Título do poema: "A caça ao snark".* (N. da T.)

{60} *"Chantagem"* (N. da T.)

{61} *"Na falta de coisa melhor." Em francês no original.*

{62} *"Pessoa que, vive de rendas" Em francês no original.*

{63} *"Quantas vezes me debruço sobre / Minha estranha e tortuosa juventude, / Procurando em vão, em todas as minhas reservas, / Um sentimento nascido da verdade;... / Tão constante devia ser meu coração, / E tão volúvel ele insiste em ser; / Que talvez fosse bom para mim e para os outros / Que ele fosse seco como a poeira do verão. / As emoções chegam e transbordam / Em atos e palavras livremente, mas / Nem elas nem coisa alguma pode alcançar / O mundo sepultado sob a terra." Título do poema: "Poema". (N. da T.)*

{64} *"De apressadas suposições, rudes e vãs, / A Ciência se vale sem temor; / A bóia que o principiante hoje usa / Amanhã será dispensada pelo nadador." Título do poema: "Poema". (N. da T.)*

{65} *"De novo salto para fazer minha escolha. / E de novo em irada entonação / A tremenda voz de Deus escuto: / 'Recebe os conselhos e retira-te!'" Título do poema: "O lago". (N. da T.)*

{66} *Hanover, 1836. (N. do A.)*

{67} *Não posso pôr de lado a história de La Roncière — que tirei do mesmo relato, publicado em 1835, que o dr. Grogan deu a Charles — sem acrescentar que em 1848, alguns anos depois que o tenente terminou de cumprir sua sentença, um dos primitivos advogados da acusação foi tardiamente assaltado pelo temor de ter colaborado para que se cometesse um gravíssimo erro judiciário. Nessa época, ele se achava em posição de autorizar a reabertura do caso. La Roncière foi completamente isentado de culpa e reabilitado. Voltou à sua carreira militar e talvez, no exato momento em que Charles lia sobre aquela negra passagem em sua vida estivesse levando uma existência bastante agradável como governador militar do Taiti. Mas sua história sofreu uma surpreendente guinada no final. Muito recentemente, descobriu-se que ele merecia em parte a histórica vingança de Mlle de Morell. Se o leitor desejar conhecer a verdade final, a um tempo obscena e absurda, sobre os acontecimentos daquela noite de setembro de 1834 — uma noite em que a representante da*

*perfade Albion, Srta. Allen, a governanta, não fez um papel muito honroso — recomendo-lhe a leitura de Les erreurs judiciaires, de René Floriot, Paris, 1968. (N. do A.)*

*{68} "Pois uma brisa matutina está soprando, / E o planeta do Amor atinge o zênite..." (N. da T.)*

*{69} "Quando trêmulos suspiros enchem o peito, / E mãos unidas por acaso fazem logo / Vibrar com deliciosa dor / Os pulsos e os nervos de dois seres; / Quando olhares que antes sem pejo se encontravam, / Agora se procuram, e procurando-se, / Fogem de uma consciente e extática contemplação ... / Será este, dize-me, o verdadeiro começo, / O prelúdio das tensões do amor / Que os anjos lá no céu entoam? // Ou tudo não passará de uma vulgar cantiga / Que todos que ao luar suspiram / Tão depressa aprendem — e com perfeição?" Título do poema: "Poema". (N. da T.)*

*{70} "E ela, envolta em alva musselina, espera / Na varanda com expectante coração, / Enquanto lá dentro ainda ressoa / A ténue música mecânica!" Título do poema: "Caixa de música". (N da T.)*

*{71} "Oh, deixa-me amar meu amor sozinho, / E saber que o mundo desconhece meu segredo, / Não chamar ninguém por testemunha, / E, vendo não ser visto por ninguém." Título do poema: "Poema". (N. da T.)*

*{72} "E a rosa emurchecida é arrancada do muro." Título do poema: "Durante o vento e a chuva". (N. da T.)*

*{73} "Em ti reside minha única força. / De doce permanência aqui." Título do poema: "Sua imortalidade". (N. da T.)*

*{74} O dr. Bowdler tornou-se famoso por publicar uma edição das obras de Shakespeare inteiramente expurgada dos termos que ele considerava impróprios e ofensivos à moral. (N. da T.)*

{75} Os primeiros "protetores" (feitos de tripa) foram postos à venda nas últimas décadas do século XVIII. Malthus, por estranho que pareça, condenou as técnicas usadas no controle da natalidade, considerando-as "impróprias", mas o interesse por elas começou a crescer na segunda década do século seguinte. O primeiro trabalho que mais se aproxima de um moderno "manual do sexo" foi publicado pelo dr. George Drysdale e tinha o título, um tanto evasivo, de *Elementos de ciência social, ou Religião física, sexual e natural*. Uma exposição das verdadeiras causas e do único método para a cura dos três males fundamentais: miséria, prostituição e celibato. O trabalho apareceu em 1854 e foi amplamente divulgado e traduzido. Aqui vão os conselhos práticos de Drysdale, com um parêntese final bastante revelador: "A concepção poderá ser evitada pela retirada do pênis no momento em que estiver para ocorrer a ejaculação (prática adotada freqüentemente por homens casados e solteiros); pelo uso do protetor pelo homem (que também é comum, porém mais freqüente no resto da Europa do que neste país); pela introdução de uma esponja na vagina... ; ou por uma lavagem da vagina com água morna imediatamente após o coito.

O primeiro desses métodos é prejudicial fisicamente e pode provocar distúrbios nervosos, enfraquecimento sexual e congestão... O segundo, ou seja, o uso do protetor, embota o prazer e causa freqüentemente impotência do homem e desconforto em ambas as partes, de forma que é igualmente prejudicial.

Essas objeções não se aplicam, creio eu, ao terceiro método, ou seja, o uso de uma esponja ou coisa semelhante para proteger a entrada do útero. Isso pode ser feito facilmente pela mulher, e parece-me pouco provável que interfira no gozo sexual ou tenha algum efeito prejudicial sobre a saúde de qualquer dos dois. (Quaisquer meios preventivos, para que sejam satisfatórios, devem ser usados de preferência pela mulher, pois o ímpeto e o ardor do ato sexual seriam prejudicados se o homem tivesse que se preocupar com esses cuidados.)" (N. do A.)

{76} Outro motivo de ordem econômica era o diabólico sistema de se pagar aos homens solteiros — embora fizessem o mesmo trabalho que os outros

— a metade do salário recebido pelos casados. Esse vantajoso método para obtenção de mão-de-obra barata — à custa do que vai citado abaixo — só desapareceu com o uso generalizado da maquinaria agrícola: Poderíamos acrescentar que Dorset, cenário do Martírio de Tolpuddle, era reconhecidamente a região rural da Inglaterra onde a exploração atingia seus níveis mais degradantes.

Aqui vai o que escreveu o reverendo James Fraser, nesse mesmo ano de 1867: "O recato deve ser uma virtude desconhecida e a decência uma coisa inconcebível quando, num mesmo quarto, atulhado de camas até o limite de sua capacidade, pai e mãe, filhos já homens, meninos, moças e meninas — englobando duas e às vezes três gerações — se amontoam na mais completa promiscuidade; onde todos os atos naturais — partos, mortes — e de higiene pessoal são realizados na frente de todos, e onde todos se vestem e se despem diante de todos; onde a atmosfera reinante é de completa sensualidade e a natureza humana é degradada ao nível dos porcos... Casos de incesto não são absolutamente incomuns. Queixamo-nos da falta de castidade de nossas mulheres antes do casamento, do palavreado e da conduta livre das moças que trabalham nos campos, da naturalidade com que as nossas donzelas se desfazem de sua honra, e da indiferença com que seus pais e irmãos reagem diante do fato. Aqui, nestes chalés superlotados, está a explicação clara de tudo isso..."

E por trás de todo esse negro quadro ainda pairavam ameaças mais sinistras, comuns em todo gueto desde os princípios dos tempos: escrofulose, cólera, tifo endêmico e tuberculose. (N. do A.)

[{77}](#) Esse poema não é o mais belo, mas um dos mais reveladores, neste contexto, que Hardy escreveu. Sua primeira versão talvez date de 1897. A interpelação de Gosse foi feita ao escrever a crítica de Judas, o Obscuro, em janeiro de 1896. (N. do A.)

[{78}](#) "Mas em sua mente arde uma chama: / Ela assume uma atitude ousada / E se atira para agarrar a sorte, / Subjugando tudo ao seu desejo." (N. da T.)

{79} Jarro de cerâmica esculpido no formato de um velhote, geralmente usando um chapéu de três bicos. (N. da T.)

{80} Mais cedo ou mais tarde, talvez eu também siga o caminho / Da Idade do Ouro — por que não? Não tenho esperança nem fé; / Talvez faça de meu coração uma mó e de meu rosto uma rocha, / Possa enganar e ser enganado, e morrer: por que não? Somos cinza e pó." (N. da T.)

{81} Personagem da novela homônima de Voltaire (1694-1778), Cândido é o protótipo do otimista ingênuo e acrílico. O texto é uma sátira da filosofia de Leibniz.

{82} Ponche feito de leite e bebida alcoólica.

{83} Essa famosa carta, terrivelmente sarcástica, cuja autoria é atribuída a uma prostituta bem-sucedida, mas que provavelmente foi escrita por alguém como Henry Mayhew, pode ser lida na íntegra em *Human documents of the victorian golden age*. (N. do A.)

{84} É o deus Priapo quem diz (pequenas imagens suas com o falo em ereção eram encontradas comumente nos pomares romanos, não só para afugentar os ladrões como para trazer fertilidade): "Querem saber por que as moças beijam esta minha lança, embora seja feita de madeira? Não é preciso ser muito perspicaz para descobrir o motivo. Oxalá, pensam elas, 'os homens usem esta lança em mim, e com brutalidade". (N. do A)

{85} "Ah, aos lábios de outros, / Esses lábios já se ofereceram, / E outros, antes de mim, / Contra esse peito já foram estreitados..." Título do poema: "Despedindo-se". (N. da T.)

{86} "... Levanta-te e foge / Do ébrio fauno, do festim sensual; / Caminha para o alto, descarta-te da fera, / E deixa morrer o tigre, o rude animal." (N. da T.)

{87} "Esclarecimento". Em francês no original.

{88} "Repousando à sombra da faia." Palavras de Virgílio, evocadoras de sossego idílico. Em latim no original.

{89} No *David Copperfield*, romance de Charles Dickens (1812-1870), o escrevente Uriah Heep é o protótipo do hipócrita ambicioso que se faz de humilde.

{90} "E no entanto julguei vê-la postada, / Lá embaixo a meus pés, como uma sombra, / Muito acima da penumbrosa terra." (N. da T.)

{91} "O dever: isso significa aceitação / Do que quer que seja exigido aqui... / Conformar-se com as normas devidamente / Mas sem alcançar seu verdadeiro sentido... / Significa uma severa e imediata repressão, / Como de um evidente e mortal pecado, / De todas as perguntas e suposições / Que brotam do âmago da própria alma: / É a covarde sujeição / Aos desígnios do destino..." Título do poema: "O dever". (N. da T.)

{92} "Ah, que um homem pudesse em mim surgir, / Para que o homem que eu sou deixasse de existir!" (N. da T.)

{93} "Ah, quando tudo já houver sido pensado e dito, / O coração continuará governando a cabeça; / Ainda assim, precisamos crer no que esperamos, / E receber o que nos é oferecido; / Precisamos crer, porque ainda esperamos / Que em outro mundo mais vasto, / O que aqui com fé iniciamos / Lá será completado, nunca desfeito. // Minha querida, devemos acreditar que quando juntos / Essa vida mais ampla alcançaremos, / Algum resultado real há de surgir / Do que fomos, juntos, aqui." Título do poema: "Poema". (N. da T.)

{94} "Com repulsa, como fez Dido com ar severo / Ao afastar-se em Hades de seu falso amigo, / Manda-nos embora e conserva tua solidão." Título do poema: "O cigano aprendiz". (N. da T.)

{95} *"Aquele que tira de sua harpa cristalina / Diferentes tons, afirmo esta verdade: / O homem pode fazer do que restou de seu ser / Um ponto de apoio para alcançar coisas mais elevadas." (N. da T.)*

{96} *Mas quem poderia culpá-los, quando o exemplo vinha de seus superiores? O cura referira-se ao "bispo", e esse bispo particularmente — o famoso reverendo Pbilpdttts de Exeter (que tinha a seu cargo Devon e a Cornualha) — é um caso típico. Passou os dez últimos anos de sua vida "confortavelmente instalado" em Torquay, sendo do conhecimento geral que durante todo esse tempo não pôs uma única vez os pés em sua catedral. Era um lídimo representante da Igreja Anglicana, um combativo reacionário até a raiz dos cabelos, e só veio a morrer dois anos depois dos fatos narrados neste livro. (N. do A.)*

{97} *"Desejaríamos realmente que os mortos / Estivessem ainda a nosso lado? / Não há em nós alguma vileza a ocultar, / Alguma baixeza íntima que tememos? / Deverá aquele por cujo louvor me empenho / E cuja censura respeito tanto / Ver com clareza minhas secretas faltas / Diminuindo assim seu amor por mim? / Ofendo o túmulo com infundados receios: / Será o amor culpado por falta de fé? / Deve haver sabedoria na grande Morte; / Oi mortos vigiarão meus passos. / Perto de nós, nas vitórias e derrotas, / Eles observam, como Deus, o passar das horas / Com outros olhos, mais abertos que os nossos, / Para dar-nos sua absolvição final." (N. da T.)*

{98} *"Mantenho apenas um casal de criados, sempre prontos à calúnia e ao roubo..." (N. da T.)*

{99} *"Oh, faça para meu amor um esquife / Refulgente com o dourado ouro, / E ela será sepultada / À sombra do verde salgueiro." Título da canção: "À sombra do verde salgueiro". (N. da T.)*

{100} *"O frio vento que do norte sopra / Era ainda há pouco uma doce brisa do sul..." Tradução do poema: "Poema". (N. da T.)*

{101} *"Oh, Cristo, se nos fosse possível / Por um breve instante ver / As almas que amamos, para que nos dissessem / Onde se encontram e em que se transformaram." (N. da T.)*

{102} *"A primeira vista". Em latim no original.*

{103} *"Cada um por si — esta é a lei: / Que aprendemos na escola... / O diabo leva o que ficar por último." (N. da T.)*

{104} *"Segue teu caminho por entre as flores..."*

{105} *"Em vão procurei-a, mas sua alma / Desde aquele instante nunca mais lançou / Sobre minha própria / Um raio de esperança! Sim, ela se foi, para sempre." Título do poema: "Numa cidade a beira-mar, em 1869". (N. da T.)*

{106} *"Ó cruéis mares que atravesso, montanhas ásperas, / Ó infinitas cidades de estranha língua, / Para mim são como pântanos malditos, não mais, / As belas paisagens pelas quais vagueio. // Aonde quer que eu vã, pergunto à vida: / O que me trouxe aqui? O que me faz seguir? / Trata-se quando muito do horror à vergonha, / Ou seria esta a consequência de implacáveis leis?" (N. da T.)*

{107} *"Sim: ilhados no mar da vida, / Com estreitos canais ecoando à nossa volta, / Juncando o rude mar sem mansas praias, / Nós, milhões de mortais, vivemos sós. / As ilhas sentem o amplexo das águas fluentes / E aprendem o contorno de suas infindáveis fronteiras. // Mas quando a lua clareia suas ravinas / E por elas perpassa o bálsamo da primavera, / E em seus vales nas noites estreladas / O rouxinol entoa o seu canto divino, / E de costa a costa suas doces notas / Se derramam através de estreitos e canais, / Oh, então um anseio imenso como um desespero / Penetra até suas cavernas mais remotas; / Pois elas sentem que outrora certamente / Fizemos parte de*

*um só continente. / Mas hoje à nossa volta se estende a planície do mar... / Ah, oxalá nossas margens se pudessem reunir! / Quem decidiu que a chama desse anseio / Fosse, tão logo acesa, arrefecida? / Quem tornou vão esse desejo imenso? / Um Deus, um Deus decidiu sua separação / E ordenou que entre uma costa e outra se estendesse, / Hostil, salino e insondável, o mar." Poema de Matthew Arnold, "To Marguerite" ("Para Marguerite", 1853). (N. da T.)*

*{108} Índia americana (1595?-1617) que, segundo se diz, evitou a execução do capitão John Smith.)*

*{109} "Do ponto de vista do dote como da fisionomia."*

*{110} "Cansado de mim mesmo e farto de indagar / O que sou e o que devia ser, / À proa do barco eu me posto e me deixo levar / Para longe, muito longe, ao clarão das estrelas." Título do poema: "A sujeição a si mesmo". (N. da T.)*

*{111} O autor refere-se a Henry James, que emigrou para a Europa em 1868 e de cujo estilo ele procurou fazer uma ligeira imitação. (N. da T.)*

*{112} Referência ao "Chá de Boston", nome por que ficou conhecido um ato de sabotagem feito em sinal de protesto contra a elevação do imposto sobre o chá pelo governo inglês no tempo da colônia. (N. da T.)*

*{113} Usados pelos soldados ingleses no período colonial. (N. da T.)*

*{114} "Vieram em busca de uma verdade melhor / Que a concedida pelas cãs da velha Albion? / Paira em sua juventude uma pergunta / Que até hoje não ousamos formular? / Aqui estou, um estranho em suas terras, / E no entanto com idéias e metas comuns; / Julgo antever neles uma época / Que homens mais felizes hão de alcançar / E em que todos serão irmãos – / Um Paraíso erguido nestas rochas / De ódio e vil iniquidade, / Que importa se a mãe escarnece / Das frágeis mãos do filho infante? / Que importa se ele falha*

*hoje / Contanto que derrube um dia / A cega paliçada maternal? / Pois dia  
virá em que caminhará com orgulho / Por estas calmas vastidões azuis / E  
se voltará para o leste, abençoando a maré / Que o trouxe à costa  
redentora." (N. da T.)*

{115} *"Lalage chegou; / Oh, sim, ela está aqui!" (N, da T.)*